

Poderá uma mulher fazer frente a um rei e sair vencedora?

MAEVE
HARAN

*A
Dama
do
Retrato*

 Porto
Editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



MAEVE HARAN licenciou-se em Direito pela Universidade de Oxford e trabalhou como produtora de Televisão.

Escreveu nove romances contemporâneos, entre os quais *Having it All*, e uma obra de não-ficção, *The Froth in the Cappuccino*.

O seu primeiro romance histórico foi *The Lady and the Poet*.

Presentemente, é professora convidada do Conselho da faculdade de Newnham, da Universidade de Cambridge.

«Evocativo, colorido e excitante.»

Daily Mail

«Há algo de encantador neste misto de intriga e romance na Londres do século XVII.»

Literary Review

«Maeve Haran oferece-nos um retrato da vida na corte tão maravilhosamente detalhado que a leitura deste romance se torna um prazer.»

Leicester Mercury

«Uma leitura que agradará tanto a entusiastas da História como a românticos inveterados.»

Sussex Life

MAEVE HARAN

A DAMA DO RETRATO

Tradução de Raquel Lopes

A dama do retrato

Maeve Haran

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

The Painted Lady

© 2011, Maeve Haran

Design da capa: © Manuel Pessoa

1.^a edição em papel: julho de 2013

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68222-2



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Nota da Autora

No testamento que redigira a 7 de outubro de 1702, Frances Stuart provia fundos para a aquisição de uma casa na Escócia, que teria o nome de «Lennoxlove».

Quase trezentos anos depois, casei-me nessa maravilhosa mansão romântica e incluímos um retrato de Frances nos programas da cerimónia. Apesar de nada saber acerca de «La Belle» Stuart, já sentia curiosidade por ela.

Gostaria de lhe agradecer e de lhe dedicar este livro. Espero que ela o aprovasse.

A Alex, Georgia, Holly e Jimmy

A Dama do Retrato

Podereis pensar que não conheceis o meu rosto ou o meu nome e, no entanto, boa gente, há mais de trezentos anos que me transportais nos vossos bolsos. Pois eu sou Frances, a quem chamaram «La Belle Stuart», e fui amada por um rei (e perseguida por ele durante cinco anos), e a verdade é que posei como modelo de Britânia, estampada na moeda de cobre de Inglaterra.

Esta é a minha história; caber-vos-á decidir se é um grande romance ou uma tragédia.

Prólogo



Paris, 1659

Frances Stuart baixou-se, desapertou o sapato gasto e coçou a vermelhidão dolorosa dos dedos dos pés. A mãe decerto não aprovaria um gesto tão vulgar, pois uma senhora não sente dor, exaustão, fome, nem, seguramente, comichão.

As frieiras atormentavam-na desde novembro e – desde coçar a usar dois pares de meias, passando pela mezinha da sua velha ama, que consistia em esfregar batata na pele inflamada – nada adiantara. A costureira da mãe sugerira clara de ovo com mel e um moço de cozinha contara de passagem que o seu senhor usava limões cortados ao meio, que espremia sobre os dedos das mãos e dos pés quando tinha comichão. Porém, de que lhe serviam tais conselhos? Onde conseguiria encontrar mel ou limões naqueles tempos de escassez?

Antigamente, antes dos problemas do outro lado do Canal, quando o rei ainda mantinha a cabeça, não faltavam mel nem limões. Agora, para comer só tinham sopa (e não com muita carne), pão velho e nem por sombras mel ou limões. E, contudo, ela não morava nos bairros pobres de Paris, entre os leprosos e aqueles que a peste ia colhendo. Não, ela, Frances Teresa Stuart, de nobre linhagem escocesa, prima distante do rei Carlos I, vivia na corte da sua viúva, a rainha Henriqueta Maria, no Palais Royal – onde quase morria de fome.

E de frio, também. Os grandes aposentos ressoantes que lhes haviam sido emprestados – com relutância – pelo rei francês raramente eram aquecidos e elas tinham pouco dinheiro para comprarem combustível com que se aquecer, e muito menos às hordas de *Cavaliers*¹ esfarrapados e soldados famintos que se juntavam à rainha. Quando, um ano antes, o tirano Cromwell fora abatido por Deus, tinham dançado nas divisões geladas e esperado que a situação se alterasse, mas as circunstâncias de penúria persistiam.

Como qualquer jovem, Frances ansiava por fitas, sedas e vestidos bonitos; em vez disso, eram todas obrigadas a fazer os seus trajes com roupa das camas em que dormiam!

Voltou a sentir uma forte vontade de se coçar e, para se distrair, abriu o seu caderno, no qual registava os sonhos, os planos e os pensamentos mais secretos que tinha. Naquele dia não escreveu, optando por desenhar. O seu esboço preferido era o de uma bela casa senhorial, com uma torre e oito chaminés altas, construída com tijolos dispostos em ziguezague. Por que motivo seria sempre aquela casa que lhe surgia quando pegava na pena? Seria por nunca ter tido uma casa a que pudesse chamar sua, campos onde pudesse correr, passagens onde brincar às escondidas, braços suaves de pedra dourada que a protegessem, um jardim cheio de rosas e cravos que a lembrassem de que se encontrava no seio delicado de Inglaterra? Em vez disso, vivia ali, entre estranhos, falando francês antes de dominar a língua materna, desde que tinha memória.

Ouviu passos e calculou que fosse a irmã, Sophia, pelo que escondeu o caderno debaixo de uma almofada muito puída, fingindo estar a construir um castelo de cartas.

A prática dera-lhe agilidade aos dedos e já tinha feito o terceiro andar do castelo quando Sophia entrou de rompante na câmara, seguida pela mãe e acompanhada por uma aia da rainha, Mary Villiers, a quem todos tratavam pelo diminutivo de Mall.

A irmã observou o castelo de cartas, com a cabeça inclinada como a de uma galinha tonta a pensar se o galo se dignará cobri-la, e depois, ao

reparar que a mãe delas e Mall estavam distraídas com a conversa que entabulavam, derrubou-o discretamente.

A mãe, Sophia Stuart, continuou a falar sem dar por nada, mas Mall, de cabelo castanho e olhar lesto, conhecida nos seus tempos de juventude pelas partidas e brincadeiras que fazia, fitou Frances por um instante e dirigiu-lhe um sorriso compreensivo. Quando tinha vinte anos, Mall era uma beldade, e via na elegância delicada e esguia de Frances um reflexo de si mesma enquanto jovem. Quando havia cabeças francesas a voltar-se para admirarem Frances, Mall ficava mais agradada do que a mãe dela.

– Frances – pediu-lhe –, traga-me o meu livro de Salmos. Está no meu armário, ao lado da arca onde guardo os pentes. E também está lá um doce que pode ser a sua recompensa.

A irmã lançou-lhe um olhar de inveja venenosa, pois, naquele lugar, os doces eram tão raros como dentes de galinha.

Quando começava a sair do quarto, um roçagar de saias de seda anunciou a chegada de Sua Majestade, a rainha Henriqueta Maria, e da filha mais nova desta, a princesa Henriqueta Ana.

Henriqueta Maria atravessou a divisão e postou-se diante da grande janela de onde se via a ala norte do palácio do Louvre. Os aposentos delas eram ao lado, de frente para as colunatas do palácio, que tinham uma simetria e uma estatura alheia aos edifícios londrinos, exceção feita ao grande pavilhão de banquetes de Whitehall, cujo nome ninguém podia mencionar na presença da rainha, já que fora o local da execução do seu amado esposo.

Apesar dos muitos sofrimentos, reparou Frances, o cabelo da rainha mantinha o brilho, e os seus olhos não revelavam indício algum de derrota. Até o seu filho, o príncipe Carlos, recuperar o trono e ser coroado como Carlos II, o fulgor da batalha nunca lhe abandonaria o olhar. Mesmo nas vestes negras e simples que usava desde a morte do marido, ainda parecia a rainha nobre, emanando uma dignidade real, que tantas vezes fora retratada em sedas e cetins por mestre van Dyck.

E, contudo, parecia a Frances que o que a destacava era uma

qualidade mental, pois a sua aparência poderia ser considerada pequena e desinteressante. De facto, a própria sobrinha da rainha declarara-se chocada por a bela dama dos retratos ser na verdade uma mulher pequena de longos braços finos, ombros descaídos e dentes projetados como canhões de um forte.

Frances recuou. A rainha tinha uma estatura tão reduzida que ela, com um metro e setenta e dois, por vezes se sentia uma gigante, como a irmã tinha o costume desagradável de lhe chamar.

Ao fundo da grande divisão vazia, surgiu um pajem. Ao observá-lo melhor, Frances viu que era um dos anões de libré da rainha. A sorrir, ele entregou uma carta à rainha.

– De Sua Alteza, o príncipe Carlos.

Fez uma vénia profunda, beijando os pés da rainha com uma agilidade surpreendente para alguém tão robusto.

A rainha rasgou o selo com dedos nervosos.

– Ele vem cá! O meu filho está a caminho, vem visitar-me!

De repente, sem outro motivo para além da popularidade do príncipe, e porque todos sabiam que os seus encantos e boa disposição os animariam num momento em que tal era mesmo necessário, todos começaram a aplaudir.

A princesa Henriqueta Ana parecia ser quem ficara mais feliz.

– O meu querido irmão chega na próxima semana – exclamou ela. – É certo que não o vi nem uma vez durante estes cinco anos. Hurra!

E, agarrando nas pequenas mãos do anão, começou a dar voltas pela divisão até que, por fim, exaustos e tontos, se deixaram cair.

– Henriqueta, esqueces-te de quem és?! – reprovou a rainha. – Terás de reaprender a comportar-te como uma princesa.

Henriqueta riu-se.

– Não por causa do meu irmão. Ele é o príncipe menos afetado de toda a Cristandade!

– Também ele terá de aprender a adotar a conduta de um rei. Mesmo que esteja exilado.

Frances dirigiu um sorriso triste a Mall. Ela sabia que os Franceses

desprezavam Carlos e lhe chamavam «Príncipe Esfarrapado». Henriqueta Maria tentara recompor a fortuna com uma grande aliança, mas não havia princesa elegível ou dama nobre que julgasse que o nosso príncipe Carlos fosse um grande partido.

Pediu então licença e foi em busca do livro de Salmos de Mall, com a ideia de um doce a apressar-lhe os passos.

Na grande galeria que se seguia aos seus aposentos, deparou-se com uma visão tão triste que não pôde evitar parar e fitá-la. Tratava-se de um bando de ex-soldados, sujos, desorganizados e desesperados por uns quantos soldos, que estava naquele momento a raspar o dourado do teto do palácio, esperando poder vendê-lo. Na ponta da outra galeria, havia um homem debruçado na janela, preparando-se para quebrar o painel de vidro, cobiçando o preço do chumbo que o emoldurava.

Frances sentiu uma vergonha profunda por uma causa tão nobre poder chegar tão baixo.

– Parem! – ordenou, esquecendo quão jovem era e tentando, para variar, endireitar-se e exhibir toda a sua estatura. – Que é feito da vossa honra, se desbastam este palácio como um exército a saquear?

O líder dos homens, tão tisonado e imundo como um corsário no alto-mar, avançou na direção dela, com uma expressão lasciva.

– Como um exército a saquear, foi o que disse, minha bela senhora? – replicou ele, aproximando tanto o rosto do dela que esta lhe sentia o hálito fétido. – E sabe como agem os exércitos quando passam meses nos campos de batalha, sem vinho nem mulheres?

Agarrou-lhe o vestido com os dedos sebertos.

Frances imobilizou-se, combatendo a bÍlis que lhe subia à garganta, instando-se a fazer frente àquele cobarde que se atrevia a ameaçar jovens.

Entre os gritos de encorajamento da corja de soldados, uma voz intrometeu-se.

– Largue a senhora, seu verme fedorento!

Frances viu-se arrancada às garras do seu atacante e atirada para o lado por um jovem alto com cabelo castanho arruivado e um olhar de

raiva assassina.

– Foi a isso que se reduziu, a ser capaz de violar a inocência desta jovem? Foi a nossa luta, a perda de vidas e da pátria, em vão, para se comportar desse modo?

O soldado fitou o elegante gibão de brocado do desconhecido.

– É fácil falar, quando se tem dinheiro para comer! Se não temos comida nem calor, ao menos podemos...

Completo a frase com um gesto cruel que apontava para Frances, com os olhos famintos fixos no camiseiro rasgado dela.

– O príncipe Carlos vem a caminho. Julga que ele vai gostar de saber que os seus próprios homens lhe pilharam o palácio e violaram as virgens aqui presentes? – A mão do desconhecido aproximou-se ameaçadoramente da espada que tinha ao cinto. – Afaste-se agora, ou pagará esta afronta com sangue!

– Então foi para isto que travámos uma guerra? – perguntou o soldado, já a fazer sinal, ainda que a contragosto, para que os seus homens partissem. – Para passarmos fome e nos vermos banidos, sem sequer um teto que nos cubra as cabeças?!

– Mais vale que assim seja – retorquiu o desconhecido que a salvara. – Pois parece que o venderiam, se o tivessem!

Assim que os soldados abandonaram o palácio, ele voltou-se para Frances, observando a seda rasgada do seu vestido, que ela tentava, debalde, disfarçar.

– Está recuperada, minha senhora? Espero não a ter magoado quando a segurei.

Estendeu-lhe uma mão para a ajudar a levantar-se.

Por um instante brevíssimo, entreolharam-se e ela detetou o desejo que também obscurecia os olhos dele, ainda que tentasse ocultá-lo.

Não sabia se era alívio, a intensidade do momento ou uma emoção rodopiante e mais profunda, mas, no seu íntimo, sentia um arroubo correspondente de anseio e desejou que ele se debruçasse e a beijasse.

Para dissimular a confusão perante uma reação tão estranha e vergonhosa, respondeu-lhe num tom mais ríspido do que tencionava:

– Poderia ter defendido a minha honra sem a sua intervenção, senhor. A gargalhada dele apanhou-a de surpresa.

– Por Deus, tenho a certeza de que sim. Aquele rufia teria ficado de rastos no chão, e os comparsas dele também, abatidos por um vislumbre desse seu olhar severo. Não duvido de que, na última guerra, teria sido capaz de aniquilar batalhões inteiros com um olhar.

Frances sentiu-se na obrigação de moderar aquele exagero.

– Bem, batalhões inteiros, não. Para além disso, só nasci depois das grandes batalhas terem sido travadas.

– Estou certo de que esses pequenos pormenores não a teriam refreado.

Vendo que ele estava realmente a rir-se dela, endireitou-se garbosamente, ciente de que a sua altura intimidava muitos homens. Mas não aquele, que media pelo menos um metro e oitenta.

– Então – voltou ele de novo, com uma grande vénia e um brilho trocista no olhar –, que deusa vingadora tenho a sorte de estar a conhecer?

O som de risos amenizados revelou a Frances que a sua irmã Sophia, possivelmente acompanhada da filha de Mall, Mary, se aproximava muito depressa, sem dúvida querendo saber onde paravam o livro dos Salmos e o doce. Olhou de relance para trás. Quando tornou a virar o rosto para a frente, o seu salvador estava prestes a partir.

– Nada tema – disse, beijando-lhe a mão –, encarregar-me-ei de o descobrir. Por ora, chamar-lhe-ei Diana, deusa casta, que defende a sua honra não com arco e flecha, mas com palavras aguçadas e olhares sombrios.

Para seu grande alívio, dado que não queria que a sua irmã transformasse aquele incidente numa história muito badalada, quando Sophie apareceu já o desconhecido partira.

– Frances? – espantou-se a irmã, com o seu olfato para rumores a dar sinal como um vedor a detetar água. – Porque demoraste tanto? E quem era aquele jovem que acaba de partir tão apressadamente?

– Deparei-me com alguns soldados a roubar chumbo e ouro, pelo que

tive de os persuadir a desistir desses intentos.

Sophie fitou-a.

– Isso não terá sido insensato, tendo em conta que és tão nova?

Um sorriso arqueou os lábios de Frances enquanto respondia:

– Não te preocupes. Nós, deusas, sabemos defender-nos.

Sophia abanou a cabeça.

– Que tontaria é essa? É verdade que és tão alta como a Gigante de Bermondsey, mas uma deusa? Isso parece-me uma fantasia pagã... e, ainda por cima, blasfema.

Frances disfarçou o sorriso e deu a mão à irmã. Tal como a mãe delas, cujo nome ela partilhava, Sophia nunca tivera sentido de humor. Frances quase se esquecera de quanto se divertia com alguém que o tivesse.

E agora, tal como ele, também ela se encarregaria de descobrir quem era ele.

Mall era a sua habitual fonte de informação, sobretudo quando se tratava de assunto que ela não desejava que a irmã cheirasse, mas andavam todos tão ocupados com os preparativos para a chegada do príncipe Carlos que era difícil encontrar Mall, quanto mais ficar a sós com ela, mesmo para uma breve confidência.

Podia haver escassez de combustível e comida, mas a rainha queria dar as boas-vindas ao filho com o máximo de pompa possível, e ele era tido em tão alta consideração que, apesar do inverno rigoroso que se abateria sobre Paris nesse mês de dezembro, a todos parecia que a primavera tinha surgido de repente.

A expectativa provocada pela visita do príncipe Carlos deixava todos os rostos com um sorriso, desde o humilde rapaz que virava o espeto à mais importante dama de companhia da rainha. Quanto à própria monarca, decidiu recebê-lo não no Palais Royal, onde ele poderia reparar nas depredações soldadescas ou no estado lamentável em que se encontravam as mobílias, mas no mais pequeno *château* de Colombes, que ficava a uma hora de cavalgada. Aí, os quartos foram limpos, as cortinas e os tapetes batidos, e uma espécie de festim – pobre embora – foi preparado para dar as boas-vindas àquele que todos esperavam viesse

a ser rei.

O cozinheiro sentiu-se agradecido por poder ao menos juntar caça à panela. E os cortesões dedicaram-se ao desporto de caçar coelhos, pelo que, embora nada daquilo pudesse rivalizar com os dez ou quinze pratos de um banquete real de outrora, o príncipe teria pelo menos uma variedade de carnes por onde escolher. Maçapão, confeccionado com amêndoas e demasiado dispendioso para o orçamento reduzido de que dispunham, não passava de uma memória remota, mas a habilidade do cozinheiro resultou numa grande tarte de maçãs que tinham sobrado do outono; e, com algumas ameixas secas, ele cozinhou uma tarte mais pequena, ornamentada com uma coroa minúscula de ouro para culinária, que ele implorara ao doceiro do rei Luís.

A pessoa que andava mais entusiasmada era a princesa Henriqueta Ana. Apesar de a diferença de catorze anos que os separava fazer com que Carlos mais parecesse seu tio do que irmão, ela aguardava a chegada dele com uma impaciência infantil.

– Será que mudou muito desde a última vez que o vi? – perguntava às aias. – Será ainda aquele homem risonho de cabelo preto de que me lembro, que costumava sentar-me no joelho quando eu era uma donzela pequena e cantar-me «Era uma vez um cavalo que vivia num lindo carrossel»?

Frances achava que raras vezes vira Henriqueta com um ar tão encantador. Sempre fora muito pequena, como uma boneca, de aspeto tão frágil que dava a impressão de uma rajada de vento poder soprá-la para o Sena, mas agora irradiava felicidade e expectativa. Frances não conhecia o príncipe, mas não lhe escapava o efeito que ele tinha sobre todos os que o rodeavam, sobretudo sobre a irmã mais nova.

– É quase como se estivesse a preparar-se para receber o noivo – comentou Sophia, com a sua habitual falta de tato.

– Ela tem tempo de sobra para isso – corrigiu a mãe delas. – Deixa-a desfrutar dos prazeres de um casamento sem as suas tribulações.

– Achas que estava a referir-se à noite de núpcias? – perguntou

Sophia, sempre pronta para detetar quaisquer insinuações desse género.

Frances desviou o olhar, assaltada pela memória da sensação estranha de uns dias antes, quando ansiara ser beijada, e sabendo que a mãe, tão reprovadora, seria a última pessoa na terra de Deus a quem poderia fazer perguntas sobre isso.

– Reparem, já passaram cinco anos desde a última vez que nos vimos! Acham que vai reconhecer-me? – perguntava Henriqueta num tom tímido, encantada por todos lhe dizerem que ela se transformara numa jovem encantadora.

Então, Mall bateu palmas.

– Tive uma ideia muitíssimo divertida. Vamos pregar-lhe uma partida!

Mall era famosa pelas suas partidas, mas nenhuma delas estava segura de querer participar. No entanto, quando Henriqueta se riu e acolheu o plano de bom grado, não tiveram outra alternativa que não fosse concordarem com a ideia estouvada.

– Frances! – Mall agarrou-a pelos cotovelos e puxou-a bruscamente para ela ficar diante da grande lareira que, ocasião rara, estava cheia de lenha a arder. – É quase da mesma idade que Sua Alteza. Vai passar por ela.

– Sou três anos mais nova – protestou Frances.

– Bem, continua a ser, de todas nós, quem tem a idade mais próxima da de Sua Alteza.

– Mas tenho mais doze centímetros do que ela!

Mall pareceu ficar muito impressionada com aquele argumento.

– Ficaré sentada, então.

Atrás delas encontrava-se uma banquetta de madeira trabalhada, dentro de uma alcova, junto a uma tapeçaria desgastada que representava David e Betsabé, semioculta por uma cortina puída.

– É o local ideal!

Mall bateu palmas, encantada, e puxou a banquetta para a frente.

– Mas não posso ficar sentada quando Sua Alteza chegar – reclamou Frances. – Isso seria transgredir todas as regras da precedência.

– Ora! O príncipe é o homem menos cerimonioso que conheço.

Frances sentou-se na banquetta e, muito nervosa, ajeitou o vestido, enquanto pensava como seria o príncipe Carlos.

Teria conseguido manter o ânimo e a fé durante o seu longo exílio? Muitos homens em tais circunstâncias cederiam aos apelos do desespero.

Não havia mais tempo para tais pensamentos, pois o príncipe Carlos de Inglaterra entrou com passadas largas no aposento, um sorriso expectante a iluminar-lhe as feições longas e esbeltas. Se se tratasse da sua própria corte, haveria trombeteiros e músicos a anunciar-lhe a chegada. Sendo assim, só o anão da rainha bradava que o príncipe ali estava.

A primeira impressão que Frances teve foi a de que o nosso príncipe parecia mais espanhol ou italiano do que filho da velha Inglaterra. Sobrancelhas negras e um bigode fino quase da cor de asa de corvo, a pele tisonada, sem a palidez leitosa do berço inglês, antes com o tom moreno de um clima longínquo torrado pelo sol, juntamente com o cabelo negro e espesso que lhe chegava aos ombros, davam-lhe um ar estrangeiro e exótico.

Ei-lo, o «rapaz negro» nascido quando Vénus se mantinha bem alto no céu ao meio-dia – um facto estranho interpretado por todos como um sinal de um futuro auspicioso quando, ao invés, pressagiara a morte do seu pai e a perda do reino.

Apesar de se esforçar por não olhar com demasiada insistência, Frances ficou impressionada com a simplicidade das vestes dele. Habituada à magnificência da corte de Luís XIV, mal conseguia acreditar que o manto dele, preto e simples, adornado apenas com um ou outro apontamento de renda. E, quando o sol incidiu através da grande janela, ela condeou-se dele, pois, ainda que o manto não estivesse mesmo puído, brilhava por ser engomado vezes sem conta e, num canto, ela teve a certeza de que vira uma cerzidura. Eram verdade, então, os rumores de que Mistress Chiffinch, que cuidava da casa do príncipe exilado, não tinha dinheiro sequer para enviar a roupa à lavadeira e tinha

de a lavar e coser ela mesma.

Que as esperanças de Inglaterra tivessem chegado àquele ponto!

E, não obstante, a disposição bem-humorada e amistosa do príncipe Carlos afastava quaisquer expressões de desalento pela sua sorte. Em vez disso, ele estalava os dedos e, da antecâmara, surgiu o seu conselheiro principal, Edward Hyde, pesado e coxo por causa da gota, seguido por uma matilha de *spaniels* a latir e, para espanto de todos os presentes, um macaco a envergar um fato negro, a que não faltava um chapéu de cavaleiro com uma pena. Por fim, apareceu um cortesão que, no braço, trazia um papagaio cinzento-esverdeado.

– Minha queridíssima irmã. – O príncipe ajoelhou-se aos pés de Frances. – Quero oferecer-te este presente como símbolo do amor que sinto por ti. – Entregou-lhe o papagaio com grande cerimónia. – Espero que possas ensiná-lo a falar, já que eu e todos os meus cortesãos falhámos nesse objetivo.

Atrás deles, os risos começaram, um burburinho que foi crescendo até se transformar numa risota imensa quando o macaco puxou a cortina que escondia Henriqueta Ana.

Por um instante, o príncipe Carlos pareceu perplexo.

Mas Henriqueta correu para ele, agarrou-lhe a mão e beijou-a.

– Querido irmão! Perdoa-nos a brincadeira. Queríamos ver se me reconhecerias, depois de um interlúdio tão longo.

Um sorriso espraizou-se lentamente pelas feições de Carlos.

– Então, a quem, nesse caso, tive eu o prazer de oferecer este papagaio?

Henriqueta riu-se.

– Permite-me Vossa Alteza que lhe apresente Mistress Frances Stuart?

O príncipe fez uma vénia profunda.

– Fui informado de que a minha irmã se tornara uma jovem encantadora, e Mistress Stuart, como sua substituta, não constituiu desapontamento algum.

Manteve o olhar fixo em Frances durante tanto tempo que ela

começou a sentir-se pouco à-vontade. Ele era tão poderoso, mesmo exilado, e tão mais velho do que ela. Parecia estar mais próximo da idade do pai dela do que da sua, mas o interesse que lhe refulgia nos olhos – se ela não se enganava – era tudo menos paternal.

Ela ouvira dizer que, quando o olhar de melro dele se concentrava numa mulher, esta sentia que só ela existia no universo dele. Mas ninguém lhe contara que os desejos dele poderiam ser tão evidentes, mesmo para alguém tão nova e inexperiente como ela.

– Então, menina matreira – disse o príncipe Carlos, desviando por fim o olhar de Frances para passar um braço em redor da irmã –, achaste que podias enganar o tolo do teu irmão, não foi?

– A ideia foi da Mall – denunciou Henriqueta.

– Pois bem, de quem mais haveria de ser?!

Mall surgiu de trás da cortina e cumprimentou o príncipe Carlos com uma cortesia. Desde os seis ou sete anos dela, quando o seu pai, o duque de Buckingham, fora assassinado, que Mall e o príncipe tinham sido criados juntos.

Sentindo que deveria retirar-se da reunião íntima e terna, Frances tentou passar o papagaio a Henriqueta. Ele, porém, começou a grasnar muito alto, em jeito de protesto.

– Vê, Frances, agora ele afeiçoou-se a si – riu-se Henriqueta. – Tem de ficar com ele. Irmão, será que eu não podia ficar antes com o macaco?

Como se aprovasse a sugestão, o macaco tirou o chapéu e fez-lhe uma vénia.

– Ele é muito valioso! – reclamou o príncipe. – O embaixador da Moscóvia ofereceu-me cem coroas por ele!

Henriqueta sorriu-lhe, vitoriosa.

– Fica com ele, então! – Carlos pegou no macaco e colocou-o nos braços da irmã. – Nunca fui capaz de te dizer que não, nem quando eras uma criança minúscula.

Ela riu-se.

– Eu não era uma criança exigente, segundo sei. Só tu é que me davas

atenção.

– Já sabia que virias a ser uma jovem linda e graciosa. E estava certo, não estava, Ned?

Carlos virou-se para Edward Hyde, seu chanceler no exílio. Este fez uma vénia hirta.

– Então, que notícias há de Inglaterra? – perguntou Henriqueta. – Agora que o Cromwell está morto, decerto as pessoas quererão que regresse em breve.

Carlos encolheu os ombros, com uma expressão fatigada a turvar-lhe o rosto.

– É certo que dançaram nas ruas quando o Cromwell morreu. Mas agora estão estranhamente caladas. Nem um cão dá à língua em Londres, pelo menos é o que os nossos amigos nos dizem. – Apesar de tentar falar da sua posição com despreendimento, Frances detetava o tom de desilusão na sua voz. – Se querem que regresse, são muitíssimo discretas. Ainda não fizeram nenhum arraial na Strand com um mastro em minha honra.

– Quando acontecer, será muito rápido, Alteza – disse Edward Hyde, mudando o peso de uma perna inchada para a outra. – Aposto tudo em como o general Monck é o homem com quem é preciso ter cuidado, não com aquele tolo do filho do Cromwell, que puseram na posição do pai como Protetor.

– Sim, chamam-lhe «Tumbledown Dick»² – comentou Carlos. – É o que acontece muitas vezes quando se tem um pai demasiado forte. O meu pai não teria cometido esse erro.

Todos se calaram, recordando a fatídica ocasião em que o rei Carlos I avançara para o terraço do pavilhão de banquetes, caminhando corajosa e galantemente ao encontro da morte, com dois gibões para não ter frio e ninguém pensar que tremia de medo.

– Venham – disse Carlos, olhando para os rostos desolados do grupo –, alegremo-nos com uma taça de vinho. Outra coisa negada aos meus homens durante demasiado tempo. – Pela primeira vez, reparou no vestido festivo que Henriqueta escolhera para o receber. – O dourado

fica-te bem, irmã, ficas um pouco parecida com uma gata que tive em tempos, cujo passatempo preferido era desfazer-me a faixa da cintura. – Riu-se alegremente. – Realmente, és parecida com ela. Doravante, hei de chamar-te Minette, bichana, em sua homenagem.

Todos se juntaram aos risos, que muita falta faziam. Nenhum deles alguma vez vira Henriqueta tão animada como naquele dia.

– Obrigada, senhor. – Fez uma cortesia, baixando-se muito, e escondeu as covinhas do rosto atrás de um leque bonito. – O vestido que tanto admiras tem uma história interessante.

– E que história é essa, conta-me, bichana?

– A minha ama astuta fê-lo com as cortinas velhas da minha cama.

Uma sombra insinuou-se nas feições morenas de Carlos, como uma nuvem a passar sobre uma colina soalheira.

– Deveras, chegou a esse ponto? – Abanou a cabeça com tristeza. E depois, dada a sua disposição otimista, livrou-se da expressão triste. – Fica-te bem, seja como for.

– Vejo que causou boa impressão a Sua Alteza – brincou Mall depois de o príncipe partir para ir cumprimentar o primo Luís, enquanto elas caminhavam ao encontro dos filhos dela, Esme e Mary, antes de a ama lhes cantar para os adormecer.

Ela corou, em busca de coragem para abordar temas íntimos com Mall.

– Mall – começou, de súbito muito envergonhada. – Teve dois maridos, o primeiro quando era ainda mais nova do que eu. Alguma vez sentiu uma agitação estranha... – procurou as palavras certas – ... alguma vez o seu corpo reagiu ao olhar de uma pessoa como se pairasse e cantasse?

Mall desatou a rir e em seguida, arrependendo-se da ligeireza com que tratara um momento de tanto candura, fez um esforço para ficar séria.

– Normalmente é preciso mais do que um olhar! E é Sua Alteza quem causa essas ondas que agitam o seu porto calmo? Vi que falou consigo como se apenas os dois existissem neste mundo imenso.

Frances abanou a cabeça.

– Não, não é ele, trata-se de outra pessoa. Na verdade, gostava de lhe perguntar quem poderá ser esse cavalheiro, já que ninguém vem à corte sem que a Mall saiba tudo a seu respeito, do chapéu às esporas.

– Descreva-me esse modelo de perfeição.

Frances sorriu.

– É alto, com o cabelo quase tão brilhante como o sol poente no inverno.

– Abençoado seja o Senhor, eu também já me apaixonei por ele... Não lhe deu pista alguma quanto ao seu nome, então?

– Mamã! Mamã! – Mary, de nove anos, correu para a mãe, quase a explodir de entusiasmo. – O príncipe Carlos diz que me leva a montar o grande cavalo branco dele e que eu vou ser maior do que qualquer rainha da Europa!

Mall riu-se, vendo na filha a criança impulsiva que ela própria havia sido, e prometeu que iria assistir.

– Esse poder que sentiu – disse em voz baixa a Frances, para que mais ninguém ouvisse. – Pode ser parte das suas armas. Também pode fazer com que outros o sintam. Na verdade, já vi homens a observá-la com uma expressão de anseio quando sai de algum aposento. Está na altura de lhe ensinar a servir-se dos seus dons, sobretudo agora, que descobriu esses sentimentos em si mesma. Alguma vez viu uma mulher levar um cavalheiro a abrir-lhe uma porta, servindo-se apenas dos olhos?

Frances riu-se e abanou a cabeça.

– É fácil, quando se aprende. Vou arranjar um cavalheiro para poder praticar a sua arte com ele. Na verdade, o irmão do meu marido, o Ludovic, virá cá hoje à tarde, com o seu fardo enfadonho e respeitador, o meu sobrinho Charles, que lhe sucederá como Seigneur d'Aubigny. Preparemo-nos para os receber. Vou ensiná-la a abrir uma porta apenas com os olhos. E agora vou ver a minha filha a montar com um rei. A Mary é uma criança sólida e não um objeto de beleza. É bom que aproveite enquanto pode, pois não me parece que a experiência vá repetir-se quando ela for crescida.

– Mall! Que vergonha! Que tipo de mãe diz uma coisa dessas?

E assim, horas mais tarde, Frances Teresa Stuart foi instruída na arte de baixar os olhos azuis-acinzentados e olhar para cima através de pestanas densas, olhando em seguida para a porta que, para seu grande divertimento, Mall insistia que se abria sem que ela proferisse palavra.

Frances estava a tentar ensinar o papagaio mudo a falar – que entretanto se tornara uma prenda definitiva de Minette – sem obter resultado algum, fosse em inglês ou em francês, quando os convidados chegaram.

– Mistress Stuart – disse Mall, fazendo uma vénia formal ao cunhado –, permite-me que lhe apresente o meu familiar, Ludovic Stuart, Seigneur d’Aubigny?

– O prazer é todo meu.

Frances ficou surpreendida ao detetar um sotaque escocês fortíssimo em alguém com um título tão francês, um cavalheiro esguio e ascético de cabelo ruivo curto e uns penetrantes olhos azuis, que se inclinou para lhe beijar a mão. Mas esse choque nada foi, comparado com o que sentiu quando ele lhe apresentou o seu companheiro.

– E este é o meu protegido e sobrinho, Charles Stuart, que tem a felicidade de partilhar o nome do rei, embora nenhuma da sua fortuna ou insígnias!³

O jovem alto de cabelo arruivado que a salvara dos rufias deu um passo em frente e beijou-lhe a mão com uma formalidade distante, sem fazer referência alguma às circunstâncias do encontro que haviam tido e decerto sem qualquer evidência do olhar de desejo franco que tanto a agitara.

– Boa tarde, minha senhora. Estou encantado por conhecê-la.

– Vive em Paris? – perguntou-lhe Frances, controlando a voz.

Ele parecia tão diferente naquele dia, tão rígido e formal. Nunca suspeitaria do ardor que existia sob aquele exterior patricio, caso não o tivesse visto por si mesma.

– Tenho estado hospedado em casa do meu tio. Contudo, tenciono regressar a Londres assim que possa.

– Não será perigoso?

– Estou convicto de que não passarão muitos dias antes que o nosso rei seja restaurado ao seu legítimo trono.

– Espero que tenha razão.

Frances viu que Mall apontava para o sobrinho e para a porta ao lado deles, que estava bem fechada. Por diversão, seguiu as instruções de Mall, lançando um olhar tímido para baixo e depois para a porta fechada.

Charles Stuart observava-a, com um ar bem-disposto.

De repente, sem aviso, o papagaio abandonou o braço de Frances e pousou na ombreira do jovem. Este ergueu uma mão, e o papagaio apressou-se a saltar obedientemente para o dedo médio dele.

– Bom dia, Charles Stuart, filho do Seigneur d’Aubigny – cumprimentou-o num tom cordial.

– Céus! – maravilhou-se Mall. – A criatura fala.

Frances desmanchou-se a rir, esquecendo por completo todas as instruções de Mall acerca da arte da coqueteria.

– Os meus parabéns – disse a Charles, encantada. – Não nos tinha dito nem uma palavra, antes de o senhor ter chegado.

– Dizem que tenho jeito com as criaturas de Deus – informou-a ele, com uma piscadela de olho que lhe alterou os modos formais. – Quanto menos atraentes são, mais gostam de mim.

O papagaio grasnou, marcando o seu protesto.

– E a propósito... – Deixou a frase incompleta, provocante.

– Sim?

– Terei todo o gosto em abrir-lhe essa porta sem que me pestaneje de forma tão óbvia.

Virou-se, sorrindo para si mesmo, com o papagaio ainda no seu dedo como se se tivesse fundido ali com um ferro em brasa, enquanto Frances fumegava e concluía que, independentemente do que o pássaro estúpido houvesse decidido, Charles Stuart, filho do Seigneur d’Aubigny, se mostrava demasiado satisfeito consigo mesmo para o gosto dela.

E, todavia, ao longo dos dias seguintes, não foi a confiança do recém-

chegado ou os seus modos provocadores que insistiam em invadir-lhe o pensamento, mas antes o sorriso lupino que bailara por instantes nos seus olhos cinzentos. Por mais do que uma vez, deu por si a reviver aquele salvamento com um final muito diferente, no qual ele a levantava do chão e a resgatava para longe – se resgatar era a palavra adequada para descrever o que ela imaginava que acontecia depois, na privacidade do seu quarto.

Parte daquele encanto proibido deveria estar patente na sua expressão, já que Mall não lhe dava descanso.

– Então, Menina Inocente, a sua irmã conta-me que foi salva do ataque de soldados desenfreados... e que o seu salvador foi, nem mais nem menos, o meu sobrinho Charles. Ocorreu-me, por causa do cabelo arruivado, que poderia ser ele a quem se referia, mas concluí que não seria possível. Não sou capaz de o imaginar em tal papel. Decerto não foi ele quem agitou assim as suas ondas. – Fitou Frances com um olhar penetrante não desprovido de bondade. – Se foi, o melhor é que as acalme. O meu sobrinho Charles precisa de uma esposa rica. Desde o escândalo da família que Ludovic Stuart passa a vida a dizer-lhe que ele deve ser responsável e honrar os seus deveres através de um bom casamento. O Ludovic até já lhe arranjou uma mulher. – A sua expressão suavizou-se ao ver o choque nos olhos de Frances. – Ele está comprometido com uma tal Elizabeth Rogers, de dezoito anos e com um dote de dez mil libras. Quer isso lhe agrade, quer não.

A injustiça de tudo aquilo indignava Frances. Tal como tantos outros que apoiavam o rei, a sua família perdera tudo. Ela não teria um dote para o seu casamento. A perspectiva de um futuro tristonho – casar-se com algum velho que aceitaria a sua beleza à falta de fortuna, ou permanecer solteira, pouco mais do que uma criada sem salário na casa de algum parente distante – toldava-lhe tanto a mente que nem se lembrou de averiguar qual seria o escândalo que se abatera sobre a família do alegadamente enfadonho e respeitoso Charles Stuart, herdeiro de Ludovic Stuart, Seigneur d'Aubigny.

1 Nome dado aos membros da cavalaria apoiante da causa monárquica e que, anos mais tarde, dariam origem aos *Tories*. (*N. da T.*)

2 Richard Cromwell sucedeu ao pai como Lorde Protetor de Inglaterra, Irlanda e Escócia, em 1658. A alcunha «Tumbledown Dick» foi-lhe dada pelos apoiantes da causa monárquica. «Dick», para além de diminutivo de Richard, é também um termo de gíria para «pénis», enquanto «tumbledown» indica algo que cai, em ruínas. (*N. da T.*)

3 Optou-se por grafar o nome do rei (assim como de outros membros da casa real) na forma convencionada em português. Como é óbvio, porém, Charles Stuart, filho de Ludovic Stuart, e o monarca Charles Stuart, futuro rei de Inglaterra, partilhavam o nome. Ainda que existam duas versões do apelido, Stuart e Stewart, e o monarca tenha passado à história como Charles/Carlos Stuart, enquanto o seu homónimo seja mais comumente conhecido com a grafia mais antiga de Stewart, respeitou-se a opção da autora de não estabelecer essa distinção, ainda que se tenha mantido, neste último caso, o nome inglês. (*N. da T.*)

Capítulo 1



Por fim ali estava ela, com o vento a agitar-lhe o cabelo que se escapava do capuz, no convés do *Londres*, a caminho da cidade com o mesmo nome, o coração alentado pela excitação do que a esperava.

O tempo estivera bom, apenas com uma breve borrasca, e não tinham demorado mais de sete horas a chegar à desejada costa inglesa. A monarquia havia sido restaurada quase dois anos antes, e o príncipe Carlos fora, finalmente, coroado rei de Inglaterra.

Dirigiam-se à residência da rainha-mãe, em Somerset House, onde ficariam até que Catarina de Bragança, a noiva do rei, chegasse dali a um mês ou dois, altura em que Frances se mudaria para Whitehall, para a servir como dama de companhia.

No fundo, tudo acontecera graças a Minette.

Frances era demasiado encantadora, decretara ela, para definhar nalgum palácio francês. Deveria ir para Londres e resplandecer na corte restaurada pelo irmão. E assim, munida de uma carta endereçada ao rei, onde se dizia que ela era a donzela mais bonita do mundo e a mais adequada a adornar uma corte, Frances partira para uma nova vida com Mall e a pequena Mary a fazerem-lhe companhia.

A única tristeza que havia maculado os preparativos alegres fora a morte do querido filho de Mall, Esme, de onze anos, vítima de febre tifoide. Mall ficara tão prostrada pela dor causada pela perda do seu menino meigo, de cabelo cor de castanha, uma réplica em miniatura da

mãe, que não vira ninguém durante duas semanas. Fora a rainha-mãe, a própria Henriqueta Maria, quem insistira para que Mall acompanhasse Frances na sua ida para Londres, a fim de a afastar do local daquela infelicidade. E tinham sido as necessidades de Mary, na altura apenas com nove anos, que a haviam por fim arrancado ao desespero.

– Que estranha é a vida – comentou Mall enquanto ela e Frances se preparavam para partir. – Agora o meu querido Esme desapareceu e nunca herdará o título do pai; e como a Mary não pode herdá-lo, por ser mulher, terá de ir para o varão seguinte na linha sucessória.

– E quem será?

– O meu sobrinho Charles. O seu salvador está prestes a tornar-se duque de Richmond.

Frances virou-se, pois não queria que Mall percebesse a dor no seu olhar. Não só ele se casara com outra mulher, como esta em breve seria duquesa.

Mall tratara da viagem de forma a chegarem discretamente, via Lambeth, de onde seguiriam pelo rio, passando pelo palácio de tijolos vermelhos onde viviam os arcebispos de Canterbury, avançando em direção à abadia de Westminster e à área de caça que rodeava o palácio Whitehall, até chegarem às escadas de Somerset.

A primeira coisa que a impressionou em Londres foi o barulho. Paris, embora fosse uma metrópole, não era tão grande quanto a capital inglesa. Por todo o lado havia sinos a repicar, de dia e de noite. Vendedores ambulantes, com tabuleiros de vegetais, flores ou fósforos, apregoavam os seus produtos; enormes carroças puxadas por quatro cavalos percorriam as ruas empedradas, por pouco não atropelando crianças e, por vezes, ficando presas em estradas estreitas. Abundavam placas, colocadas a cerca de quinze metros de altura, para que os cavalos e as carruagens pudessem passar por baixo, anunciando todo o género de ofícios. Porém, o que mais a surpreendeu foi o negrume do ar e a camada de fuligem que cobria tudo e todos, lhe feria a garganta e lhe deixava os olhos a lacrimejar.

– Vai habituar-se – disse-lhe Mall, encolhendo os ombros e

inclinando-se para tapar a boca da pequena Mary com o seu véu. – É o carvão que todos queimam. Só houve uma vez em que a fuligem desapareceu, quando o tempo gélido não deixou passar os navios carvoeiros: de repente, a cidade ficou límpida como a madrugada refletida numa lagoa.

Passaram a última curva do rio e avançaram por entre dezenas de botes. Ao ver um grande edifício à sua esquerda, Frances perguntou a Mall o que era.

– É o palácio de Westminster, onde Noll Cromwell se autoproclamou Lorde Protetor do Reino e se sentou na Cadeira da Coroação, coberto de púrpura e arminho. Serviu-lhe de muito. – Apontou para uma mancha indistinta no telhado. – Aquilo é a cabeça dele. O rei ordenou que o desenterrassem da abadia, com os outros traidores, o Ireton e o Bradshaw, e enforcou-os na Árvore de Tyburn. Depois cortou-lhes as cabeças e espetou-as ali, para todos os londrinos poderem admirá-las.

Frances estremeceu.

– Não julgava que Sua Majestade fosse tão bárbaro.

– Bárbaro! – Mall virou-se para ela, muito zangada. – O rei é muito mais complacente do que deveria ser! – Frances nunca a ouvira falar com tanta ira. – Só puniu uma mão-cheia dos traidores que condenaram o pai dele à morte. Eu teria enforcado todos! Mas o leite da bondade humana corre livremente pelo nosso rei. Encolheu os ombros e disse que estava farto de enforcamentos.

Continuavam a avançar, agora em silêncio, e passaram pelo palácio de Whitehall, aproximando-se do destino, Somerset House.

– Ali está – apontou Mall, com a respiração visível no ar gelado da tarde.

Diante delas, encontrava-se um grande edifício quadrado de tijolos amarelos que ao centro tinha uma torre com um relógio e duas alas graciosas, e à frente relvados ornamentais e um grande jardim com árvores de um dos lados.

– É realmente um belo edifício – disse Frances, admirada.

– Não era assim, quando a escumalha dos soldados do Cromwell se

serviram dele como quartel! – ripostou Mall, quase a cuspir as palavras. – Venderam todos os quadros, tapetes, pratos e tapeçarias a que deitaram as mãos nojentas. A rainha demorou dois anos a torná-lo habitável de novo, para poder regressar. Será nosso dever fazer os últimos preparativos necessários.

– Fá-lo-ei de bom grado.

– E não se deixe afetar. Vê aquelas janelas? – perguntou, a apontar para a galeria longa que dava para o rio. – Foi ali que enforcaram a efígie do Cromwell, e em bom tempo o fizeram, pois era aqui que ele se atrevia a instalar-se, como se fosse um monarca grandioso como o santo que assassinou.

Frances não era capaz de reprimir o horror que tanta violência lhe causava.

– Prima, não a sabia tão sanguinária.

– Não fale do que não compreende! – foi a resposta irritada de Mall. – O meu marido perdeu tudo por causa do Cromwell. Os seus dois irmãos mais novos, a fina flor da corte de Carlos, combateram com as suas vestes de seda e foram abatidos antes de terem sequer a oportunidade de viver.

– Lamento. Falei quando não devia. – Também a sua família sofrera muito, mas ela sentia-se mais em harmonia com o rei que se cansara de enforcar os inimigos. A vingança não devolvia a vida aos mortos. Não obstante, tinha de respeitar a perda de Mall. Aquele mundo, onde as ofensas ainda eram tão recentes, era novidade para ela, depois de tanto tempo passado do outro lado do Canal. – Mall, querida prima, tenho muito que aprender.

– Sim. – A voz de Mall soava fria e endurecida pela dor. – Tem. – O barco deslizava em direção às escadas que ligavam o rio à casa grande. – Desculpe, prima. Vai aperceber-se de que, apesar da restauração do rei, as feridas ainda sangram. Mas eu ajudá-la-ei a compreender. – Pegou na mão da filha e agarrou-se ao barqueiro para sair. – Venha, não será triste. Não há cidade como Londres para a diversão e o riso. O que nos falta em instrução, por comparação com Paris, compensamos com

alegria!

Mall não faltava à verdade. Depois de tantos anos de repressão, respirava um ar de aventura vertiginosa e excitante, como se todos tivessem de provar que a vida era possante, plena de prazer e livre de qualquer restrição.

Subiram a grande escadaria que começava no rio, passaram por jardins e por um imenso terraço de onde se via o Tamisa e um grupo de gente elegantemente vestida as observava com curiosidade. À medida que avançavam, todas as damas cumprimentavam Mall com um aceno de cabeça, enquanto o homens faziam vénias. Frances seguia-a, maravilhada por a amiga parecer conhecê-los a todos.

Depois de entrarem em Somerset House, um gentil-homem da câmara foi chamado para que levasse os pertences delas para os seus aposentos. Habituada a partilhar o quarto com a irmã, Frances esperava um dormitório ou um pequeno nicho enfiado nalgum canto do grande palácio. Em vez disso, foi-lhe atribuído um enorme quarto quadrado na torre leste, com uma vista belíssima dos relvados e das grandes estátuas de mármore de Tamisa e Ísis.

Enquanto desfazia as malas, pendurava os vestidos em cabides e guardava os saíotes e camiseiros na cómoda, perguntava-se onde havia de deixar o papagaio. Num canto da parede do fundo, havia um anteparo destinado a abrigar um castiçal. Frances pendurou ali a gaiola do pássaro. Este palrou e tufou as penas, zangado, saltando de uma pata para a outra, num protesto cómico.

– Onde, então? – quis Frances saber.

No outro canto do quarto havia um toucador com uma tapeçaria turca, junto à grande janela.

– Então queres ver o rio, é isso? Mas é um lugar demasiado grandioso para uma criatura como tu, pássaro. E se deixas cair sementes naqueles pontos delicados ou sujas as suas belas cores?

Não obstante, pousou a gaiola no toucador.

– Deus abençoe Charles Stuart! – exclamou o pássaro, em sinal de aprovação.

– Pois. – Frances encolheu os ombros. – É certo que Deus o abençoou. Casou com a herdeira como devia e, tanto quanto sabemos, teve o filho necessário para contentar o tio. E agora é duque!

Não tinha tempo a desperdiçar a pensar na situação doméstica de Charles Stuart, pois ouviu Mall a chamá-la, dizendo-lhe que iam explorar a cidade enquanto o sol ainda brilhava.

– Não veremos muito... é só uma aproximação aos encantos que hão de vir.

Do outro lado da Strand, nas traseiras de Somerset House, ficava a estação de carruagens, junto ao maior mastro festivo de Londres.

– Imagine – maravilhava-se Mall –, foram precisos doze marinheiros para voltarem a erguê-lo depois de o Cromwell o ter mandado abater. O velho Noll banuiu arraiais, além de representações teatrais, banquetes e até a celebração do Natal. Pense nos pobres habitantes de Londres. Todos aqueles anos sem qualquer alegria festiva. Não admira que tenham ficado contentes quando ele morreu!

Frances, Mall e a pequena Mary entraram na carruagem para darem uma volta pela cidade. Em todas as ruas viam placas pintadas que oscilavam bem alto, anunciando alfaiates, sapateiros, negociantes de linhos, sedas e outros tecidos, fabricantes de feltros, chapeleiros, camiseiros e vendedores de botões. Frances ficou a saber que, se quisesse pentes de marfim, tinha de procurar uma placa que exibisse um elefante pintado; Adão e Eva a oferecerem maçãs significavam uma frutaria; as boticas anunciavam-se com unicórnios ou dragões; uma placa com uma fileira de caixões lembrava aos londrinos que, nalgum dia, as compras teriam de chegar ao fim.

Por ora, contudo, ela via que os cidadãos se entregavam ao frenesim de adquirir e despender. Privados de quaisquer luxos durante os anos de Cromwell, viviam numa ânsia de esbanjamento. E, ao contrário do que acontecia em Paris, onde os ricos e os pobres estavam algo separados, ali viam-se unidos pelas transações que faziam.

Ao fundo de cada rua estreita, todas tão apinhadas que mais pareciam

vielas, um transeunte incauto podia, com idêntica facilidade, entrar numa casa decadente a abarrotar de vendedores ambulantes de hortaliças ou na mansão escondida de algum mercador opulento.

Frances tinha a cabeça à roda com tantas imagens e sons novos de Londres. O que lhe faltava em elegância, descobria ela, era mais do que compensado pela energia.

– Amanhã visitaremos Whitehall – anunciou Mall –, e conheceremos as outras damas que serão aias da rainha.

O palácio de Whitehall! Nessa noite, Frances sentia-se tão entusiasmada que mal conseguia dormir na cama enorme que tinha só para si. Estava tão habituada a partilhar o leito com Sophia que, ao início, lhe parecera estranho, mas agora apreciava o linho macio, os reposteiros de brocado apanhados com fitas douradas e a colcha de veludo que cobria a cama. Não fora há muito que se tivesse visto tudo aquilo pensaria apenas em como aproveitar os tecidos para fazer um vestido. Agora não lhe faltavam vestidos e Mall, que só tinha a pequena Mary para vestir, parecia retirar grande prazer em aumentar o seu guarda-roupa.

No dia seguinte, dado que o tempo estava agradável e Somerset House ficava a um pulinho de Whitehall, Frances tinha pensado que seria simples caminhar até lá.

– A pé! – riu-se Mall da sugestão inocente. – Minha querida menina, ficaria com o vestido enlameado assim que desse dois passos. A imundície dos canais a correr pelo meio da rua sufocá-la-ia; seria atirada para o chão pelos galãs que se encostam às paredes com medo de verem as suas roupas rendadas atingidas por dejetos atirados pelas janelas. E decerto lhe roubariam a bolsa no meio de tanta confusão! Em Londres, viajamos sobre rodas ou através da água.

Apesar de ficar impressionada com o conhecimento superior de Mall, enquanto chamavam um bote para duas damas trajadas de cetim, com saíotes e mantos, de leque na mão, ocorreu-lhe que entrar e sair de uma embarcação encharcada que se agitava de forma inquietante com a brisa do final da primavera, e viajar pela água não era um método que

oferecesse grande vantagem em relação a caminhar pelas ruas, por mais perigosa que fosse a estrada.

Mall completara o seu próprio traje com um véu de seda preta, que lhe ocultava metade do rosto, dando-lhe uma aparência bastante assustadora, como um arauto de terrível destino. Era apenas, conforme ela explicou, para se proteger dos nefastos raios de sol, e aconselhou Frances a fazer o mesmo. Esta riu-se e respondeu que preferia arriscar.

Fizeram uma viagem rápida e chegaram a Whitehall em apenas quinze minutos.

– Bem, minhas senhoras – perguntou o barqueiro enquanto se aproximavam da margem lamacenta –, desejam subir pelas escadas de Whitehall ou pelas escadas do acesso privado?

– O que lhe parece, bom homem? – retorquiu Mall.

As escadas de Whitehall eram públicas e usadas por todo o género de pessoas. As do acesso privado, como o nome indicava, conduziam apenas ao palácio e só os nobres podiam ir por aí.

O barqueiro observou-as atentamente e apressou-se a remar em direção às segundas.

Ao chegarem, saíram cuidadosamente da embarcação, passando por um poste ao qual estava presa cerca de uma dúzia de barcos pequenos, diante de uma barreira instável de madeira, que se curvava sobre a lama como um dedo artrítico. O rio tinha pouco caudal: quase até ao palácio de Lambeth, metade consistia apenas em lama sólida. As escadas conduziam a um pequeno pontão do qual se avistava o palácio de Whitehall.

Frances, habituada aos palácios elegantes do Louvre e das Tulherias, construídos em quadrados ou curvas graciosas, ficou chocada ao observar o vasto conjunto de casas e edifícios que constituíam o palácio de Whitehall.

– Na verdade – declarou –, não é tanto um palácio, mas mais uma aldeia ou uma vila.

A propriedade de Whitehall, abarcando centenas e centenas de pequenas divisões e grandes aposentos – alguns altos, outros humildes –

espraiava-se desde a margem do rio, incluía o relvado de boliche, o jardim privado e o campo de ténis do rei, o terreiro da Cavalaria da Guarda e o pavilhão de banquetes, chegando quase ao parque de St. James.

– Um amontoado de casas, foi o que a minha mãe sempre disse. – Mall olhou em redor, com uma expressão afetuosa. – Mil e quinhentos aposentos, e pode alojar seiscentos cortesãos. É o maior palácio da Europa... e o mais feio. Sabia que eu cresci no palácio de York, que o rei juntou ao seu palácio? Por isso, vou morar com a corte, mas é como se estivesse em casa.

Com uma sensação de expectativa nervosa, Frances perguntava-se se veriam o rei e, caso isso acontecesse, se ele se recordaria ou não dela.

– O rei encontra-se na residência?

– Nesta altura do ano? – Mall riu-se da ignorância dela. – Está em Newmarket. Passa lá duas temporadas por ano, na primavera e no outono. – A sua expressão toldou-se. – E leva Lady Trollop com ele.

Apesar de ter chegado à corte havia tão pouco tempo, Frances já ouvira falar muito da escandalosa Barbara Castlemaine, cujo nome de solteira era Barbara Villiers; tratava-se de mais uma prima de Mall, que tinha muitíssimos parentes. Barbara chocara a nação por passar nos seus braços a noite em que o rei regressara. O facto de já ter marido não a impedia. O rei, por seu turno, tentara compensar o desafortunado Roger Palmer tornando-o conde de Castlemaine, e fora assim que Barbara se tornara Lady Castlemaine. Contudo, todos na corte, ao que Frances sabia, se referiam a ela como «a Lady».

– A doce Barbara aguarda o nascimento do bastardo do rei – continuou Mall. – Ainda que se diga que o último não se parece muito com Sua Majestade mas antes com Lorde Chesterfield, o amante anterior da Lady.

Frances mordeu o lábio, impressionada com a indiscrição com que Mall falava da própria prima.

– Oh – riu-se Mall –, eu até a trato com bastante generosidade. Há quem a difame muito mais. Ned Hyde, o chanceler, abomina-a de tal

forma que não acede a que lhe sejam atribuídos quaisquer privilégios ou dinheiro. Quando o rei desejou fazer de Roger, o marido, conde, a partir do que a Barbara passaria a intitular-se condessa, teve de o fazer no pariató irlandês, para não ser necessário o selo do seu próprio chanceler!

– Mas não pode o rei fazer tudo o que lhe aprouver?

– Tem passado os últimos anos a dormir? Por mais que isso me deixe o sangue a ferver, o rei não pode ultrapassar certos limites e arriscar-se a que considerem que age como o seu pai.

Tinham chegado ao interior do palácio e um criado de libré conduziu-as aos aposentos que estavam a ser preparados para a rainha.

– Então, rapaz – interrogou-o Mall. – Estás ansioso por veres uma nova senhora a tomar posse desta casa?

O criado assentiu com a cabeça.

– Sim, de facto estou, minha senhora.

– Vê-se mesmo que ele já sabe – comentou Mall em voz baixa.

Foram então conduzidas por um labirinto de corredores até chegarem a um grande espaço cujas paredes estavam forradas com painéis de madeira de carvalho alvarinho, elegantemente esculpidos e com pilastras, dourados e pintados com flores-de-lis.

– Os aposentos da rainha – anunciou o criado, fazendo uma vénia.

Do quarto adjacente ouviram um ruído súbito, como o de um bando de estorninhos a reunir-se ao crepúsculo, preparando-se para procurar abrigo. Uma porta abriu-se e o bando surgiu, liderado por uma senhora de meia-idade.

– Mall Villiers! Vem cá e beija-me a mão, como uma boa sobrinha deve fazer.

Mall sorriu e apressou-se a ir ter com a senhora.

– Bons dias, minha tia Suffolk, fiquei tão feliz ao saber da sua nomeação. Primeira Aia da Câmara Real, nada menos!

– Sim. E Camareira-Mor, e Vedora da Rainha – confidenciou a tia.

Frances olhava ora para uma ora para outra, dando conta de que ambas tinham testas altas e distintas e olhos do mesmo tom de avelã.

– E não esquecer Reposteira-Mor! – sussurrou uma jovem, que

superava de longe todas as outras em estilo e elegância.

– Silêncio, Cary Frazier! Está sempre a coscuvilhar, como uma criada num banquete!

– Senhora minha tia. – Mall fez uma cortesia, reconhecendo a precedência da dama mais velha. – Permite-me que lhe apresente Mistress Frances Stuart?

Frances também fez uma cortesia, deparando-se com o olhar avaliador de seis jovens.

– Então, já está tudo decidido para a criadagem da rainha?

– Na verdade, não. – A condessa de Suffolk sacudiu o vestido elaborado como uma galinha ansiosa. – Ainda há muito por estabelecer. A rainha chegará dentro de um mês e só as aias foram escolhidas: Lady Wood, Lady Scroope, Mistress La Garde. – Apontou para uma jovem de ar tímido. – E a Cary Frazier, aqui ao meu lado. Se puder dar-nos algum do tempo que passa com a costureira. As camareiras também já foram escolhidas: Mistress Wells, Mistress Price, Mistress Warmestry, Mistress Boynton. – Cada uma das jovens assentiu com a cabeça ao ouvir o seu nome. O título «Mistress», aprendera Frances, era atribuído até a donzelas, já que «Miss» denotava não uma mulher casada mas antes uma amante sustentada por um homem. – E, claro, Mistress Stuart.

Frances reconheceu a honra que lhe era dada com uma pequena cortesia. Tinha noção de quão cobiçados eram aqueles cargos. Muita intriga e até subornos teriam formado aquela lista. Uma posição tão próxima da rainha proporcionaria a todas aquelas jovens uma grande influência.

– E quais das jovens serão as damas de companhia da rainha?

De entre todos os papéis atribuídos, aquele era o mais concorrido e o que detinha mais influência, já que implicava o acesso mais íntimo à consorte. E, por conseguinte, grandes oportunidades de dar seguimento às situações que necessitassem de alguma pressão, bem como a possibilidade de se lucrar com isso.

A condessa baixou o tom de voz.

– Ainda não foram nomeadas. É um mistério.

– Porquê?

Depois de olhar por cima do ombro, a condessa respondeu:

– Suspeitamos de que possa estar relacionado com a Lady.

Raras vezes Frances vira Mall tão escandalizada.

– Ela não se atreveria! Esperar ser dama de companhia da rainha, quando é amante do rei?! Nem ela seria capaz disso!

A condessa encolheu os ombros e fez sinal com a cabeça para que Mall a seguisse para um canto recatado da divisão, onde poderiam continuar a conversar em voz baixa.

– Mistress Stuart... – Frances viu-se rodeada por três das jovens. A mais audaz, Cary Frazier, começou a tocar-lhe nas mangas do vestido. – Diga-nos, senhora, como são feitas estas mangas.

Referia-se à forma como Frances enrolara o cetim azul do manguito, prendendo-o com fitas para revelar o camiseiro que tinha por baixo.

– Oh, é apenas um pequeno truque usado pelas damas de Paris.

– Ai sim? – empertigou-se Cary Frazier. – Demasiado difícil para nós, que somos inglesas?

Frances percebeu que a sua tentativa de se mostrar modesta fora interpretada como orgulho.

– E mostrar o camiseiro que usa por baixo do vestido é mais apropriado ao *boudoir* do que quando está acompanhada. – Jane La Garde, outra das futuras aias da rainha, puxou o tecido suave que Frances usava sob o vestido. – Não a escandaliza expor a roupa branca dessa forma?

Ela encolheu os ombros.

– É assim a moda de lá.

– E a cor do seu cabelo – interveio Catherine Boynton. – Nunca vi algo assim aqui. Que tom escolheu o seu cabeleireiro?

O comentário levou-a a levantar o queixo, consciente de que não estava a ser alvo de perguntas amistosas.

– A cor da natureza, minha senhora. Aquela com que nasci.

– Muito bem, Frances! – elogiou Mall. – Vamos, senhoras, cessem o interrogatório. Em Paris, Mistress Stuart é conhecida pela sua beleza

sem artifícios.

Uma vaga de risos percorreu o grupo de jovens, e Frances desejou que Mall a tivesse deixado defender-se a si mesma.

– Ah – comentou Mary Scroope. – Não podia imaginar que, nesta corte, viéssemos a conhecer beleza sem artifícios!

– Quanto a mim – apressou-se Jane La Garde a acrescentar –, admiro muitíssimo o seu cabelo. Ensinar-me-á a entrançar o cabelo dessa forma, deixando algumas madeixas caídas sobre os ombros?

Frances sorriu, ansiosa por agradar.

– Com certeza. Ainda que as damas francesas me achessem tão rude como uma criada de campo, em vista da beleza sofisticada delas.

– Dado que nós não somos tão requintadas como a senhora, deveremos ser aias de um antro, em vez de damas da câmara real – foi a resposta azeda como vinagre de Catherine Boynton.

– Então, então, senhoras! – Mall tinha terminado a conversa privada. – Vamos passar muito tempo juntas ao serviço da rainha, temos de ser amigas.

Estas palavras recordaram a Frances a forma como a sua ama costumava ralhar com ela e com Sophia para que parassem de discutir. Surpreendida, de repente sentiu imenso a falta da irmã e dos aposentos que partilhavam no Palais Royal. No entanto, doravante aquela seria a sua casa, em Inglaterra, e, apesar da receção pouco calorosa daquelas jovens, tencionava ser feliz ali.

– Quando podemos esperar a rainha Catarina, minha senhora? – perguntou Jane La Garde à condessa de Suffolk.

– No final de maio. Depois os reis irão para o palácio de Hampton Court, onde passarão a lua de mel.

– É verdade que Lady Castlemaine planeia ficar lá com o bastardo do rei? – quis saber Catherine Boynton.

– Se planeia, serei eu mesma quem lhe dará um puxão de orelhas, além de ter de cuidar de uma criança chorosa – ripostou Lady Suffolk, que era também tia de Barbara.

– Quem me dera que fosse verdade que a minha tia pudesse mandar

Lady Castlemaine embora com um puxão de orelhas – sussurrou Mall enquanto se dirigiam para o rio, depois de se despedirem das damas reunidas. – Mas, no que diz respeito à minha prima Barbara, o rei é tão cego como um cachorro recém-nascido.

– E o que lhe dá tanto poder sobre o rei? – inquiriu Frances. Ela sabia que o rei era bondoso e tolerante, alguém que, quer como homem quer como monarca, era digno de admiração por muitos motivos, e não compreendia a influência que aquela dama parecia exercer sobre ele. – É a sua grande beleza?

– Oh, a Barbara Castlemaine é bela, não há dúvida. Como um pêsego maduro, apanhado na altura em que está mais cheio e sumarento, mesmo antes de começar a apodrecer. Mas não é isso que a torna tão atraente.

– O que é, então?

– O apetite dela. Barbara tem uma pulsão tão forte como a de um homem. Lembro-me de que, quando era criança, costumava tocar-se nas partes baixas, à vista de qualquer um, como se não houvesse no mundo motivo para se sentir envergonhada.

Frances desviou o olhar, chocada e intrigada ao mesmo tempo.

Nunca, nem num milhar de anos, o admitiria perante Mall, mas a verdade era que também sentia um certo fascínio por aquela criatura escandalosa que ousava desprezar todas as convenções impostas às mulheres virtuosas.

Barbara Castlemaine poderia ser o diabo em forma de pessoa; contudo, comparada com as damas com quem Frances fora criada, cujo divertimento principal era passar horas pias de joelhos, parecia-lhe deveras exótica.

Passaram a tarde a brincar com Mary nos jardins em frente a Somerset House, com os seus relvados quadrados por onde se podia correr, rodeados de áleas cobertas de gravilha e com três avenidas de árvores que conduziam a uma grande escadaria de pedra que acedia a um jardim inferior, junto ao rio. Através de um portão de ferro, divisaram uma embarcação estranha, que Mall explicou inspirar-se num barco chamado gôndola, que existia em Veneza.

- Eu gostaria de andar nele – disse Mary.
- Também eu – concordou Frances, a assentir com a cabeça.
- Hoje não, minhas queridas.

Mary pareceu ficar tão desiludida que Frances teve de a animar, perseguindo-a pelos relvados e escondendo-se atrás de uma estátua de Tritão, para depois a surpreender, saltando e gritando:

– Bu!

De regresso a casa, depararam-se com um cavalheiro, bastante robusto e de tez rosada, mas finamente vestido de veludo negro, com dezenas de botões de bronze alinhados no casaco e uma peruca loura.

– És um soldado? – perguntou-lhe Mary.

– Não, de modo algum... bem, não neste momento e nunca o será, se puder evitá-lo – riu-se Mall. – Este é o meu irmão, George Villiers, o estouvado duque de Buckingham. Mary, cumprimenta o teu tio.

– És mesmo meu tio? – quis saber Mary.

– Com mil demónios, Mall, que maneira de me apresentares a este par encantador. – Baixou-se, com um joelho no chão, mas, dado ser muito corpulento, ficou numa postura ridícula em vez de romântica. – Sou mesmo, jovem dama.

– Eu sou Mary, Lady Stuart – disse a criança, de súbito a sentir-se muito importante. – Todavia, não virei a ser duquesa de Richmond, apesar de o meu irmão ter morrido, porque sou uma menina.

Frances olhou para Mall, receando que aquela recordação de Esme a entristecesse. Mas a tagarelice da criança fazia-a sorrir.

– É verdade. O duque de Richmond é agora o meu jovem primo, Charles.

Desta feita, foi Mall quem olhou para Frances, com uma expressão divertida e inquisitiva. Ela fingiu não reparar.

– Vamos, Mary, subamos aquela grande escadaria, a ver se chegamos a casa antes da tua mãe e do teu tio.

Perante o desafio, Mary levantou as saias e desatou a correr em direção às escadas, com Frances a segui-la.

– Então, Borboleta – ouviu o duque perguntar à irmã –, agrada-te

estar de volta à corte inglesa?

Frances não conseguiu perceber a resposta mas, no cimo da escadaria, atrás da estátua de uma nereida, teve de parar, pois o laço do seu sapato desfizera-se. Debruçou-se para o apertar. As palavras que ouviu em seguida deixaram-na imobilizada.

– Parabéns, irmã! – dizia o duque em voz baixa. – Ela é absolutamente perfeita. Que beleza inocente, e que encanto singelo! Não poderias ter arranjado um contraponto melhor à madureza excessiva da nossa Barbara, ou uma melhor resposta às nossas preces. Como poderia o rei resistir a um pedaço tão tentador?

Frances esperava que Mall se incendiasse perante aquelas palavras tão degradantes, mas a resposta deixou-a gelada até aos ossos.

– É bem verdade, George, creio que tens razão. Como um sorvete, limpar-lhe-á o palato depois de uma dieta tão prolongada de comida muito pesada.

– Mas que Borboleta astuta. E diz-me, como progride a tua poesia escandalosa?

Frances não se deteve para ouvir a resposta, recomeçando a correr atrás da pequena Mary, com o coração a bater desenfreadamente. Fora tola e ingénua. Mall parecera ser muito sua amiga – na verdade, a única que tinha – mas percebia então que podia confiar tanto em Mall como naquelas vilipendiosas damas de companhia.

Nunca acreditara muito na sua beleza, ainda que outros lha elogiassem, e agora desejava ardentemente não a possuir. Talvez tivesse sido ingénua por confiar tanto em Mall. Esta frequentara cortes durante toda a sua vida e aprendera a julgar o que poderia ser ou não útil. Frances pensava ser sua amiga – quase uma filha, já que a sua própria mãe não era dada a afeição natural. Agora suspeitava de que Mall sopesara friamente o seu encanto e inocência, não como qualidades intrínsecas, mas de acordo com a utilidade que poderiam ter para cimentar a causa dos interesses dos Villiers.

Estava na altura de se libertar da alçada dela e criar amizades em que pudesse confiar.

Quando chegou aos arcos e aos pórticos graciosos de Somerset House, viu que um gentil-homem da câmara a esperava, com um pequeno *bouquet* numa salva de prata.

– Que lindas flores! – exclamou Mary. – São para mim?

O homem sorriu ao comentário infantil.

– É um pouco jovem demais, cara dama, para que lhe enviem ramos de flores. São para Mistress Stuart, da parte de Mistress La Garde – anunciou num tom sério, enquanto entregava uma carta a Frances. – Esta nota acompanha as flores, bem como um pedido de desculpas por não ter podido vir cá e entregá-las em mão.

Frances abriu a carta. Era uma missiva curta, cheia de erros e de borrões de tinta, na qual eram pedidas desculpas pelo tratamento desagradável com que as aias tinham brindado. «Que, se honrassem a posição que detêm, deveriam saber comportar-se melhor.»

Parecia que tinha uma amiga, pelo menos.

Capítulo 2



À medida que o dia da chegada da rainha Catarina se aproximava, a excitação da corte ia aumentando. Uma nova rainha significava um novo começo para todos. E, para alguns, talvez um fim.

Era o que muitos prenunciavam para Barbara, condessa de Castlemaine.

– Ela pode esperar o bastardo do rei – salientava Mall –, mas deveria ter presente a promessa que ele fez, de nunca adotar o comportamento do seu primo Luís. Declarou que, assim que desposasse uma mulher, não teria os maus modos insultuosos de manter uma amante ao mesmo tempo.

– Pois – acrescentou Lady Suffolk –, mas isso foi antes de ter escolhido uma noiva.

Seria Catarina de Bragança – de vinte e quatro anos, ainda com uma aparência de criança por ter sido educada num convento, onde a sua vida fora muito protegida – suficientemente cativante para que ele cumprisse o prometido?

Mall estava muito ocupada a distribuir a enorme quantidade de objetos que Catarina enviara antecipadamente e que faziam parte do seu enxoval – jarrões de porcelana, mobílias de vime, armários de laca oriental e painéis de algodão indiano pintados para pendurar nas paredes, tudo objetos mais exóticos do que qualquer outra coisa vista em Inglaterra. Também lhe cabia a tarefa de atribuir aposentos às várias

damas portuguesas que acompanhariam a rainha e supervisionar criadas encarregadas de arejarem as camas, para que a nação ficasse bem vista.

Apesar disso, sempre arguta e alerta a tudo o que a rodeava, Mall não tardou a reparar que Frances a evitava, pelo que a confrontou.

– Diga-me, Frances, que ofensa lhe causei para que desvie o olhar sempre que o cruza com o meu e para que não permaneça nem cinco minutos na minha companhia, como se eu tivesse tifo?

Frances debateu-se consigo mesma, sem saber se haveria de dizer ou não a verdade. Contudo, não bastaria uma desonestidade?

– Ouvi-a falar acerca de mim com Sua Senhoria, o duque de Buckingham.

– Bem me parecia. – Surpreendentemente, Mall parecia aliviada. – O George tem sempre algum estratagema louco que quer impingir-me e eu finjo concordar para lhe agradar. Não quer dizer nada, garanto-lhe. Os planos do meu irmão, regra geral, são inofensivos.

– Mas porque haveria eu de ser incluída em tal coisa?

– É um esquema absurdo, nada mais. De igual forma, ele poderia referir-se a Catherine Boyton ou a Cary Frazier. Não se apoquente.

Frances fitou-a com um ar desconfiado.

– E por que motivo lhe chama Borboleta?

Mall riu-se.

– Quando eu era criança, o rei Carlos, pai do nosso soberano, viu-me em cima de uma árvore e achou que eu era uma borboleta rara e encantadora, pelo que deu ordens aos seus lacaios para que me apanhassem, foi só isso. E, desde então, o meu irmão e algumas pessoas da corte gostam de me chamar Borboleta.

– E a poesia que ele disse que escrevia? Isso é verdade? Escreve versos, deveras?

Mall, corajosa e ardente, ela que não temia homem algum, ruboresceu até ficar da cor de um tomate bem maduro.

– Escrevinho um pouco. Quando o mundo me enfurece a ponto de me deixar sem conseguir falar, escrevo.

– Posso ler alguns dos seus escritos?

- Não são feitos para o olhar público.
- Eu não sou o público, Mall.
- Talvez um dia lhos mostre, num momento de fraqueza.

Frances agradeceu-lhe; contudo, ficou a pensar que teria de passar a ser mais cuidadosa com o que lhe revelasse acerca de si mesma.

Já se tinham passado duas semanas de maio quando Catarina de Bragança, escoltada por Lorde Sandwich, a bordo do mesmo navio que trouxera o rei de volta ao seu país dois anos antes, o *Royal Charles*, finalmente chegou a Portsmouth, depois de uma terrível viagem agitada por tempestades e fustigada por vagas enormes.

Frances condoía-se da rainha, já que, como ela, se encontrava num país novo e tinha de se adaptar aos modos daquela corte, tão distintos dos da rígida corte portuguesa.

Enquanto a primeira coisa que Carlos fizera ao chegar a Inglaterra fora ajoelhar-se e agradecer a Deus por regressar são e salvo, tinham ouvido dizer que Catarina começara por pedir uma chávena de chá. Infelizmente, embora uma arca de chá se encontrasse guardada como parte do seu dote, não havia chá disponível de momento, pelo que lhe haviam oferecido cerveja inglesa, o que surtira o efeito de a fazer recolher-se no seu camarote, onde se deitara.

– Pobre senhora – comentou Jane La Garde. – Eu também detesto cerveja. Só espero que estivesse bem aguada.

Por fim, a rainha surgiu para cumprimentar o noivo, sendo rapidamente levada para um casamento católico secreto, antes do oficial, protestante, que se seguiu pouco depois. O rei, segundo a corte ficou a saber, parecia bastante satisfeito com a noiva, uma mulher de rosto suave e infantil.

O facto de se fazer acompanhar por um séquito alarmante de damas portuguesas, todas com anquinhas que não se viam em Inglaterra desde os tempos de Isabel, parecia apenas diverti-lo. Até manteve o bom humor quando estas o informaram de que a rainha não poderia cumprir os seus deveres maritais nessa noite por a viagem lhe ter afetado o ciclo

mensal.

– Meus amigos – houve quem ouvisse Carlos a comentar aos seus gentis-homens da câmara –, a rainha tem as suas regras, por isso o rei terá os seus copos. Tragam-me um bom Bordeaux. – E, quando lho serviram, acrescentou num tom triste: – Talvez seja melhor assim. Estou tão cansado da viagem atribulada até aqui que talvez não conseguisse defender a honra de Inglaterra no quarto.

Ao passo que a rainha era modesta e amável, o seu séquito proporcionava aos cortesãos do rei grande motivo de diversão. Para além das seis assustadoras damas de companhia, havia vários confessores, a sua antiga ama, um perfumista judeu e, para tremendo gáudio do rei, um barbeiro pessoal da rainha. Corria um rumor pela corte de que o monarca perguntara maliciosamente à esposa que parte do corpo planeava barbear. Felizmente, a noiva não compreendera a piada.

A rainha, por seu turno – satisfeita por Carlos ser bonito e bondoso e não um ogre cruel –, parecia muito desejosa de se apaixonar pelo marido. E, assim, foram felizes para Hampton Court, onde as aias da rainha, entre as quais Frances, a aguardavam.

À chegada, a pequena rainha deambulou alegremente pelo palácio de tijolos vermelhos do cardeal Wolsey, colheu rosas nos jardins, passeou pelos prados regados a rir-se com o rei, e foi alegremente para o leito de núpcias, com cobertas carmim e prateadas, uma cama que, talvez infortunadamente, havia sido uma oferenda dos Países Baixos à falecida irmã de Carlos, Maria.

O rei declarou as suas intenções de ser um marido bom e fiel e algumas pessoas, entre as quais Frances, até acreditaram nele.

– Não vos parece – perguntou ela a outras damas –, que, agora que tem a sua rainha e que estão tão felizes na companhia um do outro, tudo será diferente?

Cary Frazier e Catherine Boynton entreolharam-se. Lady Scroope encolheu os ombros bem acolchoados. Jane La Garde esboçou um sorriso atencioso.

– Devemos contar-lhe a verdade? – inquiriu Catherine Boynton. –

Lady Castlemaine teve um bebé esta semana e chamou-lhe Carlos.

Frances ficou quase sem fôlego.

– O rei tem-nos visitado todos os dias. O marido da Lady deixou-a finalmente e o rei sente que, como lhe arruinou a vida privada, tem a obrigação de a apoiar publicamente.

– Mas... e a rainha? – perguntou Frances, indignada. – Ela está a par desta ofensa?

Todas ficaram em silêncio perante aquela ideia.

– Em breve ficará a saber. – Cary Frazier suspirou. – O rei manteve a promessa de nomear a Lady dama de companhia.

– Mas ele é um homem bom e amável! – protestou Frances, lembrando-se de que o rei até com a ninharia das suas frieiras se havia mostrado preocupado. – Como pode comportar-se assim?

Lady Scroope, mais velha e sensata do que as outras, limitou-se a encolher os ombros.

– É um homem. E um rei. Fará o que quiser.

– São aqueles arruaceiros e imprestáveis com quem se dá, os Lordes Rochester, Dorset e outros da mesma laia, que se julgam poetas de grande engenho, que o encorajam e lhe dizem que um rei deve fazer como lhe aprouver, sem dar ouvidos aos rogos de uma mulher – comentou Cary Frazier, num tom sombrio. Fora alvo de um poema obsceno e anónimo, que todos achavam ser da autoria de Lorde Rochester, pelo que tinha motivos para estar ressentida. – Engenho! Se falar de brinquedos sexuais e passarinhas, que me dizem ser um nome dado às partes femininas, fosse engenho, então seriam mais engenhosos do que todos os atores do teatro do rei!

Frances, ainda a habituar-se aos costumes da corte, debatia-se entre o choque de ver mulheres nobres a falarem de tais coisas e um estranho orgulho por ter sido incluída numa conversa tão ousada.

– Têm-lhe envenenado os ouvidos – sugeriu Catherine Boynton. – Disseram-lhe que o seu avô, o rei James, escolhia quem queria ter na sua cama, pelo que ele deveria fazer o mesmo.

Frances corou muitíssimo e olhou de relance para Mall, recordando

que o pai dela, o duque de Buckingham, quem, a dada altura, segundo diziam os rumores, fora o objeto da paixão do rei James.

– Dizem-lhe que, a menos que se imponha à rainha Catarina e a faça ceder à sua vontade, ela será tão autoritária como a mãe dele e que só ele sairá a perder – acrescentou Cary.

Ao lembrar-se da quantidade de vezes que vira Henriqueta Maria discutir com o filho, aquilo fazia algum sentido. Pobre Catarina, obrigada a sofrer pelo facto de a sogra ter tanta vontade de dominar.

– E fazem-no ver que o rei Luís de França não vive constrangido por noções de fidelidade à sua rainha, exibindo as amantes onde muito bem lhe parece.

– E o rei de Espanha também – contribuiu Lady Scroope, que assentia com a cabeça. – Sim, estes engenhosos persuadem o rei de que a virtude não tem valor e de que terá de fazer como os outros reis, não vão eles tê-lo em menor consideração.

O silêncio instalou-se enquanto todas ponderavam sobre o destino de esposas fiéis por oposição a amantes imorais mais cativantes.

Foram distraídas dos pensamentos tristonhos pela chegada do gentil-homem da câmara, que as informou de que haviam recebido uma encomenda muito grande e queria saber onde deveria ser colocada.

Lady Suffolk, na qualidade de camareira-mor, foi consultada, após o que o imenso volume foi levado pelas grandes escadarias até aos aposentos da rainha.

– Mas o que é? – quis saber a pequena rainha, ao lado do embrulho, que era da sua altura. Olhou para as suas aias com um sorriso envergonhado. – Abrimo-lo?

Entre risos, todas se lançaram ao papel ceroso que o envolvia. Por baixo encontraram uma camada de lona, presa com uma corda tão grossa que a pequena tesoura que Lady Suffolk tinha à cintura não era suficientemente forte para a cortar.

– Uma faca! Vá à cozinha buscar uma faca, Mistress Frazier – ordenou.

Cary Frazier obedeceu com muita relutância, demorando tanto tempo

que, quando regressou, as restantes já tinham desfeito o embrulho quase por completo, revelando um espelho com uma esplêndida moldura dourada, de forma oval e quase com um metro e oitenta de altura, com rosas a adornar os rebordos.

– Mas que lindo é! – exclamou a rainha. – E de onde vem?

Ninguém sabia.

– Talvez seja uma surpresa do seu marido, Vossa Majestade – sugeriu Jane La Garde, esperançosa.

– Julgo que me teria dito – respondeu a rainha, enquanto as damas se divertiam a encostar o grande espelho à parede e se riam ao admirarem-se, com as mais jovens a fazerem poses à vez.

– Venham, vamos perguntar-lhe.

A rainha, Jane e vários pajens foram em busca do rei.

– Espelho meu, espelho meu – riu-se Cary Frazier, sempre a mais espevitada do grupo. – Quem é mais bela do que eu?

– Eu.

Todas se voltaram, deparando-se com uma dama de olhos violeta que as fitava com uma expressão arrojada e divertida.

A sua pele era de uma brancura resplandecente que competia com a da estátua de Ísis dos jardins e os seus lábios vermelhos formavam um botão de rosa provocante. Usava um vestido largo de seda âmbar, tão decotado que lhe revelava os ombros, os folhos do camiseiro e a sugestão de uma combinação sedutora, como se acabasse, àquela hora tardia, de se levantar da cama.

– Barbara! – sussurrou Mall num tom de censura. – O que está a fazer nos aposentos da rainha?

– Dado que serei uma camareira da rainha – replicou a dama com insolência –, em que outro local haveria de estar?

– No inferno – respondeu Mall num sussurro furioso. – Ou morta num monte de excrementos, como Jane Shore, a amásia do rei Eduardo, como merece.

– Ainda bem que é minha prima, Mary Villiers, caso contrário, seria a senhora que acabaria nesse monte de excrementos, atente no que lhe

digo.

Com um brusco ruge-ruge de seda, Barbara virou-lhes costas, fazendo apenas uma breve pausa junto à porta.

– Minhas senhoras, creio que ficarão a saber que esse espelho se destina apenas a mim. O rei sugeriu que o colocasse junto à cama. – Um sorriso trocista iluminou-lhe as feições encantadoras. – Não será necessário explicar-vos porquê.

Fechou a porta, deixando um pesado e escandalizado silêncio atrás de si.

– Aquela – disse Mall, quase a cuspir as palavras – era a condessa de Castlemaine. Seduzida aos dezasseis anos sem nunca se arrepender. Dizem que conhece todos os truques do bordel e os executa a todos para manter o rei a comer-lhe da mão.

Frances tinha noção de que não deveria revelar a sua ignorância perguntando que truques poderiam ser esses. Sendo uma jovem destinada a uma corte afamada pela sua licenciosidade, a mãe de facto falara-lhe das mais primárias propensões dos cavalheiros. Contudo, tais homilias haviam-se referido sobretudo a *travar* comportamentos indecorosos de qualquer cavalheiro, enquanto as alegadas habilidades e talentos de Lady Castlemaine pareciam, pelo contrário, tender a encorajá-los.

– Lady Castlemaine foi realmente nomeada camareira da rainha? – perguntou ela no dia seguinte, em voz baixa, enquanto se dirigiam para o salão principal, onde seria servido o jantar.

Houvera queixas entre as damas de companhia, suscitadas não apenas pelo rumor de Barbara se ir juntar ao grupo, mas também pelas notícias de que, numa tentativa de economizar, a comida servida na mesa das aias seria reduzida a uns meros sete pratos ao jantar e à ceia. O escândalo era que já não haveria mais do que rosbife e cordeiro, ganso ou galinha, tarte de caça, cozido de coelho ou cabrito, e que só seria servida uma única tarte doce a ser empurrada com vinho da Gasconha!

Frances, habituada a tempos de maior escassez, considerava aquilo um festim grandioso, mas Cary Frazier e Catherine Boynton

reclamavam bem alto devido à horrível falta de opções.

«Deveriam ter estado connosco em França!», tinha ela vontade de gritar. «Então saberiam o que é ter barriga de fome!»

Contudo, estava ciente de que os apoiantes da causa real haviam sofrido de outras formas. A sua mãe explicara-lhe o cenário negro. Os homens jovens tinham morrido em batalha, mas as jovens também tinham sofrido. Sem pais – mortos ou banidos – e sem esperança de terem um dote, o casamento não era opção a que muitas pudessem aspirar. E, sem a proteção da família, algumas haviam cedido a ligações extra-maritais – como Barbara Castlemaine fizera aos dezasseis anos – e descoberto que o caminho do prazer era perigosamente sedutor.

Ocorreu-lhe que não se encontrava numa situação muito distinta. Nenhum nobre se casaria consigo, a menos que ela pudesse oferecer-lhe valores ou terras, e ela não tinha nem uns nem outras. Ver-se-ia ela também tentada pelo papel de amante em vez de esposa?

A rainha chegara e dirigia-se, seguida pela condessa de Suffolk, para a mesa real, colocada num palanque ao fundo da sala.

Frances ficara chocada pelo facto de, em Hampton Court, que mais parecia um refúgio privado, ao contrário da residência oficial de Whitehall, ser comum os súbditos do rei irem observar a família real a jantar, como se se tratasse de uma nova peça a ser comentada para entretenimento do público.

No final da refeição, a rainha anunciou que, como estava um dia ameno, gostaria de ir até à beira-rio. O rei sorriu.

– Como me agradaria acompanhá-la. A propósito, querida esposa... – fez-se silêncio quando ele lhe passou uma folha de papel – ... aqui está a lista de aias para os seus aposentos. Nada terá de fazer. O chanceler trata de tudo.

Era óbvio que esperava que a rainha passasse a lista a uma das suas damas de companhia, mas Catarina reteve-a.

– Uma pena, por favor – pediu, levantando-se e endireitando-se por completo, ainda que não lhe fosse possível ficar muito alta. No entanto, de pé, naquela sala cheia de desconhecidos, todos eles cientes da

importância da lista que lhe fora passada, revelava uma certa dignidade tranquila.

Um gentil-homem da câmara entregou-lhe uma pena, a ofegar pelo esforço que fizera para a obter rapidamente.

– Obrigada – agradeceu Catarina com um sorriso, antes de voltar a fitar a página até encontrar o nome da condessa de Castlemaine.

Então, evocando tudo o que sabia ser-lhe devido como princesa real por direito próprio, riscou-o com um floreado.

Frances conteve uma exclamação, secretamente encantada por a rainha estar a marcar posição contra o poder insidioso da sua rival. Corriam rumores de que a mãe da rainha Catarina a aconselhara a nunca entrar numa divisão em que Barbara se encontrasse e muito menos a aceitá-la como membro importante do seu séquito.

– Coitada – murmurou Mall a Frances. – Julga que venceu a batalha. Mas não conhece a inimiga. É como atirar um cordeiro a um leão.

Para Frances, foi doloroso assistir aos dias que se seguiram. Estava convencida de que a rainha tinha a razão do seu lado, mas, à medida que observou a forma como a batalha progredia, apercebeu-se de que, tal como um marinheiro é capaz de se orientar pelas estrelas sem mapa ou bússola, Barbara lia todos os pensamentos e fraquezas da mente do rei.

Barbara começou a ser vista a deambular pelo palácio com os dois filhos – o que era caso raro, já que costumava deixá-los com a ama.

– Já reparou que ela se mostra como se fosse a mulher injustiçada? – sussurrou Frances a Jane La Garde, tão impressionada como indignada. – Desde que o marido a deixou... e não foi sem tempo, depois de tudo o que o coitado teve de tolerar... exige a lealdade do rei. E ele diz que lhe destruiu a reputação, pelo que se vê agora na obrigação de a proteger! Sem pensar nos pecados cometidos contra a rainha!

Frances, bem como o resto da corte, considerava difícil perceber as ações do rei. Parecia tão tolerante e gentil – até ser encostado à parede e forçado a escolher. Até a sua querida irmã Minette lhe escreveu, dizendo que tal comportamento era censurável.

Não obstante, o rei insistia em considerar a sua atitude honrada ao apoiar Barbara na sua querela com a rainha.

– Só porque é mesmo o que ele *quer* fazer – murmurava Catarina, e Frances via-se forçada a concordar.

O rei continuava a evitar a rainha e tratava os cortesãos com rispidez. Corriam rumores de que escrevera ao chanceler, Edward Hyde, que recentemente recebera o título de conde de Clarendon, rogando-lhe, em termos muito fortes, que fosse a Hampton Court e obrigasse a rainha a ceder.

Este fez o melhor que pôde, explicando a Catarina que os reis tinham amantes e que as suas esposas aceitavam esse facto.

– Na verdade – dissera-lhe o chanceler, compreensivo mas realista –, houve uma altura em que o rei de Espanha tinha quatro amantes em simultâneo, a quem preferia à sua esposa!

Catarina mantinha-se inflexível.

As aias andavam em pés de lã, sussurrando acerca do que aconteceria se a rainha se recusasse a ceder. Iria realmente regressar a casa, conforme insistia que faria? E, se o fizesse, que destino as aguardaria?

As semanas iam-se arrastando, com o ar sombrio de Hampton Court a contrastar com o tempo maravilhoso no exterior. Rosas desabrochavam. Cotovias sobrevoavam os jardins. Cada vez mais cortesãos abandonavam Catarina, vendo que o seu poder era insignificante. A pequena rainha espreitava pela janela, vendo algumas das suas aias a brincar à cebra-cega entre as filas de limeiras do parque. Frances não se encontrava entre elas. Na verdade, censurava as outras por abandonarem a sua senhora.

Concluía que o rei só poderia ter um coração empedernido para tratar assim a sua rainha. Contudo, como as ações que ele tomaria no dia seguinte demonstrariam, Carlos não era um homem fácil de decifrar. Pois também era capaz de grande bondade.

Uma bebé recém-nascida foi encontrada entre os arbustos do jardim privado e, dada a compleição morena da criança, dedos acusadores apontavam para as aias portuguesas da rainha, capazes de disfarçar uma

gravidez com as grandes anquinhas que usavam.

Contudo, nenhuma delas confessava ser a mãe.

– Por uma vez, não poderá ser minha filha – comentou jocosamente o rei. – Pois não tive contacto algum com a mãe.

– A menos que Lady Castlemaine a tenha deixado cair sem se dar conta – sussurrou Mall entre dentes.

– Nem ela poderia ter duas em tão pouco tempo. A criança terá de ser mandada embora desde já – anunciou a condessa de Suffolk. – E entregue a alguma pobre camponesa que a eduque segundo os preceitos do trabalho honesto.

O rei ficou com um ar angustiado.

– Quando não há dúvida de que é a bastarda de um dos meus cortesãos... Não, a criança deve ter um começo de vida melhor do que esse.

Levou a mão ao bolso, de onde tirou muitas moedas.

– Diga-lhes que a eduquem como uma dama e que lhe chamem Lisboa. Poderá ser o prenúncio do nosso futuro feliz.

Embora não houvesse ainda qualquer sinal desse futuro feliz, o rei decidiu que estava na altura de levar a sua noiva a conhecer Londres.

Na verdade, mal falaram. A população da capital, desconhecedora da crise que se apoderara do casal real, e desejosa de ver a nova rainha pela primeira vez, pejava as embarcações disponíveis do rio. Mais de dez mil batéis, grandes e pequenos, encheram o rio até a água deixar de ser visível e o Tamisa se assemelhar a uma cidade de madeira feita de barcos.

Carlos e Catarina, ainda desavindos, chegaram por fim a bordo de uma embarcação antiga, sentados à sombra de uma cúpula de ouro, rodeados por pilares coríntios ornamentados com grinaldas que se agitavam sob os ventos fortes, e os grandes canhões foram disparados quando aterraram junto às escadas de Whitehall, ao som de trombetas, dando-lhes as boas-vindas.

Do terraço do pavilhão de banquetes, Barbara Castlemaine, ainda no traje de montar que vestira para cavalgar a galope até Londres,

observava a chegada do casal com um ar triunfante. As penas de um azul e amarelo extravagante oscilavam no seu chapéu de cavaleiro e um sorriso de vitória iluminava-lhe as feições lindíssimas.

E, sob o olhar expectante de Frances, deu-se uma estranha ocorrência.

A rainha Catarina, sentindo a falta do afeto do marido e ciente de que a frieza que se instalara entre eles não era modo de conseguir um herdeiro, que haveria de ser a sua melhor arma contra Barbara, decidiu de súbito aceitar publicamente a rival.

Nessa noite, durante a ceia, em vez de a presentear com o habitual desprezo, a rainha abordou-a diretamente e perguntou-lhe como estava.

Disfarçando a surpresa, Barbara respondeu que se encontrava muito bem. Depois de um instante de silêncio, a rainha continuou:

– Consta-me que será minha camareira. Os meus parabéns. Uma dama sozinha, como é o seu caso, deve procurar a proteção que estiver ao seu alcance.

O rei, ao vê-las a conversar, apressou-se a ir ter com elas.

– Vejam só como é simples porem-se de acordo. O que vos apartava não passava de contrariedade feminina.

– É verdade, Vossa Majestade. – Catarina fitou-o por um momento, olhando então de relance para Barbara. – E a contrariedade feminina, ao que sei, é algo a que está muito habituado.

– Co’ a breca! – sussurrou Mall a Frances. – Tem mais espírito do que eu pensava.

Frances teve de admitir que, desse dia em diante, a vida de todos se tornou muito mais simples, embora parte de si sentisse a falta da breve rebelião da rainha.

A rainha-mãe, Henriqueta Maria, regressou de Paris para se instalar em Somerset House, fazendo-se acompanhar pela mãe de Frances, Sophia.

– Ouvi dizer que cheguei numa altura propícia – comentou Sophia Stuart, cumprimentando a filha com um beijo ríspido. – A paz na corte foi finalmente restaurada.

– Julgaria que apoiaria a esposa a desfavor da amante, fosse a que

custo fosse, minha mãe – retorquiu Frances num tom mordaz.

– Oh, não te preocupes. Barbara Castlemaine não tardará a conhecer uma rival à altura – disse Sophia, com um olhar prolongado e impenetrável para a filha.

Havia outro motivo para agitação, a mudança de Somerset House para o palácio de Whitehall, que compensava a falta de elegância com a sua localização no centro da pompa e poderio do rei. Era em Whitehall, na longa galeria de pedra, que muitas das decisões governamentais de Inglaterra eram tomadas. Convenientemente, o palácio também ficava afastado da mãe de Frances.

Agora que tudo no seu lar estava a acomodar-se, Carlos preparou um conjunto de bailes, alguns de máscaras, para que todos andassem contentes. O mais agradável teve lugar na câmara do rei, para celebrar o casamento de mais um dos seus filhos ilegítimos – o recém-enobrecido duque de Monmouth, com Anne Scott, herdeira de grande fortuna. Houve uma ceia e dança e a juventude dos participantes imbuiu a ocasião de uma informalidade deliciosa e invulgar nos eventos da corte.

– Viu a Lady? – silvou Mall, apontando para Barbara. – Está tão carregada de joias que um pirata seria capaz de a saquear! Ninguém deve ter-lhe dito que se tratava de uma ceia simples, mas também é verdade que a Barbara não sabe o que significa «simples».

Contudo, Frances não ouviu a diatribe de Mall.

Entre a multidão feliz que celebrava, bebia e dançava, ela divisara um rosto inesperado – o do duque de Richmond – e, apesar de saber que não devia, o seu coração acelerara-se-lhe no peito como o de um veado assustado.

Olhou em volta para ver se a esposa o acompanhava, mas ele parecia estar sozinho. Frances sabia que ele a vira, pois cumprimentara-a com uma vénia solene quando ela olhara para ele, um sorriso ténue a animar-lhe o rosto bonito, como se recordasse uma memória feliz.

Ela hesitava, sem saber se deveria ir cumprimentá-lo. Mas, antes que se decidisse, foi ele quem se aproximou.

– Mistress Stuart, parece ter sido numa época diferente que nos vimos

em Paris.

– É verdade. E agora temos comida, calor e uma corte alegre.

– E agora é aia da rainha, segundo me consta.

– Sou, de facto. Ausentou-se do campo para nos visitar?

Mall contara-lhe, com algum ressentimento, que ele herdara a casa senhorial de Cobham onde ela vivera com o marido – tio dele – em tempos mais felizes.

– Fui nomeado gentil-homem da câmara e atribuíram-me alojamento perto dos relvados de boliche.

A notícia de ele fazer parte da corte era um choque, pelo que teve de fazer um esforço para proferir as palavras seguintes:

– E encontra-se aqui com a sua esposa, decerto?

Uma sombra toldou-lhe o rosto.

– Ela permanece em Cobham com a bebé. Ainda necessita de repouso.

Saber que ele tinha uma filha destroçava-a. A esposa dele, Elizabeth, segundo soubera, era pouco mais velha do que ela, mas tinha um lar e uma bebé. E tinha-o a ele.

O duque parecia ter pressentido a tensão que se instalara e mudou de assunto.

– Então, tudo é melhor aqui do que na corte francesa?

Ela aproveitou a deixa e respondeu animadamente:

– Sim, tudo é melhor. Apenas sinto a falta da minha pequena potra francesa. Os cavalos da corte do rei são grandes e pesados, próprios para serem montados por homens.

Ele voltou a fazer-lhe uma vénia.

– Terei de partir cedo. Já cumpri os meus deveres e regressarei a Cobham de manhã. Os noivos em breve irão para a cama, creio bem.

– Mas são crianças!

A reacção escandalizada dela fê-lo sorrir.

– Não se apoquente. Beberão o seu leite com vinho, atirarão uma meia e depois irá cada um para a sua cama. Nem o rei aprovaria um ato tão corrupto!

Ela fitou-o, surpreendido com o tom reprovador da voz dele.

– O rei ofende a sua sensibilidade?

Uma expressão de suspeita passou pelos olhos dele, mas em seguida o duque sorriu, concluindo que poderia confiar nela.

– Admiro as qualidades do rei, mas não todas as suas ações. Os que o rodeiam dizem-lhe que pode ter tudo o que quiser. – Interrompeu-se, com o olhar fixo no dela por um instante. – Contudo, nenhum homem pode ter tudo o que quer.

– Nem uma mulher – respondeu ela quase de imediato.

Do outro lado da sala, enquanto os gritos alegres e os risos aumentavam, ela viu que o rei os observava.

Frances fez uma vénia.

– Tenho de ver se precisam dos meus serviços.

Ele repetiu a vénia.

– Adeus, Mistress Stuart.

Depois de ele partir, soaram trombetas e tambores, e todos escoltaram o jovem casal até à cama. A pequena Anne Scott levava a ocasião muito a sério. Tornava-se claro que, quando fosse mais velha, controlaria o casamento. Quanto ao duque de Monmouth, apenas com catorze anos, de caracóis pretos e vestido com rendas e brocados, divertia todos por parecer o rei em miniatura.

Depois de a meia ser atirada, todos voltaram para o piso térreo, onde a festa continuou, com celebrações redobradas. Com o brilho das velas e as rabecas a tocar velhas músicas inglesas, Frances esqueceu a formalidade de ser uma aia da rainha e participou de brincadeiras tão infantis como corridas de sacos ou jogar às escondidas com os anões da rainha e o rapazito mouro que viera para Somerset House na comitiva da rainha. Por fim, deu por si a ser vendada e rodada pelo quarto, a brincar à cabra-cega.

A rir-se, embora estivesse tão exausta que desejava poder ir deitar-se, foi passando as mãos pelos rostos das várias senhoras e cavalheiros, apalpando os contornos em busca de um nariz ou de um queixo familiar – mas sempre em vão. Não estava há tempo suficiente na corte para

reconhecer muitos dos presentes daquela maneira.

Até ao último.

Ainda vendada, deparou-se com uma face com rugas profundas de ambos os lados da boca, sob um bigode estreito, e uma cabeleira generosa, semicoberta com um grande chapéu.

Frances ficou surpresa.

Só um homem podia usar um chapéu enquanto o monarca reinante se encontrasse no mesmo espaço fechado.

E esse homem era o próprio rei.

Capítulo 3



– Vossa Majestade!

Frances tirou a venda e inclinou-se numa vénia.

Carlos limitou-se a rir e a fazê-la levantar-se rapidamente.

– Já ouvi «Vossa Majestade» vezes suficientes durante esta noite para deixar um profeta de cara à banda. E a maioria proferido por um ou outro patife a querer algum favor. – Observou-a com mais atenção. – Com mil demónios, não é a rapariga que fingiu ser minha irmã, na casa de minha mãe, em Colombes? A Minette escreveu-me, dizendo que viria, mas tenho andado algo distraído com esta questão da camareira.

Frances corou, mortificada com a recordação de o ter ludibriado. Ao vê-la tão desconcertada, ele apressou-se a aliviar-lhe o desconforto:

– Obra da Mall, se bem me lembro. Sempre foi tresloucada. Todos julgam que corri os maiores perigos na batalha de Worcester, e depois, naquele carvalho. Contudo, não sabem das aventuras em que a louca Mall me meteu quando éramos crianças. Ela fez-me subir ao telhado mais alto do paço quando eu tinha apenas oito anos, e amarrar lá o meu lenço a fazer de bandeira de uma conquista pirata. O meu pai gostava muito dela e achava que casar-se com o jovem Herbert poderia acalmá-la, mas o pobre rapaz morreu de varíola. Foi um desenlace mais pacato do que um casamento com a Mall. – Riu-se delicadamente. – Depois casou-a com o meu primo James, o duque de Richmond, um soldado verdadeiramente leal ao meu pai, com quem ela passou muitos anos

felizes. – E, depois, para surpresa de Frances, acrescentou: – Embora muitos julguem que terá sido ao meu primo, o príncipe Rupert, que ela entregou deveras o coração.

Ao ver a reação de Frances, ele fez uma mesura profunda.

– Mas talvez revele demasiado do que será melhor esquecer. Agora lembro-me bem de si. Era a donzela com frieiras! Estão melhor, agora que está de regresso a casa, em Inglaterra?

– Com certeza, desapareceram por completo!

Ele suspirou.

– Se fosse tão simples resolver todos os nossos problemas... – Recuperou o ar jubiloso habitual. – Já que está melhor, acompanha-me numa dança? Agradar-me-ia dançar, por uma vez, com uma dama que não tenha de falar para o meu ombro.

Sem lhe dar oportunidade de responder, o rei já a levava para o meio de casais que se moviam ruidosamente pela sala, encorajados pelos outros convidados, que batiam com os pés e lhes gritavam.

– Não me diga que prefere o *courante* ou o *branle*⁴? – gritou Carlos. – O meu primo Luís prefere ser formal e protocolar, para além de mostrar o refinamento da sua perna. A mim agrada-me algo mais animado. – Ia fazendo com que Frances corresse com ele de um lado para o outro da sala. – Para mim, estas danças são o melhor de Inglaterra! Conhece esta cançoneta? Chamam-lhe «Cuckolds All Awry»⁵.

Antes que tivesse tempo de comentar que se tratava de uma escolha muito apropriada, apercebeu-se de um olhar furioso que a fitava do outro lado da sala iluminada por velas. Pertencia à condessa de Castlemaine.

Frances ergueu o rosto.

– Lady Castlemaine não aprecia dançar?

O rei riu-se.

– Ao som de uma música como esta, não. Não tem qualquer prurido em enganar o marido, mas nunca acederia a dançar esta música.

Frances fitou-o. O tom com que falava revelava uma estranha mistura de sentimentos pela sua amante. Afeto relutante; ressentimento pelo

poder que ela detinha sobre ele; orgulho, talvez, pelo desdém com que a dama encarava tudo o que era dito acerca dela.

– Para além disso – comentou, rindo-se do que estava prestes a divulgar –, a Lady está grávida de novo.

Ao ouvir tais palavras, Frances desejou poder libertar-se dos braços dele e fugir. Barbara mal acabara de dar à luz o último bebé! Era tão injusto que a pobre mulher dele não conseguisse conceber, enquanto a amante parecia ser tão fértil quanto uma coelha.

– Queira perdoar-me, Majestade – disse ela, com uma vénia, quando a música chegou ao fim. – Lamento, mas a música provocou-me uma dor de cabeça e terei de me recolher aos meus aposentos.

Carlos respondeu com uma vénia profunda, enquanto o brilho dos seus olhos escuros revelava uma perspicácia surpreendente ao adivinhar o que ela realmente pensava.

– Julgava que todos os Stuarts éramos feitos de material mais rijo. Mas agradeço-lhe, apreciei esta dança.

No meio da algazarra geral, Frances dirigiu-se para a porta. Contudo, se contava esgueirar-se sem atrair mais atenções, enganava-se. Vários olhares curiosos a seguiram, todos a avaliar o tempo que tinha passado nos braços do rei e a calcular como poderiam explorar a situação em seu favor.

– Mistress Stuart, que lhe parecem as minhas *confidantes*? – Cary Frazier, a aia da rainha que mais seguia os preceitos da moda, revirou os pequenos caracóis que tinha junto às orelhas. – A minha cabeleireira demorou uma hora a deixá-los tão perfeitos!

Frances observou o penteado elaborado de Cary, com duas madeixas finas a partirem do risco ao meio, deixando apenas um pequeno caracol no centro da testa. Estavam todas na antecâmara dos aposentos da rainha, esperando que Sua Majestade requisitasse os serviços delas.

– Agradam-me muito, deveras. É mesmo assim que as damas francesas usam o cabelo: com esse anel de cabelo na testa, tal como o seu.

– E os meus brincos, Mistress Stuart. – Catherine Boynton estava a ver-se a um espelho colocado em cima do toucador. – Preferiria ouro ou pérolas, com o meu vestido cor de marfim?

Frances sorriu para si mesma. Desde aquele encontro com o rei que todas pareciam ávidas por saber a sua opinião acerca de ninharias. A forma como se vestia, que, ainda uma semana antes, era alvo de comentários por ser demasiado francesa, tornara-se invejada e até copiada pelas outras damas. Ela sempre preferira a suavidade de um camiseiro sob o vestido, subido, de maneira a revelar uma renda graciosa por cima do decote. O vislumbre de um camiseiro sugeria recato, uma qualidade que nem todas aquelas damas desejavam imitar, tendo contudo um encanto subtil que denotava quem assim se vestisse uma parisiense elegante.

– O que pensa de uma mosca no rosto, Mistress Stuart?

Frances ficou bastante surpreendida ao ser, de um momento para o outro, considerada um árbitro do bom gosto; porém, se a sua opinião iria ser tão solicitada, o melhor seria aproveitar.

– Nunca me agradaram. Manchar o rosto com sóis e luas, ferraduras de boa sorte e coisas do género parece-me de facto uma prática bem estranha. – Ofereceu um sorriso envergonhado ao grupo. – Mas, quando for mais velha, tenciono ter uma carruagem com seis cavalos numa face e um mapa do Órion na outra para disfarçar as rugas!

Jane La Garde tinha estado a escutar em silêncio, como era seu hábito.

– Lady Castlemaine gosta de usar moscas.

– É verdade – interveio Lady Scrope. – Contudo, falta-lhe a frescura da compleição de Mistress Stuart, ainda que seja famosa pela sua beleza... – Interrompeu-se abruptamente.

A condessa de Castlemaine tinha entrado no quarto, sorrateira como um gato, e estava à entrada, a ouvi-las.

– O que me falta em frescura – ronronou a voz de Barbara sem manifestar agressividade –, compenso de sobra com experiência. – Compôs as feições numa espécie de sorriso. – Contudo, tem razão, Lady

Scroope, Mistress Stuart tem uma frescura invulgar. Como uma maçã num pomar banhado pelo orvalho, quase ao alcance da mão.

Frances, confusa, desviou o olhar.

– Essa fruta de ficar com água na boca tem, é claro, um inconveniente. – As outras damas observavam-na com diversos graus de ressentimento, ainda que nenhuma delas se manifestasse. – Por vezes, apodrece no ramo.

E, sem mais, Barbara saiu imperiosamente da antecâmara.

Cary Frazier foi a primeira a recuperar.

– Seria de pensar que era uma deusa grega que se dignara a descer do Monte Olimpo para nos fazer uma visita, a nós, comuns mortais! E o que era aquela vestimenta que ela envergava e que mal lhe cobria a nudez? Ainda bem que a rainha não estava aqui para a ver.

Frances sorriu ao lembrar-se de algo.

– A Mall diz que Lady Castlemaine se veste assim, não por ser uma deusa helénica, mas para disfarçar a forma que perdeu por tanto dar à luz!

Todas se riram, sentindo que parte do poder que tinham se restaurava após a partida de Barbara.

Nos dias seguintes, Frances soube um pouco mais dos problemas que o rei considerava serem mais difíceis de curar do que frieiras. Henriqueta Maria daria um grande festim em Somerset House, onde todas as aias da rainha Catarina seriam necessárias. Eram tantas que nem cabiam na barçaça real. Frances, uma das mais novas, optou por viajar de bote com Jane La Garde. Ainda mal tinham agarrado nos vestidos, sobraçando-os por recearem ensopar o veludo e o tafetá, quando o barqueiro de rosto rubicundo começou a falar com outro remador.

– Ouviste falar dos murmúrios de ontem à noite na cervejaria, por causa deste abençoado imposto do rei? – perguntou.

– Os barqueiros gostam de partilhar as opiniões que têm – sussurrou Jane a Frances –, quer o queiramos, quer não.

– O período de graça do rei acabou, isso é certo – respondeu o outro.
– As gentes de Londres podem ter erguido mastros por ele, mas não

tardarão a querer mandá-los abaixo. Ele só quer saber das amantes, e a *elas* não pede que paguem o fogal, com mil demónios.

– Isso é que é verdade, John, isso é que é verdade.

– E agora que a velha rainha retornou, os papistas hão de entrar pela porta do cavalo, espera só. Aquele traidor do Monck, que trouxe o rei de volta, gostava de o ver a morrer à fome numa jaula pendurada na catedral de São Paulo.

E depois, como se tivesse feito comentários apenas acerca do tempo ou das marés, o barqueiro virou-se para Frances, muito sorridente.

– Onde disseram que queriam ir, minhas senhoras? Que tal uma ida ao Mercado? Fazer umas compras?

– Vamos para Somerset House – replicou ela num tom firme. – Acompanhar a rainha.

Para seu grande espanto, o homem não se mostrou minimamente intimidado. Se isso era uma coisa boa, significando que ele sabia que o rei era tolerante e permitia que se dissesse o que se pensava, ou má, por poder semear sedição sem recear consequências, ela não sabia.

Continuando a sorrir, o barqueiro ajudou Frances a sair do bote para as largas escadas de pedra na margem do rio.

– Digam ao rei que lhe peço que pare de taxar os pobres e obrigue as amantes a ganhar a vida de forma honesta, para que não o distraiam do trabalho *dele*, que é restaurar o bom governo.

– Tenha cuidado, barqueiro – respondeu Frances, corajosa –, não vá a sua língua afiada deixá-lo em apuros!

– Vivemos num país livre, senhora. Ou quererá que regressemos aos tempos do velho Noll, quando irmãos se denunciavam uns aos outros?

Frances encolheu os ombros. Não invejava a tarefa do rei, restaurar o bom governo num país onde todos os homens diziam o que pensavam – e em desacordo entre si – acerca da forma como o governo deveria ser restaurado.

O banquete organizado em Somerset House celebrava o regresso da rainha-mãe.

– Mas houve quem reparasse que também calha no dia da Assunção

da Virgem Abençoada aos céus – sussurrou Jane. – Não é o motivo mais indicado para celebrar num país protestante.

Frances percebia que os barqueiros tinham algumas razões para os receios que sentiam.

Se o rei estava zangado com a mãe por esta fazer ostentação da sua religião, não o mostrou. Frances olhou de relance para ele quando se encontrava do outro lado do grande salão, entre os cortesãos azafamados. Um deles, que Frances reconheceu como sendo o irmão de Mall, o duque de Buckingham, dirigiu-se a elas.

– Mistress Stuart – cumprimentou-a com entusiasmo –, a minha irmã disse-me que viria noutro barco.

– É verdade, e foi uma viagem muito interessante. Esperávamos uma simples passagem até Somerset House, mas acabámos por ficar a saber como correm os ventos por entre a população.

– Não foram incomodadas por um daqueles barqueiros sediciosos, espero? – O duque sorriu, mas o seu sorriso era o de um lagarto prestes a desenrolar a língua pegajosa para apanhar um inseto. – Eu pendurava-os a todos na ponte de Londres, para dar o exemplo. Os Franceses espantam-se por permitirmos que os barqueiros se nos dirijam como se fossem nossos iguais e nós tivéssemos de ouvir as suas opiniões sobre o estado na nação enquanto eles remam pelo rio. É um mundo virado do avesso.

– Então, George. – O rei tinha-se aproximado, com o ministro, Lorde Arlington, a segui-lo; este era famoso pelo emplastro negro que tinha no nariz, sobre um ferimento de batalha, do qual se orgulhava. – Um homem deve poder dizer o que pensa e as consciências sensíveis devem ser respeitadas, caso contrário as recentes tribulações nada nos ensinaram.

– É demasiado generoso, Majestade.

– Prefiro esse defeito ao do orgulho. Vamos, Mistress Stuart, os músicos começam a tocar. – Apontou para a galeria acima deles, onde dez ou doze músicos afinavam os instrumentos. – Dançará comigo?

Frances hesitou, relutante quanto a atrair as atenções passado tão

pouco tempo após terem sido vistos juntos.

– Não se proteja com falsas modéstias – acrescentou o rei. – Todos comentaram que Mistress Stuart dança muito bem, quando bailámos ao som daquelas músicas do campo.

Frances ergueu o queixo, indignada.

– Abomino falsas modéstias, Majestade. Pergunto-me apenas se não poderá dar azo a falatórios.

Carlos encolheu os ombros.

– Deixá-los falar! A minha esposa sabe que a senhora é uma flor inocente e Lady Castlemaine encontra-se indisposta. – Inclinou-se para ela. – Há quem diga que está com Henry Jermyn, sobrinho de Lorde St. Alban, um cavalheiro muito simpático. – Ela viu a sombra de um sorriso trocista nos olhos dele. – Em todos os sentidos, é bem mais gracioso do que eu.

– Como pode falar assim acerca de uma dama que admite amar e que é mãe de dois dos seus filhos? – insurgiu-se Frances sem refletir. – Peço desculpa, Majestade. Não deveria ser tão arrojada.

– Por favor, não se acanhe. – O sorriso de Carlos crescia. – Há tão poucas pessoas que digam a verdade a um rei que ouvi-la é como beber água fresca de uma fonte num dia abrasador. Temos um entendimento, eu e Lady Castlemaine, mas não lhe chamaria amor. Somos terra e ar, fogo e água, opostos mas complementares. O amor, segundo me dizem, é algo mais delicado.

– Vossa Majestade não o conhece por si mesmo?

– É verdade, Mistress Stuart, não conheço. – Riu-se com amargura. – Não é uma coisa invulgar num homem de quem se diz ter tido dezassete amantes durante os seus anos de exílio? Dizem que o amor nos faz preocupar mais com o ser amado do que connosco e isso, lamento admitir, não é algo que eu reconheça. Exceto, talvez, em relação à minha irmã Minette. – Os seus olhos chisparam como chuva a cair sobre brasas. – Contudo, talvez seja possível mudar um homem.

Frances sentiu que a sua pele ganhava um desagradável tom vermelho e teve vontade de agarrar nas saias e fugir. Todavia, sabia que todos os

olhares os seguiam.

– Boa noite, Vossa Majestade. Vejo que o duque de Buckingham tenta chamar-lhe a atenção.

Afastou-se com passos ligeiros mas comedidos, com a mente num turbilhão doloroso, abrindo caminho por entre a multidão curiosa até chegar à penumbra de um corredor. Ao encostar-se ao calor da madeira, soltou um suspiro.

– Que cena comovente, doce Mistress Stuart. – O roçar de seda e uma lufada de perfume estonteante anunciavam que Barbara Castlemaine recuperara da indisposição que a acometera e que agradeceria o festim com a sua presença, afinal. – O rei é um cortejador experiente. Aproveite o favor que lhe dedica. Pode obter grandes coisas. Mas não se convença de que é de amor que se trata.

Antes que Frances tivesse sequer tempo de responder, o irmão de Mall, o duque de Buckingham, surgiu a seu lado.

– Não dê ouvidos à nossa querida prima Barbara, que tem um interesse próprio a defender nesta questão. A Mall disse-me que aprecia truques de cartas e eu gostaria de lhe mostrar um que aprendi em Itália. Creio que lhe agradará.

Com um sorriso malicioso dirigido a Barbara, colocou a mão de Frances no seu braço e afastou-a dali.

Frances guardou a opinião para si mesma, mas não confiava mais no duque de Buckingham do que na condessa de Castlemaine.

Toda a corte a julgava uma simplória a quem bastaria um sorriso do rei ou um truque infantil para perder a cabeça. Pois que o pensassem. Ela tomaria o seu tempo e veria por que caminho desejava seguir. Por ora, ainda não sabia. Contudo, havia algo sobre o qual tinha a certeza. Não tencionava ser um brinquedo para qualquer pessoa nem um engodo para as ambições de outra.

A força da sua determinação seria posta à prova mais cedo do que esperava.

Menos de dois dias depois, enquanto Frances cuidava das suas

abluções matinais, Jane La Garde entrou de súbito na sua câmara, sem sequer se deter para bater à porta.

– Mistress Stuart! – disse, muito afogueada por ter subido as escadas a correr. – O mensageiro do rei encontra-se lá em baixo. Pergunta se reparou no belo dia que está hoje e, dado que lhe consta que a senhora é uma excelente cavaleira, se teria a gentileza de o passar com ele?

Depois de proferir o extenso convite, quase se dobrou sobre si mesma, a ofegar.

Frances pensou muito depressa. Não poderia recusar tal convite sem um motivo muito bom.

– Diga ao mensageiro que me sinto honrada, mas que demoraria tanto a preparar-me que o dia ficaria arruinado e não desejo privá-lo de o apreciar.

– Frances! – arquejou Jane. – Está a rejeitar o rei?

Frances entreteve-se com a renda do seu camiseiro.

– Claro que não. Já são oito horas e eu ainda agora me levantei. Demoraria pelo menos uma hora a arranjar-me.

Jane olhou para ela de soslaio, ciente de quão lesta Frances conseguia ser quando assim o desejava.

– Ainda bem que ele não convidou a Cary Frazier. Ela não ficaria pronta nem amanhã de manhã.

Frances ignorou o tom jocoso da voz da amiga.

– Já há pão para o desjejum?

– Vou procurar um criado e perguntar-lhe. É melhor dar início às suas abluções, dado que demora tanto tempo a terminá-las.

Contudo, Frances ainda mal despira o camiseiro quando ouviu nova batida na porta. Ali estava Jane, tentando conter o riso.

– O mensageiro do rei regressou. O rei ordena-lhe que dispense as abluções prolongadas. Parece que a sua beleza brilha o suficiente sem artifícios acrescidos.

– Oh, céus. – Desta feita, Frances riu-se com a amiga. – Nesse caso, é melhor chamar uma criada para que me prepare o fato de montar.

Quinze minutos depois, Frances desceu a escadaria da galeria privada

até ao átrio do palácio de Whitehall. O fato de montar, desempoeirado à pressa pela criada, não fora confeccionado em Paris, como muitos dos seus vestidos, nem sequer era de influência francesa. Até os sobranceiros Franceses sabiam que, no que respeitava a fatos de montar, não havia outro que fosse mais elegante e correto do que o inglês.

Tal como ditava a moda, o fato de Frances tinha linhas masculinas em brocado âmbar, com pespontos dourados, embelezado com laços azuis-turquesa no pescoço e nas mangas e rematado com folhos no peito. As damas mais ousadas davam primazia a bragas de pernas muito largas, mas Frances preferia a elegância de uma saia de cetim cinzento-rosado e luvas de montar contornadas com rosetas de couro de um cinzento muito pálido. Para completar o conjunto, o seu bicornio tinha três garridas penas de avestruz em tons de âmbar, dourado e cinzento.

O criado sorriu ao ajudá-la a subir para o estrado de onde montaria o cavalo. Ela esperou que lhe trouxessem o cavalo habitual, um baio plácido, famoso por ser capaz de encontrar o caminho de regresso a casa independentemente da distância a que se encontrasse.

Pouco depois, o cavaleiro saiu dos estábulos a conduzir uma égua preta de andar gracioso, com fitas vermelhas presas à crina lustrosa.

– Um cavaleiro veio entregá-la ontem.

– Mas eu nunca poderia aceitar uma prenda tão generosa – protestou Frances, com o coração muito acelerado.

– O cavaleiro previu que diria isso – replicou o cavaleiro com um sorriso. – E pediu-me que lhe garantisse que não passa de um empréstimo. A égua pertence à irmã dele, mas é demasiado arisca para ela. Ele roga-lhe que a adestre de forma a que seja uma montada adequada a uma dama, ao que irmã dele lhe ficará eternamente grata.

– Ficará, deveras?

Frances abanou a cabeça, ainda sem saber se deveria aceitar.

– Se não ficar com ela... – o cavaleiro já estava com um sorriso de orelha a orelha – ... ele disse-me para a informar que a égua terá de ser vendida a um mercador da cidade, que a quer para a filha gorda montar.

Frances desatou a rir.

– Bem, não podemos permitir que isso aconteça, pois não? – Montou a sela amazona, detetando o temperamento nervoso da égua. – Não se dariam bem, de todo.

– Sua Majestade encontrar-se-á consigo em Hyde Park – anunciou o cavaleiro. – Devo levá-la até lá.

O homem montou o seu cavalo e colocou-se à frente dela, saindo do átrio e passando pela casa de banquetes, diante da qual um conjunto de soldados se exercitava no campo de treinos, após o que atravessaram a avenida das gaiolas, onde casuares e papagaios papagueavam.

Hyde Park continha muita gente, num dia tão agradável, tendo sido reaberto ao público pelo rei aquando da restauração, imitando a ação do seu avô, James I, quando o inaugurara. Passaram pelo ringue, onde a alta sociedade adorava ir, exibindo-se e às suas belas roupagens, despertando invejas em amigos e vizinhos, mas era demasiado cedo para uma frequência tão augusta. As damas estariam ainda, sem dúvida, a languescer nas suas antecâmaras ou quartos com uma chávena de chocolate, enquanto os homens ainda se debateriam com dores de cabeça enquanto tentavam não pensar no que teriam perdido na noite anterior num jogo de cartas ou de dados.

– Não parece uma manhã no Éden, Mistress Stuart? – Frances virou-se e viu que o rei, a cavalo, se aproximava dela, com as plumas do chapéu a oscilar sob a brisa acentuada. – Num dia destes, não olharia Deus para o mundo que criou, considerando-o bom?

– Com certeza. E encontraria consolo por todos os dias em que não é assim tão bom.

– Terá havido muitos, nos últimos anos. Como é óbvio, julgo que Deus apoia a causa real – comentou, atirando a cabeça para trás numa gargalhada.

Ele já se encontrava ao lado dela. De relance, Frances divisou um grupo de cortesãos que se tinha mantido a uma distância apropriada, decerto seguindo as ordens do rei. A notícia de ele ter ido passear a cavalo naquela manhã na sua companhia espalhar-se-ia pela corte como fogo num mato antes de regressarem.

– Aprecia a vida em Whitehall, ou anseia ainda pelas alegrias de Paris?

– Aprecio muito a vida aqui. Contudo, sinto a falta da minha irmã e do meu irmão. E do meu pai. Mas, pelo menos, a minha mãe também se encontra em Londres.

– Eu também sinto a falta da minha irmã. Para mim, a Minette é a pessoa mais importante do mundo. – Piscou o olho. – Claro que agora tenho mais uma irmã, a duquesa de York, que casou com o meu irmão, mas não é possível compará-las.

Frances recordava-se do escândalo que rodeara o casamento de James, o irmão do rei. James casara-se em segredo com Anne Hyde, a filha do chanceler, que engravidara, após o que tentara, de forma muito pouco graciosa, repudiar o casamento, seguindo o conselho de amigos. Só uma voz se erguera a favor da pobre mulher, segundo se dizia, e essa voz fora a do rei, que até a visitara durante o período de confinamento da gravidez, para pôr fim aos rumores.

– Ouvi dizer que Vossa Majestade foi carinhoso para com a dama.

– Sim. Se há homem que não tolero, é o hipócrita. Tive de lembrar ao meu irmão que temos de nos deitar na cama que fazemos.

Frances desatou a rir.

– Sou assim tão cómico? Se sim, não foi intencional. – Esboçou um sorriso triste. – Pretendia mostrar-lhe o que de melhor tenho!

– E assim fez. Contudo, recordou-me a minha velha ama, que tinha um provérbio para cada ocasião. «Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.» «Quem vê caras não vê corações.» «Entre marido e mulher...»

Frances engasgou-se e calou-se, apercebendo-se de como era infeliz a escolha daquele ditado da ama. Contudo, o rei parecia rir-se ainda mais.

– Gostaria de conhecer essa moralista tão ferrenha. Aposto que teríamos muito em comum.

A ideia de a sua ama e um monarca com a reputação de Carlos poderem ter semelhanças era tão improvável que Frances soltou uma risada.

– Não me parece, Vossa Majestade. A minha ama tem uma mentalidade algo tacanha.

– Então eu poderia ajudá-la a alargar os horizontes, enquanto ela tentaria reencaminhar-me para o caminho da virtude.

– Não estará demasiado desviado para isso, Majestade?

Carlos abanou a cabeça.

– Percebo que formou uma bela ideia a meu respeito, vivendo na casa de minha mãe.

Já tinham avançado o suficiente para verem o pomar ao fundo do parque.

– Tem uma bela égua – elogiou o rei.

Frances corou.

– Estou a treiná-la para uma amiga.

– Gosta de galopar? – perguntou-lhe o rei, já a esporar o cavalo.

Frances seguiu-o.

– É a melhor sensação do mundo.

– Não será a melhor, mas é muito boa!

Enquanto o sol refulgia no céu da manhã, percorreram os campos verdes que rodeavam o parque, espantando veados e um faisão que desatou a esvoaçar e a grasnar, assustado.

– E a sua esposa, Majestade? – perguntou ela deliberadamente, assim que recuperou o fôlego. – Agrada-lhe a nova vida aqui?

– Creio que sim, agora que todas aquelas medonhas criaturas portuguesas regressaram à pátria. Venha. – Agarrou-lhe nas rédeas e virou os cavalos, compreendendo por que motivo ela fizera aquela pergunta. Frances ficou surpreendida com a forma dócil com que a égua obedecia ao toque dele. – A minha mulher é uma dama boa e amável; seguirei a sua alusão e não a magoarei propositadamente. Mas, por ora, a minha barriga já faz barulho, pelo que regressemos. Sei de um sítio onde a tarte de caça é divinal.

E foi assim que Frances Stuart, aos dezasseis anos, comeu pela primeira vez numa taberna londrina, e, para mais, na companhia de um rei.

Partilhando a estalagem com uma dúzia de atónitos trabalhadores de vestes simples, sentaram-se no salão Leg and Bell, na rua apropriadamente nomeada King Street, onde jantaram tarte de caça, cozido de cordeiro e ostras de Essex, enquanto a comitiva real se acomodava no estabelecimento ao lado, mantendo uma distância discreta e respeitadora.

Enquanto regressavam ao palácio de Whitehall, Frances não sabia o que pensar. Desejaria o rei apenas uma amizade jovial consigo? Talvez, dado que a conheceria na companhia da irmã Minette, encontrasse semelhanças entre elas. Talvez a encarasse como uma irmã muito mais nova, com quem pudesse conversar e, por vezes, distrair-se das preocupações do cargo real. Apesar da reputação do rei, o seu comportamento naquela manhã não mostrara qualquer indício de sedução.

O rei despediu-se dela e afastou-se com o seu séquito, ansioso por jogar ténis antes que os assuntos de estado o assoberbassem. Frances sorriu, compadecendo-se do chanceler Hyde, incumbido de tentar fazer com que o rei se concentrasse.

Ao desmontar da égua, pensou em Mall. Esta conhecia o rei e tinha experiência quanto ao comportamento da corte.

Contudo, antes que tivesse tempo de a procurar, a sua mãe surgiu, tendo vindo de Somerset House para a visitar, uma ocasião rara, já que não era dada a demonstrações de afeto. O que também era invulgar era que se encontrasse acompanhada de um homem.

Frances acabava de desmontar quando eles se aproximaram dela. Frances reconheceu o cabelo ruivo e o porte formal de Ludovic Stuart.

– Lembras-te do Seigneur d'Aubigny? – perguntou-lhe a mãe. – Veio de Paris com a rainha-mãe e será o seu esmoler-mor.

– Que bela égua, Mistress Stuart. – Frances percebeu que ele observava a montada com um interesse acrescido. – Na verdade, a minha sobrinha Katherine tem uma muito parecida.

Frances ponderou confessar a verdade, mas decidiu não o fazer. Devia haver muitas éguas negras em Londres. A sua mãe também observava o

animal e o fato de montar da filha.

– Saíste?

– Fui a Hyde Park – respondeu com cautela.

– Ao ringue? É muito cedo para isso. A rainha desejou apanhar ar puro?

– Não fui com a rainha. – Frances hesitava. – Acompanhei o rei.

– Deveras?

Sophia Stuart, veterana de duas cortes – a de Carlos I e a de Luís XIV – ficou algum tempo a avaliar a interessante informação.

Os olhos azuis-claros e translúcidos de Ludovic Stuart semicerraram-se, tornando-se praticamente duas nesgas.

– Tenho de vos deixar, minhas senhoras. Esperam-me assuntos da rainha-mãe.

– Agi mal? – perguntou Frances depois de ele partir. – Tentei recusar, mas ele rejeitou a minha objeção.

Olhava para o rosto da mãe, ávida de algum conselho maternal. Mas a face de Sophia Stuart mantinha uma expressão curiosamente impávida. Talvez a sua própria mãe, ocorreu-lhe com surpresa, fosse igual a todos os outros e estivesse a tentar perceber que vantagens poderiam ser obtidas a partir do interesse do rei.

– Ele não...? – A mãe não completou a pergunta.

Frances virou-lhe costas, zangada.

– Eu não permitiria qualquer comportamento impróprio. É bom que esteja ciente disso. Para mais, ele tratou-me como julgo que trataria a irmã. Na verdade, perguntava-me se não seria realmente ela quem ele desejava ver, e se eu não me limitarei a trazer-lha à memória.

Mistress Stuart assentiu com a cabeça.

– Está bem. Não obstante, tem cuidado. Temos de perceber o que isto significa. Aconselhar-te-ia a evitá-lo sempre que possas e a mostrares-te uma donzela recatada sempre que estiveres na sua companhia.

– Não preciso de conselhos quanto à minha própria conduta, obrigada – ripostou. – De tudo o que se sabe, o que deverá preocupar-nos é a atitude do rei, não a minha. Eu nunca sucumbirei a circunstâncias que

possam acarretar vergonha, quer a mim mesma quer à nossa família.

– Não, com certeza. – Sophia Stuart estendeu uma mão e acariciou-lhe o cabelo, um gesto de afeto tão invulgar que a filha o estranhou. – Contudo, é mais difícil recusar quando são príncipes quem nos acossam. – Fez uma pausa. – Quem me dera que não tivesses admitido o sucedido na presença do Seigneur. Ludovic Stuart tem algo de puritano. É demasiado magro. E tem olhos de águia. Cuidado com ele, tal como com o rei.

E, no entanto, nos dias seguintes, Frances nada viu no rei que não fosse afabilidade. Ele procurava-a, mas apenas para a acompanhar e às outras aias em brincadeiras infantis. Compreendendo que Frances, privada de uma infância normal durante o seu exílio em França, adorava acima de tudo fazer castelos de cartas, jogar às escondidas e escutar anedotas e histórias, ele contava-lhe muitas.

– Que enfado – comentou o conde de Grammont, falando com Lady Castlemaine certa noite, nos encantadores aposentos desta, enquanto todos escutavam o rei a contar a história que já todos sabiam de cor, por tantas vezes a terem ouvido, a da sua fuga após a batalha de Worcester.

– Será este o nosso novo divertimento? Histórias para crianças? Deem-me a dissipação dos velhos tempos.

Barbara riu-se.

– Ah, conde, está zangado porque não estamos a perder para si na mesa de jogo.

O conde de Grammont ganhava a vida a extorquir os mais abastados em todo o género de jogos de cartas – nenhum dos quais implicava que elas fossem usadas para construir castelos.

Ele inclinou-se para sussurrar ao ouvido de Barbara:

– E qual é a verdadeira intenção de Sua Majestade, por trás de toda esta diversão infantil? Essa questão deverá interessá-la mais do que a qualquer outra pessoa.

Lady Castlemaine sorriu com desdém.

– Ah, conde, não me parece que tenha muito a temer de uma criança

assim. Virgens recatadas não são o estilo dele. Se ele lhe encostasse um dedo que fosse, ela desataria a gritar que fora violada e correria para a rainha ou, pior, para a rainha-mãe. Julgo que estou segura.

O conde contraiu os lábios finos e inclinou a cabeça, parecendo uma catatua inquisitiva.

– E a senhora não terá sido em tempos também uma virgem recatada?

– Já não o era quando conheci Sua Majestade. Ele prefere fruta mais madura do que ela.

– E, todavia, tratando-se de uma maçã firme e jovem, não há uma deliciosa alegria em dar-se a primeira dentada?

Os olhos violeta de Bárbara contraíram-se.

– O que está a sugerir ao certo, conde?

– Que trave amizade com esta jovem criança. Se o rei realmente quiser dar a primeira dentada, talvez devesse ser a senhora a oferecer-lha. A gratidão pode ser tão forte quanto o amor. E durar mais tempo. Boa noite, minha senhora – despediu-se o conde, com uma vénia profunda.

Barbara observou-o a segredar com vários grupos de cortesãos enquanto saía, e ficou a refletir na sabedoria das palavras que ele lhe havia dito.

⁴ Géneros de dança do século XVI; o *courante* era uma dança a três tempos, originária da Itália renascentista; já o *branle* tem origens francesas. (N. da T.)

⁵ Esta canção, numa tradução literal «Maridos Enganados Todos do Avesso», conhecida como uma das preferidas de Carlos II, teria como título original «Cuckolds All in a Row» (que poderia ser traduzido como «Maridos Enganados Todos em Fila»). (N. da T.)

Capítulo 4



Durante todo o tempo frio que se fez sentir naquela primavera londrina, Frances aproveitou para conhecer os cantos do palácio de Whitehall e para se familiarizar com os deveres que tinha enquanto aia da rainha.

Lady Suffolk, irritada por Cary Frazier nem sempre parecer estar concentrada no seu trabalho, reuniu-as para lhes recordar em que consistiam tais deveres.

– Ajudarão a rainha a vestir-se, assegurando-se de que as roupas preparadas correspondem às necessidades de Sua Majestade para o dia seguinte; arranjar-lhe-ão o cabelo, garantindo que ela dispõe de todos os acessórios, desde pomada a pinças para enrolar, bem como outros apetrechos. Por vezes esperar-se-á que acompanhem a rainha em público, seja em passeios ou na capela, embora isso esteja, regra geral, reservado às damas mais antigas. – Olhou para Cary. – É por estes serviços, talvez se recordem, que vos é atribuída a *bouge* de corte, todas as despesas relativas a cama, pão, cerveja, vinho, velas e lenha, bem como a remuneração de sessenta libras. Há alguma pergunta?

– Não recebemos uma quantia para roupas? – quis saber Cary, que parecia viver feliz na ignorância de que aquele sermão lhe era dirigido.

– Não, Mistress Frazier, não recebem. Contudo, se tratarem do vosso vestuário com um vendedor ou um mercador de seda, o facto de serem aias da rainha conceder-vos-á valores favoráveis. – Observou o vestido

de Cary, que era de seda cor de cereja, ornamentado com pérolas minúsculas. – Ainda que me pareça que já se serve bem nesse aspeto. Na verdade, até a rainha dificilmente estará mais bem vestida do que a senhora.

Cary enrubesceu e fechou a boca, pois não queria dar por si no lado errado das leis sumptuárias. Era uma simples «Mistress» e só quem ocupasse uma posição bem mais elevada do que a sua tinha de facto permissão para usar roupas tão luxuosas quanto as dela.

Frances depressa percebeu que Whitehall se assemelhava mais a uma aldeia do que a um palácio, e que alojava não só o rei e os seus ministros, mas também inúmeros cortesãos, capelães, damas e nobres, bem como milhares de criados que os serviam.

O governo da Bretanha era decidido na câmara do Conselho e na galeria de pedra, que, sob o jugo de Cromwell, tinham sido privadas de todos os belos quadros que as adornavam; o rei encontrara alguns e tornara a colocá-los nas paredes. Era ali que uma grande multidão de queixosos esperançados aguardava eternidades, todos com o desejo de atrair a atenção do rei.

Sempre que as cortinas de veludo dos aposentos do rei ou do Conselho eram afastadas, aquelas pessoas ajoelhavam-se e aguardavam esperançosamente enquanto o rei avançava a passos rápidos. Poucos obtinham resposta aos seus rogos, sobretudo se tivessem a ver com dinheiro, já que o Tesouro do rei estava tão vazio quanto os bolsos de um pobre, mas muitos eram alvo de sinceros «Deus o abençoe! Deus o abençoe!»

Ao contrário do seu primo Luís, o Rei-Sol, que tinha todos os momentos do dia recheados de rituais elaborados, dizia-se que a corte de Carlos era de uma informalidade quase chocante. O monarca também apreciava ter tempo só para si, mesmo que isso significasse acordar de madrugada para o seu «exercício matinal» de um jogo de ténis ou roubar uma ou duas horas ao seu dia para se dedicar ao *paille-maille*⁶; por vezes, depois de as suas obrigações estarem concluídas (ou em número suficiente para conseguir escapar), até ia com o irmão, o duque de York,

a Battersea, Putney ou Barn Elms, nadar no Tamisa ao pôr do sol.

E depois de tudo isto ceava com a esposa, a rainha Catarina, ou, o que era igualmente frequente, com Barbara Castlemaine, nos aposentos desta junto aos relvados de boliche. Tratava-se de momentos sumptuosos, iluminados por uma centena de velas em nichos e candelabros, com os cortesãos mais atraentes a partilhar a mesa excelente da condessa, antes de todos serem presenteados com jogos, música e dança.

Foi após uma dessas ocasiões, em que o rei tornara a rir-se e a gracejar com Frances, que Barbara se aproximou dela e se sentou a seu lado.

Frances retesou-se, esperando um aviso gélido da espécie que já recebera mas, por algum motivo inexplicável, Barbara limitou-se a sorrir-lhe enquanto ocupava o assento ao lado dela.

– Tenho-a observado com Sua Majestade – começou Barbara num tom baixo e íntimo. – Só a senhora lhe desperta a brandura. É uma bênção para ele... e para todos nós. Ele carrega muitos fardos e deseja contentar todos, ainda que saiba que não o conseguirá. Nenhum rei é capaz de satisfazer as exigências de todos aqueles que ergueram os braços para o defender e também acomodar os homens talentosos que se lhe opunham. E o rei ambiciona alcançar um certo grau de tolerância religiosa! É claro que não dá ouvidos àqueles que lhe dizem que isso será visto como uma cedência feita aos papistas. Ele não me fala dessa dor, mas as rugas do seu rosto aprofundam-se com os problemas que o assolam. Só consigo ele se ri e parece não ter preocupações.

Frances fitava-a, francamente impressionada.

Nunca, desde que chegara a Londres, haviam falado consigo assim, como se ela fosse capaz de compreender. A mãe parecia vê-la somente como uma peça de xadrez para servir as suas próprias ambições. Mall cria-se tão segura acerca de todos os temas que preferia pensar por ambas. Contudo, a amante do rei parecia genuinamente interessada nela. Não obstante, Frances tinha a perspicácia suficiente para encarar a abordagem de Barbara com um ceticismo saudável.

– Fico contente por ser essa a sua opinião, minha senhora. O rei

carrega um fardo muito grande, ao que me parece.

– Subestimam-na, os cortesãos do rei que se consideram tão espertos e sagazes – respondeu Barbara. – Até o meu primo, o duque de Buckingham, que costuma ser muito arguto. – Abarcou o salão resplandecente com o olhar, as mulheres nas suas sedas e tafetás, os homens de veludo e colarinhos de renda. – Dizem que La Belle Stuart só gosta de coisas infantis. Castelos de cartas e cabra-cega. Que nenhuma dama tem mais beleza e menos esperteza do que ela.

Frances ficou boquiaberta perante a acusação e o descaramento de Barbara ao reproduzi-la. Esta, porém, riu-se, ainda que fosse um riso gutural e borbulhante, um riso de cumplicidade e humor genuíno.

– Não se ofenda. Na maior parte dos casos, trata-se de homens estúpidos e mulheres invejosas. Considere-se afortunada, compare isso com o que dizem de mim. – Inclinou-se para Frances e baixou mais a voz. – Sou gananciosa, extravagante e impetuosa. Intimido o rei com as minhas ameaças e birras. Sirvo-me dos truques mais sujos das prostitutas para o vergar aos meus desejos. Até consegui que o chanceler e Mister Evelyn se entendessem: ambos me julgam a maldição da nação!

– E essas insinuações não a enfurecem?

– Minha querida Mistress Stuart, a maior parte corresponde à verdade! – O seu riso tornou a soar, atraindo não poucos olhares fascinados. – Porém, e os benefícios que acarreto, sem qualquer reconhecimento? O rei tem um apetite que uma dama nunca poderia satisfazer, sobretudo tendo sido educada e protegida num convento durante toda a infância, como é o caso da esposa dele. E o rei é como a sua matilha de *spaniels*. Precisa de se exercitar, ou fica melancólico. – Os famosos olhos violeta iluminaram-se, divertidos. – Na verdade, isto ainda não me tinha ocorrido. Não sou uma meretriz que corrompe, sou uma benfeitora nacional!

Frances perscrutou o rosto da infame amante do rei. Esperava considerá-la fria e calculista, mas descobria que ela era mordaz e inteligente. Até o seu vestido alardeava uma individualidade que era apenas dela. A moda da corte favorecia vestidos de cores fortes usados

sobre camiseiros de linho com o colarinho e as mangas a entreverem-se. Barbara Castlemaine escolhera um vestido de cetim cor de canela, embelezado por uma echarpe castanha-dourada, drapeada com festões, presa por fileiras de pérolas cor de bronze. E aquela echarpe era uma característica que nunca dispensava, tendo-as de seda de várias cores, a condizer com todos os vestidos que usava – um toque que era uma espécie de assinatura pessoal.

Contudo, atender à sua aparência era desviar-se da questão principal. Não eram as suas roupas que atraíam os homens como traças à chama de uma vela. Nem sequer a afamada beleza daqueles olhos rasgados e ensonados, ou o apelo daquela boca pequena e cheia, embora tudo isto tivesse algum peso. Era a sua ousadia que os atraía – a impressão de que ela não se importava nem um pouco com a opinião alheia e que faria exatamente aquilo que lhe apetecesse.

Barbara Castlemaine comportava-se como os homens: agarrava o que queria e o resto que se danasse.

Frances Stuart, que tinha bem mais sensatez do que aquela que julgavam, sabia ter todos os motivos para desconfiar da amante do rei e tencionava agir com cautela. E, no entanto, sentia-se mais cativada por Barbara do que esperava. Começava a compreender outra faceta da atração do rei por ela. Lady Castlemaine era uma boa companhia.

– Por minha fé! – O rei divisara-as juntas e aproximava-se, encantado.
– As duas mulheres mais encantadoras da minha corte... na companhia uma da outra? Não deveriam estar a disparar dardos envenenados ou, no mínimo, a fitar-se com olhares mortíferos? As más-línguas encontrarão muito de que falar nesta aliança inusitada.

– Pois que o façam, Majestade, já que as más-línguas encontram sempre um motivo para falar – sorriu Barbara. – Pois nós tencionamos passar mais tempo na companhia uma da outra, não é verdade, Mistress Stuart?

– De bom grado vos acompanharia – ofereceu-se o rei, muito solícito.

– Ah, mas nós, mulheres, precisamos de algum tempo sem homens, mesmo sem reis, para partilharmos os nossos segredos. – Fitou Frances

com uma expressão sardónica, sabendo que as suas palavras eram escandalosas. – Tenho de conhecer o segredo de Mistress Stuart. Como é capaz de roubar o coração de um rei e manter a inocência.

Até o rei pareceu admirar-se.

– Decerto não se trata de um truque que possa usar, minha senhora.

Barbara não se mostrou minimamente ofendida, mas virou o seu olhar de pálpebras carregadas na direção dele.

– Porém, que jogo seria, se eu passasse por inocente e ela por dama retratada!

Visivelmente agitado, o rei permitiu que o seu séquito o afastasse.

– Como consegue falar com ele assim, apesar de estar a gracejar? – quis saber Frances escandalizada, ainda que não o desejasse estar.

Barbara sorriu-lhe, felina.

– O motivo é que somos velhos amigos, eu e o rei, e compreendemo-nos melhor do que ninguém. Há quem julgue que o percebe muito bem, mas isso não é verdade. Somos ambos criaturas de opostos. A diferença entre nós encontra-se no facto de eu *dizer* o que quero, enquanto ele apenas o pensa. Venha, visite-me amanhã e poderemos conhecer-nos melhor.

Frances segurou no seu lenço de gaze de tafetá e avançou por entre os curiosos presentes, procurando outra aia para regressarem juntas aos seus aposentos. Contudo, foi Mall quem lhe barrou o caminho.

– Bem, bem, Mistress Stuart. Vejo que faz amigos em sítios inusitados. Surpreende-me ver o patinho tão disposto a ir visitar a raposa.

Apesar de nutrir carinho pela mulher mais velha, a insinuação incomodou-a.

– Talvez eu seja menos o patinho e ela menos a raposa do que nos julga. Ela compreende o rei como ninguém mais.

Mall esboçou um sorriso trocista.

– Lá isso é verdade. Sobretudo em relação ao mais íntimo. E a Frances inveja esse conhecimento e deseja deter também essa sabedoria. E onde a levaria tal coisa, diga-me?

- Gosto do rei, é só isso. É um homem amável e encantador.
 - É mesmo, e eu sei-o melhor do que muita gente, tendo sido sua companheira de brincadeiras em criança. Porém, no que diz respeito às mulheres, a amizade não é a intenção mais comum do rei.
 - Talvez, então, eu não seja uma mulher comum.
 - Talvez não seja. Eu não permitiria que se magoasse, Frances. O rei não é um tirano cruel e nunca lhe tiraria algo que não lhe desse de livre vontade. Todavia, tenha cuidado com a Castlemaine. Ela tece uma teia e a menina poderá ver-se envolvida numa armadilha de seda.
 - E se eu tencionar tecer algo também?
- Mall encarou-a com uma expressão mais distante do que era habitual.
- Nesse caso, desejo-lhe boa sorte e observarei com interesse a sua urdidura.

Barbara dedicava o mesmo empenho com que se lançara nos seus muitos casos amorosos a conquistar a amizade de Frances.

Esta, por seu turno, tinha perspicácia suficiente para perceber o que a condessa pretendia realmente. E, apesar disso e para sua grande surpresa, tendo em conta que a reputação de Barbara era tão chocante, descobriu que a dama a quem chamavam «a maldição da nação» podia ser uma companheira muitíssimo divertida.

Tinha um dom para organizar festas, oferecendo sempre o melhor vinho e as melhores comidas, bem como os cantores mais melodiosos, e estava sempre a descobrir chefes franceses de pastelaria que produziam delícias capazes de tentar o mais amargurado dos cortesãos. Gostava de ter sempre música a tocar, desde que acordava até ao momento em que se deitava na sua grande cama com uma coberta de «tecido de ouro» e borlas douradas. O seu gosto para o mobiliário era sofisticado e ninguém a ultrapassava no olho que tinha para a arte. Parecia dotada da capacidade de descobrir o local preciso onde obras de arte preciosas, roubadas durante o interregno, se encontrariam, e de as recuperar por metade do que valiam.

- É um quadro do mestre Rembrandt? – maravilhou-se Frances,

quando uma pintura enorme apareceu de repente, para ser pendurada nos aposentos de Barbara.

Ela riu-se, com aquela sua gargalhada gutural, que fazia pensar em vinho do Porto e queijo maturado.

– É, de facto. O Alto Condestável de Norfolk encontrou-o no celeiro de um pequeno proprietário e achou que ficaria melhor nos meus aposentos... desde que pudesse ser ele mesmo a fazer a entrega. Assim aconteceu, ontem à noite, e ele partiu hoje de manhã, bem satisfeito com a troca. – Fixou os seus olhos divertidos em Frances. – Não fique tão escandalizada, Mistress Stuart. Já partilhei o meu leito por razões menos importantes do que esta, asseguro-lhe!

– Mas e o rei?

– Como estou novamente de esperanças, o rei começa a preocupar-se por poder deslocar o infante com a sua verga. – Riu-se a bom rir, enquanto Frances mordida o lábio perante uma referência tão explícita ao membro do rei. – Os homens, mesmo os reis, são muito ignorantes. Qualquer parteira poderia dizer-lhe que isso não acontece, mas eu não o privo das suas ilusões. Para além disso – acrescentou, pendendo um pouco a cabeça para observar Frances –, o interesse dele começa a encontrar-se noutro lugar, ao que me parece.

Frances, compreendendo perfeitamente o que a outra dizia, ergueu o queixo.

– Se assim é, conheço bem a dama e penso que as possibilidades de o rei lhe conquistar a virtude serão escassas.

– Talvez a dama não saiba quão persuasivo Sua Majestade consegue ser.

E, de facto, a campanha do rei para conquistar Frances Stuart foi sedutora e subtil. Todos os dias havia algum divertimento gizado para a entreter e encantar. Máscaras, jogos de cartas, bailes, passeios até à fonte mecânica dos Jardins da Primavera, diante do palácio de Whitehall, e ao teatro. Iam chegando pequenas prendas. Não do género de joias dispendiosas ou faixas de seda que um apaixonado poderia enviar à idolatrada, mas coisas amáveis, que denotavam terem sido pensadas.

Um poleiro para o papagaio, feito de madeira com botões trabalhados, para o qual o pássaro saltou de imediato; um livro de poesia com encadernação de couro; novos baralhos de cartas para que Frances construísse castelos; um falcão da Moscóvia para que ela o treinasse; uma bonita caixa de música feita de vidro.

À medida que as semanas avançavam, o tempo permanecia frio, mas Barbara e Frances estavam quentes e felizes numa carruagem com assentos de veludo, dando voltas ao ringue de Hyde Park.

– Veja, ali está outra carruagem que parou para nos cumprimentar – disse Barbara, com o sobrolho franzido. – Talvez possa ir ver o que querem.

Frances olhou para ela de lado, pois fazia frio lá fora e a carruagem era muito confortável. Contudo, Barbara insistiu.

Por um momento, Frances receou tratar-se de um truque, poder deparar-se com o rei lá dentro e ser levada sabia-se lá para onde. Os seus medos aumentaram enquanto se aproximava, pois todas as janelas estavam cobertas, sem permitirem que se visse o interior obscurecido e os seus ocupantes. Frances estava prestes a virar-se quando uma das proteções das janelas foi subida e revelou a sua irmã Sophia.

– Sophy! – guinchou, aliviada de toda a apreensão. Nas outras janelas surgiram o seu pai e o irmão mais novo, Walter. – Como é isto possível? Não recebi qualquer aviso de que viriam a Londres!

– Frances, viemos para ficar – disse Sophia, muito entusiasmada. – Viveremos em Somerset House e eu serei aia da rainha-mãe! O pai será o seu médico. Foi tudo tratado pelo rei.

Frances olhou para trás, para Lady Castlemaine, que sorria e assentia com a cabeça como uma tia indulgente enquanto Sophia saltava da carruagem. Obviamente, estava a par da surpresa, ainda que Frances não.

– Sophy, estás tão diferente. – Segurou a irmã para a observar. – Eras apenas uma criança quando deixei Paris, mas agora estás uma senhora! Que penteado é esse?

O cabelo de Sophia era um retrato da elegância parisiense, com

caracóis muito mais lassos do que era moda na corte inglesa.

– Chama-se *hurluberlu*!

Sophia abanou a cabeça para Frances lhe admirar os caracóis. Esta também observou o vestido da irmã, que era cintado e tinha laços, e pediu-lhe que lhe mostrasse o comprimento do tecido que arrastava.

– Agora que vou ser uma dama de companhia, posso usar vestidos com um pouco de cauda... pelo menos, na corte francesa. Não sei se aqui o costume é igual.

– Mas estás tão alta!

Sophia riu-se e ergueu um pouco o vestido para mostrar os sapatos brocados e os seus tacões vermelhos, como era moda na corte de Luís.

– Não tanto quanto tu, mesmo com a ajuda destes!

– Então, então, a conversa será só acerca de moda, enquanto eu e o Walter somos ignorados nesta carruagem fria?

O pai abriu a porta e saltou para o solo.

– Oh, estou tão feliz por vos ver a todos – disse Frances, num tom muito alegre. – Já começo a habituar-me aos hábitos da corte inglesa, mas tenho sentido muito a vossa falta!

O pai olhou com uma sobrancelha arqueada para a carruagem de Barbara.

– Parece que fizeste alguns amigos importantes. O rei Luís não ficou lá muito satisfeito por perder a Sophy depois de tu já teres vindo embora, e também dá grande valor às minhas capacidades, mas o rei Carlos insistiu. Parece que és o diamante mais cintilante da sua corte.

Ela esticou-se para o beijar. Ao contrário da ambição desmedida demonstrada pela sua mãe, ela pressentia a preocupação sentida do pai.

Depois olhou para trás, dividida por emoções contraditórias. Claro que se sentia lisonjeada pelo cuidado daquele gesto, e encantada por toda a sua família poder ficar em Londres, mas também estava algo perturbada. Gostava do rei e prezava a sua amizade, mas seria verdade – como Mall insinuava – que a amizade não era verdadeiramente o que ele lhe oferecia?

O pai, parecendo compreender um pouco do que lhe ia pela cabeça,

estendeu os braços.

– Agora estamos aqui, querida, e veremos o que acontece. Não te preocupes. Como poderia algo que nos dá tanto prazer acarretar algo de mau? A rainha-mãe gosta de nós e agora poderemos ver-te. Na verdade – continuou, rindo-se de Sophia, que fitava, com um ar pasmado e invejoso todas as pessoas elegantes que iam passando em carruagens –, será com a tua irmã que teremos de ter cuidado. Londres, receio bem, poderá subir-lhe à cabeça mais depressa do que uma bebida forte. A Sophia já te disse que trouxemos a ama connosco? Ela saberá ajudar-vos a manter os pés bem assentes na terra, com rei ou sem ele. Não a ouves já? – Imitou a voz de uma bruxa velha: – *Grilhões, nem de ouro*.

O riso de Frances espalhou-se, límpido e doce, pelo ar frio.

– Oh, pai, como é bom ter-vos a todos aqui.

Porém, quando Barbara lhe perguntou qual o motivo da gargalhada, ela limitou-se a abanar a cabeça, alegando tratar-se de uma piada de família.

– Fico contente por vê-la feliz. – Barbara estendeu uma mão para a ajudar a voltar a entrar na carruagem. – Decidi que precisamos de um entretenimento para alegrar estes dias maçadores e frios, pelo que preparei uma pequena peça.

– Ai sim? – Frances adorava festas e bailes de máscaras. – E qual é o tema?

– Verá. É uma velha mascarada. Haverá um casamento a fingir, eu serei o noivo e Mistress Stuart será a noiva. Vai ser muito cómico, logo verá.

Na corte, estavam todos habituados àquelas diversões, e apreciavam-nas tanto como assistir a profissionais no teatro. Para surpresa de Frances, descobriu que era igualmente popular – e aceite – que homens se vestissem de mulheres e mulher de homem, em ocasiões como estas. Só uma coisa a intrigava.

– Mas eu sou mais alta do que a senhora. Decerto deveria ser eu a fazer de noivo e a Barbara de noiva!

Esta recostou-se no assento vermelho da carruagem e sorriu com um

ar misterioso.

– Não, não. É a senhora quem tem o brilho da juventude inocente. Se eu fizesse de noiva, haveria assobios e gritos da audiência, dizendo do meu noivo: «Oh, coitado!»

Frances percebeu que assim seria.

– Serei então a noiva. E quando representaremos este entretenimento? Agora que a minha irmã e o meu pai estão em Londres, gostaria de os convidar.

Perante esta pergunta, Barbara remeteu-se a um silêncio estranho.

– Terá lugar no palácio de Whitehall? – persistiu ela.

– Terá, com certeza. Mas será para uma audiência privada, não pública.

Frances começou a sentir-se um pouco incomodada.

– Privada até que ponto?

De súbito, Lady Castlemaine mostrava-se ríspida e despachada.

– Terá de esperar para ver. Será muito divertido. Dou-lhe a minha palavra. Amanhã trataremos dos nossos trajes.

Nessa noite, depois da ceia, Frances regressou aos seus aposentos e fitou o rio escuro e agitado. A noite tornara-se agreste e os ventos uivavam sobre Westminster.

Ao lado da janela, o papagaio encontrava-se no poleiro, ajeitando as penas. Julgando que o tempo o perturbara, Frances estendeu uma mão para o reconfortar. O papagaio mordeu-lhe o dedo.

– Ai! – gritou ela, lambendo o fio de sangue que lhe escorria da ponta do dedo.

– Pássaro esperto – respondeu o papagaio num tom choroso. – Recordar Charles Stuart!

– Pois. – Frances quase bateu com o pé no chão. – E onde está o teu precioso Charles Stuart? Casado com Mistress Elizabeth Rogers e a viver feliz em Cobham Hall, enquanto eu enfrento sabe-se lá que perigos aqui na corte!

O pequeno olho amarelo do papagaio observou-a.

– A virtude é a sua própria recompensa – comentou pomposamente.

– Exceto nesta corte, pássaro. Aqui, pássaro, a virtude é deveras um atributo sem valor.

– Então, Frances, para si terá de ser cetim amarelo-pálido, com um camiseiro do branco mais puro: a combinação perfeita para a sua cor clara.

Frances estava diante de um espelho alto no quarto de vestir de Barbara, enquanto uma costureira lhe ajustava os folhos do vestido encantador.

– E a senhora, meu marido, que planeia envergar?

Barbara riu-se.

– Serei um cortesão galante, tão vaidoso como qualquer peralvilho emplumado, prometo. – Fez uma vénia profunda e tirou um chapéu imaginário. – Boa noite, minha noiva!

Da câmara adjacente, ouvia-se música, violas de gamba e alaúdes, que tocavam os acordes alegres e antiquados que costumavam ser escolhidos para casamentos, e uma voz doce e angelical começou a cantar um madrigal.

– Leve Mistress Stuart para o quarto ao lado enquanto eu mudo de roupa – ordenou Barbara à criada –, e dê-lhe um copo de hidromel. Hidromel é a bebida dos casamentos. Acalmar-lhe-á os nervos. Vão!

Sozinha na câmara adjacente, a bebericar o hidromel, Frances avaliou a situação em que se encontrava. Algo estava errado, ela sabia. Teria de se manter alerta e recordar as palavras de Mall: o rei nunca se apoderaria de algo que não lhe fosse dado de bom grado.

Para ganhar mais coragem, bebeu o hidromel todo, e a doçura de limão e mel fortaleceu-lhe a determinação. Ela não era a tola bonita que as pessoas julgavam. Adorava dançar e cantar e, se aquilo se tratasse de um entretenimento, ela apreciá-lo-ia, mantendo sempre os olhos bem abertos.

Avançou até à antecâmara, onde se deparou com um cenário que lhe cortou a respiração. Tal como se estivessem num palco do Teatro Real, em Drury Lane, Barbara envidara esforços extraordinários para criar um

espaço tão elaborado como o de um teatro. A divisão estava cheia de velas e flores. Na galeria, havia músicos a dedilhar instrumentos e a cantar. Um idoso venerável, com um traje religioso, encontrava-se de pé, com uma Bíblia na mão. Ao lado dele, três cortesãos aguardavam, um deles com uma aliança de ouro. Um pajem ajoelhado segurava uma bandeja de ouro com dois cálices e havia ainda um rapazinho negro com um toucado dourado, a agarrar uma meia com ar nervoso.

No meio de tudo aquilo, encontrava-se Barbara Castlemaine, magnificente com um gibão e umas bragas profusamente adornados, meias de seda e sapatos enfeitados com rosas vermelhas e brancas, tendo escondido o cabelo castanho sob uma peruca de cabelos pretos e soltos.

Frances estava sem fôlego. Com um bigode fino desenhado a lápis, parecia dar vida ao próprio rei.

– Senhor vigário – ordenou Barbara numa voz grave e imponente –, dê início à cerimónia de casamento!

O desejo de se virar e fugir apoderou-se de Frances. Não se tratava de uma mascarada comum, como tantas peças domésticas em que participara quando vivia em Paris.

O alegado vigário deu um passo em frente.

– Quem acompanha esta dama?

– Eu, com todo o gosto – disse um dos cortesãos, fazendo uma vénia e dando a mão a Frances para a levar até ao vigário.

– E onde estão as testemunhas?

Dois homens fizeram vénias e juntaram-se a eles.

– Caros amigos – começou o falso vigário, como se se tratasse realmente de uma cerimónia nupcial. – Reunimo-nos aqui, com Deus por testemunha, para unir esta mulher a este homem.

Assentiu com a cabeça, indicando Frances e Barbara. Foi então que, entre as muitas curiosidades daquele evento curioso, Frances se deu conta de outra ainda: o rei não se encontrava presente, o que talvez devesse constituir motivo de alívio, mas tornava a representação ainda mais estranha, pois parecia não haver audiência.

Pouco depois, Barbara colocou uma aliança de ouro no dedo anelar de

Frances e todos aplaudiram.

– Venha – disse ela, antes de fazer uma grande vénia e de lhe beijar a mão. Como decreta a tradição, temos de beber o nosso leite com vinho.

O pajem deu um passo em frente, transportando os dois cálices, enquanto todos os presentes soltavam vivas e batiam com os pés em sinal de apreço.

– E agora... toquem melodias doces, músicos... passamos para a porta ao lado, onde nos deitaremos!

Nos casamentos verdadeiros, aquele ritual não passava de um gesto cerimonial, que só era seguido para fazer a vontade às famílias. Para além disso, pensava Frances, não poderia acontecer grande coisa num quarto diante de tanta gente. Contudo, sentia-se desconfortável enquanto, de cabeça erguida e a tentar descortinar um caminho de fuga caso tal se tornasse necessário, seguia o «noivo» para o quarto.

– Temos de atirar a meia – ordenou Barbara.

O rapazinho negro correu para o quarto e atirou a meia por cima da cabeça, como era costume nos casamentos.

Um riso mais baixo e suave juntou-se à alegria geral e Frances virou-se, descobrindo que o rei aparecera de súbito, trajado com todas as insígnias reais.

– Minha querida Frances – disse ele, a sorrir, com os olhos desejosos a fitar-lhe os ombros pálidos –, vim ocupar o lugar de Lady Castlemaine neste entretenimento encantador.

Os pajens acorreram-lhe, começando a desatar os laços do seu gibão de brocado.

– Obrigada, Vossa Majestade. – Frances concluiu que aquilo já fora longe demais. – Porém, penso que está na altura de pôr fim ao entretenimento.

– Por que razão, diga?

– Uma razão excelente, Majestade – respondeu ela, mantendo um tom calmo e bem-humorado. – A de Vossa Majestade já ter uma esposa. E imagino que a rainha Catarina não ficaria grata se eu tentasse usurpar o lugar dela.

O espanto percorreu a divisão como gelo a quebrar-se num lago invernial, ameaçando arrastar todos para profundezas gélidas.

Contudo, para surpresa de todos, sobretudo de Barbara Castlemaine, o rei começou a rir-se, primeiro suavemente, depois em grandes gargalhadas que lhe abanavam o corpo.

– Com mil demónios! – acabou por exclamar. – Mistress Stuart diz a verdade. Boa gente, está na altura de irem para a cama. – Riu-se uma última vez, como se recordasse as palavras dela. – E é melhor que se não esqueçam!

Frances não perdeu tempo e logo seguiu o conselho. A noite fora extremamente bizarra, mas o rei aceitara a sua recusa com o humor habitual. Decerto poderia encontrar consolo nisso?

⁶ Jogo de origem francesa, precursor do *croquet*. (N. da T.)

Capítulo 5



Onde quer que os seus afazeres no palácio de Whitehall a levassem durante a manhã seguinte – aos aposentos da rainha, à galeria atapetada, atravessando o jardim privado e até quando acompanhou a rainha à capela – ouvia um burburinho constante de sussurros.

Ao início, julgou estar talvez a imaginá-los, mas, por fim, no exterior da capela, encontrou Sophia, que a puxou por uma manga para a levar até ao corredor que conduzia ao grande átrio.

– Irmã, conta-me tudo! O que aconteceu mesmo entre ti e o rei na noite passada?

– Nada. – De repente, Frances percebia o que poderia estar a dar azo a tantos murmúrios. – Houve uma charada tola concebida por Lady Castlemaine e eu pus-lhe fim, só isso. Não foi nada de mais e espero que seja isso o que dirás a quem quer que to pergunte.

– Não preciso de o fazer. Corre por todo o palácio que Mistress Stuart rejeitou o rei. – Riu-se como quando era uma menina de escola. – E depois de ele ter começado a desabotoar-se cedo de mais!

Frances empalideceu e desejou estar em qualquer outro lugar que não aquela grande fornalha de boatos, onde a mínima acha de bisbilhotice fazia com que as chamas se inflamassem mais.

Regressando da capela atrás da cauda do vestido da rainha Catarina, olhava apenas em frente. E então, aconteceu outra coisa estranha. Quando se baixou numa medida para se despedir, a rainha estendeu-lhe

a mão e ajudou-a a erguer-se. Entreolharam-se somente por um instante breve; todavia, Frances soube de imediato que não só as aias tinham ouvido o rumor mais recente, mas também a própria rainha.

Frances agradeceu-lhe e, assim que teve oportunidade, esgueirou-se de novo para o jardim privado, esperando poder usufruir de alguns momentos sozinha antes de enfrentar o jantar apinhado de gente e os olhares plenos de significado que receberia das outras damas de companhia na sua mesa.

Ouviu passos ligeiros a segui-la e, ao virar-se, viu que Mall a seguia.

– Bem, Senhora Maquiavel! Não sabia que era uma estratégia tão capaz. – Mall falava em voz baixa, num tom carregado de ironia. – Tal como o resto da corte, devo dar-lhe os parabéns. As suas palavras são repetidas por toda a parte. Todos a julgavam uma criança bonita. Agora cantam uma melodia diferente. «De bom vinho, bom vinagre», é o que agora se diz sobre Mistress Frances Stuart.

Frances encarou a mentora com uma expressão irada.

– Como se atreve a pensar tal coisa de mim! Não mereço elogios, nem por uma estratégia astuta nem pela simplicidade que demonstrei, pois nenhuma dessas situações corresponde à verdade. Fui tão culpada como o rei por me deixar envolver numa charada tão tola. Ao início, julguei que seria divertido representar o papel de noiva, enquanto a Barbara seria o noivo; contudo, quando vi que ela trocava de posição com Sua Majestade, tive de pôr fim àquilo. Não era minha intenção fazer com que todos se rissem do rei e desejo profundamente que não o tenham feito.

– Fosse essa a sua intenção ou não, será tratada com respeito conquistado. Nunca ouvi falar de uma dama que tenha repudiado publicamente os avanços do rei. – Mall esboçou um sorriso matreiro. – A virtude será uma experiência nova para ele.

– Pare, Mall. – Frances estava a falar com muita franqueza, esperando que Mall, pelo menos, a compreendesse. – Não recusei o rei por virtude. Recusei porque a vida de uma amante do rei não é aquilo que desejo! Sei que há quem desse tudo por isso, mas eu não. – Raras vezes Mall a

ouvira falar com tanta convicção. – Quero ter uma casa minha, um marido, uma lareira, filhos. E, se me deitar com o rei, qualquer marido que venha a ter será como o pobre do Roger Palmer, ridicularizado e lamentado. Gosto do rei e aprecio a sua companhia. É amável e justo e, ainda que muitos lhe apontem defeitos, acredito que tenta verdadeiramente servir o seu povo da melhor forma possível. – Completamente direita, Frances ostentava uma autoridade que Mall nunca lhe vira. – Não me servi da minha inocência para o apanhar, como se apanham moscas com mel. Os factos eram simples. Eu não desejava ser sua amante, mas sua amiga.

Mall inspirou fundo e assobiou.

– Percebo que é sincera no que diz. Contudo, não se pode culpar o rei por ter interpretado a situação de outra forma, visto que entrou no quarto, bebeu o leite com vinho e deixou que atirassem a meia, pelo que partilhar o leito seria a consequência natural. Porquê, em nome de Deus, se deixou envolver nessa confusão?

Os ombros de Frances descaíram.

– Foi a minha vaidade. Gosto de representar, de dançar e de ser o centro das atenções. Apercebi-me tarde demais de qual seria o final daquela charada.

Mall abriu os braços.

– Frances Stuart, tem muito que aprender.

Apesar de ter uma idade próxima da de sua mãe, Mall sempre fora uma espécie de conselheira e amiga, conhecedora do mundo mas possuidora de um coração jovem, como uma irmã muito mais velha poderia ser.

– É verdade, tenho. Terá de me guiar. E, contudo, quando o rei se riu, eu julguei que tudo estava bem. Não me ocorreu que a história fosse ser contada a toda a gente.

– Que agora a considera complexa e tortuosa. Ora, bem, nesta corte é pior julgarem-nos virtuosos do que tortuosos, pelo que talvez não seja assim tão grave. – Mall estreitou o abraço. – Vá, não é uma situação terrível. Amanhã de manhã já tudo estará esquecido. A corte tem

memória curta. Alguma dama há de encornar o marido, ou uma nova atriz atrairá o olhar do rei. Frances Stuart não passará de um rumor do dia anterior.

Frances suspirou.

– Quem me dera haver algum lugar para onde eu pudesse ir, um local onde nada importasse e eu pudesse esquecer a corte e tudo o que aqui acontece.

– Tal não é o seu destino, nem o meu. – Mall riu-se com alguma amargura. – Vivi na corte durante a maior parte da minha vida. Até nasci aqui.

– Mas... e Cobham Hall? Não viveu lá em tempos, com o seu marido James e os vossos filhos?

A dor ensombrou os olhos de Mall, que pensava no que perdera; ela apressou-se a desviar o olhar.

– Isso foi há muito tempo. Mas, sim, fui feliz lá. Aquelas velhas paredes de tijolo protegem-nos bem do mundo cruel. – Abanou-se. – Mas tudo não passou de um sonho passageiro. Não era tão sólido quanto parecia. E agora o seu Charles Stuart, de quem o papagaio tanto gostou, mora lá e é também duque de Richmond. Sim, é um mundo estranho. Venha, entremos. O jantar será servido e o falatório será maior se não comparecermos.

Como a língua que procura o dente dolorido, os seus pensamentos regressavam àquele mundo protegido pelas paredes reconfortantes de Cobham. Era curioso que tantos ansiassem por viver na corte e a considerassem o coração pulsante do universo, enquanto ela ansiava pela calma e o sossego de uma vida feliz no campo.

Afastando aqueles pensamentos dolorosos, Frances seguiu Mall para o movimentado e barulhento átrio. À medida que avançavam, o silêncio foi-se instalando, perdurando até chegarem à mesa das aias, onde Cary Frazier e Elizabeth Hamilton se apressaram a desviar-se para lhes dar espaço.

Ao fim de alguns minutos, o burburinho recomeçou, fervilhando como era costume com boatos, intrigas e escândalos – e, esperava ela,

nem todos a seu respeito.

Terminada a refeição, estavam prestes a levantar-se e a regressar aos aposentos da rainha quando o irmão de Mall, o célebre duque de Buckingham, se aproximou delas, distinto como sempre com o seu andar meneado pleno de confiança e a sua extravagante peruca loura. De repente, deixou-se cair sobre um joelho e beijou a mão a Frances.

– Bela senhora, nunca antes se celebrou a virtude neste local amoral. Talvez a sua integridade nos sirva a todos de exemplo.

Frances sorriu, ignorando a ferroadada que se ocultava no comentário do duque, que era um dos proponentes principais da famosa imoralidade da corte.

– E quanto ao seu comportamento, senhor? – perguntou ela, numa voz doce como o mel. – Tem tanto mais a expiar do que eu. Seria um exemplo muito melhor se o senhor emendasse o seu carácter.

Isto provocou uma gargalhada portentosa atrás deles.

– Ela tem razão, George. Se o duque, mais do que qualquer outro, descobrisse a virtude, todos os presentes lhe seguiriam o exemplo.

– Sim, Majestade – respondeu George Villiers, a abanar a cabeça –, mas há velas que não vale a pena queimar, ainda que sejam sagradas.

Carlos tornou a rir-se.

– Lamento, Mistress Stuart, a mim poderá reformar-me, mas Lorde Buckingham é mais difícil de vergar.

Os modos amistosos do rei proporcionavam-lhe um grande alívio. Depois de o ter humilhado em público, poderia esperar ser banida. Ou pior. Contudo, parecia que a vida podia prosseguir.

Como se refletisse o seu alívio quanto ao descontentamento real, o tempo aqueceu e, por fim, surgiram dias belíssimos em que se tornava difícil ficar no interior sombrio do antigo palácio.

– Amanhã iremos pelo rio até à casa do meu tio, em Richmond – anunciou Barbara. – O rei emprestar-nos-á a barcaça dele.

– Precisarei de confirmar que a rainha poderá dispensar-me.

Frances hesitava. Fazia tenções de cultivar uma distância mais segura entre ela e Barbara desde o casamento fictício, mas a dama – força da

natureza que ela era – não cedia a qualquer resistência. E foi de bom grado que a rainha a dispensou.

– Tem sido minha amiga, Mistress Stuart – murmurou, deixando Frances muito embaraçada. – E eu não o esquecerei. Tenho muitas damas de companhia. Vá e aproveite o tempo clemente, sabe Deus se irá durar.

Talvez a rainha tivesse sido menos generosa se soubesse com quem Frances iria e que a excursão seria feita na barcaça real, emprestada pelo próprio rei.

O sol incidia no rio, malcheiroso como uma cobra apodrecida sob a bruma londrina, mas o ar ia-se tornando mais límpido a cada jarda remada em direção a oeste, para longe da metrópole.

O barqueiro real, um homem alegre, parecia encantado por seguir corrente acima, na direção contrária à do ar enegrecido e dos inúmeros botes apinhados de passageiros que avançavam por entre as sumacas, batelões e navios que faziam as suas descargas para lá da ponte de Londres.

À direita, passaram pelos jardins de Neat House, na margem norte, perto de Pimlico, onde eram cultivados muitos dos vegetais de Londres. Couves, couves-flores, alcachofras e cenouras cresciam ali em abundância.

– E em breve a comida dos deuses, espargos, dos jardins de Neat House, cozidos e mergulhados em manteiga a ferver. – Barbara fechou os olhos e lambeu os lábios. – Meu Deus, de repente apetecem-me tanto...

– Tenha o cuidado de os lavar primeiro, na condição em que está, minha senhora – aconselhou o barqueiro. – Já que são cultivados com estrume das vacarias de Londres. *Não há jardim sem esterco*, já diz o ditado.

– Obrigada, barqueiro. – Barbara sorriu, olhando para Frances. – Seguirei o seu conselho.

À esquerda encontrava-se o famoso Fox Hall, aonde se chegava numa viagem de barco que custava seis *pence*, com os seus passeios e abrigos

recentes, que encantavam os londrinos, pois ali podiam cear e correr em busca de um beijo roubado.

– Isso para quem quer beijar uma meretriz velha com o rosto coberto por um véu – comentou Barbara –, e acabar com mais do que pediu. – Riu-se com a própria piada. – É certo que dizem que o marido da última amante do duque de York se deixou infetar com sífilis e lha passou, para que ela contagiasse o duque por si. – A ideia provocou-lhe uma grande gargalhada.

Com Fox Hall para trás, passaram por Barn Elms, onde havia uma antiga mansão que o rei gostava de frequentar, aproveitando para nadar com o irmão, e que também servia de popular terreno de duelos.

– Sua Majestade odeia duelos – contou-lhe Barbara. – Mas nunca conseguiu pôr fim ao hábito que os seus cortesãos têm de se matarem uns aos outros. Diz que não pode culpá-los, já que alguns são verdadeiros rufiões, no entanto, queixa-se ele, não tivemos derramamento de sangue que chegue, sem que seja necessário aumentá-lo?

Frances sorriu. Quase conseguia ouvir o tom ligeiro, ainda que fatigado, do rei nas palavras de Barbara. Apesar do que se dizia acerca dele – que só se importava com o prazer e negligenciava o dever de guiar o país – Carlos era humano.

Por fim alcançaram Richmond, onde o tio de Barbara vivia numa elegante casa senhorial junto à margem do rio, com jardins que se espalhavam até aos degraus de madeira onde pararam e ancoraram.

– Venha, o meu tio terá deixado viandas preparadas no pavilhão de banquetes.

Frances seguiu-a por um caminho de lajes ladeado por arbustos de alfazema, nos quais as abelhas zumbiam, felizes por verem o sol depois de uma primavera tão longa e fria. Os primeiros botões de rosa, que surgiam por entre uma latada de madeira, rodeavam-nas numa beleza perfumada. Os canteiros ostentavam cores garridas. E por todo o lado se ouviam pássaros a cantar.

– É perfeito, minha senhora. Que afortunado é o seu tio, por ter este

lugar.

– Ah! Eu ficaria entediada no espaço de uma semana. Venha, comamos. O meu tio sabe preparar uma boa mesa. – Virou-se e presenteou-a com um sorriso misterioso. – E depois de se saciar com tartes e doces, tenho uma surpresa melhor.

Frances retesou-se, voltando a sentir toda a reserva anterior.

– Então, minha senhora, não haverá mais charadas com monarcas libidinosos. Como ele lhe disse, curou-o de pensamentos ignóbeis. Está praticamente um santo, o que é uma pena.

Frances riu-se a contragosto, perante a ideia improvável de o rei se transformar num homem pio.

O pavilhão de banquetes era uma pequena joia, feita de tijolo suave com janelas arqueadas e torres elegantes, fazendo lembrar a Frances a casa de bonecas que tivera na infância e de que tanto gostara. Estava quase suspenso sobre o rio, ao fundo de um prado cheio de flores silvestres. Barbara abriu uma gelosia.

– Veja, dá para pescar sem se abandonar a mesa!

Dentro daquele espaço, havia lugar apenas para uma mesa e dez cadeiras, cada uma delas almofadada numa cor diferente, todas de pedras preciosas: rubi, ametista, esmeralda, safira, âmbar, água-marinha, selenite, opala. Sentia-se uma fragrância estonteante de jasmim, que provinha de cortinas de pequenas flores brancas que cobriam quase por completo uma das paredes do pavilhão. Havia velas acesas apesar de o sol ainda estar bem alto, o que contribuía para dar ao local uma sensação de pertencer a outro tempo.

A comida servida para a refeição do meio-dia era igualmente apelativa. Pombo assado, tarte de enguia com ostras, capão com molho de laranja e limão e uma salada de aparência exótica composta por feijão verde, passas secas ao sol, pepinos e amêndoas peladas.

– Chiu! – sussurrou Barbara, afetando um ar muito melodramático. – O cozinheiro do meu tio roubou a receita a Mistress Elizabeth Cromwell, a esposa do Protetor.

– Ela cozinhava bem?

– Sim, o Protetor comia como o rei, para além de lhe invejar a coroa. Ela aconselha um acompanhamento de camarão e esturjão. Nós só temos frango assado.

Depois de terem comido, regressaram à margem do rio.

– Venha – disse Barbara, virando-se com os olhos iluminados por um dos seus súbitos entusiasmos –, o tempo está cálido como se fosse verão. Nademos!

Nadar fora um passatempo popular no Château de Colombes durante os anos em que Frances vivera com Henriqueta Maria, pelo que a água não a assustava.

– E se alguém nos vê?

– Estamos sozinhas! O barqueiro está dentro de casa a ser alimentado como um cão pelo cozinheiro gordo do meu tio, e em seguida irá dormir. O meu tio foi caçar veados.

Já tinha despido tudo, exceto o camiseiro, e dirigia-se para os degraus que davam acesso ao rio.

Frances mordeu o lábio mas, tentada também pela água fresca, que ali era muito mais límpida do que na cidade, não tardou a seguir Barbara, até que ambas chapinhavam com guinchinhos e gritos de prazer.

Por fim, sentindo frio, pois o sol escondia-se atrás de uma nuvem, Frances regressou a terra, quando, a menos de quinze centímetros de distância, um enorme pássaro negro com um peixe no bico emergiu da água, como uma criatura antiga e malévola.

Ela gritou como se o próprio diabo despontasse das profundezas do inferno no Dia do Juízo Final.

O estrondear de um riso masculino acolheu-a enquanto ela corria para a margem e, ao olhar para cima, deparou-se com os olhos divertidos do rei.

– Não receie, é apenas o meu corvo-marinho de estimação. – Deu-lhe a mão e ajudou-a a sair. – O meu avô, o rei James, pescava sempre desta forma e tinha um adestrador de corvos-marinhos. Mas, senhora, está molhada... – O seu olhar perdurou por um momento na seda transparente do camiseiro dela, que lhe delineava o peito jovem e firme.

Desviando o olhar de forma evidente, começou a despir o casaco. E a rir-se de novo, recordando o que acontecera na outra noite. – Nada tema. As minhas intenções sofreram uma grande mudança desde que me deu aquela lição. Desta feita, tiro o casaco apenas para lhe oferecer o calor que proporciona.

Barbara também tinha saído da água, ousada e bela como Afrodite a emergir da espuma.

– Vou dizer a uma criada que nos traga roupas quentes. Mantenho muitos trajes aqui. – Lançou um olhar cúmplice a Carlos antes de partir, mas o rei, concentrado em Frances, mal reparou.

– Dispa o camiseiro. Fecharei os olhos. E cubra-se com o meu casaco. Aqui tem.

Em vez de ficar a pingar num camiseiro transparente, Frances apressou-se a vestir o casaco ofertado, desesperada pelo facto de, por mais que tentasse evadir-se das atenções do rei, eles se encontrarem ligados pela forma de vida que ela levava ali.

Carlos abriu os olhos e começou a secar-lhe a pele com ternura, como se ela fosse uma criança que se arriscasse a ficar constipada.

– Que estranho – comentou –, tenho muitos filhos, ainda que, infelizmente, não da minha rainha, mas nunca tinha tido a oportunidade de lhes dar banho ou de os secar, como faço agora consigo. Talvez seja o preço a pagar por ser rei. – Parou de a esfregar e esboçou lentamente um sorriso, com uma estranha tristeza refletida nos olhos escuros. – Deseja ter filhos, Mistress Stuart?

– É certo que sim, um dia... – respondeu, com a voz a falhar-lhe.

– Ainda pouco mais é do que uma criança. Venha, dediquemo-nos a diversões infantis e façamos o meu corvo-marinho apanhar mais peixe.

Frances concordou, aliviada. Mais uma vez, não sabia o que pensar do rei. Por vezes, ele parecia ser genuinamente seu amigo, tratando-a com uma ternura extraordinária. Outras, parecia que a amizade não era o que ele desejava obter dela, ou tudo que estaria disposto a aceitar. Seria a sua consciência, então, o que o incitava a recuar quando pressentia o medo ou a incerteza dela? Ou diria a si mesmo que tinha simplesmente de a

tratar com gentileza para obter o que pretendia? Talvez nem ele o soubesse, concluiu ela com surpresa.

Acima de tudo, quando ficava a sós com ele, sentia o abismo de poder que os apartava. Ele era mais velho e ela muito jovem. Ele, o rei; ela, sua súbdita.

Sem ser capaz de encontrar uma resposta, sentou-se ao lado dele e observou-o a pescar, desejando ter mais certezas acerca do que lhe reservaria o futuro deles.

Quando Barbara regressou com roupas secas, parou por um momento a observar o rei e Frances, sentados lado a lado na margem do rio. Ele demonstrava uma ternura que ela nunca lhe vira. Apesar de se considerar defendida contra tais sentimentos, aquela nova faceta protetora, tão diferente do que acontecia entre ela e Carlos, atingiu-lhe o coração e infundiu-lhe medo, como se, de súbito, houvesse tido uma visão da sua própria morte.

«Para com isso, mulher tola», disse para si mesma. «O pretendente terno é o papel que ele representa agora, nada mais. Como um pescador, pressente a necessidade de ser paciente e concentrado. E sabe que basta um deslize para o peixe se escapar do anzol.»

Diante deles, a figura negra do pássaro tornou a levantar voo e a mergulhar nas águas.

Enquanto Barbara os observava, a semelhança que existia entre ela e o pássaro tocou-a sobremaneira. Independentemente daquilo que o rei fingisse naquele momento, era Frances quem ele desejava e só podia contar com a ajuda de Barbara para a conseguir, tal como usava aquele pássaro para apanhar peixe.

Virou-lhes costas, deixando-os entretidos com aquela atividade, consolando-se com o facto de conhecer melhor do que ninguém os segredos da mente dele e estar ciente de que, quando conseguisse aquilo que desejava, decerto deixaria de o querer, e regressaria aos seus braços. A inocência, para um homem como ele, poderia parecer cativante por um dia, mas nunca poderia eclipsar o apelo de uma mulher que sabia dar-lhe mais prazer do que qualquer outra que alguma vez tivesse

conhecido.

À medida que o Pentecostes se aproximava, uma panóplia de prazeres era posta à disposição das damas da corte, sublimes e atraentes como roupas garridas de um vendedor ambulante seriam para uma criada de cozinha de Cheapside. A sua presença era requerida no novo teatro de Londres que acabara de abrir as portas ao público ávido por entretenimento, onde poderiam ver *O Tenente Gracioso*⁷; a diversão de aprender os passos das mais recentes danças francesas aguardava-as, tal como passear no ringue de Hyde Parque, à hora em que as pessoas mais elegantes, nas suas carruagens, se cumprimentavam umas às outras.

Desta vez, o rei estava demasiado ocupado com assuntos de estado para poder juntar-se aos divertimentos, já que tinha de lidar com ministros rivais, incontáveis reuniões do Conselho, encontros com embaixadores e pleiteantes de todo o género. A gota do conde de Clarendon afligia-o e tornava-o mais irascível do que nunca, para além de ofender os embaixadores franceses ao recusar-se a falar outra língua que não a inglesa. Contudo, sentia-se grato pela atenção do rei, comentando com Frances que ele era um excelente mediador e que nada se fazia na sua ausência.

– Quem me dera que não trabalhasse tanto – murmurou a rainha num dia soalheiro para o qual organizara uma festa de falcoaria, esperando em vão que o marido participasse. – Que falcão escolherá, Mistress Stuart?

– O *Manual de St. Albans*⁸ explica tudo, Vossa Majestade – interveio Catherine Boynton, passando a recitar a famosa lengalenga:

Uma Águia para um Imperador
Um Gerifalte para um Rei,
Um Peregrino para um Príncipe,
Um Sacre para um Cavaleiro,
Um Esmerilhão para uma Dama,
Um Açor para um Vassalo,

*Um Gavião-Fêmea para um Padre,
Um Gavião-Macho para um Acólito da Água Benta,
Um Milhafre para um Pajem.*

Catarina riu-se.

– E para uma rainha, nada? Então escolherei o esmerilhão, que é para uma dama. Mas que pássaro é aquele além?

Estava a apontar para uma bela ave de penas brancas com distintas marcas cinzentas-escuras, a cabeça coberta por um caparão com uma pluma no topo, as patas presas com duas peias, tiras de cabedal que podiam ser puxadas para o manter na luva de couro que o tratador usava. Cada pata tinha uma sineta de bronze que tilintava quando a ave saltava.

– Pertence ao rei, Vossa Majestade. Foi-lhe oferecido pelo embaixador da Moscóvia. Pedi-me que o trouxesse e o oferecesse... – O homem calou-se, tomado de um súbito embaraço.

A rainha endireitou as costas estreitas.

– O oferecesse a Mistress Stuart?

O homem fez uma vénia, tirou o capuz do falcão e entregou o pássaro a Frances, que ficou muito embaraçada.

– Oh, pobrezinho, tem os olhos cosidos! – exclamou Frances.

– É sempre assim, senhora – explicou o tratador. – Cosemos-lhes os olhos para os treinarmos melhor.

– Mas será mesmo necessário? – perguntou ela.

A rainha virou a cabeça do seu cavalo para o campo na sua frente.

– Tem um coração demasiado gentil, senhora – comentou com secura.
– A lei do campo é a da corte: não se dá, nem se pede piedade. Foi algo que eu tive de aprender e que a senhora terá também de ficar a saber, se pretende sobreviver aqui.

E partiu, deixando as outras damas com sorrisos trocistas enquanto trotavam atrás dela.

– Com que então tem garras, a rainhazinha – comentou uma voz profunda e agradável atrás de Frances.

Esta virou-se e viu que era Barbara.

– Não montará com um falcão, senhora?

Barbara riu-se e levou a mão ao peitilho almofadado.

– Dado que espero um filho do rei, não desejo pôr em risco o futuro de Inglaterra.

– Dificilmente seria esse o caso – ripostou Frances –, já que o seu bebé nascerá fora do casamento.

Barbara sorriu, recusando-se a ficar ofendida com o comentário de Frances.

– É melhor estar no lado errado do cobertor do que não o ter. Dizem que a rainha faz tenções de ir às termas, na esperança de conceber com o rei.

Frances sentiu uma pontada súbita de compaixão pela rainha, forçada a assistir à fecundidade constante de Barbara, quando se debatia com a sua própria infertilidade.

– Esperemos que as termas surtam efeito e que ela nos ofereça um herdeiro.

Barbara limitou-se a sorrir, confiante na sua fecundidade abundante.

Que estranho era, pensou Frances, enquanto via o esmerilhão da rainha mergulhar para matar, que toda uma nação pudesse ficar tão afetada pela capacidade de uma mulher conceber. Se a rainha Catarina não desse à luz um herdeiro, o irmão do rei, o duque de York, viria a governar a Inglaterra, e suspeitava-se que ele fosse católico. Assim, aquela temível questão religiosa, que tantas mortes e sofrimento havia provocado, poderia voltar a ameaçá-los a todos.

– Pronto! Que pássaro astuto. Matou a sua presa – declarou a rainha, com um olhar triunfal de relance para Barbara.

De repente, levantou-se um vento violento, que soprava nuvens negras no céu, e o dia escureceu como se a noite tivesse chegado. Desabou uma tempestade terrível, com chuva fortíssima. Até as penas dos pássaros se abateram, e os seus bicos escorriam água.

– Depressa! – gritou Barbara para Frances. – A senhora é uma boa cavaleira. Regressemos a Whitehall pelos campos. Será mais rápido do que pela estrada.

O regresso foi estimulante. Sem o impedimento das ruas apinhadas, galoparam em campo aberto entrecortado apenas por muros de pedra e uma ou outra quinta até chegarem por fim a uma barreira com portagem.

– Seria uma pena abrandar depois de uma cavalgada tão emocionante e, se o fizermos, a chuva é capaz de nos alcançar. Venha!

Barbara esporeou a égua e passou pelo portão.

Frances, equilibrando-se na sela amazona, riu-se e seguiu-a, parando apenas por um instante para olhar para o guarda estupefacto e atirar-lhe uma mão-cheia de moedas, mais do que suficiente para pagar a portagem. Se uma grávida podia fazê-lo, ela também.

– Frances Stuart – perguntou-lhe Barbara quando desmontaram diante dos estábulos da cavalaria de Whitehall. – Porque pagou? Nunca conseguirei transformá-la numa foliona que infrinja as regras despreocupadamente?

Frances abanou a cabeça.

– É o meu sangue escocês. Somos uma nação útil.

Afagou a égua, sorrindo quando esta encostou o focinho ao seu pescoço, pensando naquele que lha enviara. Atrás de si, divisou Barbara a conversar em voz baixa com Mister Chiffinch, mordomo-mor, camareiro-mor e reposteiro-mor de Sua Majestade, ou seja, o conselheiro mais íntimo do rei. Ninguém, e sobretudo dama alguma, tinha acesso aos aposentos privados do rei se não através de Mister Thomas Chiffinch.

Era óbvio que ele e Barbara tramavam algum plano.

Barbara sacudiu a cauda molhada do vestido, molhando os pés de Frances ao fazê-lo.

– Queira perdoar-me, minha querida. Estar de esperanças deixou-me tão desajeitada... para tudo, exceto para o que se passa na cama!

Frances detetou o olhar de Cary Frazier, que aguardava à porta do quarto de vestir de Barbara, com uma mensagem de Lady Suffolk.

– Não faça um ar tão reprovador, Mistress Frazier. – Barbara virou-se para ela. – Lorde Rochester disse-me que, quando um homem não consegue satisfazê-la, a senhora procura alcançar o prazer com um falo

falso!

Cary Frazier corou tanto que ficou mais garrida do que o brocado que contornava a grande cama de Barbara.

– Isso é uma calúnia! Sabe que Lorde Rochester tem uma língua perversa...

– E usou-a bem na sua fenda, pelo que ouvi dizer.

Cary Frazier parecia a ponto de cuspir na cara de Barbara.

– Como é do conhecimento de todos, Lorde Rochester tem uma imaginação pérfida sobre esses assuntos.

– Motivo pelo qual é um companheiro de cama excelente, segundo me dizem.

– Para além disso – murmurou Cary entre dentes –, para encher um buraco como o seu, com todo o uso que tem tido, ele precisaria de três falos.

– O que disse? – perguntou Barbara.

– Nada de importante, minha senhora. Vim vê-la porque a condessa de Suffolk requer a presença de Mistress Stuart e devo acompanhá-la até ela de imediato.

– Vão, então. Não quero continuar a ver-lhe a cara... é tão amarga que é capaz de me azedar o leite e envenenar o bebé quando nascer.

Cary fez uma cortesia e virou-se, com um gesto para que Frances a seguisse.

– E ninguém lamentaria a morte do bastardo – resmoneou quando Barbara já não a poderia ouvir. – Pois já deu suficientes ao rei... se é que são realmente do rei, quero dizer. Diz-se que há mais cavalheiros a visitá-la do que ao bordel da Madame Cresswell.

– Então como mantém ela a devoção do rei, se é uma mulher tão devassa como diz?

Cary Frazier riu-se, um som borbulhante que fazia lembrar um cano sujo a ser esvaziado.

– É *por* ser uma mulher devassa, dizem as más línguas. Quando está de esperanças, o rei teme pelo bem-estar da criança, pelo que ela o satisfaz com a boca.

Os olhos de Frances arregalaram-se.

– Alguns homens têm mais prazer assim. As meretrizes flamengas são requisitadas pelas artes que dominam nesse aspeto. Talvez a dama tenha tido as mesmas aulas. – Baixou o tom de voz, reduzindo-o a um sussurro, ao mesmo tempo que olhava em redor para se assegurar de que ninguém as ouvia. – Também se diz que pediu ao barbeiro que lhe rapasse as partes privadas e que estas são tão calvas como a cabeça do embaixador espanhol!

Tinham chegado aos aposentos reais.

– Chiu, não devemos falar mais disto na presença da rainha.

A rainha Catarina estava rodeada pelas suas aias, a bordar um pano de altar com um paciência infinita. Apesar de ter aprendido que tolerar a rival, Lady Castlemaine, era um caminho de sobrevivência mais eficaz do que o do confronto, as duas mulheres eram tão diferentes como uma santa poderia ser de uma pecadora. Enquanto Barbara troçava dos sentimentos delicados dos verdadeiros crentes, posando para mestre Lely vestida como Madona, tendo ao colo o filho bastardo como se fosse Cristo menino, Catarina era uma jovem pia que apreciava acima de tudo acumular relíquias e acrescentar preces votivas à sua vasta coleção.

Contudo, parecia que o rei precisava e desfrutava das duas damas. Evidentemente, tinha uma necessidade premente de obter um herdeiro, algo que só Catarina poderia dar-lhe. A fecundidade poderia fluir do peito de Barbara como de uma antiga deusa romana da abundância, mas nenhum dos seus descendentes resolveria a sucessão real. Para além disso, Frances julgava que o rei prezava e respeitava a esposa – desde que esta lhe proporcionasse ampla margem de manobra.

Nessa noite, depois da ceia, grandes grupos de cortesãos reuniram-se tanto nos aposentos da rainha como nos de Lady Castlemaine, o que era habitual, para fruírem de música, jogos e mexericos. As atividades nos dois salões eram similares, mas no de Barbara a multidão era mais agitada e as apostas subiam a valores mais altos. Era costume que o rei dividisse o seu tempo por ambos os aposentos, rindo e dançando; contudo, à hora de deitar, encontrava-se mais vezes ao lado de Barbara

do que junto a Catarina.

O ambiente nos aposentos da condessa era fervorosamente alegre, até que, com um faiscar dos seus famosos olhos violeta, ela dispensava todos, para ficar a sós com o rei.

Naquela noite, ele ficara até muito tarde e Frances, cujas pálpebras começavam a pesar-lhe, preparava-se para se despedir. Porém, para sua surpresa, foi o rei quem anunciou ir-se embora.

– Planeemos alguma aventura para amanhã – anunciou –, quando eu terminar as minhas obrigações, para que eu possa ter algo por que ansiar durante as minhas discussões sobre as incursões holandesas ao nosso comércio, com o chanceler a recordar-me o estado miserável das finanças do nosso Tesouro! – E esboçou o seu sorriso amistoso e encantador que o fazia conquistar amigos nos mais variados estratos da sociedade.

– Às seis da manhã já estará a jogar ténis – sussurrou Barbara. – E os cortesãos terão de o vencer antes de o persuadirem a tratar de quaisquer afazeres.

O rei, que se ia despedindo com apertos de mão, aproximou-se delas uma última vez.

– Boa noite, minhas senhoras, e durmam bem até que o dedo rosado da madrugada vos acaricie suavemente para vos despertar.

Barbara fitou-o com um olhar pleno de significado.

– Será meio-dia antes que isso aconteça, Majestade. Boa noite. – Passou o braço pelo de Frances. – Venha – disse-lhe numa voz baixa –, fique comigo. Já pouco falta para a madrugada de que o rei fala e detesto dormir sozinha.

Frances encarou-a com desconfiança, embora em simultâneo tivesse noção de se sentir exausta. As damas de companhia tinham de ficar acordadas enquanto a rainha permanecesse a pé e, ultimamente, a rainha Catarina começara a manter-se desperta quase até o sol raiar. Bocejou.

– Venha, será como partilhar a cama com a sua irmã. Aqui está uma camisa de dormir – disse-lhe, agarrando numa peça do mais fino e fresco linho que existia.

A grande cama já tinha os lençóis recolhidos e um robe de seda disposto sobre a coberta. Aos pés, um mouro sonolento que não teria mais do que cinco ou seis anos encontrava-se num banco de veludo, aguardando as ordens da sua ama.

– Vai, menino, já não precisarei de nada esta noite.

Barbara fez-lhe uma festa na cabeça, demonstrando uma delicadeza surpreendente. Contudo, pensou Frances, não tivera a consideração de o deixar ir dormir mais cedo.

– Vou despir-me ali – disse Frances, a apontar para o espaço entre a grande tapeçaria em frente da parede e a própria parede.

– Tanto recato! – riu Barbara. – Como preferir.

Quando surgiu já com a camisa de dormir, Barbara encontrava-se em frente ao toucador onde colocara o espelho, destapando um frasco de vidro.

– Cheire – ordenou-lhe.

Frances inspirou profundamente e fechou os olhos. O aroma a jasmim era tão forte que lhe parecia estar de novo nos jardins do Palais Royal, no pino do verão, onde havia um pequeno pavilhão envolto em flores miudinhas e brancas.

– Olhe, deixe-me massajar-lhe as têmporas com isto... vai ver que dormirá melhor do que nunca.

Sentou Frances num banco e afastou-lhe o cabelo do rosto com uma fita estreita. Com gestos muito delicados, começou a ungir-lhe a testa com o óleo perfumado. Era de facto uma experiência agradável.

– Então – quis saber Barbara, enquanto continuava o movimento lento e sensual –, como ficou com um nome tão enfadonho como Frances? É um nome adequado para a mulher de um burguês da Escócia, gorda e anafada, que passe a vida de joelhos.

Frances, a quem a exaustão e as sensações prazenteiras quase adormeciam, não deixou de se rir.

– É verdade! Batizaram-me em homenagem à esposa do velho duque Ludovic Stuart.

– Já que lhe chamam La Belle Stuart, passarei a tratá-la por Belle. –

Barbara voltou a fechar o frasco. – Vamos, para a cama, antes que caia no chão.

A amabilidade na voz de Barbara confundia Frances ainda mais. Meteu-se na grande cama e sentiu o fascinante deleite da roupa fresca, que exalava um ténue aroma a alfazema.

– A roupa da minha cama é mudada todos os dias – comentou Barbara com uma risada. – Uma extravagância monstruosa, que implica ter sempre lençóis pendurados nos jardins privados... mas é maravilhoso, não concorda?

– Realmente – respondeu Frances, ensonada, com o cabelo louro a espaiar-se na almofada como uma onda de seda da cor de milho.

– Partilhar uma cama traz-me tantas memórias... – O entusiasmo febril de Barbara, desta vez, tinha abrandado. – Muitas vezes dormi na mesma cama com a Mall Villiers.

Frances despertou momentaneamente e fitou-a, tomada de surpresa. Mall nunca mencionara tal intimidade.

– Somos primas, recorde-se, e passávamos muito tempo juntas quando éramos donzelas. Depois vieram os problemas e tudo mudou. O velho rei casou-a com um parente dele, tinha ela treze anos. Depois o rapaz morreu. Coitada da Mall, viúva antes de ser verdadeiramente noiva. E depois casou com o meu primo James; não foi um casamento por amor, ainda que ela tenha aprendido a gostar dele. Os meus pais faleceram e eu fiquei sem dote, vivendo do meu engenho. E o monstro do Cromwell condenou o rei à morte. Que tempos terríveis. – Fechou os olhos, como se assim se protegesse de tanta morte e perda. – E, no meio de tudo isto, apaixonei-me! E se eu era esperta, cheia de vivacidade e rebelião!! – Frances apercebeu-se da amargura que perdurava ao fim de todos aqueles anos. – Apaixonei-me por alguém que não me queria. Foi com todo o gosto que me levou para a cama mas, como eu não tinha dote, não me propôs casamento. Sua Senhoria precisava de uma mulher rica.

Frances virou-se, lembrando-se de súbito do novo duque de Richmond, com a sua auréola de cabelo arruivado e os olhos cinzentos e

risonhos. Ele também tinha precisado de uma herdeira.

– Enfurece-me tanto que estejamos sempre à mercê do dinheiro – insurgiu-se com uma animosidade repentina. – Detesto que não tenhamos liberdade de escolha!

– É assim o mundo. Agora, tenho um rei.

Frances não acrescentou: «Pois, mas não é verdadeiramente seu.»

– Durma, ou a madrugada de que Sua Majestade falava não tardará a alcançá-los.

Barbara apagou a vela e Frances virou-se para as janelas de onde se viam os jardins privados. Algures ao longe, ouviu o pregoeiro anunciar, enquanto fazia as suas rondas, que eram duas da manhã e a lua brilhava. A seu lado, a maior cortesã da corte da Restauração ressonava levemente.

Com um sorriso nos lábios, adormeceu e teve um sonho estranhíssimo e muito vívido.

Não era Frances Teresa Stuart, filha de um humilde lorde escocês, ainda que tivesse um parentesco remoto com os Stuarts da realeza; por alguma circunstância bizarra e assombrosa, tinha uma coroa e estava sentada num trono. Frances Teresa Stuart era rainha de Inglaterra!

Sentou-se, assustada e a tremer, e descobriu que a realidade era ainda mais estranha.

As roupas da cama tinham sido puxadas e as fitas de seda da sua camisa haviam sido desatadas, pelo que tinha o peito à mostra.

De pé, ao lado da cama, estava o rei – não num sonho, mas numa realidade evidente e segura, em camisa de dormir sob uma casaca de um brocado muito elaborado, observando-a numa pose estranhamente abstrata, quase como se não fosse de carne e osso mas uma efígie. Ao lado dele encontrava-se Barbara Castlemaine, com uma expressão orgulhosa de posse, como se dissesse: «Veja, ei-la deitada à sua frente, mas na minha cama, não na sua.»

Vendo que ela tinha acordado, o rei estendeu a mão para lhe tocar no peito quente e pulsante.

Apesar da estranheza da situação e da raiva que sentia por estar a ser

exibida daquela forma, o mamilo de Frances enrijeceu quando ele lhe tocou. Nunca um homem a havia tratado assim e, enquanto os dedos dele lhe roçavam a pele, ela foi invadida por uma sensação maravilhosa e excitante.

Chocada e mortificada, pois a reação fê-la recordar como se sentira quando o duque a fitara com igual desejo, desviou o olhar. Superaria a sua perversão tudo o que era capaz de imaginar, para se deixar levar com tanta facilidade?

O rei, intensamente impressionado pelo efeito que a sua abordagem surtira nela, segurou-lhe o queixo com a mão e obrigou-a a olhar para ele, com um sorriso de imensa ternura que lhe aliviava a dureza das feições.

O momento foi tão vertiginoso que, ao lado do rei, a superioridade orgulhosa de Barbara deu lugar a uma emoção distinta. Ela julgara que o rei se fartaria da inocência infantil de Frances e começara até a suspeitar que ela poderia ocultar uma natureza frígida ou pudica. Contudo, a intensidade da reação da jovem contrariou essa suspeita. Era óbvio que Frances era capaz de paixão sexual. E o rei cria ter sido o primeiro homem a mostrar-lho. Uma excitação tão estonteante seria deveras poderosa – mais, talvez, do que qualquer outra que ela conseguisse suscitar.

Frances, apesar de escandalizada com a resposta do seu corpo, pensava rapidamente. A única forma de escapar daquela situação não seria comportar-se como uma virgem ofendida, mas antes servir-se do humor.

Puxou as fitas da camisa de noite, tapando-se, e sentou-se.

– Vossa Majestade! – exclamou num tom natural, como se encontrar o rei a quinze centímetros do seu peito desnudo fosse a coisa mais usual do mundo. – Não tem frio, com essas roupas de noite? Posso pedir a Mister Chiffinch que lhe traga roupa mais quente dos seus aposentos, ou será isto um dos seus famosos passeios noturnos? Ouvi falar muito da energia inesgotável de Vossa Majestade.

Seguiu-se um instante de silêncio, mais enregelante do que o vento

que soprava nas grandes janelas.

Provocar o rei fora ir longe de mais. Seria expulsa da corte, desacreditada, e talvez o mesmo destino aguardasse a sua família.

Em vez disso, Carlos desatou a rir.

– A minha energia é de facto inesgotável, não é? O sol está quase a nascer, pelo que irei dissipar essa energia interminável num cansativo jogo de ténis. Boa noite, Mistress Stuart.

Depois de ele partir, Frances susteve o olhar fixo de Barbara. Fora traída pela aparição súbita do rei e ambas estavam cientes disso. Qualquer confiança ou amizade entre elas estava, doravante, fora de questão. Sem mais palavras, Frances esgueirou-se da cama e recolheu o seu vestido da cadeira de carvalho. À porta, parou e virou-se.

– Não regressarei a estes aposentos – anunciou.

– E eu não a convidarei! – Barbara vestiu o robe, plena de imperiosidade indignada. – Tenha cuidado, Mistress Stuart, a inocência é um trunfo que só pode ser jogado uma vez, antes de perder todo o valor.

– Ao contrário do trunfo de alcoviteira real? Pois parece que esse pode ser jogado muitas vezes, independentemente de quão debochada seja a jogadora.

Barbara ficou a observar Frances a afastar-se. Teria subestimado o engenho de uma rival que considerara ingénua e infantil, mas que parecia demonstrar uma resiliência e uma destreza impressionantes?

Frances regressou rapidamente ao seu quarto, pisando as lajes frias dos corredores do palácio, evitando os olhares curiosos dos pajens que jogavam aos dados para se manterem acordados, ansiando pelas suas camas, esperando que os seus Lordes emergissem dos quartos enquanto lá fora a aurora despertava.

Depois de alcançar os seus aposentos, instalou-se no assento à janela e fitou o rio onde o luar incidia. A fúria que sentira em relação a Barbara cedera lugar ao embaraço e até à vergonha. Não poderia negar que o que tinha sentido fora prazer. E o rei reparara.

Os primeiros raios de sol surgiram repentinamente por entre as

nuvens e iluminaram o quarto, mas não lhe deram solução para os seus problemas. De que instrumentos dispunha, para além da honra e da determinação, para a ajudar a atravessar as torrentes em redemoinho que a rodeavam? Teria feito uma cama mais dura do que seria necessário? Deveria sucumbir e tornar-se a mais recente de uma longa sucessão de amantes reais?

– *Mas não é isso o que eu quero!* – disse em voz alta. – *E, no entanto, não posso ter o que quero, pois outra mulher já o possui!*

Na mesa a seu lado, o papagaio observava-a com os seus olhos arredondados, como se tivesse assistido aos desatinos de muitas outras antes dela.

Contudo, conselhos não oferecia.

⁷ *The Humorous Lieutenant*, peça da autoria de John Fletcher, que terá estreado por volta de 1620, e cuja trama se passa no antigo Médio Oriente, após a morte de Alexandre, *O Grande*. O sucesso da peça foi considerável, tendo sido de facto a primeira peça a ser representada no Teatro Real de Drury Lane, em abril de 1663, continuando a ser exibida recorrentemente até ao início do século XVIII. (N. da T.)

⁸ *The Book of St. Albans*, também conhecido pelo título *The Book of Hawking, Hunting, and Blasing of Arms*, data do final do século XV e trata-se de um conjunto de três ensaios dedicados aos temas da falcoaria, caça e heráldica, a que terá sido acrescentado mais tarde um capítulo a respeito da pesca. Não sendo composto por matéria original, era antes uma compilação que ganhou popularidade e conheceu várias edições. (N. da T.)

Capítulo 6



A corte do rei Carlos II estava escandalizada.

Tinha ouvido os boatos alusivos às muitas amantes de que Sua Majestade desfrutara durante o seu exílio; vira-o cortejar Barbara Castlemaine e elevá-la de plebeia a condessa; reconhecia que Mister Chiffinch, o seu mordomo-mor, lhe enviava centenas de mulheres aos aposentos; até aceitara que o rei e o irmão frequentassem a companhia de meretrizes nos bordéis de Londres, fazendo-se passar por cavalheiros comuns.

Porém, nunca antes testemunhara algo assim: o rei perdera o coração. E por uma jovem decente, honesta e solteira, de nascimento nobre.

Não faltavam boatos por toda a corte sobre o modo como Frances Stuart tinha conseguido tal milagre. Não teria sido através das costumeiras artes negras da promiscuidade e da sedução, pois a dama parecia virtuosa. O rei, doente de amores, definhava.

– Até tem escrito *poesia*! – sussurrava Lorde Rochester, o maior dos libertinos que prosperavam na corte da Restauração, ele próprio nenhum poeta de desprezar. Reunira um grupo de galãs à sua volta na Taberna do Diabo, em Fleet Street, para que escutassem os versos do rei. Saltou para a mesa da taberna sob a estátua de Ben Johnson e começou a recitar:

– *Passo todas as minhas horas numa gruta sombria...*

Então é isso que ele chama à Castlemaine ultimamente...

*Mas se não vejo o meu amor não vivo o dia;
Procuro em todos os passeios a minha Phillis... (leia-se Frances
onde diz Phillis, rapazes) desaparecida,
E suspiro quando relembro ter estado sozinho em companhia;
Ó, então, é então, que julgo outro inferno não existir
Como o de amar, como amar demasiado é este sentir.*

E há mais, rapazes, há mais!

*Quando estou só a recordar todos os seus encantos
Quem eu amo poderá estar nos braços de outro entretanto,
Poderá rir-se dos meus cuidados e falsa poderá ser
Por dizer todas as coisas doces que antes a mim disse;
Ó, então, é então, que julgo outro inferno não existir
Como o de amar, como amar demasiado é este sentir.*

*Mas quando considero a verdade do seu coração
Tal inocente paixão...
(pois é, Carlos, é esse o problema)
Tão boa sem artifícios
(mas mais do que esperavas, rapaz!)
Receio tê-la enganado; e espero que possa estar*

*Tão imbuída de amor que de mim ciúmes tenha;
E é então, penso, que nenhuma alegria poderá ser maior
Do que a dos prazeres do amor.*⁹

Lorde Rochester abanou a cabeça.

– Bem, estimado monarca, ela pode tê-lo transformado num tolo chapado, mas é certo que não fez de si um poeta! – Bateu com a caneca de cerveja na mesa. – Certa vez, escrevi a propósito do nosso rei que nunca dizia disparates... bem, agora mais do que compensou. Um

brinde a Mistress Frances Stuart. A dama cuja virtude obstinada tornou o nosso soberano um palerma apaixonado!

Frances acordou com a estranha sensação de saber que algo significativo acontecera, sem estar certa do que teria sido. O rei! Acordara na cama de Lady Castlemaine, com o peito descoberto e o rei a fitá-la como um homem faminto olharia para um bife. E ela reagira ao toque dele.

Sentou-se, vendo as partículas de pó que caíam através do ar iluminado pelo sol, e estremeceu. Outubro já estava no fim e o inverno aproximava-se bem depressa. Ela precisava de falar com alguém, pedir ajuda e conselho quanto ao que deveria fazer em seguida. Mas com quem? A mãe, suspeitava, mostrar-se-ia pouco compreensiva e talvez achasse até que a sua entrega serviria os interesses da família; Sophia era demasiado nova e impulsiva. Contudo, agora tinha o pai por perto. Ela sabia que ele era fortemente influenciado pela presença dominadora da mãe. Mas era um homem bondoso. Rabiscou uma mensagem e chamou um pajem a fim de a levar a Somerset House, onde o pai se encontrava, incluído no séquito da rainha-mãe.

Walter Stuart não tardou a responder, chegando a Whitehall menos de duas horas depois.

Ela correu para os braços abertos dele.

– É esta questão do rei, pai. Não sei o que pensar dele, nem sequer que conduta deverei adotar para lidar com ele. O interesse que demonstra por mim é enquanto mulher, sei disso. Persegue-me e, quando vê que a minha resistência é séria, volta a recuar... mas apenas para tornar à carga. Tentei evitá-lo, mas ele procura-me e eu não sei mesmo como devo comportar-me.

O seu pai, alto e louro como ela, suspirou.

– Quem me dera ser um homem rico ou um proprietário com uma grande casa onde te pudesses refugiar. – Pensou por um instante. – Tenho a certeza de que, se quisesse, poderias ficar com os nossos parentes, os Blatyles.

Frances suspirou também, imaginando como seria a sua vida, desterrada nas terras inóspitas da Escócia como uma familiar pobre, quase uma criada sem ordenado. E a sua vida ainda nem tinha começado!

– Mas diz-me, querida, não te sentes nem um pouco deslumbrada pela atenção do rei, por seres tão falada e invejada?

Ela riu-se com os olhos.

– Admito que, ao início, me agradou ser preferida. Afinal, o rei é um homem encantador. Mas agora sinto-me desarmada e não sei o que fazer.

Walter Stuart sentou-se ao lado dela.

– Diz-se que, por espantoso que pareça, o rei te ama verdadeiramente...

– Mas, pai, há a rainha! Por isso, tudo o que ele poderá oferecer-me será ser meu amante e que eu o partilhe com uma dúzia de outras damas. Não é isso que eu desejo!

O pai observou-a.

– Deste o teu coração a alguém com quem preferisses casar?

Ela desviou o olhar, ciente de que não havia solução para a posição em que se encontrava.

– Só um homem, que casou há não muito tempo com uma mulher abastada.

– Ao contrário de ti... Querida filha, lamento não ter podido ajudar-te nessa questão. Mas agora és uma aia da rainha e ela dar-te-á um dote. Foi por isso que desejámos que ocupasses esse cargo. Se te mantiveres ao seu serviço, isso representará uma forma de conseguires um casamento.

– Se alguém me aceitar – murmurou Frances com amargura. – Ou alguém honrado, sabendo que o rei declara querer-me.

– Teremos de esperar que estes novos sentimentos nobres que ele nutre por ti te ofereçam alguma proteção. Isso, ou que ele se farte de esperar e procure uma dama que esteja disposta a aceitá-lo!

– Se ao menos ele conseguisse fazê-lo. – A estranheza da sua posição

provocou-lhe um sorriso. – O dilema é que a minha própria resistência o leva a cortejar-me mais.

O pai suspirou, fitando o rio ao longe, e Frances percebeu que ele não poderia ajudá-la. Passara a vida ao serviço do rei e não tinha mais certezas do que ela quanto a qual seria a melhor conduta a adotar.

Mall era a única pessoa que ela conhecia que compreendia realmente os meandros da corte, mas, nos últimos tempos, haviam-se distanciado.

Talvez estivesse na altura de se reconciliarem. Depois do encontro decepcionante com o pai, Frances procurou-a, encontrando-a ainda deitada àquela hora tardia, com a pequena Mary a seu lado.

Mall sobressaltou-se, com ar culpado, quando Frances se sentou à beira da cama. Como convinha a uma filha da grande casa de Buckingham, que para mais era dama de companhia, Mall tinha aposentos privativos em Whitehall, com vista para o átrio empedrado.

– Bom dia, minha senhora.

Frances sentiu uma pontada de culpa. Desde que se aproximara de Barbara, Mall mantinha uma distância reprovadora.

– Então, como a tem tratado a Grande Meretriz de Whitehall?

Mall olhou de relance para Mary, mas esta estava habituada aos modos francos da mãe.

– Quem me dera nunca mais a ver!

– Ah! – Mall endireitou-se, encostada às almofadas. – Ai é assim? Qual foi a transgressão da Barbara? Deixou escorregar o véu de seda e revelou ser uma alcoviteira que colhe as raparigas mais formosas do país... e que a senhora é a mais apetecida?

Frances conteve um soluço.

– Levou o rei a ver-me enquanto eu dormia.

Mall riu-se, embora não com maldade, e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Se ele só olhou, a senhora é diferente de mil outras raparigas, nobres e plebeias.

Frances ficou cheia de vontade de lhe confidenciar que o rei lhe tocara e que reação isso lhe provocara, mas não podia, dada a presença de

Mary.

– Vamos, levantemo-nos e deixemos a Mary com a ama. Na verdade, estou fascinada. Se ainda não se deitou consigo, o rei estará a quebrar os hábitos de toda uma vida. Gostaria de saber qual é o seu segredo.

Quando atirou as cobertas para trás, deixou cair uma carta. Frances debruçou-se para a apanhar mas, antes que a alcançasse, Mall antecipou-se e escondeu-a junto ao peito.

– Ah – comentou Frances com um sorriso –, então não sou a única com segredos. É de um cavalheiro?

Mall levantou a filha da cama.

– Vai, querida. Vai ter com a ama, que está no quarto ao lado.

Mary assentiu com a cabeça e foi-se embora, transportando cuidadosamente o livro que tinha estado a ver.

– Ela está cada vez mais parecida consigo.

– Pois, mas tem o cabelo do meu marido! Brilha como uma moeda nova. – De súbito, os olhos de Mall imbuíram-se de tristeza. – O meu marido James tinha-o assim, tal como os seus três irmãos. Eram jovens tão elegantes, tão risonhos e corajosos... Abatidos, todos eles, antes de serem verdadeiros homens. O George, que ainda não tinha vinte e quatro anos, foi o soldado mais valente na batalha de Edgehill; o jovem John, na de Cheriton. E o Bernard, que combateu com o príncipe Rupert, foi morto mesmo à frente do rei, em Rowton Heath. – Abanou a cabeça. – Que desperdício. Foi por isso que o meu James se tornou duque de Richmond, por os irmãos terem morrido. E agora é o seu Charles. – Tornou a olhar para Frances. – Mas já sabe da novidade? Parece-me que é possível que o nome Richmond nunca comporte felicidade duradoura.

Frances fitou-a, intrigada.

Contudo, Mall dava a entender não querer falar mais do assunto, pelo que Frances a inquiriu acerca da carta que ela tentava esconder no corpete.

– Então, Borboleta, de quem é essa carta secreta?

Mall pôs os braços diante do peito numa pose protetora e desviou o olhar, com a timidez de uma noiva na noite de núpcias.

– De alguém de quem eu não deveria aceitar a corte. É capaz de enfeitiçar os pássaros das árvores, mas esta velha ave deveria ser mais sensata.

– Não é uma ave assim tão velha. Para além disso, não tem pai nem mãe que reprovem a sua escolha. Ou será que o duque seu irmão o faria?

– Eu não lhe daria ouvidos.

– Qual é o problema, então?

Mall olhou para o espelho e enrolou uma madeixa num dedo.

– É um jovem.

– Quão jovem? Mall, diga-me que não rouba meninos ao berço! Já tem trinta e oito anos!

– Chiu, chega por ora. Saíamos para podermos falar mais à-vontade.

Vestiu-se rapidamente e, gritando à ama de Mary que voltaria cedo, saiu com Frances.

– Venha. Como é dia do Senhor, pedi ao meu cocheiro que nos levasse à capela da rainha-mãe em Somerset House.

– Porquê? Porque não havemos de fazer aqui as nossas devoções?

– Há muitos mais crentes em Somerset House.

– E porque haveria isso de nos importar?

– Porque desejamos que haja uma grande audiência a vê-la comungar.

Frances entrou na carruagem, estupefacta.

– Mas que diferença fará isso a quem quer que seja?

– Minha querida, o conde de Grammont, que ganha a vida com tais artimanhas, já apostou que Sua Majestade se deitou consigo ontem à noite. Se não comungar, toda a cidade interpretará isso como sinal de que ele tem razão. Mas se o fizer, sobretudo de forma tão pública, poderá pôr fim aos boatos.

Frances abanou a cabeça, perplexa. Tinha a certeza de que Mall estava a exagerar.

A capela estava tão cheia como no dia de Natal, e Frances pensou que não arranariam um lugar até divisar a mãe, que as chamou para que fossem para as fileiras reservadas às damas de companhia da rainha-mãe que, para grande embaraço de Frances, eram as mais proeminentes da

igreja.

Ajoelhou-se e curvou a cabeça, fascinada com a quantidade de gente que ali se encontrava, dado tratar-se de uma igreja católica. Antes das tribulações recentes, celebrava-se ali a missa desde as seis da manhã, os confessionários estavam sempre ocupados e os monges capuchinhos cantavam as vésperas.

Os homens de Cromwell, Frances sabia, haviam posto fim a isso. Os capuchinhos tinham sido silenciados e aprisionados e a capela fora profanada, apesar de pertencer à rainha. Agora, tantos anos passados, a restauração acabava de ficar completa.

Encontrou reconforto na familiaridade do rito da missa. Tendo crescido em França, fora embalada pelos seus ritmos desde a tenra infância. As invocações e respostas estavam enraizadas nela de uma forma tão profunda como uma canção de embalar, o som do *Kyrie* e do *Glória* tão conhecidos como lengalengas. Até o cheiro do incenso e a passagem das velas lhe transmitiam uma sensação reconfortante de identificação.

Quase esqueceu o que a rodeava e o mundo estranho e perigoso no qual se encontrava. E, contudo, não seria muito melhor do que estar em França? Já não era uma hóspede recebida de má vontade, antes um membro honrado da corte. Encontraria forma de lidar com as atenções do rei. Não era uma questão tão grave quanto ela a julgara.

O padre tinha avançado para o púlpito dourado e dera início à leitura.

Perdida nos seus pensamentos, apercebeu-se de que havia cabeças a virar-se para si, incluindo até a de um cavalheiro que lhe dirigia um estranho sorriso. Depois, compreendeu porquê.

O padre lia uma passagem de Provérbios 31: «Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubis.»

Ela manteve o olhar obstinadamente fixo na sua Bíblia e ignorou todos à sua volta.

Uma cotovelada de Mall obrigou-a a despertar. A rainha já saíra do seu banco e ajoelhara-se diante do altar, para receber a comunhão. Era a vez delas.

Frances endireitou as costas e percorreu a coxia, tal como fizera a rainha, até se ajoelhar também diante do altar. Os que haviam insistido na sua virtude sorriam-lhe carinhosamente. E o maior sorriso de todos, com – segundo parecia a Frances – uma grande dose de alívio, era o da sua própria mãe.

E, no entanto, perguntava a si mesma, serei deveras tão inocente quanto estas pessoas me julgam?

A memória do toque do rei voltou à sua mente e ela teve de baixar a cabeça para ocultar o súbito rubor das faces.

Por outro lado, decerto, uma mulher não teria de ser virgem ou prostituta. Não haveria outra forma de encontrar paz e felicidade?

Inclinou a cabeça para aceitar a hóstia. *Ajuda-me, Senhor, a transpor os perigos da minha situação e, como Moisés abriu o mar para o povo eleito, mostra-me também como posso atravessar as vagas agitadas até à margem iluminada pelo sol.*

Mas não ouvia resposta alguma do Senhor e, quando se virou para refazer o caminho pela coxia, deparou-se com um olhar fixo nela tão inesperado que quase a fez tropeçar.

Na ponta do terceiro banco estava Charles, duque de Richmond.

A luz do sol, filtrada pelas janelas de vitral, incidia-lhe no cabelo lustroso, dando-lhe o ar de um anjo do Renascimento. Todavia, ele parecia nem a ver e, pelo contrário, encontrar-se num estado estranhamente ausente, num mundo só dele, não dando conta da sua presença de forma alguma.

Ocorreu-lhe o pensamento doloroso de que talvez o fizesse de propósito, que também ele acreditasse que ela cedera aos avanços do rei, como parecia ser a crença de tantos outros.

Porém, ela não deveria pensar nele. Ele tinha uma esposa e uma filha, ambas recolhidas na segurança de Cobham.

Frances chegara ao banco da rainha e foi agradecida que se deixou cair de joelhos, escondendo o rosto entre as mãos para que ele não lhe visse a esperança desiludida que lhe brilhava nos olhos. O resto da missa passou muito depressa e, quando terminou, Charles desaparecera.

– Venha – disse Mall, com uma mão no cotovelo dela. – Procuremos a sua mãe.

Enquanto seguiam os fiéis em direção ao pórtico da igreja, de súbito todos pararam, em silêncio.

Barbara Castlemaine, num vestido sumptuoso de seda azul-escura, com os ombros desnudos claramente visíveis sob uma capa de arminho, entrou na capela e avançou para o confessionário.

– Já não era sem tempo – murmurou um cortesão para outro.

– Espero que o padre tenha a manhã livre, para o rol de pecados *dela*.

Atrás do porte majestoso de Barbara, seguiam uma ama e duas crianças pequenas.

Frances havia visto ambas as crianças noutras ocasiões, mas raramente juntas como naquele dia, um menino e uma menina, de mãos dadas. E o que a impressionou foi algo em que nunca tinha reparado daquela maneira, que, dos caracóis pretos aos olhos brilhantes de um Medici, eram representações fiéis do pai, o rei Carlos II.

Mall seguiu-lhe o olhar.

– Sim – sussurrou com audácia, como se lhe lesse os pensamentos –, é assim com todos os bastardos do rei. São tal e qual o pai.

Barbara passou por elas sem sequer dar sinal de as reconhecer.

– Antes assim – comentou Mall, encolhendo os ombros. – Saíamos para o ar fresco.

O coração de Frances acelerou. Estaria ele entre a multidão, na esperança de a vislumbrar? Muitos se tinham reunido para tagarelar e saudar conhecidos nos jardins diante da capela. Alguns já avançavam para as escadas, onde apanhariam botes ou barcas que os levariam rio acima ou abaixo. Frances perscrutou a multidão, mas não viu o duque em parte alguma.

De repente, a sua mãe surgiu do meio da multidão e, sem se justificar, abraçou-a com muita força. Era um gesto tão inusitado que a deixou siderada. A expressão da sua mãe congratulava-a em silêncio, e o alívio que demonstrava não era pouco. Frances olhou para Mall com uma sobrelha arqueada. Sophia Stuart tinha discernido, tal como o resto

dos fiéis, que o prémio continuava intacto.

Para manter a compostura, Frances afastou-se. Iriam desjejuar no grande átrio, já que não se podia comer antes da sagrada comunhão.

Apesar de se sentir quase a desmaiar de fome, Frances não suportava os olhares vitoriosos da mãe.

– Preciso de um pouco de ar puro. Irei lá ter depois.

A mãe estremeceu.

– Mas faz muito frio e tu deves estar faminta, filha.

– Recebi sustento espiritual suficiente – respondeu ela, evitando o olhar irónico que Mall lhe lançava, pois sabia que sorriria se olhasse para ela.

Contudo, depois de elas partirem, Frances não caminhou para sul, em direção aos jardins com fontes, mas para norte, atravessando o adro e passando por baixo de um passadiço de tijolos que dava passagem, pela portaria, à azafamada Strand. Uma fileira de lojas espraia-se para oeste e para leste, todas elas propriedade da rainha-mãe, como parte do dote do seu casamento com o rei Carlos I.

Frances olhou em direção ao arraial, mas não encontrou o que procurava. Da extremidade da Strand, partia um labirinto de ruelas e becos. Evitando as carruagens que esperavam ali, passou por entre os cavalos e ali ficou, a segurar o vestido para que não se sujasse.

Porque estaria a fazer aquilo, se o vestido ficaria enlameado e os seus sapatos preferidos, com rosas vermelhas de seda, também se estragariam?

Depois divisou-o e estacou.

Ele acabara de dar um xelim a uma pequena pedinte, que tinha um bebé nos braços. Ela também parecia ser apenas uma criança.

– Obrigada, senhor – disse a rapariga, com o rosto esquelético e sujo iluminado por um sorriso repentino. – Agora posso comer, senhor, e alimentar a bebé e tudo. – A rapariga estudou-o por um instante. – Tome, senhor, importa-se de lhe pegar enquanto eu guardo o xelim no sapato? – Sorriu-lhe com um ar convidativo. – É que não se pode confiar em ninguém nos tempos que correm, não é, senhor?

Frances quase se riu, curiosa por saber como ele reagiria. Os nobres não davam colo a bebês, sobretudo se fossem de pedintes.

Para seu grande espanto, ele aceitou a bebê e segurou-a com cuidado, colocando uma mão debaixo da pequena cabeça da criança e sorrindo-lhe com ternura.

– Que idade tem ela?

– Seis meses, senhor.

– Seis meses – repetiu ele, com um suspiro. Depois, por impulso, tornou a levar a mão ao bolso. – Tome, fique com um anjo de ouro¹⁰ para ela.

– Um anjo, senhor? – A rapariga olhou para a moeda dourada como se estivesse a esquentar e pudesse queimar-lhe a mão pequena e imunda. Muito depressa, esticou-se e deu-lhe um beijo no rosto. – Que o Senhor o abençoe, senhor. – Guardou a moeda no outro sapato. – Levo-a agora, senhor? – perguntou, já envergonhada mas também ansiosa por partir com a boa fortuna que lhe calhara, antes que o fidalgo mudasse de ideias ou que a grande mão da autoridade se abatesse sobre ela e anunciasse que tudo não passara de um engano.

Charles levantou a cabeça e viu Frances que, surpreendida, se apercebeu de que lhe corriam lágrimas pelo rosto.

Ele apressou-se a devolver a bebê à mãe.

– Ela gostou de si, senhor. Obrigada e que a sorte o acompanhe – disse a pedinte antes de se esgueirar para uma ruela estreita, onde não tardou a desaparecer.

Por um instante, ficaram frente a frente na rua buliçosa, a fitar-se, sem nada dizerem.

– Master Stuart – acabou Frances por dizer. – Quero dizer, Vossa Senhoria. Como está?

– Não me chame Vossa Senhoria. Nunca contei com tal honra e considero-a muitíssimo estranha. Passo bem, creio.

Já mais perto dele, ela apercebeu-se de que as suas feições algo arrapazadas estavam com um ar agastado, como se ele tivesse suportado uma grande tempestade e receasse não tornar a ver terra firme.

– Passa, senhor? Queira perdoar-me, mas parece um pouco mudado desde a última vez que nos vimos.

– Pois. Nota-se assim tanto no meu rosto? – Desviou o olhar. – A minha mulher, a Elizabeth, morreu de febre puerperal há um mês; e a nossa querida filha não lhe sobreviveu.

Frances ficou sem ar. Deveria ser aquilo a que Mall se referia quando falara da maldição do nome Richmond!

Apressou-se a estender uma mão, num gesto de compaixão.

– Não sabia. Lamento imenso o seu infortúnio.

Charles Stuart, tão alegre e provocador na última vez que se tinham encontrado, encolheu os ombros.

– Sim. Apesar da grande ventura de me ter tornado duque de Richmond, não me parece que Deus me tenha sorrido. Na verdade, caí num certo desespero.

– Justificado, perante um golpe tão cruel... perder assim a esposa e a filha.

Aproximou-se mais dele e, ao fazê-lo, detetou um aroma penetrante a *brandy*. Sem querer, contraiu o nariz, surpreendida.

– Pois – confirmou ele, numa voz áspera e amargurada –, encontrei consolo no álcool. Está chocada? Considera-me para lá da redenção? – Antes que ela pudesse responder, ele prosseguiu: – Mas a senhora elevou-se muito. – A mágoa e a amargura soavam como um cinzel numa laje fria. – Na corte, todos falam de La Belle Stuart e de que o rei a ama como nunca antes amou uma mulher e, desta vez, tanto com o coração como com o... – Interrompeu-se.

– Na verdade, senhor – ripostou Frances, magoada pelo tom agressivo dele –, não deveria dar ouvidos aos rumores da corte. Hoje dizem que o rei me ama, amanhã dirão que venera outra dama.

– Mas eu até assisti a Lorde Rochester, que é amigo íntimo de Sua Majestade, a anunciar que nunca vira o rei tão apaixonado como está por Mistress Stuart. Lorde Rochester afirmou que lhe parecia que o rei não sabia o que era o amor até ter encontrado a linda Frances.

– Esquece-se de que o rei tem uma esposa, senhor. E eu não faço

tenção alguma de ser amante.

– Então o meu coração pode condoer-se do rei. – Charles esboçou um sorriso lento e doloroso. – Pois também eu sei o que é amar sem qualquer esperança de conquistar a amada.

A expressão do seu olhar atingiu-lhe a própria alma, pelo que Frances teve de desviar o olhar.

– Mistress Stuart! Frances! Aqui está. – Quaisquer perguntas que pudesse fazer acerca do que ele acabara de dizer foram impedidas pela chegada de Cary Frazier, como sempre a viva imagem da moda, apesar de ter de atravessar as pedras enlameadas da Strand para a encontrar. – Procurei por toda a corte, nos seus aposentos, nos da rainha... sim, até nos jardins e nos estábulos – disse ela a ofegar, com o ar frio a dar cor à maquilhagem pálida das suas faces. E depois, como se entregasse um prémio: – Sua Majestade requisita a sua presença no gabinete do rei.

Os olhos do duque fitaram os dela, como se pusessem fim ao que haviam acabado de discutir.

– Está a ver o problema, Mistress Stuart?

– Venha, Frances, não pode deixar o rei à espera. – Cary deu-lhe o braço. – É uma honra rara. Poucos são de facto chamados ao seu gabinete.

– O rei Carlos não é um tirano. Segundo sei, não exige a presença dos seus súbditos sob ameaça de morte ou de confinamento na Torre. Posso recusar, parece-me.

Cary encarou-a com uma expressão atónita, como se ela tivesse perdido todo o juízo.

– Ele quer vê-la porque tem uma grande surpresa para lhe mostrar, algo que pensou que lhe daria prazer.

– Mistress Stuart. – O duque fez uma vénia, com a ironia a bailar-lhe nos olhos. – Vá ter com o seu monarca. Não seja por minha causa que o priva do prazer que ele promete.

Virou costas, abruptamente, e ela deixou de o ver depois de ele empurrar a porta da taberna Crown and Anchor.

– Que jovem tão rude! – sussurrou Cary. – E não lhe pareceu que ele

já cheirava como se tivesse estado numa cervejaria?

– E o mesmo poderia passar-se consigo, se também tivesse perdido a esposa e a filha – gritou Frances por cima do ombro, enquanto regressava rapidamente por entre as carruagens da azafamada Strand. – Na nossa gaiola dourada, estamos protegidas dessas coisas, mas acredite no que lhe digo, existem. Um ou dois copos de *brandy* podem ao menos ser uma pequena consolação.

As sobancelhas de Cary Frazier pareciam capazes de subir e fugir-lhe do rosto como aranhas numa teia, tanto estranhou a reação de Frances, que normalmente era calma. Olhou para trás, para a porta por onde o duque entrara, perguntando-se se haveria ali algum mistério.

Uma carruagem aguardava para as levar de volta ao palácio de Whitehall. Longe do burburinho da atribulada Strand, surgiam campos vastos a norte e elas passaram pelos espaços verdes da Cavalaria Real, que tinha à frente o canal recentemente escavado no parque de St. James, no qual havia gado a pastar, de patas na água, bebendo como se se tratasse de uma cena rural.

– Então, Cary, sabe que espécie de surpresa me aguarda no gabinete de Sua Majestade?

Cary abanou a cabeça.

– Nunca lá estive. Sei que lhe chamam quarto-gabinete e que é onde guarda as suas curiosas coleções e instrumentos científicos. É um espaço estritamente privado, onde muito poucos têm permissão para entrar, pelo que se trata de uma grande honra.

Quando passaram pelas quatro torres octogonais do portão Holbein, Frances fitou os bustos, as rosas, as grades e as brasões embutidos nos muros, juntamente com grandes medalhões em tamanho real de Henrique VII e Henrique VIII, que pareciam observá-la, e sentiu que o seu nervosismo aumentava.

O famigerado Mister Chiffinch encontrava-se nas escadas das traseiras e deu-lhe a mão para a auxiliar a sair da carruagem.

– Sua Majestade espera-a, senhora. Tenha a bondade de me seguir.

Toda a corte estava a par das atividades de Mister Chiffinch e da sua

esposa, sabendo que selecionavam mulheres dos mais variados estratos sociais que pudessem satisfazer o rei, ainda que só por uma noite. Certa vez, Barbara censurara o gosto que demonstravam pelo óbvio e vulgar. «Uma mulher escolhida pelo Chiffinch será uma maria-rapaz ou uma pega. Eles nada sabem sobre espírito ou encanto.»

Ele também era conhecido pela forma prodigiosa como bebia. Corria a voz de que agia como espião de Carlos, convidando cortesãos aos seus aposentos e servindo-lhes bebidas fortes – a que por vezes se acrescentavam as famosas Gotas do Rei – que lhes soltavam a língua e os faziam revelar todos os segredos, não só os próprios mas também os dos vizinhos.

Chiffinch fez uma vénia profunda, avaliando Frances com os olhos semicerrados, como a fosse submeter a um teste secreto criado por ele.

Ao reparar no escrutínio dele, Frances endireitou-se e fitou-o.

– É muito alta, senhora – foi tudo o que ele comentou.

Ela quase confessou que a irmã costumava chamar-lhe «a Gigante de Bermondsey», mas conteve-se a tempo. Aquela inépcia confirmaria o falatório daqueles que a consideravam ingénua e infantil. Assim, respondeu com ligeireza:

– E com orgulho. Verifico que torna menos provável que se aproveitem de mim.

– Deveras? – replicou ele, e ela julgou perceber-lhe um sorriso muito ténue.

A caminho do quarto-gabinete, subiram as escadas das traseiras e passaram por vários corredores até chegarem aos aposentos do rei.

Frances olhou em redor, observando o chão de mármore e a enorme lareira de mármore branco e preto, a bela mobília de carvalho sólido e castanheiro brilhante, decorada com desenhos elaborados de frutos e flores; o divã suportado por figuras gregas. E, por todo o lado, ouvia o tiquetaque de relógios. Conseguia contar pelo menos sete a dar horas, embora nenhum em simultâneo.

Apesar de tentar concentrar-se nos relógios e noutros objetos interessantes, o seu olhar não deixava de ser atraído pela alcova

separada por uma pequena vedação, onde estava a grande cama do rei, com dois anjos alados que seguravam as cortinas que a isolariam do resto do quarto e, por cima, mesmo no topo, duas grandes águias douradas.

Mister Chiffinch seguiu o olhar dela.

– Sua Majestade mandou fazê-la, inspirando-se na cama do rei Henrique IV que se encontra no palácio do Louvre. – Sorriu. – Embora se diga que a nossa é a mais usada.

Frances ignorou a insinuação das palavras dele e continuou a observar o painel pintado no teto, que representava a Providência a resgatar o rei do famoso carvalho após a batalha de Worcester.

– Sua Majestade aguarda-a ali.

Ele apontou para uma porta fechada com um sorriso tão intencional que Frances imaginou o rei atrás da porta, envergando apenas uma camisa de noite de brocado e recostado num canapé à espera dela. E, depois da reação do seu corpo ao toque dele, como poderia manter as suas pretensões de inocência?

Inspirou profundamente e abriu a porta.

⁹ O poema aqui apresentado intitula-se «The Pleasures of Love», da autoria de Carlos II. (*N. da T.*)

¹⁰ Moeda de ouro que tinha a imagem do Arcanjo Miguel a matar um dragão e que deixaria de ser cunhada durante o reinado de Carlos II. (*N. da T.*)

Capítulo 7



A cena que a esperava não poderia ser mais diferente daquela que imaginara.

Ao invés de se encontrar quase nu num divã, o rei estava vestido com as suas habituais roupagens elegantes de veludo negro e rendas douradas e prateadas, sobre as quais usava um avental de tela, como o de um carpinteiro ou outro artesão, tendo na mão esquerda um pássaro.

Ele riu-se da expressão dela, adivinhando astutamente parte dos pensamentos que lhe haviam preenchido a mente.

– Pobre Belle, que é o que Lady Castlemaine passou a chamar-lhe segundo sei. Contava com um Monstro que estivesse à sua espera para lhe desonrar a inocência? – Riu-se, ainda que com ternura. – Minha querida, não sou um Monstro nem um Barba-Azul. Entre. – Virou-se para um homem de meia-idade, com uma peruca grisalha, que se encontrava a seu lado. – Progers, dê o pássaro a Mistress Stuart.

Ainda atónita, Frances estendeu o braço.

Em vez de saltar para a mão que Mister Progers lhe oferecera, o pássaro voou de imediato para Frances.

– Veja só o gosto dele, Progers!

Este sorriu com delicadeza, depressa compreendendo o papel que se esperava que desempenhasse, que era o de aliviar alguma da tensão que existia entre Frances e o rei.

– É verdade, Majestade.

– Mister Progers é o meu gentil-homem da câmara, Belle. E também é meu assistente em várias experiências.

Frances olhou em redor, vendo pilhas de folhas cheias de números, diagramas pendurados na parede, uma pintura a óleo que representava a dissecação de um cão, para além de inúmeros instrumentos, que ela presumiu servirem algum propósito científico. A paixão que Sua Majestade nutria pelas ciências era do conhecimento geral.

– Mas este pássaro é melhor do que tudo. Só o tenho há um dia e já aprendeu a assobiar melhor do que aqui o Progers. – O gentil-homem tornou a sorrir delicadamente, resignado na posição de alvo de piadas do rei. – Ouça, já imita o tiquetaque de um relógio.

O pássaro obedeceu.

– E também dá as horas!

Com a cabeça inclinada para o lado, o pássaro reproduziu o som de dez badaladas.

– Imita o pregoeiro...

O som de um sino de mão fez-se ouvir na divisão, seguido da voz do pregoeiro público, como se estivesse ao lado deles:

– Doze badaladas, senhores, numa bela noite enluarada.

– Não é a Oitava Maravilha do Mundo, Belle? – perguntou o rei, encantado, como se nada (nem dádivas de príncipes, nem um tesouro) pudesse proporcionar-lhe um prazer maior. – O melhor é que aprendeu uma canção que lhe ensinei para que lha cantasse. – Voltou a chamar o pássaro para a sua mão. – Vá, pássaro, dá o teu melhor pela Belle.

O pássaro fitou Frances com o seu olho redondo e amarelo, como se compreendesse bem o papel que desempenhava no galanteio e no entretenimento dela, e começou a cantar:

Num certo amanhecer

Estava o sol a nascer

Ouvi uma donzela a cantar

Lá em baixo no vale.

*Oh, não me engane,
Oh, nunca me abandone,
Como pode assim abusar
De uma pobre donzela sem igual?*¹¹

Frances bateu palmas e riu-se.

– É mesmo um menestrel divino. E, no entanto, Vossa Majestade, por que motivo as canções falam sempre de donzelas enganadas e esquecidas?

O rei fitou-a com intensidade.

– Por vezes, pode ser o homem quem é enganado e esquecido.

Frances apressou-se a desviar o olhar.

– Levo o pássaro, Majestade? – perguntou Mister Progers.

– Dê-lhe sementes. Merece ser recompensado.

Desejando distrair o monarca, Frances virou-se para o equipamento disposto sobre a mesa.

– Que experiências está a fazer, Majestade?

Carlos esboçou um sorriso triste.

– Como manter um coração partido a bater.

Ele estendeu a mão e agarrou-a por um pulso, enquanto Progers desaparecia discretamente com o pássaro.

– É uma experiência em que poderia ajudar-me, minha bela Frances.

Ela sentiu o hálito quente dele no seu pescoço quando ele se debruçou, e em seguida a boca do rei estava encostada à sua.

Passado um momento, ele fitou-a, com os olhos negros a perscrutarem os dela.

– É realmente tão fria como deseja parecer? Sei que sentiu o despertar do tremor da paixão na outra noite.

Frances devolveu-lhe o olhar. Não compreendia o que levava o seu corpo a reagir daquela maneira, mas havia algo que sabia: o olhar desejoso do duque de Richmond provocara-lhe uma agitação correspondente. Com o rei, a sua reação fora carente de emoção, como quando se estremece por causa do frio. Porém, como poderia dizer-lhe

isso? Afastou-se, verdadeiramente confusa.

– Majestade, tenho de ir. Esperam-me muitos deveres.

– Com a minha esposa, a rainha? Cujas presença tanto gosta de me recordar? Vá, então.

Depois de ela ter partido, o rei chamou Progers.

– Peça à Mall... a Lady Mary... que venha ter comigo, por obséquio. Esperarei por ela aqui.

Voltou-se para as suas experiências. Mas Progers percebia que não o fazia com vontade.

Mall estivera a preparar-se para acompanhar a rainha numa caçada com falcão. Quando Progers a encontrou, e lhe transmitiu a convocatória do rei, as outras damas arquearam as sobrancelhas, curiosas.

– Gostaria de saber porque quererá Sua Majestade ver a Mall com tanta urgência – comentou Catherine Boynton em voz baixa.

– Como se nós não soubéssemos – replicou Cary Frazier num tom trocista, puxando o damasco rígido do seu vestido um pouco para baixo para expor mais o peito. – A casta Diana continua a eludir a seta do caçador. Esperemos que em breve se canse da perseguição.

Mall seguiu Progers com as costas muito direitas e a mente agitada. Também ela adivinhara o motivo da convocação, mas não sabia como haveria de responder.

– Minha querida Borboleta! – Carlos cumprimentou-a com um sorriso pronto. – Como está a pequena Mary?

O rei adorava crianças e lembrava-se sempre dos seus nomes.

– Bem, Majestade. Já tem dez anos e a cada dia que passa fica mais parecida com o irmão.

O rosto do monarca ficou grave e compassivo.

– Sim, foi uma perda terrível. A varíola, de todas as enfermidades, é a mais cruel. Ainda recordo a graciosidade e o riso do meu irmão Henry e também da Mary. Dizem que o filho, o William, nunca recuperou da perda da mãe. – Segurou a mão de Mall entre as suas. – Mas precisamos também de ter alegrias neste vale de lágrimas. Mall... Borboleta... ando

perturbado. Também eu sou como uma borboleta apanhada numa rede, a bater as asas com um desespero cada vez maior, até se libertar ou morrer.

Mall mordeu o lábio.

– E que posso eu fazer para o ajudar a libertar-se, Majestade?

– Ajude-me a conquistá-la. Mall, tenho de a ter.

Desde os seus tempos de jovem ávido, em cuja vida ainda não haviam sido escritas dores ou desilusões, que Mall não o ouvia falar com tanto ardor.

– Ela é o sol na primavera, a brisa que amadurece o milho... só ela pode restaurar-me e salvar-me da melancolia que se instala em mim como um nevoeiro gélido.

– Ela é apenas uma donzela jovem, não a deusa por quem a toma.

Mall suspirou. Apesar das suas declarações de amor, ela conhecia-o bastante bem. Percebia que era de facto a resistência de Frances o que lhe ateava a paixão. Quando ficasse a conhecer a rapariga realmente, quando compreendesse a sua natureza determinada e prática, para além do quanto lhe desagradava a vida da corte, depressa se fartaria dela. E a que custo, para Frances?

Para mais, ia Mall pensando, ela também amava Frances, como se esta fosse sua filha ou irmã. Vira a dor que ela sentia por ser usada e o abismo que isso quase criara entre elas, e soube que não poderia fazê-lo.

– Fora qualquer outra que me pedisse ajuda para conquistar, eu fá-lo-ia de bom grado. Contudo, preferiria entregar as minhas pérolas ou diamantes mais preciosos, ou até a reputação ou a posição que tenho nesta corte, do que trair Frances.

– Ser venerada por um rei é uma traição assim tão terrível? – A raiva amargurava-lhe a voz. – Haveria quem lhe chamasse uma honra.

– Não é o que ela deseja – ripostou Mall, sabendo o risco que corria por tentar ser honesta. – Ela não é como Lady Castlemaine, Majestade. A riqueza e a ascensão social não são muito importantes para ela.

– Então por que anseia ela?

– Uma casa própria. Um marido, uma lareira, filhos...

Carlos soltou uma risada amarga.

– E não pode levar uma vida tão inocente com alguém como eu.

– O senhor é o rei, Majestade! E há a questão da rainha.

– É verdade. – Virou-lhe costas e começou, com gestos zangados, a dar corda a um dos seus relógios. – E quem é que ela vê do outro lado da lareira, nesse sonho de vida familiar?

Mall hesitou. Julgava compreender realmente o coração de Frances.

– Quem? Diga-me!

– Parece-me que desenvolveu uma certa ternura em relação ao duque de Richmond, Majestade.

– O meu primo Charles Stuart? Esse beerrão! Como poderá ela preferi-lo a mim? Só obtive o título através do seu infortúnio, Mall, e dos atos nobres dos irmãos dele. Para além disso – lembrou-se então o rei –, ele não tem também uma esposa?

– Creio que ela faleceu depois do parto. E a filha seguiu-a.

– E isso comove o coração jovem de Mistress Stuart! Sim, e não lhe deixa ver os defeitos que ele tem, não vê que é um bêbedo e um perdulário. – Parecia ter tomado uma decisão. – Mande-a vir aqui. Agora!

Muito apreensiva, Mall deu instruções a um pajem para que encontrasse Mistress Stuart e a trouxesse à presença deles.

Pouco depois, Frances chegou, com o belo rosto empalidecido e os olhos cinzentos cheios de perguntas.

– Proíbo-a – quase gritou o rei, ao voltar-se para ela. – Proíbo-a de se rebaixar ao nível do meu primo, o duque de Richmond!

Frances lançou um olhar zangado e acusador a Mall.

– Quer aceite a minha corte, quer não, acatará a ordem de não tornar a ver o meu primo Charles Stuart. Ele não a merece e nunca merecerá.

Frances virou o rosto.

– É tudo o que requer de mim, Majestade?

– Sabe que não! – Agarrou-lhe o pulso até a magoar. – Desejo o seu amor. Desejo que os seus olhos se iluminem com ternura ao ver-me entrar num quarto. Que corra para mim e me abrace com tanta força que

nem uma folha de ouro possa ser colocada entre nós.

Frances voltou-se. A definição de amor do rei tocou-a – ela própria poderia tê-la composto. Pena era não poder senti-lo por ele.

– Deixei a rainha a jogar às cartas, Majestade, e prometi-lhe que regressaria para terminar o jogo.

– Malditas sejam as cartas! Vá, então – disse-lhe numa voz triste e pesada como algo deteriorado e morto.

Frances afastou-se lenta e orgulhosamente dos aposentos. Tivera vontade de o confortar, mas sabia que isso apenas teria confundido mais a situação.

Depois de sair dos aposentos do rei, passou pelo surpreendido casal Chiffinch, marido e mulher boquiabertos, assemelhando-se aos pequenos pássaros que o apelido deles trazia à ideia¹².

Contudo, não foi em busca da rainha, para continuar um jogo de cartas, como prometera. Apesar da proibição do rei, em vez disso correu para os aposentos junto ao relvado de boliche, que pertenciam ao duque de Richmond. Tendo o cuidado de verificar que nenhum dos amigos do rei se encontrava por ali, passou pelo laranjal e bateu à porta. A jovem criada que surgiu disse-lhe que o duque se encontrava no quarto, a ler. Era da idade de Frances, com olhos vivos e faces rosadas como maçãs.

– Não deveria dizer-lhe isto, mas é a única pessoa que se aproxima dele. Espero que consiga animá-lo, senhora. Primeiro a esposa e depois, num abrir e fechar de olhos, a filha. Ele era dedicado à filha. Nunca tinha visto um homem que gostasse tanto de uma criança. Eu disse à cozinheira de Cobham uma dúzia de vezes: «Se alguma vez me casar, espero que o meu marido ame o nosso filho como o duque ama a sua filhinha.» E pensar que foram as duas ao encontro do Criador... – A rapariga abanou a cabeça com tristeza. – Tentámos que a irmã dele viesse e o animasse, mas ela tem os seus problemas, ao que parece. E o diabo tem andado a levá-lo a encontrar consolo onde não devia, se me faço entender.

O duque estava sentado numa cadeira de carvalho com um espaldar alto; tinha um volume de poesia na mão e um copo de *brandy* ao lado.

Olhou para Frances como se esta pudesse ser produto da sua imaginação.

Frances e a criada entreolharam-se.

– Mistress Stuart! – Ele levantou-se desajeitadamente, deixando cair o livro de poesia, que ela viu tratar-se de um exemplar encadernado a couro de sonetos de Shakespeare. – Não contava vê-la aqui.

– Esperava que pudesse oferecer-me algo quente... Faz tanto frio que o embaixador da Moscóvia ficaria encantado. Chá, talvez? A rainha tornou as infusões muito populares.

Sem dizer mais, agarrou no copo de *brandy* e entregou-o à criada, que se apressou a levá-lo, dizendo:

– É para já, senhora.

Parecia aliviada por Frances não ter mencionado as suas confidências.

– Queria apenas transmitir-lhe as minhas condolências e pêsames pelas perdas que sofreu.

Ficou espantada ao ouvir um soluço escapar-se da boca dele.

– Ela só tinha dezoito anos, a minha pobre Elizabeth. Era muito delicada, calada como um ratinho, mas dotada de um caráter bondoso. Estranhamente, eu não quis a união. – Olhou para Frances com uma intensidade súbita. – É certo que tinha os meus motivos para resistir. Mas o meu tio Ludovic tratou de tudo e afirmou que era o dever que eu tinha para com a família. Porém, eu nunca desejei tal coisa. E a pequena Isabella, tão pouco tempo depois. – Desviou o olhar, com uma expressão arrasada. – Disseram-me que foi de tifo. Cinco dias! – Ela percebeu-lhe a falha na voz e desejou poder confortá-lo. – Desde os primeiros tremores até ficar deitada no caixão, não passaram mais de cinco dias.

– Lamento mesmo muito a sua perda. – Pousou uma mão no braço dele por um mero instante e os olhos angustiados de Charles fitaram os seus.

– Não deveria ter-lhe enviado a égua.

– Foi um ato de cortesia, decerto.

– Não, não se tratou de cortesia. Tenho-me perguntado – continuou, num tom tão baixo que ela mal o ouvia –, se terei sido punido por esse

ato impensado e se terão sido a Elizabeth e a Isabella a pagar por isso.

Frances abanou a cabeça.

– Tenho a certeza de que Deus não age de forma tão vingativa. Para além disso, está a exagerar a enormidade do pecado.

– Como poderá saber quão grande foi o pecado?

– Se assim foi, eu também participei nele.

Ficaram em silêncio, a olhar um para o outro e, a Frances, o tempo pareceu suster-se – deixou de ouvir o tiquetaque dos relógios e os sons da corte buliçosa. Não sabia se era a culpa ou a raiva o que lhe dava vontade de se insurgir contra o mundo que ambos habitavam, no qual a vida era sujeita à família e ao dever e eles não podiam falar do que sentiam realmente.

Também não ouviram a batida na porta e só quando a criada, que entretanto se mostrara ansiosa, entrou seguida de um homem alto e magro, cabelo curto, grisalho e olhos claros e penetrantes, é que voltaram a ter noção do que os rodeava.

– Tio Ludovic! – O duque abanou a cabeça como se um sonho estivesse a transformar-se num pesadelo. – Não esperava a sua visita.

– Obviamente. – O seu olhar de falcão detinha-se ora nele ora nela, como se fossem crianças traquinas, em vez de um jovem de vinte anos e uma donzela com idade suficiente para inspirar o amor de um rei. – Porém, ainda bem que vim, ao que julgo. Atendendo a que a tua mulher ainda nem arrefeceu na sepultura, não é conveniente receberes Mistress Stuart aqui a sós. Já te esqueceste de que temos um convite de Lorde St. Albans para jantar esta noite? Vejo que não estás vestido nem preparado.

O duque despediu-se de Frances com uma vénia.

– Agradeço-lhe a gentileza dos seus sentimentos, Mistress Stuart. Lamento ter-me esquecido deste compromisso.

– Também tenho de ir. Espero que, com o tempo, a sua mágoa abrande. Rezarei por si, e também pela sua esposa e pela sua filha.

O duque agradeceu-lhe e recolheu-se para ir mudar de roupa.

Frances ia chamar a criada para poder sair, quando se deparou de

novo com o olhar do Seigneur d'Aubigny fixo nela.

– Mistress Stuart, qual é o significado desta visita? Vir aqui sozinha, sem ter sequer uma aia a acompanhá-la, é um comportamento próprio de uma libertina, não de uma donzela cuja inocência é alardeada por todo o palácio de Whitehall! – Adotou um sussurro ameaçador: – Será que o que corre sobre a sua inocência tem sido exagerado?

– Vim apresentar-lhe as minhas condolências – replicou Frances num tom gélido, recusando-se a ser intimidada.

– Mas não se dá conta, senhora, de que só pode causar mais dor ao meu sobrinho? Depois do escândalo dos pais dele, o Charles sabe que tem a responsabilidade de redimir a honra da família. Não vê que oferecer amor, quando o dever familiar exige outro rumo, não é uma opção? Não interessa que ele a admire há muito... ele não está em posição de poder cortejar uma jovem sem bens ou terras e cujo pai é um simples clínico da corte! O meu sobrinho detém uma posição, um título, uma grande casa e uma centena de criados para sustentar. Acha que pode preocupar-se apenas consigo mesmo na escolha de uma esposa?

Aproximou-se mais dela, de modo a que ela quase sentisse fisicamente as vibrações da sua censura.

– Seigneur d'Aubigny, interpreta-me mal. Vim simplesmente transmitir os meus pêsames e oferecer compaixão.

– Deveras? – A pergunta fervilhava de suspeitas. – Acha, senhora, que aquilo de que o meu sobrinho precisa neste momento é compaixão, passado apenas um mês da morte da sua jovem esposa, da parte de alguém que nada pode oferecer-lhe e que é o objeto de desejo do rei, encontrando-se por conseguinte em posição de poder causar-lhe verdadeiros problemas ao demonstrar tais cuidados?

A censura fria e arrogante do homem deixou Frances com vontade de o esbofetear e de gritar que ele estava a dar um sentido completamente distorcido às suas intenções.

Mas estaria?

Endireitou as costas e fitou-o, olhos nos olhos.

– Para bem dele, partirei. Condoo-me dele por, para além da irmã, o

senhor ser o único parente que ele tem.

– E tenciono que assim continue a ser.

Ela virou-se, furiosa, por aquele homem amargurado e de vistas estreitas a acusar de prejudicar os interesses do duque com a sua mera visita.

Que os diabos o levassem! Poderia não ser uma atitude senhoril ou cristã, mas era precisamente o que sentia em relação a Ludovic Stuart, décimo Lorde de Aubigny.

Ao voltar-se para partir, olhou de relance para cima da lareira, onde dois grandes retratos lhe chamaram a atenção. O primeiro era o de uma jovem bela de cabelos ruivos, num vestido de cetim de cor ambarina, segurando um ramo de flores e revelando um ar sereno e otimista. Ao lado estava o de um jovem no início da casa dos vinte anos, com uns olhos castanhos, atormentados e algo tristonhos.

Por baixo do retrato havia uma inscrição em latim. Pela primeira vez, Frances invejou as longas horas que o seu irmão Walter passava com o seu tutor de estudos clássicos.

– Quer dizer «O Amor é Mais Forte do que Eu» – informou-a Ludovic Stuart. – George Stuart e Katherine Howard pagaram um preço muito elevado pelo amor proibido que viveram e eu não estou disposto a ver o filho deles cometer o mesmo erro estúpido.

Frances despediu-se, tentando manter alguma dignidade. Ela tinha de verificar se a aguardavam deveres para com a rainha, mas, como uma mosca é incapaz de se afastar de melaço, não conseguiu impedir-se de procurar Mall.

Por fim, encontrou-a no quarto de vestir da rainha, ajudando Lady Charlotte a dispor pétalas de rosa entre as roupas de cama de Catarina, que tinham estado a secar na cozinha, devido ao tempo frio.

Assim que Lady Charlotte saiu para ir buscar mais pétalas, Frances agarrou nas mãos de Mall.

– Conte-me, tenho de saber. Qual foi o escândalo com os pais do duque de Richmond?

– Foi uma história triste, tanto quanto me lembro. Apaixonaram-se e

casaram contra a vontade dos pais, o que muito enfureceu o rei Carlos, que era guardião do jovem. Depois, o George Stuart morreu como um herói na batalha de Edgehill, deixando a esposa com duas crianças pequenas e sem um tostão. A família nunca lhe perdoou e ela teve de ganhar a vida fora de casa.

– Como podem ter feito tal coisa?

Mall observou-a com uma expressão tranquila.

– As famílias por vezes são cruéis, quando o que está em jogo são questões de casamento e sucessão. Eles deveriam ter casado com outras pessoas e recusaram-se a fazê-lo, por estarem apaixonados. Isso foi considerado um grande pecado e todos os condenaram.

– É essa a razão da inscrição «O Amor é Mais Forte do que Eu.»

– Frances – inquiriu Mall por fim –, porque deseja saber isto? Se ainda tem sentimentos pelo duque, depois do que o rei lhe disse, aconselho-a a esquecê-los. – Voltou a dar a mão à jovem. – Repare, o Natal está a chegar e a corte prepara muitas delícias. Haverá muitas formas de se distrair, acredite em mim.

As palavras de Mall revelaram corresponder à realidade. A época natalícia foi vivida com bailes de máscaras e pantominas, entretenimentos em Lincoln's Inn, artistas em andas na Strand e banquetes nos pomares do rei para encorajar uma boa colheita de maçãs para o ano seguinte.

Em janeiro, o tempo aqueceu de repente como se fosse junho.

Tratava-se de uma situação tão estranha e inesperada que o parlamento deu ordens ao povo para que fizesse um dia de jejum e rezasse pelo regresso do tempo próprio da estação, não fosse seguir-se uma peste ou, no mínimo, um mau verão.

O Dia de São Valentim chegou e passou.

– Agradecemos a Deus por este dia gélido e límpido, finalmente – sussurrou Mall quando, por fim, o calor abrandou, no início da Quaresma.

Comprou a Frances uma pequena caixa de estanho, denominada caixa

das almas, e aconselhou-a a colocar lá uma oferenda para os indigentes e os carenciados sempre que pensasse no duque.

Na Quarta-feira de Cinzas, na capela de Whitehall, Frances não conteve um sorriso quando o famoso pregador escocês, Dr. Creeton, decretou, para espanto e indignação de todos, que, durante a Quaresma, era incontinente dormir até com a própria esposa. E não foi capaz de evitar olhar de relance para o rei, perguntando-se se aquilo significaria que ele também deveria privar-se de frequentar a cama da amante. Contudo, o monarca prestava tão pouca atenção ao sermão que adormecera e estava a ressonar.

Quando, finalmente, a Quaresma estava prestes a terminar, Frances verificou que a sua caixa das almas continha bem menos oferendas do que no início e considerou que talvez estivesse a recompor-se; nessa altura, porém, Sophia entrou no quarto dela, ansiosa por lhe dar uma grande notícia; o pai seguia-a a poucos passos.

– Frances! – exclamou ela, com a crueldade irrefletida de que só as irmãs são capazes. – Acabei de saber. O duque de Richmond vai casar outra vez. Com uma tal Margaret Banaster de Boarstall, que lhe dará cinco mil libras por ano... e uma enteada quase da tua idade! Vão casar-se em Cobham, logo que a Quaresma terminar. Ouvi a nossa mãe comentar que era uma boa notícia e que esperava que ela o tratasse com rédea curta, bem longe do palácio de Whitehall. Achas que disse isso por tua causa?

Frances mordeu o lábio, desejando deixá-lo a sangrar, para descarregar o seu tumulto interior. O duque de Richmond iria fazer exatamente o que o tio esperava dele. Contudo, não conseguia evitar odiá-lo por isso. Virando-se, deparou-se com o olhar compreensivo do pai.

Assim que tornou a ficar a sós, o papagaio, que ultimamente andava calado, repercutindo a disposição dela, observou-a também, olhou para ela com o seu olho redondo que parecia explodir de sabedoria aviária.

– Devo revelar-lhe os meus sentimentos? – perguntou ela. – Que o amor também é mais forte do que eu? Que compreendo por que foi que

os pais dele arriscaram tudo, apesar do que o destino lhes ditava?

O papagaio estudou-a durante um momento prolongado.

– Confesse e enforque-se! – acabou por anunciar.

Frances sorriu. Era a frase que o rei ensinara à noiva, antes de Catarina dominar o inglês, e rira-se alegremente quando ela, por fim, a repetira.

– Confesse e enforque-se, assim será!

Partiria de imediato e confessaria tudo ao duque.

Retirou o manto do gancho e mudou rapidamente de roupa, envergando o traje de montar. Interrompeu-se por um instante, ocorrendo-lhe que talvez o próprio rei se tivesse intrometido naquela proposta de casamento. Quer tivesse, quer não, aquele gesto – sozinha e sem escolta – de se atirar à mercê do duque, desafiando abertamente a proibição do rei, era muito perigoso. Felizmente, na sua arca encontrou o véu que Cary Frazier certa vez lhe emprestara, o que ocultaria o seu rosto de olhares indiscretos.

Correu até ao átrio e pediu que lhe trouxessem a égua do estábulo.

Estava prestes a montar quando se lembrou de que não sabia ao certo qual a direção a tomar para chegar a Cobham. Tentando parecer mais confiante do que se sentia, perguntou ao estribeiro-mor.

– Cobham, senhora? – Cofiou a barba, pensativo. – Depende, refere-se a Cobham no condado de Surrey, ou a Cobham em Kent?

Nunca lhe ocorrera que pudesse haver duas terras com aquele nome. Tentou lembrar-se de alguma pista que Mall tivesse deixado escapar. Parecia-lhe ter memória de uma história acerca de uma viagem pelo rio.

– Penso que se chega lá por via fluvial – sugeriu.

– Então será Cobham em Kent, senhora. – Olhou para a égua com dúvidas. – Mas trata-se de uma viagem muito longa para um cavalo jovem. Seria melhor apanhar um bote até à Ponte, prosseguir pelo rio até Gravesend e fazer o resto do percurso numa carruagem.

Estaria ele a descrever a viagem como mais desafiante do que era, por desaprová-la? E, contudo, cavalgar até Cobham, sozinha, quando nem conhecia o caminho, parecia extremamente desavisado.

– Agradeço-lhe a ajuda. Seguirei o seu conselho. Poderá pedir que levem a égua de volta aos estábulos?

– Com todo o gosto, senhora.

Ele ficou a vê-la a encaminhar-se para as escadas de Whitehall. Se não se enganava, aquela era a mais recente amiga do rei. Perguntava-se onde iria com tanta pressa e se deveria mencioná-lo a alguém do palácio.

Frances aconchegou-se no manto, espantada com a sua própria audácia. Não só era muito pouco usual uma dama viajar sozinha, como ela se aventurava em algo que o próprio monarca proibira expressamente.

Com o vento a emaranhar-lhe os cabelos, fitou o buliçoso Tamisa. A ponte de Londres ainda era a única forma de o atravessar sem ser de barco e, como de costume, fervilhava de atividade, apinhada de vendedores e mercadores de todos os géneros. Embora, noutra ocasião, pudesse sentir-se tentada pelas capelistas, vendedoras de rendas e chapeleiras, naquele dia passou por baixo da ponte, fascinada com a água veloz que se agitava sob os arcos, e embarcou num bote coberto que se dirigia a Gravesend e a Tilbury.

Aquele terminal do rio ainda estava mais movimentado, sobretudo junto ao porto, onde os navios ancoravam e descarregavam, pagando as devidas taxas aduaneiras. Ali ficava o coração do comércio da Grã-Bretanha: carvão de Newcastle; especiarias e açúcar da Guiné e das Índias; tabaco das Colónias Americanas; peles da Moscóvia. E, em troca, os belos panos britânicos, sobretudo as novas peças suaves que haviam suplantado a lã pesada e irritante, bem como corantes, linhos, algodões, madeira e sedas. Por todo o lado se ouviam gritos dos mercadores navais que davam e recebiam ordens, o estrepitar de cordas ao vento e o toque dos sinos dos navios. Frances inspirou aquele ar, carregado de aromas pungentes. Sentia o odor a cominho e a gengibre, a cravo-da-Índia e a canela, cheiros tão fortes que quase bastariam para condimentar a tradicional bebida feita de leite coalhado com vinho ou cerveja.

O barqueiro afastou-se da margem e começaram a avançar rio abaixo.

O vento ajudava e depressa deixaram a desordem dos cais e da Casa Alfandegária. Depressa tudo ficou verde, amplo e silencioso, apenas com algumas casas numa margem ou na outra e, de vez em quando, via-se o campanário de uma igreja, semienterrada em prados verdejantes. Ocasionalmente, uma vaca aproximava-se da margem e fitava-os, como se fossem visitantes de uma terra longínqua. Por todo o lado começavam a despontar flores silvestres, campainhas e anémonas, minúsculas anagálides escarlates, as primeiras orquídeas azuis da estação, de uma extravagância quase nupcial.

De algum estranho modo, era como se a paisagem verde aguardasse por ela. Ali, Frances conseguia respirar, longe do calor e das intrigas, daquele espaço onde todos queriam qualquer coisa e não se coíbiavam de se usar uns aos outros para a conseguirem, onde a franqueza era vista como ingenuidade, algo digno de riso e troça.

Nem o barqueiro nem nenhum dos outros passageiros lhe perturbou os pensamentos calmos. Os rostos honestos não pareciam reparar nela ou perguntar-se o que estaria uma dama tão elegante a fazer ali, sem escolta. Assentiam com a cabeça e sorriam e, quando a embarcação se aproximou da margem em Gravesend, o barqueiro ajudou-a a sair e desejou-lhe felicidades. No cais, ela chamou uma carruagem e o condutor acenou respeitosamente com a cabeça quando ela lhe pediu que a levasse a Cobham Hall.

Percorreram as últimas poucas milhas entre altas sebes profundas cheias do canto dos pássaros.

– Quanto falta? – perguntou ao cocheiro.

– Não falta muito, senhora. Já não falta muito.

Só quando viraram na portagem e entraram no trilho sinuoso para carruagens, com a casa quase à vista, Frances começou realmente a perder a confiança. O que estaria ali a fazer, e o que esperava de Charles Stuart? Mesmo que ela tivesse razão e ele nutrisse sentimentos por ela, como poderia pedir-lhe que fugisse de tudo o que era esperado dele?

Se estivesse a montar, teria voltado para trás nesse instante; e, na verdade, estava prestes a pedir ao cocheiro que o fizesse, quando a casa

surgiu diante dela. Ali estava, soberba e nítida, contra o azul-claro do céu da tarde. Cobham Hall fora construída com tijolos escuros, que os anos haviam amaciado, com dois torreões na extremidade de cada ala e uma vasta casa senhorial no meio.

Contudo, não foi a grandiosidade imponente da casa, ou a floresta de chaminés isabelinas, nem sequer a beleza da pedra trabalhada que adornava cada entrada o que fez com que o coração de Frances se imobilizasse, atónito.

Cobham Hall, até ao mais ínfimo pormenor, era tal e qual a casa que ela desenhara no seu caderno, vezes sem conta, em esboços e pinturas. Não sabia que tal casa existia e, contudo, ali estava ela, diante de si.

Se precisava de um sinal para confirmar que ela tinha razão para se encontrar ali ir naquele dia, aí estava ele.

Tendo sido percebida a sua aproximação, a grande porta da frente já estava a abrir-se e a jovem criada que ela conhecera em Londres, desta feita vestida formalmente de preto com um avental branco, aguardava-a.

Apelando a toda a sua dignidade, Frances saiu da carruagem.

– Boa tarde, minha senhora – cumprimentou-a a rapariga, com uma pequena reverência.

– Boa tarde para si também. O seu amo está? Se for sim, poderá informá-lo de que Mistress Frances Stuart deseja falar com ele?

A criada retorcia as mãos, parecendo perturbada.

– Ele não está, senhora. – Depois, ao ver a expressão desalentada de Frances, acrescentou: – É possível que volte mais tarde. Foi encontrar-se com o transportador, para se assegurar de que a mobília da esposa chegou intacta de Boarstall.

Por um instante, o coração de Frances falhou.

– A nova esposa. Ele já casou, então? – perguntou, sentindo um sobressalto no estômago como se tivesse sido pontapeada com força.

– Sim, minha senhora. Casaram há dois dias. Era para ter sido antes, mas é proibido casar durante a Quaresma e a senhora tinha de resolver alguns problemas com as propriedades do falecido esposo, que pareciam tão emaranhados como a lã da minha mãe quando o gato conseguia

deitar-lhe as unhas. – A rapariga reparou que Frances empalidecera e se encostara ao lintel para se apoiar, como se as pernas lhe tremessem ou estivesse a ponto de cair. – Aqui entre nós, senhora, isto é tudo obra do tio dele. Ouvi-os trocar cá umas palavras há três dias! Parecia uma luta para entrar nos portões do céu... ou do inferno.

Ela tinha uma expressão ansiosa. Era da idade de Frances e, no último encontro, pressentira um laivo de romance e emoção na visita dela, algo que a cativara muito. Agora ainda estava mais certa disso.

– Desculpe, minha senhora, podemos oferecer-lhe pelo menos uma chávena de chá? Sua Senhoria encomenda-o de Londres.

Frances abanou a cabeça, as palmas das mãos suadas, ansiosa por desaparecer dali, e apercebendo-se do gesto estúpido que fora mandar embora a carruagem.

– Sabe onde posso arranjar um cavalo ou uma carruagem que me leve a Gravesend o mais depressa possível? – perguntou.

– Não é preciso ir longe. Vejamos se há algum nos estábulos que possa usar. Depois o cavalariaço pode trazê-lo.

A rapariga encaminhou-a para a parte lateral da casa, em direção a um edifício com seis ou sete portinholas, das quais uma fileira de cavalos as observava, como se os equinos possuíssem toda a sabedoria do universo.

Porém, antes de terem tempo de encontrar um cavalariaço, ouviram o som de cascos e, para grande consternação de Frances, Charles Stuart, terceiro duque de Richmond e sexto de Lennox, surgiu a galope, com o vapor que os flancos do seu cavalo emanavam a elevar-se no ar puro e límpido da Páscoa.

Uma súbita expressão de contentamento, seguida por outra de confusão, toldou-lhe as feições.

– Frances! Mistress Stuart! O que faz aqui em Cobham?

Frances lançou um olhar à criada, cujos olhos fascinados iam de um para o outro, grata por o seu amo não parecer zangado.

– Susan, pode regressar aos seus afazeres. Agradeço-lhe que tenha recebido Mistress Stuart na minha ausência.

A rapariga fez uma mesura e perguntou:

– E quando chegará a sua esposa, Vossa Senhoria?

– Em breve; está tudo preparado?

Virou-se de novo para Frances, que tentava inventar uma história que a protegesse daquele embaraço. Contudo, antes que pudesse falar, ele segurou-lhe nas mãos e ela sentiu a pressão poderosa do toque dele na sua pele.

– Frances, diga-me com franqueza, o que a trouxe cá hoje?

– Ouvi dizer que iria casar-se de novo e queria ter a certeza de que era isso que realmente desejava.

De repente ele pareceu exausto, como se tivesse terminado uma longa luta.

– Alguma vez nos permite este mundo que façamos o que realmente desejamos?

Sem conseguir impedir-se, Frances desabafou:

– Os seus pais fizeram-no, não seguiram eles o desejo dos seus corações?

– E viveram apartados das famílias até o meu pai morrer em Edgehill, com vinte e quatro anos, deixando a minha mãe com a responsabilidade de me educar e à minha irmã na maior das misérias.

– Há coisas piores do que a pobreza.

– A fome? O frio? Não se saber de onde provirá a próxima refeição e se a nossa própria família alguma vez nos reconhecerá?

– E com a sua nova esposa, não sofrerá nenhuma dessas indignidades?

Os olhos cinzentos dele escureceram como uma tempestade no mar.

– Se eu pudesse escolher o que de facto desejo, não seria casar com Mistress Margaret Banaster, mas com outra. – Fitou-a durante um longo momento, antes de desviar o olhar para os campos e as quintas que rodeavam a casa. – E agora – prosseguiu, com um tom amargo e tão cortante como uma faca –, tenho uma esposa e uma enteada que chegarão ainda durante esta tarde.

Foi com alívio que Frances viu que já lhe traziam um cavalo dos estábulos; montou e despediu-se:

– Adeus, Vossa Senhoria. Desejo que seja feliz na sua nova situação.

Puxou as rédeas do cavalo de forma a que este virasse os quartos traseiros para Cobham Hall – o local que ela reconhecera com o seu olhar interior, sabendo de imediato tratar-se do lar por que ansiava – e começou a cavalgar a bom ritmo na direção de Gravesend, enquanto Charles Stuart, com a expressão de um homem que tivesse visto a própria morte, a observava.

Em menos de cinco minutos, já não via Cobham. Limpou uma lágrima e galopou até à portagem, onde chamou o portageiro, pedindo-lhe que levantasse a barreira. Enquanto ele saía da sua casinha, uma pequena carruagem amarela aproximou-se. Quando parou ao lado de Frances, esta apercebeu-se, com um sobressalto, de que tinha o brasão do duque de Richmond pintado de lado.

Uma mulher de rosto desagradável, de juventude já ultrapassada, com uma rapariga igualmente feia sentada atrás dela, levantou a cortina de couro que impedia que os elementos entrassem na carruagem e espreitou, querendo que o portageiro lhe dissesse porque ousava deixá-la à espera.

– Não sabe quem eu sou? – perguntou, apontando para o brasão da carruagem.

Apesar de ser um duque com coroa, Charles nunca teria encontrado uma carruagem tão ostentosa; nem, pelo que dissera a Frances, teria podido suportar tal custo. Era óbvio que a dama não perdera tempo algum a anunciar o seu novo estatuto a tudo e a todos.

Frances esperava que ele não viesse a ter motivos para lamentar a nova aliança. Mas parecia que casara com uma harpia.

Sentiu-se agradecida por seguirem tão poucas pessoas na barcaça que partiu de Gravesend. Numa ponta, um grupo de homens debatia os impostos e o que se dizia acerca de uma guerra com os Holandeses. Na outra, algumas mulheres tinham-se juntado, com cestos de compras e de roupa lavada nos joelhos. Frances sentou-se a poucos metros delas.

Perdida nos seus pensamentos, não prestou atenção à conversa que entabulavam, até se aperceber de que falavam do duque.

– Ouvi dizer que se casou no Hall – anunciou uma mulher anafada que transportava uma galinha ainda mais gorda.

– E já não era sem tempo – replicou a dona de casa que levava roupa.

– Então, Prue, não passou assim tanto tempo desde que perdeu a jovem esposa e a bebé.

– Mais uma razão para tornar a casar. O John, o marido da minha Kate, é o ferrador dele. O mordomo dele diz que o duque não se dedicou ao que quer que fosse desde que aquilo aconteceu. Tem cinco vintenas de criados a depender dele e todos ficaram aliviados por ele ter casado outra vez. Agora tudo o que precisa é de um belo herdeiro saudável.

– Sim – cacarejou a senhora da roupa. – Mas ouvi dizer que a viúva com quem casou é velha e feia.

A proprietária da galinha desatou a rir.

– Então é bom que apague as velas, recorde o velho adágio «à noite todos os gatos são pardos» e despache o assunto!

Frances virou-se. Fora estúpida e ingénua ao pensar que as pessoas podiam fazer o que queriam. Quaisquer que fossem os sentimentos que tivessem um pelo outro, ela só poderia ter casado com o duque se possuísse um dote valioso e a verdade era que isso estava fora de questão.

Quando a barcaça parou junto à Ponte de Londres, o crepúsculo começava a instalar-se. Ela olhou para as luzes tremeluzentes das mil embarcações que por ali estavam e tomou uma decisão. Se o lar feliz por que ansiava lhe seria negado, então dançaria, seduziria e frequentaria peças e bailes, aproveitando ao máximo ser jovem, livre e desejada por um monarca.

Todavia, por ora precisava de engendrar uma história suficientemente convincente para justificar a sua ausência.

¹¹ Canção popular inglesa, intitulada «Early one morning». (*N. da T.*)

¹² Chaffinch quer dizer tentilhão. (*N. da T.*)

Capítulo 8



A primeira coisa que Frances fez ao regressar ao seu quarto foi tirar a arca de madeira que guardava no armário. Era ali que escondia todas as recordações preciosas da infância: uma nota de agradecimento de Minette, uma madeixa do cabelo do irmão mais novo, Walter, uma miniatura do *spaniel* que tivera em criança e outros pequenos tesouros. Remexeu em vários poemas e esboços infantis até encontrar o que procurava: um desenho da casa que tanto se assemelhava a Cobham Hall.

Ficou a contemplá-la durante um pouco, perdida no silêncio. Era de facto estranhamente similar à casa que acabava de visitar.

De nada valia continuar a matutar naquilo. Se fora o destino ou algum desígnio profundo e desconhecido que criara aquele desenho, era ainda mais cruel que se tratasse do lar de outra mulher. Endireitando-se, num pose muito rígida, rasgou o desenho numa dúzia de pedaços e atirou-os para a lareira.

Ao dar-se conta da hora tardia, agarrou no vestido que usaria para a ceia e, nesse momento, ouviu uma batida na porta.

Mall entrou, com a pequena Mary atrás de si.

– Sinceramente, Frances, onde esteve durante todo o dia? A rainha perguntou por si e eu tive de lhe dizer que fora visitar os doentes, coisa que tenho a certeza não acreditou, tendo concluído que deveria estar com a Castlemaine ou com o rei. Não ficou satisfeita e pediu-me que a

recordasse dos seus deveres.

– Senti-me indisposta. Tive receio de ficar adoentada e recolhi-me ao meu leito, nada mais.

Frances virou-se para que Mall não lhe visse o rosto.

– Mas os seus olhos e pele brilham bastante, para alguém que tenha passado o dia na cama. – De súbito, agarrou-lhe a mão. – Tenha cuidado, não vá estar a envolver-se num jogo perigoso.

Frances voltou-se, com um sorriso determinado no rosto.

– Qualquer jogo a que me tenha dedicado chegou ao fim, e perdi-o. E agora tenciono apreciar o que a vida na corte oferece. Que entretenimentos estarão planeados, o que lhe parece? Quero ver uma peça divertida, bailar as danças mais recentes, usar um véu e visitar os jardins Vauxhall, onde se encontram os patifes e as mulheres de má fama...

– Deveras? O que aconteceu à menina que gosta de construir castelos de cartas e de brincar à cabra-cega?

– Cresceu.

– Espero que não vamos sentir-lhe a falta – disse Mall, com uma tristeza e uma intensidade na voz que Frances ainda não lhe conhecia.

– Vá, ajude-me com estes ganchos. Estou atrasada e a minha criada de vestir foi requisitada para outros afazeres.

Mall colocou-se atrás da jovem amiga e fitaram-se no espelho, embora Mall fosse bem mais pequena do que Frances e quase tivesse de espreitar por cima do seu ombro.

– Inspire.

Frances tinha escolhido um vestido de cetim azul-claro, com um camiseiro de seda cor de marfim. Sob o olhar da mulher mais velha, puxou o decote para revelar mais um centímetro de peito.

Mall – com dois casamentos e bem ciente de como funcionava o mundo – sentia-se levada por emoções contraditórias. Não havia dúvida de que o rei ficaria encantado com a nova aparência de Frances. Mas ela sentia-se quase como uma mãe cuja filha tivesse posto de parte as suas coisas de criança.

Frances beliscou os lábios para lhes dar cor e procurou o leque no toucador.

Do poleiro, o papagaio fitava-a com um ar pesaroso.

– Recordar Charlie Stuart – ordenou, embora num tom surpreendentemente hesitante, como se, de alguma forma estranha, soubesse que a sugestão não seria bem recebida.

– O teu Charlie Stuart casou com uma mulher velha, feia e rica; e eu suspeito que ela o irá fazer sofrer por isso! As pretensões de grandeza dela irão deixá-lo na miséria em menos de um ano, estou certa, e é bem feito.

Os lábios de Mall contorceram-se num sorriso, que se apressou a suprimir. Então era assim que sopravam os ventos. Bem, talvez fosse melhor dessa maneira, apesar das dores que provocava. Ainda que o rei fosse um homem generoso, só Deus sabia como reagiria caso Frances tivesse mesmo preferido o primo mais novo do monarca.

– Vá, vamos cear e planejar o seu programa de divertimentos.

Mall agarrou num xaile e cobriu a gaiola do papagaio. Pensou que ele talvez fosse proferir um dos seus comentários argutos, mas não o fez. O pássaro sabia reconhecer uma derrota.

A mudança que se deu em Frances depois da sua visita a Cobham foi impressionante e, de facto, todos repararam.

Parecia ter-se libertado da sua sedutora franqueza e haver perdido o interesse por jogos. O riso fácil que antes ecoava nos aposentos da rainha foi substituído por uma sofisticação refinada. O tom de leite e mel da sua pele era discretamente realçado por meio de maquilhagem; o decote tornou-se mais ousado; e até usava as moscas que desprezara, por considerá-las artifícios de velhas e de quem tinha sofrido de bexigas.

O rei achava-a mais cativante do que nunca, embora sentisse falta da disposição que ela costuma ter para o escutar a contar a história muitas vezes repetida da sua fuga para o carvalho Worcester – uma história narrada com tanta frequência que todos, exceto Frances, bocejavam.

Um calor sufocante abateu-se subitamente sobre Londres, enchendo o

ar de tanta poeira que até os mercadores ambulantes deixaram de gritar «Cerejas maduras!» ou «Cadeiras novas pelas velhas!» e se abrigaram do sol abrasador em becos escuros, disputando com os ratos a pouca sombra que encontravam.

Os teatros, sempre quentes e sobrelotados, estavam-no ainda mais. As damas tentavam disfarçar o suor ensopando-se em perfume, mas ainda havia quem desmaiasse na plateia enquanto esperavam pelas representações que começavam às três da tarde, hora a que o sol parecia mais quente. Nada intimidada, Frances assistia a peças quase todos os dias, quer no Teatro do Duque quer no do Rei, apreciando muito *The Indian Queen*, *The Court Secret*, *The Slighted Maid*, e sorrindo com amargura ao ver *The Rival Ladies* ¹³.

Apesar do sol, ela ia até ao ringue de Hyde Park, adorando a nova moda das carruagens com janelas envidraçadas, que aumentavam a possibilidade de se ver e ser visto. Jogava às cartas e aos dados e gastava todo o ordenado de aia em chapéus, vestidos, véus de renda e véus pintados, feitos de pele de galinha. E, entretanto, ia flirtando com os fidalgos e esgrimindo combates verbais com cortesãos como os Lordes Bockhurst e Rochester, que começavam a mudar a opinião que tinham dela.

– Beleza sem bondade não vale metade – recordava-a a ama com azedume, dividida entre o orgulho que sentia pela beleza da sua jovem e a preocupação por ver a borboleta colorida que emergia de um casulo modesto.

– Frances Stuart – maravilhou-se a irmã Sophia –, parece uma dama completamente diferente. Sempre pensei que eu era a errante da família.

– Pois bem. – Frances fechou o seu leque novo, recusando-se a pensar no que poderia ter sido. – A verdade é que eu era muito parada. Agora só com sorte tenho cinco minutos para me sentar.

Sophia Stuart não era a única pessoa a reparar na transformação de Mistress Frances Stuart.

Barbara Castlemaine sorria-lhe, pois calculava que isso significava que a camada dourada que revestia o lírio inocente começava a pelar, e

que o que atraía o rei depressa se perderia.

Mall observa-a com um laivo de tristeza, pois sabia a razão de tudo aquilo.

O irmão de Mall, o encantador mas tortuoso duque de Buckingham, também notou e ponderou muito sobre qual seria a melhor forma de a usar em seu proveito.

Com esse intuito, abordou a irmã certa noite enquanto Mall observava o rei a acompanhar Frances numa vigorosa dança campestre. Estavam nos aposentos da rainha, embora esta se encontrasse a jogar às cartas. Era um belo quadro, com os cavalheiros vestidos com veludos e rendas, as damas nas suas sedas e tafetás, com brincos de pérola que refletiam as luzes de dezenas de velas.

– Bem, Borboleta – sussurrou o duque, inclinando-se tanto que os caracóis da sua peruca loura roçaram na face de Mall, fazendo-lhe comichão. – O que achas? A bela Stuart sucumbiu? De Grammont acha que não, e ele é o mestre de todas as apostas. O rei, diz ele, seria menos cordial se ela o tivesse feito. E, se ele estiver certo, teremos de agir depressa, pois esta ousada semivirgem está a provocar Sua Majestade a ponto de o enlouquecer. Ele negligencia todo o trabalho para a contemplar, segundo o Arlington me diz.

– E que planeiam fazer?

– Temos um esquema. Formámos um comité para entregar Mistress Stuart ao rei.

Mall não conseguiu conter uma risada.

– Pensava que os comités serviam para regular as Leis dos Pobres e limitar o vapor do carvão.

– Não estás a dar ao assunto a seriedade que merece. O rei ficará tão agradecido quando vencermos a resistência dela que a nossa influência junto dele decuplicará. O Arlington está comigo, tal como o Ashley, Lorde Bristol e sir Charles Berkeley.

– O Clarendon não, depreendo.

– Eles odeiam o Clarendon. É um velho de vistas curtas que trata o rei como se este fosse um menino. Só reprovava esta ação. O melhor é que

se mantenha longe do Conselho e cuide da gota. Seria melhor para todos.

– Sobretudo para ti – murmurou Mall. – E como, ao certo, pretendem persuadir Mistress Stuart, que há tanto tempo resiste?

– Vamos tratar de tudo para que eles fiquem a sós e ninguém possa interrompê-los.

– Uma violação real, então? Que encantador! Empregam Lorde Rochester como proxeneta? Oiço dizer que tem uma vasta experiência nesse campo.

– Mall, presta atenção. A forma como Mistress Stuart se comporta não é justa para o rei. Primeiro era só inocência e jogos de cabra-cega, agora é o género de provocação que a Madame Cresswell sem dúvida ensina às suas meninas para poder vender-lhes a virgindade vezes sem conta! Qualquer homem perderia o juízo.

Mall seguiu o olhar do irmão, que se detinha, luxurioso, em Frances, que dançava alegremente com o rei.

– E tu também, ao que me parece. Para, George, não quero saber mais disso. Mistress Stuart assemelha-se um pouco a um catavento, é certo, porque não domina o próprio coração; e aquilo que realmente quer não pode ter. Mas é honesta e eu não participarei nesse «comité». Na verdade, desaconselho-te veementemente, bem como a todos os outros, a desistir de tais ideias e deixar que o rei se desenvencilhe por si mesmo.

Mall não ouviu falar mais dos planos do irmão porque a rainha decidiu, sem mais delongas, ir para as termas de Tunbridge Wells.

A triste razão que a levava para lá era conhecida de todos: as termas eram afamadas pelas suas propriedades restauradoras. Entre inúmeras maleitas que se acreditava aliviarem, contava-se a indução de gravidezes em damas sem filhos. Por aquela altura, já toda a corte cria que a rainha era estéril e culpava o conde de Clarendon por isso, já que poderia sair beneficiado, dado que a sua filha Anne Hyde se casara com o irmão do rei, o duque de York, e os filhos destes seriam herdeiros do trono se o rei não tivesse filhos legítimos.

Havia muita especulação quanto às damas de companhia que a rainha

levaria consigo. Frances, ainda ávida por qualquer diversão que a distraísse de Cobham, ficou encantada ao ser incluída nas poucas favorecidas. Tinha também de admitir que Tunbridge Wells era um local encantador para visitar, por comparação com a poeira e o lodo de Londres, sobretudo no verão, e todos se sentiam gratos por ir para ali, tal como o rei.

Ali, os grandes privavam com os não tão grandes, todos arrendando pequenas casas ao longo da estrada de uma milha que conduzia às termas. O ambiente era mais o de uma aldeia do que de uma cidade, ainda que oferecesse todas as comodidades comerciais e sociais que a corte tanto apreciava.

Havia um longo caminho, à sombra de castanheiros de copas largas, sob as quais a companhia se reunia todas as manhãs e passeava, a conversar, enquanto bebia daquelas águas. De um dos lados do caminho havia uma longa fileira de lojas que vendiam brinquedos, rendas, luvas, meias e todos os pormenores requeridos pelas pessoas elegantes. Do outro lado, havia um mercado onde raparigas do campo, com os seus rostos sadios e chapéus de palha, vendiam carne de caça, peixe, vegetais, flores e fruta. Ali o entretenimento era que cada casa adquiria o que precisava e cada dama desfrutava da novidade de fazer as suas próprias compras!

Ao final da tarde, todos abandonavam o pequeno palácio para se reunirem nos relvados, onde, sob as estrelas, podiam dançar ao ar livre numa relva mais suave e macia do que qualquer carpete do mundo. Também havia o que caçar e muitas intrigas para manter os coscuvilheiros ocupados.

O rei, como é óbvio, não ficou numa casa arrendada, mas no encantador paço de Summer Hill, propriedade de Lorde Muskerry e da sua esposa, que estava prestes a dar à luz – um facto que não a impediu de participar em todas as maravilhas que Tunbridge Wells oferecia: os bailes e demais diversões, caçadas, falcoaria e até caça à lebre com galgos.

Para seu grande embaraço, de todas as beldades da corte só Mistress

Stuart teve a honra de ser convidada para Summer Hill, o que enfureceu de tal forma Barbara Castlemaine que esta chegou com um ar muito ressentido e escandalizou até os cortesãos de moralidade mais laxa, passeando-se com os bastardos reais – tão parecidos com o rei, de cabelos negros e olhos brilhantes, que só podiam ser farinha do mesmo saco – para cima e para baixo pelo caminho dos castanheiros.

Certa manhã, Frances acompanhava a rainha na sua carruagem e passaram por Barbara que, com os filhos, se encontrava embrenhada numa conversa com Lady Muskerrey, cujo corpo pesado revelava o seu avançado estado da gravidez. A rainha apressou-se a desviar o olhar, mas Frances ainda lhe viu o refulgir de uma lágrima, perante uma imagem tão vívida da fecundidade.

Enquanto Lady Muskerrey se despedia de Barbara, passaram por lorde Rochester e lorde Buckhurst, que se passeavam na direção contrária.

– Pelo menos haverá um catraio que não se parecerá com Sua Majestade, disse Rochester, num sussurro bem audível.

– Então será o único – respondeu Charles Buckhurst, e ambos se riram muito.

Frances esperou que os alegres cavalheiros tivessem passado e depois perguntou à rainha se lhe dava licença para se apear e ir comprar rendas.

– Com certeza. Esperá-la-ei nos relvados – disse a rainha Catarina com o seu doce sorriso.

Depois de a carruagem de Sua Majestade estar fora de vista, Frances encaminhou-se rapidamente em direção a Barbara.

– Que encantador, Lady Castlemaine – comentou ela –, que se interesse tão subitamente pela sua prole. Foi o sol que lhe afetou a cabeça? Ou tem a intenção deliberada de fazer sofrer a rainha?

Os célebres olhos violeta de Barbara estreitaram-se, dando-lhe o ar de uma bacante ávida por desfazer a rival.

– Será possível, Mistress Stuart, que se atreva a fazer-me essa pergunta, quando a sua própria existência e o conhecimento dos desejos luxuriosos do marido da rainha por si decerto lhe causarão uma dor muito maior do qualquer outra que eu provoque?

– Creio que estará ao seu alcance compreender, senhora, que, ao contrário de si – replicou, com um olhar significativo para as crianças –, eu ao menos posso receber o crédito de resistir.

– E julga-se muito nobre por isso, de uma inocência resplandecente! Mas eu vi como reagiu quando o rei lhe tocou. Há uma palavra para mulheres da sua laia, Mistress Stuart. – Baixou o tom da voz para um sussurro ameaçador. – Provocadora.

– E há outra para as da sua, Lady Castlemaine – ripostou Frances, com vontade de bater naquele rosto estragado e voraz. – Uma rameira. Mas as rameiras têm a desculpa da pobreza, enquanto a senhora é filha de visconde. Por isso, não só é rameira, mas rameira por opção... e, como a minha ama gosta de dizer, uma vez rameira, rameira para sempre. Ainda é jovem e bonita, mas um dia será velha e ninguém a quererá.

Apercebeu-se do som de aplausos e, ao virar-se, deparou-se com Lorde Buckhurst e Lorde Rochester, que batiam palmas com grande entusiasmo.

– Minha querida Mistress Stuart – elogiou-a Lorde Rochester, com um sorriso malicioso dirigido a Barbara –, diz-se de si que é simples e infantil, mas parece-me que tem juízo suficiente para poder manter a cabeça erguida em qualquer companhia. Barbara, meu amor, a senhora é o passado e Mistress Stuart é o futuro.

Depois do seu escaldante encontro com Barbara, Frances tomou uma decisão. Cumpriria os seus deveres para com a rainha enquanto sua dama de companhia mas, para além disso, tentaria levar uma vida tão calma quanto possível, evitando a companhia de grandes senhores, sobretudo do rei, limitando-se a aproveitar os prazeres de Tunbridge Wells.

Em consequência, enquanto todos os cortesãos deambulavam à sombra dos castanheiros bebericando as águas curativas, Frances pôs de parte as suas sandálias de seda preferidas, adornadas com rosas brancas, e calçou uns sapatos resistentes, apropriados para um passeio meditativo pelos campos.

Foi recompensada pela beleza do dia. O céu estava de um azul muito pálido, com algumas nuvens altas dispersas e um véu de orvalho, tão delicado como um dos seus lenços de organdi, ainda suspenso nas copas das árvores, que dava à paisagem um aspeto onírico, adequado à disposição de contemplar o seu futuro.

Via o problema da seguinte forma: para assegurar um marido, precisaria de um dote, que não tinha. Isso deixava-lhe a opção de encontrar um cavaleiro que não quisesse saber de tais coisas, embora o imaginasse que tão raro quanto pétalas de rosa em janeiro.

Virou-se, pronta para retornar, quando o som de um galho a quebrar-se a sobressaltou.

Havia um jovem a segui-la, a observá-la. Era alto e tinha cabelo escuro, uma barba sedosa e olhos brilhantes. Apesar de ricamente vestido, parecia desconfortável no seu próprio corpo. Na verdade, fazia-a lembrar-se da garça que por vezes se empoleirava à beira do lago de Minette no Palais Royal – atento, imóvel, com longas pernas magérrimas.

– Posso ajudá-lo, senhor? – perguntou com delicadeza, pois não desejava espantar a garça.

Ele hesitou.

– É Mistress Stuart?

– Sou, de facto. E quem é o senhor?

– Geo... – gaguejou. – George Worthington.

Começou a caminhar ao lado dela. Enquanto avançavam, Frances foi conversando de forma simples, fazendo comentários a respeito do azul do céu e da beleza do dia, até ele parecer confiar nela.

– Não está a tomar as águas? – perguntou ele.

– Receio bem sofrer da mais rude das saúdes.

Ele riu-se, encantado.

– Nem mesmo pequenos sintomas, à semelhança das damas da corte? Enfado? Uma dor de cabeça por se deitar muito tarde?

Frances riu-se.

– Procuro chegar à cama antes da madrugada.

– E não gosta de passar a noite a jogar às cartas ou aos dados, como as outras damas?

– Senhor, não tenho fundos para tal.

– Nem do rei?

– Não desejo os fundos do rei. – Ela parou e fitou-o, olhos nos olhos, encorajada pelos modos cativantes dele. – Na verdade, talvez possa aconselhar-me sobre uma questão em que tenho andado a pensar.

Ele fez uma vénia, parecendo de súbito mais velho do que era, com uma expressão grave como a de uma coruja.

– Darei o meu melhor.

– O que hei de fazer? Passei esta última meia hora a deambular por aqui, cheia de dúvidas. Devo tornar-me amante do rei ou fugir da corte? Parece não haver outra alternativa para alguém como eu, com quem nenhum homem honesto casará, pois não disponho de um dote que lhe aumente as terras ou restaure a fortuna.

Ele fitou-a, de olhos em chama.

– Decerto não faltarão cavalheiros que a desposem, com ou sem dote. A beleza e a inteligência não bastam para satisfazer um homem distinto?

Ela sorriu-lhe, respondendo com uma ligeira provocação:

– Ainda não encontrei esse homem.

Ele deu-lhe a mão e encostou-a ao seu peito.

– Então não tem procurado nos locais certos.

Sem se darem conta, tinham regressado ao passeio dos castanheiros, que entretanto ficara apinhado de cortesãos, que os observavam com curiosidade.

Frances conteve o sorriso de intimidade e despediu-se com uma pequena vénia formal.

– Adeus, Mister Worthington. Espero que o seu conselho, para além de generoso, se revele correto.

Perscrutou a multidão de observadores curiosos, esperando ver um rosto amigo.

Contudo, aquele que viu era indesejável.

Barbara Castlemaine, envolta num vestido impróprio de cetim cor de

bronze, que revelava mais das suas curvas voluptuosas do que seria adequado àquela hora ou a qualquer outra, olhava para ela com um sorriso presunçoso e satisfeito que, conforme Frances notou, a deixava com um queixo duplo pronunciado.

Sem lhe dirigir palavra, Frances sobraçou o manto e caminhou em direção ao ativo mercado onde os vendedores apregoavam as suas mercadorias.

Recusava-se a ser intimidada por Barbara.

No mercado, chamou-lhe a atenção um leque particularmente bonito que representava uma deusa grega debruçada sobre uma criada, pois tinha nítidas semelhanças com a filha de Mall, Mary. Parou para o comprar, apoiando-se ao poste de madeira que suportava o grande toldo, cuja sombra cobria toda a banca. Aquela pequena lembrança agradaria muito a Mall.

Sorriu, satisfeita consigo mesma, a recordar o seu encontro com o jovem e quão simpático e nada afetado ele se mostrara; gostaria de saber se ele assistiria à caça à lebre com galgos que a rainha solicitara para essa tarde, pois queria ver o próprio cão a perseguir a lebre.

Enquanto observava o vendedor a embrulhar-lhe o leque num pano sedoso, ouviu uma voz conhecida e, instintivamente, ocultou-se na área sombreada junto às bancas.

George Worthington caminhava pelo mercado na companhia de um homem mais velho e que Frances reconheceu de imediato como sendo o conde de Grammont, um dos cortesãos mais argutos e infames de Whitehall.

– Meu querido George – ronronava de Grammont –, pois é óbvio que está apaixonado por ela, quem não estaria? É tão encantadora quanto o dia é longo. Tal como eu fiquei completamente enamorado por Mademoiselle La Motte Houdacourt, aia da rainha viúva, em França. E, quando descobri que o rei Luís também a desejava, recusei afastar-me, embora houvesse a lei tácita de que, se o rei tivesse falado com uma dama mais do que uma vez, todos os outros pretendentes deveriam recuar. Em vez de me afastar, como qualquer homem sensato faria,

enviava-lhe luvas perfumadas e compota de alperce. Deixava-lhe caixas elegantes diante da porta. E será que conquistei a mão da bela *mademoiselle* com a minha valentia tola? – Interrompeu-se, sofrendo de novo com a memória dolorosa. – Não, fui banido da corte francesa e tive de vir para aqui, para este país bárbaro!

– Então crê que não devo dar seguimento ao meu contacto com Mistress Stuart?

– Meu querido rapaz, está louco? O rei ama-a acima de tudo! Acabaria enviado numa expedição à Guiné na companhia do príncipe Rupert, ou nalguma façanha onde teria de arriscar a vida!

– Mas eu não faço parte do exército – protestou o jovem, teimoso.

– Então seria uma missão diplomática a qualquer país distante, sob a justificação de as suas capacidades serem necessárias. Acredite em mim, a varíola, a peste ou tombar amoroso por La Belle Stuart... são três calamidades igualmente fatais!

Frances, escondida nas sombras, sentiu o ânimo a desvanecer-se. Então era aquela a verdade! Nenhum homem honrado se atreveria a tocar-lhe. Era uma leprosa vestida com sedas e joias. Bem podia andar com um sino, a avisar todos os homens de bem para que se afastassem dela.

– O seu leque, senhora – lembrou-a o vendedor, interrompendo-lhe os negros pensamentos.

Ela pegou no embrulho, ainda com algumas esperanças de que George Worthington resistisse ao conselho do seu companheiro viajado e tornasse a procurá-la. Contudo, ele continuava a caminhada, escutando atentamente o conde de Grammont, enquanto Frances sentia lágrimas quentes a deslizarem-lhe pelo rosto que começava a revelar-se não ser fortuna alguma, mas fonte de desgraça.

¹³ Peças inglesas da segunda metade do século XVII. (N. da T.)

Capítulo 9



Uma vaga de fúria apoderou-se dela perante a situação impossível em que se encontrava; sabia que, apesar de poder recorrer à mãe e à irmã, só Mall compreenderia realmente os seus sentimentos. A mãe limitar-se-ia a encolher os ombros e Sophia teria há muito sucumbido ao rei, contando os colares de pérolas enquanto o fazia.

Pontapeou uma pedra com toda a força. Talvez tudo corresse melhor se ela se parecesse mais com a irmã.

Mas não parecia, nem nunca se parecera.

Mall não estava alojada em Summer Hill, mas numa casa perto das termas, não longe do sítio onde ela se encontrava. Como muitas das casas arrendadas pelos nobres, estava muito aquém do seu próprio estatuto. Contudo, isso dava a todos a desculpa para dispensarem a maioria dos criados, mantendo apenas os essenciais, podendo então brincar às casinhas, quase como se fossem ciganos a acampar ao ar livre. Frances adorava.

Dada a falta de criados, não ficou surpreendida quando bateu à porta de Mall e não obteve resposta, nem sequer de uma cozinheira ou ajudante de cozinha, pois estas poderiam ter ido ao mercado, e pareceu-lhe ver Mary a brincar nos campos. Estava prestes a ir-se embora, concluindo que Mall deveria ter-se juntado ao séquito da rainha, que fora assistir à caça da lebre com galgos, quando julgou ouvir um som no andar de cima.

Com passos hesitantes, subiu a escadaria estreita.

Um silêncio estranho preenchia a casa. Era tão patente que Frances ficou à escuta, parada, observando as partículas de pó onde o sol da tarde incidia.

Tinha acabado de se virar para se ir embora quando reparou que a porta do quarto de Mall estava aberta. Um raio de luz dourada iluminava o soalho, como se alguém segurasse num prisma que contorcesse os raios. Sem pensar, Frances debruçou-se para se apoiar na madeira suave e reteve a respiração.

O quarto estava escassamente mobilado, tendo apenas uma arca, uma mesa junto à janela e a grande cama de madeira, que ocupava a maior parte do quarto. E, na cama, como Adão e Eva antes da queda, Mall dormia, entrelaçada nos braços de um belo jovem.

Ela tinha a cabeça encostada ao pescoço dele e a sua pele branca brilhava como o mármore polido de uma estátua, contrastando com o reflexo dourado do ombro dele. No chão, as roupas deles estavam espalhadas, como se tivessem sido atiradas no auge daquilo a que se tinham abandonado.

A primeira reação de Frances foi retirar-se tão depressa como uma sombra, mas o jovem abriu os olhos. Ela viu que eram dourados como a pele dele, salpicados por um castanho mais profundo. O jovem ergueu uma mão para cumprimentar, como se se encontrassem num baile ou numa rua da vila.

– Tom Howard. Prazer em conhecê-la.

Abanou delicadamente a figura adormecida a seu lado.

– Mary, está na altura de acordarmos e enfrentarmos as realidades da tarde. Tenho de partir para Londres. Desperta.

Era tão estranho ouvir que alguém a tratava não por Mall ou Borboleta, mas pelo seu nome de batismo, Mary.

Os seus olhos ensonados iluminaram-se quando recaíram no amante dourado.

– Não, Tom. – Escondeu o rosto no ombro dele, inspirando-lhe a pele como se fosse um perfume adocicado. – Não quero deixar esta cama,

nunca mais.

Ele riu-se.

– Nem eu. Mas é necessário. Vê, está aqui um anjo que veio acordar-nos.

Mall olhou para Frances, parecendo só então dar pela sua presença.

– Está tudo bem? – Sentou-se. – Passa-se alguma coisa com a pequena Mary?

Desde a perda súbita do seu querido filho Esme que se preocupava muitíssimo com a segurança de Mary.

Frances abanou a cabeça, sentindo-se culpada por ter ido sobrecarregar Mall com o fardo dos seus problemas.

– Não, acabo de a ver a correr e a saltar no campo com a ama.

Mall debruçou-se e o seu cabelo caiu como uma cortina castanha sobre o peito de Tom.

– Que ideia tentadora! E se também fôssemos dar cabriolas pelos campos, meu querido?

Ele riu-se, apanhando-lhe o cabelo com uma mão e beijando-lhe o pescoço.

– Nós, não. Seríamos uma afronta para a população.

A brandura abandonou-lhe os olhos por um instante e inquiriu:

– Por eu ser uma bruxa de quase quarenta anos e tu um jovem afortunado com metade da minha idade?

– Sabes que não era isso que eu queria dizer.

Frances ficou impressionada com a ternura protetora com que ele a tratava. Era como se Mall fosse uma criança obstinada e ele o pai sensato e judicioso.

Tom segurou Mall pelos ombros com gentileza e saiu da cama, envolvendo o corpo com o lençol para tapar a nudez.

– Infelizmente, tenho de voltar a Londres para o meu turno de vigia. – De súbito, falava num tom sério e triste. – Queira dar-me licença, senhora – disse a Frances, fazendo uma vénia e apanhando as suas roupas como se apenas recuperasse um lenço que tivesse deixado cair. – Vestir-me-ei no quarto ao lado, minha senhora, para não ficar corada. –

O sorriso pronto tinha regressado.

– E eu deveria ir averiguar se a rainha deseja os meus serviços. – Frances virou-se para a porta, mas Mall agarrou-lhe a mão e deteve-a. – Não, fique. O Tom vai embora e, quando ele partir, ficarei sem o meu sol. Precisarei que me conforte.

Frances sentou-se na beira da cama, acariciando a mão de Mall, que revelava mais os anos do que o fulgor do cabelo castanho ou o brilho dos olhos cor de avelã. Que estranho que tivesse ido em busca de consolo e acabasse por ser ela a dá-lo. Mas talvez pudessem confortar-se uma à outra.

Tom regressou ao quarto, vestido de veludo negro, com rendas prateadas. Fez uma vénia e mostrou uma rosa.

– Como símbolo de amor não é muito, mas colhi-a da roseira ao lado da janela. As suas cores vivas fazem-me lembrar de ti. – Levou-a ao nariz. – E o seu perfume doce e irresistível também.

– Então leva-a contigo, não ma dês – respondeu Mall, colocando-lha dentro do gibão.

– Vou mantê-la junto ao coração.

Por entre os trocadilhos, Frances pressentia uma mágoa amargurada e compreendeu que a inveja que sentira por Mall e pelo seu jovem e despreocupado amante poderia não ter razão de ser.

Ele curvou-se e beijou-a, com os olhos subitamente toldados pela dor.

– Adeus, minha querida. Espero que voltemos a ver-nos em breve.

E partiu.

Mall esperou até ouvir os últimos passos dele nas escadas e então soltou um gemido angustiado, como se estivesse a passar pelos últimos estertores do parto.

Alarmada, Frances ajoelhou-se ao lado dela.

– Ele vai-se embora – sussurrou Mall numa voz rouca, como se cada palavra a sufocasse. – Matou um homem. O meu glorioso e afortunado Tom. Foi num duelo, mas não importa. Sabe que o rei detesta duelos e o Tom é tenente da guarda pessoal de Sua Majestade. E agora tem de partir e esperar que o rei o perdoe.

– Como aconteceu isso, qual foi o motivo do duelo?

A pergunta deixou Mall ainda mais angustiada.

– Foi por causa de Lady Shrewsbury. Eu sei, eu sei, deveria estar zangada com ele e nunca mais o ver. Anna Maria Talbot é uma meretriz à altura da minha prima Barbara. Só tem vinte e três anos, mas já teve uma torrente de amantes. Até o meu próprio irmão suspira por ela. – Mall endireitou-se, apoiando-se nas almofadas. – É uma história tola. O Tom convidou-a para cear no jardim primaveril e levou um gaiteiro do regimento para lhe fazer uma serenata. Depois o Henry Jermyn, esse Lotário estúpido e minúsculo, que se julga capaz de fazer qualquer mulher ir comer-lhe à mão, e não só à mão, decidiu cortejá-la e riu-se do gaiteiro. O sangue dos homens jovens ferve mais do que a cerveja apimentada no ferro do fogão, pelo que o Tom desafiou o Jermyn. Enfrentaram-se no dia seguinte e o padrinho do Jermyn foi atingido e morto.

– E o Tom não pode implorar o perdão de Sua Majestade e oferecer-se para se redimir?

Mall abanou a cabeça.

– É pior por ele fazer parte da guarda pessoal do rei. Se ficar, será preso na Torre e vigiado pelos próprios homens que comanda.

Frances embalou Mall nos seus braços.

– Durante quanto tempo terá de se ausentar?

– Não sei. Até o rei ser persuadido a perdôá-lo.

A rainha estava mais feliz em Tunbridge Wells do que alguma vez a haviam visto. Dispensava muitos dos rituais e cerimónias que lhe ditavam a vida em Whitehall e organizava jogos de cartas e ceias, bem como bailes improvisados no relvado ao lado dos seus aposentos. Isso simplificava muito a vida às suas damas de companhia. Catherine Boynton gostava de se divertir com o seu Dick; Lady Suffolk fazia sextas durante a tarde e Cary Frazier sucumbiu aos encantos de um primo de Lorde Buckhurst, que depois desapareceu, deixando-a de coração partido mas não, por sorte, de esperanças, ainda que tal fosse

um grande receio seu, o que a levou a bailar uma dança indecorosa quando as regras mensais surgiram.

A razão que levara a rainha a estar feliz foi, no entanto, de curta duração. Ao contrário de Cary Frazier, estava ansiosa por aumentar a família mas, apesar de tomar regularmente águas termais, não havia qualquer sinal de isso vir a acontecer.

Frances encontrou-a enquanto passeava de manhã cedo sob a copa dos castanheiros. O ar começava a arrefecer e as termas, fonte de tanta alegria como de águas restauradoras, começavam a parecer algo melancólicas. A rainha encontrava-se junto a uma das fontes, bebericando um copo. Tinha os olhos fechados e Frances percebeu que estava a proferir uma prece. Percebeu as palavras «Santa Maria»¹⁴, embora o resto lhe fosse impercetível, já que era em português.

A rainha Catarina abriu os olhos e, antes que pudesse adotar a delicadeza habitual, Frances reparou que uma expressão fugaz de dor lhe toldava as feições infantis.

– Mistress Stuart, bons dias.

Frances fez uma reverência.

– Não, aqui não. – A rainha abanou a cabeça. – Não é sítio para tal formalidade. Aqui somos todos amigos. – Suspirou. – O rei deseja regressar a Whitehall amanhã.

Parecia um castigo. Para Tom Howard, que matara um homem, a prisão era a Torre, mas, para a rainha de Inglaterra, parecia ser o palácio de Whitehall.

– Não poderá ficar aqui sozinha, Majestade? – perguntou Frances com brandura.

– Devo estar com o meu esposo – insistiu ela, recuperando a expressão altiva. – Quando se casa com um rei, é necessário aprender a ser paciente. – Fitou-a nos olhos. – Tenho tido muitas oportunidades de o aprender.

Catarina pousou o copo e afastou-se, deixando Frances muito perturbada. Não era sua intenção magoar a rainha! Para além daquele lapso nos aposentos de Lady Castlemaine, nada fizera para encorajar a

obsessão que o rei tinha por ela. Se ao menos pudesse fugir àquele mundo... mas para onde poderia ir?

Os seus pensamentos, como um cão incapaz de parar de morder a própria pata, regressaram uma vez mais a Cobham. Como estaria ele a dar-se com a duquesa de cara desagradável e a filha dela, tão feia? E Frances ansiava por ser alguém – uma pastora ou uma criada – que pudesse fazer as suas próprias escolhas.

Sem Tom Howard, Mall estava pronta a regressar tão cedo quanto possível. Frances ajudou a guardar todos os pertences da rainha e depois tratou dos seus. Na manhã seguinte, ela e Mall aguardavam pela carruagem que as levaria quando uma trombeta soou, pelo que espreitaram pela janela.

Era o próprio rei, que se debruçava da sua carruagem e as chamava.

– Venham, senhoras, ofereço-vos boleia até Londres. Lady Castlemaine está de mau humor porque me recusei a levá-la e aos miúdos. Adoro os meus filhos, mas não em viagens desconfortáveis. A minha esposa já seguiu, pois deseja fazer uma viagem muito lenta. – Piscou-lhes o olho, com uma expressão alegre e os olhos escuros com um brilho malicioso. – Tentámos conseguir um herdeiro ontem à noite e o físico disse-lhe que ficasse deitada. Ela também tem rezado muito, como a esposa do meu primo Luís costuma fazer nestas circunstâncias. Eles obtiveram resultados, pelo que tenho de manter a esperança. Venham!

Frances olhou para Mall e abanou a cabeça, chocada por ouvir revelações tão íntimas. Mas o rei era tão dado a surpreender os outros com a sua candura e entusiasmo que se tornava difícil julgá-lo com dureza. Poderia ter muitos defeitos, mas a hipocrisia não era um deles. Frances recordou-se de quando Lorde Rochester lhe pregara um verso indecoroso na porta do quarto, que rezava:

*Temos um belo rei espirituoso
Cuja palavra ninguém segue
Que nunca disse algo monstruoso*

Nem uma palavra bem empregue.

E o rei, em vez de mandar Rochester para a cadeia, como poderia ter feito, rira-se e replicara:

– É bem verdade, já que as minhas palavras me pertencem e os meus feitos são o que me guia.

Assim que se instalaram na carruagem, o rei interpelou-as:

– Então, senhoras, ouviram falar do louco do Henry Jermyn?

A menção do rival com quem o seu amado Tom se batera em duelo fez com que Mall ficasse branca como soro de leite. Mas, afinal, tratava-se de outra questão:

– Apostou quinhentos guinéus com o de Grammont em como seria capaz de percorrer vinte milhas no mesmo cavalo em menos de uma hora... e ganhou!

Dado que a velocidade habitual a cavalo não passava de oito milhas por hora, as damas ficaram impressionadas.

Pensar em Grammont, lívido como certamente estaria por ter perdido uma maquia tão elevada, provocou um sorriso em Frances. Mesmo para um jogador, quinhentos guinéus era um resgate de rei.

– Por que motivo a deixa tão contente o infortúnio do conde, Belle? – quis saber o rei.

– Estava apenas a pensar no que a minha ama diria, Majestade. Muitos vão buscar lã e voltam tosquiados.

O rei soltou uma grande gargalhada.

– Não posso esquecer-me de lhe recordar isso.

Contudo, Mall não se juntou aos risos. Preocupavam-na outros assuntos.

– Não acha que o Jermyn é um homem incivilizado e insubmisso? – perguntou ao rei, esperançada. – Do género capaz de se envolver numa luta sem pensar nas consequências?

– Ah! – replicou o rei. – Refere-se ao duelo com o nortenho Tom Howard? O Jermyn é realmente incivilizado, mas estou bem mais zangado com o Howard. O Tom faz parte da minha guarda pessoal. Da

parte dele, trata-se de uma ofensa séria. E eu terei de me responsabilizar perante a família do jovem Rawlins, lembre-se bem disso. Foi ele quem o matou.

O resto da viagem foi passada com Mall num silêncio pesaroso e Frances a tentar distrair o rei, não fosse ele adivinhar o motivo do interesse dela por aquela questão.

Quando chegaram a Whitehall, Frances foi a primeira a apegar-se, pois os seus aposentos eram os mais próximos do portão Holbein.

Assim que Frances desapareceu no interior do seu edifício, Mall virou-se para o rei e, esquecendo todas as intenções de ser discreta, inquiriu:

– Majestade, o que seria necessário para que perdoasse Tom Howard e este voltasse a estar nas suas boas graças?

O rei fitou-a com um olhar franco, começando a compreender.

– Então é isso que se passa. Não será ele um fruto demasiado verde para os seus gostos, Borboleta?

– Não sou assim tão velha! Para além disso, o seu pai casou-me aos doze anos, e passado um ano, já eu era viúva; depois, aos dezasseis, fez-me desposar um dos seus parentes. Aprendi a amar o meu James, mas foi um amor nascido do dever, não da escolha.

– E agora escolheu o Tom Howard? Sem um tostão e o filho mais novo da família? Tem orgulho e afeto debaixo daquele exterior calmo, isso é verdade. Mas a Mall é a filha de uma das maiores famílias de toda a Inglaterra. Não poderá ser. Não poderei perdoá-lo... a menos que...?

– A menos que?

– Já lhe disse o que mais desejo nesta vida. – Os seus olhos escuros e líquidos fitaram os dela. Pareceu a Mall que via um laivo de vergonha sob o riso. – Daria a minha alma imortal se ela se entregasse a mim, que Deus me perdoe. Se a persuadir a dar ouvidos aos meus rogos, perdoarei o Tom Howard.

– Já lhe disse que não posso fazê-lo.

A expressão do rei endureceu.

– A escolha é sua e terá de viver com ela.

O outono aproximava-se, trazendo consigo um forte vento melancólico que despia as árvores das suas folhas douradas antes de os londrinos terem tempo de as admirar. Não que os londrinos prezassem tanto a natureza como apreciavam os encantos mais cívicos: teatros, mercados ambulantes e o burburinho do comércio. Os prazeres do arvoredo de Tunbridge Wells depressa se tornaram uma memória distante.

Barbara teve o seu bastardo com a facilidade habitual e a rainha continuava sem conceber, não obstante as atenções noturnas e as preces do rei.

Sem o espírito jovem de Tom Howard, Mall sentia-se tão melancólica quanto o tempo. Sentia que as folhas lhe caíam, como as das árvores. Não tardaria a ficar tão seca e nodosa quanto elas.

Ver a sua filha Mary – que, contrastando com os lamentos outonais da mãe, crescia tão depressa como um rebento novo de primavera – também a entristecia. Em breve Mary teria idade suficiente para ser prometida em casamento, como acontecera com Mall aos onze anos. Poderia até casar e sair de casa, deixando a mãe a definhar na velhice.

Foi Frances quem reparou primeiro na mudança. Mall, divertida e lesta, sempre com observações e comentários prontos a aguilhoar a pomposidade e a licenciosidade da corte, mostrava-se estranhamente abatida.

Atribuindo a situação à perda de Tom, Frances inventava estratégias para a distrair da sua tristeza.

– Venha comigo a Covent Garden – tentou convencê-la, ao vê-la ainda na cama depois da hora do jantar. – Vou posar para o meu retrato, por encomenda da duquesa de York. Ela anda a colecionar todas as beldades da corte e eu, parece, sou uma delas! Seremos apenas nós e o pintor, Lely. Poderá fazer-me rir e dar cabo do retrato, não me importarei.

Mall sentou-se, sem conseguir evitar ficar interessada.

– O quê? Perder a oportunidade de ser uma dama pintada na companhia das mais lindas rameiras desta terra? Sem dúvida a Barbara

estará lá e Lady Shrewsbury também, aquela rameira que precipitou a queda do meu Tom. E a Diana Kirke que, apesar da linhagem que tem, deveria cobrar à noite. Para além disso, gostaria de ter oportunidade de censurar o mestre Lely. Como se atreveu a pintar a minha prima Barbara como se fosse a Madona? – Até a imperturbável corte da Restauração se escandalizara com a visão de Lady Castlemaine fazendo de modelo da Virgem Maria, com o filho bastardo como Jesus. Sabe a melhor parte? – Mall levou a mão ao lenço, animando-se com o tema. – A Barbara enviou o quadro a umas freiras francesas para lhes servir de retábulo... até que elas descobriram a meretriz que posara como Maria... e devolveram-no!

Assim, com uma disposição surpreendentemente alegre, Frances e Mall pediram uma carruagem que as levasse à Piazza em Convent Garden e ao estúdio de um certo Peter Lely, pintor oficial da corte do rei Carlos II.

A carruagem deixou-as junto a uma ruela estreita que ia ter à Piazza. Passaram ao largo de dois fidalgos que estavam a acotovelar-se por um lugar junto ao muro, para evitarem o que era atirado de uma janela. Um deles já tinha desembainhado a espada e parecia prestes a matar o outro, mas interromperam-se e fizeram uma vénia ao verem Frances e Mall.

Não obstante, foi com um suspiro de alívio que emergiram na beleza elegante da Piazza, em tempos o local do jardim conventual da abadia de Westminster, antes da dissolução dos mosteiros, com os seus terraços encantadores e colunatas projetadas muito recentemente por Inigo Jones, «para atrair Pessoas de Grande Distinção». Objetivo que fora muito bem-sucedido, já que se sabia que três condes haviam comprado casas ali, embora esses nobres já olhassem de soslaio para os vendedores ambulantes e outros mercadores que se multiplicavam como moscas sob o sol quente de agosto, com os seus pregões de «Ameixas maduras!», «Tartes de cordeiro quentes!» e «Compre os meus morangos de Kent!»

Frances parou para escutar um cantor de rua que interpretava uma canção engraçada mas muito indecorosa sobre o rei e um dos seus casos amorosos. Riu-se e atirou-lhe uma moeda.

– Caramba, senhora – provocou-a Mall. – Não se ria. É provável que seja a seu respeito!

O estúdio do pintor oficial da corte ocupava o primeiro andar dos números 10 e 11, virado para norte, a melhor luz para os pintores.

Frances, esperando um espaço vazio e desafogado, ou talvez um rabequista que proporcionasse música relaxante, ficou atônita ao ver que o estúdio estava tão apinhado como um mercado num dia de festa.

A um canto, um jovem alto atarefava-se a pintar flores e frutos numa grande tela; noutro, depararam-se com um artista que preenchia os contornos de mãos e coloria representações dramáticas de montanhas e nuvens.

Na divisão seguinte, um cavalheiro barbudo pintava cortinados pesados, com uma grande faixa de seda castanha-alaranjada à sua frente para conseguir captar mais facilmente o brilho cintilante.

– O mestre Lily é muito apreciado pelas suas representações de drapeados, mas eu não sabia que empregava outra mão para os pintar – sussurrou Mall, sem lhe ocorrer que pudessem estar a ser escutadas.

– O que serve aos mestres Rubens e van Dick também é bom para mim – exclamou um homem jovial e anafado, com uma peruca castanha-clara e bigodes a condizer, que Frances calculou ser o próprio pintor. Sorriu, pensando que ele se assemelhava a um gato alaranjado que tinham tido no Palais Royal, e que se revelara o melhor caçador de ratos de Paris. – Como as minhas, as obras desses gigantes tiveram uma procura tão grande que não podiam completar todos os pormenores eles mesmos. Tinham de recorrer ao auxílio de outros, tal como eu faço.

Frances olhou em redor, resistindo à tentação de o acariciar, e reparando que as mãos de outros pareciam ser responsáveis por bem mais do que pequenos pormenores dos quadros.

– Então, senhora... – Inclinou a cabeça de lado, já a parecer mais um galo do que um gato. – ... como havemos de a representar no retrato? Uma pastora com um cajado e um cordeiro? Uma Flora romana? Ceres, rodeada de abundância? – Frances abanou a cabeça. – Vénus, então, com roupagens translúcidas, a emergir da espuma?

De súbito, Frances recordou o primeiro encontro que tivera com o duque de Richmond, no qual ele a comparara a Diana.

– Reserve essa pose para Lady Castlemaine. Serei uma casta Diana.

Para espanto de Peter Lely, La Belle Stuart proferiu tal afirmação com uma piscadela de olho. Porque seria, perguntava-se ele, que diziam que ela era ingênua, quando parecia compreender tão bem os subterfúgios do simbolismo da corte?

– Será a deusa virgem da caça?

– Isso mesmo. – Frances assentiu com a cabeça, fazendo uma expressão maliciosa. – Deixarei as conquistas amorosas para a Lady, e correrei castamente pelos arvoredos de Whitehall, perseguindo apenas aqueles que sejam tão pretensiosos e hipócritas que mereçam sofrer, para os abater com as minhas setas.

– Senhora – respondeu Lely com um sorriso –, então haverá poucos que escapem à fúria do seu arco.

Enquanto falava, o pintor ia começando a trabalhar, delineando o rosto de Frances em giz numa folha.

Quando terminou, mostrou-lhe como estava semelhante e ela assentiu com a cabeça.

– Consegui reproduzir com precisão o meu nariz romano e evidenciar que tenho o lábio inferior mais cheio do que o superior. Mas os olhos? Não lhe parece que me dá demasiado o ar ensonado de Lady Castlemaine, cujos olhos fazem sempre pensar no quarto, mesmo quando ela está na capela a rezar?

Lely riu-se.

– Há quem diga que dou o mesmo olhar a todos os modelos. A fatal Barbara enfeitiçou-me com os seus encantos sonolentos.

Frances estalou os dedos e sobressaltou-o.

– Então acorde! Pois eu sou de uma raça bem distinta.

Mestre Lely tornou a observar a sua obra e alterou os olhos, tornando-os maiores, com um olhar tão recatado quanto sensualmente cativante, o que capturava com exatidão o encanto particular de Frances.

– Assim está melhor, pelo menos já sou eu! – elogiou-o ela.

Ele pediu-lhe que voltasse a pousar em frente a um cenário pintado de uma floresta nublada, e colocou-lhe um arco na mão.

– Segure-o na mão esquerda... assim. – Dispôs-lhe o braço estendido para que mantivesse o arco ao nível da cintura. – E agora, com a mão direita, apanhe o drapeado do vestido e puxe-o para trás, como se fosse dar um passo em frente e perseguir algum pretensioso com as suas flechas. Exato!

Mais um traço de giz no papel e ele terminou, fazendo apenas uma pausa para encontrar a tonalidade certa do âmbar do vestido dela no meio dos muitos materiais que guardava: sedas e cetins, tafetás e panos de ouro, linho e veludo, em todos os tons desde violeta a escarlata, para poder trabalhar nos tecidos mesmo quando os seus modelos não estavam presentes.

– Adeus, senhora. – Peter Lely fez uma grande vénia. – Não pretendo lisonjeá-la quando digo que foi um verdadeiro prazer; peço-lhe que regresse assim que possa, para continuarmos o retrato.

– Assim farei, senhor – prometeu Frances.

E cumpriu o prometido, pousando para ele outras vezes, até que Lely lhe disse que, com trabalho árduo e alguma sorte, a visita seguinte poderia ser a última.

Contudo, quando regressou conforme ele lhe pedira, ficou surpreendida por dois motivos. O primeiro era agradável. Mestre Lely tinha praticamente terminado a pintura e as semelhanças encantaram-na.

O segundo foi a presença do rei.

Este tinha levado os cães e vários dos cortesãos mais ignóbeis, incluindo Rochester e Sedley, e todos examinavam cuidadosamente o retrato dela com um ar muito crítico.

Carlos fitou o quadro durante longos momentos, cofiando a linha fina do seu bigode – os olhos escuros, capazes de punir ou elogiar com exuberância, concentravam-se na figura de Frances.

O tempo ia passando. Finalmente, virou-se para Peter Lely.

– Mestre Lely, saúdo-o. É uma obra-prima. Capturou o veludo da pele dela, os olhos como os de um fauno a beber orvalho de madrugada, o

fulgor dourado do seu cabelo suave! Far-me-á uma cópia assim que puder.

Mestre Lely sorriu, agradado e aliviado, quando o rei fez uma vénia e partiu.

Contudo, assim que o rei virou costas, Mall ouviu distintamente o comentário que Lorde Rochester fez em voz baixa ao seu amigo Sedley:

– Por amor de Deus, homem. Será que ninguém cura o rei desta paixão humilhante? Ele negligencia os assuntos de estado e deixa que o país se arruíne. Se a única forma de se restabelecer é possuindo a jovem, então terá de a possuir. Depois poderá regressar aos braços da Castlemaine e teremos todos algum sossego.

Os olhos de Mall dardejaram para Frances que, felizmente, parecia não ter ouvido as palavras cruéis.

Lá fora, na Piazza, o rei aguardava na carruagem real.

Frances despediu-se do pintor com um aceno da mão, antes de dirigir o seu sorriso mais doce a Lorde Rochester.

– Talvez deva ter cuidado com o que diz, senhor. Se o rei de facto desfrutasse de mim, como teve a amabilidade de sugerir, seria possível que isso não lhe diminuísse, mas antes aumentasse a paixão. – Rochester imobilizou-se enquanto os olhos dela lhe perscrutavam o rosto bonito mas devasso. – E eu poderia revelar-me uma inimiga perigosa. Também o fauno pode crescer e transformar-se num veado.

¹⁴ Em português no original. (*N. da T.*)

Capítulo 10



Os ventos frios começaram a soprar sobre o Tamisa e a fazer com que todos tremessem e esperassem não ter mais um inverno em que o rio gelasse a tal profundidade que se tornasse possível fazer um recinto para lutas de ursos e uma feira de gelo na sua superfície glacial.

Contudo, havia muitos entretenimentos para se divertirem. A rainha tornara-se uma jogadora de cartas bem experiente e organizava certames frequentes nos seus aposentos; havia novas peças nos Teatros do Rei e do Duque; Cary Frazier anunciou que os novos tecidos franceses tinham chegado ao mercador de sedas com loja perto da rua Cock and Hen, em Long Acre; havia jogos de paille-maille e, todas as manhãs, mesmo naquela altura do ano, o rei jogava uma enérgica partida de ténis.

Contudo, o melhor de tudo era que o irmão de Frances, Walter, terminara os seus estudos em Paris e chegara a Londres, onde daria início ao seu estágio de advocacia.

Fora visitá-la aos seus aposentos no dia em que, por sorte, a rainha lhes dera a manhã, por se sentir constipada e querer ficar no quarto a inspirar uma infusão reconfortante de óleo de eucalipto. Frances e duas das outras damas tinham estado a debater o que haveriam de fazer com o inesperado tempo livre.

– Walter! Quando chegaste a Londres? – Ela esticou-se e deu um beijo ao rapaz alto e desajeitado, impressionada por ele ter crescido tanto desde a última vez que o vira. – Olha só para ti! Deves ter quase um

metro e oitenta!

Ele esquivou-se ao abraço dela, com um sorriso tímido, tão parecido com Frances que de imediato se percebia serem irmãos.

– E elegante, também.

Acariciou-lhe os caracóis longos e louros, quase tantos como os de uma menina, embora Walter nada tivesse de feminino.

– Frances! – exclamou ele, embaraçado e a ruborescer devido aos risinhos das outras aias.

Olhando para o irmão mais novo, Frances sentiu-se imbuída de uma vaga de ternura. Ele tinha dezasseis anos, a idade com que ela chegara ali, dois anos antes, tomada pela incerteza tímida da sua juventude. De repente, sentiu-se irritada por se ter visto obrigada a carregar fardos tão pesados numa idade tão jovem, tendo de se ambientar à corte inglesa e de lidar com o desejo do rei, sem receber ajuda alguma da mãe para superar os abismos e remoinhos da sua nova vida. Decidiu que faria tudo o que pudesse para proteger Walter daquele mundo, que poderia ser tão duro quanto cativante.

– Temos a manhã livre, por isso, o que te agradaria ver? A maravilhosa ponte de Londres? O novo mercado? Um teatro?

– Ouvi dizer que Jacob Hall, o funâmbulo, demonstrará as suas habilidades esta manhã nos terrenos de Lincoln's Inn – anunciou Cary.

– Porque quereria ele ver um funâmbulo? – perguntou Catherine. – Isso é espetáculo para os que frequentam a feira de S. Bartolomeu.

– Que estão tão abaixo de si? – Cary pôs um dedo sob o nariz, empinando-o para troçar da amiga. – Dizem que o Jacob Hall é o novo amante de Lady Castlemaine. Que ela desejava saber se a destreza dele se estende ao uso de outras partes do corpo!

Frances olhou de relance para o irmão, querendo saber se ficara chocado, mas ele ria-se com elas.

– E então? – perguntou Frances, também a rir.

– Ela não nos disse. – Cary lançou um olhar inquiridor a Frances. – A senhora é que era grande amiga dela, não nós. Dormiu nos aposentos dela e tudo. Todas nós ficámos espantadíssimas. A Lady é tão amiga de

outras mulheres como uma aranha é de moscas. Não vivem para contar como foi.

– Eu gostaria de ver esse funâmbulo – garantiu Walter. – Gostaria de saber como é esse homem, comparado com os que vi em França.

– Vejamos este Jacob Hall, então. Será muito divertido.

– Vou precisar do meu manto, se vamos pelo rio – declarou Catherine, com um arrepio.

O barqueiro ficou muitíssimo impressionado por ir transportar três damas jovens e bonitas e um jovem cavalheiro e, quando lhe disseram o destino pretendido, não parou de lhes falar das maravilhas que havia visto em feiras.

– Um gigante com mais de dois metros e um porco que, juro, tinha três cabeças, e, pela minha vida, uma cabra que se apoiava nas patas traseiras e recitava os Salmos.

Frances e Walter desataram a rir, encantados por estarem na companhia um do outro ao fim de tanto tempo.

– Estás tão alto! Um verdadeiro cavalheiro jovem.

Ele não era exatamente igual a ela. Apesar de partilharem o cabelo louro, tinha os olhos gentis do pai e um ar de comovente otimismo que ela esperava Londres não destruísse.

– Tenho dezasseis anos – comentou ele com um sorriso. – Idade suficiente para começar uma carreira; pelo menos, é o que o pai diz.

– Não sabia que desejavas ser advogado.

– Não desejo! Quem, com um coração a bater no peito, desejaria tal coisa? Queria fazer-me ao mar, mas o pai diz que não podemos suportar o custo de me mandar. – Fitou a irmã, calculando se poderia confiar nela. – Já quase estive para ir até uma cervejaria das docas e tornar-me um dos recrutados à força.

– Não digas isso! Podias acabar nalguma viagem malfadada à Guiné.

A avaliar pelo brilho dos olhos de Walter, a perspetiva não o assustava, mesmo com os horrores da doença e talvez até da morte, como ela temia.

– Espere um pouco e não tardará a poder fazer-se aos mares – sugeriu

Cary Frazier. – O meu pai diz que cada vez se fala mais de uma guerra com os Holandeses. Na semana passada, um navio dos Países Baixos recusou-se a recolher a bandeira em alto-mar na presença da nossa, como sempre foi costume, e o duque de York esteve tentado a afundá-lo.

Aterraram junto às escadarias do templo, abalados com aquela ideia, e fizeram o último trecho do percurso numa carruagem.

Havia tanta gente naqueles terrenos que parecia que as multidões tinham ido ver, não um funâmbulo, mas uma coroação. E, contudo, a população, ao reconhecer o estatuto das jovens e do rapaz, abriu-lhes alas como se Moisés tivesse ordenado ao Mar Vermelho que se dividisse em dois, até se encontrarem bem à frente, onde se sentaram num banco de madeira.

Um jovem pôs-se de pé num pulo e exigiu dezoito *pennies* pelo privilégio de cada lugar.

– Poderíamos ter ido ver uma peça ao Teatro do Duque, por esse preço! – protestou Catherine Boynton, irritada. – Em vez de um acrobata qualquer.

– Com todo o gosto vos oferecerei os lugares, senhoras.

Viraram-se e depararam-se com Lorde Rochester, sentado atrás deles, acompanhado por Charles Sedley e pelo conde de Grammont. A última coisa que Frances desejava era que ele lhe fizesse um favor, depois do encontro no estúdio do mestre Lely, onde ele fora tão insultuoso e ela tão rude. Contudo, antes que pudesse impedi-lo, ele já entregara ao rapaz o preço dos quatro bilhetes. Esteve prestes a comentar que esperava que o dinheiro fosse dele, já que Lorde Rochester se encontrava sempre endividado.

Soaram trombetas e, ao rufar de um tambor, um homem marchou por entre o público, descrevendo vénias e atirando o manto para trás como se fosse o próprio rei.

Para surpresa de todos, era jovem e belo, com longos cabelos castanhos e um sorriso fácil.

Ao aproximar-se, teve o cuidado de acenar a todas as damas e de fazer vénias diante dos homens.

Chegando à fila da frente, ao ver três jovens damas da corte, ajoelhou-se e beijou a mão a todas.

Com um floreado, fez aparecer uma fita preta e pediu a Frances que lhe atasse o cabelo. Depois, com grande espetacularidade, ao som de tambores e trombetas, testou a corda de cânhamo, retesou-a mais e saltou para cima dela. Começou a percorrê-la de um lado para o outro, sorrindo e desapertando as fitas do camiseiro até deixar exposta uma porção do peito esbelto. As mulheres da audiência gritavam e assobiavam.

– Porque paras por aí, Jacob? – cacarejou uma velha atrás deles. – Mostra-nos a tua verga!

Jacob Hall fez uma vénia.

– A minha verga não é para gente como a senhora, mãezinha.

A velhota deu uma cotovelada a Frances.

– Vá, peça-lhe a senhora. Ele por si vai fazê-lo, aposto.

Frances olhou para trás e viu que o olhar do conde de Grammont não a largava.

Findas as provocações, Jacob Hall deu início à sua atuação, que incluía saltos, equilíbrio, acrobacia e dança, mantendo olhar fixo em Frances durante tanto tempo e com tal intensidade que esta se viu forçada a desviar o rosto.

– Com mil demónios, senhora – sussurrou Cary, bastante atrevida. – Já tem o rei a seus pés; a Lady nunca lhe perdoaria se também atraísse o funâmbulo.

Frances virou a cabeça, ainda a evitar o olhar do artista, e viu que de Grammont continuava a observá-la com um ar avaliador, como se não conseguisse decidir se a detestava ou desejava.

Bem acima deles, Jacob Hall fez uma mesura e informou-os de que executaria então a sua manobra mais perigosa, que consistia num triplo salto mortal, após o qual cairia de pé na corda.

Walter inclinou-se para a frente, fascinado.

– Aposto meio anjo em como ele não é capaz!

Frances sorriu, a pensar onde julgaria o irmão que poderia arranjar tal

maquia, quando de Grammont se debruçou e disse:

– Um homem de apostas, é, Master Stuart? Nesse caso, aceito a aposta.

Walter mal tinha tido tempo de concordar com a transação quando Jacob caiu em segurança.

– Oh – começou Walter, a corar imenso. – Lamento muito... não trouxe dinheiro comigo.

– Não te preocupes, Walter. – Frances lançou um olhar duro a de Grammont. – Tenho a certeza de que o conde estava apenas a brincar quando apostou.

Deu o braço ao irmão e levou-o pelo meio das pessoas, com Cary e Catherine a segui-los e a protestarem.

Rochester e de Grammont observaram-nos enquanto eles se afastavam.

– Se não me engano, aquele jovem está pronto a ser colhido – comentou Rochester, com uma piscadela de olho lasciva. – Sabe o que se diz no Oriente? Uma mulher para o dever e um rapaz para o prazer...

– Vá lá, John – censurou de Grammont, que era um grande apreciador de mulheres –, não leve Master Stuart por esse caminho. Para além disso, tenho em mente levá-lo por outro. Mistress Stuart tem uma língua afiada. Fez um comentário ao rei acerca de eu ter perdido uma aposta com o Jermyn e tornou-me em alvo de troça.

– Pois – anuiu Lorde Rochester. – E a mim, no estúdio do mestre Lely, disse-me que não deveria subestimá-la.

– Então também ela não deverá subestimar-nos. Acolhamos aquele seu jovem irmão e mostremos-lhe um pouco de Londres.

– O prazer será todo meu.

Frances deixou Walter nas escadas de Somerset House antes de prosseguir viagem até Whitehall.

– Adeus, meu irmão – despediu-se, a acenar. – E tem cuidado com estranhos!

Entraram no palácio pela galeria dos escudos, que costumava estar

tranquila e deserta, pelo que foi com surpresa que se depararam com Mall e a filha Mary a andarem de um lado para o outro, observando os escudos e os brasões que ornamentavam os painéis das paredes daquele corredor.

– Ela queria saber como era o brasão da nossa família – explicou Mall –, por isso trouxe-a até aqui, para que o visse. – Falou mais baixo: – Agora que em breve será prometida em casamento, passou a interessar-se pela sua linhagem. Vês, Mary, aqui está o brasão dos Villiers! – Apontou para o timbre. – E este é o lema da nossa família: «A cruz é o teste da verdade.» Então – continuou, olhando para as três jovens de sobancelha arqueada –, o que andam as três a fazer com um ar tão culpado?

– Fomos ver o Jacob Hall, o funâmbulo – confessou Cary, a sorrir. – E ele perdeu-se de amores pela Frances.

– E, Mall, a melhor notícia: o Walter veio para Londres e agora vamos vê-lo com frequência.

Mall sorriu, satisfeita por Frances, que precisava de se distrair desde que o duque de Richmond se casara.

– Vamos – instou-as Catherine. – A rainha poderá estar a chamar-nos.

Mall observou-as a afastarem-se em passo ligeiro, tão novas e descomprometidas. Dizia-se que Catherine Boynton receberia em breve o dote de duas mil libras que a Coroa costumava proporcionar às damas de companhia. Receberia Frances o mesmo? E bastaria uma maquia tão modesta para contentar um homem nobre? Contudo, que homem seria suficientemente louco para propor casamento à mulher que o rei amava com tanta paixão?

Mall suspirou, aliviada por, ao menos, o seu irmão ter abandonado aquele ridículo comité disposto a conquistar Frances para o rei.

Frances despediu-se das outras e correu para o seu quarto, cansada do passeio, para refrescar o rosto com água do jarro que o gentil-homem da câmara mudava dia sim, dia não, antes de ir averiguar em que consistiriam os seus deveres. Todavia, teve a surpresa de descobrir que algo fora deixado em cima da cama, a qual tinha a cabeceira coberta

com um dossel.

Tratava-se de um grande e extravagante cesto de fruta. Continha maçãs frescas, ameixas que ainda exibiam um fulgor arroxeadado e outonal e, no centro, um ananás, algo tão recente nas costas inglesas que os construtores de Covent Garden o tinham adotado como símbolo elegante.

E, porém, parecia não haver um cartão ou uma mensagem do remetente. Teria de perguntar ao criado que as entregara. Encolhendo os ombros, serviu-se de uma maçã e reparou então que havia qualquer coisa enterrada sob a palha debaixo da fruta. Remexeu na palha, sentindo-se como uma criança numa diversão de feira, desejando uma prenda escondida.

Em vez disso, ficou sem ar. A surpresa que a palha ocultava era um anel de pérolas que, preso por um fio de seda, tinha um cartão que a convidava a comparecer numa festa dada em honra do rei, pelo duque de Buckingham, na sua mansão, Wallingford House. Olhou para o anel, estupefacta. Se eram assim os convites, quão sumptuosa seria a própria festa?

Como qualquer jovem que apreciasse bailes e saídas, a primeira coisa em que pensou foi no que vestiria. Acorreu à cómoda onde guardava as suas melhores roupas e tirou de lá o seu vestido de organdi cor de alperce, que Minette lhe dera. Era demasiado faustoso para a maioria das ocasiões, mas não para aquela. Sacudiu-o, e os drapeados cintilaram como o pôr do sol a refletir-se na água.

Uma batida na porta interrompeu-lhe o devaneio.

O gentil-homem da câmara fez uma vénia.

– Sua Senhoria de Buckingham, senhora.

Frances tentou disfarçar a surpresa que sentia perante uma ocorrência tão invulgar. Regra geral, os visitantes eram recebidos no grande salão, ou na sala de visitas. Uma visita nos seus aposentos, sobretudo de uma dama que mal conhecia, era deveras inusitada.

A duquesa de Buckingham fora outrora a simples Mary Fairfax, filha de um dos generais de maior confiança de Cromwell e prometida ao

conde de Chesterfield, tendo os banhos sido anunciados duas vezes, quando o sedutor George Villiers entrara na sua vida e a reclamara para si. Isso originara um grande burburinho e Cromwell não ficara satisfeito, dada a proximidade do duque com o rei, mas, fosse como fosse, a cerimónia realizara-se.

Contudo, Mary pagara o preço por ter escolhido aquele marido. O duque causara-lhe muitos problemas e continuava a causar. Parecia, no entanto, que ela o amava mesmo assim e fazia sempre o que ele pedia, por maiores cuidados que tivesse.

– Boa tarde, Mistress Stuart. Vejo que recebeu o convite para a nossa pequena festa.

– É verdade, sim, Vossa Senhoria.

Frances corou, embaraçada por já ter estendido o vestido sobre a cama; parecia um gesto muito infantil, o de um convidado incapaz de esperar por uma festa. Mas Mary sorriu. Não era uma dama bela e parecia já algo velha e cansada. Ser casada com o duque deveria ser extenuante.

– Queríamos transmitir a ideia de que a noite será uma surpresa para o rei e que os convidados serão muito seletos. O embaixador da Moscóvia estará presente, bem como os mais altos membros do Conselho, mas nenhuma das habituais damas inconstantes da corte. O meu marido vê em si uma jovem sensata que será capaz de se comportar numa ocasião deste género.

Frances recordou a forma como o duque a observara nas várias ocasiões em que se haviam cruzado. Não era o seu bom-senso o que ele parecia apreciar.

– Obrigada, Vossa Senhoria. Queira ter a bondade de dizer ao seu esposo, o duque, que decerto saberei comportar-me. Contudo, a irmã do duque, a Mall, com certeza estará presente, não?

A duquesa virou-se e tocou na fruta do cesto.

– Adoro ananás; agrada-lhe, Mistress Stuart?

– Ainda não tive o prazer de experimentar.

– Tal como outras coisas que ainda não experimentou, minha querida.

Uma expressão curiosa surgiu-lhe no rosto, uma mescla de esperança com lascívia. Era, de facto, uma dama estranha, concluiu Frances.

– Mister Rose, o jardineiro do rei... – continuou a duquesa, num tom nervoso –, ah, ah, que nome tão apropriado para alguém que cuida de plantas... plantou um nas estufas reais. Amanhã encontrar-se-á entre companhia honrada, a propósito. Lorde Arlington, sir Charles Berkeley, o embaixador, claro...

– Mas não a Mall?

– A Mall não gosta de ocasiões tão formais e, francamente, por vezes é demasiado espontânea. – Remexeu na franja do seu cinto. – Já terá ouvido falar das partidas que pregava quando era criança, escondendo-se numa árvore, fingindo ser uma borboleta? E suspeita-se de que escreve poesia bastante indecente que satiriza o rei.

– Ao contrário de Lorde Rochester, que escreve versos de uma indecência escandalosa e a quem o rei muito preza, não obstante?

A duquesa ignorou a interrupção e apressou-se a continuar:

– E agora este caso ridículo com o Tom Howard. Ela tem quase o dobro da idade dele e ele não tem nem um tostão, para além de que matou o jovem Giles Rawlins por causa daquela meretriz, Lady Shrewsbury. – Ficou com o rosto vermelho e a voz imbuída de raiva ao mencionar Lady Shrewsbury, o que levou Frances a pensar se o duque também teria sido uma vítima da fatal Anna Maria. – Será que ela não tem vergonha? Não lhe importará o nome da família? Bom, mas no fundo o que interessa é que decidimos que seria melhor nada dizer à minha cunhada, para que não fique ofendida por não ser incluída. Compreende? Posso contar com a sua discrição? – Esboçou um sorriso nas suas feições feias, que parecia tão falso como a flor de seda que tinha no cabelo. – Agora tenho de procurar a rainha. Esperamos vê-la amanhã à noite e enviaremos uma carruagem para a vir buscar quinze minutos antes da hora marcada.

Frances teve vontade de insistir que, se Mall não fosse, ela também não iria. Contudo, estava ciente da tormenta que isso provocaria e de que Mall não lhe agradeceria. Não queria mais escândalos a respeito do

seu amor por Tom.

– Até amanhã, então.

E, doravante, teria de ocultar o acontecimento a Mall, o que lhe causava mal-estar, sobretudo porque Mall era como um *terrier* em busca de um rato, no que concernia a segredos e mexericos. Assim, Frances concluiu que a melhor estratégia seria evitá-la até o dia da festa ter passado, podendo então regalar a amiga com histórias acerca de quão hedionda fora a noite e de quão pomposos se haviam mostrado os duques e as suas pretensões. Sabia que Mall seria uma ouvinte ávida.

A melhor forma de a evitar seria ir cavalgar. Mall não partilhava o seu gosto por saltos acrobáticos e galopes desvairados através de campos enlameados.

Vestiu o fato de montar, de brocado debruado com cornucópias elaboradas com esmero, e os folhos de renda presos ao pescoço com um laço de seda. Ocorreu-lhe pedir a Walter que a acompanhasse, mas perderia muito tempo com o envio da mensagem e a espera de resposta.

Postou-se diante do espelho para prender o chapéu com uma pena vermelha e depois deu um passo atrás, observando-se por um instante. Fitou a sua imagem, o cabelo louro e suave, a pele delicada da juventude, os olhos que o rei dissera fazerem-no pensar num fauno. E, no entanto, pensou ela, já a erguer o queixo, tenho este nariz. Era um nariz sério, romano, o nariz de uma mulher firme, não de uma jovem tola.

– Que me subestimem, se quiserem – murmurou para o seu reflexo e sorriu.

Porém, não se tratava de um sorriso gentil e terno, antes cínico e rebelde. Escondia-se algo na noite seguinte que lhe causava suspeitas, pelo que estava determinada a manter-se alerta.

– Queixo erguido e contra eles! – encorajou o papagaio. – Mostre-lhes de que é feita.

– Obrigada, pássaro – agradeceu, fazendo uma vénia tão profunda ao amigo aviário que a pena vermelha do seu chapéu roçou no chão.

Frances passou pela portaria de tijolo depois dos grandes aposentos

para onde Barbara acabava de se mudar – o que causara uma considerável agitação e servia para demonstrar que ainda tinha influência sobre o rei – e, atravessando o átrio, dirigiu-se ao parque de St. James. Um batalhão de soldados praticava a formação da Guarda da Cavalaria, todos eles esplêndidos nos seus gibões de couro. Ela parou por um momento a observá-los, pensando em Tom Howard e em como poderiam persuadir o rei a deixá-lo voltar.

Esporeou o cavalo e galopou com o vento a soprar-lhe no cabelo, livre como um pássaro, sentindo o coração a espriar-se e as preocupações a desaparecer, como o orvalho ao nascer do sol. Tal como o papagaio dissera, ela deveria mostrar-lhes de que era feita.

No dia seguinte, teve a sorte de não se cruzar com Mall.

Dado que a festa seria nessa noite, Frances vestiu-se com cuidados redobrados. Cary Frazier insistiu em ajudá-la e ali ficou, dando retoques, afastando-lhe o vestido dos ombros e passando-lhes pó com uma pata de lebre até ficar, finalmente, satisfeita com a aparência da amiga.

– Esse vestido favorece-a de facto, mas o que usará ao pescoço?

Frances despejou um monte de joias, nenhuma valiosa, para cima do toucador, enquanto, no poleiro, o papagaio ficava com os olhos iluminados como se enxergasse algum tesouro perdido de um pirata.

– Deixaremos o pássaro escolher – decidiu Frances, a rir-se.

Ergueu um dedo e o papagaio logo saltou para ele, pondo-se a observar as joias. A grasnar, baixou a cabeça e apanhou uma gargantilha de brilhantes amarelos.

– Amarelo com alperce? – perguntou Cary, a fazer uma careta. – O seu papagaio tem mau gosto.

Contudo, quando a colocou no pescoço de Frances, viram que o tom das pedras fazia sobressair de forma perfeita o cinzento-azulado dos olhos risonhos dela.

Bateram à porta, indicando que a carruagem chegara. O criado entregou uma caixa de veludo verde.

– O cocheiro trouxe-lhe isto, senhora. – Tinha o rosto tão inexpressivo

como uma parede. – Do rei. Roga-lhe que as use esta noite.

Frances sentia o coração desenfreado enquanto abria o estojo. Uma fileira das maiores pérolas que ela alguma vez vira refulgia, com intensidades de nácar, cativantes e chamativas. Quase sentia o calor do seu toque no pescoço.

– Ainda são maiores do que as da Barbara Castlemaine! – sussurrou Cary, não sem inveja.

E, sem querer, o comentário de Cary dera-lhe coragem.

– Pois, mas prefiro a escolha do papagaio.

– Tem de as usar. Foi o rei que lhas enviou! Usar essas bugigangas amarelas seria visto como um insulto grosseiro.

Frances pôs as pérolas ao pescoço, desejando que não lhe dessem a sensação de ter a corda do cadafalso a apertá-la.

– É a rapariga mais estranha que existe, Frances Stuart. Tem um rei a seus pés e trata a questão como se fosse uma inconveniência.

Frances sorriu, o rosto a iluminar-se de súbito com malícia.

– Então que eu tenha o engenho necessário para lhe resistir e, ainda assim, não acabar presa na Torre!

– Ámen – concordou o papagaio enquanto Frances agarrava no lenço e saía.

A distância entre Whitehall e a mansão do duque de Buckingham não era grande e, se não lhe tivessem enviado uma carruagem, Frances poderia ter ido de liteira. Em vez disso, uma enorme e pesada carruagem com o brasão de Buckingham na lateral aguardava-a junto ao grande portão.

– Boa noite, senhora – cumprimentou o cocheiro.

O duque de Buckingham mudara-se de York House, onde ele e Mall haviam passado a juventude, para Wallingford, muito mais perto de Whitehall, o que era cómodo. Vivia ali durante o verão, partindo para as propriedades que tinha no campo durante os meses de inverno. De um lado, a casa tinha os Jardins da Primavera e, do outro, ficava Charing Cross. O duque ornamentara-a com quadros magníficos de Rubens, Vermeer e van Dyck. Durante a República, todas estas obras de arte,

bem como muita da mobília sumptuosa, tinham sido saqueadas ou roubadas, mas George Villiers – à semelhança da prima, Lady Castlemaine – conseguira recuperar a maior parte, pelo que a casa que Frances visitou era tão impressionante e ornamentada como sempre fora.

A carruagem avançava pelas ruas empedradas – passando pelo estofador com uma perna de pau, sentado entre um monte de cadeiras de vime com os assentos a precisar de reparações e por um vendedor de batedores de tapetes cujo pregão fez sorrir Frances: «Compre um pauzinho bonito para bater na mulher ou tirar o pó dos tapetes!» – e deixou-a junto à entrada imponente de Wallingford House.

Ela olhou para as janelas largas, através das quais se via a cintilação de mil velas, e sentiu um calafrio de apreensão. «Disparate!», disse para si com severidade. «Lembra-te de que és uma mulher capaz de se comportar.»

A duquesa encontrava-se entre um grupo de pessoas na enorme entrada de chão de xadrez branco e preto. Frances reconheceu o conde de Bristol, que, presentemente, estava nas boas graças do rei, a conversar com Lorde Arlington – sempre reconhecível pela pala negra sobre o nariz, ocultando uma cicatriz obtida na guerra civil – e o conde de Shaftesbury. Atrás destes, estava sir Charles Berkeley.

Todos se viraram quando ela entrou e ficaram a observá-la com curiosidade, como se tivessem estado à espera da sua chegada.

Por trás deles, um homem grande como um urso, envolto em seda branca da cabeça aos pés, ornamentada com folhos, e com uma grande barba farfalhuda, que só poderia ser o embaixador da Moscóvia, estava embrenhado numa conversa com um cavalheiro alto a quem ela só via as costas.

– Já conhece o embaixador, Mistress Stuart? – perguntou-lhe a duquesa.

Estas palavras fizeram com que o cavalheiro se voltasse muito depressa, e Frances quase deixou cair o leque. Era o duque de Richmond.

Por um instante brevíssimo, os seus olhares cruzaram-se.

Ela esqueceu onde estava e que eles se encontravam numa sala cheia de convidados. Olhou em redor para ver se a esposa da cara feia o acompanhava, mas não havia sinal dela. Na verdade, para além dela própria e da duquesa, não havia outras damas presentes, o que dava à reunião um aspeto semelhante ao de uma assembleia do Conselho em vez da festa que fora prometida.

Como se a mesma ideia tivesse ocorrido à duquesa, esta fez sinal a um grupo de músicos que se encontrava por cima deles, numa varanda, e estes deram início de imediato a uma melodia animada com violas-de-gamba e tamborins.

– Vamos, cavalheiros. – Parecia que a duquesa se recordara do seu papel de anfitriã. – Jantemos!

Seguiram um criado de libré, trajado de veludo azul com o brasão de Buckingham no braço, e subiram uma larga escadaria de pedra que levava a uma grande sala de jantar, cujas paredes estavam forradas a seda furta-cor verde-escuro, e nas quais vastos espelhos dourados refletiam inúmeras velas, criando um efeito similar ao do palco de Drury Lane. Havia também quadros nas paredes e Frances deu por si a fitar o rosto altivo e melancólico do rei Carlos I. A mesa estava decorada com esmero, não apenas com as habituais bandejas de prata e copos de Veneza, mas também com uma enorme jarra de prata, com um javali gravado de um lado e um unicórnio do outro; no centro da mesa, pirâmides imensas de frutas e flores, e havia até, a menos de trinta centímetros de Frances, um pavão inteiro recheado, com as gloriosas penas da cauda a oscilar devido à aragem que provinha de uma janela aberta.

O lugar atribuído a Frances era ao lado do anfitrião, que tagarelava relembrando os dias em que lhe construía castelos de cartas e a fazia rir com as suas imitações de alguns dos presentes. Contudo, o olhar dela não deixava de procurar Charles Stuart e, quando o fazia, deparava-se com o dele, igualmente fixo nela. Em vez de um sorriso de reconhecimento educado, limitavam-se a fitar-se, como se, entre eles, não fossem necessárias palavras.

– Agora, senhora, prove algumas destas excelentes enguias prateadas.

O duque de Buckingham ia-lhe enchendo o prato com lagosta, rosbife e pequenas codornizes, tudo no espeto, até ela ter de protestar que não poderia comer mais. O seu copo estava sempre a ser atestado, como se ali houvesse uma fonte.

Depois da refeição, retiraram-se para um encantador pavilhão de banquetes, onde tomariam doces e sobremesas.

– Boa noite, Vossa Senhoria – dirigiu-se Frances ao duque de Richmond, quando conseguiu escapar ao anfitrião. – Veio de Cobham esta noite?

O olhar de Charles Stuart continha tanta ternura que ela se viu forçada a desviar o rosto.

– De momento estou a residir em Londres, para cumprir os meus deveres de gentil-homem da câmara.

– Mas o rei não está aqui?

Olhou em volta, apercebendo-se pela primeira vez da estranha ausência que deveria ser o centro de todo o festim.

As suas palavras provocaram um silêncio geral e Buckingham apressou-se a olhar para Arlington, como se se tratasse de um sinal para dar início a alguma ação.

O duque de Buckingham pigarreou.

– É muito perspicaz, senhora. Contudo, ele está cá. Neste momento encontra-se no pavilhão de verão, no fundo do meu jardim, onde se concentrou de tal forma numa das suas experiências científicas que não foi capaz de se afastar, nem para a companhia aqui reunida. Na verdade, pediu especificamente que a senhora o visitasse, para que ele pudesse mostrar-lhe a maravilha que o ocupa.

O olhar de Frances dardejou na direção do duque de Richmond.

– Mas não conduz ele as suas experiências no laboratório de Whitehall? – perguntou, com a voz firme a fraquejar.

– A maioria, sim – fanfarronou Buckingham. – Mas esta tem a ver com o mundo natural e ele desejou fazê-la aqui. Irá ter com ele?

Os murmúrios de conversa tinham parado, como se uma raposa

houvesse regougado à meia-noite e todos ficassem à escuta.

Frances endireitou-se, de cabeça erguida.

Quando passou pelo duque de Richmond, fingiu deixar cair o leque e, enquanto ambos se baixavam para o apanhar, sussurrou-lhe:

– Se eu não tiver voltado dentro de quinze minutos, por favor, invente uma desculpa para ir procurar-me.

A mão dele tocou na dela.

– Pela minha vida, assim farei.

E, com o olhar silencioso de todo o grupo fixo nela, Frances desceu sozinha a imensa escadaria de pedra para chegar ao pavilhão de verão.

Ocorreu-lhe, enquanto invocava coragem e engenho, que todo o festim estivera marcado por uma estranha deliberação, como se não passasse de um preâmbulo, em vez de ser o evento principal. O que significava que o verdadeiro propósito da noite estava para acontecer – e era atirá-la, como Daniel, para o covil do leão. Lembrou-se de que, em criança, lhe tinham lido a história de Daniel: ele rezara e Deus selara as bocas dos leões para que não pudessem devorá-lo.

Endireitou as costas, ficando tão alta quanto possível. Com ou sem a ajuda de Deus, não tencionava ser devorada pelo rei.

Capítulo 11



– Onde está Mistress Stuart? – perguntou Mall a Cary Frazier enquanto jantavam à mesa das damas de companhia, nos aposentos da rainha.

Cary, que jurara a Frances manter silêncio sobre a sua saída, tentou mudar de assunto.

– Já sabe que a rainha dará mais quinhentas libras de dote à Catherine Boynton, para ela poder casar com o Dick Talbot?

Mall quase ripostou que seria melhor dar esse dinheiro a Dick Talbot para que não se casasse com Catherine, dada a reputação que ele tinha. Contudo, quem era ela para criticar? Desde o duelo, muitos julgavam que Tom Howard era um vilão e um arruaceiro, mas ela sabia que isso não correspondia à verdade.

– Cary Frazier. – Fitou-a nos olhos. – Não lhe perguntei pela Catherine Boynton nem pelo Dick Talbot, por cujos amores não me interesse nem um pouco. Perguntei-lhe por Mistress Stuart.

Cary suspirou. Fingir não era o seu forte. Sempre lhe tinham dito que a liam como se fosse um livro aberto. E era injusto que Frances esperasse que ela mentisse de forma tão evidente.

– Recebeu um convite.

Cary serviu-se de uma tarte de cordeiro, veado assado e lampreia.

– De quem?

Depois de hesitar, respondeu:

– Do seu irmão, o duque de Buckingham. Para Wallingford House.

– Do meu irmão? – repetiu Mall, a ficar mais desconfiada.

– E da duquesa, naturalmente.

– A que pretexto?

– Um entretenimento qualquer para Sua Majestade.

Mall sentiu que o sangue lhe fugia da cabeça perante tal revelação.

– E quem mais foi convidado para esse entretenimento?

Cary encarou-a como se ela tivesse perdido o juízo.

– Bem, é óbvio que nem eu nem a senhora. E rainha também não, pois encontra-se ali no estrado.

– Cary, seja sincera. Pretendia-se que eu não ficasse a saber do que se passa esta noite?

– Oh... sim, não sei... Mas parece-me que talvez não quisessem que soubesse.

Mall pôs-se de pé num salto. O irmão tinha dado seguimento ao plano real de violação real.

Ocorreu-lhe ainda outro pensamento, sem dúvida enviado pelo diabo para a tentar. O rei dissera que perdoaria Tom Howard se Mall o auxiliasse a ter Frances na sua cama. Naquela noite, talvez até àquela hora, a sedução poderia estar a acontecer. E, se fosse bem-sucedido, o rei ficaria tão extasiado por alcançar aquilo que desejava há tanto tempo que talvez perdoasse Tom mesmo sem a sua ajuda. E, se ficasse a saber que Mall descobrira o plano e não o travara, sentir-se-ia ainda mais grato.

Mall abanou a cabeça para se livrar do pensamento vergonhoso. Sacrificaria toda a honra e bondade por causa do seu amor egoísta?

Havia uma forma de pôr fim àquela conspiração, apenas uma.

Enquanto as outras aias a observavam, tapando a boca com as mãos para fazerem comentários sem serem ouvidas, Mall apressou-se a correr para a porta, parando apenas ao ver o pequeno negro que a rainha adorava mimar.

Ajoelhou-se e sussurrou à criança:

– Diz à rainha que há uma festa na casa do duque de Buckingham e

que Mall Villiers diz que é um entretenimento singular que ela não deve perder. Consegues decorar isto?

O rapazinho assentiu solenemente com a cabeça.

Assim que o viu encaminhar-se para o estrado ao fundo da sala, Mall desceu as escadas quase a correr, passou pela sala do catavento e percorreu a galeria privada, até chegar a um conjunto de aposentos que, até então, sempre evitara.

Inspirando profundamente, bateu à porta.

Um criado abriu-a, envergando brocados dourados, com meias douradas e sapatos dourados e brancos, num traje muito mais rico do que qualquer dos assistentes da rainha.

A ofegar, Mall transmitiu-lhe a mesma mensagem:

– Lady Castlemaine deverá ir sem demora a casa do duque de Buckingham.

Sem esperar por resposta, apressou-se para os seus aposentos, de onde tirou o manto, e começou a correr pelo átrio em direção ao portão do palácio, rezando a um Deus que muitas vezes ignorava para conseguirem chegar a tempo.

A escuridão obrigava-a a precisar da ajuda de um criado com um archote para a alumiar até Wallingford House. Este, entusiasmado por ter uma dama tão importante a quem conduzir pela King Street, foi assobiando até um pequeno grupo de companheiros seus ter surgido, à espera de uma recompensa generosa, pelo que Mall chegou à casa do irmão rodeada de archotes.

Frances atravessou a escuridão dos jardins em direção ao pavilhão de verão com a cabeça erguida e os sentidos em alerta.

Era uma noite agitada de outono, as nuvens passavam diante da lua em quarto crescente, deixando os céus ora negros, ora raiados de uma luz pálida e trémula, daquele género de tempo que dava vontade de apressar o passo junto de cemitérios, manter os olhos baixos e fechar bem o manto.

Chegava-se ao pavilhão de verão por um caminho cheio de árvores e

hera emaranhada. Frances sentiu um aperto no peito ao ver que a casa estava mergulhada na escuridão, sem haver sequer uma vela a iluminá-la. O que se passaria com o rei? Estaria convencido de que todos os atos eram aceitáveis às escuras?

Hesitante, abriu a porta.

– Vossa Majestade? – perguntou, a medo.

– Aqui, Frances – foi a resposta.

As nuvens moveram-se repentinamente e uma mecha de luz aluminou por breves instantes a sala.

O rei estava numa extremidade, espreitando o céu noturno por um estranho tubo de madeira.

– Venha ver – incentivou-a. Ela atravessou a sala, de novo negra como uma masmorra, e colocou-se ao lado dele, com o sangue a ressoar-lhe nos ouvidos. Ele pôs os braços à volta dos dela, segurando o tubo com firmeza para que ela pudesse espreitar.

– É o telescópio de Galileu. Ele provou que não é a Terra, mas o Sol, o centro do nosso universo, e com isso ganhou o ódio da Igreja e a ignomínia entre os seus pares. – Suspirou. – Detesto quando a ignorância e a superstição derrotam o conhecimento e o progresso. O que vê?

Frances começava a recuperar da surpresa.

– Estrelas, Majestade.

Ele riu-se.

– É verdade. Sabe que estrelas vê?

– O meu pai mostrou-me a Estrela Polar quando eu era criança.

– E contou-lhe que, de todas as estrelas, só a Estrela Polar se mantém fixa no céu noturno? Que os marinheiros de tempos idos já evitavam naufragar guiando-se pela Estrela Polar?

Tirou-lhe o telescópio das mãos e virou-a para ela. Os seus olhos escuros brilhavam de desejo, mais escuros ainda do que a noite que os rodeava.

– Frances, seja minha. Há quanto tempo a amo e desejo? Seja o meu verdadeiro Norte, o único ponto fixo do meu universo.

Ele puxou-a para si e ela sentiu a dureza dele contra o seu corpo e arquejou. Contudo, ele tinha uma esposa. Se ela sucumbisse, tornar-se-ia sua amásia, como as outras – as Castlemaines, as atrizes, até as mulheres dos antros londrinos que se sabia que ele frequentava. Para além disso, havia outros braços que ela desejava que a segurassem.

– Majestade – disse-lhe, afastando-se –, não posso.

O rosto dele toldou-se, as rugas profundas à volta da boca assemelharam-se de repente a fissuras, os olhos semicerraram-se de fúria. Ela receou ter-se enganado na avaliação que fizera da natureza dele e recuou, encolhendo-se. Quando o fez, ele agarrou-lhe o colar para a puxar de novo para si, mas o fio partiu-se e logo se espalharam pérolas por todo o lado, como um aguaceiro de granizo brilhante.

Antes que ele tivesse tempo de reagir, Frances ouviu cães a ladrar e, de repente, o duque de Richmond surgiu à porta, rodeado por uma luz brilhante, como o arcanjo Miguel a brandir uma espada de fogo.

– Vossa Majestade – anunciou ele enquanto, espantada, Frances se apercebia de que a luz provinha de nove ou dez rapazes que empunhavam archotes –, fica o aviso. Temos algumas visitas inesperadas.

E, da escuridão, com olhos violeta a chispar como uma Fúria libertada do inferno, Barbara Castlemaine lançou-se ao encontro deles.

– O que se passa aqui? – O seu olhar abateu-se sobre Frances, dando conta do colar partido. Um sorriso espraçou-se-lhe pelo rosto belo mas envelhecido. – Espero que por fim ele a tenha possuído, senhora, pois não vale um centésimo do sofrimento que lhe tem causado.

Frances viu que o duque se retesava e que a sua mão cingia o punho da espada. Julgaria ele ser capaz de matar o rei ou a amante?

– Confunde a situação, minha senhora. – Frances falava num tom tão usual como se se dirigisse a um amolador ou a um cantor de rua. – O rei estava apenas a mostrar-me o alinhamento das estrelas. O meu colar ficou preso no telescópio, nada mais.

– É verdade, senhora – chilreou o líder dos rapazinhos com archotes, com um ar solícito, obviamente esperando que alguma vantagem lhe

trouxesse a observação –, eles estavam só a olhar para o céu, não estavam aos beijos nem nada.

Frances agarrou no tubo e ofereceu-o à rival.

– Está interessada em ver a Estrela Polar, Barbara?

Como resposta, Barbara deitou a mão ao telescópio e partiu-o ao meio, estilhaçando a bela peça de madeira polida no estojo de cabedal dourado.

– A rainha também está aqui, Majestade.

– Deus do Céu, como é que ela soube desta noite? – Virou-se para Barbara. – Ou a senhora?

Barbara resfolegou.

– Foi a querida Mall que nos disse. Enviou-nos uma mensagem, dizendo que havia um entretenimento que não deveríamos perder.

Por um momento, parecia que ele seria capaz de enviar Mall de imediato para a Torre; contudo, com um dos súbitos volte-faces que o caracterizavam, bateu palmas, apercebendo-se do ridículo supremo da situação.

– A minha esposa veio em busca de entretenimento, veio? Então encontrá-lo-á. Vamos, Richmond. – O rei passou o braço pelo do duque, numa jovialidade aparente. – Procuremos Sua Senhoria de Buckingham, para que tenhamos música e dança até a madrugada nos mandar para a cama.

Depois de eles terem saído, Frances baixou-se e começou a apanhar as pérolas, esperando conseguir acalmar o coração desenfreado.

– Houve brincadeira aqui esta noite e eu faço tenção de a decifrar até ao fim – disse Barbara, quase a cuspir as palavras. – Quantas vidas tem agora, Senhora Virgindade?

– Só disponho de uma vida e pretendo vivê-la de acordo com as minhas escolhas.

– Então falhará. Eu fi-lo durante toda a minha vida e isso nada me trouxe se não notoriedade.

– Contudo, desejo fazê-lo e encontrar um bom homem que ame e com quem possa escapar à vida da corte, indo para onde o ar seja mais puro.

– E quem a aceitará... sem dote e desejada pelo rei?

Frances virou a cara e fingiu-se ocupada a procurar as pérolas espalhadas, para que Barbara não lhe visse a dor nos olhos.

Em Wallingford House, todas as velas tinham sido acesas e o som de jigas e *courantes* espraiaava-se pelo ar noturno.

O rei fizera questão de partilhar todas as danças com a sua rainha.

Um silêncio incómodo tomou conta da sala quando Frances entrou. Sem dúvida fora o tema principal de rumores e conjeturas desde que saíra, com os homens a perguntarem-se se o plano teria resultado e se o rei haveria conseguido o que queria.

Por instantes, ponderou a ideia de os enfrentar, de mãos nas ancas à imagem de uma atriz de Drury Lane, e anunciar: «Lamento, meus senhores, mas o vosso plano foi gorado pelo duque de Richmond e um grupo de rapazes com archotes! Que pensam disto?»

Gradualmente, eles começaram a manifestar-lhe o seu desprezo e a virar-lhe as costas, parecendo que ela poderia tornar-se uma pária social, não por ter sucumbido ao rei, mas, pelo contrário, por lhe resistir. Vendo o apuro em que Frances se encontrava, a rainha, uns bons quinze centímetros mais baixa do que ela, sorriu-lhe e chamou-a.

– Mistress Stuart, está sozinha. Venha juntar-se ao nosso grupo para dançar um *branle*.

Frances sorriu-lhe, agradecida, percebendo que se tratava de um ato deliberado, para lhe restaurar a credibilidade. Juntou-se ao grupo e olhou para baixo, concentrando-se nos seus passos, evitando assim o olhar do rei. Quando a música terminou, ela fez uma reverência e pediu licença para se ausentar.

– Fique mais um pouco – disse uma voz suave atrás de si. – Não me fará companhia numa dança, senhora?

Deparou-se com o duque, pronto a dançar.

E assim, pela segunda vez naquela noite, Frances deu por si nos braços de um Charles Stuart, embora este fosse jovem e solícito, com um olhar alegre e não cínico. Enquanto o rei era alto e permanecia esbelto por se dedicar a enérgicas partidas de ténis, aquele Charles tinha

uma constituição mais sólida e ela sentia-se como lanugem nos seus braços.

Porém, também ele tinha uma esposa, recordou ela com amargura.

– Como vai a sua casa de Cobham? – perguntou ela, para interromper o silêncio que se instalara entre eles.

– Muito bela, com as cores outonais. – A sua voz revelava o afeto profundo que nutria por aquele lugar. – Espero vir a plantar uma avenida de limeiras. – O tom alterou-se quando disse: – Mas a minha mulher diz que é uma enorme extravagância e que preferiria usar esse dinheiro numa estada em Londres.

Frances sentiu a força gelada da realidade. Que sonho infantil estaria a viver, que fantasia a atrairia para os braços dele?

– A sua esposa não sente o mesmo que o senhor pela casa?

– Diz que é como um grande buraco no chão no qual enterramos o nosso dinheiro. Perdão, o dinheiro *dela*.

As palavras que se obrigou a proferir em seguida feriam-na como uma faca que a cortasse.

– Talvez ela venha a gostar do lugar como o senhor, quando tiverem herdeiros que corram pelos jardins.

Uma sombra escura toldou-lhe as feições, como uma nuvem a pressagiar chuva.

– Duvido muito. Sentiu o medo e o sofrimento do parto uma vez e disse-me que não deseja voltar a passar por tais dores.

– Não quererá dizer...?

Frances calou-se, ciente de que ela, mais do que qualquer outra pessoa, não deveria fazer tal pergunta. E, não obstante, ele respondeu-lhe.

– É verdade. As consolações habituais do matrimónio são-me negadas. – De repente, fez uma expressão de repulsa. – Não que eu as desejasse. E os encantos da vida no campo também se perdem na minha mulher. Suspira pelo drama da cidade.

– Que estranho. – Pensou nos muitos desenhos que havia feito a partir da cordialidade suave e reconfortante de Cobham. – Se fosse minha, eu

nunca a deixaria.

Os braços dele apertaram-na um pouco mais durante um breve segundo.

– O rei não lhe fez mal, espero?

– Não. – Frances abanou a cabeça. – Mas fiquei contente ao vê-lo chegar.

– Com o meu exército vingador de rapazes com archotes.

A memória fê-la sorrir.

– Percebi no seu rosto que teria sido capaz de desembainhar a espada e usá-la contra o rei.

– Sim. E revelar-me um traidor. – Os olhos cinzentos dele fitaram os dela. – E, todavia, mantendo-a embainhada, fui um traidor ao meu coração.

À volta deles, a música terminou. Frances afastou-se, com a pulsação muito acelerada. O duque fez uma vénia.

– Dê lembranças minhas ao seu papagaio.

– É ele que nunca me deixa esquecer da sua existência.

Charles sorriu e beijou-lhe a mão.

– Então só posso agradecer-lhe. Adeus, Mistress Stuart.

– Adeus, Lorde Richmond.

Quando se virou, reparou que Mall a fitava, mas esta apenas abanou a cabeça, sem nada dizer.

– Obrigada por ter convocado a rainha.

Frances percebia bem quanto lhe deveria ter custado arriscar-se à reprovação do rei. Mall encolheu os ombros.

– O amor pode comprimir o coração e contorcer as entranhas. Como me parece que estará a descobrir.

Em vez de a ignorar, a rainha prestou particular atenção a Frances depois da noite em Wallingford House. Convidava-a para a acompanhar à capela, para jogar às cartas consigo à tarde e até para a ajudar a experimentar novos penteados, pois declarava que Mistress Stuart era sempre a aia mais elegante da sua corte. Para esse efeito, Frances pediu

auxílio à sua irmã Sophia, que dava mais atenção aos estilos de penteados do que ela.

As outras damas de companhia, sobretudo Cary Frazier, não o viram com bons olhos, pois Sophia era aia da rainha-mãe; Sophia, não obstante, ficou encantada. Chegou de Somerset House com uma bolsa cheia de ganchos, pentes, ferros e um pequeno braseiro de carvão, que, declarava, nenhuma dama de Paris abandonaria, tal como os vestidos ou os sapatos de cetim.

Claro que Frances se recordava de que a rainha tinha um barbeiro pessoal – o mesmo sobre o qual o rei em tempos perguntara que parte do corpo lhe rapava.

As damas portuguesas tinham-se limitado a fazer expressões de desdém e reprovação, sem dúvida concluindo que o rei não era melhor do que os Ingleses de quem se queixavam, tão grosseiros que, mesmo no meio de Londres, se encostavam às paredes para se aliviar, ainda que houvesse senhoras presentes.

Sophia revelou ter um pequeno livro com várias xilogravuras que representavam penteados diferentes, cujos méritos ela foi explicando a Sua Majestade.

– Eu uso o meu como este aqui: chama-se *hurluberlu* – e apontava para um penteado que ostentava uma massa profusa e exuberante de caracóis a partir da nuca. – A Frances prefere este: um estilo *à la négligence*; e Lady Castle... – Parou abruptamente, levando a mão à boca como uma criança que tivesse invocado o nome do Senhor em vão durante a catequese.

– Que estilo elege Lady Castlemaine? – perguntou a rainha num tom calmo.

– Neste momento, opta por prender os caracóis em cima e deixar pender o resto.

De súbito, a rainha sorriu.

– Então eu usarei o mesmo. O que é bom para Lady Castlemaine decerto será bom para a rainha, não vos parece?

As aias fitaram-na, surpreendidas. Não havia ambiguidade no que

dizia e o comentário revelava mais perspicácia e humor do que lhe era habitual. Talvez a rainha estivesse realmente a aprender a impor-se.

Sophia começou a procurar uma estrutura de arame para prender ao cabelo da rainha, para que este sobressaísse de lado e depois fosse preso em anéis suaves até aos ombros.

– O cabelo de Vossa Majestade é maravilhosamente espesso – gabou.

A pequena rainha corou, com um grande sorriso. Era óbvio que recebia poucos elogios.

– Não precisará de caracóis ou madeixas falsos, como os que compram as damas francesas.

– E, para além disso, é escuro – acrescentou Cary Frazier –, o que está muito na moda. Ao contrário de algumas pobres damas. – Lançou um olhar de relance a Frances, celebrenemente loura. – Sabem o que aconteceu a Lady Lauderdale, quando tentou pintar o cabelo ruivo de preto? – Baixou o tom da voz, pelo que todas perceberam que se seguiria um escândalo sumarento. – Ensopou o cabelo com uma mistura de lima, alvaiade e pó de ouro que o boticário lhe vendeu, e teve de deixar a poção durante toda a noite, para na manhã seguinte poder usufruir dos resultados.

– E deu resultado? – perguntou Frances.

– Sem dúvida. De manhã, tinha todo o cabelo negro como a noite. – Cary desmanchou-se a rir. – Repousava na almofada a seu lado, com todas as madeixas! Ficou completamente careca e desde então usa peruca. Até na cama, com Sua Senhoria.

– Cary Frazier, não acredito nem numa palavra dessa história disparatada – censurou Lady Suffolk, camareira-mor e vedora da rainha, que entretanto se juntara ao grupo.

– Quem me contou foi a criada que lhe arranja o cabelo – insistiu Cary, parecendo ofendida. Depois voltou a rir-se. – E agora Lorde Lauderdale também usa a peruca na cama, para lhe fazer companhia!

Sophia aqueceu os ferros no pequeno braseiro enquanto, com todo o cuidado, fazia um risco ao meio no cabelo da rainha.

De súbito, um visitante indesejado chamou-lhe a atenção, bem preso à

raiz do cabelo.

– Majestade, dá-me permissão para que remova um piolho real? – perguntou-lhe.

– Senhora – replicou a rainha alegremente –, isso serão modos respeitosos de descrever o meu esposo?

Desta vez, todas as damas desataram a rir, até a pretensiosa Lady Suffolk.

Quando Sophia terminou de enrolar o cabelo da rainha nos arames e de dividir as secções laterais em pequenas fileiras dispostas sobre a testa, culminando com um pequeno caracol, ou *confidante*, no meio da testa, a manhã tinha chegado ao fim. Contudo, um novo penteado não era quanto bastasse para satisfazer a rainha, que se tornara inquieta.

Horas depois, Frances estava ocupada a ajudar Charlotte, Lady Killigrew, na sua tarefa de cuidar dos vestidos, chapéus, penas, leques e perfumes da rainha. Tinham acabado de colocar saquinhos de alfazema e arruda seca entre as roupas da soberana, dobrando-as cuidadosamente entre faixas de cambraia na grande arca, quando a rainha apareceu.

Frances parou de dobrar as roupas, ficando boquiaberta a mirá-la. Catarina de Bragança, rainha consorte de Carlos II de Inglaterra, que chegara àquelas bandas a usar umas anquinhas tão grandes e antiquadas que todos se tinham rido dela, encontrava-se diante delas vestida como um homem! Envergava as calças largas conhecidas como *rhinegraves*, usadas pelos cavaleiros mais atrevidos, um casaco de montar ajustado, com folhos no pescoço, e um chapéu de cavaleiro com um ninho de penas de águia no cimo.

– Mistress Stuart. Dizem-me que é a melhor cavaleira entre as minhas aias. – Fez sinal ao pequeno negro que a seguia para todo o lado. – Dá as roupas a Mistress Stuart, Guiné.

Frances sorriu para o rapazinho e estendeu os braços para receber o fardo.

– Depressa! Vá aos seus aposentos mudar de roupa. Vamos partir numa aventura. Cavalgaremos até Worsley End, onde o objetivo será admirar a paisagem campestre e chocar alguns dos meus súbditos. Mas,

não se preocupe, não nos reconhecerão assim vestidas!

– Tem a certeza de que o rei não se oporá a este esquema, Sua Majestade? Três mulheres a saírem sozinhas, sem serem acompanhadas sequer por criados? – perguntou Frances, alarmada.

Havia um brilho endiabrado nos olhos negros de Catarina.

– Ele está perfeitamente satisfeito com a ideia... sobretudo porque nada sabe! E eu proíbo qualquer das presentes de lhe contar.

Depois de ela ter partido, Frances sussurrou a Lady Killigrew:

– O que terá acontecido à rainha? Ultimamente parece diferente.

Lady Killigrew encolheu os ombros.

– Talvez esteja cansada de ser ignorada pelo marido e deseje afirmar-se por si mesma. – Lançou um olhar significativo a Frances. – Deve ser difícil viver rodeada por tantas amantes quando se é apenas a esposa.

– Seria certamente um duro golpe para Lady Castlemaine se o rei comesse a dar-se conta de que tem esposa.

– Só por segurança – sussurrou Frances –, se não tivermos regressado ao crepúsculo, será melhor que o informe.

Worsley End era uma bela mansão com terrenos privados, junto à encantadora aldeia de Isleworth. Fizeram a primeira parte da viagem de carruagem – e até isso foi um motivo de alegria para a rainha. Viajar numa carruagem vulgar!

– Parece-vos que seremos mandadas parar por salteadores? – perguntou, a bater palmas de expectativa. – Decerto ficariam surpreendidos ao encontrarem três mulheres vestidas como cavalheiros!

Para sorte de qualquer salteador que, inadvertidamente, tentasse deter a rainha de Inglaterra – ato de traição cujo perpetrador seria enforcado, eviscerado e esquartejado – chegaram ao destino sem qualquer interrupção.

Três elegantes cavalos aguardavam-nas nos estábulos, pois a rainha já os havia reservado, como se tornou aparente pela troça e pelos gracejos bem-humorados dos cavaleiros, sem ocultar a sua identidade monárquica.

– Bem, meus belos senhores – disse o estribeiro, enquanto piscava o olho a um dos moços de estrebaria –, que desfrutem de um bom galope. Está um excelente dia para isso. Se seguirem pelo parque e passarem por aquela colina adiante, só terão de saltar três ou quatro barreiras.

Cary Frazier empalideceu.

– Não podemos ir pela estrada?

– Se estiver disposto a recuar três milhas, jovem senhor.

– Vamos, cavalheiros – instigou a rainha. – Como dizem vocês em Inglaterra? *Tally-ho!*

Frances depressa olvidou os estranhos trajes que envergava e até o facto de, em vez de estar numa sela amazona, ter a inusitada experiência de montar como um homem. Assim que sentiu o vento a refrescar-lhe as faces e observou as nuvens a dardejarem sobre as colinas, deixando um padrão de luz e sombras como a manta de retalhos da cama da sua velha ama, sentiu-se verdadeiramente feliz.

Adiante, havia uma barreira.

Frances ficou receosa: ali estava ela, a cavalgar sozinha, quando a rainha de Inglaterra estava sob a sua responsabilidade. Se Catarina caísse do cavalo e se magoasse, seria ela quem seria considerada culpada.

Saltou a primeira barreira com facilidade e a rainha seguiu-a, mas Cary abanou a cabeça, com o rosto mais pálido do que soro de leite.

– Lamento, Vossa Majestade. Afinal, sou demasiado feminina. Esperarei nos estábulos.

Saltaram outras duas barreiras e por fim chegaram ao cume da colina de onde, disposto como uma rica tapeçaria de Mortlake, viam o vale a brilhar sob o sol da tarde.

– Sentemo-nos um pouco – sugeriu Catarina.

Frances assentiu sentindo-se de repente embaraçada por estar sozinha com a rainha, de quem era aia, mas que mal conhecia. E então ocorreu-lhe que talvez tudo aquilo fosse um pretexto para conseguir falar com ela a sós e admoestá-la pela sua proximidade com o rei, talvez para a avisar de que deveria afastar-se.

Porém, Catarina não se referiu a Carlos.

Riu-se da aparência impressionante dela naquelas roupas de homem, por ser tão alta.

– Mas como é alto e encantador! – Deu-lhe uma cotovelada, muito animada. – De facto, parece um jovem tão belo que, em Whitehall ou St. James, teria de andar de costas voltadas para a parede.

Frances pestanejou. Não havia dúvida de que a rainha aprendera muito desde que chegara.

Chegaram junto de uma árvore caída, à qual prenderam os cavalos, sentando-se em seguida no tronco nodoso, tão quente como uma almofada.

– Diga-me, Mistress Stuart – começou Catarina abruptamente, com os grandes olhos escuros muito intensos –, conhece o rei tão bem quanto eu. Que deseja ele da sua rainha? – Antes que Frances tivesse tempo de responder, Catarina prosseguiu: – O seu povo queria uma princesa protestante, mas fui eu a escolhida por trazer riqueza e oportunidades de negócio, algo que o meu marido diz que prezam mais do que qualquer religião. Contudo, odeiam os católicos. Ainda que até isso me perdoassem, se eu pudesse dar um herdeiro ao trono.

Os atormentados olhos castanhos desviaram-se subitamente, fixando-se nas colinas distantes.

– Não sabe o que isto é... todos os meses desejo que as minhas regras não venham e espero ter uma criança no ventre. – Mordeu o lábio até este perder a cor. – Espero, rezo, acendo velas, ofereço novenas a Nossa Senhora, porque ela é mãe e deve compreender este anseio, esta dor que me consome... E, depois, as minhas regras vêm e eu sei mais uma vez que não espero uma criança, e então choro. – Olhou para as suas mãos. – Eu sei o que se diz de mim nas ruas de Londres: «O que tem menos serventia? Um sapato gasto ou uma rainha estéril?»

Embora isso constituísse uma grave quebra de protocolo, Frances estendeu uma mão e agarrou na da rainha.

– Ainda tem tempo, Majestade.

– Tenho vinte e sete anos. – E, de facto, chegava a chocar que aquela

figura infantil pudesse ser uma mulher tão crescida. A ideia pairou entre elas, até Catarina não resistir mais. – Que idade tem, Mistress Stuart?

Frances levantou-se.

– Deveríamos regressar, Vossa Majestade. A Cary Frazier começará a preocupar-se.

– Diga-me, Frances. Desejo mesmo saber.

– Em breve completarei dezanove anos, Majestade.

– Dezanove! – repetiu a rainha, como se a palavra lhe ferisse a alma.

– Será o único propósito de uma esposa dar filhos ao marido? – perguntou, de súbito agitada. – O afeto, o amor, prezar todos os seus sonhos e empreendimentos de nada conta?

– Deveria contar, Majestade, e tenho a certeza, na verdade, de que conta. – Pensou no outro Charles Stuart, preso a uma esposa que não o queria nem o prezava, e ocorreu-lhe que por vezes a crueldade da lotaria do casamento era um pau de dois gumes. – O rei dá-lhe grande valor e não prestará atenção a comentários descabidos dos seus súbditos.

– Sim, mas durante quantos anos mais? E se eu nunca conseguir dar-lhe o herdeiro por que há tanto espera, e tiver de continuar a ver Lady Castlemaine a aumentar a ninhada a cada ano que passa? Em lugar do filho legítimo por que o meu marido anseia, o trono terá de receber o seu irmão James!

Levantaram-se, geladas, imaginando aquele futuro trágico. Se o duque de York viesse a ser rei, de novo uma guerra poderia tomar conta do país. E tudo porque Catarina não conseguia dar um herdeiro à nação.

Ela começou a desprender o cavalo.

– Vamos, temos de ir. Se não formos ao seu encontro, Mistress Frazier começará de facto a preocupar-se.

Viram Cary Frazier à espera delas, sondando ansiosamente a pista.

– Oh, Deus seja louvado. Já são duas horas e ficará toda a gente alarmada se não voltarmos em breve.

Ao virarem os cavalos na direção da aldeia de Isleworth, depararam-se com mais gente do que à ida, mulheres idosas com feixes de lenha às costas, lavradores a regressar a casa, crianças a saltaricar e donas de casa

a conversarem enquanto tiravam água do poço. No centro da aldeia, aperceberam-se de que apontavam para elas no meio de uma onda de excitação, enquanto meninas de seis ou sete anos corriam pelos relvados para levar o recado, e logo mais habitantes começaram a juntar-se às portas das suas casas. Frances seria capaz de jurar que ouvira a palavra «rainha» e, com um pânico crescente, deu-se conta de que tinham sido reconhecidas. De repente, uma multidão de aldeões corria na direção delas.

Para horror de Frances, viu que se tratava de gentilha enfurecida que não desejava dar as boas-vindas à rainha, mas insultá-la pelo seu catolicismo e pela sua esterilidade.

– Vá s'embora para *Porchugal!* – gritava um deles.

– Não vale mais do que uma cabaça vazia para assustar crianças à noite! – acusou uma velha engelhada, debruçando-se no parapeito da janela para aproximar da rainha o seu rosto.

– Escutem-me! – exigiu Frances às pessoas que se tinham reunido, ao mesmo tempo que fazia sinal a Cary para que avançasse com a rainha até um lugar seguro.

Frances não era fraca amazona e, enquanto falava, colocou-se de pé em cima do dorso do cavalo, um truque que aprendera em criança.

A multidão susteve a respiração.

– Ela não pediu para ser vossa rainha, foi enviada para cá. – Frances sabia demasiado bem o que se sentia por não se poder decidir o próprio destino. – Ela não tem qualquer controlo sobre a possibilidade de conceber uma criança, assim como a senhora – continuou, apontando para a velha à janela –, não o tem sobre o tufo de pelos que lhe nasce na cara!

A multidão riu como que se assistisse a um espetáculo improvisado de marionetas.

– E o senhor – perguntou, a apontar para um homem estrábico que se encontrava à frente –, escolheu ver o mundo assim tão torto?

Sentiu-se agradecida a Deus por lhe ter enviado uma jovem que tinha perdido todos os dentes da frente.

– E a senhora, não preferiria morder um bom bife em vez de sorver pedacinhos de pão molhados em leite, como uma criança?

– Preferiria, jovem senhor, essa é a verdade, mas não pude impedi-los de cair, pareciam bolotas a tombar de uma árvore!

Por aquela altura, já tinha a audiência na palma da mão.

– Digo-vos, amigos, a rainha não tem mais escolha nestas coisas do que vocês. E talvez devêssemos censurar um pouco o rei nesta questão.

– Mas o rei tem uma aljava de bastardos! – contrapôs outro jovem.

– Sim, mas se guardasse as suas flechas para a rainha, talvez acertasse mais vezes no alvo.

O riso foi tão geral que Frances decidiu então voltar a montar o cavalo, com um floreio do chapéu.

– Adeus, boa gente. Vivam o rei e a rainha de Inglaterra!

Para seu grande alívio, a multidão repetiu as suas palavras, até com entusiasmo, enquanto ela cavalgava para se juntar a Cary e à rainha Catarina.

– Frances Stuart – murmurou Cary Frazier quando ela as alcançou, meia milha mais adiante. – É tão surpreendente como um cesto cheio de cobras.

Frances sorriu, aliviadíssima, pois também ela ficara chocada e assustada com a violência da reação daquela gente.

A rainha Catarina estava igualmente abalada e o resto da viagem foi passado a acalmá-la e a assegurar-lhe que não era odiada por todos.

– Será melhor que não falemos dos acontecimentos de hoje – murmurou ela a Cary depois de terem regressado a Whitehall em segurança. – A rainha não tornará a sugerir que nos ausentemos sem escolta e talvez devêssemos ter sido mais cuidadosas.

– Como poderíamos saber que aqueles campónios reconheceriam a rainha e se voltariam contra ela? – perguntou Cary, num tom irritado.

– Foi uma brincadeira louca.

– E foi por isso que ela a quis fazer. Para mostrar que tem espírito e que não é como Castlemaine, que suga todo o prazer da vida.

– Não obstante, sejamos discretas.

Contudo, se a rainha ficou abatida pelo encontro, disfarçou-o bem nos dias que se seguiram, ocupando o tempo com bailes de máscaras e pescarias e – o que os seus súbditos protestantes devotos reprovavam – jogos de cartas nos seus aposentos mesmo ao domingo.

Certa noite, foram convidadas para uma grande reunião no pavilhão de banquetes, em honra do embaixador da Moscóvia e, para grande encanto delas, a rainha declarou que deveriam envergar trajes russos.

Frances, recordando a noite fatídica em Wallingford House, preferiria não tornar a cruzar-se com o homem grande como um urso, mas depressa deixou que o entusiasmo, o riso e a expectativa das outras aias a contagiasse.

– O que vais usar, Frances? – perguntou-lhe a irmã Sophia, invejosa por não ter sido convidada.

– Oh, tenho mais que fazer do que preocupar-me com isso – foi a resposta ríspida de Frances. Porém, não conseguiu reprimir o sorriso que se seguiu. – Sophy, Sophy, deverei ir toda de branco, para que ele se lembre das estepes nevadas da Rússia?

Sophia bateu palmas.

– Isso seria perfeito. A propósito – acrescentou – tens visto o Walter? Parece que passa o tempo todo fora de casa. Perguntei à ama onde vai e ela diz que há dois cavalheiros elegantes que o vão buscar quase todos os dias. Ela ralha-lhe, diz ela, porque eles o mantêm fora de casa até os pássaros estarem a cantar nas árvores. Sabes quem possam ser?

– Não – respondeu Frances, pensativa. – Mas tratarei de descobrir.

– Venha comigo comprar tudo o que precisa para o seu traje – interveio Cary, que tinha estado a ouvir a conversa das irmãs. – Vou ao Mercado Real comprar sedas para o meu vestido e depois ao peleiro de Thames Street, junto à tabuleta do White Bear.

Frances sorriu, concordando. Cary sabia sempre onde poderia encontrar os itens mais recentes, antes de qualquer outra dama da corte.

– O que lhe parece esta lustrina prateada? – perguntou-lhe a amiga quando, horas mais tarde, estavam diante do espelho do comerciante de sedas.

No fim, depois de lhe testar a paciência com intermináveis peças de tecido, Cary deixara o homem com um sorriso de orelha a orelha ao encomendar-lhe catassol cor de pêssego, rendado com *point de Venise*, que ela tencionava completar, em honra da ocasião, com um chapéu de pele de castor.

Quanto a Frances, optou por comprar veludo branco.

– Não será demasiado simples? – perguntou Cary, inclinando a cabeça.

E, contudo, na paragem seguinte, no peleiro, quando viu Frances envolta em veludo branco, com uma pele de raposa-do-ártico sobre os ombros, assentiu com a cabeça.

– Faz-me lembrar uma rainha da neve – sussurrou, admirada.

– Espero que não esteja a pensar numa rainha má, que traz o inverno para gelar as terras do verão. Talvez possa lançar um feitiço a Lady Castlemaine!

– E transformá-la numa bruxa malvada?

– Não, não, transformá-la numa boa mulher.

– Seria realmente necessária magia poderosa para que isso acontecesse!

Ao ver como a sua jovem cliente ficava encantadora com aquela pele e ficar a saber onde tencionava usá-la, o vendedor reduziu generosamente o preço, com um desconto de três anjos.

– Vê – sussurrou Cary –, a magia já está a funcionar!

Quando regressavam com os embrulhos, rindo-se e tagarelando sobre o banquete, Frances decidiu que em breve faria uma visita a Somerset House, para solicitar à ama que lhe descrevesse os cavalheiros que tinham adotado Walter. Londres, como todas as metrópoles, tinha a sua quota parte de batoteiros e vigaristas, bem como várias outras pessoas desagradáveis capazes de se aproveitar de um jovem inocente, e ela não desejava que Walter lhes caísse nas garras.

O pavilhão de banquetes, apesar do nome, raramente era usado para banquetes ou festins, servindo antes de lugar para receções, bailes de

máscaras e entretenimento de embaixadores. Frances poucas vezes havia entrado ali e não deixou de ficar impressionada com as proporções imponentes do espaço. Tinha sido necessário um mestre como Inigo Jones, inspetor-mor do rei, para projetar aquela obra-prima. Antes de se juntar à multidão do andar inferior, ficou na galeria do primeiro andar, entre os londrinos que tinham ido assistir ao espetáculo, admirando as estriadas pilastras coríntias e os grandes quadrados do soalho de madeira. Levantou a cabeça para ver a coisa mais famosa daquele lugar: o teto pintado por Rubens, onde se encontrava representado o falecido rei Carlos, sentado ao lado de Minerva, a empunhar um escudo e um relâmpago para escorraçar a falsa figura da Rebelião em direção às profundezas flamejantes do inferno.

Enquanto observava, soaram trombetas em baixo, pois o rei tinha entrado, seguido por um séquito de cortesãos que atravessavam o palanque coberto por uma passadeira vermelha, para se sentar num trono dourado. Seguindo com os olhos a figura familiar, um bom palmo mais alta do que os outros cortesãos, perguntou-se se a memória do seu pai – que partira daquela mesma galeria, de cabeça bem erguida, para enfrentar a execução – o deixaria perturbado.

Poucos passos atrás do rei, caminhava a rainha Catarina, vestida de cetim azul-claro, solene, sem revelar sinal das risadas divertidas da escapadela do outro dia.

Frances apressou-se a juntar-se-lhes, esperando que a rainha não tivesse dado pela sua falta nem precisado dos seus serviços.

Não precisava de se preocupar pois, naquela noite, o embaixador fazia-lhes companhia, trajado com um gibão de seda roxa, com rosas da mesma cor nos sapatos, como ditava a moda mais recente, tal como se acabasse de chegar de Paris e não da nevada Moscóvia. Fez uma vénia profunda diante do rei enquanto uma correnteza de criados iam chegando, com os passos trôpegos, carregados de peles: de marta e de castor, de lontra e de lobo siberiano, de raposa-do-ártico e também de arminho; e, a mais prezada de todas, de marta-zibelina de Irkutsk. Por um momento, parecia que todos os animais do Império Russo se

encontravam dispostos ali na Casa de Banquetes. Depois surgiram alguns tapetes persas, cujas tonalidades âmbar, azul-escura e rosa-velho eram iluminadas pela luz das velas, revelando as tapeçarias mais belas que Frances alguma vez vira.

– E agora uma pequena curiosidade, muito procurada no nosso país. – O embaixador mostrou um pequeno estojo ornado com joias, que abriu diante dos olhos fascinados da corte. – Dentes de cavalo-marinho!

– Agradeço-lhe, senhor, pela sua grande generosidade – disse o rei.

No instante em que fez sinal ao gentil-homem da câmara para que levasse os presentes para uma antessala, um som estrondoso fez com que todos no vasto pavilhão de banquetes se voltassem e fitassem uma pequena figura vestida de cetim azul, pálida como a morte, que de súbito caía ao chão.

Capítulo 12



Um silêncio repentino tomou a sala até que o rei exclamou:

– A rainha! Chamem um dos meus médicos para examinar a rainha.

Formou-se um grupo enquanto o rei agarrava numa das peles que acabara de receber e a usava para envolver o pequeno corpo da esposa.

– Desmaiou? – perguntou, com o receio a brilhar-lhe nos olhos.

Um dos primeiros a avançar foi Walter Stuart, pai de Frances, que acompanhava a rainha-mãe. Tocou na testa de Catarina e tentou abrir-lhe os olhos, mas esta permanecia inconsciente.

– Parece-me que é mais sério do que isso, senhor.

– Gentis-homens! – gritou o rei. – Levem a rainha para os seus aposentos. Com cuidado! E procurem mais médicos. Tenho doze, por amor de Deus. Convoquem-nos!

O gentil-homem da câmara real pegou no pequeno corpo, ainda embrulhado em peles, parecendo quase uma criança que tivesse sido encontrada moribunda na floresta.

Quando se virou, a multidão curiosa, silenciosa e chocada abriu alas.

O rei seguiu-o de imediato, com vários dos seus gentis-homens no seu encalço. Enquanto avançavam pelo meio das pessoas, teve início um burburinho de especulação, que primeiro se assemelhava ao roçar de folhas secas mas que foi crescendo até se transformar numa parede de som produzida por quatrocentos cortesãos, conselheiros, damas e criados, todos a conjecturar o que se passaria e que impacto para eles,

para a monarquia e para o país poderia ter o facto de a rainha se encontrar seriamente doente.

Frances Stuart, preocupada tanto com o rei como com a rainha, por quem nutria simpatia e afeto, seguia entre as outras aias atrás do monarca, quando se deu conta de uma ocorrência estranha e desagradável: no meio da multidão, havia quem se acotovelasse e apontasse para ela.

Olhou para trás, tentando perceber se seria outra pessoa o alvo do interesse, mas ninguém ia atrás de si.

Abanou a cabeça, censurando-se por estar a ficar fantasiosa como uma velha e concluindo que, se havia quem estivesse interessado nela, seria provavelmente por querer saber se estava tão triste quanto deveria perante a súbita doença da rainha.

Com a escuridão a tornar-se mais profunda, todas as aias da rainha se reuniram à porta dos aposentos dela, para verem se haveria algo que pudessem fazer por ela.

Enquanto esperavam, num silêncio invulgar para quem costumava parecer um bando de aves barulhentas, Alexander Frazier, pai de Cary e um dos mais importantes médicos do rei, chegou e foi um dos primeiros a ser admitido nos aposentos da rainha.

– Há de servir de muito – sussurrou Mall a Frances, cobrindo a boca com a mão para que Cary não a ouvisse. – Velho bebedor. Para fazer nascer os bastardos da Castlemaine e curar o Rochester da gonorreia, está muito bem, mas eu tão depressa me sentaria numa pocilga com um vestido branco como lhe confiaria a minha vida. O mais provável é que lhe dê as Gotas do Rei e nada mais.

– E as Gotas do Rei não são afamadas por serem um grande restaurador?

– Após tomar demasiado vinho do Reno, talvez, ou depois de se comer uma ostra estragada. Contudo, se estivesse verdadeiramente doente, gostaria de tomar linfa de hastes de veado e víbora seca em óleo misturados com o crânio de um homem enforcado?

– É mesmo isso o que contêm?

Frances teve de se segurar a uma cadeira perante tal ideia.

– É o que se diz. Mas Sua Majestade acredita veementemente na sua eficácia. Talvez por causa das cinco mil libras que pagou ao doutor Goddard pela fórmula.

– Julga realmente que ela poderá ter a vida em risco? – perguntou Frances.

Mall encolheu os ombros.

– Já me pareceu semimorta, pobre senhora.

Nesse momento, Alexander Frazier espreitou pela porta e chamou Cary e Frances.

– Venham. Precisamos que tragam roupas de cama lavadas para a rainha. Estão a ser perfumadas por Mister Chase, o boticário, segundo me disse a criada dela.

Por trás dele, ouviu-se um grande prato.

– São as criadas portuguesas dela. A rainha implorou ao rei que fossem elas a cuidar dela e agora os seus aposentos estão algures entre Babel e o asilo de loucos de Bedlam. Vão! Tragam as roupas de cama.

Quando voltaram, carregadas com pilhas de fronhas, lençóis e camisas de dormir, descobriram que os aposentos da rainha revelavam de facto um espetáculo triste e extraordinário.

O quarto, embora fosse grande, parecia ter metade do tamanho habitual, de tão apinhado estava de médicos, cortesãos, criadas portuguesas, monges de mantos negros e o perfumista da rainha, que ia abrindo caminho volteando um incensário, como o padre fazia durante a missa.

A penumbra e o calor intenso que emanava de uma grande lareira sempre a ser alimentada com mais toros por dois pajens negros davam um ar ainda mais estranho à cena. O brilho rubro das chamas criava uma atmosfera sinistra em todo o ambiente parecendo a Frances uma visão do inferno imaginada por algum pintor medieval.

A um canto, o barbeiro da rainha – aquele de quem o rei se servira para gracejar com a rainha em tempos mais felizes – começava então a levar a lâmina ao cabelo dela, a única característica verdadeiramente

bela que ela possuía, para além dos olhos brilhantes e escuros. Ao lado do leito, a governanta estava sentada com uma estranha touca que parecia feita com o género de trapos que um leproso descartaria.

Alexander Frazier suspirou e, num sussurro, explicou-lhes:

– É uma touca de relíquias, que os frades capuchinhos dela julgam ser milagrosa. Crendices, como é óbvio, mas parece que ela deseja tê-la.

Frances por pouco não perguntou se aquilo seria mais estranho do que dar-lhe essência de víbora ou óleo do crânio de um enforcado, mas, por bem da rainha, calou-se.

Catarina, no meio de toda aquela atividade, continuava a não parecer mais do que uma boneca sem vida, pálida e imóvel na cama enorme.

O rei andava de um lado para o outro em grandes passadas, e fazia perguntas ansiosas aos médicos.

– Qual é o diagnóstico, cavalheiros? Vá, digam-me logo!

Frazier continha-se, mas o mesmo não fez George Bate, que cuidara tanto do irmão como da irmã do rei quando estes tinham tido varíola.

– Pensamos que se trata de febre maculosa, Majestade. As criadas dizem que se queixou de uma forte dor de cabeça na noite passada e de uma letargia que fez com que fosse difícil despertá-la hoje de manhã. Porém, como queria muito estar presente no seu banquete, levantou-se mais tarde.

– É demasiado boa. E que outros sintomas encontraram?

– Uma vermelhidão, Majestade. E a testa dela arde como uma fogueira.

O rei olhou para ela.

– Pobre senhora. Que temem que aconteça a seguir?

– Que algum humor lhe suba à cabeça. Estamos a preparar um julepo de cereja negra e essência de erva-moura. Pedirei a uma das aias que lhe banhe a testa constantemente. Para além disso, é uma questão de manter o fogo aceso e rezar.

Carlos suspirou.

– Os monges e os padres dela não descurarão essa parte.

– Deveria dormir, Majestade. Haverá muita gente de vigia.

Carlos assentiu com a cabeça; tinha o rosto pálido de preocupação e exaustão.

– Tencionam sangrar Sua Majestade?

No instante de silêncio que se seguiu, Frances interveio, recordando-se de que, anos antes, Minette, a adorada irmã do rei, se recusara a ser sangrada, tendo visto como a sangria enfraquecera a sua irmã Mary, e que atribuía a sua sobrevivência à varíola ao facto de se ter oposto a tal prática.

– Ela tem um ar tão fraco, Majestade... Será que essa decisão não poderá ser tomada quando estiver mais restabelecida?

O rei assentiu com a cabeça.

– Agradeço-lhe a preocupação.

De volta aos seus aposentos, Frances ajoelhou-se para rezar pela recuperação da rainha; estava tão cansada que adormeceu ainda ajoelhada junto à cama.

Acordou com a luz brilhante de outubro a entrar-lhe pela janela e o burburinho intenso do palácio. O Conselho já se reunira para discutir a crise. Quando desceu para tomar o desjejum, reparou que Mall e o irmão, o duque de Buckingham, estavam muito compenetrados a conversar.

– Claro que se ela estivesse no trono – confidenciava Mall num tom baixo mas entusiasmado – poderia persuadir o rei a perdoar o meu Tom.

– Esquece lá o teu amado – replicou o irmão, numa voz quase inaudível. – Se ela fosse rainha, teríamos mais questões a tratar do que a do Tom Howard.

Ao verem que Frances se aproximava, apartaram-se com expressões de culpa.

– Há notícias recentes acerca de Sua Majestade? – perguntou ela.

Mall abanou a cabeça e começou a servir uma taça de cerveja, que passou a Frances.

– O pão está bom, acaba de vir da padaria, e tenho uma mensagem da sua mãe. Virá visitá-la esta manhã. Talvez saiba mais, dada a sua proximidade com a rainha-mãe.

Frances comeu o pão, pensativa. Raras vezes a mãe a visitava em Whitehall. A irmã Sophia fazia-o com regularidade mas, sempre que ela desejava ver a mãe, tinha de a visitar em Somerset House. Deveria ser um assunto muito importante o que a traria ali.

Eram duas da tarde e o almoço tinha acabado sem que a sua mãe aparecesse e, quando isso aconteceu, Frances mal conseguia acreditar no que os seus olhos viam. A mãe não vinha sozinha. Acompanhava uma senhora muito mais velha, vestida de negro com um véu a cobrir-lhe a metade de cima do rosto – o que lembrou a Frances um antigo corvo –, e a própria rainha-mãe!

Olhares curiosos seguiram-nas enquanto Henriqueta Maria ordenava a todas que fossem para os aposentos de Frances.

Um vez lá, a mãe começou por cerrar as cortinas, para proteger o quarto tanto da luz do dia como de olhares indiscretos.

– Frances, esta a é duquesa de Grise, uma parente venerável da rainha-mãe. Ela deseja assegurar-se de que te encontras de excelente saúde.

– Eu? – perguntou Frances, sobressaltada. – Eu estou esplêndida. É a rainha quem está achacada.

– Realmente. – Henriqueta Maria tinha um ar muito grave. – Mistress Stuart, nesta tarde as criadas dela pediram que lhe fosse dada a extrema-unção.

– Oh, pobre senhora. Não tem tido uma vida fácil.

– Não. E todos rezamos por ela. Poderá deitar-se na cama?

Frances virou-se para a mãe.

– O que se passa? Receiam que possa ter sido contagiada?

– Dá ouvidos às mais velhas e nobres do que tu, filha – disse Sophia Stuart em tom severo.

Frances deitou-se, ainda que relutantemente. Havia uma expressão de rebeldia distinta nos seus olhos enquanto obedecia.

– Ora, minha jovem. – O velho corvo levantou-lhe o vestido. Frances tentou protestar, mas a mãe segurou-a com uma força surpreendente.

– Não lhe tomarei muito tempo. Trata-se de um procedimento simples,

comum entre as potenciais noivas de reis.

Frances mal a ouvia, tão assarapantada estava por a velha lhe ter afastado as coxas e ultrapassado a roupa interior com a perícia de um amante experiente, inserindo então dois dedos nas suas partes mais privadas.

– Como se atreve, sua ave nojenta!

Frances esperneou tanto que a velha cambaleou para trás.

– Catraia ingrata – replicou a duquesa.

– Frances, para! Isto é importante. Concedeste a Sua Majestade o derradeiro favor? Sê sincera, pois a tua resposta terá muito peso.

– Não! – Frances tentou sentar-se, recompondo as roupas. – Nem quaisquer outros favores.

Henriqueta Maria virou-se para o corvo.

– Ela diz a verdade?

– Sim. *Oui*. Ainda que, a avaliar pela sua conduta, eu dissesse o contrário. Jovem arisca!

Então, Henriqueta Maria desfez-se em sorrisos.

– É uma excelente notícia.

– Mas porque haveria de importar a alguém para além de mim se lhe concedi ou não tal favor? – quis saber Frances.

– Criança tola. – A mãe tentava acariciar-lhe os canudos louros que se tinham soltado do penteado enquanto ela esperneava. – Se vieres a ter a oportunidade de ser rainha, a tua inocência será da maior importância. Mereces ser congratulada por a teres protegido.

– É verdade – comentou Henriqueta Maria num tom ácido –, não fica muito aquém de um milagre, conhecendo o meu filho e a moral da sua corte. – Virou-se para a dama idosa. – E não encontrou motivos para considerar que não possa ter filhos?

A duquesa de Grise abanou a cabeça.

– O útero parece estar bem.

– Doravante, terás de ser ainda mais diligente na proteção da tua honra – aconselhou a mãe a Frances, com os olhos a brilhar perante a perspectiva da glória futura.

Apesar de sentir o sangue a ferver, tão revoltada se sentia com a mãe e Henriqueta Maria, que se comportavam como duas madames a avaliarem carne fresca, Frances manteve um tom sereno.

– Poderei recordar a Vossa Majestade e à minha estimada mãe várias coisas que talvez queiram ter em consideração?

As mulheres mais velhas fitaram-na com desconfiança, como se a mercadoria que houvessem comprado não fosse de tão boa qualidade quanto julgavam.

– A rainha ainda não morreu. – As duas mulheres encolheram os ombros em resposta àquele obstáculo de somenos. – E, mesmo que já tivesse morrido, eu não tenho ambição alguma de me tornar rainha de Inglaterra.

Três pares de olhos estupefactos miravam-na. A mãe foi a primeira a reagir.

– E se a Inglaterra precisasse de ti e tu pudesses ser-lhe muito útil? Ainda só tens dezoito anos. O rei venera-te e deseja-te. Poderias ter filhos saudáveis e dar um herdeiro à nação. Se ele não tiver um herdeiro legítimo, o irmão James suceder-lhe-á, com os filhos de Anne Hyde. Isso poderá lançar de novo a anarquia nesta terra. Que pensas tu disto?

Frances fez uma reverência, mantendo a cabeça alta, e respondeu:

– Penso que rezarei pelas melhoras rápidas da rainha Catarina.

Depois de elas partirem, Frances ficou a sós com os seus pensamentos. Sentia ira e repulsa por aquela pecaminosa aliança entre Henriqueta Maria e a sua própria mãe. Pior do que isso, estava furiosa por a sua mãe ser capaz de a submeter a uma prática tão humilhante – e recorrendo a truques, sem o seu consentimento.

E, de facto, todo aquele incidente confirmava uma ideia que apenas tinha esboçado, mas que então se tornava clara como água. O papel de rainha pouco tinha que devesse ser invejado. A sua função principal não seria decorar uma corte, levar-lhe música, instrução ou beleza, nem sequer ser uma boa esposa para o rei, mas conceber um herdeiro. A verdade era que Catarina fora observada quase desde o dia em que casara, em busca de sinais de estar de esperanças. Realmente, Frances

vira como Lady Suffolk, camareira-mor, se encarregava de gerir os lençóis reais. Até então, Frances julgava que isso se prendia com uma questão de limpeza, mas então percebeu o que significava. Era para ver se as regras mensais de Catarina estavam ou não presentes.

Desejaria ela tal escrutínio? E se, tal como a rainha, também ela fosse estéril e a forçassem igualmente a viajar com a mesma frequência a Bath ou a Tunbridge Wells para tomar águas, na esperança de que isso a tornasse fértil, condenada a uma sensação incessante de desespero mês após mês, sabendo que também ela falhara?

E o que seria ser rainha de Inglaterra, com um marido – por gentil e compassivo que fosse – sempre a ostentar Barbara Castlemaine e a andar atrás de damas como a própria Frances? Não tinha ilusões e sabia que, se alguma vez se casasse com o rei, ele depressa procuraria outras. Era essa a sua natureza.

E, não obstante, se não desejava ser rainha de Inglaterra nem amante do rei, o que queria?

Com um olhar lesto por cima do ombro para se assegurar de que ninguém estava por perto, Frances levou a mão debaixo do colchão e puxou de um caderno com uma encadernação de couro já muito gasta. Empoleirada na cama grande, virou as páginas com cuidado para que não se soltassem da lombada frágil. E depois lembrou-se de que tinha rasgado a imagem que, durante toda a sua vida, havia visto como um lar, lugar de conforto e felicidade.

Guardou de novo o caderno no esconderijo e virou-se para o papagaio, a única ligação que tinha à vida que desejava.

– Estarei tão iludida, pássaro, ao ponto de rejeitar um rei, preferindo um homem que já tem esposa?

Contudo, desta vez, o papagaio, que costumava ter tantas palavras e sabedoria, não lhe ofereceu qualquer resposta. E então, quando ela estava prestes a deixar o quarto, falou finalmente:

– O Amor não teme o tempo...

– Isso, meu amigo emplumado, é algo que estou a aprender à minha custa. Então o duque de Richmond ensinou-te Shakespeare, foi? Então

ele saberá os versos que se seguem:

*Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma para a eternidade.*

Nos dias subsequentes, uma estranha acalmia abateu-se sobre as aias da rainha. Aguardavam pelo palácio, esperando por notícias ou por voltarem a sentir-se úteis.

– Se a rainha não recuperar, perderemos o direito a viver aqui e às posições que ocupamos? – perguntou Catherine Boynton, perante um ar generalizado de reprovação.

– Chiu, Cate – ripostou Cary Frazier. – Irá para a cama do seu amado não tarda.

– Quem me dera que tivesse razão – disse com desânimo. – Mas talvez não chegue lá de todo, se a rainha morrer antes de eu receber o dote.

Frances já não conseguia ouvir mais, pelo que saiu para o ar frio dos jardins de Whitehall. Ali ficou surpreendida ao encontrar Lorde Hyde, o chanceler, que se aproximava lentamente por causa dos joelhos afetados pela gota, apoiando-se numa bengala, e preparou-se para mais um apelo.

Contudo, não foi assim. Em vez disso, ele segurou-lhe a mão e apertou-a num gesto de gratidão.

– Queria agradecer-lhe, Mistress Stuart, por lidar de forma honrada com o rei e ter a sua esposa em consideração. Claro que todos dirão que tenho um interesse velado. Que desejo uma rainha estéril para que um dos filhos da minha filha Anne possa ascender ao trono. Mas há muito que lhe observo a bondade e, se alguma vez houver algo que possa fazer por si, enquanto tenho o poder de o fazer, não hesite em pedir.

Frances pensou de imediato no duque de Richmond e no seu triste casamento. Todavia, nenhum chanceler poderia remediar isso, apenas Deus Todo-poderoso.

– Também me alegra – continuou ele, com um sorriso malicioso nas suas faces bem-alimentadas –, que a senhora deixe a Lady descontente.

Ela nunca teve uma rival como a senhora: bela e de linhagem tão nobre. Deverá estar deveras preocupada. Se fosse a senhora a rainha, o reinado dela acabaria de vez.

Frances riu-se alegremente, provocando uma expressão inquisitiva nos olhos astutos do chanceler.

– Meu Lorde, ela decerto durará mais do que qualquer um de nós, pois assim o deseja.

Ele também sorriu.

– Mas isso nunca a satisfará. – Entrelaçou o braço no dela. – Vim procurar o rei e perguntar-lhe como vai a rainha. Dar-me-ia muito gosto se me acompanhasse.

Frances reparou, divertida, que ele escolhia o caminho que passava diante das janelas de Barbara, para que esta os visse juntos e acrescentasse mais uma preocupação às que já tinha.

Ouviram o rei antes de o verem.

Gritava com os doutores e criados portugueses da rainha, que há muito tinham decidido que esta estava a morrer e insistiam, segundo o costume do seu país, que cada um dos criados e familiares dela se despedisse à vez, até a deixarem tão exausta quanto doente. Também exigiam que Catarina redigisse o testamento, professasse a sua fé em voz alta e recebesse os últimos ritos da fé católica.

Ao mesmo tempo, o médico pessoal da rainha ordenara que ela fosse tratada com pombos. Embora não fosse inusitado que um par de pombos fosse sacrificado e colocado aos pés do padecente, seguindo a crença de que um moribundo não poderia abandonar a vida se estivesse a tocar em pombos, isso ampliava o caos ainda mais.

– Charlatães! – vociferava o rei, com a paciência esgotada. – Impostores! Deixem a minha mulher, já!

A rainha olhou para ele e ofereceu-lhe um sorriso ténue.

– Permita que o padre fique. Tenho de me apaziguar com Deus.

Carlos assentiu com a cabeça, já com uma expressão mais suavizada.

– Seja feita a sua vontade.

Frances e o conde de Clarendon recuaram para que o padre entrasse.

– Jovem – dirigiu-se ele a Frances num tom seco –, tenha a bondade de dispor isto naquela mesa.

Frances, de cabeça baixa, colocou um crucifixo, uma taça de água benta, um ramo de arruda e uma vela acesa na mesa junto à cama da rainha.

– Primeiro terá de se confessar – disse o padre a Catarina.

– O que tem a minha querida esposa a confessar? – resmoneou o rei, impaciente. – Passou a vida inteira em orações e peregrinações.

– Silêncio, por favor.

Apesar de se tratar do rei, o padre lançou-lhe um olhar reprovador. Agarrou no ramo de arruda e aspergiu Catarina com água benta, após o que lhe levou o crucifixo aos lábios e começou a entoar as palavras latinas do rito da extrema-unção.

– *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, extinguatur in te omnis virtus diaboli per impositionem manuum nostrarum...* Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que o poder do Diabo sobre ti se extinga por imposição das nossas mãos.

– A minha mulher não está sob o poder do diabo – interrompeu Carlos, cada vez mais impaciente.

– Majestade, respeite os desejos da sua esposa.

Lorde Clarendon coxeou até ao rei e afastou-o da cama. O padre começou a ungir as pálpebras da rainha com óleo.

– Que Deus a perdoe por qualquer mal que tenha praticado através do poder da vista...

Depois, da mesma forma, ungiu-lhe as orelhas, as narinas, os lábios e os pés, absolvendo qualquer pecado que ela tivesse cometido por seu intermédio.

Catarina confessou os pecados, professou a sua crença em Deus e, por fim, recebeu o «viaticum», a hóstia sagrada que a alimentaria na viagem eterna.

A sua governanta fiel ajoelhou-se junto à cama e começou a chorar.

Catarina, que até então estivera calma e satisfeita, começou a revirar-se e a murmurar estranhamente.

– Desejo ficar a sós com a minha esposa – anunciou o rei num tom abrupto.

O padre encolheu os ombros e, com uma interjeição de censura, abençoou-a uma última vez antes de partir. Todas as aias e criadas, incluindo Frances e o conde, começaram a segui-lo.

O médico hesitava.

– A febre está a subir, Majestade. A rainha está a entrar em delírio.

E então Catarina sentou-se na cama.

– Onde está o meu filho? – exigiu saber numa voz grandiloquente e nítida, com o delírio a fazê-la acreditar que, por fim, tivera o herdeiro há muito esperado. – Sei que dei à luz um menino muito feio.

Todos estacaram e ficaram muito calados, exceto o rei, que lhe respondeu com ternura.

– Está aqui. E é muito bonito.

– Se for como o senhor – respondeu ela, com os olhos brilhantes fixos nos dele –, então será um menino realmente belo e eu ficarei muito satisfeita.

– Pobre senhora – sussurrou Lady Suffolk para Frances –, julga que finalmente deu à luz um filho do rei.

Catarina acalmou-se e recostou-se e depois, também num repente, tornou a sentar-se.

– Como estão as crianças? – perguntou.

– Bem, bem – tranquilizou-a o rei, numa voz cativante. – Mas precisam de uma mãe. E eu de uma esposa.

– Não, não. – Parecia que, de súbito, recuperava a lucidez. – Quando eu morrer, arranjará uma mulher melhor do que eu. Uma que possa dar-lhe aquilo que eu não consigo. Um filho. – Viu que ele tinha lágrimas nos cantos dos olhos. – Não chore. De bom grado abandonaria este mundo por si.

O rei agarrou-lhe na mão.

– Então fique e viva, por mim.

Todos se esgueiraram para fora do quarto, comovidos e silenciados pela devoção do rei, que sem dúvida seria genuína, ainda que eles

receassem que fosse temporária.

Capítulo 13



Durante semanas, a rainha Catarina oscilou entre a vida e a morte e, no exterior do seu quarto de doente, tanto a corte como o país continuavam a especular sobre quem lhe sucederia.

Certa noite de outubro, houve uma tempestade tão violenta que Frances acordou. Por baixo da sua janela, no ancoradouro junto às escadas privadas, os barcos entrechocavam-se e as ondas estavam mais altas e enfurecidas do que ela alguma vez vira no Canal. Continuou a observar, aterrorizada, e deparou-se com a visão mais estranha da sua vida. Havia uma coruja no seu parapeito e, perante o seu olhar, a ave voltou a cabeça, os seus grandes olhos fitaram-na, com o corpo ainda virado para a frente.

Frances ficou sem ar. Toda a gente sabia que as corujas eram presságios de morte. Com a certeza absoluta de que a rainha morrera, caiu de joelhos e rogou a Deus que a sua alma fosse para o céu.

– Por favor, Pai do Céu – rezou, ciente do peso da expectativa da rainha-mãe, da sua mãe e do próprio rei que recairia sobre os seus ombros se a rainha deveras tivesse morrido –, não desejo ser rainha de Inglaterra, juro por tudo o que é sagrado.

Como que em resposta à sua prece, e contrariando todas as expectativas, a rainha começou a recuperar.

As vertigens desapareceram e o grande tumulto e a perturbação cerebral diminuíram até que, ao fim de três semanas de febre, se sentou

e pediu a Lady Suffolk, em português, *marmelada*¹⁵, que a governanta se apressou a traduzir, para gáudio do rei, que logo deu ordens ao jardineiro principal para que procurasse marmelos, não obstante o mês de novembro estar quase a surgir.

– É um milagre! – exclamou a governanta. – A touca de relíquias salvou a rainha.

Mas Catarina não queria ouvir tal coisa.

– Não é à touca de relíquias que devo a minha salvação – corrigiu com aspereza –, mas às preces do meu marido.

No exterior do quarto, as suas aias suspiravam de alívio.

– Já ouviu o que o malandro do conde de Grammond anda a dizer? – comentou Mall num sussurro quando ela e Frances saíam da capela, onde tinham ido agradecer a Deus a recuperação da rainha. – Que nunca se deve seguir os impulsos nobres. Quando achou que a rainha estava a morrer, o rei disse-lhe que tinha de viver por ele. E foi isso que aconteceu. Por isso, graças às suas ações generosas e altruístas, ela recuperou e ele não terá outra esposa – concluiu, fitando Frances com um olhar pleno de significado.

– O conde de Grammont deveria encontrar melhor serventia para o seu engenho – ripostou Frances –, em vez de trocar de pessoas melhores do que ele.

Não obstante, intrigava-a a estranha complexidade da natureza do rei, que era generosa e egoísta em partes iguais, e não deixou de se perguntar se também ele estaria a agradecer a Deus.

Barbara Castlemaine, madura e lasciva num vestido que seria mais apropriado nos banhos públicos do que na casa do Senhor, surgiu de repente no caminho delas.

– Então, senhora, ouvi dizer que o jogo chegou ao fim e que a nossa querida rainha recupera.

Frances, de cabeça erguida, manteve-se serena.

– Se assim é, sinto-me muito aliviada.

– É mesmo? Apesar de todos a verem como sucessora dela? Não que eu tivesse acreditado nisso. Afinal, não é a única para quem o rei olha.

– Ah – interveio Mall, a folhear as páginas do seu livro de orações –, mas é a única suficientemente imaculada, com sangue real e... – fez uma pausa e acrescentou, num tom doce como amêndoas açucaradas: – ... que não dormiu com metade de Londres.

Barbara tentou agredi-la, mas Mall esquivou-se.

– Para além disso – acrescentou com malícia –, já que o comité do meu irmão para fazer de Mistress Stuart amante do rei falhou, ele fundou outro.

Barbara fingiu não estar interessada e começou a afastar-se, mas depois parou.

Mall sorriu, à espera de poder puxar a linha com o seu peixe relutante.

– E com que objetivos?

– Uma campanha para que o rei se divorcie da rainha e abra caminho para ter outra esposa.

Por um breve instante, Barbara pareceu escandalizada.

– Ele nunca fará isso. Acabou de a salvar da beira da morte.

– Para já, não. Porém, quando se fartar da fidelidade e se lembrar de que continua sem herdeiro, será capaz.

Do que conhecia do rei, Frances considerava aquele cenário muito improvável. Sentia-se grata por a vida poder regressar à normalidade. Durante semanas, toda a corte a havia observado e sussurrado à sua passagem. Agora isso pararia.

Mall acompanhou-a até aos seus aposentos e foi ela quem reparou na missiva. Um pergaminho dobrado com um selo de lacre vermelho encontrava-se no toucador, ao lado do papagaio.

– Não sei quem terá ensinado poesia ao pássaro – riu-se Frances –, mas é capaz de citar versos de William Shakespeare.

Mall pegou na missiva e examinou-a.

– É o brasão dos duques de Richmond! Eu bem sei, pois é também o meu.

Mantendo a carta fora do alcance de Frances, que se debatia para a impedir, abriu-a e leu em voz alta:

Cara Mistress Stuart,

Encontrei o poeta Edmund Waller, que estava a escrever os versos aqui inclusos dedicados à recuperação da rainha. Envio-lhos porque também eu festejo a recuperação da rainha, mas por um motivo bem diferente, que me parece não terá muita dificuldade em adivinhar.

Mall começou a ler os versos, numa voz profunda e afetada que não teria envergonhado um palco londrino.

*Aquele que não houve de lamentar
A perda de tantos reinos
Cujas lágrimas teve para ti reservadas as mais doces,
Mais queridas que todos os reinos!
Pois quando nenhuma arte curativa vencia,
Quando licores e elixires fracassavam,
Na sua face pálida ele deixou o orvalho cair
Que a revigorou como uma flor seca de novo a florir.*¹⁶

– Que comovente – disse Mall a sorrir. – Este Waller deveria ser fuzilado pelas rimas execráveis. Escreveu um panegírico melhor para o Cromwell do que para o rei, lembra-se? Mas que surpresa o duque meu sobrinho, que tantos aqui julgam ser um jogador e um beerrão, além de idiota, tenha um coração tão romântico.

– Ele não é idiota! – Frances agarrou na carta e rasgou-a ao meio. – Embora não perceba que lhe importa que a rainha se cure e eu não vá substituí-la, se já tem uma esposa.

– Tolo Charlie – comentou o papagaio.

– Já chega – ralhou Frances, cobrindo a gaiola com um pano, sob os protestos do pássaro. – Está na altura de eu te ignorar e ao teu senhor!

Walter Stuart, alheio à intensa especulação que havia rodeado a irmã, estava ansioso por ir visitar o Beargarden¹⁷ em Bankside com os seus

dois novos amigos. Não sabia bem porque se mostravam eles tão ávidos por lhe mostrarem Londres e lhe oferecerem bebidas e comida em metade das cervejarias e tabernas de Drury Lane, mas estava bastante disposto a acreditar no que lhe diziam.

– Quando se ama uma cidade, é como se ela fosse uma mulher – gabou-se Lorde Rochester. – Queremos que os nossos amigos desfrutem dela tanto quanto nós!

Walter ainda não desfrutara de mulher alguma, mas admirava muito aquela conversa picante. Ouvira dizer que o conde era famoso pelos seus ditos espirituosos e estava resolvido a rir-se de tudo o que ele dissesse, mesmo que se limitasse a chamar uma carruagem.

Na verdade, Rochester começava a apreciar bastante o rapaz e tivera de ser recordado pelo conde de Grammont de que a intenção fora espicaçar a piedosa irmã dele, e não incluí-lo no grupo de amigalhões.

– Hoje vamos apostar com ele quanto tempo aguenta o urso e acabaremos com uma discussão. Parece-me que, se nos servirmos de engenho suficiente, conseguiremos persuadi-lo a desafiar um de nós para um duelo.

Rochester encolheu os ombros.

– Eu não tenho qualquer destreza com uma espada... terá de ser o senhor.

O Beargarden também albergava o teatro Hope, pelo que alternava peças com concursos desportivos. Naquele dia, encontrava-se em exibição o famoso Urso Pardo de Breedon, que escoraçara todos os cães que haviam sido atirados para a fossa para o abocanhar.

Walter, que nunca estivera num espetáculo daqueles e tinha um coração sensível, tentou não se deixar impressionar pela grande criatura furiosa de olhos vermelhos e ferozes, preso por uma pata a um poste, enquanto mastins treinados para o efeito eram atirados para a fossa e começavam a atacá-lo por todos os lados. Sem querer, até aplaudiu quando o urso levantou um cão com as mandíbulas poderosas e o atirou com toda a força para um dos outros cubículos.

– Aposto dez anjos em como o urso não dura mais de dez minutos –

anunciou de Grammont.

– Vinte – ofereceu Rochester.

– Eu acho que ele não vai ser derrotado de modo nenhum – contrapôs Walter, que se regojizava com aquele espetáculo, embora reconhecesse que despertava as emoções mais cruéis a tantos quantos assistiam.

– E quantos anjos apostará?

A sua honra de jovem na companhia daqueles dois cortesãos sofisticados exigia que apostasse algo, apesar de ter apenas umas poucas moedas de quatro dinheiros. Teria simplesmente de esperar estar certo em relação ao urso.

– Cinco – ofereceu com cautela.

Walter apercebeu-se então de que uma mulher de meia-idade, trajada com um vestido garrido às riscas verdes e roxas, que estivera a instigar os cães a plenos pulmões, o fitava no camarote ao lado.

– Não lhe parece – comentou ela para o cavaleiro que se encontrava a seu lado –, que aquele jovem de rosto rosado é demasiado novo para estar na companhia daqueles malandros?

Um homem alto de cabelo arruivado, com caracóis que lhe caíam sobre os ombros, em vez de optar por uma peruca, como ditava a moda, fitou-o com um interesse súbito.

– Olhem! Olhem! – gritou de Grammont. – O mastim apanhou o urso pela garganta.

Com um rugido aterrorizante, o urso tentou libertar-se do cão enorme, mas o animal não o largava.

– Ouvi dizer que os treinam pendurando-os de uma árvore pelas mandíbulas – riu-se Rochester.

O grande urso, a sangrar de cinco ou seis feridas abertas que a matilha já lhe tinha infligido, cambaleou como um bêbado num bar ilegal e, urrando em sinal de derrota desesperada e furiosa, caiu ao chão.

Walter, esquecendo a aposta por se apiedar da criatura caída, exclamou:

– Oh, morreu, pobre animal!

– É verdade, o que quer dizer que me deve cinco anjos! – crocitou de

Grammont.

O rapaz ficou lívido.

– Não os tenho precisamente comigo.

– Então terá de os encontrar em breve, não é, Rochester? Caso contrário nenhum homem quererá encontrar-se de novo na sua companhia.

Walter tentou evitar tremer, consciente de como fora tolo e de que não tinha forma de adquirir aquele dinheiro. Não poderia recorrer ao pai, que sempre havia sido avesso ao jogo. Já imaginava a resposta que receberia se se atrevesse a pedir-lhe auxílio. «Um tolo e o seu dinheiro depressa se separam, e tu ainda és mais tolo, pois perdeste dinheiro que não tens!»

A criada que levava canecas de cerveja aos convidados apareceu no camarote deles e entregou uma bolsa a Walter.

– O cavalheiro que ali está envia-lhe um recado. Precisa de um tutor jovem para a filha da sua esposa e espera que o senhor possa aceitar a comissão. Envia-lhe cinco anjos para selar o acordo, se concordar.

Walter olhou com um ar agradecido para o ocupante do camarote adjacente, como se este fosse Moisés a abrir o Mar Vermelho.

Os seus dois dissolutos companheiros entreolharam-se, irritados.

– Um ato generoso do duque de Richmond – rosnou Rochester.

– Pois – anuiu de Grammont num tom bem alto, para que o duque o ouvisse. – É uma pena que se trate do dinheiro da esposa.

A mão do duque apoiou-se na bainha da espada enquanto lançava um olhar de desprezo a Rochester.

– Ao menos eu sou casado – respondeu num tom contido. – Segundo me consta, nem o rei consegue persuadir Mistress Mallett a aceitar o nobre conde como marido.

Rochester retesou-se. Tentara, sem sucesso, cortejar Elizabeth Mallett, conhecida como «a fortuna do Norte».

– Talvez não queira apanhar sífilis – sugeriu o duque, numa voz suave como seda.

– É melhor arriscarmo-nos à sífilis do que ao tédio de um tolo – contrapôs Rochester.

– Aceitarei com todo o gosto a comissão e os cinco anjos – interrompeu Walter, sem nada perceber mas sentindo-se grato não obstante. – E gostaria de lhe agradecer a oferta.

Em seguida, apressou-se a despedir-se deles.

– É tão exageradamente correto quanto a irmã – murmurou o conde entre dentes, assim que Walter partiu.

– A irmã dele tem mais valor do que uma dúzia de pessoas como os senhores – contrapôs o duque, com um brilho perigoso no olhar. – Ainda que a honra seja um conceito que eu não esperaria que compreendessem.

– Haverá coisa pior, Richmond, do que ser um pudico maçador? – perguntou Rochester.

– Oh, sim, meu Lorde – sorriu o duque, com os seus sonolentos olhos cinzentos a arregalarem-se. – Ser o senhor.

Para surpresa de Frances, Mall aguardava-a nos seus aposentos. Desta vez, não era para lhe ler cartas privadas nem para a dissuadir do afeto sem esperança que votava ao duque de Richmond, mas por dispor de algumas novidades que lhe diziam respeito.

Bastou um olhar de relance para que Frances percebesse tudo. Havia boas novas sobre Tom Howard.

– Foi perdoado! Alguns dos oficiais da guarda intervieram junto do rei para lhe permitirem regressar. E até Sua Majestade concorda que a escadaria do rei é um lugar bem mais enfadonho sem o Tom Howard, sem a sua grande beleza morena...

– Mall – interrompeu Frances –, o rei não terá dito tal coisa!

– Não – riu ela –, são as minhas próprias memórias que me acorrem à ideia. – O sorriso abandonou-lhe o rosto tão depressa quanto nuvens de tempestade a ocultar o sol. – Oh, Frances, que Deus me ajude, pensar que eu cheguei a considerar ajudar o rei a entrar na sua cama em troca do perdão do Tom! Ele implorou-me e rogou-me que a persuadissem, mas eu não fui capaz. Disse-lhe que faria o que quer que ele me pedisse, exceto isso. E lembre-se, fui eu quem informei a rainha e a Lady dos planos do meu irmão, para que elas fossem à casa dele e os gorassem.

Frances condoeu-se.

– É verdade, embora o duque de Richmond os tenha gorado primeiro. Que mundo é este em que vivemos, Mall?

– Um mundo estranho. Mas temos o afeto que nos une.

– Que nunca percamos isso.

– Uma coisa, Frances, desejo manter esta questão do meu relacionamento com o Tom Howard em segredo. Caso contrário, o meu irmão irá sabotá-lo.

– Mas já há quem saiba. Intercedeu por ele junto do rei, recorda-se? E guardar um segredo em Whitehall é como apanhar gotas de chuva com uma rede.

– Frances... – De súbito, Mall parecia uma jovem numa manhã soalheira de maio. – Temos planos para nos casarmos.

Frances abriu a boca e depois tentou disfarçar o espanto. A ideia de Mall desposar um homem com metade da idade dela parecia realmente escandalosa.

– Desejo que seja feliz.

– Sim. – Mall lançou-lhe um olhar alegre, como se lhe lesse os pensamentos. Voltava a ser a maria-rapaz que trepava as árvores e a quem chamavam Borboleta. – E ele, ainda por cima, é papista, e só tem aquilo que aufero ao serviço do rei. Para além disso, tem uma mãe que adora e que é capaz de não agradecer aos céus por ganhar uma nora como eu.

– Pensa que é por isso que... – Frances interrompeu-se.

– Que ele gosta de uma velhota como eu? Por lhe fazer lembrar a mãe? – Mall resfolegou. – Então espero que ele não faça à mãe o que me faz a mim!

E piscou o olho declaradamente. Frances escondeu o rosto atrás das mãos.

– É uma mulher perversa, Mary Villiers!

– Pois sou – concordou Mall, ainda a sorrir –, mas adoro o meu Tom Norton.

– Fala dele como se fosse um gato!

– Sim, e dar-lhe-ei natas – disse ela, como se ronronasse.
– Porque lhe chamam Tom Nortenho?
– Há outro Tom Howard, só que é velho e enrugado, não como o meu.
– E quando voltará a casa, o seu Tom Nortenho?
– Já partiu de França. – De súbito, parecia ansiosa. – Oh, Frances, espero que ainda me ame, pois teremos de nos haver com o meu irmão e a mãe dele, e nenhum deles querará este enlace, tenho a certeza.

E, contudo, foi de outro enlace completamente diferente que o irmão de Mall se foi queixar no dia seguinte.

Mall encontrava-se nos seus aposentos a ler poesia amorosa com a filha Mary, que em breve também ficaria noiva, quando George Villiers, segundo duque de Buckingham, intriguista inveterado e homem de confiança do rei, entrou sem cerimónia, com a peruca loura torta e o nariz vermelho, fosse de cólera ou de demasiada cerveja ao desjejum.

– Irmã! – bradou. – Estive na companhia daquele idiota moralista, o Ormonde, que me diz que o filho dele está comprometido com a tua filha. Como pode isso ser, se o Ormonde é meu inimigo jurado e faz tudo o que pode para frustrar os meus planos de progresso na Irlanda?!

– Não são os teus interesses que eu procuro promover, mas sim os da Mary – replicou Mall, tão calma quanto ele estava irado. – O Richard Arran é um jovem estável e, para mais, ela será condessa.

– Então é verdade! Vais mandá-la viver no lodaçal da Irlanda, entre selvagens, sem qualquer cultura para além de dançar a jiga em antros para se entreterem!

Mary, de treze anos, olhava nervosamente ora para o tio, ora para a mãe.

– Decerto não será assim, mãe?
– O teu tio exagera só porque não lhe convém.
– Não *me convém*?! – berrou o duque. Frances temeu que o nariz violentamente vermelho explodisse, tal era a fúria. – O Ormonde atreve-se a enviar-me uma nota a sugerir que, dado que ao fim de sete anos o meu casamento «não resultou em quaisquer filhos», todas as propriedades dos Villiers deveriam passar para a tua filha Mary. Tens de

o mandar dar uma volta, a ele e ao filho!

O duque deveria conhecer melhor a irmã.

– Permites-me que te recorde, irmão, que enfiuei duas vezes e desde então tive de forjar o meu próprio caminho? Desejo que a Mary tenha uma vida confortável e, se é do outro lado do mar e a trezentas milhas da corte, melhor ainda!

A boca do duque de Buckingham fechou-se como a de um peixe irado e ele deixou-as.

– Com mil demónios! – Mall abanou a cabeça. – Não sabia que o Ormonde tinha escrito essa carta. Não foi a atitude mais sensata a tomar com o meu irmão. – Um sorriso travesso bailou-lhe nos lábios. – E lembrá-lo de que ele e a duquesa não têm descendência...! O mais provável é que vá a correr até ao quarto da mulher e tente já fazer um herdeiro.

– Mãe – interrompeu-a a filha, num tom insatisfeito. – O que o tio disse é verdade? A Irlanda será um lugar assim tão pouco civilizado? E tão longe... Ainda não tinha pensado nestas coisas.

– E não começarás agora – replicou Mall com brusquidão. – Há muito a recomendar na Irlanda. Os campos são muito verdes, segundo me dizem, e os Irlandeses adoram caça e corridas de cavalos... – Calou-se, incapaz de pensar noutros encantos e não reparando, ao contrário de Frances, como a filha ficara abatida.

– Mall – perguntou Frances, depois de Mary ter sido mandada, ainda muito pesarosa, fazer qualquer recado. – O seu irmão não terá razão? Ela é tão jovem e a Irlanda fica tão longe. Só tem tido a sua companhia desde que o Esme morreu.

– E agora terá um marido. E, em breve, filhos.

– Ficou feliz quando se casou pela primeira vez?

Mall encolheu os ombros.

– Enfiuei aos treze anos. Aos dezasseis anos, o rei casou-me com o seu parente James e tornei-me duquesa.

– E agora tem o Tom Howard.

– E se o tenho – ripostou Mall atrevidamente –, não o mereci? Cumpri

o meu dever, fui uma boa esposa e criei os meus filhos. Depois o meu Esme morreu, aos onze anos, o meu querido filho dourado, o que me partiu o coração. E agora estou a arranjar um marido adequado para a Mary. E será um marido amável, jovem, elegante, que fará dela uma condessa. Poderia ter um destino muito pior. E eu julgo que tenho direito à minha felicidade.

Frances assentiu com a cabeça, esperando que mais alguém fosse da mesma opinião – sobretudo a mãe, que Tom Howard adorava.

A recuperação da rainha Catarina prosseguia a bom ritmo, como Frances deduziu a partir da forma como a corte a tratava. Quando se pensava que ela poderia vir a ser rainha, muitos tinham procurado assegurar uma boa posição, tentando ser seus amigos, enviando-lhe luvas perfumadas, chinelos de cetim com joias embutidas e saquinhos com doces. Ao aperceberem-se de que isso não aconteceria, recuaram. Alguns lançavam-lhe olhares apiedados e, nas rivais, ela distinguia expressões vitoriosas.

Contudo, à exceção de Mall, ninguém compreendia o seu alívio, nem o segredo que o motivava, escondido em Cobham Hall.

Num intervalo de tempo surpreendentemente curto, depois de voltar às termas de Tunbridge Wells para auxiliar o recobro, a rainha desejou entretenimento e mandou chamar as suas aias.

Ainda estava pálida e esmaecida, como o leite depois de se lhe tirar a nata, mas havia nela um júbilo febril que Frances nunca antes lhe vira. Corria em vez de andar; brincava com as luvas, que calçava e descalçava, e ria-se de tudo o que era dito, fosse ou não engraçado.

– Pobre senhora – comentou Cary Frazier em voz baixa –, talvez tenha estado tão próxima da morte que preza ainda mais a vida e deseja aproveitá-la.

Como para confirmar esta declaração, a rainha bateu palmas.

– Vamos ao teatro hoje à tarde. Gostaria de assistir uma comédia, para nos animar a todas.

Escolheu a peça *Amor numa Barrica*, do dramaturgo em voga, sir George Etherege, em cena em Lincoln's Inn Fields, para onde foram

todas na carruagem real.

Era uma peça disparatada, na qual o criado francês perdia as calças e era colocado numa barrica como vingança dos outros criados, seus rivais, que serviam uma viúva; foi o bastante para lhes provocar o riso e, na segurança do camarote que ocupavam, apreciaram a atmosfera do teatro, os comentários brejeiros, as cascas de laranja atiradas para o palco, os janotas e os espertalhões, as damas com véus negros e sinais artificiais, a gente apinhada que se acotovelava, tudo iluminado com velas que ardiam numa centena de nichos e candelabros.

Depois de os aplausos terem terminado, sir William Davenant, o diretor do teatro, fez uma visita ao camarote, entusiasmadíssimo com a presença da monarca.

– Vossa Majestade – disse, com uma vénia tão profunda que as damas de companhia recearam que a peruca lhe caísse –, que prazer vê-la de novo entre o povo que a adora. E que tenha agraciado o meu pobre espetáculo com a sua vinda! Ainda que haja quem diga que é tão leve como uma pena de galinha, trouxe mil libras ao teatro neste mês.

– Impressionante, senhor – provocou Frances. – Talvez devesse pedir a todos os atores que despissem as calças.

Entre os risos, ele perguntou se o rei também assistiria à peça.

– Receio bem que se ocupe demasiado com a questão holandesa – respondeu a rainha.

Por toda a cidade se discutia o agravamento das relações com os Países Baixos e se dizia que os Holandeses eram superiores no alto-mar, conquistando as melhores rotas comerciais, e que estava na altura de a frota inglesa lhes dar uma lição.

– Haverá guerra, então, Majestade?

William Davenant, os bolsos cheios de ouro com o novo êxito, não gostava da ideia. Tal como acontecia com o propagar da peste e da febre maculosa, a guerra esvaziava os teatros mais depressa do que os Franceses apanhavam sífilis.

– Não sei – respondeu a rainha. – O rei disse-me que o parlamento é a favor e que o duque de Buckingham pediu que lhe fosse dado o

comando de um navio...

Os risinhos das aias, ao imaginarem o nariz vermelho e a peruca loura do duque ao vento, levaram a rainha a olhar para elas com um ar de censura, mas até ela própria se riu também.

– Na verdade – confidenciou enquanto saíam do camarote e passavam por entre a multidão, que abria alas em sinal de respeito –, o meu marido diz que são poucos os Ingleses para além dele que não desejam ardentemente a guerra. – O cocheiro abriu a porta da carruagem. – Refere-se aos homens, claro está. As mulheres não querem a guerra... sabem que há demasiado a perder.

– Nem todas, Vossa Majestade. – As aias voltaram-se e viram Barbara Castlemaine, trajada de seda âmbar, com um cinto de cetim azul e, na cabeça, um grande chapéu de cavaleiro com penas azuis, a emergir do meio da multidão. – A guerra é nobre – insistiu. – Deveríamos enviar a frota e obter uma rápida vitória.

A rainha fitou-a com um ar franco e um laivo de desdém.

– O meu marido, o rei, diz que, se alguma vez existiu na guerra algo parecido com uma vitória rápida, ele nunca o viu. Contudo, porque deseja tanto uma guerra, Lady Castlemaine? Terá algum amante de que queira livrar-se?

O cocheiro fechou a porta da carruagem com estrondo, abafando o riso alegre das damas de companhia, que nunca tinham ouvido a rainha falar com tanta afoiteza, enquanto Barbara fumegava e jurava vingar-se, ficando sozinha no passeio empedrado.

Frances ainda estava a sorrir com a expressão de Barbara quando abriu a porta dos seus aposentos e estacou, estupefacta.

Na grande cama de dossel de damasco vermelho, estavam duas figuras adormecidas. Tom Howard, belo e próspero como um deus jovem, o cabelo castanho revoltado pelo sono, estava deitado de barriga para baixo, completamente nu, enquanto Mall, ainda com o vestido, os laços desapertados, o peito a sobressair do brocado rígido, dormia ao lado dele.

Poderia parecer uma cena tão vulgar como a de uma casa de má fama

ou de um bordel, e, no entanto, era estranhamente excitante. Talvez fosse o braço que ele passara por cima do peito dela para a defender de todos os invasores – exceção feita a si mesmo – ou a visão da pele nua junto à que se encontrava tapada, mas Frances sentiu um calor súbito nas faces.

E então soube por que ansiava.

Desejava aquele abandono, aquela entrega recíproca do corpo e da alma – mas não com o rei, que a desejava mas depressa se fartaria dela, antes com alguém que se lhe oferecesse para sempre.

Atrás de si, viu que o papagaio se esticava como costumava fazer quando se preparava para falar, pelo que levou um dedo aos lábios. O pássaro virou a cabeça e fitou-a com o seu olho redondo, como se só eles partilhassem algum segredo antigo. E, enquanto ela saía do quarto em bicos de pés, o papagaio enfiou a cabeça sob a asa verde-acinzentada e adormeceu.

Mais tarde, Mall procurou-a, para se justificar e desculpar por ter usado os seus aposentos. Esta de facto sentia-se algo ofendida por ter sido envolvida no caso amoroso de Mall, sem sequer lhe haverem pedido permissão. Mas os olhos brilhantes e a expressão de contentamento da amiga desfizeram todas as críticas. Mall parecia de novo uma jovem.

– Frances, ele é divino! Pode a pele ser tão macia quando o corpo é rijo? Pode haver tanta ternura em alguém que é um soldado feroz? E a habilidade... qualquer coisa aconteceu aos cavalheiros desde o tempo dos meus outros maridos. O primeiro não passava de um rapazinho e o meu querido James, ainda que eu o amasse profundamente, optava sempre pelo assalto frontal e nunca perdia tempo a suavizar a entrada com artifícios tão deliciosos...

– Mall, basta! – Frances sentia-se de novo a corar. – Começa a parecer-se com Lady Castlemaine!

Mall espreguiçou-se com luxúria.

– Mas ela dá-se a tais práticas para deter poder sobre os homens, enquanto o Tom só pensa em agradar.

– Fico muito contente por si.

Mall suspirou.

– Então será a única a sentir tal contentamento. O meu irmão tentará separar-nos, Lady Suffolk, a minha tia, declarará que é uma relação vergonhosa e indigna, a minha filha achará repugnante e eu ignorá-los-ei a todos.

Frances abraçou-a.

– E que Deus a acompanhe, pois começo a perceber que a demanda da felicidade pode ser muito frágil.

– Obrigada, querida, embora não tenha bem a certeza de ser a Deus que recorra para que a minha amizade com o Tom Howard prospere.

– Ou com a mãe dele – realçou Frances, e Mall reagiu dando-lhe um beliscão.

– Lidarei com a mãe dele quando chegar a altura. Felizmente, mora no castelo de Naworth, no condado de Cumberland; esperemos que continue por lá.

As aias da rainha estavam felizes por aquele ano pesaroso em que a monarca quase morrera estar a chegar ao fim, pois nutriam afeto por ela e haviam desenvolvido um renovado respeito por alguém que, tendo tanto com que lutar, por não conseguir engravidar, suportando a desilusão e as más-línguas dos súbditos por não conceber um herdeiro e ainda o rei que dispersava as suas atenções, conseguira encontrar o seu caminho na corte com um entusiasmo redobrado. Assinalou aquela época festiva com bailes de máscaras e banquetes, requisitou a presença de malabaristas e artistas que cuspiam fogo, do género que não envergonharia a feira de S. Bartolomeu. Mas continuava a ansiar por aquele bebé há tanto esperado, e por duas vezes chorou amargamente quando, depois de pensar estar de esperanças, descobrira que fora apenas um falso alarme.

A primavera chegou e depois um verão maravilhoso como poucos tinham memória. Toda a corte ia para o rio e passeava de barco a remos entre Hampton Court e Greenwich, desfrutando de muitos dos prazeres

da água refrescante.

Contudo, sob os encantos estonteantes de um belo verão inglês, a ameaça da guerra tornava-se cada vez mais palpável.

– Venha – disse o rei a Frances numa manhã estival, enquanto a barcaça real se dirigia para Greenwich, onde fariam um piquenique junto à margem do rio. – Desejo mostrar-lhe a minha doca em Deptford. Haverá tempo para passear à beira-rio depois.

A ideia de visitar uma doca em vez de participar num piquenique em Greenwich não era tentadora e ela ainda receava ficar a sós com ele, mas percebeu que o rei estava completamente concentrado na sua marinha, tendo em conta os problemas que se aproximavam.

– Era este o caminho que os peregrinos usavam para chegar a Cantuária. – Carlos apontava para uma pequena aldeia na costa. – Leu Chaucer? Nessa altura sabiam como viver. Não havia tempo para maneiras ou comportamentos refinados... – Deu-lhe uma palmada no traseiro, provocando risos entre todos os remadores, após o que fez uma vénia, num pedido de desculpas. – Lamento, Belle, sou um tipo grosseiro para alguém que é rei.

Antes de ela ter oportunidade de responder, ele virou-a para ver a paisagem que surgia diante deles. O Estaleiro do Rei ocupava trinta acres, com duas docas de carga e descarga, três carreiras para navios de guerra, uma marina e vários tanques, uma grande oficina de ferreiro, forjas para âncoras, abrigos para a madeira, grandes velas e material de cordoaria e, dentro do armazém, a melhor maquinaria do mundo para fiar cânhamo e fazer cordas e cabos.

– O meu estaleiro é uma bela visão, não é? Foi aqui mesmo que a grande rainha Isabel armou cavaleiro sir Francis Drake. – Por um instante, o seu rosto ensombrou-se. – Éramos senhores dos mares, no tempo dela. Agora os Holandeses superam-nos. Os barcos deles são mais pequenos e lesto do que os nossos, é verdade, e também são mais baratos. E recusam-se a saudar a nossa bandeira no mar, como sempre foi costume, reconhecendo a nossa superioridade. E agora há uma ânsia por guerra, mas falta-me o apetite brutal que induz os governantes a

interromper a paz. – Olhou para o mar. – Já vi mortes que cheguem. Que pensa de um rei que não deseja fazer a guerra?

Frances, sensibilizada por ele se interessar pela sua opinião, respondeu com delicadeza:

– Estou certa de que terá os seus motivos, Majestade.

Ele riu-se.

– Tenho. E um deles é o facto de não estarmos preparados, de acordo com o zeloso Mister Pepys, meu secretário do Almirantado, que sempre considere honesto e sábio. Mas esqueçamos isto e falemos de coisas mais agradáveis. Veja, ali fica o grande jardim de Mister Evelyn. – Apontou para uma bela casa rodeada de canteiros e sebes de azevinho, passadiços de madeira e um magnífico jardim oval. – Visitei-o no ano passado e ele mostrou-me os seus projetos, tudo plantado durante a lua nova e com o vento a soprar de oeste, como ele julga ser mais propício. Planeia escrever um livro no qual anotarás tudo isto, para que outros possam segui-lo.

A visão de Cobham Hall voltou à memória de Frances, que pensava que também essa casa poderia ter um jardim como aquele.

– Acima de tudo, adoraria ter um jardim – declarou com um entusiasmo súbito. – Sim, e uma casa com chaminés de tijolo, e torres em ambas as extremidades, rodeada pelo seu próprio parque.

Ele fitou-a de um modo singular, quase como se a visse com novos olhos.

– Então temos de lhe encontrar um marido.

– Não tenho grande dote, Majestade – respondeu ela, entrando em pânico. – Para além do que receberei por ser aia da rainha. Para além disso, não tenho pressa de me casar.

– A bolsa real poderia proporcionar-lhe um bom dote. – Segurou-lhe a mão. – Que género de marido deseja? – Falava como se ela estivesse a escolher um novo par de luvas perfumadas. – Teria de ser generoso, disposto a partilhar tudo o que possuísse.

Era como se um vento repentino soprasse do rio, forte e gélido. Ela não compreendia como ele conseguia ser amável e generoso, cheio de

entusiasmo em relação aos seus barcos e súbditos, para logo se mostrar tão cínico e calculista. O gênero de marido que ele queria que ela tivesse seria como fora o de Lady Castlemaine – disposto a ser enganado. Ainda que até o pobre Roger Palmer se tivesse fartado e, por fim, arrancado a máscara de complacência.

– Sendo assim, juro por Deus nunca desejaria ter um marido que estivesse preparado para tanto.

– Então que desfrute durante muito tempo do seu estado de solteira, senhora. – Um tom ríspido apoderou-se da voz dele, um tom que ela ainda não lhe conhecia. – Até chegar o dia em que talvez esteja velha e resignada.

¹⁵ Em português no original (*N. da T.*)

¹⁶ Poema «He that was never known to mourn», de Edmund Waller (1606-1687). Tradução livre. (*N. da T.*)

¹⁷ Recinto usado no período isabelino para os populares espetáculos sangrentos da época, como acossamento de ursos por mastins treinados. (*N. da T.*)

Capítulo 14



– Venha comigo ao parque de St. James – pediu Mall a Frances. – Não posso ir sozinha e tenho de sair e aproveitar este sol magnífico, caso contrário definharei como uma flor sem água!

– Porque não vai com Mary?

– Caí em desgraça com ela. Compara o noivado com aquele rapaz, o Richard Arran, com o esplendor másculo do meu Tom. Disse-lhe que não se passa nada entre nós, mas ela suspeita do contrário.

– E isso surpreende-a? – troçou Frances. – Se olha para o Tom Howard como se estivéssemos no Natal e ele fosse maçapão apetitoso?

Mall fez uma expressão amuada.

– Ela não poderia ser prometida a um soldado sem um tostão, como eu, não é verdade?

– Mas será admirável a alguém como a senhora, uma das mais importantes damas da corte?

– Ah! O mais estúpido é que ninguém se importaria se eu quisesse apenas deitar-me com ele. Poderiam rir-se de mim, mas depressa se esqueceriam; agora, se eu desejar *desposá-lo*, isso é que choca este lugar imoral. – Olhou pela janela e suspirou. – Venha, Frances! Veja o dia que nos foi dado. O céu está de um azul divinal. Poderemos molhar os pés no canal novo e comer tartes de amora nos jardins.

– Levemos o Walter, então. Duvido que já tenha experimentado o prazer de passear junto ao canal.

Enviaram um mensageiro e quis a sorte que Walter estivesse disponível, pelo que regressou com ele.

Frances observou o irmão, alto e delicado. Parecia mais fatigado, sem a louçania e o rosto fresco de quando se tinham visto pela última vez.

– Não andas a cansar-te demasiado, espero.

– Na verdade, não me tenho cansado muito – respondeu Walter enquanto fazia uma vénia. – Sou um jovem exemplar.

Estava de facto um belo dia. Atravessaram o terreiro da guarda equestre e entraram no parque junto ao canal, onde havia meninos a pescar, ouvindo o canto dos pássaros como se fosse a primeira manhã da criação.

– Não sabia que Londres tinha lugares tão pacíficos quanto este – maravilhou-se Walter.

– Nem tudo são lupanares e antros de jogo – provocou Mall.

Walter corou, como se levasse o comentário a peito.

Frances olhou em redor para ver se alguém passava por perto e, confiando que estavam a sós, tirou a meia e meteu um dedo do pé na água fria.

– Não lhe contei que Mister Storey, que cuida dos pássaros do rei, me disse que há dois crocodilos à solta neste parque? – perguntou Mall, rindo-se. – Foram uma oferenda da Guiné. Tal como os pelicanos do czar da Moscóvia.

– Tenho a certeza de que não há nem pelicanos nem crocodilos neste canal.

Frances secou o pé e depois encaminharam-se para os jardins das amoreiras, que eram pouco mais do que um pomar, cheio de arbustos e esconderijos.

– Sabe o que escreveu o perverso Lorde Rochester sobre este lugar?

A menção de Lorde Rochester fez com que Walter corasse e desviasse o olhar.

– Se escreveu alguma coisa, decerto será brejeira, ainda que conceda que também possa ser engenhosa – replicou Frances.

Mall começou a recitar:

Todas as noites agora às escuras

*De sodomias, estupros e incestos não há zonas seguras.*¹⁸

– Bem, ele lá há de saber – comentou Frances com rispidez –, já que é um dos grandes responsáveis pela situação. Gostaria mesmo de saber porque tolera o rei tal comportamento.

– Por ele ser tão divertido. Por mais sábio e honesto que o rei possa ser quando se esforça, aquilo de que mais gosta é que o entretenham. Até se riu quando o meu irmão lhe chamou «Pai dos seus súbditos», acrescentando: «Bem, de bastantes». O Rochester afiança que toda a Londres, ricos e pobres (de trapeiros a damas elegantes, de lacaios a fidalgos), tem encontros secretos aqui.

– E todos se deparam com Lorde Rochester, escondido nos arbustos.

Walter tinha ficado muito calado e com ar de um rapazinho apanhado a roubar maçãs do pomar de um vizinho.

Mall encontrou um banco sob uma enorme amoreira, no qual todos se sentaram.

– Não vejo trapeiros nem damas elegantes por aqui.

Ainda não se tinham passado cinco minutos quando Mall se levantou de um pulo, a praguejar.

– Pelo sangue de Cristo! Um pássaro sujou-me o vestido preferido!

Enquanto ela esfregava a nódoa vermelha que começava a espalhar-se pelo colo, Frances coibiu-se de lhe contar que a sua ama costumava dizer que a amora era, de todos os frutos, o mais difícil de limpar.

– Mall, quem é aquela jovem ali sentada que não para de olhar para nós?

– Deve ser uma das herdeiras ou camareiras com quem Lorde Rochester se dá – respondeu Mall, sem desviar os olhos da mancha, que continuava a esfregar.

– Não tardaremos a descobrir, já que se encaminha para aqui.

Mall levantou a cabeça e, ao fazê-lo, esqueceu por completo a nódoa,

ficando com todo o corpo retesado.

– É Lady Shrewsbury, a maior devassa com um nome nobre. Foi ela quem insultou o Tom e provocou a desavença entre ele e o Giles Rawlins! Sem dúvida reparou no Walter e está desejosa de fazer outra conquista, por mais jovem que seja. Olhem só, não tem mais de vinte e um anos e já está a ficar gorda. Dizem que come doces e bombons até na cama. Que estúpidos são os que se apaixonam por uma balofa assim. Estará nojenta antes de completar vinte e cinco anos. – E, antes que Frances pudesse impedi-la, desafiou com maus modos: – Bons olhos a vejam, senhora, têm morrido por si mais gentis homens, ultimamente?

Frances observou a jovem que avançava na direção deles. Havia algo no seu rosto que a assemelhava a Lady Castlemaine, como se tivesse obtido tudo o que desejasse e isso não a deixasse satisfeita. Tinha a mesma pele branca, os lábios cheios num beicinho perpétuo, com o desdém a notar-se no contorno carnudo das faces. E Mall tinha razão – ela comia de facto demasiados doces.

Sorriu para Walter, que a fitava como se tivesse o nariz encostado à montra de uma pastelaria a contemplar uma frangipana.

– Vejo que sujou o seu vestido com essa nódoa vermelha – comentou Lady Shrewsbury. Parecia não ter ficado ofendida com o insulto de Mall. – Não poderão ter sido as suas regras, é demasiado velha para isso... ou será que foram interrompidas por um bastardo do Tom Howard?

Walter olhava ora para uma, ora para outra. A experiência que tinha dizia-lhe que as damas não se comportavam daquela forma e que seguramente nunca utilizavam aquela linguagem.

Antes que Frances se apercebesse do que estava a acontecer, Mall agarrara no seu lenço e agredira o rosto da rival com ele.

– Por uma ofensa dessas, desafio-a para um duelo! A menos que seja tão cobarde que permita que homens morram por si mas nunca se defenda a si mesma.

– Mas que vã jactância é essa? – reclamou Anna Maria Shrewsbury. – Somos mulheres. Não podemos bater-nos em duelo!

Um sorriso triunfal iluminou os olhos cor de avelã de Mall.

– Engana-se a meu respeito, senhora. Fui ensinada a usar uma espada pelo melhor dos filhos da nação, o príncipe Rupert da Renânia. Depois de amanhã: ao nascer do sol, em Barn Elms? Mistress Stuart, aqui presente, será a minha madrinha. Será melhor que nos vistamos como homens, para atrair menos atenções de curiosos que tentem impedir-nos.
– Mall virou-se para os companheiros. – Mistress Stuart, Walter, vamos embora?

Para surpresa de todos, a nutrida Anna Maria não se mostrou intimidada. Lançou um olhar malevolente à adversária.

– É bom que saiba, Mall Villiers, que tenho praticado a esgrima durante toda a vida.

– Excelente, será então uma contenda mais justa.

– Mall – interveio Frances, tentando fazer com que o duelo não passasse de uma piada –, não estará a falar a sério sobre este esquema louco?

– Nunca falei com maior seriedade. Ela pode fazer daquela rameira da Barbara sua madrinha.

– Mas, Mall, reconsidere. O rei abomina duelos entre homens. Que punição daria ele se descobrisse a mesma prática entre as suas *damas*?

– Sem dúvida se riria e concluiria tratar-se de um excelente desporto, mas não se apoquentar. Apostaria uma bolsa de guinéus em como a madame não aparecerá. O seu género faz com que os homens morram por ela. Mulheres assim não se arriscam a ficar com uma cicatriz que as desfeie. Talvez, doravante, ela tenha mais cuidado com o alvo dos seus insultos.

– Oh, Mall, Mall, é verdade o que disse acerca do príncipe Rupert?

Frances ouvira dizer que Mall se apaixonara pelo príncipe quando eram jovens, mas que o casamento dela impedira que esse amor prosperasse.

Repararam então que Walter estava calado e pálido.

– Parece-me... – começou ele, hesitante – ... que deveria oferecer-me para combater por si.

Mall soprou-lhe um beijo.

– Um homem não pode bater-se com uma mulher – respondeu com delicadeza, não querendo mostrar que ele era demasiado jovem e inexperiente.

Ao ver a expressão preocupada de Frances, Mall deu-lhe uma palmada nas costas, já como um galã fanfarrão que ansiasse pelo confronto.

– Não se inquiete tanto. Não tenciono deixar viúvo o marido dela, quero apenas assustá-la para que mantenha o espartilho apertado na companhia de cavalheiros. A propósito, falava a sério quando me referi a vestirmo-nos com trajes masculinos. Atrairemos menos atenções. E outra coisa: não diga nem uma palavra ao Tom. Ele ficaria escandalizado com o meu comportamento de maria-rapaz.

– E talvez preocupado com a sua segurança – acrescentou Frances.

– Ora! Lady Shrewsbury jamais permitiria que a sua preciosa pessoa corresse riscos.

Havia algo naquela declaração que soou a Frances como um sinal claro de aviso. Muitos consideravam que Lady Shrewsbury era uma mulher implacável que se servia dos outros. Dado que não poderia ser realmente substituída por um homem, poderia recorrer a algum truque baixo e perigoso. Um salteador que atacasse Mall numa ruela ou qualquer outra forma de a deixar incapaz de combater.

Contudo, decerto aquela confusão em nada resultaria. O escândalo seria tão grande que arruinaria as duas. Não teria ocorrido a Mall que, se fosse avante, o seu Tom, capitão da guarda do rei, poderia sentir-se na obrigação de pôr fim à relação? Porém, Frances também conhecia Mall muito bem. O leopardo perderia as pintas mais depressa do que ela. Recuar não era algo que ela fizesse. Ciente de que mais persuasão seria inútil, Frances foi pensar para os seus aposentos.

Se fosse ela Lady Shrewsbury, contrataria algum tratante para sujar as mãos por si, alguém que ninguém pudesse associar ao seu nome. Anna Maria, concluiu ela, faria o mesmo.

A única forma que tinha de o descobrir seria ver quem visitava Lady

Shrewsbury e talvez até seguir tais pessoas. Todavia, como poderia ela, uma aia da corte, fazer tal coisa? Já fora muito perigoso partir aos deus-dará com a rainha mas, para aquilo, ela teria de ir sozinha. Nem sequer poderia pedir a Walter que a acompanhasse, pois o irmão era demasiado jovem e inocente, e desconhecia como funcionava o mundo. E, no entanto, se fosse descoberta e se ficasse a saber que tinha espiado Anna Maria, seria ela quem arruinaria a reputação e daria azo a um escândalo. Não poderia ser descoberta.

Frances sempre desprezara o uso de véus – muito populares entre as damas, que os usavam para esconder o rosto quando se encontravam em demandas ilícitas, ou simplesmente para protegerem a pele do ar poluído de Londres – mas, naquele dia, deu graças a Deus por aquela moda existir. Para se assegurar por completo de que disfarçava a identidade, recorreu ao traje soldadesco de couro que usara ao posar para um quadro.

Com o cabelo louro solto, um grande chapéu tricorne e o véu a ocultar-lhe o rosto, parecia estranha, um pantomineiro ou um ator de rua que tivesse escapado da feira de S. Bartolomeu e, ainda que pudesse haver quem a fitasse, ninguém adivinharia tratar-se de Mistress Stuart, a mais cobiçada pelo rei, assim disfarçada. Naqueles preparos tão convenientes, caminhou com ligeireza, de cabeça baixa, saindo de Whitehall em direção à Strand.

Protegida pelos muros que rodeavam os terrenos do palácio, era fácil esquecer-se de como era a vida nas ruas, com aquela energia selvagem e barulhenta. Por todo o lado havia mercadores a gritar, cavalos puxavam carroças pelas ruas empedradas, obrigando as pessoas a desviarem-se e a sujarem-se na água imunda dos canais que corriam pelo meio da rua.

Uma florista de touca onde se entrelaçavam flores do jardim parou-a, esperançada:

– Compre uma flor para a sua senhora, senhor? Um ramo só custa um *penny*!

Frances disfarçou o sorriso e quase tropeçou num pobre coitado caído na estrada, junto a uma fossa aberta cheia de urina e dejetos das latrinas.

E, no entanto, tratava-se da melhor parte da cidade, onde a pequena nobreza vivia e cuidava dos seus afazeres. Whitechapel e as paróquias circundantes eram cem vezes mais pobres e sobrepovoadas do que aquela zona.

Na Strand, perto do arraial, contratou os serviços de um liteiro para que a levasse até Chelsea, onde ela sabia que moravam os condes de Shrewsbury.

No interior confortável da liteira, forrado a linho, foi observando a cidade. Na esquina da rua que seguia até ao rio, estava um idoso acorçado e a defecar à vista de todos, tão despudorado quanto um recém-nascido. Crianças esfarrapadas enxameavam as ruas como moscas num monte de esterco. Não que os mais abastados dessem melhor exemplo. Galãs embriagados cambaleavam ao sair de cervejarias, agarrando-se a qualquer criada que fosse a passar. Pelo menos o ar estava mais límpido do que no inverno, quando o permanente queimar de carvão deixava a cidade mergulhada numa bruma de fuligem, com manchas de sujidade a aterrar nos rostos de todos, qualquer que fosse o seu estatuto social.

Por fim chegaram a uma casa na distante Cheyne Walk, grande e bela, construída com tijolos vermelhos ao estilo Tudor, uma longa galeria na face sul que dava para o rio. Anna Maria saía-se bem. Não que isso parecesse satisfazê-la.

Depois de pagar aos liteiros, Frances fitou o enorme edifício.

– Diz-se – comentou um dos liteiros, um homem de idade que silvava ao respirar e que ela se espantava por conseguir manter uma atividade tão desgastante –, que tem cinquenta lareiras.

– Sim – confirmou o outro, novo e magro, um rosto que fazia lembrar o de uma doninha. – E os criados deles não podem aquecer os traseiros em nenhuma delas! Bom dia, jovem senhor.

Frances ficou parada, perguntando-se o que teria imaginado conseguir ao ir até ali. Deu a volta ao lado sul da casa e, ao fazê-lo, passou por uma taberna que tinha uma placa com uma pega e um touro. Ao menos ali poderia ouvir alguns boatos sobre a grande dama que vivia ao lado.

O taberneiro mirou-a com entusiasmo, considerando que tinha ali um bom cliente numa tarde de pouco movimento.

– Então, jovem galã, que irá desejar neste belo dia? Um copo de uma boa cerveja inglesa ou, a avaliar pelo seu aspeto, talvez um elegante vinho de Bordéus? Acabo de abrir a pipa e um quartilho só custa doze *pence*. É o que Sua Majestade bebe!

Apesar dos nervos que sentia, Frances tomou boa nota do que ouvira a fim de levar aquele comentário ao conhecimento do rei, já que ele decerto se riria, mas depois compreendeu que nunca poderia fazê-lo. Até ele consideraria aquela aventura demasiado ousada.

Optou pela cerveja e instalou-se num canto sossegado, de frente para a porta, de onde poderia ver quem entrava e observar os clientes da taberna.

Na mesa ao lado, encontrava-se um cavalheiro judeu de longos cabelos negros e uma barba encaracolada, que ela deduziu ser um velho vendedor de roupa, dado o facto curioso de ele ter um par de botas pendurado ao pescoço e não menos do que três chapéus empilhados na cabeça, o que fazia lembrar a torre de uma igreja projetada por Christopher Wren.

Depois dele, duas velhas, uma das quais com um ganso vivo num cesto que mantinha ao colo, partilhavam um copo de cerveja preta e debatiam, com a fluência feroz dos membros do Conselho Real, quais seriam os guardas mais barulhentos, se os gansos se as galinhas-d'angola.

Do outro lado, desenrolava-se uma discussão animada que pretendia apurar se a nova lei que proibia que se espancasse a mulher à noite era para prevenir violência doméstica ou porque uma atividade tão barulhenta não deixava os vizinhos dormir.

– Deus deu a todos os Ingleses o direito de baterem nas suas mulheres – insistia um tipo de mau aspeto com um casaco seboso. – O Velho Noll sabia isso. Até acho que é capaz de ser um dos Dez Mandamentos.

– O quê? – contestou o companheiro de mesa. – Baterás com o Pau da Vassoura na Tua Legítima Esposa se Ela te Provocar? Não me parece,

Bill.

Frances começava a desconfiar de que também não descobriria muito ali, quando reparou num homem com ar preocupado junto à barra, sempre a olhar de relance para a porta, como se esperasse a chegada de alguém. Estava menos mal vestido do que os outros fregueses, com um fato negro rendado. No regaço, segurava com cuidado um pequeno objeto embrulhado em tecido, como se fosse algo tão precioso como um varão recém-nascido.

Passados outros cinco minutos de olhares nervosos, começou a levantar-se.

– Tenha um bom dia, senhor boticário – resmoneou o taberneiro. – Tenho de ir vê-lo em breve para me dar mais daquele vitríolo branco para o meu problemazito.

O homem assentiu com a cabeça. Frances teria adorado saber qual o problema do taberneiro, mas, tendo esperado um instante antes de pagar a sua bebida, seguiu o boticário com muita discrição.

O homem andava sorrateiramente, olhando várias vezes para trás, afastando-se do rio por uma pequena rua chamada Cook's Grounds, que serpenteava entre altas paredes de casas Tudor até ir dar a uma cavalaria. Frances, mal acreditando na coragem que tivera para o seguir, encostou-se à parede de tijolos e concluiu que aqueles deveriam ser os estábulos da casa dos Shrewsbury.

O boticário esperou até que, parecendo ter por fim perdido a paciência, desapareceu no interior do edifício comprido e baixo, emergindo momentos depois, acompanhado por um rapaz de ar assustado, que teria doze ou treze anos. Passara a ser este a transportar o precioso objeto. Então, o rapaz correu, com o embrulho encostado ao peito, na direção da casa e do jardim. Com um último olhar furtivo, o boticário retomou o caminho de volta, enquanto Frances, de coração acelerado, se mantinha escondida e ponderava o que poderia aquilo significar.

Talvez Lady Shrewsbury tencionasse comparecer no duelo e tivesse comprado veneno para nele mergulhar a ponta da espada, como ela lera

ser costume em Itália. E, mesmo que tudo lhe parecesse demasiado similar às tragédias de John Webster, a dissimulação do homem e a entrega secreta não pressagiavam nada de bom.

Sabia que Mall desprezaria a ideia, chamando-lhe alarmista, e talvez tivesse razão. Mas havia a outra questão, relacionada com o escândalo que o duelo provocaria, e que seria diferente caso as consequências fossem fatais.

Algo que Mall havia dito sobre o gosto de Lady Shrewsbury por doces voltou à memória de Frances. E isso inspirou-a. A forma de pôr um fim àquele duelo, concluiu, não seria ao modo de uma tragédia, mas de uma farsa.

Olhou para cima, para as janelas das traseiras da casa dos Shrewsbury e conteve o alento, certa de que alguém a observava dali. Antes que essa pessoa pudesse dar o alerta e gritar, Frances correu tanto quanto era capaz, contente por estar de calças e não de saias, regressando à margem do rio onde, desta feita, apanhou um bote que a levou até às escadas de Whitehall. Dali poderia esgueirar-se pela entrada lateral, depois de passar pelo relvado e pelo jardim privado, com o seu famoso relógio de sol, junto ao qual o rei acertava o seu relógio todas as manhãs depois da partida diária de ténis.

Mas e se alguém a reconhecesse e lhe perguntasse o que andava a fazer? Manteve a cabeça baixa e caminhou muito depressa até, por fim, chegar ao seu quarto.

Menos de meia hora depois, de cabelo arranjado e vestida de acordo com a moda mais recente, Mistress Frances Stuart, beldade da corte, pôde emergir de novo.

Queria procurar Mall e contar-lhe o que descobrira; porém, antes disso, precisava de obter alguns conselhos da sua ama, que era tão versada em medicamentos e poções como qualquer boticário.

Quando o conseguiu, já estava na hora da ceia.

– Onde passou o dia? – sussurrou Jane La Garde. – A rainha perguntou por si e não consegui encontrá-la em parte alguma. Sua Majestade tornou-se muito exigente nos últimos tempos. Deseja um traje

novo quatro vezes por dia e nenhuma de nós pode ajudá-la a mudar de roupa. Quase bateu o pé por a senhora não estar presente para lhe calçar as luvas lilás e gritou com o pajem quando ele lhe apertou o sapato.

Entreolharam-se, ao darem-se conta do que aquilo poderia significar.

– Crê que é possível que esteja de esperanças?

– O rei seria o homem mais feliz da nação se ela estivesse.

– E a Lady a mulher mais irritada.

Sorriram.

– Esperemos que esteja.

Tinham apenas começado a cear quando Mall se juntou à mesa das damas de companhia, com um ar invulgarmente enervado.

– Deixe-me adivinhar – sussurrou Frances enquanto lhe passava uma travessa de enguias-prateadas. – O rei descobriu o duelo louco e exige vê-la.

– Pior! – Mall estremeceu ao olhar para as enguias e passou-as a outra dama. – A mãe do Tom vem fazer-me uma visita para me observar. E que dia escolheu ela? O do meu confronto com Lady Shrewsbury.

– Excelente – alegrou-se Frances. – Nesse caso, terá de cancelar. E sem beliscar a honra.

– É por causa da honra que não posso cancelar. – A voz de Mall subia de tom, com a raiva e o desprezo que sentia por Anna Maria. As damas e os cavalheiros em redor tinham começado a virar-se para escutar. – Lady Shrewsbury é do género de mulher que permite que homens morram por ela e depois se ri disso. Desejo que ela saiba o que se sente quando se enfrenta um oponente a sós, com uma espada na mão e temendo pela própria vida.

Frances baixou o tom de voz.

– E se a morte acabar por ser a sua? Ou se a ferir e o escândalo for tão grande que ambas fiquem arruinadas? O que pensarão o Tom e a mãe dele de si, então?

Mall riu-se.

– Frances, sempre sensata. Nunca poderia ser um *paladino*!

– É o meu sangue escocês – reconheceu Frances. – Estou fadada a ser

prática. – Levou a mão à manga da amiga. – A dama não vale esse risco.

– Agora é demasiado tarde. Só Deus poderá impedir-nos.

Contudo, o sensato sangue escocês não corria debalde nas veias de Frances. E ela não tencionava deixar a questão nas mãos imprevisíveis do Todo-Poderoso.

Todos os outros foram para os aposentos da rainha depois da ceia, jogar às cartas e ouvir uns músicos novos que tinham chegado de França. Mas Frances sentia-se demasiado cansada e, para além disso, tinha outras coisas em que pensar.

A caminho do seu quarto, passou por um casal que se abraçava numa alcova perto da galeria atapetada. Hesitou, pois não desejava perturbá-lo; o homem saiu da penumbra e, por um momento, foi iluminado pela tocha que ardia num nicho. Era jovem, elegante e risonho, com cabelo arruivado, e logo o seu coração se apertou, pois, embora se tratasse de um estranho, assemelhava-se àquele que ela tentara, com todas as suas forças, esquecer.

Em vão.

Quando entrou, o papagaio palrou uma saudação.

Ela fitou-o com desconfiança, pois por vezes parecia que o pássaro sabia tudo o que lhe passava pela mente.

– Nada digas, pássaro. Na verdade, talvez seja melhor arranjar-te outro lar, pois todos os dias a tua presença me lembra quem não posso ter.

Deu um passo em direção à gaiola. O pássaro observava-a com receio. E depois, como uma avestruz que ao esconder a cabeça na areia se julga invisível, enfiou a cabeça debaixo da asa e manteve-se calado.

De manhã cedo, depois da missa na capela da rainha, Frances viajou pelo rio até à loja de uma tal Viúva Wyatt, em St. Mary le Bow; tratava-se de uma velha conhecida da sua ama, em quem a venerável senhora depositava uma confiança bem maior do que em qualquer boticário.

A viúva, explicou-lhe a ama, tomara conta do negócio quando o marido morrera e geria-o com mais sabedoria e conhecimento do que qualquer profissional masculino do mesmo ramo, para desagrado da

Guilda de Boticários, que afirmava que, ainda que uma mulher pudesse compreender ervas e poções, nunca seria capaz de dominar as proporções numéricas exatas que a verdadeira vocação de um boticário exigia.

Frances reconheceria a botica, dissera-lhe a ama, pelo símbolo de um unicórnio que tinha no exterior.

Ela ia olhando para as tabuletas. Viu uma com um Cupido e uma tocha, indicando um vidraceiro; um *Jack-in-the-green*¹⁹ que pertencia a um destilador; e, ao lado, um berço, o símbolo de um cesteiro – mas nenhum unicórnio.

Por fim, encontrou-o, ao fundo da rua. A loja era pequena mas, ao contrário das que a rodeavam, meros balcões com alpendres abertos, a montra da viúva estava fechada. As paredes do fundo exibiam jarrões com nomes em latim e havia um cheiro forte mas não desagradável a aloé e ervas. Frascos com pós alinhavam-se sobre o balcão, etiquetados com termos como «Essência de Haste de Veado», «Corno de Unicórnio», «Pérolas» e «Marfim». A um canto, um aprendiz estava a moer tutia.

Quando Frances descreveu à Viúva Wyatt o que pretendia, a velhota riu-se.

– Destina-se a uma rival amorosa? – perguntou, rindo-se. – Se assim é, porá fim a quaisquer inclinações amorosas, não tenho dúvidas!

Apertaram as mãos. Ficou combinado que o aprendiz da viúva entregaria a encomenda à condessa naquela noite, na casa dos Shrewsbury.

Frances estava prestes a partir quando se lembrou de um último pormenor:

– Junte uma nota a dizer que é uma prenda de um admirador apaixonado. Isso instigará a vaidade da dama. – Sorriu à viúva. – Não que precise de muito estímulo.

Durante toda a sua vida, Frances acostumara-se a ver Mall como uma espécie de mãe, de irmã e de exemplo. Mall, a destemida; Mall, a autora de poesia libertina; Mall, a Borboleta levada à presença do rei Carlos I;

Mall, a grande dama da corte, tão importante que podia comportar-se como uma maria-rapaz sem sofrer consequências.

Todavia, nunca tinha visto Mall, a pusilânime.

Deparada com a perspectiva de conhecer a querida mãe de Tom Howard, foi naquela triste condição que Frances a encontrou.

– Ele fala dela como se fosse mais uma amiga do que uma mãe, uma amiga prezada – lastimava-se Mall. – Descreve-a como o modelo ideal, educada, perfeita senhora do seu castelo, que gere as terras, disciplina os criados e cuja conversa é afamada por todo o condado.

– Então – tranquilizou-a Frances –, não há mulheres sem defeitos deste lado do paraíso.

– E sabe o que é pior? – perguntou-lhe a amiga num tom desconsolado. – Chama-se Mall! Antes de se casar era Mall Eure, e nunca foi Mary. Vem comigo e acompanha-me neste calvário?

Frances concordou, desejando fazer tudo o que pudesse para ajudar a sua amiga e defensora, sentindo-se também curiosa por conhecer aquele brilhante modelo de mulher.

Mall vestiu-se cuidadosamente, envergando o seu terceiro melhor traje, pois queria dar a impressão de ser uma grande dama, ainda que modesta e casta.

Juntas, requisitaram os serviços de uma carruagem que as levasse a St. Martin's Field, onde os Howard tinham a sua casa londrina.

– O Tom não virá connosco?

– Já lá está desde manhã cedo – disse Mall, inspirando profundamente quando se apearam diante de uma bela casa rodeada de terrenos ajardinados.

Se as duas mulheres esperavam uma matrona simples e com um ar caseiro, estavam condenadas a uma surpresa. Lady Mary Howard estava vestida, dos sapatos ao xaile, de vermelho-sangue, envergando um traje surpreendentemente elegante. O seu cabelo escuro apresentava laivos de grisalho nas têmporas e fora puxado para trás e apanhado num estilo mais severo do que o habitual entre as damas da corte. Era quase tão alta quanto Frances, tinha uns belos olhos azuis e uma fronte que denotava

inteligência. A única coisa que a distinguia das senhoras de Londres era a pureza da pele, que não fora tocada, quer por fuligem quer por varíola, e também não era ornamentada com moscas ou sinais.

O filho encontrava-se a seu lado com uma expressão hesitante no rosto bonito, como se receasse que uma erupção vulcânica pudesse ser o resultado daquela reunião.

De repente, ele deu-se conta de que existia uma questão delicada de precedência. O rei permitira a Mall Villiers que mantivesse o título após a morte do marido, pelo que ela ainda era duquesa de Richmond e, por conseguinte, detinha um estatuto mais elevado do que uma mera esposa de um baronete.

Ignorando tais pormenores, Mall apressou-se a fazer uma vénia.

– O seu filho tem-me falado muito bem de Vossa Senhoria.

– Ai, sim? – ripostou a mãe de Tom, num tom sadio. – E eu sempre simpatizei com a sua pobre mãe. Já seria suficientemente mau perder o marido para outra mulher. Mas que ele fosse o favorito do rei!

– Mãe... – interrompeu Tom. – Tenha presente que o duque de Buckingham foi assassinado.

– Sim, e muita alegria trouxe isso ao Norte de Inglaterra. Lamento, não deveria falar assim do seu pai. Tudo se passou há tanto tempo. E, com o rei que agora temos, a situação não é muito melhor, embora este, ao menos, se restrinja a mulheres. – Virou-se para Tom. – Diz-me, quantas mulheres tem o rei?

Antes que ele pudesse responder ou distrair aquela senhora, que não parecia ter reservas, de um discurso tão infeliz, ela prosseguiu, imperturbável:

– Se fosse um garanhão dos meus estábulos, mandava-o castrar, mas suponho que todos ficássemos a perder com isso, já que precisamos dos herdeiros dele. Não que ele pareça muito capaz nessa área. Só tem bastardos, segundo me consta.

Até Mall estava atônita perante aquele palavreado.

O mesmo não se passava com Frances, a quem Lady Howard parecia absolutamente encantadora.

– Ah, minha senhora, mas não falaria de castração se conhecesse o rei. Tem um encanto que é único.

Lady Howard inclinou a cabeça, fazendo com que Frances se lembrasse de imediato do seu indiscreto papagaio.

– E quem é a senhora?

– Já lhe disse, mãe, é Mistress Frances Stuart – interveio Tom, com um ar agitado.

Mall Howard fitou-a com um interesse súbito.

– A famosa Mistress Stuart? A única mulher do reino que resiste aos avanços do rei? A dama com quem ele poderia ter casado se a rainha tivesse perecido? Conte-me, estou fascinada, como mantém a honra há tanto tempo?

– Mãe, por favor – censurou Tom.

Contudo, Frances riu-se.

– Eu gosto do rei e ele também gosta de mim. E sabe que, ao contrário de outros, nada quero dele, pelo que não consegue subornar-me. – Sorriu à mulher mais velha. – É isso e um pouco de astúcia e subterfúgios!

– Quem me dera que outras damas tivessem as suas habilidades, minha querida. Acredite em mim, não que eu seja puritana, mas a licenciosidade da corte não tardará a fazer com que esta seja julgada. Não que isso me importe. Estarei a salvo em Naworth, graças a Deus. Mas preocupo-me aqui com o Tom. Sempre foi o meu preferido, ao contrário do seu pomposo irmão, o conde. – Por fim, voltou-se para Mall. – E agora ouço que se apaixonou por si e, se se casarem, darão azo a grande escândalo.

De repente, Mall parecia muito vulnerável.

– Amo-o mais do que à minha própria alma, minha senhora.

– Amor! Ora! Não podiam limitar-se a ir para a cama, como todos os outros fazem aqui? Mas suponho que já o tenham feito... Ele é um homem adulto, capaz de cometer os seus próprios erros e, ainda por cima, é o filho mais novo. Que tenho eu a ver com isso?

Tom pegou-lhe na mão. O laço que os unia era impressionante.

– Quero que aceite a minha escolha, para não ter de ocultar os meus

sentimentos da mãe que adoro.

– Eu posso aceitar a tua escolha, com certeza. No entanto, meu querido Tom, isso não quer dizer que a aprove.

Ele assentiu com a cabeça, com uma expressão triste.

– Então a aceitação terá de bastar.

Enquanto deixavam a casa dos Howard e atravessavam St. Martin's Fields, Mall sussurrou:

– Agora tenho de esperar que a questão de amanhã não a leve mesmo a deixar de me aceitar.

– Então cancele!

– Frances, não posso.

Frances suspirou e esperou que o seu outro plano surtisse efeito.

O dia seguinte amanheceu húmido e frio, apesar de ainda ser verão. Tradicionalmente, os duelos tinham lugar aos primeiros raios da manhã, para evitar as autoridades, e Frances acedera a ir despertar Mall aos seus aposentos, o que fez com o coração pesado.

Encontrou-a já acordada e vestida, sentada à beira da cama da filha.

– Vai, mamã – pedia Mary, semiadormecida. – Porque estás vestida como um cavalheiro?

– É um capricho da rainha. Gosta de se passear pelo meio da população sem ser reconhecida.

Mary pareceu aceitar aquele estranho comportamento sem mais perguntas.

– Adeus, minha Mary. Não te esqueças de que te adoro.

Mary olhou para ela com um ar curioso.

– Que conversa esquisita. Até parece que vais de viagem.

O comentário tinha uma sonoridade tão profética que Frances nem quis olhar para Mall.

Enquanto entravam num bote que as levaria até Barn Elms, ambas se mantiveram caladas. Havia poucas embarcações a subir o rio e elas não tardaram a chegar ao destino, sentindo-se tensas e sérias. Caminharam rapidamente até ao terreno de duelos, mas ninguém as esperava lá.

– Quando a madrinha dela chegar – instruiu Mall –, acordaremos em bater-nos até uma de nós sangrar. Não será necessário ir mais longe. Isso bastará para lhe dar uma lição.

E, contudo, ninguém aparecia.

Passados quinze minutos, Mall começou a assobiar.

– Não me parece que venham.

– Louvado seja Deus.

No preciso instante em que iam partir, ouviram os sons de um barco que se aproximava. O coração de Frances abateu-se como uma pedra. Porém, não se tratava de Lady Shrewsbury, mas de um pajem que envergava o traje de libré azul-escuro da casa dela.

O rapaz fez uma vénia.

– A condessa de Shrewsbury lamenta, mas não poderá cumprir o seu compromisso hoje. Receio bem que esteja indisposta.

Frances mordeu o lábio.

– Que indisposição tem a condessa?

O rapaz mostrava-se inexpressivo.

– Não lhe sei dizer, senhora. Não passo de um pajem.

Frances agarrou numa pequena bolsa com moedas e fê-la tilintar de forma tentadora. Abanou-a até que duas moedas caíram e, em seguida, mostrou-lhas.

– Tem mesmo a certeza de que nada sabe sobre a indisposição da condessa?

O rapaz sorriu e aceitou-as.

– Muito pouco, senhora. Só que aconteceu depois de ter comido uma caixa de bombons de maçapão. A condessa passou a noite sentada na cadeira da retrete. – Piscou-lhes o olho com atrevimento. – A cozinheira é da opinião de que alguma esposa ciumenta terá regado os doces com jalapa.

Mall olhou por um instante para Frances, antes de atirar a cabeça para trás, perdida de riso, com toda a ansiedade a dissipar-se como o orvalho das árvores.

– Bem, Mistress Stuart, presumo que haja mais do que uma maneira

de aprender uma lição, como a condessa de Shrewsbury estará a descobrir neste momento. E isto nada teve a ver consigo, imagino.

– Que sei eu de raízes e ervas que façam um corpo evacuar com tanta violência que não possa abandonar a retrete durante toda a noite?

– O quê, realmente?

– Mall, por amor ao seu Tom, parece-me que deveríamos guardar segredo acerca disto. – Frances mostrava-se muitíssimo séria, querendo proteger a amiga dos seus impulsos perigosos. – A verdade é que tivemos uma sorte dos demónios hoje. Se ela tivesse vindo e vocês se tivessem batido, mesmo só até uma sangrar, o escândalo poderia ter acabado com qualquer hipótese de a vossa união se concretizar. E, Mall, siga o meu conselho: se encontrou um homem que ama e existe nem que seja uma possibilidade mínima de ficar com ele, não a desperdice!

– Pois, tem razão. Não tenho agido com sensatez. – Mall correspondia à seriedade de Frances. – Então ainda suspira pelo duque, um homem casado... com uma megera que lhe inferniza a vida, segundo ouço dizer? Como é estranho o destino... Ser a mulher que o rei deseja, quando tudo o que quer é um homem a quem a esposa nem dá valor. A Natureza tem estranhos desígnios, não há dúvida!

– Porque não conseguirei aceitar que ele é casado e passe a olhar para outros homens?

Mall envolveu-a com um braço, o que criou uma estranha visão: dois jovens a consolarem-se.

– Ele não a tem ajudado a fazê-lo. Para além disso, o amor não liberta uma mulher facilmente. Por que outro motivo estou eu aqui, num terreiro de duelos, vestida de homem, com uma espada na mão?

Frances riu-se.

– Conhecendo-a, quem sabe? Sempre foi um pouco louca!

– Regressamos a Whitehall?

A neblina começava a desaparecer na clareira onde se encontravam, revelando um dia luminoso, que prometia ser quente. Os pássaros cantavam alegremente. Ambas sentiam quase relutância em regressar ao fedor asfíxiante de Londres, com o seu ar sujo e carregado de fuligem,

as ruas imundas cheias de pobres esfarrapados. Contudo, Londres era o centro do mundo delas e o rei e a corte o seu pináculo mais elevado.

– Vamos – instou Mall com um grande sorriso. – Se formos agora, chegaremos a Whitehall antes de a corte ter sequer despertado. O rei estará a jogar ténis, com os ministros à espera dele ao lado da quadra, tentando interessá-lo nos afazeres do dia, enquanto ele dará mais atenção aos seus *spaniels*! Ninguém saberá que aqui estivemos.

Porém, quanto a isso enganavam-se.

Em Londres, a história do duelo gorado já era sussurrado por trás de leques elaboradamente pintados e havia cavalheiros com longas perucas encaracoladas a rirem-se do assunto.

Lady Shrewsbury, ao que parecia, não era mais gentil para com os seus criados do que para com os amantes que descartava, pelo que foi com muito gosto que aqueles espalharam o rumor da verdadeira causa da sua indisposição.

Mall, entretanto, refletira e concluíra que, para atingir os seus fins, teria de deixar de ser a louca Borboleta, que saltava de uma situação imprópria para um duelo escandaloso e que, ao invés, deveria ser virtuosa e modesta – uma tarefa árdua para qualquer membro do excêntrico clã Villiers.

Com esse objetivo, antes do jantar, mudou de roupa e optou pelo vestido mais discreto que tinha, de tafetá amarelo-claro, cujo forro de algodão reforçado mais do que lhe protegia a modéstia. Mirou-se ao espelho, satisfeita.

– Valha-me Deus, podia ser uma freira! – murmurou e logo foi em busca de Tom e da mãe deste, que jantavam com a corte na grande sala de jantar.

Ficou à entrada da sala, entre os criados atarefados que levavam pratos e jarros, tentando divisar Tom naquele espaço apinhado. Havia cortesãos a ocupar três grandes mesas voltadas para o palanque onde o rei e a rainha se sentavam, acompanhados pelos nobres de mais alta linhagem. Mais acima, na galeria, súbditos de Sua Majestade juntavam-se apenas para observar o casal real a jantar.

Por fim, descobriu-o. A precedência ditava que ela deveria sentar-se à mesa das damas de companhia, mas ela desejava trocar pelo menos uma palavra e uma saudação com Tom.

E, então, aconteceu uma coisa curiosa. Um sussurro percorreu a sala como se fosse o zumbido de um grande enxame de abelhas subitamente libertado da colmeia. Depois alguém na mesa mais distante começou a aplaudir, e Mall, estupefacta, percebeu que o aplauso lhe era dirigido, pelo que não teve alternativa senão reconhecê-lo com um aceno de cabeça, como se de uma rainha se tratasse.

Não obstante, aproximou-se de Tom e da mãe deste sentindo-se muito nervosa, pois sabia que poderia ser recebida com uma manifestação fria de reprovação.

– Então – perguntou Lady Howard num tom severo –, que história indigna é esta que ouvimos acerca de damas a desafiarem-se num duelo? E para defender a honra do Tom! Não será ele capaz de a defender por si mesmo, será necessário que uma mulher o faça por ele?

– Minha senhora – começou Mall, pronta a desfazer-se em desculpas.

– Silêncio! – ordenou a formidável matrona, levantando-se. – Nunca gostei dessa Talbot, nem da mãe dela. E sabe o que eu disse ao Tom? «Quem mais é que conheces capaz de uma ação tão estouvada como esta?» E que respondeste tu, Tom?

– Que só me ocorria uma dama capaz de se comportar de forma tão escandalosamente imprópria. – Tom Howard, com os olhos límpidos e azuis como o céu no verão, começou a sorrir. – E que essa dama era a senhora, minha mãe.

Agora que fora aceite pela franca Lady Howard, Mall dedicou-se a conquistar ainda mais a mãe do seu amado, levando-a a passear a Hyde Park, às compras nas arcadas novas, a adquirir perfumes nos melhores boticários e a ir ao Teatro. A pedido de Frances, levaram Walter a acompanhá-las. Decidiram ir ver *A Rainha Índia*, uma tragédia em verso heroico, em cena no teatro de Mister Killigrew, em Vere Street.

O gosto de Mall tendia mais para as comédias de Mister Etherege do

que para a tragédia mas, ainda assim, ficou fascinada com os magníficos artifícios cênicos, as batalhas e os sacrifícios encenados e com o canto de espíritos que a peça oferecia. Beck Marshall, esplêndida na sua interpretação da rainha Zempoalla, envergava um vestido índio feito de penas autênticas. Compraram pequenas laranjas doces às raparigas que as vendiam e Mall chamou a atenção para as personalidades de má reputação, desde Nell Gwyn, conhecida como «Menina das Laranjas»²⁰, até Lady Castlemaine. Barbara encontrava-se num camarote à direita do deles, muito pouco vestida, refrescando-se com um leque feito de pele de galinha pintada e penas azuis-claras.

Para horror de Frances, começou a lançar olhares provocadores a Walter.

– Será que não tem vergonha? – insurgiu-se. – O meu irmão mal fez dezasseis anos! Ela deve ser dez anos mais velha do que ele!

Assim que o disse, lembrou-se de que a diferença de idades entre Mall e Tom era bem maior. Mas Mall não ficou ofendida.

– Dizem que levou o duque de Monmouth para a cama, o filho ilegítimo do rei, quando ele tinha apenas quinze anos – sussurrou Mall muito baixinho para que Walter não ouvisse.

Frances mordeu o lábio, dividida entre o choque que lhe dava vontade de rir e o desejo de proteger o irmão. Felizmente, parecia que Walter nada ouvira.

Três filas abaixo deles, o desbragado Lorde Rochester recostava-se no seu camarote.

– Ele deseja a amiga de Frances, Lizzy Mallett – confidenciou Mall a Lady Howard, que muito apreciava os mexericos da corte.

– E ainda mais a fortuna dela – comentou Frances com azedume, pensando na ironia da importância do dinheiro. – Coitada da Lizzy! É lindíssima, mas é sempre lembrada pela fortuna que detém.

Aperceberam-se de que Lorde Rochester lhes acenava ou, em particular, a Walter, que virara o rosto para o outro lado como se a sua vida dependesse disso.

– Walter – perguntou Frances, intrigada –, porque estará aquele

homem desprezível a tentar chamar a tua atenção?

Walter ficou profundamente aliviado quando Mister Dryden, o célebre dramaturgo, com uma peruca muito cómica, e duas pontas salientes que pareciam cornos do diabo, parou para trocar algumas palavras com eles.

– E quem é este jovem elegante? – quis saber, referindo-se a Walter. – Tão bem apessoado que deve fazer os corações das senhoras bater mais depressa. – Virou-se para Mall e Frances. – Isto é, se elas tivessem corações. Alguma vez pensou em representar no palco, meu jovem? Dava-nos jeito heróis bonitos como o senhor. O meu ator principal tem quarenta e dois anos e ainda representa papéis de rapazes de dezasseis.

– Estudo Direito – gaguejou Walter, a quem o olhar ocioso e penetrante de Lorde Rochester, ainda a observá-lo, deixava nervoso. – Mas, mais do que tudo, desejo ir para o m-mar.

– Para o mar, hã? O que achou das batalhas navais que encenámos?

– M-magníficas!

Depois de o terem elogiado pela sua co-autoria da peça, Mister Dryden acenou com a cabeça como um peru vaidoso.

– Sim, mas sou melhor nas tragédias. A comédia não é o meu forte. Falta-me o humor leve que têm aqueles que as fazem bem.

– É uma pena que escreva tantas comédias, então – sussurrou Mall assim que ele voltou costas.

Porém, aquilo que mais encantou a mãe de Tom foi quando o rei, sentado no camarote real, ao divisar Frances, se levantou e as cumprimentou com uma vénia.

– Ser alvo da vénia de um monarca... – alvoroçou-se Lady Mary, perdendo todo o intratável bom-senso do Norte na presença da realeza.

– Na verdade, ele deitar-se-ia aos pés de Frances se tivesse essa oportunidade – replicou Mall, esquecendo-se da companhia em que se encontrava. – Se ao menos Lady Castlemaine pudesse ser tão habilidosa quanto a nossa Mistress Stuart... não precisaria dos seus truques de bordel... que, afinal, são tão cansativos. A solução para conquistar o amor eterno do rei era simplesmente dizer «não». Provou-se mais eficaz

do que todos os elixires amorosos que os charlatães pudessem destilar.

Frances riu-se e abanou a cabeça, mas logo se imobilizou, gelada, como um cervo ao ouvir o som súbito da corneta de um caçador.

A menos de cinco metros dela, encontrava-se o único cavaleiro presente que não emulava o hábito do rei de usar peruca, o cabelo arruivado a dar-lhe pelos ombros e o olhar intensamente fixo nela, o duque de Richmond. E, ao lado dele, estavam a jovem feia e a mulher desagradável de voz esganiçada que ela vira um dia a discutir com o portageiro bem perto de Cobham Hall.

¹⁸ Do poema «A Ramble in St. James Park», de John Wilmot, conde de Rochester. (*N. da T.*)

¹⁹ Participante das paradas tradicionais inglesas, que se veste de árvore, coberto de folhas. (*N. da T.*)

²⁰ Uma das muitas amantes de Carlos II, Eleanor Gwyn começou por vender laranjas no teatro antes de se tornar atriz, o que lhe valeu a alcunha de «Orange Moll». (*N. da T.*)

Capítulo 15



Frances ainda se lembrava bem daquelas feições repulsivas, do longo e altivo nariz romano, do cabelo ralo cor de rato, da pele pálida que parecia mais soro de leite do que marfim. Acima de tudo, recordava o esgar de superioridade presumida. Margaret Lewis, cujo nome de solteira era Banaster, e que entretanto se tornara duquesa de Richmond, parecia muito mais velha do que certamente seria, a menos, claro, que houvesse ocultado a sua idade que tinha ao futuro marido.

Frances olhou de relance para a seda cor de bronze do vestido dela, com um decote profundo que revelava quase tanto como os de Lady Castlemaine. Porém, se a pele de Barbara brilhava e convidava, a de Margaret era pálida e ressequida como a encadernação a couro de um livro numa biblioteca empoeirada. A nova duquesa de Richmond tinha o dom de possuir um estilo que revelava e repugnava em partes iguais.

Com relutância, o duque aproximou-se com a família.

– Tenho andado a pensar – declarou Margaret ao grupo de pessoas reunido – se deverei encomendar um retrato e quais serão os pintores mais requisitados do momento. Ouvi falar de Mister Lely, mas há quem se refira a um certo mestre Wright. Afinal, se é necessário despender uma maquia tão extravagante como a que ouvi dizer que eles pedem, será bom conhecer o talento que têm.

– Isso depende – respondeu Mall num tom cuidadoso – do efeito que Vossa Senhoria deseje obter. O mestre Wright tende para o real e o

natural. Já o mestre Lely retrata beldades da corte e veste-as de pastoras, em trajes que parecem poder cair a qualquer altura.

– Oh – exclamou Margaret, sem se dar conta de que estava a ser provocada. – Então escolherei Mister Lely! Talvez não como pastora, mas na pose de uma deusa.

– Estou certa de que Mister Lely ficará felicíssimo com tamanha honra.

– Outra coisa – continuou Margaret, impassível. – É uma questão a que tenho dedicado alguma reflexão. Porque usa também o título de duquesa de Richmond, sem acrescentar «viúva»? E, entre ambas, presumo que a precedência seja minha, já que o meu marido é o duque atual.

Todo o camarote ficou em silêncio. Parecia que até nas plateias os fidalgos e as vendedoras de laranjas, os aprendizes e as senhoras de reputação dúbia se imobilizavam, à espera da resposta de Mall.

– Mamã – tentou Mary intervir –, eu não acho...

– Silêncio, menina – calou-a a mãe. – Que sabes tu destas coisas?

Mall Villiers, filha do grande duque de Buckingham, viúva em primeiro lugar de Charles Herbert, herdeiro do conde de Pembroke, e depois de James Stuart, duque de Richmond e herói da causa monárquica, que se oferecera para ocupar o lugar do rei no cadafalso, virou-se para enfrentar a nova duquesa.

– Continuo a ser duquesa de Richmond porque o próprio rei desejou que assim fosse – respondeu calmamente. – Na verdade, madame, o seu marido só tem esse título porque o meu filho Esme, o rapaz mais encantador que alguma vez existiu, morreu de varíola na tenra idade de onze anos. E julgo que descobrirá que a precedência é minha, não obstante a herança afortunada do seu esposo. – Um ar de irritação intensa instalou-se no rosto da nova duquesa. – Ainda que, quanto a mim, o assunto me pareça ter pouco interesse.

Frances teve de suprimir um sorriso, pois sabia que Mall se importava bastante com a precedência quando isso lhe convinha.

– É a pessoa que ganha o respeito dos outros, não é a posição ou o

título o que interessa. Não concorda, Vossa Senhoria?

Margaret não respondeu. Em vez disso, dizendo ter visto uma conhecida, afastou-se com um porte muito altivo, levando com ela a filha feia e tímida.

Um silêncio incómodo instalou-se entre os que ali ficaram, após o que a impiedosa Mall começou a rir.

– Lamento, meu senhor – disse ao duque, pálido de vergonha. – Espero não ter ofendido a sua esposa.

O duque suspirou e abanou a cabeça.

– Não me pareceu estar ofendida quando me despedi dela.

– As mulheres nunca o demonstram. E, sem dúvida, como acontece com todos os cavalheiros, o dote tê-lo-á cegado quanto aos defeitos que ela possa ter. Como é o ditado? «Quem casa muito prontamente, arrepende-se muito longamente.» Mas atenção, ela de facto parece já ir numa idade avançada. – Mall piscou o olho. – Talvez não dure muito.

– É resistente como uma mula – replicou o duque, com um sorriso autodepreciativo. – Não me permite nem aos criados que acendamos as lareiras, nem no mais severo dos invernos.

– Então imponha-se! – insurgiu-se Frances, de súbito impaciente com ele por atribuir tudo aquilo ao Destino. – E, já que estamos a trocar provérbios, sei de um que a minha ama diria: «Fez a sua cama, agora tem de se deitar nela.»

– Tem razão. Imporei a minha vontade. Já lhe recusei o desejo de nos instalarmos em Londres. – Olhou para Frances, mas esta mantinha o rosto voltado para a frente. – Para começar, ela levar-me-ia à ruína. – Charles sorriu, com uma expressão de diversão genuína a iluminar-lhe os olhos cinzentos. – Poderão ficar surpreendidos, mas é necessária uma maquia considerável para a minha esposa se vestir assim. E eu não suportaria assistir ao que a corte diria dela. Mas condoo-me da filha dela. É amável e, sob o exterior feio, tem uma mente arguta e boas intenções.

Frances não sabia o que a levava a falar, mas deu por si a fazer uma oferta que fez com que Mall lhe lançasse um olhar ríspido.

– Ela poderia passar algum tempo connosco. Uma posição de dama de companhia seria esperar demasiado, já que é o que metade do nosso povo deseja, mas há sempre trabalho para mãos solícitas.

Charles fitou-a como se ela fosse um anjo de bondade.

– Poderia, mesmo? Creio que floresceria num ambiente diferente. Longe da mãe.

– Estou certa de que sim.

– Vou tratar de tudo, então.

Segurou-lhe a mão e encostou-a por um instante aos lábios. Frances sentiu um fogo a percorrê-la como se um fósforo tivesse ateado um rasto de pólvora.

Depois de ele partir, deparou-se com o olhar cínico de Mall fixo nela.

– Não olhe para mim assim. Faço-o porque compreendo o desejo que a rapariga tem de escapar. Em tempos fui uma criança feia, demasiado grande e negligenciada.

– Nada tem a ver com o duque, então? Mas estará recordada das condições de que dispomos, calculo. É-nos dada comida em Whitehall devido aos cargos que ocupamos.

– Que importa isso? Cada uma das damas de companhia tem direito a sete pratos por refeição, a Mary poderá partilhar a minha porção. – Sorriu. – E poderá comer as suas enguias, já que a Mall as odeia.

– E onde dormirá?

– Haverá sempre uma enxerga de pajem ou de criada. Ela não se importará. Tudo o que quer é fugir de Cobham.

– Frances. – Mall pousou delicadamente uma mão no braço da amiga. – Pergunte ao seu coração porque está a fazer isto. Será realmente por se comover pela situação dela... ainda que Deus saiba que qualquer pessoa se apiedaria de uma filha daquela virago? Ou é a ligação que ela tem com Cobham que a leva a fazer tal oferta?

Abriu os braços e Frances aceitou o seu abraço.

– Conhece-me demasiado bem.

– Sim, e preocupo-me consigo.

Apesar das reservas de Mall, Mary Lewis, feia e mal-amada, foi viver para o palácio de Whitehall, para enorme e permanente desagrado da mãe, e ficou profundamente agradecida pelas trinta milhas que passavam a separá-las.

Acabou por ser uma jovem estimada, conquistando as aias invejosas que primeiro a viam como uma intrusa, sempre disposta a fazer recados e a transportar coisas, a ver quem poderia precisar de um xaile, de umas luvas, sempre a sorrir, nunca dando problemas.

O verão magnífico transformou-se por fim num outono longo e dourado. Fora um ano excepcionalmente encantador, com dias compridos à beira-rio, bailes de máscaras nos jardins, festas com danças e jogos de cartas, cavalgadas com falcões e comédias que entretinham. Contudo, também havia gemidos e queixumes entre as gentes simples, os liteiros e os barqueiros, os alfaiates e os fabricantes de velas, que diziam que as coisas não haviam mudado tanto quanto esperavam sob o governo do novo rei. E as vozes distantes de uma guerra com os Holandeses iam crescendo, tanto que até as damas da corte começaram a ouvi-las.

Para agitar ainda mais o povo, alguns presságios estranhos tinham surgido na cidade de Londres. Enquanto o frio invernal se instalava e o Natal ia ficando mais próximo, foi vista no céu uma estrela bizarra e cintilante, a que se dava o nome de cometa, arrastando uma cauda de luz e provocando tanto pasmo como medo.

– Recordam a estrela que se elevou ao meio-dia, quase a rivalizar com o sol, no dia em que o rei nasceu? – perguntou Lady Suffolk, numa tentativa de acalmar os nervos em franja das damas de companhia e de persuadi-las de que nada de estranho havia naquele fenómeno celeste. – Todos julgámos que decerto anunciava um rei que traria prosperidade, paz e estabilidade, não foi?

Contudo, aquela nova estrela manteve-se no céu ao longo de vários dias – era maior do que qualquer outra, de uma tonalidade avermelhada, com uma cauda a segui-la, que as pessoas comparavam com uma vassoura de giesta.

– Até os reis se têm sentado no telhado, maravilhados – admitiu Jane

La Garde.

– Mas o povo não está maravilhado. – Mall abanou a cabeça, uma ruga de preocupação a vincar-lhe o sobrolho. – O Tom diz que se fala da estrela com receio, que se diz que os cometas pressagiam o Apocalipse. – Todas as aias da rainha estavam a escutá-la. – E há um homem, um tal Solomon Eagle, pastor *quaker*, que começou a correr de noite pelas ruas, nu como Cristo na cruz e a usar apenas um pano que lhe cobre as partes, com um prato de carvões em brasa na cabeça, avisando todos de que um terrível flagelo em breve se abaterá para nos punir pelos nossos pecados... e que será pior aqui na corte, devido à nossa vida licenciosa!

Até Cary Frazier, a mais corajosa das aias, estava pálida perante aquela visão de pesadelo.

– O Tom diz que nas tabernas e nas tascas as pessoas só falam disso. E que há pior. – As damas rodeavam-na, silenciosas como um túmulo. – Ainda que não seja a época disso, diz-se que dois franceses morreram de peste em Drury Lane e que agora ninguém se atreve a ir lá.

– Mas esta altura do ano não é propensa à peste – objetou Jane. – A peste é uma maleita do verão.

– Sim – secundou Lady Suffolk –, dizem que um Natal verde engorda a igreja, mas teremos um Natal branco, e não tardará a ficar frio como uma sepultura.

Todas se calaram, pensando no que poderia aquilo significar.

Contudo, a estranha incerteza daqueles tempos, em que as pessoas começaram a encarar os vizinhos com desconfiança e a benzer-se, a rezar a Deus por clemência ainda que não o fizessem há muitos anos, teve pelo menos um resultado feliz.

Quando Mall anunciou que ela e Tom iam casar, o facto não provocou o escândalo que ela esperava; na verdade, mal houve agitação no lago gelado da sociedade da corte.

– Será tão discreto quanto possível – disse Mall a Frances, com dificuldade em conter a alegria. – Casaremos na igreja de St. James em Duke's Place. E a Frances e a sua pequena protegida serão damas de honor.

– E a sua filha Mary?

– A Mary opõe-se à nossa união – admitiu Mall com tristeza.

– E o resto dos vossos familiares?

Ambas sabiam que se referia à mãe de Tom.

– Considerámos que seria melhor não os convidar. Será mais simples que aceitem o facto depois de consumado.

– Estou tão feliz por si! – exclamou Frances. – Mas porque não se casam na capela da rainha?

– Na igreja de St. James não precisamos que os banhos sejam anunciados e que toda a gente fique a saber da nossa união... sobretudo o meu irmão, que iria direito ao rei, queixando-se de que o grande nome dos Villiers está a ser arrastado pela lama em virtude deste enlace desventurado.

Tomou a mão de Frances nas suas.

– O Tom diz que quando deixar a vida de soldado se tornará vigário em St. James. Celebram dois mil casamentos por ano, numa paróquia que só tem cento e sessenta lares. Imagine o lucro! Ainda que a maioria seja por a noiva ser menor de idade e não ter permissão dos pais.

Frances absteve-se de comentar que eles não teriam esse problema.

O dia amanheceu cinzento e encoberto. O solstício de inverno aproximava-se e parecia que o sol não queria levantar-se, nem sequer para celebrar as núpcias de Mall e Tom.

O pequeno grupo, dizendo piadas para levantar o ânimo, dirigiu-se para Aldgate em duas carruagens. A igreja era um grande edifício de tijolo, sem nada que indicasse atividades ilegais, com três enormes janelas e uma bela torre com um catavento.

Uma jovem que se encontrava a tirar água de um poço ali perto desejou-lhes boa sorte, o que animou Mall, que sentia precisar de ser animada.

Já dentro da igreja, o casamento não começou bem.

O pastor julgou que Mary Lewis seria a noiva e mostrou-se algo chocado quando foi Mall quem subiu para o altar.

E, no momento em que os votos iam ser proferidos, houve uma grande comoção ao fundo da igreja. Todos se viraram e viram Lady Mary Howard, num fato de montar vermelho enlameado, exigindo ao sacristão que a deixasse entrar.

– Ela poderá impedir-nos agora? – perguntou a corajosa Mall, cuja valentia a abandonava.

Tom apertou-lhe a mão com força.

– Eu não deixaria que o fizesse!

– Veio opor-se a este enlace, madame? – perguntou o vigário num tom esperançoso. Obviamente, na sua opinião, aquilo ia contra as leis de Deus e da Natureza.

Lady Mary Howard lançou o seu corpo bastante volumoso em direção ao altar.

– Opor-me? – repetiu ela. – Acabei de cavalgar quase trezentas milhas para lhes dar a minha bênção!

Frances, Mary e os padrinhos do noivo aclamaram e foi um grupo feliz o que emergiu da igreja, deparando-se com uma grande multidão de pobres esfarrapados que esperavam os noivos, chamados pela jovem do poço.

– Cuidado, minha senhora – aconselhou o vigário. – Têm o costume de seguir o casal até casa e fazer grande algazarra à porta do quarto enquanto os noivos se deitam, até lhes pagarem para se irem embora. – Fez uma pausa, observando uma vez mais o casal improvável e voltando a sentir desconfiança quanto à estranheza daquela união. – Irão deitar-se, presumo. É necessário, sabem, para que o casamento seja consumado.

– Não se preocupe com essa questão, reverendo – ripostou Lady Mary Howard, tão alto que metade de Londres poderia ouvi-la. – Pois estou em crer que a consumação já está tratada.

Tom atirou uma mão-cheia de moedas à multidão e o cortejo nupcial partiu logo que pôde, evitando assim quaisquer altercações pouco nobres do lado de fora do quarto do casal.

Depois dirigiram-se para a estalagem Three Nuns em Aldgate Street, afamada pela qualidade rara do ponche que servia, onde noiva e noivo

foram alvos de brindes que lhes desejavam uma vida longa e cheia de amor juntos.

À medida que a carruagem levava Frances e Mary de volta a Whitehall, nessa noite, tentou não imaginar o quarto no piso superior daquela estalagem onde Mall e Tom passariam a noite de núpcias. E, apesar de tentar não pensar nisso, a imagem de Tom, jovem, forte e bonito, aproximando-se da sua esposa e desapertando-lhe o vestido, primeiro com delicadeza e depois com uma paixão mais desenfreada, beijando-lhe os ombros e passando a mão por dentro da seda do camiseiro dela, fez com que a sua pulsação acelerasse.

Foi chamada de volta à terra por Mary, que lhe deu uma pequena cotovelada para lhe dizer que o cocheiro tinha dito qualquer coisa.

– Não passarei perto de Drury Lane, senhora, por causa da enfermidade que grassa por lá.

Frances assentiu com a cabeça, recordando-se do que ouvira.

Assim, enquanto seguiam pela paróquia de St. Giles in the Fields, Frances viu que duas casas estavam a ser entaipadas e trancadas, enquanto um bailio pregava um papel e pintava uma grande cruz vermelha na porta e as palavras aterradoras «Senhor, Tem Piedade de Nós».

Quando a carruagem passou, ouviram os rogos gritados pelos moradores da casa, abafados e desesperados, como se estivessem num navio que se afundasse nas profundezas do mar.

Era quase um alívio ver que a corte se dedicava às habituais ocupações fúteis. Quando se juntaram às outras para cear, Cary Frazier e Catherine Boynton discutiam quem deveria acompanhar a rainha nos seus aposentos durante as preces noturnas.

– Nenhuma delas quer ir – sussurrou Mary Lewis, que compreendera o funcionamento de Whitehall mais depressa do que um cão de caça aprende a ir buscar uma perdiz. – Mistress Frazer porque detesta o tempo que a rainha demora a contar as contas do seu rosário; Mistress Boynton porque espera ver o amante.

Era espantoso que Mary percebesse tanto. Quando Frances lhe

perguntou como sabia tanto acerca da corte, a rapariga sorriu e respondeu:

– Como sou pequena e simples, é como se fosse uma peça de mobília. Não prestam mais atenção à minha presença do que se eu fosse uma mesa desdobrável ou uma cadeira de carvalho.

– Quando, na verdade – comentou Frances –, é muitíssimo astuta, mais inteligente do que qualquer jovem dama que eu tenha conhecido.

Mary sorriu com tanto prazer que Frances se comoveu. Era óbvio que a mãe de Mary era tão avara com palavras de afeto como era sovina com as suas moedas.

Apercebendo-se de súbito de que tinha muita fome, Frances observou a refeição que tinha sido servida e começou a comer com vontade. Havia uma variedade tentadora de rosbife e ganso, ensopado de cabrito, tarte de lampreia ou de espinafres, e, para a sobremesa, *sillabubs*²¹ cremosos e outros doces.

– Com o receio que há de contágio, quando for aos aposentos da rainha – queixava-se Cary Frazier –, ela vai insistir para que eu lhe arranje profiláticos, pois sabe que o meu pai é um dos médicos da corte. Realmente, anda mesmo histérica com esta questão. Houve um surto de peste quando ela era criança e o tio de quem mais gostava morreu, pelo que agora deseja proteger o rei. O rei! – riu-se. – Que tem oito médicos, para além do meu pai.

– Ela não confia nos médicos ingleses – murmurou Mary. – Ouvi-a perguntar às aias portuguesas se sabiam de alguns remédios do seu país.

– Bem, realmente... E se ela deseja proteger o rei, deveria impedi-lo de ir divertir-se na cidade com o duque de York e as rameiras conhecidas.

– Não deveria referir-se nesses termos a Lady Castlemaine – interveio Jane La Garde, e todas começaram a rir.

– Então a rainha teme que esta enfermidade seja mesmo a peste? – perguntou Catherine Boynton, de súbito ansiosa.

– O Conselho do Rei enviou dois médicos à casa de Drury Lane para que verificassem – informou Mary. – Foram eles que deram a ordem

para que a casa fosse fechada.

Todas a fitaram.

– Como sabe?

– Disse-me o mouro da rainha. Aquele que é pajem dela. Ele estava com muito medo, porque, na terra dele, a peste é um mal recorrente. Disse-me que a rainha reza e acende velas, para pedir perdão a Deus pelos hábitos pecaminosos da corte.

– O meu pai não está convencido de que seja peste. – Cary encolheu os ombros. – Mas se for, então todos partiremos. A única resposta à peste, diz ele, é fugir dela para o campo.

Frances voltou a pensar no pranto das pessoas trancadas na porta entaipada com a cruz pintada, em St. Giles.

– *Todos?* – perguntou Frances, irritada com tal conselho. – Refere-se também aos pobres e aos andrajosos?

Olharam todas para ela.

– Bem, não... – respondeu Cary, irritada. – Referia-me à corte.

– Julgo que Mistress Frazier não pretendia mostrar-se insensível – interveio Jane La Garde, sempre conciliadora –, e apenas dizia que não devemos entrar em pânico e perder a fé em Deus, pois o rei e as autoridades agirão, caso seja necessário.

E, a bem das boas maneiras, deixaram o assunto ficar por ali.

Por fim, o clima socorreu os londrinos. Um frio tão brutal que ninguém desejava aventurar-se na rua abateu-se sobre a cidade e, com o frio, havia geadas severas e ventos fortíssimos. As Listas de Defuntos não revelavam mais mortes provocadas pela peste e a cidade suspirou de alívio e retomou a normalidade ao comprar, vender e produzir mercadorias, assim como encher as cervejarias com boa disposição.

O inverno progrediu até ao Natal, embora os doze dias de festejos tivessem sido esbatidos nesse ano. Janeiro passou e logo a dureza de fevereiro se lhe seguiu. Na corte, voltava-se a falar dos odiados Holandeses, se haveria ou não guerra e, entre as damas de companhia, o tema era o Dia de São Valentim.

As damas apreciavam a tradição de tirar o nome de um cavalheiro de

um chapéu e de esperar que ele as regalasse com prendas e símbolos amorosos. Era o dia do ano em que uma dama poderia aceitar um presente de qualquer cavalheiro sem que tal fosse considerado impróprio.

Catherine Boynton recebeu uma dúzia de pares de luvas e Jane três pares de meias de seda.

– Que sorte a da Jane – comentou Cary Frazier num tom invejoso. – Um par de meias de seda custa quinze xelins no Mercado Real! E ele ainda lhe deu ligas.

Fez uma careta, obviamente convicta de que deveria ter sido ela, e não a simples Jane La Garde, a receber um presente tão sofisticado.

– E o que lhe deu o seu Valentim, conte, Mistress Frazier? – perguntou Jane La Garde com doçura.

– Saiu-me o boticário da rainha – queixou-se Cary. – E será que me deu algum presente raro e valioso? Óleo de raposa? Ou um frasquinho de cera pura? – Encolheu os ombros, depreciativa. – Só me ofereceu esta insignificante bolsa de pólen de flores, que ele diz que as damas francesas prezam muito para aplicarem no rosto. Ora! Isto eu poderia ter arranjado no verão. – Olhou de esguelha para Frances. – E a senhora, Mistress Stuart. Quem é o seu Valentim?

A condessa de Suffolk, a camareira-mor, fitou-a com um ar severo.

– Não sabia, senhora? – Havia uma certa satisfação na sua voz. – O rei escolheu ser o Valentim de Mistress Stuart.

Antes que Cary pudesse reagir, ouviu-se o som de trombetas e todas se levantaram e recuaram, formando inconscientemente duas linhas paralelas que terminavam em Frances.

– Mistress Stuart – saudou o rei, numa vénia profunda para corresponder à cortesia de Frances. – Desejo que tenha um dia feliz e rogo-lhe que aceite esta pequena ninharia.

Entregou-lhe uma bolsa de veludo roxo.

Frances aceitou-a e segurou-a ao lado do corpo.

– Então, abra-a. – O monarca estava muito entusiasmado, como um rapazinho que tivesse comprado uma bagatela à amada e ansiasse por

ver o prazer e a aprovação dela.

Frances desfez o laço e retirou da bolsa um par de brincos com as pérolas maiores e mais reluzentes que ela alguma vez vira.

– Vossa Majestade – começou ela, estendo a mão com os brincos –, não posso aceitar uma prenda tão valiosa.

– Claro que pode – Carlos afastou-lhe a mão, a rir-se. – A beleza merece adornos à altura. Para além disso, o parlamento julga que me dá dinheiro e que eu o esbanjo com as minhas amantes. Contudo, todos sabem que a senhora, e com grande pena minha, não é minha amante, pelo que não poderão acusar-me disso, pelo menos desta vez!

Parecia muito divertido com a sua própria piada enquanto descrevia mais uma vénia e desaparecia com os seus cortesãos, dizendo a Frances que gostaria de ter a sua companhia mais tarde, nos aposentos de Lady Castlemaine.

– Haverá dança e belos rapazes a cantar músicas românticas francesas. A Barbara poderá ser traiçoeira e extravagante, mas sabe entreter!

Depois de se ter ido embora, as aias rodearam-na para examinarem os brincos.

– Nunca vi pérolas mais encantadoras – sussurrou Catherine. – Nem sequer em Lady Castlemaine ou na rainha.

– Nem eu – acrescentou Jane La Garde. – Devem ter custado pelo menos mil libras!

– É mais provável que tenham custado mil e oitocentas – declarou Cary Frazier.

– Haverá alguma coisa de que não saiba o preço? – perguntou Lady Suffolk.

– Há uma coisa – respondeu Catherine Boynton, apontando para as partes íntimas de Cary.

– Oh, a Cary sabe bem o preço disso. No mínimo, tornar-se par do Reino, talvez com uma dignidade de baronete ou um condado!

Frances deixou-as para se preparar para os seus deveres para com a rainha. Naquele dia, agradava-lhe afastar-se do ambiente mexeriqueiro

dos aposentos das aias em troca da companhia mais séria e pia de Sua Majestade.

Todavia, a disposição no quarto da rainha não era pia, mas quase histórica. O seu pequeno pajem negro, a quem ela adorava chamar «Guiné», pois fora dessa terra que viera, havia trazido notícias que tinham deixado todos em grande alvoroço.

– Houve um motim na paróquia de St. Giles – sussurrou Lady Suffolk. – Foram encerradas mais casas devido à peste, com cruces e papéis afixados que autorizavam o procedimento, e a população insurgiu-se e abriu uma casa. A questão será discutida ainda durante esta manhã no Conselho Privado. Este rapaz ouviu o Lorde chanceler a falar do assunto e correu para contar à rainha, pelo que agora estão todos tresloucados, a rezar e a acender velas!

– Mistress Stuart – rogou-lhe a rainha, voltando-se para ela –, saberá se o pai de Cary Frazier, o médico, lhe transmitiu algum meio de nos protegermos da peste? O meu pobre Guiné está mesmo receoso de contrair esta enfermidade.

Sentou-se com o rapazinho ao colo, esquecendo a precedência, o que teria chocado os cortesãos. Porém, Frances viu que ela estava preocupada, mais com a criança assustada do que consigo mesma, e comoveu-se. Talvez aquilo acontecesse porque, sem o bebê por que há tanto ansiava, aquele menino cativante ocupasse o lugar no afeto da rainha que um filho seu poderia ter ocupado.

– Vou perguntar-lhe.

– Peço-lhe sigilo porque o meu esposo julga que dou demasiada importância à questão e que o nosso papel enquanto monarcas é o de acalmar os súbditos, não inflamar-lhes os medos com os nossos próprios receios.

Frances considerava que o enfatuado Dr. Frazier tinha mais dotes para lisonjear os grandes, escutando-os quando se queixavam de sintomas irrisórios, para tratar cortesãos com sífilis ou para ajudar senhoras da corte a livrarem-se de bastardos, sendo bem pago por isso, do que para tratar de doenças sérias. Confrontado com a possibilidade de uma peste,

seria o primeiro a entrar numa carruagem e fugir para o campo. Logo se lembrou da Viúva Wyatt, cujo ponderado bom-senso tanto a impressionara. Saberla ela de alguns remédios contra a peste de que a rainha pudesse servir-se?

Frances decidiu fazer-lhe uma visita e descobrir.

Quando entrou num bote na manhã seguinte, Frances logo pressentiu uma mudança no ar ocorrida desde o dia de casamento de Mall, apenas dois curtos meses antes. O barqueiro, ao aceitar o seu dinheiro, colocou-o num frasco de vinagre «para o limpar da enfermidade», prática que ela nunca antes vira.

À medida que avançavam para a cidade, ela foi vendo mais casas com cruces vermelhas e a mensagem fatídica «Senhor, Tem Piedade de Nós».

– Quantas casas foram encerradas?

– Até agora a cidade tem sido poupada, pelo menos dentro das muralhas. Mas nas paróquias mais distantes, onde as pessoas vivem apinhadas, o contágio espalha-se muito depressa. – O barqueiro parecia taciturno. – Agora as paróquias contratam gente de lá, como batedores e vigias, e sabe-se lá se um vizinho se vinga do outro dizendo que ele tem peste, quando não tem...

Saiu do bote nas escadas de Three Cranes e caminhou para norte, atravessando Watling Street em direção a St. Mary le Bow, junto a Cheapside. Até ali, no coração buliçoso da cidade, as ruas estreitas estavam mais vazias do que era costume e os transeuntes miravam-se com desconfiança, por vezes atravessando para o outro lado da rua. De vez em quando um sino repicava uma mensagem de luto, indicando um enterro: nove badaladas por um homem, sete por uma mulher, três por uma criança.

Frances sentiu-se grata ao alcançar o calor aromático da botica da viúva.

– O que a traz por cá? – sorriu a viúva, o que lhe provocava rugas profundas na pele curtida. – Mais rivais para mandar para a retrete?

Frances riu-se.

– Não, obrigada. Mas os seus bons serviços permitiram-me impedir um duelo.

– A sério? Folgo em sabê-lo. Se mais homens tivessem sido obrigados a ficar na cadeira, talvez tivéssemos podido pôr fim a querelas e a guerras! E em que posso servi-la hoje? É uma altura estranha para me visitar, com o contágio a espalhar-se. Se não fossem os Holandeses a desafiarem-nos nos mares, creio bem que o rei encontraria uma justificação para abandonar Londres com a sua corte.

– É possível que o faça. Mas é o contágio que me traz cá. Conhece alguns profiláticos?

A Viúva Wyatt encolheu os ombros e virou-se para as fileiras de jarrões que tinha atrás de si.

– Há quem aconselhe esponjas ensopadas em vinagre usadas em frente à boca. – Frances assentiu com a cabeça, lembrando-se do que o barqueiro fizera às suas moedas. – Outros falam de valeriana e arruda. Mirra ou víbora em pó. Os charlatães tecem elogios à verbena, proclamando que o diabo a revelou como uma medicina secreta e divina.

Riu-se da estupidez da população que os seguia.

– E a senhora?

– Eu observo os outros. Os ricos partem e raras vezes são acometidos. Os mercadores que têm navios embarcam com a família e ancoram no rio. Entre os que têm de ficar, os que se mantêm isolados são os que se dão melhor.

– E quando sucumbem?

– Há tratamentos. Suar é o melhor, para que a infeção venha à superfície. Tenho um amigo doutor que sobreviveu e me dá conselhos. Diga à sua amiga que queime incenso e resina de lariço, que tenha as lareiras acesas com enxofre. – O sorriso voltou ao seu rosto enrugado. – Poderá não evitar a peste, mas servirá para a acalmar e mal não fará, ao contrário do que pode acontecer com outros remédios.

De repente, ouviram prantos na rua e, quando espreitaram, viram que uma casa ao fundo da estrada estava a ser entaipada, com as ocupantes,

uma jovem e uma menina, a chorarem a uma janela do primeiro andar. – É só uma criada jovem que está doente – gritava-lhe a mulher. – E nem sabemos se foi realmente contagiada! Agora pereceremos todas aqui cerradas!

– Então – a viúva abanava a cabeça com tristeza – a inquietação chegou à cidade.

– O que pensa das casas entaipadas?

– Não as considero úteis. Viram os vizinhos uns contra os outros. Os ricos pagam ao vigia para que vá por outro caminho para poderem fugir. Outros subornam o médico para que diga que se trata de febre maculosa e não de peste, e assim podem sair. Seria melhor levar o doente para o hospital da peste e deixar os outros em liberdade.

Frances esperou enquanto a viúva pesava o incenso e o enxofre, antes de partir um pedaço de resina de uma amarelo ambarino que conservava num pano. Depois embrulhou tudo e prendeu-o com um cordel.

– Boa sorte, senhora. Espero que tudo corra bem consigo e os seus.

A rainha ficou agradecida pelos remédios e começou logo a queimá-los, até uma névoa aromática satisfatória combater o fedor do enxofre a arder.

– Vês, Guiné – disse ela ao rapazinho –, aquilo não vai deixar que a infeção venha para aqui. Não conseguirá ver com tanto fumo.

Espantosamente, o rapaz perdeu o ar receoso e sorriu-lhe, cheio de confiança, enquanto, ao fundo, os padres e as aias portuguesas rezavam os terços e murmuravam preces intermináveis.

Mary Lewis também aguardava por Frances, pois tinha novidades.

– A minha mãe e o duque virão a Londres amanhã, ao estúdio do mestre Lely. Ela vai encomendar-lhe o retrato.

– Deveras? – Frances suprimiu um sorriso. – Como uma deusa grega?

– Não. Optou por uma pose mais digna, como ela diz.

– E qual será?

– A de Santa Catarina. – Mary estava à beira do riso. – Quer copiar a pose da própria rainha. Convida-nos a ir assistir.

Frances sabia que, a bem da sua paz de espírito, seria melhor não se

arriscar a ver o duque, mesmo acompanhado pela esposa, no entanto, ali estavam, com a sombra da morte a rodeá-los e os tambores da guerra a começar a rufar. O que lhe garantia que houvesse um futuro seguro?

Iria e arriscaria.

O estúdio do mestre Lely, na Piazza de Convent Garden, era sempre um lugar muito ruidoso e azafamado, pois ele tinha bastantes encomendas em mãos, mesmo naqueles tempos terríveis. Para além do mestre Lely e dos seus assistentes, o espaço estaria apinhado com modelos e as suas comitivas, que até cães a latir incluíam, e, não raras vezes, músicos que proporcionavam entretenimento. Se a modelo fosse uma mulher de reputação menos do que imaculada, o seu protetor, que sem dúvida seria quem pagava o retrato, também estaria presente. Como o mestre Lely ocasionalmente perdia as estribeiras, o estúdio era mais parecido com um hospício do que com um lugar onde a musa o inspirasse.

Quando a duquesa descobriu que o mestre Lely não a pintaria por completo, rezingou com tanta veemência que ele quase se recusou a pintar-lhe sequer o rosto.

Enquanto a indecorosa querela prosseguia, Frances viu que o duque se colocara a seu lado.

– Queria agradecer-lhe pelos cuidados que tem tido com a Mary – disse-lhe em voz baixa. – Está tão diferente que nem acreditaria tratar-se da mesma pessoa.

– O prazer tem sido meu. Ela é de uma inteligência rapidíssima e tem uma compreensão rara dos que a rodeiam.

– E, contudo, ninguém tinha reparado nesses predicados antes de si.

Ela desviou o olhar, embora sentisse o espírito elevar-se com o calor do apreço dele.

– E como está nestes tempos conturbados, Vossa Senhoria? – perguntou, obrigando-se a desviar o assunto de si e das suas boas qualidades.

– Tenho deveres navais em Dorset, por ser *lord-lieutenant*²² lá, e terei mais, se esta guerra com os Holandeses se desencadear.

– E crê que isso acontecerá?

– Receio que sim. Fora de Londres, estão todos furiosos contra os Holandeses. Chamam-lhes anafados e comilões de queijo e veem-nos como inimigos vis.

– E são?

Antes que ele tivesse oportunidade de lhe responder, um dos assistentes do mestre Lely interrompeu-os e, com grande cerimónia, entregou ao duque um pequeno volume embrulhado em pano, com uma guita lassa.

Muito calmamente, o duque estendeu a mão para aceitar o embrulho, como se não tivesse mais importância do que a conta do seu alfaiate, e começou a guardá-lo no bolso. Houve algo nos seus gestos descontraídos que acicatou a curiosidade de Frances.

Com um ar provocador, ela lançou a mão ao embrulho, que caiu ao chão. Ao cair, o pano abriu-se e revelou o conteúdo.

Tratava-se de uma pintura em miniatura, uma cópia minúscula de uma das obras do mestre Lely, do género que amantes e noivos enviavam aos amados, suficientemente pequenos para poderem ser transportados no bolso junto ao coração.

Contudo, a modelo não era Margaret, a nova esposa do duque. Era a própria Frances, segurando um arco, na pose de Diana, a caçadora.

Frances baixou-se, rápida como um relâmpago, e pegou na miniatura. Antes que ele pudesse impedi-la, escondeu-a atrás das costas, muito séria.

– Como obteve esta pintura?

Charles mantinha-se muito direito, sem se mostrar arrependido depois de ter sido descoberto.

– Pedi ao anão Gibson que copiasse o quadro do mestre Lely. É uma prática assaz comum.

– E será comum ter retratos de senhoras que não sejam os da própria esposa? – Não conseguia evitar o tom provocador da sua voz.

– Completamente, garanto-lhe.

Frances sabia que deveria parar, mas algo a impelia a continuar.

– E porque haveria o senhor de mandar copiar um retrato meu a posar como Diana?

O duque endireitou-se ainda mais, com os olhos cinzentos já não ensonados mas quase zangados.

– Sabe porquê. Não faça mais perguntas. Não lhe fica bem atormentar-me. Posso reaver o retrato?

Ele levou a mão atrás das costas dela e, ao fazê-lo, os lábios deles quase se tocaram. Ela quase sentia a respiração dele e fechou os olhos.

– Bem, bem, que belo quadro é este, sem dúvida!

A voz conhecida, regra geral bem-humorada e sardónica, era ríspida e acusatória.

Com um ar culpado, Frances e o duque viraram-se para encararem a fúria de Sua Sagrada Majestade, o rei Carlos II.

²¹ Doce inglês típico nos séculos XVI e XVII, que consistia em leite batido com vinho, açúcar e canela. (*N. da T.*)

²² Cargo instituído durante a era Tudor, atribuído a representantes do monarca com jurisdição sobre condados. (*N. da T.*)

Capítulo 16



Frances não se mostrava intimidada, mas nunca vira o rei tão furioso como naquele momento diante deles, vestido dos pés à cabeça de veludo azul-escuro, com folhos rendados no pescoço e um fulgor assassino no olhar.

O rei aprendera muitas coisas durante o seu longo exílio, quando dependera do auxílio e do sacrifício de outros: paciência, tolerância, generosidade e o desejo de espremer a vida até obter a última gota de prazer. Também desenvolvera um instinto de sobrevivência e a ocultar os seus verdadeiros sentimentos quando tal servia os seus interesses ou os do país.

Porém, naquela ocasião não os ocultava. Os seus olhos negros ardiam com ressentimento e o seu corpo alto vibrava com raiva. Tinha o ar de violência contida que poderia ver-se num pugilista.

Frances inclinou-se numa reverência.

– Vossa Majestade.

O rei arrancou-lhe a miniatura que ela ainda ocultava atrás das costas e examinou-a.

– Um belo objeto. Embora retratar-se como a casta caçadora Diana pareça algo falso, senhora.

Frances ergueu o queixo numa atitude desafiante.

– É tão genuíno como sempre foi.

– Folgo em ouvi-lo. Não gostaria de ver outro a ser presenteado com

o favor que há tanto anseio receber de si.

Virou-se para o duque.

– E quanto a si, senhor, negligencia os seus deveres como gentilhomen da câmara e, pior, como *lord-lieutenant* de Dorsetshire. Não saberá que a guerra com os Holandeses se aproxima? Os seus deveres requerem que patrulhe a costa em busca de infrações, não que se passeie por Londres com as aias da minha esposa. – Acercou-se mais do duque. Eram quase da mesma altura, embora o rosto do rei fosse esguio e severo, enquanto o do duque conservava ainda o rubor da juventude. – Sugiro-lhe que parta agora.

Por um instante, o duque permaneceu imóvel; depois, ciente de que seria inútil resistir, fez uma vénia.

Todavia, antes que pudesse retirar-se, a duquesa entrou na sala com um porte grandioso, como se tivesse nascido para desempenhar aquele papel.

– Senhor meu esposo – anunciou, sem reparar a quem se dirigia –, a cor do fundo está escolhida e os contornos foram desenhados. Terei de voltar amanhã para que o mestre Lely pinte o meu rosto.

O rei voltou-se.

– Então fá-lo-á sem o prazer da companhia do seu esposo.

– Vossa Majestade! – exclamou Margaret.

– E permita-me que lhe sugira que se assegure de que o duque atende aos seus deveres em Dorset, em vez de ser um empecilho em Londres.

Estalando os dedos para um dos seus criados que continha os *spaniels* agitados, o rei agarrou na trela e partiu, com os cães a latirem a seu lado.

– Meu senhor! – censurou Margaret num tom zangado. – Que fez para ofender desta forma Sua Majestade? E logo agora, que queríamos reclamar o seu lugar na corte e mudar-nos para a cidade.

– Dificilmente poderiam vir agora, com a peste a espalhar-se, mãe – notou Mary. – Diz-se que a própria corte se mudará, se o contágio continuar.

– Cale-se! – Virou-se para a filha com um ar venenoso. – Quem quereria a opinião de uma criança estúpida e feia?

– A Mary não é nem feia nem estúpida – interveio Frances, enquanto dava um passo na direção da rapariga.

– E, diga-me, quem lhe perguntou? Que relação tem com a minha filha, para interferir quando a mãe a admoesta?

Frances sabia encontrar-se em terreno perigoso mas, não obstante, prosseguiu. Ficara a gostar de Mary e ela era também o único vínculo que a ligava ao duque.

– A de alguém que teve a oportunidade de a conhecer nas últimas semanas e descobriu que tem tanta inteligência quanto espírito.

– Ah! É tão inútil como a mó rachada de Cobham. Nenhum pretendente considera sequer um rosto como o dela, já que não há um dote suficientemente grande para o persuadir, apesar de já ter dito a vários que não é preciso olhar para a lareira quando se ateia o lume, mas em vão.

Mary estremeceu perante a crueldade da mãe.

– Deixe-a ficar na corte, então – sugeriu Frances, controlando o temperamento a bem de Mary.

– Ela tem a sua serventia. Tive de contratar outra criada desde que ela está em Londres.

Frances reparou no olhar de aviso que Mary lhe lançava. Ambas percebiam que era tudo isso que ela era – ou seria – para a mãe.

– Terá mais oportunidades de encontrar marido na corte do que em Cobham.

Margaret fitou-a com um olhar maldoso.

– Mas isso não tem resultado para si, senhora, pois não? Ou será que ninguém quer apanhar os restos do rei?

Frances teve vontade de esbofetear a odiosa mulher.

Porém, tal revelou não ser necessário. O esposo agarrou-a por um braço e puxou-a para fora do estúdio, quase embatendo num dos assistente do pintor, que se assustou.

– Diga ao mestre Lely que cancelamos a nossa encomenda. Pagarei os custos que tiverem ocorrido até agora.

– Como se atreve...? – começou a duquesa.

– Poderá retomar o seu retrato quando aprender algumas maneiras. E poderá começar por se despedir da sua única filha. Não quererá que Mistress Stuart envenene a corte com histórias a respeito da sua crueldade, presumo.

– Adeus, filha – pronunciou Margaret com relutância.

– Adeus, mãe – respondeu Mary com um profunda vénia, que se transformou de imediato em saltos e piruetas assim que a mãe saiu.

Não tiveram muito tempo para celebrar terem-se livrado da língua afiada da duquesa.

– Já sabem da novidade? – perguntou Cary Frazier, tão entusiasmada que se esquecera até de tingir as faces. – O rei declarou guerra aos Holandeses!

As críticas mal-humoradas sobre o comércio em África, bem como acerca de confrontos entre navios holandeses e ingleses no canal, tinham vindo a aumentar nos últimos meses, mas o rei resistia a declarar a guerra, apesar das pressões que eram feitas de todos os lados. Tudo indicava que, por fim, havia cedido.

Primeiro, parecia que nada mudara, exceto as fogueiras que tinham sido ateadas por toda a cidade, para celebrar. Depois, cerca de uma semana mais tarde, quando Frances regressava com outras aias do Teatro do Rei, onde tinha assistido à peça *O Imperador Índio*²³, com uma nova atriz, Nell Gwynn, no papel de Cydaria, a carruagem estacou na esquina da Bow Street com a Strand. Uma grande multidão reunira-se ali, escutando mais um profeta louco, semelhante ao célebre Solomon Eagle. Aquele homem, embora não estivesse seminu, proclamava ser astrólogo. Tinha subido a uma torre improvisada a servir de púlpito e era dali que arengava para quem o ouvisse.

– Recordem, boas gentes, a estrela ardente ou cometa que todos vimos no céu durante o Natal. Não previmos que pressagiava morte e desastre?

– Muitos acenavam com a cabeça e acotovelavam os vizinhos para demonstrarem o seu acordo. – Não vos dissemos que, a menos que todos se arrependessem... – Reparou na carruagem de Frances, parada no meio da estrada, e apontou para lá. – Sim, e se a corte não abandonasse a

grosseira lascívia e a corrupção fedorenta, o que se seguiria?

Fitou-os com um olhar pesaroso.

– A pestilência, meus amigos! – Como se o intuito fosse sublinhar a terrível palavra, uma procissão fúnebre, com o grupo de enlutados, avançou para a igreja de São Paulo, em Convent Garden, e atravessou uma rua ali perto, com o sino a repicar sete vezes, o que indicava a morte de uma mulher.

A multidão, agitada, murmurava e uma ou duas pessoas benzeram-se segundo o costume papista.

– E, depois da Pestilência, o que se seguiria...? A guerra! – Bateu numa tampa de panela de uma forma marcial, o que sobressaltou todos e deixou as crianças a chorar. – E depois o Fogo! E depois do Fogo, a Fome! E tudo isto acontecerá, a menos que se arrependam dos vossos pecados.

No meio da assistência, algumas pessoas caíram de joelhos e começaram a confessar em voz alta que tinham mentido ou roubado, ou que eram vis adúlteros, e que o Senhor deveria realmente ter piedade e livrá-los daquela primeira parte da profecia.

Frances e as outras aias mantiveram-se em silêncio enquanto o cocheiro prosseguia caminho.

– Então, então – disse ela, virando-se para as demais. – Isto é um disparate supersticioso. Os cometas são apenas estrelas que viajam lentamente pelo céu... não são presságios de condenação e desastre. Homens como este, que se diz astrólogo, limitam-se a servir-se de agoiros e símbolos para semear o medo e ganhar poder entre os ignorantes.

– E estão a ser bem-sucedidos, o que é de lamentar. – Catherine Boynton tapou os ombros com o manto, como se quisesse escudar-se do medo que vira nos olhos das pessoas. – Será que o rei sabe que estas coisas ocorrem nas suas ruas?

Para além da guerra iminente e da ameaça da peste, Frances estava cada vez mais preocupada com Walter. Tentou por várias vezes encontrá-lo nos seus alojamentos perto de Lincoln's Inn, onde os

colegas lhe disseram que passavam dias sem que o vissem.

– Anda na boa vida com os seus amigos ricalhaços – afirmara um deles, acenando com a cabeça.

Frances ouvira-os, perturbada, recordando o estranho comportamento do irmão. Teria Walter sido tão estúpido que privasse com Lorde Rochester e os da sua laia, atraindo sabia Deus que desgraças?

Estava a ponderar se deveria ir a Somerset House e contar aos pais quando Mary surgiu, a correr, de cabelo desalinhado e o rosto branco de preocupação. Estava tão agitada que a abordou estando ela na companhia das outras aias, incluindo a condessa de Castlemaine.

– Sossegue, Mary – tentava Frances acalmá-la, pensando que o pânico exterior finalmente a atingira também –, o que a deixa tão perturbada?

– É o duque de Richmond! A minha mãe enviou uma mensagem. Recebeu ontem um mandado de prisão, do sargento de armas, para ser levado para a Torre.

Frances não acreditava no que ouvia.

– Sob que pretexto?

– Por negligenciar os seus deveres de *lord-lieutenant* de Dorsetshire quando a nação está em guerra com os Holandeses.

Frances sentia que lhe arrancavam o coração do peito. Visões de pelourinhos e masmorras preenchiam-lhe a mente e teve de se agarrar ao espaldar de uma cadeira para não cair.

– O que hei de dizer à minha mãe?

– Tentarei descobrir o que significa isso. Ela pode visitá-lo?

Mary abanou a cabeça.

– Não sei.

– Vá ter com ela, já que poderá precisar do seu consolo e apoio.

Depois de Mary ter partido, Frances olhou pela janela e observou o Tamisa, que corria lentamente lá em baixo, tentando imaginar o que poderia fazer. Não reparou que Barbara atravessara a sala e se postara a seu lado.

– Não se arme em inocente comigo, Mistress Stuart. – Lady Castlemaine inclinou-se para lhe falar ao ouvido e, ao fazê-lo, os laços

do seu vestido de seda abriram-se, revelando as alvas curvas do seu peito, maiores do que de costume, pois estava de novo de esperanças, embora todos duvidassem de que, daquela vez, fosse dar à luz um filho do rei. – A senhora, tal como toda a corte, sabe porque está o duque na Torre e que isso terá tanto a ver com a negligência dos seus deveres como com o sol nascer por ser de noite. – Agarrou no pulso de Frances e apertou-o tanto que a magoou. – Mulheres inocentes não dão esperanças a um rei até o deixarem à beira da loucura, indo em seguida brincar com o coração do marido de outra mulher.

Frances tinha vontade de esbofetear aquele rosto encantador e provocador. Contudo, o que Barbara dizia era verdade. Ela não fora inocente naquela questão.

– Ouvirei um sermão seu, minha senhora, no dia em que se arrepender das suas próprias indiscrições. – E, com toda a dignidade que conseguiu invocar, abandonou a sala, enquanto as outras aias sussurravam com as mãos a tapar a boca, tentando concluir quem vencera aquele confronto.

Ela procuraria Mall. Mall conhecia a mente do rei melhor do que qualquer outra mulher, incluindo a rainha ou Lady Castlemaine.

Como oficial da Guarda Real, Tom Howard tinha direito a um pequeno boleto perto da escadaria das traseiras e, para espanto de todos, Mall – filha do grande duque de Buckingham – instalara-se lá, abandonando os seus vastos aposentos pintados, com teto dourado e painéis de carvalho, em troca do alojamento espartano de um soldado.

No entanto, assim que lá entrou, Frances percebeu que aquele pequeno espaço fora ornamentado com algo demasiado valioso para que muitos o pudessem comprar, por mais ricos ou nobres que fossem: contentamento.

Mall fizera um ramo de jasmim e goivos que apanhara no jardim privado e colocara-o no parapeito, onde uma abelha ociosa zumbia enquanto mergulhava em cada flor para recolher pólen. A luz do sol entrava, criando formas com jogos de sombras tão encantadores como qualquer pintura de um grande mestre.

Mall estava sentada na beira da cama, a pentear o cabelo cor de

castanha, trauteando um madrigal. Sorriu e levantou-se ao ver Frances; transbordava felicidade, como um rebento que se esticasse para o sol depois de um longo e severo inverno.

– Diga-me, porque só conheci o Tom agora, porquê?

Frances sorriu, esquecendo a sua própria ansiedade ao ver a satisfação da amiga.

– Porque, se o tivesse conhecido antes, nunca poderia ter casado com ele. Só o fez porque tem fortuna própria e porque detém um estatuto tão elevado e próximo do rei que ninguém ousa impedi-la. E isso apesar de ser uma viúva e de já não poder ter filhos.

– Obrigada por me recordar disso. E como sabe que já não posso ter filhos?

Os olhos de Frances arregalaram-se.

– Ainda tem as suas regras?

Mall atirou-lhe uma almofada.

– Sim, tenho, obrigada, jovem senhora.

– E voltaria a percorrer esse caminho?

Frances apercebeu-se de que estava chocada por alguém com quase quarenta anos poder encarar aquela ideia de bom grado.

– Não se preocupe. Preferia usar óleo de arruda e salsa a ter outra criança, embora me preocupe que o Tom possa desejar um filho, sendo tão jovem.

– Esses remédios também impedem a concepção?

A sua mãe nunca teria pensado falar-lhe daquelas coisas – na verdade, ter-se-ia esforçado muito para impedir que lhe chegassem aos ouvidos.

– Não. Para isso seria necessária maior proteção. Há cavalheiros que cobrem as vergas com panos ou entranhas de ovelha. – Riu-se ao ver a expressão de Frances. – Ainda que eu considere que essas coisas são uma armadura contra o prazer e não passam de teias de aranha contra o perigo. E, regra geral, os homens detestam tais engenhos. Talvez devêssemos perguntar a Lady Castlemaine, embora a querida Barbara prefira ter os bastardos e atribuí-los todos ao rei, quer sejam dele quer não.

A menção ao rei fez com que Frances se lembrasse do motivo que a levara ali. Como poderia ter-se esquecido, mesmo confrontada com a felicidade recém-conquistada de Mall?

– Mall, preciso do seu conselho. O rei mandou o duque de Richmond para a Torre!

– Mandou? E de que o acusa?

– Algo relacionado com ter negligenciado os seus deveres para com a coroa em Dorset.

– E isso é verdade?

– Não sei, mas duvido. Foi logo a seguir ao outro incidente...

Mall fitou-a com os olhos semicerrados.

– Que outro incidente?

– O rei encontrou-nos no estúdio do mestre Lely. O duque tinha encomendado uma miniatura de um retrato meu. Eu achei que ele não deveria ficar com ela, que não era próprio, e estávamos a debater-nos pela posse da miniatura quando o rei nos surpreendeu.

– E agora o duque está na Torre. Bem, não chore. O meu irmão esteve lá pelo menos duas vezes, uma vez durante o governo de Cromwell, por ter casado com a filha de Fairfax; a outra por ter discutido de forma imprópria no parlamento. Nada de mal lhe aconteceu. – Mall sentou-se na beira da cama. – Mas percebo a situação difícil em que se encontra. Se é verdade que o rei enviou o Charles Stuart para a Torre por recear que o prefira, então Sua Majestade ficará ainda mais convencido disso se tentar interceder para que seja libertado. E, contudo, o rei é apenas um homem e não é dado a ações arbitrárias. Na verdade, muitos julgam que deveria ser bem mais severo com os inimigos. Terá de encontrar uma forma de apelar a esse sentido de justiça sem lhe avivar as chamas do ciúme.

Frances deixou Mall e saiu para o maravilhoso sol primaveril, sentindo-se tudo menos alegre. A culpa era sua. De mais ninguém. Deveria ter esquecido o duque assim que ele voltara a casar. Poderia criticar Lady Castlemaine, mas, como a própria tinha realçado, o que a tornaria melhor do que ela? A única solução seria fazer um verdadeiro

sacrifício.

E para isso teria de agendar uma audiência com o rei.

Em primeiro lugar, abordou um gentil-homem da câmara que, sabendo da preferência que o rei lhe votava, de bom grado lhe disse julgar que Sua Majestade se encontrava com a rainha.

Esta, no entanto, dado que o dia parecia quase estival, saíra com várias aias para o terraço dos seus aposentos, onde havia bancos e canteiros, e aí escutavam canções deliciosas executadas por uma trupe de italianos numa barçaça ancorada no rio.

– Sua Majestade deu pela sua falta – sussurrou Jane.

– Estou à procura do rei e disseram-me que ele estaria aqui – respondeu Frances, também num sussurro.

– Foi para os jardins privados com o chanceler – disse-lhe Jane. – Partiu há menos de dez minutos.

Frances esgueirou-se antes que a rainha reparasse nela e voltou para trás correndo pelos aposentos e pela escadaria das traseiras até chegar ao jardim.

Aí estava o rei, rodeado pelos seus cães, a acertar as horas pelo relógio de sol enquanto, na companhia do chanceler, discutia a guerra com os Holandeses e a perfídia dos Franceses.

O chanceler sentara-se num banco, com a perna atingida pela gota levantada à sua frente. Virou a cabeça ao aperceber-se da aproximação de Frances. Esta sempre gostara do velhote e prezava a sua honestidade, dando valor ao facto de, no meio de tantos vigaristas e lambe-botas, ele nunca ter aprendido a polir o seu conselho para o tornar mais agradável.

– E cá chegou Mistress Stuart, que vem implorar a libertação do duque – anunciou com os seus habituais modos francos. – Já disse a Sua Majestade que esta prisão parece ter sido motivada por despeito, mas não há dúvida de que me mandará embora com um puxão de orelhas. Pronto, tente a senhora... talvez tenha mais sorte, com o seu rosto bonito. – Depois lembrou-se de alguma coisa e prosseguiu num tom provocador. – Claro que foi o seu rosto bonito o que deu origem ao problema...

Levantou-se a custo e foi-se embora a coxear, dizendo que esperava que Sua Majestade arranjasse tempo para ir ao Conselho, já que havia uma guerra em curso.

O rei terminou calmamente de acertar o relógio. Ali, no jardim privado, tudo estava tranquilo e silencioso, ouvindo-se apenas o som de um tordo escondido num arbusto de lilases, o zumbido das abelhas e uma brisa que corria por entre as árvores como se entoasse uma cantiga de embalar para o recém-nascido de alguma deusa. Era difícil acreditar que a guerra e a pestilência grassassem do outro lado dos portões.

– Majestade, eu... – começou ela.

– Como o meu chanceler me informa, veio apelar em nome do duque de Richmond.

Frances decidiu que, quanto menos dissesse, melhor seria. Limitou-se a assentir com a cabeça.

– A questão que se coloca é: porquê? Ele é-lhe inferior, em todos os aspetos. Bebe. É um rapaz bem-apegoado, mas isso também são o Rochester, o Buckley ou até o Buckingham, mas não a vejo a suspirar por eles. – O rei abanou a cabeça, perplexo com o mistério amargo do amor, mas Frances não tinha intenção alguma de explicar que as provocações de Charles Stuart a faziam rir, que lhe agradava a solidez do seu corpo e que havia algo nos sonolentos olhos cinzentos dele que lhe ateava uma paixão que ela nunca antes sentira. – Sou um homem racional mas, por si, comporta-me de forma irracional.

Frances decidiu que estava na altura de o interromper.

– E todos sabem que também é justo, Majestade. É por isso que este ato parece tão indigno a todos os que dele têm conhecimento.

Esperou, de respiração contida, sem saber se o duque seria libertado ou se ela acabaria também na Torre.

O rei suspirou como se a decisão que estava a tomar pudesse ir contra os seus interesses.

– Tem razão. Foi um ato arbitrário e não me orgulho dele. O duque de Richmond será libertado. – Fez uma pausa. – Talvez a esposa dele possa agora garantir que ele cumpre os seus deveres de *lord-lieutenant*. A

necessidade será maior à medida que a guerra se confirme.

Ela inclinou a cabeça em resposta ao comentário delicado sobre a conduta do duque não ser da sua conta, mas da esposa.

– Obrigada, Majestade. Estou certa de que a duquesa ficará profundamente agradecida ao vê-lo ser libertado.

Preparava-se para partir, mas ele agarrou-a por um pulso e puxou-a com força para si.

– Continuo à espera, Frances. Sou um homem paciente, mas nunca houve quem me pusesse a paciência à prova como a senhora.

Ela não sabia o que responder, pelo que ficou grata quando a cadela preferida do rei, Fymm, divisou um esquilo e desatou a persegui-lo pelo jardim, ladrando tanto que houve quem abrisse as janelas por cima deles.

Já no seu quarto, atirou-se para cima da cama, esforçando-se por não chorar. Havia garantido a libertação do duque e, contudo, não tinha qualquer direito de se regozijar. Isso estava reservado à esposa dele. Todavia, pelo que conhecia da senhora, seria raiva e recriminação o que o esperaria à mesa, não um banquete que celebrasse o seu regresso. E quem julgaria a duquesa, se soubesse a verdade?

Frances reparou que o papagaio lhe lançava um olhar tristonho.

– Que obra-prima, o homem! – exclamou o pássaro num tom de espanto pesaroso.

– E tu, pássaro, com os teus olhos perspicazes e comentários astutos, lembras-me demasiado aquele que quero esquecer. Está na altura de te arranjar outro lar e deixar de pensar nele.

Cobriu a gaiola com um velho camiseiro e, antes que o pássaro pudesse protestar, desandou pelo corredor forrado a madeira de lambris até ao pequeno quarto onde Mary Lewis fora instalada.

– Trago-lhe boas notícias: o duque será libertado. E também um amigo com quem partilhar os seus aposentos. É uma boa companhia e alegrar-lhe-á os dias com os seus comentários astutos e sábios.

– Fico contente pelo duque. Sempre me tratou com amabilidade. – Mary agarrou na gaiola. – É verdade que posso ficar com ele? – Um sorriso de puro encanto iluminou-lhe as feições desfavorecidas. – Nunca

tive um animal de estimação. A minha mãe considera que todos os animais são criaturas imundas que não passam de mais bocas para alimentar.

– Aqui estão os frutos secos e as sementes que ele come. Dê-lhe.

Ao passar-lhe a comida, Frances sentiu uma súbita angústia por cortar aquela ligação.

– Adeus, pássaro.

O papagaio observou-a com um ar pensativo.

– Adeus, não, duquesa. Até voltarmos a ver-nos.

E fez um gesto com uma asa, como se fosse um galã da corte a descrever uma vénia.

Mary riu-se, encantada.

– Veja só, que criatura cómica, chama-lhe duquesa, apesar de ser apenas Mistress Stuart.

– É verdade. – Frances sentiu um calafrio. – Para um animal irracional, é cheio de surpresas.

Ia procurar a rainha e inteirar-se dos seus deveres para aquele dia, mas antes tornou a virar-se para Mary.

– Sinto-me muito aliviada pela notícia da libertação do duque mas, Mary, não quero que pense que tive algo a ver com isso.

Mary Lewis, com a sagacidade que brilhava sob o exterior pouco agraciado, apressou-se a assentir com a cabeça.

– Com certeza, nunca teria pensado que tivesse, e certamente será o que transmitirei em Cobham.

Contudo, assim que Frances saiu, Mary acariciou as penas eriçadas do papagaio.

– Mas que te confessou ela, pássaro, sobre o duque de Richmond?

O pássaro fitou-a com os seus olhos redondos, considerando a pergunta durante bastante tempo até que, por fim, lhe ofereceu a sua opinião:

– Recordar Charlie Stuart!

– Terá sido um conselho insensato como esse, parece-me, que te fez mudar de casa. Pobre Frances. Ser desejada por um rei e amar o marido

de outra! Bem, guardarei o segredo dela, mas espero nunca *me* apaixonar.

O papagaio, habituando-se à nova dona com uma descarada falta de fidelidade, palrou em concordância.

A rainha, como Frances descobriu, estava ansiosa por deixar Londres e voltar às termas de Tunbridge Wells.

– Irão todas as aias com ela? – perguntou a Jane La Garde.

– Para começar, só a condessa de Suffolk e algumas das damas de companhia mais velhas, pois ela quer que as restantes permaneçam para embelezar a corte. A Catherine Boynton esconde-se nos seus aposentos, com receio de ser escolhida e ter de deixar o seu Dick. – Jane baixou o tom da voz. – Para ser sincera, embora a rainha diga que pretende tomar águas, cremos que é o medo da peste que a leva a fugir, ainda que não ouse admiti-lo perante o rei que, por seu lado, parece não sentir medo algum. Lembra-se de que tocou todos e mais alguns dos que tinham o Mal do Rei²⁴, incluindo aquele que roçou as chagas no rosto de Sua Majestade?

– A peste aumenta, então? – perguntou Frances, suprimindo um calafrio de medo.

– Dentro do palácio fala-se da guerra; lá fora teme-se mais a peste.

Frances sorriu amargamente perante a ideia de ficar a embelezar a corte. No entanto, sabia que era assim que deveria representar o seu papel. Deveria mostrar-se alegre como uma borboleta colorida e convencer o rei de que o duque de Richmond não era nem um inimigo nem um rival – na verdade, que não significava nada para ela.

Com esse intuito, desencantou o seu vestido mais aparatoso, feito com catorze jardas do gorgorão mais fino que existia, num tom de amarelo que lhe realçava a frescura da pele e completava o brilho dos caracóis. Pediu à criada de vestir que fosse buscar os brincos que o rei lhe oferecera no Dia de São Valentim.

– Está encantadora como o primeiro dia de primavera, senhora – proclamou a criada, com uma poesia inusitada.

– Obrigada – riu-se Frances, apreciando o reflexo da jovem deslumbrante que a fitava no espelho.

Primeiro, cearia; depois juntar-se-ia aos restantes nos aposentos de Lady Castlemaine.

Barbara, com o seu instinto natural para o espetáculo e a ostentação, instalara os cantores italianos da barcaça no balcão da sala de jantar, onde eles presenteavam com música a assembleia ali reunida, como anjos numa nuvem. Iluminada por inúmeras velas, a cena parecia de facto celeste – não fossem os decotes escandalosos das damas, que lhes expunham quase por completo o peito, e os gritos dos galãs embriagados à medida que ganhavam ou perdiam ao *basset*, enquanto Barbara não parava de lhes encher os copos, ora para celebrar, ora para consolar.

Havia um grande monte de moedas no meio de uma mesa com tampo de baeta verde à qual presidia o conde de Grammont, como um grande e calvo imperador. Não ficava atrás de ninguém no que dizia respeito a aliviar os ricos do dinheiro que tinham, e os convidados de Barbara pareciam ganhar e perder com igual despreocupação. Por um instante, Frances pensou no irmão, chegando à conclusão de que ele seria um prémio demasiado pequeno para interessar a de Grammont.

– Vamos conversar um pouco, Mistress Stuart! – Ela virou-se da mesa de jogo e deparou-se com o rei, de mão estendida, pelo que só poderia aceitá-la ou humilhá-lo. Pousou a mão na dele e seguiu-o até uma alcova com um banco de janela de onde se via o rio. – Estou perdoado pelos meus ciúmes? – perguntou ele com uma expressão tão modesta e amistosa que ela teve de lhe corresponder.

– Com certeza. – Ofereceu-lhe um sorriso doce. – Não havia motivo para isso, Vossa Majestade. – Tocou nas pérolas dos brincos. – Não lhe agradei a generosidade que teve no Dia de São Valentim.

– E, contudo, ouvi dizer que não queria aceitá-los e que foi necessária a insistência da senhora sua mãe.

Frances ruborizou-se, ficando com o rosto de um cor-de-rosa delicado. Não havia grandes dúvidas quanto a quem teria espalhado aquela história.

– Lamento, senhor. Foi apenas por os considerar de demasiado valor.
– Bem menor do que o que despendi com outras damas. – Segurou-lha a mão e beijou-lha. – Não se melindre... é isso que me agrada em si, mesmo quando me frustra. É impossível comprá-la. É por isso que será o maior prazer da minha vida quando se entregar a mim, de livre vontade.

Para grande espanto dela, foi salva pelo defensor menos provável.

– Vossa Majestade. – A voz do chanceler Clarendon arrefeceu o ardor do rei como um balde de água atirado a uma cadela com cio. – O duque de York enviou um mensageiro. Chamam-nos ao Conselho devido a uma importante questão de guerra.

²³ *The Indian Emperour*, obra do dramaturgo John Dryden, estreada em 1665. (N. da T.)

²⁴ Escrófula, doença infecciosa que em Inglaterra e em França era conhecida como «king's evil» ou «mal du roi» dado o costume de, até meados do século XVIII, os monarcas destas nações tocarem nos padecentes, com o objetivo de os curarem por meio dos seus poderes divinos. (N. da T.)

Capítulo 17



Frances sorriu com gratidão a Edward Hyde enquanto o rei se despedia.

Ela sabia que o chanceler era um inimigo jurado de Lady Castlemaine e que a razão pela qual o marido dela, Roger Palmer, recebera o título de conde na Irlanda fora por o chanceler se ter recusado a selar a patente que o tornaria um conde inglês, ou a endossar qualquer outro favorecimento que concedesse benefícios a Barbara.

O chanceler também lhe sorria. O seu rosto redondo estava marcado pela dor que a gota lhe causava, aflição que o obrigava a caminhar lentamente apoiado numa bengala, mas, na ocasião, manifestou a sua alegria franca.

– Será melhor que eu parta antes que o rei descubra que a reunião não é tão urgente quanto ele pensa. – Para surpresa de Frances, ele piscou-lhe o olho. – Se a rainha tivesse morrido, havia na corte quem julgasse que a senhora seria uma sucessora adequada, ainda que não nos trouxesse um dote com Tânger e Bombaim. Traria honestidade, uma qualidade que deveria ser mais prezada do que o ouro, mas que, neste sítio profano, é equiparada à recusa de uma meretriz. Não desejava ver essa qualidade destruída, nem sequer pelo rei. – Suspirou como um homem que há muito esperasse pela atenção do seu monarca. – Ainda que haja quem argumente que, caso a senhora tivesse sucumbido, o rei já se teria concentrado noutras questões, pelo que talvez eu esteja a jogar

a meu desfavor.

– Não obstante, agradeço-lhe.

Ele sorriu, amavelmente.

– Não deseja então oferecer-se pela nação?

– Creio que a nação poderá sobreviver sem a minha ajuda – respondeu, embora visse que ele não estava apenas a gracejar.

– Posso oferecer-lhe um conselho? O rei poderá tolerar a sua rejeição aos avanços dele, mas não aceitará um rival.

– Mas Lady Castlemaine não é a mais fiel das companheiras – replicou Frances, sabendo que o chanceler tinha razão mas sendo incapaz de suportar a dor de tal lógica.

– A senhora não é Lady Castlemaine.

Todavia, o rei teve muito com que se ocupar nos dias seguintes. Segundo contava Tom Howard, a guerra contra os Holandeses não estava a progredir bem.

– O rei anda de um lado para o outro na varanda, insultando os Holandeses: os malditos navios de bloqueio deles estão a dar cabo de todo o nosso comércio. Pior, diz que andam a espalhar a voz por toda a Europa de que o contágio se alastra por Londres, pelo que as mercadorias inglesas começam a ser recusadas mesmo nos sítios onde ainda conseguimos chegar.

– Pelo menos nós ficaremos a salvo – declarou Catherine Boynton. – Sua Majestade faz questão de que todas as suas damas de companhia se mudem para alojamentos em Tunbridge Wells e daí, se a peste continuar a alastrar-se, para Hampton Court ou Salisbury, onde o rei depois se juntará a nós. Londres começa a esvaziar-se devido ao receio do contágio.

Frances pensou de imediato nos seus pais e, claro, nos irmãos. Talvez assim, pelo menos, a ameaça obrigasse a que Walter fosse afastado da capital.

Quando enviou uma mensagem à mãe, em Somerset House, a resposta que recebeu não a tranquilizou. Ela e Sophia, bem como o pai de Frances, iriam para Paris, no séquito da rainha-mãe. Já Walter,

escrevia a mãe, persuadira-os de que ficaria melhor em Londres, debaixo do olhar atento de Frances.

– Mas como poderei vigiá-lo se eu mesma não estarei aqui? – perguntou Frances em voz alta, sozinha no quarto.

Rabiscou uma resposta na qual afirmava que seria muito melhor se Walter os acompanhasse até Paris e deu ordens a um mensageiro para que a entregasse o mais depressa possível em Somerset House.

Apesar dos boatos da ameaça crescente, Mary Lewis recebeu uma incumbência que a mãe insistia que ela tinha de cumprir.

– *Um fato de montar? Ela quer que eu me encarregue da entrega do fato de montar dela?*

Frances mal conseguia acreditar que a duquesa de Richmond estivesse disposta a enviar a sua jovem filha para as ruas de Londres, infestadas pela peste, em tal missão.

– É um fato de montar muito especial – respondeu Mary, com um olhar jocoso que traía a sua juventude. – Moldado em Paternoster Row com o pano mais fino que existe, num tom vermelho, enfeitado com muita renda prateada.

– Será melhor que eu a acompanhe – replicou Frances. – Posso não ser londrina, mas ao menos tenho um maior conhecimento do traçado das ruas. Não sei se devemos ir de bote ou de carruagem.

– De bote – aconselhou Cary Frazier, que estava a perfumar umas luvas perto delas. – O meu pai diz que, assim, o único contacto que se tem é com o barqueiro. Não terá de passar pelo meio da gente e arriscar-se a ser contagiada.

Apesar de Frances não ter os conselhos médicos do Dr. Frazier em grande consideração, aquilo fazia sentido, ainda que houvesse muitos habitantes que criam que o contágio não provinha de outras pessoas mas de um miasma no ar, pelo que se protegiam com ramos de flores.

O barqueiro nas escadas de Whitehall cumprimentou-as e gritou «Remos, para leste!», após o que enumerou uma lista de fatalidades e desastres que incluía o alastrar do contágio, a tibieza dos galãs embriagados que usavam os seus serviços e fugiam sem pagar, a mísera

recompensa dos barqueiros devotados ao serviço público e a organização incompetente da guerra contra os Holandeses, terminando com o boato de que o rei já teria abandonado Londres, deixando-os ali à mercê da morte.

– Quanto a isso, barqueiro – comentou Frances num tom ríspido –, saímos da corte há meia hora, com o rei bem-humorado e ao comando.

– Pois – resmungou o homem entre dentes –, por ora. Ouçam o que vos digo, fugirão como ratos de um navio a afundar-se antes de o calor do verão chegar. Não há dúvida, os teatros não tardarão a fechar por causa da peste e isso será o fim do meu negócio. Aqui estão, senhoras, o vento estava a nosso favor, eis a doca e as escadas de Pudding. São quatro *pence* e têm direito a uma prece de graça!

Desembarcaram e subiram as escorregadias escadas de madeira, encaminhando-se para norte em direção a Paternoster Row. As diferenças desde a última vez que saíra do palácio eram visíveis. Agora todos caminhavam pelo meio da estrada, não obstante a lama e o lodo dos canais cheios de excrementos, receando passar perto das casas. A cidade de Londres continuava a salvo dos tapumes que se viam em Convent Garden e St. Giles, protegida por enquanto pelas suas altas muralhas. Contudo, o medo pairava no ar. Os comerciantes haviam passado a lavar o dinheiro em vinagre, como antes fazia o barqueiro, chegando alguns a transportá-lo em varas compridas para manterem uma distância segura dos clientes. Muitos mascavam tabaco, cujas capacidades preventivas da peste eram muito anunciadas, ou alho, enquanto outros levavam flores ou cheiravam muito a vinagre, por terem aspergido as roupas com ele.

Paternoster Row, perto da grande catedral de São Paulo, outrora famosa por fazer contas e rosários, passara a abrigar dezenas de mercadores, vendedores de sedas e de rendas. Apesar do receio do contágio, a rua sombria e estreita estava cheia de carruagens da pequena nobreza que quase bloqueavam a estrada, enquanto os cocheiros ocupavam o tempo a trocar insultos e a desejar que os seus amos acabassem as compras e regressassem, para poderem recolher-se à

segurança dos seus lares.

Ao fundo da rua divisaram o símbolo do que procuravam, a ambicionada tabuleta com uma mão e uma tesoura que indicava a loja de um alfaiate.

Estava muito na moda que as damas da corte encomendassem os seus fatos de montar, não a costureiras mas a alfaiates e, na verdade, aqueles fatos feitos à medida eram a inveja de todos. Até as senhoras francesas, que desprezavam tudo o resto naquele país, iam a Inglaterra para adquirir fatos de montar. A moda ditava gibões justos como os dos homens, em brocado vermelho, embelezados com fio de ouro, usados sobre um colete, fechado no pescoço com uma cascata de renda de Bruges – sendo o fato completado com saias longas que podiam ser drapeadas para montar à amazona e com chapéus tricornes ou toucas de veludo adornadas com fitas ou penas. Algumas damas usavam perucas sob os chapéus, o que suscitava críticas escandalizadas, pois, da cintura para cima, poderiam ser confundidas com homens.

O fato de montar que a duquesa de Richmond apalavrara era de um tom particularmente vibrante de vermelhão, tão garrido, na verdade, que quase tiveram de proteger os olhos quando o alfaiate o sacudi para que o vissem.

– Decerto irá fazer figura assim vestida – comentou Frances.

– Ou cegar o caçador e atordoar o cervo, que assim se submeterá! – acrescentou Mary, e ambas desataram a rir.

O alfaiate abanou a cabeça perante tal frivolidade e tratou de embalar o fato numa caixa grande, que elas tiveram dificuldade em transportar. Tanta dificuldade que, na verdade, ao saírem da loja, deram um encontrão a uma velha e quase a atiraram ao chão. A senhora parecia bem vestida, mas usava um lenço curioso ao pescoço, como se tivesse de se proteger do frio, embora o tempo estivesse agradável.

– Pedimos desculpa, minha senhora – disse Frances, estendendo a mão para a ajudar a equilibrar-se.

Ao fazê-lo, reparou numa reação esquisita dos transeuntes. Afastavam-se da velha, como se nada os mantivesse a menos de dois

metros dela.

Por fim, um cavalheiro interpelou-as, com o pânico a deixar-lhe a voz aguda e descontrolada:

– Guardem distância, jovens, não veem que ela foi contagiada?

O lenço da velha agitou-se com a brisa e elas mesmas viram os inchaços típicos sob as orelhas e o pescoço e, sem dizerem palavra, benzeram-se com o sinal do Pai, do Filho e do Espírito Santo, murmurando em uníssono:

– Ámen.

Três dias depois, estavam a caminho de Tunbridge Wells. Tinha havido resmungos entre as criadas portuguesas da rainha e, sobretudo, entre os seus vários padres, quando Sua Majestade os informara de que não iriam com ela, o que, nos outros, provocou suspiros de alívio. Os padres exacerbavam os ânimos religiosos de Catarina e permaneceram longas horas as damas de companhia da rainha ajoelhadas, murmurando preces e contando os seus rosários, a ponto de as deixar a desejar ardentemente que o rei tivesse escolhido uma noiva protestante.

– Torna-se uma senhora diferente quando os deixa – sussurrou Cary Frazier.

Frances concordava. Com rédea solta, a alegria e expansão naturais da rainha floresciam e ela revelava ser uma boa companhia, doce e generosa, sempre a sugerir folguedos e passeios, ainda que nunca mantivesse as aias acordadas até horas impróprias.

Tunbridge Wells espantava Frances por estar apenas a trinta milhas de Londres mas dar a impressão de que haviam deixado o inferno ou, pelo menos, o purgatório, para chegarem ao paraíso. Intocada pelo dedo gelado da peste, a pequena aldeia parecia festiva, com a sua fileira de belas casas pintadas. E, por todo o lado, espalhava-se a beleza de uma primavera inglesa.

Kent sempre fora o jardim de Inglaterra e, naquele ano, a primavera surgira cedo e com um calor invulgar. Em todos os jardins e pomares, as macieiras floriam abundantemente, como se tivessem sido adornadas

com rendas brancas. Os pássaros, que não se preocupavam nem com a guerra nem com a peste, trinavam as suas canções límpidas e antigas.

E, dado que a maioria dos cavalheiros havia permanecido na capital, um súbito ânimo despreocupado tomava conta das aias da rainha, que se descalçavam e faziam corridas pelos relvados verdes junto às nascentes, saltavam ao eixo e brincavam à cabra-cega à sombra da copa dos castanheiros. Jane La Garde revelou ter talento para ler a sina e, com a mão de cada dama no regaço à vez, previa o futuro que cada uma delas desejava ouvir.

À rainha, profetizou um herdeiro para o trono; a Catherine Boynton, uma rica vida na corte e que, um dia, seria tratada por «Lady»; previu que Cary Frazier se tornaria uma respeitável dona de casa, o que muito a irritou. Quando agarrou na mão de Frances, foi como se uma pequena nuvem se instalasse na sua testa.

– Conseguirá de facto o que deseja, mas apenas por um momento passageiro, pelo que deverá agarrar esse momento com as duas mãos e segurá-lo com força.

Frances fitou-a, impressionada, e depois levantou-se de um pulo, contente por Jane estar apenas a brincar e não ter qualquer capacidade para prever o futuro.

Porém, uma das suas premonições parecia estar a concretizar-se. A rainha andava mais feliz do que qualquer das suas aias alguma vez a vira. Dormia bem, comia com apetite e o rubor que apresentava rivalizava com o viço das árvores.

Frances e Cary observavam-na certa manhã enquanto ela pendurava os seus saíotes nos arbustos para secarem. Tinha criadas que poderiam fazê-lo, mas parecia obter grande satisfação em executar por si mesma aquela tarefa. Sem saber que estava a ser observada, Catarina espreguiçou-se ao sol e manteve-se de pé, de olhos fechados, a apreciar os raios de luz enquanto afagava o inchaço do seu pequeno estômago.

Cary Frazier conteve um grito.

– Julga que a rainha... – hesitou.

– ... está de esperanças? – completou Frances a frase.

Desejava com todas as suas forças que assim fosse. O rei ficaria muito feliz e o povo também. O receio sobre a sucessão seria finalmente aquietado e a Inglaterra poderia livrar-se do mal.

Todas as aias repararam que, quando os músicos que haviam acompanhado a comitiva começaram a tocar, a rainha se manteve sentada a observar, recusando todos os convites para dançar.

Silenciosa e subtilmente, todas observavam e esperavam, de respiração contida. Não teriam de ficar na dúvida durante muito tempo.

À medida que junho principiava e os céus revelavam o azul mais límpido que alguém recordava ter visto, com o tempo tão quente que Cary se despia até ficar de camiseiro para nadar, a rainha sorria e cantava todo o dia.

Certa noite, fizeram um piquenique com tarte fria de lebre e *sillabub* de groselha, acompanhados por vinho frio, contaram histórias de amores conquistados e perdidos e confessaram o que mais desejavam se apenas uma coisa pudesse ser-lhes concedida.

Mais tarde, enquanto todos dormiam, Frances acordou com um som estranho e sinistro. O grito era tão violento e agudo que ela concluiu que só poderia ser o de uma raposa a lutar com outra nos bosques em redor. Porém, continuando a ouvi-lo, percebeu que não era de um animal, mas sim o grito desesperado de uma mulher.

Envolveu-se num robe e avançou rapidamente até aos alojamentos da rainha, onde verificou que Cary Frazier tivera a mesma ideia.

A rainha encontrava-se sentada na beira da cama, com as mãos cobertas de sangue por ter tentado estancar o fluxo, com o olhar mais desesperado que Frances alguma vez vira.

A monarca abriu as mãos ensanguentadas e ali, na palma da sua mão, estava um ser minúsculo – ainda não um menino ou uma menina, mas sem dúvida uma alma humana, com não mais do que sete centímetros de comprimento.

Pegaram num pano e, com delicadeza, retiraram o fiapo de humanidade das mãos sangrentas de Catarina.

Então a rainha pareceu acordar do seu pesadelo.

– O bebé tem de ser batizado, caso contrário nunca se juntará a Deus Todo-Poderoso no céu.

– Então batizá-lo-emos aqui mesmo! – respondeu Frances, recordando que, em casos de extrema necessidade, o sacramento do batismo poderia ser executado por qualquer pessoa, leiga ou sacerdote.

– Precisamos de água. – Cary olhou em redor, mas no quarto não havia água, por não ser considerada uma bebida segura. – Vou à nascente buscar.

Correu pelo pomar que as separava da nascente principal e encheu uma taça.

Contudo, isso foi tudo aquilo que conseguiu, pois, ao regressar, sentou-se na cama ao lado da rainha e escondeu o rosto entre as mãos.

Frances agarrou na taça e aspergiu a pequena criança morta, repetindo as palavras que aprendera na infância:

– Batizo-te em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Catarina virou-se para elas, com um olhar implorante e o desespero a brilhar-lhe nos olhos.

– Desejo que ninguém saiba disto. Sobretudo, o rei meu esposo. Não seria capaz de suportar a dor, os olhares e os sussurros que se seguiriam.

Com delicadeza, Frances pousou o bebé e limpou as mãos da rainha.

– Mas e o seu estado, Majestade? – Apontou para o sangue na roupa da cama. – Poderá precisar de um médico.

– O rei tenciona ir para Hampton Court. Iremos para lá amanhã. A minha governanta, a condessa de Penalva, assistir-me-á. Ela é muito sábia.

Frances mal se atrevia a fazer a pergunta seguinte.

– E o bebé?

Catarina soluçou, após o que, fazendo um enorme esforço, se acalmou.

– Enterrem-no, com todas as minhas preces e agradecimentos. Coloquem uma pequena cruz por cima da cova. E, por favor, pela vossa honra como minhas aias de confiança, não contem a ninguém.

Frances assentiu.

– Incumbirei uma criada de dormir à sua porta e ficar à escuta, para o caso de precisar de alguma coisa durante a noite.

– Obrigada.

Esboçou um sorriso ténue pela consideração de Frances, sabendo que uma criada colocaria bem menos perguntas do que uma das suas aias.

Depois de saírem dos aposentos, Cary Frazier apertou o braço de Frances com tanta força que esta quase deixou cair o triste embrulho.

– Poderia ter sido o futuro rei ou rainha de Inglaterra.

Ela acenou com a cabeça.

– E agora enterramo-lo.

Foram buscar uma pá à cabana de um lenhador perto das nascentes e cavaram uma pequena sepultura, suficientemente profunda para não ser descoberta nem profanada por predadores.

– Não conheço as palavras do rito fúnebre – admitiu Frances com a voz a tremer e uma lágrima a correr-lhe pelo rosto. Mas tinha de dizer alguma coisa, mesmo que não fossem as palavras certas do ritual. – Dá eterno descanso a esta criança, ó Senhor.

Ambas inclinaram a cabeça, numa prece silenciosa.

As damas da rainha ficaram encantadas com a notícia de que se mudariam para Hampton Court, já que os prazeres do campo, por deliciosos que fossem ao início, começavam a entediá-las. Sentiam a falta do teatro, do burburinho dos mexericos e da proximidade das lojas de miudezas e chapeleiros do Novo Mercado, bem como da presença de companhia masculina.

Todavia, a boa-disposição esmoreceu quando se aperceberam de que a rainha perdera o ânimo e se mostrava silenciosa e abatida. Entreolhavam-se, curiosas, mas, por intuição feminina e lealdade protetora, ninguém fez qualquer comentário, suspeitando existir uma ferida muito profunda a justificar aquela alteração. Em vez disso, a condessa de Suffolk tornou-se ríspida como uma galinha atarefada, instando-as a fazerem as malas, para estarem prontas para partir no final da semana.

No dia da partida, Jane La Garde abordou Frances e sussurrou-lhe que

Mary passava mal e tinha pedido para a ver.

– Mary, querida – chamou ao entrar no quarto, dado que este ainda estava às escuras, apesar de o dia já ir adiantado. – Ainda não fez as malas? As carruagens estão à nossa espera.

Farejou o ar, pois um odor estranho e desconhecido chegou-lhe às narinas.

Continuando a não obter resposta, calculou que Mary ainda estivesse a dormir. Talvez pudessem levá-la embrulhada num cobertor, para que dormitasse durante a viagem e acordasse restabelecida em Hampton Court.

Frances ajoelhou-se no tapete junto ao catre estreito onde Mary dormia e abanou-a com delicadeza.

– Tem de acordar, querida Mary, ou seremos deixadas aqui.

Mary estava de facto a dormir. O seu cabelo encaracolado e castanho espalhava-se pela almofada e os laços do camiseiro tinham-se desapertado, revelando-lhe a pele. Os cortinados pesados que impediam toda a luz de entrar agitaram-se com a brisa do meio-dia e um feixe de luz iluminou a cama, como se esta estivesse num palco.

Frances ficou sem ar e recuou.

Manchas vermelhas do tamanho de um cálice batismal marcavam a pele delicada do peito de Mary e o seu hálito, quando Frances se debruçou sobre ela, tinha um cheiro azedo e pútrido como um esgoto.

Com dedos trémulos, desapertou o resto das fitas do camiseiro e abriu-o mais.

Sob a axila de Mary, viu um inchaço, com um centro cheio de pus, e quase gritou as temíveis palavras «Senhor, tem piedade de nós!»

No exterior do alojamento, ouvia os cavalos a relinchar e a bater com os cascos, ansiosos por partirem, os freios a estalar, assim como as outras aias, que tagarelavam na tarde de verão.

E, contudo, no pequeno quarto, Frances ponderava o que fazer perante aquele terrível dilema.

Se contasse às outras aias, o medo espalhar-se-ia pelo grupo reunido como se um fantasma se tivesse erguido da sepultura. A proximidade da

rainha a uma fonte de contágio provocaria o pânico.

Deveria enviar uma mensagem à mãe de Mary, para que viesse o mais depressa possível? Frances hesitava, dividida. Desprezaria a duquesa os seus receios para acorrer à filha? Não.

Só havia uma solução. A natureza da maleita de Mary tinha de ser ocultada. A partida da rainha era uma bênção, já que a afastaria do mal e tornaria tudo mais simples, sem a presença das aias a cacarejar por ali como galinhas aquando da aproximação de uma raposa.

Frances deteve-se: seria a sua ação o cúmulo da perversidade? Já tinha ocultado a notícia do aborto da rainha e agora tencionava esconder uma vítima da peste. Com que risco, tanto para outros como para si mesma?

Pensou nas casas de St. Giles e nos gritos angustiados das pessoas encarceradas e condenadas à morte. E ser encarcerada seria de facto o destino que esperaria a arguta e inteligente Mary, se Frances permitisse que se soubesse qual a enfermidade que a acometia.

Contudo, para esconder a verdade, teria de arcar com uma dura consequência. Ver-se-ia ela obrigada a permanecer e a cuidar da jovem.

Frances virou-se e viu um espelho na parede. Uma jovem encantadora fitava-a, com o cabelo castanho-claro, uns límpidos olhos cinzentos e uma pele que ostentava o rubor fresco e puro da juventude. Uma jovem que dançava com maior graciosidade do que qualquer outra dama, cuja forma de montar superava a de todas as rivais, que adorava construir castelos de cartas, caçar com falcões e sentir o vento a soprar-lhe no rosto; que ansiava por morar na casa senhorial que desenhara inúmeras vezes antes sequer de a ter visto. Fechou os olhos, tentando não pensar nas histórias que ouvira acerca de vítimas cobertas de feridas, com os olhos salientes, fugindo de casa e correndo para a rua devido à insuportável dor dos seus inchaços.

Poderia não vir a ter a vida que desejava, mas ao menos tinha a oportunidade de fazer algo bom.

Fechou a porta e trancou-a, chamou um criado e deu-lhe uma mensagem para Jane La Garde, a mais bondosa e menos desconfiada de

todas as aias. Mary estava realmente adoentada, dizia na mensagem, e Frances ficaria com ela enquanto recuperava, após o que ambas seguiriam quando a doença a deixasse. Tinha apenas um pedido. Que a sua velha ama fosse chamada para a auxiliar.

Enquanto observava a fila de carruagens que partia, acenando em despedida, Frances ia-se perguntando o que haveria de fazer em seguida. Para além de rezar.

Estava de joelhos quando o criado bateu à porta.

– Julguei que talvez lhe agradasse tomar conhecimento da grande vitória do duque de York em Lowestoft, minha senhora. Mostrou ao holandês aquilo de que somos feitos e mandou-o para casa com a cauda entre as pernas. Nas ruas de Londres ouvem-se os canhões a ribombar. Há fogueiras por todo o lado a celebrar a vitória!

Frances agradeceu-lhe e fechou a porta. Em toda a sua vida, nunca sentira menos vontade de festejar.

Quando a ama chegou no dia seguinte, um pouco mais velha e hirta, mas encantada por precisarem dos seus serviços, Frances contou-lhe a terrível verdade ainda antes de ela entrar no quarto da doente.

– Se preferir, poderá alojar-se na vila e regressar amanhã a Londres. Ninguém a criticaria por isso.

A ama fungou sonoramente perante a proposta digna de um cobarde.

– Já vivi três vintenas de anos e ainda mais dez. De que serve uma velha como eu neste mundo? A menina é que deveria partir. Eu cuidarei da jovem.

Frances abraçou-a, comovida à beira das lágrimas.

– É certo que partirei. Mas será apenas uma breve ausência. Quero visitar a Viúva Wyatt.

– É do Senhor que precisa, não de uma boticária.

Frances apertou-lhe as mãos, reconfortada pela presença familiar da ama.

– Deixarei o Senhor para si e escolherei a boticária. Talvez possam trabalhar em conjunto.

– Então, filha, nada de blasfemar. Para Deus tudo é possível. Porém,

se vai a Londres, talvez possa inteirar-se do tonto do seu irmão Walter.

– O Walter? Certamente terá ido para Paris com o resto da família!

A ama abanou a cabeça, com a ansiedade a toldar-lhe os olhos.

– Recusou-se a ir. Fugiu. Disse que ficaria melhor consigo.

A ideia de Walter estar sozinho na cidade infestada pela peste fez com que o sangue de Frances gelasse. Teria de fazer o que pudesse para o encontrar.

Viajava havia quatro horas sem qualquer contratempo quando chegou à barreira de Woolwich, onde apanharia o *ferry* para atravessar o rio e chegar a Londres; ali parou, fascinada. Todo o rio que os seus olhos conseguiam abarcar estava apinhado de pequenas embarcações pejadas de cabazes e malas, mobília e pessoas. Parecia que metade dos cidadãos de Londres a abandonava, trocando-a pela segurança do campo. E só Frances, uma entre mil, ia fazer a viagem para norte, de regresso à cidade.

Em Woolchich, deixou o cavalo nos estábulos de aluguer e apanhou um bote coberto, pois assim chamaria menos atenções e não teria de suportar os comentários do barqueiro. Neste aspeto não teve sorte, pois o comandante parecia ter sido educado na mesma escola dos barqueiros.

– Tem a certeza de que quer ir para Londres agora, jovem cavalheiro? – inquiriu ele, observando-a com interesse. – A sua mãe saberá que viaja para a cidade? Se procura rameiras ou cervejarias, encontrará bastantes em Dartford ou Sevenoaks e será muito mais seguro.

Frances cobriu melhor o rosto e entregou-lhe o dinheiro da passagem, que foi direitinho para um frasco com vinagre.

Na travessia, passaram pelos iates dourados do rei, que se encontravam encostados ao paredão da doca. O comandante seguiu o olhar dela.

– Sim. E aposto que ele gostaria de entrar num daqueles e afastar-se de todos os problemas que o assolam. A vitória de Lowestoft foi de curta duração. A nossa marinha tem ido de mal a pior. Aqueles malditos glutões. Deviam ficar em Amesterdão a contarem o ouro que têm e a

apalparem as holandesas gordas e feias! Há quem diga que foram eles que nos mandaram o contágio para nos arruinarem.

Passaram por Greenwich e prosseguiram em direção a Limehouse, onde Londres realmente começava, com a vista da Torre e da Ponte de Londres. Frances fixou o olhar no Portão do Traidor quando por lá passaram, imaginando o que teria sentido o duque quando o sargento de armas o fizera passar por ali.

Ocorreu-lhe que, se não conseguisse encontrar Walter, poderia pedir ajuda ao duque para o procurar.

Junto à Ponte de Londres, o tempo, que já estava quente, ficou abrasador. Saiu do bote na doca Three Cranes e deu início ao seu percurso ascendente em direção a St. Mary le Bow. Também ali as ruas estavam cheias de carruagens e carroças que competiam por libertar a cidade de mais gente.

Na verdade, nas últimas semanas a cidade parecia ter mudado por completo. Nessa altura, só havia algumas casas entaipadas, mas, desta feita, Frances via ruas inteiras cerradas e silenciosas, fosse porque os proprietários tinham partido, fosse por terem sido encarcerados devido à peste, com a fatal cruz vermelha. Agora só restavam vigias para impedir que saqueadores pilhassem as casas vazias e que os ocupantes das que haviam sido entaipadas fugissem.

Até o próprio ar estava silencioso. Os sinos que antes repicavam continuamente pelos muitos funerais tinham cessado, pois os mortos eram demasiados para serem celebrados funerais. Os vendedores ambulantes que gritavam os seus pregões e constituíam uma característica de Londres tinham sido calados pela peste ou pelo receio que esta lhes provocava.

Parou diante da igreja de St. Mary le Bow para ler o aviso que fora afixado na porta. Frances estremeceu, apercebendo-se de que se tratava de uma Lista de Defuntos hediondamente ilustrada com caveiras, esqueletos e uma parafernália de instrumentos para cavar sepulturas, enumerando as mortes dessa semana devidas à horrível visita que pairava sobre Londres.

As poucas pessoas que via na rua aguardavam em fila por passes outorgados pelo *mayor* para poderem abandonar a cidade, ou então eram homens de cajados brancos que recolhiam os cadáveres, cobrando uma moeda de quatro *pence* por cada corpo; e, ainda mais aterrorizantes, os doutores da peste, com estilo próprio, envoltos em casacos de couro, com enormes chapéus e máscaras em forma de bico cheias de especiarias, que serviriam de proteção mas os tornavam tão assustadores como o próprio contágio.

Numa janela de um andar alto, Frances viu uma criança que implorava que a deixassem sair da casa da morte onde a tinham enclausurado.

Na esquina de Cheapside, parou para ler vários panfletos que ofereciam «a única verdadeira água que cura a peste», «infalíveis pílulas preventivas» e uma frase que lhe provocou um sorriso amargurado: «o antídoto real contra todos os tipos de infeção». Que reação enfurecida teria o rei, com a sua mente racional e científica, caso ficasse a saber daquilo.

Ao virar para a rua que a levaria à botica da viúva, viu uma grande multidão reunida, com as pessoas a olharem como uma só para o céu.

Havia uma jovem no centro.

– Olhem – dizia, apontando para cima. – Não veem? É um anjo vingador, com uma espada feroz na mão, que veio visitar a peste que se abate sobre nós devido à nossa perversão!

Todos assentiam com a cabeça e murmuravam palavras de concordância. Um homem atreveu-se a contestar a visão, mas os outros viraram-se contra ele, com uma chuva de golpes.

Foi então que o olhar da jovem se concentrou em Frances.

– Espere aí! – acusou ela. – Não é um homem! – Arrancou-lhe o chapéu e o véu. – Não é a amante do rei?

– É, sim! – alertou um rapaz magricela e de pernas arqueadas, aproximando muito o rosto do dela. – Trabalhei na cozinha do palácio e apostava um anjo em como a vi lá.

– Rameira sem vergonha! – acusou outro.

– É por sua causa e do resto das concubinas do rei que o contágio se tem dado! – gritou uma velha.

Frances viu que a cercavam quando a Viúva Wyatt, tendo ouvido o tumulto, saiu para a rua e arrastou-a para dentro da loja.

A botica aromatizada pareceu-lhe um santuário e Frances apercebeu-se de que tremia.

– São tempos medonhos. – A idosa abanava a cabeça. – Até os que estão livres da enfermidade se comportam como se tivessem perdido o juízo. Ontem à noite, bateram-me à porta, a exigir curas de graça, como seu tivesse alguma. Os impostores e charlatães fazem afirmações tão absurdas que todos estão zangados comigo, pois não as tenho. Ainda assim – continuou, com uma piscadela de olho –, a carroça da morte ainda não me veio buscar, pelo que devo estar grata.

– Vi um doutor da peste na rua. Eles fazem alguma coisa para ajudar os aflitos?

– Ah! – A viúva cuspiu no chão. – Recorreria tão depressa a um doutor da peste como a um algoz! Ainda que este último me saísse mais em conta. Na minha opinião, eles nada fazem para além de exaltarem os ânimos. Assim que se chama o doutor da peste, pode ter a certeza de que a vítima nunca mais acorda até a última trombeta soar.

Frances deixou cair os ombros, sentindo-se subitamente abatida e desesperada. Teria arriscado tudo aquilo por Mary em vão? E o que aconteceria a Walter, sozinho e sem amigos naquele lugar infestado pela peste?

– Então nada se pode fazer? Vim por causa de uma jovem, para tentar ao menos levar-lhe alguma esperança.

A Viúva Wyatt fitou-a.

– Um doutor da peste far-lhe-ia uma sangria ou aplicaria sanguessugas, para além de certamente lhe vender teriaga de Veneza, o que apressaria a ida da sua jovem amiga para a sepultura. – Entregou a Frances uma caneca de cerveja com especiarias para a ajudar a recuperar o ânimo. – Um médico em quem confio mais do que em qualquer outro tem fé na essência de hastes de veado, obrigando depois o paciente a

suar. De bom grado lhe prepararei um pouco, embora, do que tenho observado, só haja uma cura.

– E qual é?

– As ínguas dos sobreviventes do contágio rebentam sempre. Se as da sua amiga não rebentaram, terá de tentar lancetá-las. Não será fácil nem agradável. E depois aplique um cataplasma de *unguentum terebinthinae*: é uma pomada de óleo de terebintina. Vou preparar-lhe a mistura agora. E mantenha-a quente enquanto a febre estiver alta. – Afagou o rosto de Frances com delicadeza. – E reze.

A viúva apressou-se a misturar o remédio. Quando abriu um grande frasco de vidro, um odor estranho e rançoso encheu a botica com as suas emanções e, apesar de tentar controlar-se, Frances estremeceu.

– E confia nesse remédio?

A viúva riu-se, um som raro naquele tempo melancólico.

– Pode fazer o que fazem os doutores charlatães, se preferir. Depene a parte inferior de uma galinha viva e amarre-a à íngua até a ave morrer. Faça-o até que uma das galinhas sobreviva e saberá já que conseguiu extrair o veneno. – Deu uma palmadinha no ombro de Frances. – Ou então use o meu cataplasma. Sei bem que tratamento eu preferia, caso fosse a vítima.

Frances acenou com a cabeça, sentindo que, se fosse ela a doente, confiaria na viúva e não num grupo de doutores da peste.

– Vou fazê-lo.

Ao regressar à rua, Frances manteve o véu a cobrir-lhe o rosto e caminhou o mais depressa que pôde em direção ao rio, passando pelas carcaças fedorentas de cães e gatos, aniquilados aos milhares por se recear que espalhassem a doença, e por um velho de cabelo desgrenhado que insistia com os cidadãos aflitos de Londres que estava na altura de se arrependerem, pois o Reino dos Céus estava próximo.

Acabara de chegar a Thames Street, a poucos metros da doca Three Cranes, quando estacou para observar a cena mais triste que presenciara até então. À porta de uma taberna jazia uma jovem vítima da peste e, no seu peito, o filho ainda vivo mamava.

Por um instante de loucura, ocorreu-lhe levar o bebê, mas sabia que também ele poderia ter contraído a enfermidade e que, em vez de ir ajudar Mary, causar-lhe-ia ainda mais dano. Fez o sinal da cruz sobre a pequena testa do bebê e correu para a doca, apinhada de pessoas que se acotovelavam a transportar todas as posses que podiam, saltando para um bote que se dirigia a Woolwich, de onde seguiu caminho para Tunbridge Wells, ao encontro de Mary.

Capítulo 18



A ama prestara um bom serviço nos alojamentos delas. As emanções da resina e do incenso eram tão densas que abafavam qualquer cheiro a doença.

A febre de Mary continuava elevada e ela não parava de se virar, e delirava.

– Ninguém veio bater à porta, suspeitando da aflição dela? – perguntou Frances num tom ansioso.

A ama abanou a cabeça.

– Que disse a sábia?

– Deu-me remédios. Mas espera-me uma tarefa que requererá toda a minha coragem. Disse-me que a Mary só sobreviverá se eu lhe lancetar os inchaços que tem debaixo dos braços e no pescoço.

Apesar da sua natureza estoica, a ama estremeceu.

– Pode segurá-la por mim? É a única forma. Façamo-lo agora enquanto ela dorme.

A Viúva Wyatt dera-lhe dois instrumentos semelhantes a afiadas agulhas de coser e Frances dispô-las em cima da cama. Em seguida abriu a ampola de óleo de terebintina e aquele odor estranho e rançoso espalhou-se pelo ar, fazendo-a tossir e engasgar-se.

Enquanto a ama agarrava Mary pelos ombros, Frances tirou da bolsa as luvas de cabedal e a máscara para a proteger de infeções que a viúva também lhe dera e dedicou-se imediatamente à tarefa. Havia três ínguas,

duas no pescoço e uma debaixo do braço. Foi fácil lidar com as do pescoço, mas a protuberância na axila de Mary era dura e com crosta. Mary gritou de cada vez que Frances tentou lancetá-la.

Por fim, a pústula cedeu e o veneno fétido foi expelido.

Assim que tudo saiu, Frances aplicou rapidamente o cataplasma, que manteve no lugar com tiras de um camiseiro rasgado.

– Passemo-la para a cadeira por um instante enquanto eu recolho as roupas da cama e as queimo. Agora tudo o que podemos fazer é esperar e rezar.

Frances juntou os lençóis sujos, ainda com as luvas grossas calçadas, e levou tudo para o terreno relvado nas traseiras dos alojamentos. O óleo de terebintina que havia caído no linho ajudava a atear o fogo, pelo que depressa tudo ficou reduzido a cinzas.

Quando ela regressou, a ama já tinha voltado a levar o corpo leve para a cama.

Como uma corrente marítima incessante que lhe puxasse os pés, a exaustão apoderou-se de Frances, que compreendeu que tinha de se deitar.

– Eu ficarei a vigiá-la – garantiu-lhe a ama. – Agora está na altura de dormir e ter esperança. Já fez muito.

– Doenças desesperadas precisam de remédios desesperados. Algo em Mary me comove. Para além disso – prosseguiu, pegando na mão da velha senhora –, não tivemos uma vida assim tão agradável em França, nós as duas, que não possamos enfrentar um pouco de risco e provações.

A ama acariciou-lhe o rosto, como se Frances voltasse de novo a ser uma criança.

– Não é como as outras damas, nem nunca será.

Frances esboçou um sorriso cansado.

– Por vezes pergunto-me se, para meu próprio bem, não seria melhor se o fosse.

A anciã suspirou.

– Mantenha a fé, jovem. Acabará por encontrar alegria.

Porém, este último conselho já não foi ouvido por Frances, que se

deitara no catre da criada ao lado da cama e adormecera.

O criado que lhe contara a vitória em Lowestoft regressou e encheu os ouvidos da ama contando-lhe que, durante quatro dias, Londres sustivera a respiração, escutando uma grande batalha de canhões ao longe, até a notícia de outra vitória ser proclamada. Contudo, isso não travara o fluxo dos ricos que, em número cada vez maior, deixavam a cidade abandonada aos pobres e à peste.

No final daquele mês tórrido, parecia que toda a corte de Whitehall se mudara para Hampton Court, seguida por uma procissão de uma milha de comprimento de carruagens e carroças que transportavam os pertences de todos, enquanto o rei viajava na barcaça real, aproveitando assim para ver os seus navios em Greenwich.

A quarenta milhas de distância, Mary oscilava entre a vida e a morte, suspensa por um fio. Quando, ao terceiro dia, ela ainda não dava sinais de recuperar, Frances começou a perder a esperança.

Chegou um mensageiro da rainha, que requeria que Frances se lhe juntasse e retomasse os seus deveres em Hampton Court.

– Mas como posso deixar a Mary? – perguntou Frances.

Viraram-se para observar a pequena figura deitada na cama ampla.

– Veja, veja! – exclamou a ama. – Está a acordar!

Lentamente, como se despertasse de um longo sono sem sonhos, Mary abriu os olhos e sentou-se.

– Ainda estou viva ou vejo dois anjos do Senhor? – perguntou num tom debilitado.

Frances correu para a cama.

– O Senhor não tem anjos como nós! Está de facto viva, querida menina, e que Deus seja Louvado por isso.

– Quanto tempo estive doente – perguntou Mary com receio –, e com que enfermidade?

Frances e a ama entreolharam-se, concluindo que seria melhor que ela não soubesse a terrível verdade.

– Teve febre maculosa, tal como a rainha quando correu aquele grave

perigo, mas o pior já passou. Está enfraquecida e perdeu muito peso. Terá de ficar sentada, repousar e engordar como uma cabaça a amadurecer ao sol. Está na altura de ir para casa, em Cobham, e aproveitar os encantos da vida no campo.

– Encantos! A minha mãe é tão mesquinha que me dará apenas meia-ração e despedirá alguma pobre criada, já que poderá servir-se de mim para trabalhar.

– Não, com a presença da ama, não o fará. Vou pedir à ama que a acompanhe durante a sua convalescença. Será bem capaz de lidar com a sua mãe, acredite em mim.

E foi assim que Mary Lewis, ainda que com relutância, retornou a casa onde ficaria sob a asa protetora da ama até se encontrar completamente restabelecida, tendo conseguido a promessa – concedida com alguma renitência, por razões que Frances não admitiria – de que Frances iria a Cobham assim que a rainha pudesse dispensá-la.

Frances entregou também uma carta a Mary dirigida ao duque, na qual lhe pedia se poderia ir a Londres e indagar o paradeiro do seu irmão Walter.

Apesar de julgar que o seu segredo continuava bem guardado, a ama sabia exatamente porque se mostrava ela tão relutante em visitar Mary em Cobham Hall.

– Não tenha receios, menina – sussurrou-lhe antes de partir com Mary. – Cada homem, ou mulher, é o arquiteto do seu próprio destino. Tem resistido ao rei porque deseja outra vida. E, um dia, tê-la-á, seja Deus minha testemunha.

Frances sorriu à velha senhora.

– Então desejo que Deus se apresse a fornecer-ma. O rei, quando a tal se determina, é uma força à qual é difícil resistir.

As suas palavras, como viria a revelar-se, eram proféticas. Sua Majestade, tendo sentido a sua falta durante tanto tempo, redobrou as tentativas de a conquistar.

Apesar da guerra e da peste, a corte mostrava-se animada como sempre em Hampton Court. O parlamento poderia ter sido prorrogado

até setembro devido ao medo da peste, mas, em Hampton Court, com os seus passeios, canteiros e fontes encantadores, os relvados verdes entre uma profusão de rosas de junho, continuava a haver bailes de máscaras, música e piqueniques.

A morte súbita de um dos guardas do rei, vítima da peste, lembrou aos mais folgazões que Londres não estava assim tão longe, pelo que se mudaram – em liteiras, carruagens e cadeirinhas – para Salisbury, onde Frances descobriu que, de todas as aias da rainha, fora ela a escolhida para se hospedar nos alojamentos dos reis.

– Pelo menos Mister Chiffinch não está aqui para piscar o olho e avisar o rei assim que a senhora se deitar – sussurrou Cary Frazier.

Contudo, Salisbury não ia ao encontro do gosto dos monarcas. Era fustigado por grandes ventos e correntes de água inundavam a rua principal, o que os obrigava a ficar dentro de portas, deixando o rei irrequieto e melancólico.

Frances tentou distraí-lo com o estranho sonho que tivera na noite anterior, no qual se vira na cama com os três embaixadores franceses que haviam seguido a corte para Salisbury. O rei considerou que a história era tão hilariante que convocou os embaixadores, para que a ouvissem contá-la.

– Não temam – informou Frances aos cavalheiros atônitos, que não sabiam se deveriam ficar escandalizados ou divertidos –, estou certa de que foi apenas um símbolo da relação próxima entre os nossos dois países!

Contudo, provocou um escândalo um pouco maior no dia seguinte, no relvado de boliche. Todos os dias, depois do jantar, a rainha gostava muito de jogar boliche ou de caçar e era frequente que Frances a acompanhasse. Naquele dia abafado de julho, o caluniador conde de Grammont foi observá-las.

Frances, que desconfiava que ele tinha desencaminhado o irmão, sentia pouco apreço pelo homem. O sentimento era mais do que recíproco.

– Que agradável – comentou, quando a rainha estava suficientemente

longe para não o ouvir, com um olhar de desdém calculado a iluminar-lhe as feições empoadas –, ser uma jovem aia cobiçada pelo rei, capaz de se divertir a jogar boliche enquanto o povo morre da peste a cem milhas de distância!

O conde, ela sabia bem, não se importava minimamente com o povo nem se este sobrevivia ou não. Pensando em Mary e no seu encontro fugaz com a morte, Frances sorriu e deixou a bola cair nos dedos dos pés dele, cobertos apenas de seda, o que o fez gritar e saltar, causando tal agitação que todos se reuniram à volta deles e ouviram a resposta dela.

– É verdade, conde – ripostou, de súbito fora de si –, e o que sabe o senhor acerca da peste? Saberá que deixa o hálito fétido, que os enfermos enlouquecem tanto com a dor nos inchaços que correm para as ruas, apesar dos vigilantes, e que saltam para o rio?

De Grammont abanou a cabeça, forçado a um raro silêncio.

– Então não me fale de fugir da peste, pois trata-se de uma amiga mais próxima de mim do que julga.

Virou-lhe costas e deixou-o, enquanto os outros cortesãos se perguntavam em voz baixa como saberia Mistress Stuart tanto sobre o contágio.

De Grammont, por sua vez, afastou-se furiosamente a coxear, tentando imaginar como poderia vingar-se daquela rapariga arrogante de modos tão perigosamente francos escondidos sob um ar inocente. Foi então que se lembrou do irmão dela. Estava na altura de renovar o contacto e dar-lhe mais atenção.

O rei terá ouvido falar do confronto, pois procurou-a por todo o palácio, com os cães a segui-lo de perto, até a encontrar nos aposentos da rainha, onde ela arranjava um grande ramo de rosas cor-de-rosa.

– Bem, Mistress Stuart – provocou –, pôs toda a corte em alvoroço e a troçar do conde. Não é sensato tomá-lo como inimigo, pois tem uma língua venenosa.

– Que diga o que lhe aprouver – respondeu Frances, continuando a cuidar calmamente das rosas.

– Ele diz que a senhora se vangloria de algo que não poderá saber. –

Ela encolheu os ombros. – Como obtive um conhecimento tão íntimo da enfermidade?

– Cuidei de uma jovem amiga. Quis Deus que sobrevivesse.

Uma expressão de horror apoderou-se do rei.

– Com a peste? Belle! Poderia ter-se contagiado e perecido.

– Sim. Mas a pessoa de quem cuidei era jovem e importante para mim, e a sua própria mãe não queria saber dela. Sem ajuda, era possível que não sobrevivesse. Para além disso... – Levantou-se e, com os seus sapatos vermelhos de tacão, os seus olhos ficavam quase ao mesmo nível dos de Sua Majestade, o que ela calculava que fosse uma experiência rara para alguém com um metro e oitenta de altura. – Não tenho marido nem filhos, nem isso é provável, já que ninguém se atreve a cortejar-me.

– Está a culpar-me por isso?

– Quem mais poderia culpar? Quem se atreveria a enfurecer o rei fazendo uma proposta honesta à mulher que ele persegue? – perguntou num tom zangado.

– Amo-a, Frances Stuart, o que me faz perder a cabeça.

Antes que ela se apercebesse do que estava a acontecer, deu por si a ser atirada para cima da grande cama da rainha.

Sentiu o hálito quente do rei no seu pescoço e os dedos dele a rasgarem-lhe as rendas do vestido.

– Bem, mas que bela visão – troçou uma voz ríspida atrás deles. Viraram-se e depararam-se com Barbara, cuja gravidez crescente apenas acicatava a sua fúria. – Num momento Mistress Stuart é um anjo do Senhor que pousa as mãos curativas nos doentes, no seguinte está a experimentar as delícias da tentação e, de onde me encontro, oferecendo pouca resistência.

– Rameira sem vergonha! – insultou-a o rei, com os olhos a brilhar com uma raiva fria. – Se caísse ao chão e a Bondade a ajudasse, roubar-lhe-ia a bolsa e ainda a acusaria de devassidão. Saia, mulher, e deixe-nos a sós.

– Não o farei! – Barbara manteve-se firme. – Está na altura de

perceber que essa Senhora Inocente o trairia num abrir e fechar de olhos se um cavalheiro de posses lhe fizesse uma proposta. Ela aceita os seus abraços, mas eles causam-lhe asco. Diga-me, Majestade, como é possível que seja o único a não o ver?

Frances deu-se conta da mágoa nos olhos do rei, quis gritar que ele não a repugnava – na verdade, gostava muito dele, mas nunca poderia amá-lo como ele desejava. Seria melhor deixá-lo pensar que Barbara estava correta nas suas suposições.

Por um momento, julgou que o monarca seria capaz de bater em Lady Castlemaine.

Todavia, antes que ele pudesse fazê-lo, Barbara abriu o manto para revelar a grande barriga que tentava disfarçar sob camadas de cetim azul. Ele recolheu a mão. Não era do gênero de homem que batesse numa mulher, sobretudo se estivesse de esperanças, quer o filho fosse seu, quer não.

– Deixe-nos – gritou. – Mulher insolente! Vá!

Entretanto, o barulho já atraía a rainha e as suas criadas, que chegavam a correr.

– Venha, Mistress Stuart – disse a rainha, dando-lhe a mão –, vamos caçar com falcões antes que o sol se ponha e seja altura de cearmos. – E, enquanto percorriam a grande escadaria, deixando o rei zangado e frustrado, sussurrou-lhe: – Sabe o que dizem os embaixadores franceses? Que Mistress Stuart é o sol nascente e que Lady Castlemaine terá de ter cuidado ou perderá a melhor rosa do seu chapéu. Referem-se ao rei, como é óbvio. – Olhou para Frances, sem qualquer malícia nos olhos escuros. – Tenho motivos para confiar em si, Mistress Stuart, e também para lhe agradecer. Se o meu marido tivesse de escolher entre si e Lady Castlemaine, eu preferi-la-ia dez vezes.

– Mas, Majestade, eu não desejo tal escolha.

A rainha acariciou a face de Frances com a sua mão de criança, como se ambas soubessem que as mulheres, ainda que fossem rainhas, não controlavam deveras os seus próprios destinos.

– Eu sei. E espero que não seja obrigada. Ajudá-la-ei sempre que

puder, lembre-se disso.

Frances assentiu com a cabeça. Era comovente a falta de poder que aquela amável rainha tinha na sua própria corte. Toda a autoridade e patronato emanavam do seu esposo, o rei. Se ela fosse uma pessoa diferente – mais semelhante a Barbara, na verdade –, matreira e manipuladora, ávida por construir castelos de influência, as coisas poderiam ser diferentes. Assim, ela vivia dos restos deixados cair da mesa real e Barbara até esses invejava.

A injustiça da situação enfureceu Frances e esta decidiu que, se tivesse oportunidade, abandonaria aquele lugar e construiria uma vida na qual governaria o seu próprio reino, por mais pequena que fosse a esfera de influência que tivesse.

De momento deixavam apenas a tempestuosa terra de Salisbury e mudavam-se para Oxford, onde a corte ocupou as instalações universitárias, como fizera nos tempos da guerra civil.

Charles Stuart, duque de Richmond, voltou a ler a carta de Frances que Mary lhe entregara. Quando terminou, levou-a aos lábios, fitando os parques que rodeavam Cobham Hall. As folhas já caíam das árvores e em breve a paisagem ficaria tão despida e mortíça como a sua própria alma. Regra geral, agradava-lhe ver as entranhas da natureza a emergir, o suave veludo acastanhado dos campos lavrados, à espera de serem semeados para a colheita do ano seguinte. Desta vez, porém, não conseguia evitar o eco do desânimo que sentia no seu íntimo. Amara a primeira esposa e sofrera profundamente quando ela e a filha de ambos haviam morrido. Mas o segundo casamento fora o maior erro da sua vida.

No entanto, que lhe dissera Frances com tanta precisão? Que ele fizera a sua cama e deveria deitar-se nela. E isso significava aproveitar a situação o melhor que pudesse e esquecer Frances. Agora ela pedia-lhe que se envolvesse, procurando o irmão dela.

Encolheu os ombros. Era possível que ela lhe pedisse aquele favor como um gesto de simples amizade. E, como amigo, ele deveria

responder, expulsando quaisquer ideias acerca do que poderia ter acontecido.

Foi com esse espírito que pediu que lhe preparassem a carruagem e que, puxado por seis cavalos, se fez a caminho de Londres.

Para seu espanto, o duque encontrou uma cidade que depressa se regenerava. Contudo, parecia pairar uma certa loucura no ar, como se os londrinos tivessem decidido que todos os riscos tinham acabado e que podiam permitir que as poucas vítimas da peste que ainda restavam andassem livremente entre eles, chegando a dar-lhes apertos de mãos e abraços.

Os mercadores que se haviam abrigado nos seus navios ancorados no rio estavam a regressar com as famílias e a abrir os estabelecimentos que tinham na cidade.

As cervejarias e as tabernas mostravam-se repentinamente a abarrotar, com homens, crianças e mulheres, todos risonhos.

– Queira entrar, bom Lorde – dirigiu-se-lhe um homem com ar de salafrário quando ele espreitou para a taberna Leg of Mutton, em King Street, esperando divisar Walter. – Brindemos à nossa salvação.

O duque sorriu e atirou-lhe três anjos.

– Que a próxima rodada seja por minha conta!

– E pela sua boa saúde também, meu Lorde.

A sua paragem seguinte foi em Lincoln's Inn. Contudo, praticamente toda aquela área estava encerrada, revelando-se os advogados mais cautelosos do que o resto da população, menos ansiosos por regressarem e atenderem às necessidades dos seus clientes. Ainda assim, a mulher do portageiro deu-lhe a informação útil de que julgava que o jovem Mister Stuart se alojara na paróquia de Camberwell, cortesia de um colega de estudos cujo pai era vigário.

Uma breve viagem por rio levou-o à igreja de St. Giles, onde uma jovem de cabelos claros abriu a porta do vicariato e o informou de que o seu irmão Ezekiel e o amigo, Mister Stuart, tinham ido caçar com falcões e que ele se instalara ali com a família havia já alguns meses.

Charles Stuart agradeceu-lhe profusamente fazendo notar a sua

surpresa por eles terem permanecido tão perto da cidade naqueles tempos terríveis.

– O meu pai disse que era o nosso dever – respondeu a rapariga. – Escandalizou-se ao ver tantos homens de Deus fugirem ao primeiro sinal de perigo, quando era então que os seus rebanhos mais precisavam deles. – Olhou com atenção para a visita e concluiu tratar-se de alguém amável e compassivo. – Foi terrível, senhor. Não havia quem acesse aos moribundos ou rezasse pelas almas dos falecidos. Nestas três paróquias, o meu pai foi o único pastor que ficou.

– Deve ser realmente um homem corajoso.

– Ele dizia que Deus o manteria a salvo, mesmo no meio da peste.

O duque estava a simpatizar com o retrato que lhe era dado do vigário de St. Giles, e começava a admirá-lo.

– E os jovens... o seu irmão e o amigo... como se entretêm?

– Com falcoaria, partidas de ténis, montando quando lhes emprestam cavalos, com jogos de cartas... embora o meu pai os tenha desencorajado veementemente desse hábito. Até baniu os dois fidalgos com quem jogam.

O duque ficou muitíssimo interessado.

– Esses dois fidalgos, será um deles elegante e encantador, vestido de negro e com uma peruca loura?

A rapariga acenou com a cabeça, séria como uma coruja.

– Bem tenta conquistar o meu pai, mas não me parece que ele o aprecie.

Via-se que o vigário era um homem sensato, imune às atrações desonestas de Lorde Rochester.

– Como se chama, a propósito?

– Hannah, senhor.

– Bem, Hannah, se esse cavalheiro marcar um encontro com o Walter e o seu irmão, poderá enviar uma mensagem endereçada ao duque de Richmond, no palácio de Whitehall, junto ao relvado de boliche? – Deu à rapariga uma bolsa com moedas. – São da parte da irmã do Walter, sei que ela desejaria contribuir para o alojamento dele. Envie a mensagem

por um liteiro ou cocheiro, se não puder dispensar um criado.

Calculava que não houvesse espaço para luxos naquela casa generosa.

– Devo dizer ao Walter que o senhor o procurou?

– Diga-lhe apenas que a irmã Frances enviou um mensageiro. Ela gostaria muito de ter notícias dele. E não se esqueça da questão daquele cavalheiro.

Ela assentiu, mantendo a expressão séria.

– Adeus, Hannah.

– Adeus, senhor.

Depois de ela fechar a porta, o duque imaginou-a a retomar a leitura de poesia em latim ou da tradução de algum trecho de Catulo. Parecia-lhe que o vigário seria do género que educaria as filhas tão bem quanto os filhos varões.

Ao menos Walter estava a salvo. Isso, pelo menos, seria um grande consolo para a irmã. Escrever-lhe-ia e dar-lhe-ia a boa nova de imediato.

– Desgraçado! – exclamou Frances ao ler a mensagem. – Que miúdo desgraçado e egoísta! Como foi capaz de nos fazer sofrer durante todos estes meses, a pensar que poderia ter morrido de peste nalgum sótão sem que nenhum de nós soubesse?

Apercebeu-se de que tinha o rosto molhado de lágrimas e então deu-se conta, pela primeira vez, do alívio que lhe provocava aquela notícia. E de quão grata estava a quem lha enviara.

– Já sabe? – sussurrou-lhe Mall na manhã seguinte. – É possível que regressemos finalmente a Whitehall! As Listas de Defuntos estão a decrescer e o rei recebeu um comunicado do duque de Albemarle, que permaneceu durante todo este tempo em Londres para manter a ordem. Diz que a peste está praticamente debelada. O Tom contou-me que todos aqueles corajosos clérigos, doutores e boticários que fugiram e abandonaram os doentes estão a regressar discretamente.

Frances pensou na Viúva Wyatt, gostando de saber se ela ficara em Londres ou se também abandonara a cidade ao seu destino.

Depois de receber notícias do duque de Albemarle, o rei estava assaz

desejoso por voltar.

– Ainda não! – rogou-lhe a rainha. – Asseguremo-nos por completo de que a cidade é um local seguro antes de regressarmos.

As suas aias suspeitavam de que a rainha tinha outro motivo para desejar manter-se na segurança de Oxford: estaria grávida de novo.

Quando tornou a sofrer um aborto espontâneo, assistir ao seu desgosto tinha sido lancinante.

Sua Majestade, desconhecedor da anterior perda da esposa, disse-lhe que estava simplesmente satisfeito por ela poder vir a conceber e tratou-a com grande ternura.

Mall e Tom foram dos primeiros a regressar, gesto que o rei apreciou. Contudo, era um lugar triste e mudado o que os esperava. Havia fossas da peste em muitos cantos da cidade e algumas casas continuavam entaipadas, mas os sinos começavam a repicar e os mercadores voltavam às ruas.

Mall, ao sair da carruagem, pousou uma mão no ombro de Tom.

– Escuta! Alguma vez ouviste um som mais agradável do que este?

«Olh’ós bolinhos!»... «Comprem a minha travessa de belas enguias!»... «Vinagre branquinho!»... «Ovos acabados de pôr, oito por quatro *pence*!» Os pregões, silenciados durante tanto tempo, tinham começado a ecoar pelas ruas que rapidamente se enchiam.

– Agora voltaremos à nossa casa e veremos quem pilhou e se aproveitou e quem tem sido honesto e leal.

Apesar de tudo, Mall estava de muito bom-humor. Londres estava finalmente a levantar-se da cama para saudar um novo dia.

Frances também ansiava por regressar, mas tinha de ficar com a rainha. Compadecia-se daquela senhora honrada, que sofria uma nova perda, sobretudo porque Lady Castlemaine estava tão obviamente de esperanças.

Porém, depressa o desejo da rainha de se encontrar ao lado do esposo se sobrepôs aos seus pesares e receios e, em março, também ela planeou o regresso a Whitehall. Por fim, Frances pressentia um certo otimismo no ar. A primavera começava a instalar-se, a peste partira e o grande

coração palpitante de Londres retomava de novo o seu ritmo.

E, assim, com um entusiasmo crescente, encheram a longa fileira de carruagens que as levaria de volta e encetaram a viagem de regresso. Alguns pequenos grupos de londrinos observavam e acenavam, satisfeitos por verem a rainha retornar, ainda que um ou outro cuspsse no chão, para demonstrar desprezo pela perfídia dos grandes que os haviam abandonado à mercê do destino, salvando o nobre couro.

Na primeira noite de volta ao palácio, Frances abriu a janela e escutou o pregoeiro que anunciava:

– Donzelas em camisas de dormir, olhem bem para as trancas da porta, para a lareira e para a vela, e que Deus vos abençoe nesta noite, à uma hora!

Enquanto Frances se debruçava à janela e inspirava o cheiro a fuligem que identificava Londres, o duque de Richmond abria uma mensagem que acabava de receber de Hannah.

Lorde Rochester e o conde de Grammont tinham voltado a surgir na vida do jovem Walter Stuart.

Para a noite seguinte, escrevera Hannah com grande diligência, haviam-lhe prometido uma grande e cativante animação. O irmão dela, Ezekiel, tentara dissuadi-lo de os acompanhar, mas Rochester tinha escrito um poema engenhoso a convidá-lo e Walter, tendo passado alguns meses tranquilos com a família amável e generosa do vigário de St. Giles' Camberwell, estava pronto a viver uma aventura.

– Afinal, o que pode realmente acontecer-me? – perguntou, sorrindo a Ezekiel. – Não tenho dinheiro que possa perder num jogo de cartas. Não posso esperar herança alguma, pelo que ninguém me emprestará dinheiro a contar com a minha futura fortuna. É possível que beba demasiado vinho branco das Canárias, mas isso valerá a pena para trocar algumas palavras espirituosas com o famoso Lorde Rochester.

Ezekiel tentou lembrá-lo de que tinha, e com razão, desenvolvido uma certa desconfiança em relação àquele cavalheiro corrupto, ainda que carismático, mas foi em vão.

Ele iria.

Assim, o duque apresentou à sua esposa um pretexto para se ausentar e, usando um manto e uma peruca emprestada que lhe ocultava o cabelo característico, acompanhado apenas por um criado, foi na noite seguinte para Camberwell. Ali, aguardou num beco que não distava mais de cinquenta jardas do vicariato até os dois nobres chegarem.

À medida que a noite avançava e uma neblina fria e húmida se instalava, o duque começou a recear que Hannah se tivesse enganado. Todas as luzes da casa já tinham sido apagadas, à exceção da vela que a lei exigia permanecesse acesa, para que os transeuntes vissem o caminho. Talvez Walter se tivesse juntado ao resto da família para as preces antes de se irem deitar.

No momento em que se espreguiçava e afagava o cavalo paciente, ouviu risos abafados. Uma carruagem tinha parado ao fundo da rua, com cinco ou seis folgazões, que sussurravam e brindavam com as suas garrafas. Uma cortina do piso térreo moveu-se, perto da vela isolada e, pouco depois, Walter Stuart saiu da casa.

Duas coisas impressionaram o duque enquanto esperava. A comovente aparência do jovem Walter e o quanto ele se assemelhava à irmã. Partilhavam o mesmo porte gracioso e hirto, com uma frescura admirável que não provinha da inocência, o que poderia ser uma qualidade fastidiosa, mas de uma franqueza amável, que não perdia tempo nem com fingimentos nem com calculismos.

Walter entrou na carruagem.

Por um instante, o duque hesitou. E se Rochester agisse levado por motivos inocentes, levando o rapaz apenas a um antro de bebida cheio de poetas e atores, onde mal algum poderia afetá-lo?

Contudo, segundo a sua experiência, os motivos de Rochester raramente eram honestos ou diretos.

O duque seguiu a carruagem a uma distância segura, à medida que aquela progredia para Camberwell Green e daí para a Elephant and Castle, avançando então por Newington Causeway até Borough High Street. Ali, suspirou de alívio. Encaminhavam-se para Bankside.

Dado o adiantado da hora, os espetáculos de acossamento de touros e

ursos já teriam terminado e todos os teatros estariam encerrados. Só os lupanares estariam a funcionar, com as prostitutas a bocejar enquanto se preparavam para mais uma noite longa.

O duque desmontou e prendeu o cavalo a um poste junto às escadas de Bankside. Tinha uma ideia do lugar aonde Rochester e de Grammont levariam o jovem protegido – um bordel famoso conhecido como Barrete de Cardeal, que ficava em Cardinal Cap Alley. Tinha de reconhecer que ele e os seus amigos reinadios haviam frequentado aquele lugar na juventude, quer para beberem até tarde, quer para possuírem uma mulher.

Portanto, que intenção teriam ao levarem Walter para ali? Seria um gesto prestativo? A dádiva de uma rameira, para o iniciar nas delícias da noite?

Suspeitava, no entanto, que a única oferta que Rochester teria prazer em dar seria aquela que pudesse transmitir sífilis a Walter. Toda a corte estava a par dos banhos de mercúrio administrados ao conde por uma certa madame Foucard, estabelecida em Leather Lane, para lhe aliviar os sintomas da doença. O duque entendia que aquele gesto poderia agradar ao seu rebuscado sentido de humor. Ou ao seu desejo de vingança.

Já ouvia o grupo de folgazões a aproximar-se, pelo que se esgueirou pela entrada das traseiras do Barrete de Cardeal. Um grupo heterogêneo de cavalheiros ocupava o espaço em vários estádios de embriaguez e de nudez, muitos alheios ao sítio onde se encontravam ou ao peito que apalpavam.

– Saudações, meu Lorde – cumprimentou-o uma voz deleitosa. – Há muito que não o vemos por cá. Mal o reconheci com essa peruca.

Uma mulher de meia-idade e desdentada, com um vestido de cambraia desbotado, saiu da penumbra.

– Lucy Loveless²⁵! – saudou-a ele.

– É esse o meu nome e tenciono mantê-lo assim, tendo visto o que o amor tem feito a todos vocês, cavalheiros.

O duque raciocinava depressa. A última coisa de que um jovem como Walter precisava era de um salvamento público. Já imaginava a história

a disseminar-se pela corte como lixívia a verter de um tanque de roupa, transformando o rapaz em objeto de troça. Teria de pensar em algo mais subtil.

– Lucy, posso pedir-te um favor?

– Vai pagar-me?

– Precisas de perguntar? Daqui a nada chegará um jovem na companhia de Lorde Rochester.

– Oh, esse. – Lucy cuspiu no chão. – Nenhuma prostituta com amor-próprio lhe toca. Tem a verga tão podre como carne de um mês. E é mesmo a isso que cheira.

– Ele virá com um jovem. Muito jovem. Quero que dê a mão a esse jovem e lhe digas que um benfeitor já tratou do pagamento. Depois embebeda-o com aguardente até ele não saber se é de dia ou de noite. De manhã, diz-lhe que tudo correu bem, que te montou como se defendesse a Inglaterra e S. Jorge, e manda-o feliz para casa.

O duque entregou-lhe uma maquia generosa e esgueirou-se de novo para o beco, esperando que ninguém tivesse reparado nele, no momento em que o alegre grupo de cavalheiros batia à porta com grande alvoroço, exigindo entrar.

Frances, que nada sabia da aventura do irmão, ficou naturalmente satisfeita ao vê-lo bem e feliz. Walter até falava de voltar a dedicar-se aos estudos. Já o duque parecia estranhamente reticente no que respeitava a Walter, e Mary precisou de muita astúcia para descobrir o que tinha de facto acontecido, após o que informou Frances, enviando-lhe uma carta.

Frances sentiu-se profundamente comovida e agradecida.

– Oh, que estratégia tão inteligente! – Parecia não ter ficado chocada com toda aquela história de prostitutas e bordéis, ou com o anterior conhecimento que o duque tinha daquele meio. – Superar o Rochester e salvar a honra de Walter, que tão facilmente poderia ter sido desonrado e humilhado.

A carta continha ainda a notícia de que Mary persuadira a mãe a

deixá-la regressar à corte dentro de algumas semanas, pois já estava completamente restabelecida.

À medida que a primavera aquecia e ia dando lugar a um bonito verão, a corte reparou numa mudança estranha no rei, que a todos alarmou bastante.

Aquele homem enérgico e entusiasmado, que não só governava um reino assolado por interesses rivais mas ainda encontrava tempo para as suas paixões igualmente fortes pela ciência e pelas mulheres, enquanto, em simultâneo, tentava combater as pilhagens comerciais dos Holandeses, estava, a pouco e pouco, a sucumbir a uma tristeza inquieta.

Todos deram por isso, de Barbara Castlemaine ao chanceler Clarendon. E todos estavam cientes do motivo.

A rainha organizava peças e bailes de máscaras em Greenwich, com fogo de artifício e os músicos de que ele mais gostava, sem qualquer efeito.

Lady Castlemaine tentava combater-lhe o abatimento experimentando novos truques na cama.

O chanceler optou por uma abordagem mais direta. Foi ver Mistress Frances Stuart e disse-lhe que ela estava a privar o rei da sua sanidade mental.

A envelhecer rapidamente, tolhido pela gota, o chanceler entrou nos aposentos dela no momento em que Frances se preparava para ir visitar a rainha. Desta vez, não o precedia um bedel a transportar a maça oficial, como era costume em todas as ocasiões, uma atitude cerimoniosa pela qual costumava ser ridicularizado.

– Venha, sente-se, Mistress Stuart. – Bateu com a mão no banco da janela, ao lado da sua volumosa figura. – As minhas pobres pernas já precisam de descanso.

Frances sempre gostara do conde pela sua honestidade inflexível e pelo brilho ocasional que os seus olhos ostentavam e que tornava agradáveis as suas palavras ríspidas. Podia ser alvo de uma dúzia de conspirações para o substituírem no cargo de chanceler, mas preocupava-se verdadeiramente com o rei.

– Tenho por regra nunca interferir nos assuntos amorosos do rei. – Os seus olhos franziram-se um pouco, tendo noção de que o que dizia não correspondia por completo à realidade. – Tento travar as depredações da Lady, é verdade, para que reste uma pequena soma nos cofres da nação depois de ela os saquear, mas nada mais. Se o rei deseja joias e títulos para as suas amantes, isso é com ele, ainda que eu duvide de que ele obtenha grande recompensa em troca. Mantive-me silencioso como um túmulo. Até agora. Ele não sabe que vim aqui. Na verdade, Lady Castlemaine julga-se minha inimiga, mas a sua raiva seria como uma brisa, comparada com o furacão do rei caso ele descobrisse; contudo, aqui estou. – Segurou-lhe uma mão com a sua, nodosa. – O rei sofre como nunca o vi sofrer. Ele poderia dar-lhe uma ordem. Mas não o faz. Pede-lhe; roga-lhe. Não poderá apiedar-se dele, a bem da nação?

Frances levantou-se, retirando a mão da dele.

– Não resisto ao rei, como alguns supõem, por refulgir com virtude como se fosse um farol de luz sagrada. Faço-o porque desejo outra vida!

– E essa outra vida – perguntou o chanceler Clarendon com uma delicadeza surpreendente –, há alguma perspetiva de a atingir? Será com algum cavalheiro que não ouse ofender o rei?

– É mais complicado do que isso.

– Ah. Então não é somente Sua Majestade quem se interpõe no caminho da sua felicidade?

– Não.

– Nesse caso, não poderá apiedar-se do rei, pelo menos por ora? Até essa outra vida se tornar uma possibilidade? Bem sei que a virgindade não é facilmente restaurada...

– Que me importa a virgindade?! – ripostou Frances. – Não é a virgindade que me esforço por proteger, mas a minha honra. Se amo outro homem, ao ir para a cama do rei estarei a enganá-lo e isso é algo que não quero.

Clarendon observou-a, sopesando as palavras dela sem troçar.

– E, no entanto, tanto quanto percebo, é possível que nunca venha a ter esse homem que crê amar.

Era aquela a verdade cruel e dolorosa. Um facto que ela não podia evitar.

– Então não terei ninguém.

– Mistress Stuart, condoo-me do rei. De todas as do seu sexo, ele escolheu uma dama cujo coração é feito de basalto.

– Isso não é verdade! – As lágrimas começavam a turvar-lhe a visão.

– O meu coração não é de pedra. Acelera, salta e derrete-se como qualquer outro. Mas a honra é aquilo que mais define uma pessoa. Se me entregar ao rei sem honra, engano-o tanto a ele como a mim mesma, para além do homem que amo.

Clarendon pôs-se de pé.

– Mistress Stuart, gosto de si e admiro-a. As outras damas que ele corteja têm sangrado o rei e o país, deixando-os secos. Têm demonstrado ganância e rapacidade, sem que ele alguma vez tenha conseguido recusar-lhes o que querem. A senhora nada pediu. E, não obstante, apesar de todas as falhas de Sua Majestade, lamento-o e à cama de espinhos em que se encontra.

Todavia, o rei não teve muito tempo para definhar na sua cama de espinhos, pois outro desafio, quase tão grande como o último que se abatera sobre Londres, aguardava nos fornos do padeiro Thomas Farriner, fornecedor da Marinha, em Pudding Lane, e, a qualquer momento, ganharia um ímpeto maligno e destrutivo.

Capítulo 19



– É tão injusto! – queixa-se Cary Frazier a Frances, num tom crítico. – Temos todas de nos vestir de negro pelo falecimento da rainha-mãe, mas a senhora fica com muito melhor aspeto do que nós, que parecemos corvos em fila, enquanto a senhora nasceu para usar essa cor.

– Nasci para usar o preto! Isso não é lá grande elogio – retorquiu Frances com vivacidade. – Como se eu devesse ser viúva ainda antes de ser noiva!

– Não, não – Jane La Garde, que não compreendera o gracejo, tentava, como era seu costume, apaziguá-las. – Acontece apenas que a Frances é muito loura e o seu cabelo contrasta muito bem com o pano escuro.

– Mas cabelo claro não é o que dita a moda, como a minha irmã Sophia tanto gosta de me recordar. E se fico bem de preto, é porque sou uma gigante a quem esta cor não faz parecer uma anã.

Estavam a preparar-se para as orações de domingo e, desde que a mãe da rainha Catarina morrera, umas semanas antes, todas as aias estavam sentenciadas a envergar o negro mais profundo, sem joias, penas, flores ou quaisquer outros adereços.

– Viram como Lady Castlemaine parecia grosseira e comum sem as joias e moscas no rosto? – perguntou Cary, com os olhos a iluminarem-se, dada a satisfação que isso lhe causava.

Antes que Frances pudesse responder, a condessa de Suffolk entrou

nos aposentos da rainha e bateu palmas.

– Tragam os leques, senhoras. Lá fora, mesmo a esta hora, faz calor como se fosse meio-dia. Nunca vi um verão assim. – Começou a abanar-se energicamente. – E receio bem que o pastor esteja a planear um sermão longo... – Todas suspiraram e gemeram. – Será bom para as vossas almas. E, quando o rei adormecer, como sempre acontece, nada de sussurros ou risos. Cabe às damas de companhia dar um bom exemplo às senhoras de menor estatuto. Vamos!

Obedientes, seguiram Lady Suffolk até à capela, ignorando o comentário grosseiro de um grupo de galãs que, encostados a uma parede, discutiam qual das aias levariam para a cama, caso fossem o rei.

A condessa tinha razão quanto ao sermão do pastor ser longo, mas não acertara na previsão de o rei ir adormecer.

Na verdade, o rei fitava-o com um olhar furioso, pois o homem escolhera o capítulo 13 do Apocalipse, recordando à congregação que o número da Besta era o 666 e que, dado correr o ano de 1666, todos tinham esperado uma terrível catástrofe.

– As pessoas temiam que, no ano do Senhor de 1666, houvesse peste, guerra e fogo – ribombava o pastor, com toda a paixão de um Solomon Eagle. – E já fomos visitados pelas duas primeiras: a peste e a guerra! Quanto tempo faltará para que esta pecaminosa corte seja visitada pelo terceiro castigo?

O pastor olhava para os cortesãos reunidos com uma expressão acusadora, não evitando sequer o próprio monarca.

– Tolo! – murmurou o rei para o conde de Clarendon, sentado a seu lado. – O que tomou possessão do homem para estar com esta conversa sobre outra catástrofe? Ninguém lhe disse que, quanto mais se mexe, pior cheira? Não acabamos de recuperar da peste, para ele agora vir falar de coisas piores prestes a acontecer? Ora!

Um burburinho ao fundo da igreja fê-lo olhar de relance para trás. Um gentil-homem da câmara aproximou-se com uma mensagem de Mister Pepys, do Conselho Naval, o qual precisava de falar urgentemente com Sua Majestade.

Contente por poder escapar ao sermão mal assisado, o rei levantou-se e saiu a passos largos.

– Obrigado, Mister Pepys. – Apertou a mão do responsável pela Marinha, que envergava o seu melhor traje domingueiro, com um manto de cetim e um lenço de seda branca, embora tivesse o rosto muito vermelho por ter vindo a correr debaixo do calor que, mesmo em setembro, continuava a fazer-se sentir. – Poupe-me a um sermão cansativo. O sacerdote jurava por Deus que, apesar de termos sofrido a guerra e a peste, somos tão pecadores que ainda poderemos ser visitados pelo fogo!

Mister Pepys ficou com um ar assombrado, como se tivesse visto um fantasma.

– Mas é verdade, Vossa Majestade. Foi isso que vim dizer-lhe. Deflagrou um grande incêndio na cidade, muito perto de Thames Street. No estabelecimento de um fornecedor da Marinha. O *mayor* não está a dar-lhe a devida atenção. Diz que uma mulher podia apagá-lo se lhe urinasse em cima, mas eu vi-o com os meus próprios olhos, e grassa pela cidade como um fósforo numa caixa de madeira.

– Um incêndio! Agora é que já temos tudo. Dê ordens ao Bludworth para que derribe todas as casas no caminho do fogo. Temos de o travar antes que as chamas ganhem terreno. A cidade já está de rastos.

Enquanto Mister Pepys se apressava a ir cumprir as ordens, o rei chamou o irmão, o duque de York, e ambos partiram para examinarem em conjunto a extensão do desastre.

O rumor de que um fogo havia deflagrado correu a voz entre a assembleia de fiéis, quase tão levemente como as próprias chamas. Grupos de cortesãos preocupados reuniram-se ao fundo da igreja, todos receosos pelas suas casas, pelas dos familiares e pelos bens preciosos que preservavam ali e acolá, querendo saber até onde chegavam as labaredas.

– Não fiquem ansiosos. O fogo está contido pelas muralhas da cidade – anunciou a condessa de Suffolk num tom ríspido. – Temos uma casa junto ao rio e o meu marido enviou-me um recado, dizendo que o

incêndio não tardará a ser extinto. Agora há aqueles novos veículos de combate a incêndios pelos quais as guildas da cidade pagaram bom dinheiro, afinal.

Surgiram novidades de uma fonte inesperada quando Mary Lewis, alheia aos perigos a que se arriscava quando encetara a viagem, chegou inesperadamente do rio, vinda de Cobham.

– Mary! Mary, está bem? Passou pela cidade e viu o fogo?

Ela estava com um ar pálido e cansado. Assentiu com a cabeça.

– Vi para aí trezentas belas casas, todas a arder, e pessoas a correrem pelas ruas e a rebentarem canos de madeira com machados para conseguirem encher os baldes. Outras corriam em busca de barcos. Houve uma que saltou para o nosso bote, apesar de estarmos a avançar na direção oposta à que queria.

– Mas porque está aqui? E sozinha? Pensei que só viria daqui a alguns dias.

Em resposta, Mary sentou-se e começou a chorar baixinho.

– É a minha mãe. Sei que no passado me tratou com severidade, mas recentemente parecia estar mais branda. Talvez por fim tenha dado valor à filha que tem, apesar de ser uma filha feia como eu.

Frances não sabia o que pensar. O rancor da duquesa pela filha ainda estava bem presente na sua memória, mas percebia o amor que Mary lhe dedicava, apesar de tudo o que sofrera à mercê de mãe tão desapiedada.

– Está doente. Pensam que se trata de febre quartã ou de uma sezão. Ninguém sabe o que fazer. A cada sangria, parece ficar mais fraca. – Mary levantou-se num pulo e agarrou-se a Frances, o corpo magro sacudido por soluços. – Ela é tudo o que eu tenho. Não tenho irmãos nem irmãs. O duque tem sido amável comigo, mais do que ela. E, no entanto, é a minha mãe. Poderá ir à sua boticária? Disse-me que foram os bons serviços que lhe prestou que permitiram que eu sobrevivesse à febre maculosa.

Frances desviou o olhar, com um conjunto de emoções antagónicas. Havia, para começar, o perigo de ir à cidade quando parte desta ardia. E que razão tinha para colocar em risco as vidas delas por causa de uma

harpia que demonstrara tão pouca bondade para com aqueles que mais a mereciam, incluindo a própria filha? Debaixo destas considerações existia outro pensamento perigoso e mais profundo, que a envergonhava.

Se Margaret morresse, o duque, finalmente, seria livre.

E, todavia, foi esse o pensamento que a levou a concluir que não tinha alternativa. A bem da sua própria consciência, teria de fazer tudo o que pudesse para salvar a duquesa.

– Por favor, Frances – implorava Mary, com o rosto exangue de esforço –, tentemos ao menos consultar essa sábia.

– Se aquilo que ouvimos é verdade, é possível que tenha fugido ao fogo.

– Se tiver fugido, regressaremos a Cobham e rezaremos.

Frances acenou com a cabeça, pois tinha de dar à jovem ao menos aquela esperança.

– Iremos. – Hesitou. – Como está o duque?

– Ele cuida bem dela, apesar dos diferendos entre eles, embora ela não lhe agradeça nada. E bebe demasiado vinho. – Encolheu os ombros, com um pequeno sorriso a iluminar-lhe o rosto contraído. – Mas quem poderia culpá-lo? A minha mãe levaria qualquer homem a beber!

– Vamos. Para irmos, não podemos perder tempo, antes que as chamadas avancem mais.

O primeiro barqueiro que chamaram mostrou-se relutante em transportá-las para qualquer sítio perto da doca Three Cranes.

– Todos estão assustados, senhoras. Thames Street está cheia de armazéns com alcatrão e pez, e há madeira e carvão por todo o lado. E a estalagem Star, ali perto, está cheio de feno para os moços da estrebaria. Levo-vos até onde me parecer que é seguro e mais não, juro pela minha vida.

Mesmo ali na margem do rio, a quase duas milhas do incêndio, sentiam um estranho cheiro acre, mais forte ainda do que o habitual fedor londrino. Era um odor penetrante de cinzas misturadas com resina e terebintina, *brandy* e pimenta dos armazéns a arder. Ao longe, logo a seguir à curva do rio, via-se um fulgor, como se um gigante sol

vermelho estivesse prestes a nascer para lá do horizonte. O efeito causado era inquietante, como se um tremendo fenómeno antinatural estivesse quase a acontecer.

Fizeram toda a travessia em silêncio, observando a aproximação das chamas.

Com o duque de York a seu lado, o rei passou na barcaça real, de feições circunspectas realçadas pela luz, sem qualquer expressão no rosto, aguardando para ver que novo desastre tinha ocorrido na capital.

Quando a barcaça se acercou de Queenhithe, ele saltou para as escadas. Um grupo de moradores já estava a tentar apagar as chamas em Thames Street, ali perto, mas em vão.

– Bons homens! – gritou e procurou no bolso uma mão-cheia de soberanos para os encorajar.

Um momento depois, Frances viu que ele próprio se encarregava da organização do combate ao fogo, chamando soldados para auxiliarem os civis naquela terrível tarefa, com o duque de York ao comando. Viram-no desaparecer nos estábulos por trás da estalagem Star, para emergir então na garupa de um belo cavalo branco. O animal empinou-se com o susto ao ver-se rodeado por tal multidão e pelas labaredas que crepitavam por todo o lado, e parecia ir desatar a galopar com o monarca de Inglaterra. Porém, quando este lhe disse algumas palavras em voz baixa, o animal acalmou-se e, a partir de então, mostrou-se indiferente aos gritos de mulheres apavoradas e ao ribombar de carroças pelas quais passava, carregadas de pertences.

Em Blackfriars, onde Frances e Mary finalmente desceram, o incêndio ainda não grassava de forma tão drástica. Conseguiram avançar por entre a multidão que se dirigia para o rio e pelos grupos de homens enegrecidos que passavam os baldes de cabedal e praguejavam por o rio ter tão pouco caudal, devido ao verão tórrido, e por as bombas de água terem falhado.

Frances reparou que todos os mercadores de Paternoster Row, onde Margaret as enviara em busca do seu fato de montar, estavam a recolher os bens para os levar. Pratas e ouro estavam a ser enviados para a Torre

e todos os outros produtos valiosos para a nave da catedral de São Paulo, pois esperava-se que as paredes de pedra e a proteção do Senhor os mantivessem a salvo aí.

– O Mercado Real pegou fogo! – gritou um mercador para outro.

Com tristeza, Frances recordou os vendedores de seda e tecidos delicados nas suas elegantes galerias, que ela visitara com tanto deleite quando chegara a Londres.

Deus fosse louvado, pois a casa da Viúva Wyatt, que ostentava o símbolo do unicórnio, mantinha-se até então intacta. Porém, uma multidão irada agrupava-se à porta e começara a puxar do interior da botica um jovem de ar estrangeiro e cabelos longos e escuros.

– Amarrem-no à tabuleta! – ordenava uma jovem. – O vigia viu-o a atirar um embrulho para aqui para atear um incêndio. São os Franceses e os papistas que estão por trás desta destruição, tão certo quanto eu ser protestante fiel.

Lançaram mãos ao rapaz, ignorando os protestos da viúva aos gritos, que garantia que ele era o seu assistente e que o embrulho era inofensivo.

Não fosse o duque de York ter passado com uma companhia de guardas, o jovem decerto teria acabado ali.

– Deixem-no! – ordenou o duque, reconhecido de imediato como um homem de autoridade, apesar de não envergar o seu uniforme. – Não se trata de obra dos Franceses nem dos papistas, a culpa é do tempo tórrido que nos assou durante todo o verão sem uma gota de chuva.

– Pois, está-se mesmo a ver que ele ia dizer isso, pois também é mais ou menos papista – resmungou uma velha desdentada.

Não obstante, obedeceram-lhe e dispersaram.

– *Mistress Stuart?* – perguntou, espantadíssimo. – Com mil demónios, que faz tão longe de Whitehall, no meio deste perigo? O rei sabe que se encontra aqui?

Frances abanou a cabeça.

– Não nos demoraremos, mas aqui a jovem Mary veio em busca do auxílio desta boticária, pois a mãe dela adoeceu.

Apontou para a botica e para os ocupantes aterrorizados. O duque de York encolheu os ombros.

– O melhor remédio é não procurar remédio, se querem saber a minha opinião. Vamos, homens! Temos de levar baldes para o Mercado Real e salvar o que pudermos.

Cavalgaram em direção à estranha luz cor de laranja, que fazia com que todos brilhassem como se fosse o crepúsculo.

A multidão carrancuda, percebendo a familiaridade que ela tinha com as autoridades, abriu alas com relutância para que Frances e Mary entrassem na botica.

– Viemos perguntar-lhe se levaria em consideração uma incumbência – disse Frances à viúva, enquanto fechava a porta e se encostava a ela. – Que seria a de acompanhar a Mary, que aqui está, até perto de Gravesend, e aí cuidar da mãe dela, que sofre de febre quartã ou de uma sezão. Pagar-lhe-emos bem.

– Quase diria que ficaria aqui até arder no meio da casa. – A Viúva Wyatt abanou a cabeça, parecendo de repente muito velha. – Mas a população é capaz de voltar e depois enforca-nos aos dois, por isso, sim, irei, embora não possa prometer-lhe que consiga curar a sua mãe. – Apontou para a fileira de grandes jarros e frascos ao fundo da loja. – Mas só irei se aceitarem ajudar-me a guardar os meus jarrões na igreja.

E, assim, ajudaram-na a levar os jarrões de cerâmica, que continham essências, óleos e pós, para a nave de St. Mary le Bow, empurrando e sendo empurradas pelas multidões de mercadores que se acotovelavam uns aos outros pelas últimas réstias de espaço sagrado no qual pudessem preservar os seus bens ímpios.

Quando terminaram, Frances agarrou numa bolsa com moedas que conseguira poupar e entregou-a a Mary para a viagem e outras necessidades que a boticária pudesse ter. Aguardaram enquanto a Viúva Wyatt selecionava um tónico, xarope de papoilas e um pedaço de tronco malcheiroso de árvore-da-febre,²⁶ com que, dizia ela, os jesuítas juravam tratar as sezões, ainda que ela não acreditasse em nenhuma tolice religiosa.

Caminharam tão depressa quanto eram capazes pelas ruas estreitas, cujas fachadas com alpendres ficavam tão próximas umas das outras que o fogo nem precisaria de parar para recuperar o fôlego, saltando incessantemente de uma casa para a seguinte.

Junto ao rio, despediram-se.

– A viúva fará tudo o que puder pela sua mãe. E eu rezarei por ela.

Mantiveram-se por um momento no meio da algazarra e das chamas, o suficiente para que Frances visse no olhar de Mary que esta percebia a profundidade do seu sacrifício.

Desde que haviam chegado, apenas uma hora antes, o extenso Tamisa apinhara-se ainda mais com barcos e batelões carregados com os pertences dos londrinos em fuga. A pequena embarcação mais próxima delas estava cheia, quase a ponto de se afundar, com marido e mulher, quatro crianças, todos os seus haveres e, numa ponta, prestes a desequilibrar todo o barco, um par de espinetas.

Diante de Frances, um pombo caiu morto a seus pés. Ela olhou para cima e viu que em todas as janelas, mesmo nas casas a arder, havia pombos nos parapeitos, paralisados pelo medo, até que as chamas começavam a lambe-lhes as patas e as penas e eles caíam, um por um, como se tivessem sido abatidos. Por todo o lado havia o cheiro a casas incendiadas, gritos de mulheres, o crepitar de madeiras e o ensurdecido repicar de alerta dos sinos das igrejas que ainda se mantinham de pé.

Quando o seu próprio bote ficou cheio, Frances partiu rio acima. Até na água caíam do céu grandes flocos de detritos em chamas, pegando fogo a tudo, aos pertences e às roupas que levavam vestidas, chegando a parecer que o próprio rio estava em chamas. Frances olhou em volta, espavorida, vendo o rio de fogo dourado e ardente, como se uma punição divina estivesse de facto a assolar a capital e os seus cidadãos.

Até as dobradiças e os cadeados das prisões haviam derretido, deleitou-se o barqueiro a contar, e os prisioneiros tinham fugido.

Ao longe, por entre o contorno dos edifícios derruídos, viram que o telhado da graciosa igreja de St. Mary le Bow – cujos grandes sinos declaravam que quem quer que nascesse no raio de audição do seu

repicar era um londrino – acabava de se incendiar, com os jarrões e os frascos da viúva lá dentro.

– É de partir o coração – suspirou Mall, com a voz a falhar-lhe enquanto escutava os estragos que o inspetor do rei acabava de apresentar a Sua Majestade. – Catorze mil casas e oitenta e sete igrejas destruídas, entre elas a catedral de São Paulo.

Conforme Tom realçou num tom solene, em três dias a cidade mais exuberante do mundo fora reduzida a um monte de ruínas, na qual as ruas só eram reconhecíveis pelos restos emaranhados das igrejas que outrora as adornavam.

E, todavia, Frances estava pronta a admitir que o rei mostrara grande coragem e capacidade de liderança, ordenando a destruição de mais edifícios para criar corta-fogos e enviando comida aos milhares que haviam fugido e estavam acampados em Moorfields, na aldeia de Islington, na Piazza de Convent Garden e no distante terreno de Highgate.

Porém, apesar de todas as ações tomadas, só quando o vento mudara de direção e desaparecera se tinha o fogo finalmente extinguido.

A maioria dos homens sujeita à peste, à guerra e ao fogo poderia sucumbir ao remorso ou à tristeza, ou até perguntar-se se teriam razão os profetas – teria a licenciosidade da corte de Carlos provocado deveras tal devastação? Seria Londres realmente a Sodoma e Gomorra do presente, visitada pelo fogo e o enxofre pela fúria dos céus? Contudo, o rei era um homem racional e não um crente no castigo divino. Também era firmemente prático e tinham-se passado apenas alguns dias quando tornou a convocar os seus inspetores e começou a planejar uma nova cidade.

Apesar do pesado golpe financeiro provocado pelo fogo e dos boatos de invasão, quer dos Holandeses quer dos Franceses, estando ambas as nações ávidas por se aproveitarem das dificuldades da Inglaterra, o rei manteve a coragem e começou a pensar numa negociação pacífica para pôr fim à guerra e instilar um recomeço na nação.

Foi com este espírito otimista que uma ideia ocorreu ao rei Carlos.

– Assim que a paz estiver obtida, desejo que seja cunhada uma medalha de prata que tenha a minha efígie de um lado e a de Britânia a dominar as ondas, do outro – decretou.

Mas quem poderia personificar a pureza, a beleza e a força de Britânia?

Difícilmente Lady Castlemaine, com a sua reputação maculada, ou a rainha, que era, afinal de contas, portuguesa. Aos olhos de Carlos, só havia uma mulher adequada a tamanha honra.

E foi assim que, logo que as cinzas assentaram, Frances se viu numa viagem até à Casa da Moeda, para que o seu retrato fosse captado por um certo Jan Roettier, o mestre gravador do rei.

Ela ficara muito sensibilizada com o pedido do rei. Ser o rosto do seu país era uma honra de profunda repercussão, sobretudo numa altura tão nefasta para Inglaterra. Se Carlos acreditava que uma medalha assim poderia animar a nação naquela hora tão sombria, ela teria todo o gosto em aceder.

Especialmente porque a ideia deixara Barbara completamente de cara à banda.

– É só para a subornar e convencer a ir para a cama com ele, quando todos os outros meios falharam – dizia Barbara aos amigos, com os seus olhos violeta semicerrados. – Agora apela à vaidade dela. Mas ela vai pagar por isso, tão certo quanto eu estar viva e respirar.

A verdade era que Frances se sentia grata por ter aquela distração. Quando ficava sozinha, não parava de se interrogar como estaria a duquesa de Richmond, e se a viúva conseguiria curá-la. Posar como Britânia seria uma nova experiência animadora. A rainha, sempre generosa, ainda que pudesse ter sentido uma pontada de inveja, depressa a esqueceu.

Ao chegar pelo rio ao Portão dos Traidores, Frances sentiu um calafrio de apreensão. Quantas pessoas haviam entrado naquelas muralhas, de Thomas More à rainha Isabel, passando pela triste Lady Jane Grey, perguntando-se se alguma vez tornariam a sair? Os seus

pensamentos voaram até ao duque de Richmond, ali confinado pelos sentimentos que nutria por si e que o rei não perdoava.

A Real Casa da Moeda ficava numa estrutura longa e estreita que ocupava três lados dos complexo perto da poterna, junto a Little Tower Hill.

E que mulher não se encantaria ao descobrir que o gravador principal da Casa da Moeda, Jan Roettier, um homem bem-apegoado de trinta e cinco anos, ficava embevecido por si à primeira vista? Sobretudo depois de perceber que ela era uma jovem que de facto se interessava pelo processo da cunhagem de moedas e medalhas.

Ele mostrou-lhe reverentemente as novas prensas de parafuso e os laminadores, que só recentemente haviam substituído o antigo processo de fazer moedas marteladas.

– Agora conseguimos fazer trinta moedas por minuto! – informou-a Roettier, muito entusiasmado.

– E quantas faziam antes? – perguntou Frances, observando um trabalhador sentado junto à base da máquina a tirar moedas da prensa e a inserir novos discos em branco.

– Menos de metade. Imagine, talvez um dia seja o seu rosto a ser estampado nas moedas de Inglaterra!

Frances riu-se.

– Aparecer na medalha do rei já me deixa satisfeita.

– Primeiro terei de pintar o seu rosto. – Tinham chegado a uma pequena divisão na extremidade do edifício que se encontrava mais próxima do rio, onde a luz era boa. Apontou para um painel. – Se vestisse o camiseiro que está pendurado ali atrás, ficaria muito agradecido.

Frances engoliu em seco ao ver que o camiseiro era muito fino. Vestiu-o, e os contornos do seu corpo ficaram delineados e, à luz fria daquela tarde de inverno, sentiu os mamilos enrijecerem, deixando-a envergonhada.

Quando finalmente saiu de trás do painel, descobriu que tinha sido colocado um banco diante doutro painel, todo branco, o que lhe dava a

sensação de ser um alvo num campo de tiro.

Percebendo o desconforto dela, Jan Roettier estendeu-lhe uma mão e levou-a até ao banco como se dançassem um *courante*. Então ela instalou-se, grata por ter a altura suficiente para chegar com as sandálias ao chão, em vez de se ver obrigada a ficar ali sentada com as pernas a abanar como um pardalito gordo num poleiro. Roettier contemplou-a em silêncio, após o que se aproximou e ajeitou o camiseiro para lhe expor o ombro esquerdo.

– Mistress Stuart, tenho uma longa experiência de fazer reproduções e sei apreciar algo raro e belo quando o vejo. Acredite em mim, isso não acontece com frequência.

– Nesse caso, espero que seja bem-sucedido a reproduzir a minha raridade e beleza para a medalha do rei – respondeu ela a rir-se; Roettier começava a rir também quando a porta se abriu e um pequeno cão entrou, seguido de imediato pelo seu dono, Sua Majestade Real, o rei Carlos II.

Frances e o gravador calaram-se, surpreendidos com chegada inesperada.

– Intrometo-me num momento privado? – perguntou ele.

Roettier descreveu uma vénia profunda.

– Com certeza que não, Vossa Majestade. Estava apenas a dizer a Mistress Stuart que, com a minha vasta experiência, a considero um modelo adequado para uma medalha.

Carlos riu-se.

– Aposto que estava, seu patife. E, diabos me levem, de facto é. Mistress Stuart tem uma beleza rara e imaculada... eu bem sei, pois tenho-me esforçado ao máximo para a macular! – O monarca riu-se com gosto da própria piada e depois suspirou. – Por vezes penso que é a única coisa inocente em toda a minha corte. Por isso, atente à conduta que terá com ela, mestre Roettier. Já não está em Antuérpia, homem. Neste país, temos formas de lidar com os nossos cunhadores quando transgridem. Podemos cortar-lhes a mão com que gravam e pregá-la por cima da bancada de trabalho. Pois, ou podem enfrentar o calvário dos

ferros em brasa, por isso, porte-se bem.

Reparando no rosto assustado do homem, Carlos apiedou-se dele.

– Não tenha medo, isso foi na Idade das Trevas. Hoje em dia deixamo-los em paz, se forem suficientemente bons no trabalho que fazem. Já viu o Grande Selo em que Mister Roettier está a trabalhar, Belle? Quando estiver terminado, todas as leis promulgadas nesta terra terão a gravura executada por Mister Roettier. Agora deixe-nos a sós por um momento, há algo que desejo discutir com Mistress Stuart.

Assim que ficaram sozinhos, o rei aproximou-se e postou-se diante dela. Sem aviso, puxou-lhe o camiseiro mais para baixo, até ela ficar com o peito exposto. De repente, os lábios do monarca estavam no pescoço dela e ele ofegava.

– Ouça-me... pare com esta resistência vã. – Fitou-lhe os calmos olhos cinzentos e uma espécie de loucura apoderou-se dele. – Dar-lhe-ei qualquer coisa se se render! Será duquesa e eu enviarei todas as outras embora, incluindo Lady Castlemaine. Terá propriedades, joias, títulos, tudo! Só mantenho a Barbara porque a senhora não me concede o derradeiro favor e, sem esse lenitivo, enlouqueceria. – Segurou-lhe o rosto e virou-o para si, magoando-a. – Mas não é um lenitivo que eu desejo, mas amor. Se ao menos pudesse amar-me, Frances Stuart!

– Mas sabe que não posso.

Os olhos dele fixaram-se nos dela.

– Porém, se não pode dar-me o seu coração, contentar-me-ei com o seu corpo.

Ouviu-se uma batida ríspida na porta e Mister Roettier entrou, anunciando que tinha de dar início ao trabalho antes que a luz desaparecesse.

– Maldita seja a luz! – foi toda a réplica que obteve de Sua Majestade. – Pense nisso, Mistress Stuart. Dar-lhe-ei uma semana para que venha ter comigo de livre vontade. Depois disso, se tiver de ser forçada, assim será.

Foi uma hora silenciosa a que se seguiu, enquanto Jan Roettier esboçava o rosto encantador de Frances Stuart, imaginando, mergulhado

num silêncio ciumento e com uma certa inveja vergonhosa, a sensação que se teria sendo um monarca tão poderoso que pudesse ordenar aos súbditos que se lhe entregassem de corpo e alma, quer estes o quisessem, quer não.

– Ele não o fará. Apostaria cem anjos em como não o fará. – Mall virou-se para Tom, enrolado nos lençóis ao lado dela. – O que achas tu, marido? O rei forçará realmente Frances a submeter-se-lhe?

Apesar de o sol ter nascido havia muito, estavam deitados na ampla cama do quarto de Mall, com uma taça de fruta deliciosa ao lado, que tinham começado a comer antes de se distraírem com outros prazeres.

– Ele não é um tirano noutras questões. – Tom encolheu os ombros, com os raios de sol a iluminarem-lhe a pele nua. – Mas, quanto a isto, quem sabe? Foi paciente durante muito tempo.

– E é assim que vocês, homens, ultrapassam a resistência – Mall espetou um dedo no peito dele, provocando-o –, dando uma semana de aviso para uma rendição forçada? Mas que belo comportamento!

– Eu não sou um rei – replicou Tom, com um sorriso ocioso. – Se fosse, não esperaria uma semana.

– Tomarias o que quisesse de imediato?

Ele inclinou-se para ela.

– E não daria tréguas.

Mall riu-se, deliciada.

– Oh, parem, vocês os dois! – Frances, entrando no quarto, juntou-se aos risos. – Ainda bem que não é o rei. – Suspirou, de novo séria. – Cheguei a uma conclusão.

O tom subitamente decidido fez com que ambos se sentassem.

– E que conclusão é essa? – perguntou Mall enquanto se tapava com o lençol.

– Não tenho sido justa para com o rei. Tenho sido firme na minha rejeição, mas houve alturas em que o deixei pensar que, no fim, tudo seria possível. Ele tem razão. Brinquei com os seus afetos durante demasiado tempo. A verdade é que preservei a minha inocência mas

perdi a honra. Agora tenho de me decidir. Estarei disposta a partilhar o seu leito? Se não estou, tenho de deixar esta corte e encontrar um esposo. Qualquer um que não seja cego ou surdo e tenha cabelo e dentes servirá. – Sorriu ao casal na cama, que, de tão espantado, ficara em silêncio. – Na verdade, qualquer cavalheiro com mil e quinhentas libras por ano que me aceitasse com honra bastaria.

– Perdoe-me – interrompeu Mall, apoiando-se num braço. – Será esta a mesma Frances Stuart que não cederia, ainda que pudesse ser duquesa, a que agora se contentará com umas míseras mil e quinhentas libras?

– Isso era para ser amante. Isto será para ser esposa. Ao menos terei uma oportunidade de conseguir uma vida digna. E será necessário que lance uma rede bem grande, pois quem se atreverá a roubar a menina dos olhos do rei?

Mall resfolegou.

– Então arranje um velho. É melhor ser a querida de um velho do que escrava de um jovem. – Acariciou o braço de Tom num gesto lascivo. – Ainda que haja vantagens...

Uma batida na porta fez com que Frances se sobressaltasse, como se temesse tratar-se do próprio rei.

Enquanto Mall e Tom, entre risos, saíam da cama para se vestirem, Frances abriu a porta e deparou-se com Jane La Garde no corredor.

– Frances! Que contente fico por encontrá-la! Procurei-a por toda a parte. – Havia um entusiasmo estranho e contido em Jane que ela nunca antes vira. – Tem uma visita no jardim privado que precisa de a ver com urgência.

– Quem?

Frances pensou que poderia ser a mãe, a irmã ou talvez Mary. Contudo, porque se comportaria Jane daquela forma, como se detivesse um grande segredo, caso se tratasse de uma delas?

– Ele disse que eu não podia contar-lhe.

Jane ruboresceu, ficando da cor do dossel vermelho de tafetá, como se até aquilo fosse mais do que decidira revelar.

– Vou já.

Frances fechou a porta e encostou-se à madeira, acometida por uma premonição súbita do que ia acontecer, sentindo um turbilhão nos ouvidos, como se estivesse ao lado de uma cascata e pudesse cair para a corrente a qualquer momento.

²⁶ No original, «Fever tree», nome comum pela qual é conhecida em inglês a espécie *Acacia xanthophloea*. Contudo, a referência aqui feita é à «casca dos jesuítas», neste caso um arbusto, a chinchona, de onde se extrai o quinino que, pela primeira vez, estes padres transmitiram ao Velho Mundo, para tratar a febre quartã, sintoma típico da malária. (N. da T.)

Capítulo 20



Naquela manhã fria de janeiro, as árvores do jardim privado estavam despidas e definhadas, tudo o que era verde tinha morrido. E não havia pássaros a cantar.

Parecia que só um ser vivo respirava em todo aquele espaço.

Ele estava encostado ao relógio de sol. Os raios oblíquos do sol iluminavam-lhe o cabelo arruivado como o halo de um anjo. Quando se virou, ela viu que tinha as roupas enlameadas e as faces ruborizadas pela longa cavalgada.

Charles Stuart, terceiro duque de Richmond e sexto de Lennox, não era um herói romântico de um livro ilustrado. Faltava-lhe a bazófia dos tios, aqueles heróis da causa monárquica que se haviam lançado com tremendo arrojo para a batalha. Contudo, o seu olhar continha tanto calor quanto boa disposição e, naquele momento, fitava Frances com tanto amor contido durante tanto tempo que ela só podia correr para os seus braços.

No último instante, ela controlou-se.

– Vossa Senhoria de Richmond, como está a sua esposa? Recuperou?

O duque endireitou o corpo alto.

– Eu a Mary queremos agradecer-lhe por nos ter enviado a boticária. A mulher fez tudo o que pôde para nos ajudar na aflição em que nos encontrávamos. Porém, tenho a lamentar a morte da minha mulher, falecida há quatro dias e enterrada ontem no jazigo da família dela. A

Mary ficou em Boarstall e pediu-me que lhe transmitisse o seu afeto.

O coração de Frances saltava.

– Lamento a sua perda.

Um instante de silêncio seguiu-se, no qual se digladiavam palavras não proferidas, fortes como soldados a debater-se num campo de batalha.

– Pobre Mary! – Percebia que Mary, ao menos, seria um terreno seguro para a conversa. – Como se encontra ela?

– Bem. No último momento, a mãe abraçou-a e foi capaz de confessar quanto adorava a filha.

– Fico tão contente! – Ela podia perceber a rara dádiva que o gesto teria sido para Mary, carente desde a mais tenra infância do amor da mãe. Então, lembrou-se de que havia sido a jovem quem descobrira diligentemente como o duque salvara Walter. – Queria agradecer-lhe por ter salvado o meu irmão de um destino humilhante. – Hesitou, sentindo-se repentinamente consciente da proximidade dele. – Se eu tivesse suspeitado aonde Lorde Rochester o levava, teria ido lá eu e dito das boas à tal mulher por corromper a inocência do meu irmão!

O duque sorriu.

– Estou certo de que as senhoras do Barrete de Cardeal teriam apreciado muitíssimo a sua opinião. Mas talvez o seu irmão preferisse que não se chamasse tanta atenção para a situação.

– Tem razão, com certeza. Ele nunca me teria perdoado. – Frances mordeu o lábio. – A Mary ficará muito tempo com a família da mãe?

– Isso depende – disse ele, fitando-a com uma expressão clara e direta, como se emergisse de um túnel escuro e pudesse por fim ver o caminho – de muitas coisas. Ela gostaria de regressar a Cobham mas, sem uma dama de companhia, não seria apropriado.

Frances riu-se, parando em seguida, já que não parecia um comportamento adequado.

– Então precisa de uma dama de companhia para a Mary poder estar em sua casa?

– É verdade.

– E que qualidades teria de ter essa dama de companhia?

Ele esboçou lentamente um sorriso.

– Teria de ser bela.

– Compreendo.

– E capaz de cantar canções francesas.

– Deveras?

– E de montar destemidamente.

– Será difícil corresponder a todos esses requisitos.

Mas o duque ainda não terminara.

– Precisarás também de saber vestir-se com elegância, para poder ensinar a Mary a vestir-se como dita a moda.

– Estou certa de que a Mary não esperaria menos.

– E terá de dançar com a leveza de uma folha na primavera.

A emoção apoderava-se de Frances. Esperança. Medo. Alívio.

– Mas onde pensa que encontrará tal modelo?

O olhar dele acelerou-lhe a pulsação.

– Esperava poder dizer que estou a vê-la neste momento.

– Não falará de mim, com certeza? Pois eu mesma precisaria de uma dama de companhia...

– A menos que fosse minha esposa.

Frances apertou mais o casaco para se proteger do frio, com a respiração contida no ar matinal.

– Não terá passado pouco tempo desde o falecimento da sua esposa para ter pensamentos desses?

– Era do conhecimento geral que eu e a minha mulher não nos víamos com bons olhos. – Frances sabia que aquilo era um eufemismo. – Poucos arquearão sobranceiras se eu tornar a casar.

– Exceto uma pessoa. – A mão fria do medo agarrou-lhe o coração. – Que poderia fazer muito para o travar. Tem a certeza de que ousará arriscar-se a desagradar-lhe?

– Mistress Stuart... Frances. Pensei muito nisto. A memória da minha estada na Torre continua bem viva. – Riu-se com tristeza. – Ratazanas e ratos não são os companheiros de cama mais animadores que se pode

ter. Mas a minha vida sem ti tem sido realmente vazia, como aprendi a grande custo. Poucas serão as cadeias mais pesadas do que aquelas que tenho suportado nestes últimos doze meses.

Ela não teve oportunidade de apresentar mais argumentos, pois os braços dele já a tinham envolvido e qualquer protesto que fizesse teria sido dirigido às dobras de veludo do casaco dele. Em vez disso, ela correspondeu ao beijo dele com uma paixão que teria sobressaltado o rei.

– Casemo-nos, então – declarou por fim, encorajada pelo óbvio amor que ele lhe votava e pela promessa de uma vida digna, longe do labirinto de intrigas de Whitehall. Contudo, uma nuvem súbita toldou o horizonte límpido. – Mas não tenho qualquer dote que possa entregar-te. Qualquer esperança que tivesse de vir a obtê-lo proviria do tesouro real, por ser aia da rainha, e isso parece-me agora tão pouco provável como o Natal em julho.

O duque riu-se com amargura.

– Segui as ordens do meu tio e casei-me tendo em mente o bem da minha propriedade, e vê só onde isso me levou. Que Cobham se desmorone à nossa volta, mas enfrentemo-lo juntos.

Ele voltou a puxá-la para si.

Frances sabia bem o risco que corriam. O conde de Clarendon havia-a recordado que o rei não toleraria rival algum. Poderia fazer tudo para impedir que a mulher que desejava desposasse outro homem. Pois ele compreenderia, como ela, que aquele não seria um casamento de conveniência, no qual a noiva se esgueiraria do leito nupcial para a cama do rei enquanto o esposo fingia não ver.

Aquele casamento, baseado no amor e fortalecido pela adversidade, seria o fim de todas as esperanças e desejos reprimidos do rei. Frances escapar-lhe-ia para sempre.

E, todavia, existia um risco ainda mais próximo a ensombrar-lhes o contentamento, do qual nenhum deles estava ciente.

A menos de vinte jardas do local de onde eles planeavam escapar, Barbara Castlemaine observava os amantes por trás das pesadas cortinas

de brocado dos seus aposentos, perto do portão Holbein, com um brilho de satisfação no olhar. Então a angélica Frances, que durante tanto tempo rejeitara o rei, estava pronta a esquecer a cautela por outrém?

Barbara sabia a dor intensa que aquilo causaria ao rei e sentia-se deliciada. Frances ameaçara-lhe a posição e provocara-lhe mais preocupações do que qualquer outra mulher, pelo que agora pagaria por isso.

Contudo, Barbara deparava-se com um dilema incómodo.

Era claro que Frances e o seu admirador, pobres tolos, se julgavam profundamente apaixonados. Que Frances pudesse ter passado quase cinco anos na corte de Carlos II e ainda acreditasse em tal conto de fadas era por de mais caricato, mas realmente ela sempre fora uma rapariga estranha. O primeiro instinto de Barbara era expor aquele amor e vê-lo ser esmagado como um toro sujeito ao machado do lenhador. Porém, por deliciosa que fosse tal ideia, em que serviria os seus propósitos?

O curso mais seguro seria deixá-los fugir em segredo, já que nem o rei poderia anular um casamento legal. E, não obstante, isso privá-la-ia do papel que desejava ter na destruição de Frances. Ela queria que o rei testemunhasse por si mesmo aquela traição cometida pela mulher que amava, já que isso lhe causaria o maior dos sofrimentos. E agora ela teria de ponderar sobre a forma de o conseguir.

Assim que Frances e o duque, idiotas apaixonados, se despediram, Barbara vestiu o manto e desceu as escadas.

A pessoa que procurava para a auxiliar naquele empreendimento era Mister William Chiffinch, que não havia muito ocupara o lugar do irmão Thomas como pajem do rei e que, juntamente com Mister Progers, o camareiro, sabia mais acerca de encontros secretos, adultérios, casos amorosos e traições entre cortesãos de Whitehall do que qualquer outra pessoa do palácio.

Quando solicitou a sua ajuda, com a promessa de favores e recompensas, ele mostrou-se muitíssimo satisfeito por cooperar.

Dos seus aposentos, próximos dos do rei, Mistress Chiffinch controlava que senhoras, puras e impuras, tinham permissão de subir à

câmara de Sua Majestade. E esperava lucrar imenso em poder e influência com essa incumbência.

Contudo, ultimamente isso não acontecia.

Frances Stuart havia prejudicado o negócio.

A obsessão que o rei tinha por ela reduzira grandemente o seu interesse na miríade de outras mulheres que Mister Chiffinch arranjava. Na verdade, o alegre monarca, nos meses mais recentes, caíra numa tal tristeza que perdera por completo o interesse por atividades na cama.

Barbara sabia disso como ninguém pois, para seu grande enfado, tinha de deitar mão a todos os seus truques lupanários para lhe incitar o entusiasmo decrescente, coisa que fazia maldizendo Frances entre dentes.

Para Mister Chiffinch, a condição atual do rei era um sacrilégio e ele sabia quem culpar. Na verdade, foi um alívio ser abordado por Lady Castlemaine. Ela poderia ser uma megera, rapace, gananciosa e interesseira, mas estes eram atributos que Mister Chiffinch compreendia e com os quais sabia lidar.

Bem mais difícil de compreender e uma ameaça maior ao funcionamento das coisas era Frances, que não se servira nem da beleza nem do forte desejo que o rei tinha por ela em proveito próprio. De que servia uma atitude assim? Mister Chiffinch teria todo o gosto em mantê-la debaixo de olho e informar Barbara, caso ela recebesse alguma visita imprevista.

Fez uma vénia profunda diante de Lady Castlemaine.

– Ela governa há demasiado tempo o coração do rei, só lhe causando sofrimento.

– É verdade – Barbara assentiu. – É nosso dever libertarmos-lo dela.

Um criado apareceu com uma bandeja de prata com taças e uma garrafa de *brandy*.

– Finalmente, ao regresso do negócio, como é costume! – brindou ele, após o que ambos beberam em simultâneo.

Frances chegou à conclusão de que, se se tinha um segredo, como ela

e o duque de Richmond tinham, a corte da Restauração era o lugar perfeito para o ocultar, já que todas as pessoas que por ali se via possuíam duas faces e apenas mostravam uma, regra geral não a verdadeira.

Havia aqueles de quem ela gostava e em quem confiava: Mall, o seu pai, Mary e talvez Jane La Garde; e, por estranho que parecesse, a rainha Catarina, que, segundo alguns, bem poderia odiá-la. Não tinha tanta certeza quanto à sua própria mãe e a Sophia. E, de todos estes, a pessoa em quem mais confiava era Mall, pelo que foi a esta que recorreu, a fim de lhe solicitar auxílio e conselho.

Mall estava a arranjar-se quando ela lhe bateu à porta do quarto. Frances ficou aliviada ao saber que Tom estava de serviço, dado que quanto menos pessoas soubessem do seu propósito, melhor.

Sentada ao toucador, que tinha uma bela coberta turca, e sobre a qual as suas joias estavam dispostas sem grande cuidado, Mall estudava o seu reflexo num ornamentado espelho veneziano e penteava o longo cabelo com um pente de tartaruga.

Frances estava satisfeita por a amiga ter finalmente encontrado a felicidade, ainda que escandalizasse os conservadores. Mall nascera no seio de uma das mais prestigiadas famílias de Inglaterra, vira o pai ser assassinado e amava quem não devia igualmente como quem devia. Fora uma esposa fiel e uma mãe dedicada que perdera o amado filho, Esme, cuja morte tivera o desfecho irónico de transformar o amado de Frances em duque de Richmond. E só agora, no outono da vida, encontrara um amor que a fazia verdadeiramente feliz.

– Tenho um grande favor a pedir-lhe, Mall. – Os olhos de Frances fitaram o rosto da amiga. – Compreenderei se recusar e não lhe guardarei rancor algum por isso. Contudo, dado que encontrou por fim o amor, compreenderá porque tomo esta escolha. Agora que a esposa dele faleceu, tenciono casar com o duque de Richmond.

Mall virou-se para a encarar. Frances reparou nas marcas de amor que ela tinha no pescoço.

– E ele correrá esse risco? Mesmo depois das férias que passou na

Torre?

– Correrá.

– E tem de facto noção do peso da ira do rei que poderá abater-se sobre ele?

– Teve três semanas como convidado de Sua Majestade para ponderar essa questão.

Mall suspirou, entendendo melhor do que ninguém as montanhas e ravinas que ainda separavam Frances da felicidade.

– E o dote? Cobham é uma bela mansão, segundo me lembro, mas havia pouco dinheiro nos cofres para a manter.

– Ele aceitar-me-á sem dote.

Mall assobiou.

– Deve ser mesmo amor.

Frances sorriu.

– Isso e a lição de infelicidade que aprendeu com a falecida duquesa.

Mall riu-se.

– Sim. Percebo que ela tenha sido uma boa professora quanto aos perigos de casar por dinheiro. E que favor deseja de mim? Adivinho o que será. Quer que interceda por si junto do rei?

Frances atirou-se para os braços da amiga.

– Se o fizesse! Não há mais ninguém. Ninguém que possa compreender, como a senhora, como é vazia uma vida sem amor.

– E, no entanto, querida menina, é assim que todos vivem, salvo raríssimas exceções. Nesta corte, as pessoas estão mais disposta a aceitar a ambição como motivo para casar do que o amor. O amor é o que justifica encontros e casos. – Acariciou o cabelo de Frances com uma expressão triste. – No nosso mundo, o amor e o casamento não são companheiros de leito habituais.

Mall fechou melhor o robe e considerou a questão.

– Mas o homem com quem espera casar é um duque, a posição mais alta da nobreza a seguir à do rei. Não faz parte do círculo restrito do rei, pelo que poderá ter feito menos inimigos. O casamento não será vergonhoso para a sua honra e para o estatuto do rei, como seria se

desposasse um simples escudeiro e criasse os seus rebentos num casebre. É primo do rei, ainda que não em primeiro grau, para além de ser um Stuart. Por ora, nada diga, mostre-se alegre, comporte-se como sempre. Vá ao teatro e seja vista. Eu esperarei pelo momento mais adequado para defender a sua causa.

Depois de Frances partir, Mall tornou a voltar-se para o espelho, mas nada via.

Não havia passado assim tanto tempo desde que o monarca lhe pedira que o ajudasse a levar Frances para a cama, coisa que ela recusara. Agora Frances pedia-lhe algo ainda mais difícil. Que rogasse ao rei que a deixasse casar com outro. Contudo, seria que Carlos amava realmente Frances, ou acontecia apenas que ela, de todas as damas que ele alguma vez perseguira, era a única que lhe resistia?

Frances seguiu o conselho de Mall. Cuidava ainda mais da forma como se vestia e esforçava-se tanto por se mostrar animada a conversar com as outras aias que algumas delas se interrogavam se, afinal, viria a ser rainha. Cary Frazier segredava com a mão a tapar-lhe a boca que ouvira rumores acerca de o rei amar tanto Frances que seria capaz de se divorciar de Catarina e colocá-la a ela no trono. Todavia, sob todas as aparências, Frances pensava em pouco mais do que no momento em que Mall daria a sua notícia ao rei e como reagiria ele.

– Vamos assistir à nova peça de Mister Dryden, *A Rainha Virgem*²⁷, que está em exibição no Teatro Real! – sugeriu Catherine Boynton. – Ouvi dizer que há uma atriz nova que encanta tudo e todos, chamada Nell Gwynn, e que dantes vendia laranjas no teatro.

– Mas, Catherine – recordou-a Jane La Garde –, a uma sexta-feira? Tenha presente que estamos na Quaresma, não haverá representação hoje.

Catherine deu um estalido com a boca, irritada.

– Então vamos cavalgar até Hyde Park. Finalmente o tempo começa a aquecer e já vi botões de flores nas árvores de lá.

O grupo habitual de fidalgos e galãs, damas com véus a cobrir-lhes os rostos e uma ou outra beleza ousada que cavalgava sem máscara,

arriscando-se aos malefícios do sol ou do vento, passeava-se pelo Ring, acenando e trocando cumprimentos.

Frances sorria com graciosidade e ofereceu a mão a vários conhecidos. O coração agitou-se-lhe no peito quando divisou o duque, montando um belo cavalo negro, a trotar na sua direção. Discretamente, ela indicou-lhe que se afastaria das outras e iria ter com ele junto de uma árvore a algumas jardas de distância.

– Não tive notícias tuas desde que chegámos a acordo – sussurrou ele.
– E receei que isso pudesse ser indicação de que tivesses mudado de ideias.

O olhar com que ela o presenteou, longo e cheio de amor, garantiu-lhe que tal não acontecera.

– A minha amiga Mall Howard prometeu-me que abordará o rei. Foi sua companheira de infância e defenderá os nossos interesses como mais ninguém seria capaz. Tudo o que podemos fazer agora é ter fé e esperar.

Ele olhou em redor, assegurando-se de que não estavam a ser observados e depois beijou-lhe a mão.

– Estou disposto a fazer o que quer que me peças.

Cary Frazier escolheu aquele momento para ir procurá-la, e o duque ergueu o chapéu e apressou-se a partir.

– Era o duque de Richmond? – perguntou Cary, com uma expressão matreira a insinuar-se-lhe nos olhos. – Parecia estar cheio de pressa para se ir embora. Presumo que não queira ser visto a falar a sós com a aia que o rei ama, receando que este lhe corte a cabeça! – Riu-se bem alto da sua própria piada, mas Frances sentiu um calafrio que nada devia ao clima severo.

Sabia que o rei nunca se comportaria como Henrique VIII com Ana Bolena, que nunca enviaria os seus rivais amorosos para o cadafalso ou para a lâmina do algoz, mas havia outras coisas que ele poderia fazer para impedir a felicidade deles.

Esperava que Mall não tardasse a falar com ele, pois aguardar por conhecer a reação do rei era assaz difícil.

Não teria de suportar aquela incerteza durante muito mais tempo.

Dois dias depois, Mall, que tinha tido todo o cuidado em encontrar o momento certo, decidiu enfrentar o rei quando este saía do camarote real do teatro. A nova atriz, Nell Gwynn, representava o papel de Florimel e parecia encantar de tal forma o rei que este lhe tinha dado uma palmada na coxa, mostrando-se mais animado do que Mall o vira nos últimos meses, desde as provações e tribulações que haviam assolado o reino.

Quando a peça terminou e a dança que marcava o fim de cada representação estava a chegar ao fim, Mall esperou que ele saísse.

– Vossa Majestade – dirigiu-se-lhe, fazendo uma vénia pronunciada. – Permite-me que lhe fale a sós?

– Com mil demónios, Mall, para quê tanta formalidade? – replicou ele, com os seus olhos escuros a cintilarem com uma rara jovialidade. – Há quantos anos partilhamos esta nossa amizade?

– Desde crianças, Majestade. E esta amizade é muito valiosa para mim. E o que tenho para lhe dizer poderá pôr em risco essa honra, mas comprometi-me a dizer-lho de qualquer forma.

– Pelas chagas de Cristo! Que notícia é essa, tão terrível que possa interpor-se entre amigos de infância como nós?

Na zona inferior, o teatro continuava buliçoso e ensurdecedor, com os lugares e as galerias apinhados de cortesãos barulhentos com as suas damas, aprendizes aos gritos e raparigas a apregoar laranjas. O fedor a suor e urina de galãs demasiado desleixados para se dirigirem às latrinas erguia-se em vagas, fazendo com que a intrépida Mall desejasse uma lufada de ar fresco.

– Poderemos regressar na carruagem de Vossa Majestade?

Carlos inclinou-se e pegou em Fymm, um dos muitos *spaniels* que o acompanhavam para todo o lado, após o que dispersou o rebanho de criados.

– Às suas ordens, madame.

Ao entrarem na carruagem real, Mall ficou muda, uma situação tão invulgar como se todos os pássaros parassem de chilrear antes de alguma catástrofe natural, o que o rei considerou igualmente de mau agouro.

Carlos observava-a com curiosidade, recostando o corpo longo e esguio nos estofos tufados.

– Terá todo este silêncio e caráter de segredo a ver com o seu casamento e com a profunda reprovação do seu irmão?

Mall, impressionada por o irmão ainda se preocupar com aquela questão, soltou uma gargalhada vazia.

– Não, diz mais respeito a Vossa Majestade do que a mim mesma. Venho da parte de Mistress Stuart.

De forma quase impercetível, a postura do rei retesou-se.

– Deveras? E que tem Mistress Stuart a transmitir-me que não possa ser ela mesma a fazê-lo?

Mall invocou toda a coragem. Nada havia a ganhar em não ser honesta e direta.

– Mistress Stuart roga a Vossa Majestade permissão para aceitar o pedido de casamento do duque de Richmond e para abandonar a corte.

O rei virou-se como se toda a carruagem tivesse embatido numa lomba acentuada e inesperada.

– O duque de Richmond é um beerrão! Tem o intelecto de um pequeno proprietário e o porte de um escudeiro campônio!

Mall ignorou aqueles comentários injustos. Dificilmente se poderia esperar que o rei, obcecado por Frances como estava, enumerasse as virtudes do seu rival.

– Não é um galã engenhoso que escreva peças e poesia, como os Lordes Rochester e Buckhurst, é verdade, mas trata-se de um homem decente e honrado.

– E eu não? – Voltou-se para ela, com o rosto lívido de angústia. – Mall, como pode interceder por ele quando eu próprio lhe supliquei, confiando na nossa amizade, que lhe mostrasse quanto anseio por ela e preciso de a ter na minha cama?

– Eu assim fiz, Majestade. Porém, se a forçar a sucumbir, matará aquilo que ama! É esse o seu dilema.

– Talvez valesse a pena. – Tornou a virar-se, olhando pela janela. – Quero ouvir isso dos lábios dela.

– Já lhe ocorreu, Majestade, que talvez ela não possa dar-lhe aquilo que deseja?

– Mas eu já vi. Ela não é uma alma gelada. Existe ali paixão, pronta a ser descoberta. – De repente, bateu com o punho na fronte. – Oh, Mall, isto parte-me o coração, que ela deseje casar com ele!

Mall estendeu a mão, comovidíssima com tanta e sincera emoção. De todas as damas com quem Carlos se cruzara, parecia que só uma havia quebrado a concha do seu cinismo. Carlos adorava mulheres e procurava incessantemente a companhia feminina. Por vezes, como acontecia com Barbara, permitia-se ser dominado por elas. Para com a irmã, Minette, mostrava ser capaz de grande ternura. Em relação à esposa, demonstrava uma compaixão invulgar quanto à sua desastrosa infertilidade. Mas só Frances detinha a chave do seu coração.

– Ela terá de vir à minha presença hoje à noite e dizer-me tudo isso. Depois ponderarei sobre a decisão a tomar. Transmita a Mister Chiffinch que ele deverá conduzi-la aos meus aposentos depois da ceia. Não participarei nos meus entretenimentos habituais. Diga-lhe!

Mall suspirou.

– Assim farei, Majestade.

Tinham chegado ao portão Holbein e Mall saiu para ir em busca de Frances.

Por fim encontrou-a no quarto de vestir da rainha, arrumando as muitas luvas de Sua Majestade. Levantou a cabeça, com os seus olhos claros cheios de interrogações.

– Fiz o melhor que podia – sussurrou Mall, para que as outras aias não ouvissem a conversa. – O rei requer a sua presença nos aposentos dele depois da ceia. Mister Chiffinch levá-la-á até lá.

Frances atarefou-se a aplicar essência de rosas a um par de luvas de camurça cinzenta.

– Estava muito zangado?

– Comigo, sim, mas não consigo. Sente que o traí.

– Não faz ideia se ele me dará permissão?

– Ele está magoado e zangado. Não compreende porque o rejeita,

quando lhe oferece mais do que a qualquer outra mulher.

Frances ergueu a cabeça.

– Então terei de o convencer.

Mall abriu os braços.

– Rezarei por si, se é que as preces de uma mulher má surtem efeito em Deus.

Todos repararam na péssima disposição do rei à mesa da ceia. Os trovadores italianos mais melodiosos não conseguiram animá-lo. Os mais engraçados não foram capazes de lhe arrancar um único sorriso e acabaram por encolher os ombros e virar-lhe as costas. Sua Majestade mal tocou no seu prato preferido de rabo de boi, sem dar sequer pelos cães irrequietenos que soltavam latidos impacientes debaixo da mesa, à espera dos restos quando ele tivesse terminado. Até um astrónomo visitante, cujas últimas teorias ele tinha escutado com toda a atenção, falhou na tentativa de o interessar. O único entusiasmo que demonstrou foi pelo vinho, algo que era invulgar nele. Regra geral, deixava os pedidos das segundas e terceiras garrafas para os seus cortesãos mais desordeiros mas, naquela noite, sorvia o vinho com vontade.

Barbara Castlemaine observou-lhe os olhos brilhantes, os modos inquietos e o temperamento irascível e adivinhou o que estaria a acontecer. O silêncio de Mistress Stuart, sentada na outra extremidade da mesa, praticamente sem proferir palavra alguma, confirmava-o.

– Coma qualquer coisa, Majestade – murmurou com malícia –, ou todos dirão que sofre ignominiosamente pela dama. Já se riem de si nas suas costas. Pensar que o obtuso duque de Richmond colherá os prazeres que o rei semeou. Comentam em sussurros como é triste que tenha passado tanto tempo a domar uma égua para que seja o duque a montá-la.

– Saia da mesa, adúltera sem vergonha!

Para espanto de todos e grande prazer da própria Lady, o monarca ergueu uma mão como se estivesse prestes a agredi-la.

Barbara limitou-se a rir.

27 *Secret Love, or The Maiden Queen*, peça de John Dryden estreada em 1667. (N. da T.)

Capítulo 21



Com um calafrio de preocupação, Frances apercebeu-se de que os novos aposentos do rei haviam sido convenientemente instalados longe das áreas movimentadas do palácio de Whitehall.

Ele tinha-se mudado não havia muito tempo, dos quartos com vista para o jardim privado, optando pelos vastos alojamentos Volary, que tomavam o nome do pátio com pássaros ali perto, sobranceiro ao rio. Dentro daqueles aposentos havia dois quartos, segundo ela sabia – um para o qual ele convidava dignitários que, bastante surpreendidos, poderiam deparar-se com um monarca que os recebia ainda na cama, a vestir-se ou a preparar-se para dormir. Havia uma saleta, uma biblioteca, um quarto de vestir e, numa ala lateral, o laboratório onde o rei realizava as suas experiências científicas. Existia ainda um quarto mais pequeno e íntimo.

E foi para este que ela descobriu estar a ser levada por Mister Chiffinch, de rosto indecifrável.

O rei ainda não estava presente e, enquanto Frances aquecia as mãos junto à lareira, apercebeu-se de que tremiam. O que pretendia ele? Forçá-la a submeter-se e arrebatá-lhe a virgindade há tanto guardada?

E, se o fizesse, o que se perderia? Não a sua honra, mas a dele.

Pensou no duque e no que este sofrera, tendo sido preso na Torre por sua causa. Ela poderia suportar um calvário semelhante. A sua intuição dizia-lhe que, se o rei a obrigasse a ceder, a libertaria em seguida.

Contudo, aceitá-la-ia o duque depois, sabendo o preço que ela pagara, aquela intrusão tão privada e pessoal?

E, no momento de maior solidão da sua vida, teve a certeza de que sim.

O som de passos fê-la virar-se.

Ali estava o rei, a observá-la, com uma expressão que era uma mescla de ternura e raiva, como se o lobo fitasse o cordeiro e visse, pela primeira vez, o encanto da criatura recém-nascida.

O olhar dele desviou-se para a cama.

– Poderia obrigá-la, sabe – disse, numa voz tão baixa que ela mal percebeu as palavras.

– Reconheço-o. – Mantinha a cabeça erguida. – Mas o facto de não o fazer atesta o homem que é.

– E que homem é esse? – perguntou ele com amargura. – Um homem de que outros se riem e desdenham.

– Só os que preferem as imitações ao ouro.

– Mas eu não vejo o ouro que encontra no duque de Richmond. – Puxou-a com brusquidão encostando-a ao brocado rígido das suas vestes reais. – O que pode ele dar-lhe que eu não possa?

– Uma vida comum. – Fitou-o nos olhos, com franqueza e honestidade nos seus, já que de nada valeria fingir. – Ambos sabemos o que é não ter uma casa nossa. Anseio por olhar pelas janelas e ver um parque verdejante, gerir uma casa, ter crianças à minha volta, preparar remédios na minha destilaria...

– É demasiado singular para essas coisas! – Virou-lhe costas, zangado. – Qualquer mulher de um campónio pode cozinhar e destilar. Ofereci-lhe o que nunca ofereci a mulher alguma. Ainda poderia divorciar-me da rainha...

– Mas eu nunca quereria ocupar o lugar dela. Majestade, imploro-lhe, permita-me que deixe a corte e viva honradamente.

– Honra! – cuspiu a palavra como se fosse uma blasfémia. – É por isso que guarda a sua virgindade com as pontas afiadas de uma gélida virtude? Para preservar a sua preciosa honra?

– A honra nada tem a ver com a virgindade, Majestade. Poderia oferecê-la cem vezes e continuar a ter a honra intacta. Ter honra é viver a vida de acordo com os princípios de cada um. É por isso que o senhor escolhe ser tolerante quando seria mais simples ser mesquinho; que tem, à sua maneira, sido leal à rainha, quando muitos quereriam que a descartasse.

– Diz que essas coisas me fazem ser honrado. Haveria quem dissesse que me fazem tolo.

– Não é tolo algum, Majestade, e nunca será recordado assim.

Em silêncio, ele fitou o rio escuro, iluminado somente pelas luzes dos botes que continuavam a atravessá-lo mesmo àquela hora.

– Tenho-a amado ao ponto da loucura, Frances Stuart... – A voz falhou-lhe, tal era a tristeza que sentia, e ela julgou que então ele a libertaria. Mas enganava-se. O rei voltou-se e encarou-a, com uma expressão impassível. – E, por esse motivo, quero assegurar-me de que terá tudo aquilo de que precisa. Não me parece que o duque de Richmond tenha os fundos necessários. Incumbirei o chanceler Clarendon de analisar essa questão e me informar.

O sabor amargo do desespero subiu-lhe à boca. Tratava-se de uma tática para adiar a decisão. Sabendo que seria politicamente desavisado recusar desde já o enlace, o rei estava a colocar novos obstáculos no caminho dela, para a impedir de casar.

Frances fez uma vénia.

– Pode retirar-se.

Ao virar-se, ouviu o roçar de seda e sentiu um perfume penetrante que logo invadiu o quarto. Barbara Castlemaine, rudimentarmente vestida, pretendia reafirmar o seu domínio.

Ao olhar para trás, viu Barbara a desapertar as fitas do camiseiro e percebeu as palavras que, vindas dela, não eram de amor mas de interesse próprio.

– É um erro escolher o Clarendon. Ele querará que ela case com o duque de Richmond, para que não haja hipótese de Mistress Stuart se casar consigo e dar-lhe os herdeiros que impediriam os netos dele de

alcançarem o trono.

– Barbara – perguntou o rei num tom cansado –, nunca esquece a política?

– Nunca – respondeu ela, ajoelhando-se e desapertando as calças do rei.

Escutando o som abafado da voz dela, Frances adivinhou que distração estaria a usar e partiu antes que ouvisse a entrega relutante do rei.

Frances acordou no dia seguinte com a sensação muito estranha de estar no meio de uma névoa amarela. Teve de se sentar e abanar-se para perceber se estava a sonhar.

Na verdade, a névoa era um vasto ramo de narcisos tão enormes que escondiam a pessoa que lhos levava.

– São para si, acabados de apanhar ao nascer do sol. – O rosto sorridente de Mary Lewis surgiu por fim por trás do ramalhete. – São do seu parque. O duque pediu-me que lhe dissesse que há mais um milhão à espera da sua nova senhora.

Frances sentiu um nó na garganta, tão emocionada ficou com aquela miragem.

A ideia de alguma vez poder ter a sua própria casa com jardins cheios de narcisos era maravilhosa por si só, mas ainda mais delicioso era saber que talvez tivesse a oportunidade de a partilhar com um homem que amava e que desejava fazê-la feliz.

Contudo, ainda haveria muitas lombas na estrada que conduzia àquela felicidade. Na verdade, a miragem era tão encantadora que ela nem suportava imaginá-la, não fosse dar-se o caso de vir a ser-lhe roubada.

– Mary! – Frances saltou da cama, envergonhada por ainda estar deitada, e abraçou a rapariga, com flores e tudo. – Se ao menos assim fosse, mas o rei ainda não concedeu permissão. Mas não devo falar das minhas agruras. Lamento a sua perda.

– Se lamenta, será a única! – Viu, com alívio, que Mary sorria com tristeza. – A minha mãe não tinha o dom de fazer amigos. Toda a criadagem suspirou de alívio quando ela partiu.

– Mas a Mary sem dúvida terá sofrido com a sua morte.

– Graças ao seu afeto, arranjei coragem para a enfrentar e ela abraçou-me no final. Mas não tinha um coração caloroso como o seu. Oh, Frances, temos tantos planos para a sua chegada! O duque deu ordens para que os lençóis da mãe dele fossem lavados e colocados nas camas, incita os criados a limparem a casa até que brilhe e chega a falar com as galinhas para porem mais ovos para o seu desjejum.

Frances riu-se, agradada com a perspectiva daquelas delícias novas para ela, mas sentia-se aterrorizada por poderem estar a ser precipitados.

– É uma pena, mas talvez o duque devesse passar menos tempo com as galinhas e mais com o seu administrador. O rei pediu ao chanceler que estudasse a herança dele e o informasse se ele é um bom provedor e se a propriedade não será um fardo demasiado pesado.

O rosto de Mary abateu-se.

– Não me parece que haja muito nos cofres. O duque queria construir-lhe um pavilhão de banquetes, mas Mister Payne, que é o administrador, fungou e perguntou: «E como o pagaremos, Vossa Senhoria?» Mas o duque, sempre otimista, insiste que tudo se resolverá. Se eu tivesse de escolher entre a minha mãe avara e o seu duque despreocupado, sei qual escolheria.

Mary reparou na expressão apoquentada de Frances.

– Não faço justiça com a minha descrição da vida em Cobham. O duque está ciente das suas limitações. – Sorriu à amiga. – Será apenas uma pequena sala de banquetes!

Mais tarde, depois de Mary ter regressado a Cobham, desta feita levando a ama como acompanhante, soube-se que o chanceler requisitara de facto a comparência do duque e do seu administrador no dia seguinte, na grande mansão Clarendon, perto de St. James. Em Londres, todos sabiam o significado de tal convocatória. O rei procurava motivos para impedir o casamento e deparara-se com as finanças instáveis do duque.

Frances estava diante da janela aberta do seu quarto. A primavera chegava à capital. Por entre as costumeiras emanações das tinturarias e

das cervejarias, das refinarias de açúcar, das fábricas de velas e das inúmeras chaminés, o sol penetrava e sarapintava o rio de luz. Por todo o lado havia pássaros a chilrear, comunicando a partida do inverno. Uma pomba passou por perto, com um ramo na boca, e instalou-se num telhado diante de Frances, para fazer o seu ninho no meio das telhas.

A preocupação apoderava-se dela. Teriam os pássaros do céu direito às suas casas frágeis enquanto ela não, por o rei a amar?

Levantou-se, incapaz de permanecer inativa no seu quarto ou ajudar a rainha a calçar as luvas perfumadas enquanto todo o seu futuro era decidido por Lorde Clarendon, apenas a meia milha de distância.

Frances sempre gostara do chanceler.

Mesmo quando era uma menina em Paris, a sua figura familiar, sempre a manifestar o seu público desagrado para com os membros mais decadentes da corte e a recordar ao príncipe Carlos que um dia seria rei, fora uma visão tranquilizadora no meio dos *Cavaliers* esfarrapados, entre os quais tantos haviam perdido a honra e a dignidade.

E, quando o rei por fim conquistara o seu trono, fora o conde de Clarendon o crítico mais feroz de Lady Castlemaine.

Ele ajudara-a uma vez; fá-lo-ia de novo, se ela o visitasse e defendesse o seu caso?

Lembrou-se do que a ama lhe dissera acerca de cada homem ser «o arquiteto do seu próprio destino». Sem parar, para não perder confiança, tapou o rosto com um véu, tirou o manto do gancho e correu silenciosamente pelas escadas das traseiras, atravessando o pátio empedrado em direção à fila de liteiras que aguardavam por trás do salão de banquetes. Não deixou qualquer mensagem para as outras aias. Quanto menos pessoas soubessem onde ia, melhor. Naquela cidade, os mexericos corriam mais depressa do que o lodo sob as rodas da carroça que transportava dejetos durante a noite.

O liteiro depositou-a em frente aos portões da nova mansão do chanceler, perto de Piccadilly.

– Diz-se que é a maior habitação de Londres, exceção feita ao palácio de Whitehall – comentou um dos homens, apoiando-se na liteira e

observando os exteriores com colunatas, as fileiras de grandes janelas de sacada, cujas proporções elegantes tanto se distinguiam do resto da cidade Tudor em volta.

– Fez um bom ninho, não há dúvida – resmungou o outro. – Se calhar pagou-o com o dinheiro que recebeu por ter vendido Dunquerque aos Franceses.

Ela sabia que os londrinos continuavam descontentes com o governo por ter devolvido Dunquerque ao rei Luís e que tinham transformado o chanceler num bode expiatório dos seus males.

– Pois – ruminou o outro. – Também o culpam pela infertilidade da rainha, ainda que eu não consiga ver como pode isso ser culpa dele. E dizem – continuou, baixando a voz e falando num tom confidencial – que construiu este palácio com pedras que deviam ter sido usadas para a reparação da catedral de São Paulo.

– Mas que embrulhada de disparates! – insurgiu-se Frances. – O chanceler é um modelo de honestidade comparado com a maioria.

Os dois liteiros aceitaram o pagamento e observaram-na com curiosidade enquanto ela se aproximava da porta da frente daquela casa magnífica, perguntando-se quem seria aquela dama que dizia o que pensava com tanto à-vontade.

– Mas que tempos estes em que vivemos – resmungou um deles –, em que as mulheres se acham no direito de ter opiniões.

– Pois – concordou o outro. – É tudo culpa do rei. Só sabe pensar com o que tem entre as pernas, é o que se diz.

Se o chanceler ficou espantado com a chegada inesperada dela, não o demonstrou.

– Mas que prazer tão invulgar, Mistress Stuart – cumprimentou-a Lorde Hyde enquanto era empurrado na sua cadeira de rodas que o rei criara para ele, de forma a aliviá-lo da gota.

Frances olhou em redor, admirando a vasta sala de visitas, adornada com retratos dourados de poetas e escritores. Não sabia se haveria de falar formalmente, mantendo os protocolos habituais segundo os quais nada chegava a ser mencionado diretamente, ou de atirar a precaução às

urtigas. A sua intuição disse-lhe que poderia abrir o coração diante do homem idoso.

– Meu Lorde chanceler, sempre foi um bom amigo do rei.

– Tenho dado o meu melhor. Mas há muitos à volta dele que o envenenam a meu respeito. O duque de Buckingham troça de mim devido às minhas ideias antiquadas. A Lady diz ao rei que só zelo pelos meus próprios interesses.

– Porém, o rei sabe que, de todos os conselheiros que tem, o senhor é o único que lhe diz a verdade.

Edward Hyde, conde de Clarendon, ficou de súbito com uma aparência muito velha e frágil, uma mera sombra do estadista inflexível que fora outrora.

– Troçam de mim junto do rei. Dizem: «Veja, lá vem o seu mestre-escola que lhe vai dizer o que tem de fazer.» – Solto um grande suspiro. – Não julgo que a verdade seja o que o rei deseja ouvir. – Encarou-a, com os olhos enevoados a ficarem mais límpidos. – E, neste caso, o que o rei deseja ouvir é que o duque de Richmond não pode sustentá-la e não será um marido adequado para si.

Chegou um criado com uma bandeja com vinho. A gota do chanceler obviamente não o impedia de beber, mesmo àquela hora tão matutina.

– Tenho visto damas chegar e partir. A senhora era a melhor de todas. Na verdade, desejava que *tivesse* casado com o rei. Contudo, a rainha não morreu e eu não apoiaria um divórcio, como o duque de Buckingham tanto aconselha.

– Mesmo que eu pudesse casar com o rei, não desejaria fazê-lo.

– Mas porque escolhe o duque de Richmond?

– Apesar de todos os riscos, ele ousa oferecer-me a mão e o coração sem precisar de um acordo ou de um dote. Para além disso, tenho de abandonar a corte. O rei torna-se cada vez mais impulsivo na perseguição que me faz, e talvez o que se diz de mim seja verdade, que apenas falta que me prostitua por ele. É a única ação honrosa que posso tomar.

– Ah, honra – repetiu o chanceler num tom cínico. – O que é isso?

– Ajudar-nos-á? Ambos sabemos que isto não passa de um estratagemma para impedir o casamento.

O chanceler levou a mão ao lado da cadeira de rodas, de onde tirou uma pequena pintura. Frances ficou pasmada ao ver que se tratava de uma miniatura do seu próprio retrato, vestida como a deusa Diana.

O conde mostrou-lha.

– Sempre adorei este quadro. Tudo o que havia de melhor na nossa corte quando foi restaurada encontra-se aqui. Beleza. Elegância. Uma nova liberdade. Olha em frente, de olhos límpidos, esperançosos, como uma corça na clareira de uma floresta. – Voltou a guardar a reprodução na parte lateral da cadeira. – Não queria vê-la caçada. Preferia que tivesse uma oportunidade de correr em liberdade, de fugir desta corte que se tornou corrupta, de um rei que perdeu a própria honra. Sim, ajudar-vos-ei.

A mensagem entregue ao rei, proveniente do seu chanceler, o conde de Clarendon, afirmava que, embora Cobham Hall estivesse de facto afogada em dívidas, não sofria mais desse mal do que metade das casas nobres de Inglaterra; e que, dado que rendas consideráveis deveriam ser pagas pelos locatários do duque, tanto em Kent como na Escócia, naquela mesma semana, no Dia da Anunciação da Virgem, em suma não havia razões financeiras que obstassem a que o duque e Mistress Stuart não pudessem casar. Mais ainda, o chanceler acrescentava, talvez com alguma provocação, que, dado que o duque partilhava com o rei um laço de sangue tão próximo, não haveria problema algum com o seu crédito, já que a honra de Sua Majestade não permitira que ele caísse em ruína.

Quando soube do veredito do chanceler, o rei pontapeou Gipsy, o seu cão arraçado de galgo, e gritou com um criado por ter entornado vinho.

A corte observava, estupefacta, e esperava para ver o que faria o monarca em seguida.

– O que esperava? – perguntou Lady Castlemaine quando se sentaram para cear. – Disse-lhe que o conde de Clarendon defende os seus próprios interesses. Para além disso – continuou, inclinando-se para lhe

falar ao ouvido –, não ouviu tudo. Há quem diga que a aconselhou a agarrar-se ao duque, pois não encontrará outro do seu estatuto que se mostre preparado para a aceitar.

A raiva e a frustração gravadas no rosto do rei davam a Barbara uma enorme satisfação.

– Dispense o velho tolo! Agora tem outros que poderão dar-lhe melhores conselhos. Manteve o homem a seu lado durante demasiado tempo, por bondade. É assim que ele lhe dá a paga.

Para sua grande fúria, o rei parecia submerso em tristeza.

– Então? – acossou-o ela. – Não é um ator de uma tragédia de Drury Lane. Ordene-lhe que devolva o Grande Selo de imediato. Há outros mais dignos dessa incumbência.

O rei virou-se, com os olhos escuros a faiscarem de raiva.

– Cale-se, mulher impudica. Não é com o chanceler que me preocupo!

O seu olhar fixou-se com ressentimento em Frances, que se havia instalado discretamente na outra ponta da longa mesa, com a rainha entre eles como medida de segurança.

Barbara encolheu-se perante o tom dele como se tivesse sido agredida. Como poderia ele ainda suspirar por aquela pequena cabra quando ela o tratava assim?

– Haja música! – ordenou a rainha Catarina, percebendo que o ambiente à sua volta precisava de ser aligeirado. – Cantem-nos algumas baladas francesas melodiosas.

Um menino de cabelo louro surgiu no palanque ao lado dela e cantou como um anjo, numa voz pura que se elevava como uma cotovia a voar em direção ao sol.

Para intensa irritação de Barbara, a música pareceu de facto suavizar a ira que o rei sentia por Frances, como se ele se recordasse dos tempos em que era ela quem cantava tão melodiosamente em francês.

Tentada a levantar-se ruidosamente, apesar da constante presença do rei, e a sair do salão em busca de melhor companhia, reparou que Mister Chiffinch se encontrava na pequena alcova perto da passagem por onde criados e moços de cozinha traziam a comida, e que a chamava

discretamente. Barbara esgueirou-se do seu lugar.

Mister Chiffinch fez uma vénia e apontou para uma grande tapeçaria que representava a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden.

Barbara seguiu-o para trás da tapeçaria.

– Peço muita desculpa por interromper Vossa Senhoria enquanto ceia – sussurrou Mister Chiffinch. – Mas pediu-me que mantivesse os olhos bem abertos para a informar.

Barbara assentiu com a cabeça, cada vez mais entusiasmada. Sabia que o pajem do rei não a teria feito abandonar em vão o salão enquanto todos acompanhavam os monarcas à refeição.

– Julguei que lhe interessaria saber que Mistress Stuart tem uma visita.

– É verdade, interessa-me muitíssimo, Mister Chiffinch.

– O duque de Richmond chegou há menos de dez minutos, num grande alvoroço, envergando trajes de montar. Atirou um anjo ao moço da cavalaria para que desse água ao seu cavalo. Parece que cavalgou bastante depressa para ver a dama e que ficou profundamente desapontado quando descobriu que ela não se encontrava nos seus aposentos.

Um sorriso de vitória iluminou os olhos semicerrados de Barbara. Já quase sentia o cheiro a sangue.

– Obrigada, Mister Chiffinch. A notícia que me transmite interessa-me realmente.

As sobremesas estavam a chegar no momento em que tornou a sentar-se à mesa.

Com um apetite renovado, Barbara atacou a vasta seleção de sobremesas: bolo de ameixa verde, manjar-branco de amêndoas, sorvete de rosas com alperces frescos das estufas do rei, tudo acompanhado por uma taça de um licor de laranja extremamente alcoólico.

Depois de terminar, voltou-se para o grupo ali reunido e bateu palmas.

– Vossas Majestades, damas e cavalheiros, seria uma honra se agraciassem os meus aposentos com a vossa presença para apreciarmos música, jogos de cartas e outros divertimentos.

Dada a alta qualidade da música proporcionada por Barbara, bem como a interminável oferta de vinho, a sugestão foi acolhida com uma aprovação unânime.

A rainha, que abraçara as alegrias das mesas de jogo com um entusiasmo surpreendente para alguém com uma educação católica tão restrita, foi uma das primeiras a levantar-se.

O rei, parecendo esquecer o grande pecado dela, estendeu a mão a Frances.

– Venha, Mistress Stuart, junte-se a nós para uma partida de *basset* e um copo de vinho.

– Majestade, sinto a cabeça a latejar como se estivesse no interior do sino de St. Mary le Bow.

A afirmação correspondia à verdade, embora, regra geral, ela tivesse ignorado o sintoma.

Com um ar convincentemente pálido e debilitado, fez uma cortesia diante da rainha.

– Vossa Majestade dispensa-me dos meus serviços no resto da noite?

A rainha depressa assentiu.

Por trás dela, Barbara sorria com malícia.

– Pobre Mistress Stuart – comentou num tom de doçura invulgar –, talvez seja melhor recolher-se e recuperar os ânimos.

Frances acenou com a cabeça, imediatamente desconfiada daquela inusitada generosidade de Barbara, mas ansiosa por escapar à noite interminável, trocando-a pela paz e sossego do seu quarto.

– Obrigada, Vossa Senhoria, assim farei.

A primeira indicação que teve de haver companhia inesperada proveio da camareira que cacarejava em frente à porta como um galo a proteger o galinheiro.

– Oh, senhora, senhora, lamento, mas está um cavalheiro no seu quarto. Eu não sabia se devia chamar alguém da casa de guarda. Mas ele entrou com tanta confiança, como se o quarto fosse dele, que não soube o que pensar!

Frances, ao ver o manto de montar atirado descuidadamente para cima

da sua cadeira de cabedal com uma estrutura dourada, e sabendo desde logo a quem pertencia, não conseguiu evitar um sorriso.

– Não se preocupe. Lidarei com o cavalheiro. Poderá ir deitar-se.

A rapariga estava prestes a obedecer-lhe quando a consideração invulgar de Barbara regressou à memória de Frances, deixando-a desconfiada.

– Não, fique mais um pouco. Mudei de ideias. E avise-me de imediato se ouvir estranhos a aproximarem-se.

A rapariga assentiu com a cabeça.

– Assim farei, senhora.

A camareira sentou-se, claramente aliviada por não ter cometido uma infração imperdoável ao ter deixado o cavalheiro entrar.

Frances entrou no quarto em silêncio e fechou a porta atrás de si.

A figura conhecida voltou-se, com os olhos a iluminarem-se ao vê-la chegar. Segurou-lhe nas duas mãos, como se estivessem prestes a dançar.

– O quê, desta vez não há narcisos? – brincou ela, animada por vê-lo.

– Esperam-te em Cobham. Viverão mais para apreciar a tua companhia se eu não os colher.

Ela riu-se daquela fantasia absurda.

– Mas não vim de mãos vazias. Vê só o que te trouxe desta vez. – Levou-a até à janela. Uma lua enorme adornava o céu, parecendo estar tão perto que ela quase poderia tocar-lhe se esticasse a mão.

– O negro Dick, que trabalha para mim nos campos e que, segundo os companheiros, tem pouco juízo, mas que a mim me parece ter mais do que todos os outros, diz que é uma lua azul. Parece estar mais próxima e luminosa, diz ele, do que noutras ocasiões, e dá sorte. – Virou-se para ela. – Percebes porque prezo o bom senso dele.

Frances não teve oportunidade de responder, pois a boca dele cobriu a sua, enquanto a apertava contra o seu corpo.

Quando finalmente a libertou, recuperara o tom trocista:

– Parece que tenho a solvência necessária para te desposar.

Não sabia se o que o provocava era a preocupação com a situação em

que se encontravam, mas a cabeça de Frances começou então a latejar de forma insuportável.

– Quem me dera que tudo isto estivesse terminado e que a corte pudesse esquecer-nos e às nossas ninharias.

– Nunca é uma ninharia quando nos diz respeito. Deita-te, vou acariciar-te a cabeça. É um truque que a minha velha ama usava quando eu era pequeno, para afugentar os dragões e as serpentes que eu imaginava que entravam no quarto.

Frances deitou-se na cama de dossel e o duque sentou-se a seu lado e começou a massajar-lhe as pálpebras com delicadeza.

– E eu que te considerava tão corajoso! – protestou ela.

– Um homem pode ser arrojado no campo de batalha e retraído no quarto.

– Não com a companhia certa, espero – respondeu ela num tom sedutor.

– Será esta a Mistress Stuart tão célebre pela sua inocência virginal?

– Eu nunca tive tal pretensão! – reclamou Frances, enquanto ele se debruçava e tornava a beijá-la.

No corredor, teve início uma grande agitação e a porta abriu-se por completo.

O rei estava à entrada, com a camareira chorosa um ou dois passos atrás dele; o rosto do monarca ficara tão pálido como o de um fantasma vingativo.

– Então era por isto que não podia suportar a minha companhia e tinha de se recolher ao seu quarto.

Frances levantou-se muito depressa, esquecendo a dor de cabeça e até a quem se dirigia.

– Porque não haveria de receber o duque de Richmond, que ao menos me apresenta uma proposta honesta?

Por um instante, julgou que o rei lhe bateria. Em vez disso, ele concentrou a sua fúria no duque.

– Poderia voltar a atirá-lo para a Torre por isto! E não apenas durante três breves semanas.

Olhou para junto da janela à qual eles tinham estado pouco antes, por onde o luar entrava, e uma espécie de loucura fria apoderou-se dele. Avançou como se quisesse agarrar o duque pelo colarinho, correr em direção à janela aberta e atirá-lo ao Tamisa.

– Majestade! Pare! – Frances apelou a toda a dignidade de que era capaz. – Ele é seu súbdito. Não pode ripostar.

A expressão de cão raivoso abandonou os olhos do rei, que soltou o duque.

– Vai-te embora! – implorou ela.

– Não posso deixar-te nestas circunstâncias.

Frances abanou a cabeça.

– Não corro perigo aqui. Será melhor para ambos se partires. Amanhã envio-te uma mensagem.

Ele reconheceu a lógica do argumento dela, mas a rigidez com que se afastou revelavam a extrema relutância com que o fazia.

O rei mantinha-se junto à janela, imóvel como uma estátua.

– Se não fosse a posição que ocupo, tê-lo-ia atirado ao rio.

– E ficaria com a morte de um bom homem a pesar-lhe na consciência por causa de ciúmes.

– Levou-me a isto.

– Ora, sinceramente! – Ele mostrou-se impressionado com a súbita falta de respeito dela. – Não o levei ao que quer que fosse. Só me quer porque eu o rejeito. É como uma criança que inveja o brinquedo de outra.

– Atente a com quem está a falar.

– Sei bem com quem falo. O nosso grande rei.

Este observou-a.

– Não está em si.

– Sou mais eu agora do que durante toda a minha vida. Vê a harpia que possuiria se me levasse para a cama? Toda essa conversa de graça e inocência. Ora! Faria bem se me libertasse.

Ele agarrou-a por um pulso, apertando-o com tanta força que a magoou.

– Não tenho tensões de a libertar. O duque de Richmond está doravante banido da minha corte e todos os seus serviços são suspensos.

– Majestade... – começou ela.

– Não se atreva a tentar defendê-lo.

Apesar de estar muito zangada, Frances teve de conter as lágrimas. Mulheres a revelar fraqueza era algo que sempre comovia o rei, mas algo no seu íntimo resistia a apelar à sua compaixão quando ansiava por lhe fazer frente.

Em vez de chorar, endireitou-se, com os olhos quase ao nível dos dele.

– Talvez deva regressar para os braços daquela que o enviou aqui.

Se a fúria dele tinha começado a abrandar, o comentário inflamou-a de novo.

– Cuidado com o que diz, ou poderei bani-la também.

– Ficaria satisfeita.

– Pois claro, ficaria, para poder brincar às casinhas com o seu néscio duque. Então eu farei o oposto, insistirei que permaneça em Whitehall.

– Nesse caso, enviarei uma petição ao rei de França para que me permita regressar e entrar para um convento.

O rei riu-se com amargura.

– E oferecer a Deus a sua virgindade há tanto preservada? Que fim adequado para toda a sua beleza! Mas ao menos não levaria mais homens à loucura. – Frances baixou o olhar e viu que tinha marcas vermelhas na pele pálida do pulso que ele agarrara. – Nunca deixarei que se ofereça a Deus. Mas tenha presente que nunca cederei nesta questão do duque. Preferia que fosse para um convento do que se casasse com ele.

Abruptamente, virou-lhe costas e partiu, deixando-a entregue ao desespero.

Imaginou os narcisos de Cobham a flutuarem no ar noturno, uma beleza e uma promessa que eram uma recordação amarga do sonho que se desmoronava.

Capítulo 22



– Frances! Frances! Levante-se!

Acordou e deparou-se com Mall ao lado da cama.

– Todo o palácio está em alvoroço, a comentar que o rei veio aqui ontem à noite e a encontrou com o duque. É verdade que o rei quase o atirou pela janela?

Frances sentou-se com lassidão.

– Foi a Barbara Castlemaine quem o mandou cá. Devia andar a espiar-me, pois ninguém sabia que ele aqui estava. Nem eu sabia, até vir e o encontrar aqui.

Mall abanou a cabeça.

– Que rameira desapiedada. Não suporta a sua rivalidade, pelo que a expõe para o magoar o mais que puder.

– E agora o rei baniu-o da corte mas obriga-me a ficar aqui, por mais que eu queira partir.

Mall ponderou a situação.

– Tem de apelar à piedade da rainha! Ela tem muito que lhe agradecer, lembre-se. Sabe que a tem em consideração e houve também aquela questão da criança. É aia dela, estou certa de que intercederá por si junto do rei.

Frances vestiu-se à pressa, atirando a camisa de dormir para o chão e estendendo a mão para o camiseiro, revelando o braço nu ao fazê-lo. Os vergões vermelhos da noite anterior tinham dado lugar a manchas feias

azuis e amareladas. Apressou-se a vestir-se para que Mall não as visse.

Encontraram a rainha a terminar as preces matinais.

– Durante a Quaresma, Sua Majestade gosta de rezar o terço para além de ir à missa diária – suspirou Catherine Boynton que, como as outras aias, considerava que a devoção religiosa da rainha podia ser um pouco pesada de mais para quem a servia. Sobretudo as damas de companhia como Catherine, que desejavam passar todos os momentos livres nos braços dos seus amados em vez de nos de Deus.

– Sua Majestade irá recebê-la agora.

A rainha estava no seu quarto de vestir, uma pequena divisão onde tinha o genuflexório e o terço. Era tão simples e espartano como a cela de um monge, tendo como únicos adornos dois quadros da Virgem Maria e da santa preferida da rainha, Teresa de Ávila.

– Foi batizada em honra de Santa Teresa, Mistress Stuart? – perguntou-lhe Catarina, referindo-se ao nome do meio de Frances.

– Não há dúvida de que sou a única Teresa na minha família.

– É uma honra ter o nome de uma santa. Significa que ela intercederá por si em alturas de necessidade.

A rainha esboçou um sorriso gentil. Frances perguntava-se se ela saberia da rixa da noite anterior e, caso soubesse, se isso a tinha magoado ou se já estaria tão habituada que tais coisas não a atingissem.

– Encontro-me numa altura dessas, Majestade.

Catarina pousou o terço e virou-se para observar Frances. Tinha mais seis anos do que a sua dama de companhia, mas possuía uma aura infantil que a fazia parecer muito mais nova. Em parte isso era causado pela sua estatura. O alto da sua cabeça chegava apenas ao ombro de Frances. Esta reparou que a rainha havia começado a usar o cabelo com madeixas caídas, o estilo que a própria Frances havia tornado popular.

– E o que desejaria que a santa a ajudasse a alcançar?

– Desejo desposar o duque de Richmond, Vossa Majestade, e obter permissão para deixar a corte.

– Serei uma senhora tão severa que a faça desejar partir? – perguntou Catarina, num tom provocador.

– É uma senhora encantadora. Tem sido uma honra servi-la.

– E eu tenho tido motivos para lhe estar grata.

Instalou-se o silêncio, no qual o bebé perdido e a perseguição do rei a Frances pairavam como fantasmas.

– Mas anseio por ter um lar que seja meu.

A rainha soltou um suspiro tão profundo que Frances percebeu, pela primeira vez, como ela se deveria sentir por vezes. Longe da sua terra natal, obrigada a aprender uma língua estranha, chocada com os valores da corte, tendo de fingir não ver as indiscrições do esposo enquanto sabia que era impopular por não poder dar ao rei e ao seu povo aquilo que mais desejavam.

– Está a pedir-me permissão para partir?

Frances assentiu com a cabeça.

– Mesmo que eu concordasse, o meu marido terá maior dificuldade em fazê-lo. Ele não gosta de ser abandonado. Não percebe que outra existência possa rivalizar com o engenho e a excitação da corte. Lembro-me de que quando o duque de Newcastle, seu velho tutor e um homem a quem ele muito admirava, expressou o desejo de viver no campo, o rei não lhe falou durante três anos. Qual foi a resposta do rei ao seu pedido?

– Banir o duque, Majestade, e ordenar-me que permanecesse em Whitehall.

– Seria essa a reação que esperaria dele, mesmo que não estivesse em jogo a outra questão.

Ambas sabiam que outra questão era essa e, por discrição, não precisariam de a enunciar.

– Eu disse-lhe que, se não puder casar com o duque, pedirei permissão para entrar para um convento.

A rainha soltou uma risada delicada.

– Não a imagino num convento. Tem o cabelo demasiado bonito e um gosto demasiado bom para se vestir. Acabaria por levar as freiras a desfazerem-se do véu e a mudarem os hábitos num ápice.

Frances sorriu, erguendo a mão para cobrir o rosto, e a manga subiu

um pouco.

A expressão da rainha mudou de imediato. Agarrou no braço de Frances.

– Foi o meu marido quem lhe fez estas marcas?

Com relutância, Frances anuiu.

De súbito, a rainha pareceu tornar-se mais alta.

– Está na altura de pôr fim a esta loucura. Santa Teresa e eu falaremos com o meu marido e intercederemos por si. Ele só me verá a mim, mas estou certa de que ela também estará presente. Talvez devesse também rezar e pedir-lhe auxílio.

E foi assim que, pela primeira vez, Frances Teresa Stuart rezou à sua santa homónima, pedindo que lhe permitissem a liberdade de escolher o seu próprio caminho na vida e de ter pelo menos uma oportunidade de ser feliz.

– Ámen – sussurrou a rainha, repetindo a prece dela em voz baixa. – Farei o melhor que puder por si, Frances.

Charles, duque de Richmond, olhava pela janela da soalheira torre Tudor, observando o parque lá em baixo. O dia estava perfeito, com o céu de um azul otimista. Havia veados a passear por entre os narcisos brancos e amarelos que rodeavam Cobham Hall, a mansão de tijolos claros onde a rainha Isabel permanecera durante o primeiro ano do seu reinado. O parque, as quintas e os bosques que ele tinha herdado espalhavam-se diante dele, ocupando mais de dois mil acres. Enquanto fitava Cobham Mount, imaginava os famosos carvalhos com troncos de mais de seis metros de perímetro e o castanheiro a quem os locais chamavam Quatro Irmãs, pois tinha quatro ramos que se estendiam como braços.

Tudo o que faltava a Cobham era a senhora há muito aguardada.

– Não posso ficar aqui enquanto ela suporta a ira do rei sozinha – insistia, falando com Mary. – Tenho de regressar a Londres e enfrentar a fúria do rei.

– Se tomar uma atitude tão precipitada – avisou-o a enteada –, ver-se-á na Torre antes do pôr do sol, e que utilidade terá isso?

– É mais fácil invocar o diabo do que controlá-lo – vaticinou a ama num tom sombrio, desviando o olhar da lã que estava a dobar.

– E se o rei a magoar? E eu aqui sem nada fazer?

– Ele não a magoará. Tive bastantes oportunidades de testemunhar o seu carácter na corte. Não é Barba-Azul algum.

– Não viu a fúria nos olhos dele ontem à noite. Julguei que me mataria ali mesmo.

– Mas não o fez.

– Não.

– Deveria comer, Vossa Senhoria – aconselhou a ama. – Pedirei ao criado da cozinha que traga pão e queijo.

A velha mulher levantou-se a custo.

– Ama, deixe-se estar sentada – insistiu Charles. – Eu vou à cozinha. A distração far-me-á bem.

O papagaio, que tinha estado a observar calmamente a cena do seu poleiro, despertou repentinamente, ansioso por ser incluído na transmissão geral de sabedoria.

– Deem corda suficiente a um homem e ele enforcar-se-á – comentou num tom prudente.

O duque riu-se bem alto, satisfeito com o aliviar da tensão.

– E quanto a ti, pássaro, hei de arranjar um pedaço de corda para te enforcar.

O papagaio virou a cabeça de lado e sopesou o perigo daquela ameaça e os bons tratos que costumavam dar-lhe.

– Tolo Charlie Stuart – proferiu pomposamente, enfiando a cabeça debaixo da asa para dormir.

A rainha cumpria o que prometia. Foi até ao novo laboratório do rei, que ficou tão surpreendido com aquela intrusão invulgar ao seu espaço privado que até se esqueceu de protestar.

Ela já tinha passado pelo quarto e pelo gabinete dele, maravilhando-se com os muitos mapas que ele possuía – sobretudo com o de Portugal –, detendo-se para inspecionar o modelo de um navio, tão preciso em todos

os pormenores que lhe havia ensinado mais acerca da sua Marinha do que qualquer outro rei alguma vez soubera, e chegou ao laboratório de Sua Majestade no exato momento em que Mister Boyle demonstrava ao rei como funcionava a sua bomba de ar.

Por todo o lado havia sinais da paixão que o rei nutria por todas as questões científicas. Uma experiência destinada a desafiar as teorias dos alquimistas encontrava-se disposta em bancadas de madeira; uma rã parcialmente dissecada estava presa a uma tábua, ao lado de uma coisa tão horrível que a rainha quase desmaiou quando a viu: um feto preservado, enviado ao rei pelo Dr. Elias Ashmole.

– Vossa Majestade, ainda não havia tido o prazer de lhe dar as boas-vindas neste espaço – cumprimentou-a o rei com uma ligeira sobranceira, que ela logo desarmou com a resposta que lhe deu:

– Pois, e agora desejaria que eu estivesse em qualquer outro sítio que não aqui!

O rei sorriu.

– Naturalmente, é bem-vinda.

Empurrou Fymm para debaixo de uma das bancadas com o pé, pois a cadela ladrava de forma irritante.

– Até a sua cadela protesta – comentou Catarina. – Mas preciso de lhe falar em privado. Receio bem que não possa esperar.

– Deveras? Nesse caso, talvez possa deixar-nos, Mister Boyle?

Os olhos escuros dele, regra geral tão afáveis e corteses, pareciam tão desagradáveis como o oceano gelado, e as rugas que lhe contornavam a boca – uma característica sempre notável – eram tão pronunciadas como sulcos num campo invernal.

– Esta questão de Mistress Stuart... – começou ela.

– Tem a certeza de que é um tema que deseja discutir? – interrompeu-a ele num tom perigoso. – Também lhe diz respeito.

– Talvez seja por isso que o acolho.

– Fale, então.

– O país e o mundo não verão com bons olhos que se arvore em tirano e recuse este casamento. – Tratava-se de uma Catarina com quem ele

ainda não se deparara, sensata e calma. – Afinal, poucas dúvidas existirão sobre o motivo pelo qual o proíbe.

O rei sentou-se, escutando-a em silêncio.

– O facto de este casamento ter lugar é assim tão importante? – perguntou a rainha. – Segundo sei, o casamento de Lady Castlemaine não deteve as suas declaradas atenções.

– Isso era diferente – foi a resposta curta dele. – Lady Castlemaine não simulava amar o marido.

– É o amor, então, e não o casamento, o que tanto o abespinha?

– Não me agrada nem uma coisa nem outra. Para além disso, como pode ela amar um tolo daqueles?

– Talvez ele não seja tão tolo quanto o julga. Não é um cortesão sofisticado como o seu amigo Lorde Rochester, e é verdade que evita a vida da corte. Contudo, há uma história que ouvi das minhas damas de companhia, e que demonstra que foi o duque e não o seu amigo nobre e poeta, quem saiu bem visto numa questão relacionada com o irmão da jovem. – Fitou o marido, mantendo a cabeça erguida. – Para além disso, para o bem e para o mal, amamos com o coração, não com a cabeça.

Havia um vago anseio na voz dela que o rei, enfurecido, não detetou.

– Mas ele é enfadonho. Um rústico!

Catarina esboçou um sorriso gentil. O duque não lhe parecera enfadonho nem rústico quando o conhecera. Na verdade, qualquer coisa nos seus modos delicados chegara até a comovê-la.

– Não tem este país um provérbio que diz «O que agrada ao olhar atormenta o coração»? Talvez o duque de Richmond não venha a atormentar o coração de Mistress Stuart. – Fez uma pausa. – E, se assim for, ela será bem afortunada.

Ele deu-lhe a mão, inesperadamente comovido.

– Tenho sido um marido tão mau, então?

Ela fitou-o com firmeza.

– Tenho fingido não ver por saber que não poderia satisfazer os seus apetites, mas isso não quer dizer que tenha sido cega e tola.

O rei agarrou num termómetro moderno e brincou com ele, sem nada

dizer. Por fim, voltou-se para a esposa.

– Se o duque puder apresentar-me uma declaração da sua situação financeira e provas de que Mistress Stuart poderá ser instalada como convém à sua condição, concordarei com o enlace.

Catarina beijou-lhe a mão.

– Vossa Majestade tomou uma boa decisão.

O diabo insinuou-se no sorriso do rei enquanto considerava a questão. A rainha tinha razão. Ele tomara uma boa decisão. E, contudo, tinha a certeza absoluta, independentemente do que tivesse dito o chanceler, de que o duque de Richmond não dispunha dos fundos necessários para prover aquilo que ele estava disposto a exigir-lhe.

Quando a rainha lhe transmitiu a notícia, Frances teve vontade de correr, rir e cantar. Apesar de já ser tarde, chamou um mensageiro e pediu-lhe que esperasse enquanto escrevia uma carta que deveria ser entregue em Cobham de manhã cedo.

«Meu querido», escreveu, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. «O rei por fim deu permissão a que, desde que certas condições sejam reunidas, possamos casar. Sou a mulher mais feliz que se possa imaginar. Por favor, vem o mais depressa possível a Londres, para tratarmos em conjunto dos nossos planos.» Dobrou a carta e selou-a, escrevendo «Sua Senhoria, o duque de Richmond e Lennox, Cobham Hall, no condado de Kent», e entregou-a ao mensageiro.

Depois esperou, abraçando a alegria no peito como uma criança com uma guloseima escondida.

No dia seguinte, o rei, que despertara cedo como era seu hábito, ficou estupefacto ao ver Lady Castlemaine a pé antes do meio-dia, aproveitando o ar puro no terraço dos seus aposentos junto ao portão Holbein. Ao observar melhor, reparou que ela ainda não estava vestida e que usava a camisa de dormir mostrando os seios e atraindo a atenção de transeuntes desprevenidos.

– Bom dia, Vossa Majestade – saudou-o, debruçando-se na balaustrada e olhando para o jardim privado, com o vale dos seus seios

num convite chamativo. – Ouvi dizer que o duque de Richmond foi perdoado. Não o preocupa que possa tornar-se alvo de troça com esta reviravolta?

Em resposta, o rei acelerou o passo.

– Não dê ouvidos a boatos ociosos – gritou-lhe.

Barbara observou a figura que rapidamente se afastava, tentando entender o que significariam as palavras do monarca. Estaria a dedicar-se a um dos seus jogos dúplices, sendo que não tencionava, afinal, permitir a Frances que se casasse?

A vida habitual da corte monopolizou-os. Chegavam embaixadores, havia requerentes em fila nas galerias, esperando conseguir a atenção do rei, desenvolviam-se planos para a reconstrução da cidade, o que acontecia a um ritmo impressionante, membros do Conselho discutiam entre si e uniam-se contra o chanceler, enquanto o rei e os seus conselheiros continuavam a negociar uma paz que, finalmente, terminasse com a guerra dispendiosa com os Holandeses.

Quanto a Frances, aguardava, incapaz de coser as linhas da sua própria vida, esperando e rezando por notícias de Cobham.

– Porque não obtenho resposta? – perguntou ansiosamente a Mall enquanto tomavam o desjejum nos aposentos desta.

– De nada valerá o duque regressar enquanto não tiver o que o rei lhe exige – tentou Mall tranquilizá-la, ao mesmo tempo que lhe servia uma pequena taça de cerveja e lhe oferecia uma travessa com carnes que o criado da cozinha acabara de lhes levar.

Frances espreitou pela janela, impaciente, e deparou-se com mais uma bela manhã primaveril. O sol estava a surgir por entre a neblina do rio e inúmeros barcos pequenos subiam e desciam pelo caudal, carregados de materiais para a reconstrução da cidade ou transportando londrinos nos seus afazeres. Os espaços abertos no horizonte calcinado já começavam a ser preenchidos com novos edifícios que ocupavam o que o fogo havia dizimado.

– Porque não envia ao menos a Mary com alguma notícia? – exigia Frances, andando de um lado para o outro, demasiado ansiosa para se

dedicar às tarefas habituais.

– Talvez receba novidades ainda hoje. Agora venha para aqui e ajude-me a escolher o vestido que hei de usar para ir ao teatro logo à noite. O azul ou o âmbar?

Mall mostrava-lhe os dois.

– O azul. Não, o âmbar. *Eu* não sei! O que lhe ficar melhor!

– Mas que resposta tão útil. Quase me dá vontade de desejar que o seu pretendente tivesse mudado de ideias.

Lamentou de imediato tais palavras, ao ver o efeito que surtiam em Frances.

– Pensa realmente que isso tenha acontecido?

Mall abanou a cabeça. Não deu voz ao único receio que tinha, que era o de que o duque, reconhecidamente com escassez de fundos, não conseguisse reunir as garantias necessárias para o acordo. Ela própria vivera em Cobham Hall e sabia como era ruinosamente dispendiosa a manutenção de uma casa grande.

Três dias depois de Frances ter enviado a sua mensagem, estavam elas a percorrer o relvado de boliche, maravilhadas com a forma como o rei conseguia tratar dos seus deveres e discutir assuntos de estado enquanto jogava, quando a conversa entre o grande grupo de cortesãos reunido se interrompeu de repente.

Uma figura alta, com um familiar cabelo arruivado, formalmente vestido com um casaco de veludo azul e as penas do chapéu a agitarem-se com a brisa, avançou por entre a multidão em direção ao rei. Fez uma vénia profunda e ofereceu ao soberano um pergaminho enrolado com uma fita cor de vinho.

– Vossa Majestade – anunciou o duque –, eis as garantias financeiras que me requereu.

– Não vê Vossa Senhoria – inquiriu o rei num tom descontraído –, que estou mais preocupado com uma partida de boliche do que com a questão sem dúvida urgente das suas núpcias? Pode entregar a informação ao Lorde chanceler que, quando tiver oportunidade de descansar dos assuntos de estado, decerto a lerá e apresentará os seus

comentários.

O duque percebeu que tinha sido dispensado. Descreveu uma vénia formal e retirou-se.

Ao afastar-se, a voz de Lorde Rochester fez-se ouvir:

– Já é meio-dia e ele não está bêbado. É certamente um milagre que teremos de atribuir ao amor.

O rei riu-se bem alto e Frances viu que o duque levava a mão à espada embainhada.

– Realmente, senhor – ripostou o duque, num tom melífluo e perigoso –, do que ouço dizer de si, já acorda embriagado.

Frances avançou muito depressa e puxou-o para o grupo em que se encontrava.

– Cala-te. Lorde Rochester só diz estas coisas para provocar.

– Então conseguiu-o – resmungou o duque, furioso, com os olhos cinzentos mostrando a dureza de uma montanha rochosa.

– Se todos os cavalheiros desafiassem Lorde Rochester quando ele os insulta, não haveria padrinhos suficientes em Londres para tanto duelo – salientou Mall. – Ele até o rei insulta.

– E Sua Majestade tratou a minha obediência com tanto desprezo! – O ânimo de Charles estava aceso. – Não confio no que fará em relação a isto. Estou convencido de que tem tantas intenções de permitir que casemos como de nos tornarmos holandeses.

Mall suspirou.

– É possível que tenha razão. Não há dúvida de que tem parecido muito bem-humorado ultimamente, o que não condiz com permitir que a Frances parta. Não sei qual será a melhor atitude a seguir.

– Eu já decidi o que fazer.

Frances e Mall viraram-se para ele.

– E o que é, diz-nos!

O duque baixou o tom da voz.

– Já estou farto de farsas. Arranjei uma carruagem de seis cavalos que te levará para Cobham amanhã à noite. Irei ter contigo à estalagem The Bear, em Bridgefoot, após o que poderemos casar-nos de imediato.

O coração de Frances agitou-se. Por fim podia realmente pensar em escapar e viver com o homem que amava.

– Meu Lorde – rogou Mall, profundamente alarmada com aquele desenvolvimento. – Tenha em consideração o perigo. Como reagirá o rei a uma fuga? Frances, pense nos dois e não se precipite!

– Mas a senhora também se casou em segredo – recordou-a Frances –, e não tinha a aprovação do rei ou de quem quer que fosse; na verdade, agiu contrariamente aos desejos tanto do seu irmão como da sua filha. E, não obstante, são o casal mais feliz de Whitehall.

– Não foi a mesma coisa. Quem me dera que fosse. O Tom não fugiu com a mulher que o rei ama mais do que qualquer outra.

Porém, o duque não se deixou demover.

– Se ficarmos aqui, o rei encontrará outro motivo para impedir que casemos, e outro depois desse. É a única hipótese que temos de ser felizes. Frances, minha querida, concordarás e acederás a vir ter comigo?

Capítulo 23



– Venha sentar-se a meu lado, Mary – instou-a a ama. – Está diante dessa janela desde que o dia raiou. Tenho a certeza de que acabaremos por receber notícias.

Por fim, Mary desceu do seu ponto de vigia. Tinha passado o dia inteiro a observar ao longe, à janela em losango, no ponto mais alto do torreão sul, de onde, convencera-se, divisaria uma carruagem assim que esta virasse na barreira para colher a faixa estreita que conduzia à mansão.

Abaixo dela, parques e campos espraíavam-se a perder de vista. Havia sinos a convocar os fiéis das aldeias dos arredores, cansados da labuta da semana, para celebrarem o Dia do Senhor na igreja de Cobham. A maioria dos criados do rei estaria entre eles. Porém, do próprio duque não havia sinal.

– E se o rei os tiver impedido?!

Mary considerava o infortúnio. Em vez de viver ali com Frances, de quem tanto gostava, e com o duque, que a divertia, lhe ensinara a montar como os homens quando ninguém os via e jogava às cartas com ela enquanto a ama dormitava, teria de voltar para junto dos familiares da mãe, em Boarstall. Estes desejavam tanto tê-la lá como ela queria ir. E mesmo a sua herança era tão exígua que eles não se dariam a grandes trabalhos para a obter. Feia como sabia ser, o que tornaria pouco provável conseguir um marido com facilidade, o seu papel voltaria a ser

o de uma criada sem vencimento e sem sequer ter, desta feita, a vantagem de, ao menos, estar perto da mãe.

Escondendo o rosto entre as mãos, Mary começou a chorar.

Era uma atitude tão pouco típica nela que até a ama se condoeu. Mary era uma criança alegre e resiliente, prestes a transformar-se numa jovem muito capaz.

– Então, então – consolou-a a anciã. – A esperança é um bom desjejum, embora seja uma ceia fraca. Até ouvirmos algo em contrário, preparemo-nos para os vermos regressar felizes.

Mary fez um esforço para recuperar o ânimo e começou a planear qual seria a melhor forma de o fazerem.

Depois de tomarem pão e cerveja, foi pedir ao cozinheiro para preparar um banquete nupcial adequado, mesmo que consistisse apenas de carnes frias e tartes, que deveriam estar prontas para quando o duque e a futura duquesa regressassem finalmente.

Ficou comovida ao ver que os criados já tinham sido contagiados pelo entusiasmo do duque. As bandejas haviam sido esfregadas com crina de cavalo e brilhavam nos armários, as janelas cintilavam, o tampo de carvalho da mesa cheirava a cera de abelhas e todas as lareiras estavam preparadas para serem acendidas.

Mary riu-se ao reparar que até o latão do poleiro do papagaio fora polido ao ponto de brilhar.

– A manhã nasceu – informou-a o pássaro.

– É verdade, pássaro, e espero mesmo que esta seja a manhã que os trará para Cobham.

Frances não sabia como aguentaria aquele longo dia e o cair da noite até se esgueirar para ir ter com o duque à estalagem The Bear, em Bridgefoot.

Estava muito perto de alcançar aquilo que o seu coração almejava, mas ainda havia muita coisa que poderia correr mal. Não conseguiria respirar com à-vontade até ter a aliança no dedo e o rei ser persuadido a procurar amor noutro lugar.

Fingir que tudo estava normal, sobretudo naquele dia, teria requerido os talentos da atriz mais consagrada de Drury Lane. A missa matinal parecia demorar o dobro do tempo e o sermão duas vezes mais monótono. Catherine Boynton implorou-lhe que a acompanhasse ao Novo Mercado, que emergia das cinzas e exibia as modas mais recentes de Paris. Nervosa como estava, ainda assim Frances conseguiu reparar num pequeno chapéu com uma pena vermelha, um adereço irresistivelmente bonito, e comprá-lo.

Apesar da apreensão que sentia, deu-se conta de que Londres estava a ficar tão buliçosa como sempre fora, com obras em todas as esquinas e novas construções de tijolo a substituir a velha cidade Tudor cuja madeira ardera com tanto furor.

Whitehall zumbia como a colmeia que era, com cortesãos e advogados, membros parlamentares e criados, fidalgos e galãs, todos semelhantes a abelhas a competir entre si pelo pólen mais brilhante.

À tarde, ficou grata pela distração quando a rainha anunciou que queria ir cavalgar em Hyde Park.

Já tinham dado duas voltas ao Ring, cumprimentando todos os conhecidos e parando para partilhar os mexericos mais recentes, quando viram que o rei cavalgava na direção delas num grande cavalo branco, rodeado pelo seu círculo habitual. De imediato, as carruagens e as montadas abriram alas para que ele passasse.

O monarca parou e fez uma vénia diante da rainha.

– Boa tarde, senhoras. Vossa Majestade. Vim convidá-las a todas. Haverá a leitura de uma peça hoje à noite, à qual assistirá um pequeno grupo e muito me agradaria que estivessem presentes. Às dez horas, na sala privada.

Frances ficou com a impressão de que ele olhava para ela enquanto transmitia o convite, pelo que se esforçou por não permitir que o seu rosto a traísse. Teria ele descoberto o plano e assim, no último instante, tentava subvertê-lo?

As aias assentiram com a cabeça, aceitando o convite do rei.

– Que estranho – murmurou Cary Frazier. – Nunca tinha sido

convocada para a leitura de uma peça pelo rei; e a senhora, Jane?

– Não, e tenho a certeza de que não será tão divertido como no teatro, onde há todo o cenário e aquelas grandes máquinas que fazem navios, mares, nuvens, chuva e toda a espécie de magia. Ainda assim, é uma honra receber um convite do rei, não é? – perguntou, olhando para Frances com um ar pouco seguro.

A resposta de Frances não se ouviu, pois o tempo, até então agradável, piorou subitamente e uma forte rajada estrepitosa quase as derrubou das montadas, obrigando Frances a segurar o chapéu. Até o clima parecia estar a conspirar contra o casal.

Apressaram-se a regressar a Whitehall, evitando por pouco a tempestade.

Estaria a carruagem do duque, com os seus seis cavalos, já a enfrentar a mesma ventania e as trevas que se abatiam, em direção a Bridgefoot, em Southwark?, perguntava-se Frances.

Quando chegou ao quarto, descobriu que a criada de vestir lhe deixara preparado o melhor vestido que tinha, de seda dourada. Enquanto se vestia, ocorreu-lhe que teria de se esgueirar diretamente da leitura da peça nos aposentos do rei, sem ter oportunidade de ir buscar um saco com roupas. Inicialmente, essa ideia aborreceu-a, já que, como qualquer mulher, gostava de ter coisas bonitas; depois, porém, apercebeu-se de que, por esse motivo, partiria para a sua nova vida completamente livre da antiga.

Inclinou a cabeça para fechar o colar de pérolas que condizia com os brincos, sentindo o toque quente das pérolas na pele. Ao fazê-lo, a lua surgiu por entre uma nuvem escura, inundando o quarto com uma luz pálida que se refletia na perfeição resplandecente das pérolas que usava nas orelhas e ao pescoço.

Contudo, tanto o colar como os brincos haviam sido presentes do rei. E ela sabia que, se realmente desejava encetar uma nova vida, teria de os deixar ali, já que eram símbolos da sua antiga existência.

Naquela noite, tudo começaria de novo, uma folha em branco em que o amor deles seria escrito.

Abriu o fecho do colar, tirou primeiro um brinco e depois o outro, após o que pousou as joias no toucador.

A sala privada, onde a leitura da peça teria lugar, já estava apinhada quando lá chegou, restando poucos lugares livres. Viu então que Mall lhe acenava pois tinha-lhe reservado a elaborada cadeira dourada, com estofo de cabedal, ao lado da sua.

Mall olhou de relance para Frances enquanto esta se sentava, mas tudo o que disse foi:

– Uma noite agreste para aventuras.

E Frances, fitando-a, respondeu:

– É verdade. Mas há uma lua cheia para guiar os passos dos apaixonados.

– Ou para alumiar quem os persiga.

Tom Howard, sentado do outro lado de Mall, debruçou-se de repente, a rir-se.

– Não sabia que gostavam tanto de charadas.

– Oh, sim – replicou Mall. – Nada nos agrada mais do que um enigma.

Tom abanou a cabeça.

– Alguma vez compreenderei o belo sexo?

Mall limitou-se a sorrir.

Depois de ele ir buscar vinho das Canárias para os três, Mall entregou a Frances um pequeno embrulho.

– Não o abra aqui. Contém alguns guinéus e uma bagatela que eu comprei em Veneza, onde as damas a usam para defenderem a honra, ainda que, pelo que me consta, com escasso sucesso.

Frances sentiu o coração a parar.

– Julga que pode haver perigo?

Mall sorriu e acenou a um cavalheiro que as observava com um ar curioso.

– Vivemos em tempos perigosos.

Tom estava a regressar com as taças de vinho, pelo que Frances fez deslizar o embrulho para dentro da manga, onde as dobras do seu

camiseiro facilmente o ocultaram.

A peça era demasiado longa e pouco divertida; porém, ainda que tivesse sido o êxito mais hilariante e os papéis interpretados pela nata dos atores de Londres, ela não teria prestado atenção. Tudo o que podia fazer era esperar. E, com a meia-noite a aproximar-se e todos em redor a bocejar, havendo até algumas pessoas a adormecer, sentiu o cotovelo de Mall no seu flanco.

– Vá. Depressa, enquanto aquele ator tolo arrasta a sua fala.

– Mas que risco a farei correr, se partir assim? – sussurrou Frances.

– Eu sou irmã do duque de Buckingham, amiga de infância do rei e uma mulher. Ele não me fará mal. Encontrará um manto e um véu no vestiário aqui ao lado. Vá!

Frances não precisava de mais encorajamento. Enquanto a assistência se levantava e aplaudia, mais por alívio por a peça ter chegado ao fim do que por ter apreciado o espetáculo, ela esgueirou-se e caminhou rapidamente por entre o magote de criados e cortesãos que bocejavam do outro lado da porta.

No vestiário, encontrou o manto que Mall lhe prometera e vestiu-o. Depois correu pelo corredor entre os aposentos da rainha e os do rei em direção ao terraço sobre o rio, de onde os monarcas tinham observado o cometa. Dali partia uma escadaria pouco usada, que passava pela galeria dos escudos e depois se unia às escadas privadas. Uma fileira de botes aguardava ali que o entretenimento chegasse ao fim, balouçando ao sabor do vento forte que fazia com que o rio parecesse o mar alto. Frances chamou o primeiro, que se apressou a remar na sua direção, ansioso por deixar o rio e poder ir para casa, onde o esperaria o calor de uma lareira.

– Para onde, senhora? – perguntou o barqueiro.

– Para The Bear, em Bridgefoot, o mais depressa que puderem remar.

– Já vai tarde, senhora, se espera ver a exibição do Jacob Hall nos terreiros de lá – comentou enquanto começava a virar a pequena embarcação. – Calculo que já esteja no interior da estalagem, com uma das senhoras a oferecer-lhe uma taça de vinho, não achas, Benjamin? –

perguntou ao outro remador.

Frances, que nada sabia desse espetáculo, ficou aliviada por isso evitar que os homens lhe perguntassem porque ia para lá; contudo, a informação também a deixou ansiosa. Iria a presença de uma grande multidão oferecer-lhes maior anonimato ou tornar mais provável que fossem descobertos?

Os dois homens riram-se do comentário e continuaram a remar como se o rio estivesse plácido como um lago. Porém, Frances agarrava-se com força, servindo-se das duas mãos, sentindo a água a molhar-lhe o rosto e o vento cortante nas faces, temendo poder terminar aquela noite numa sepultura aquática em vez de num leito nupcial.

– Ouviu a triste história do que aconteceu à estalajadeira de The Bear, aqui há poucos meses, senhora? – perguntou o homem chamado Benjamin, aparentemente cheio de vontade de lha contar.

Frances abanou a cabeça.

– Atirou-se ao rio e afogou-se – revelou o outro, roubando a Benjamin a revelação dramática.

– E era uma mulher bem bonita, que fora dona da White Horse, na Lombard Street. – Benjamin tentava recuperar o protagonismo, gritando para se fazer ouvir acima do vento. – Conhece a White Horse, senhora?

– Parece-te que ela conheça aquele lugar grosseiro como o inferno?

Frances estremeceu, perguntando-se o que levaria uma jovem bonita a procurar a morte num rio.

– Dizem que sofria da doença verde. – Era óbvio que Benjamin sentia que o seu drama precisava de alguma explicação. – E nós sabemos a cura para isso. As atenções de um marido!

A visão tranquilizadora da Ponte de Londres já ia ficando mais próxima e ouviam o marulhar da água a embater nos botaréus que a sustentavam.

Em vez das escadas habituais que ascendiam do rio, The Bear tinha o seu próprio ancoradouro, pois era ali que os botes cobertos faziam uma paragem nas viagens de e para Greenwich e Gravesend.

Trémula, Frances levantou-se, com um dos barqueiros a ajudá-la a

equilibrar-se enquanto saía do barco agitado para o ancoradouro.

Afetando uma confiança maior do que a que sentia, atravessou o terreno em direção à estalagem. Tinha parado por um instante para ganhar coragem quando um braço forte a apanhou e uma mão lhe tapou a boca, sentindo-se puxada para uma espécie de caramanchão.

– Silêncio, querida!

As palavras ternas contrastavam com a força dos seus braços, pelo que Frances demorou um tudo-nada a compreender que o seu atacante era, na verdade, o duque.

– Charles – sussurrou por fim. – Graças a Deus que és tu!

Nada mais pôde dizer, pois os lábios dele uniram-se aos seus.

– Bem gostaria de ter sabido que o Jacob Hall dava um espetáculo aqui nesta noite – disse-lhe quando a largou. – Teria escolhido um lugar mais tranquilo para nos encontrarmos. A estalagem está cheia de damas e fidalgos.

– Mas ninguém te reconheceu?

Ele abanou a cabeça.

– Mantive-me no meu quarto. Achei que seria previdente reservar um e realmente já se revelou útil. O melhor é que vás para lá agora, é ao cimo das escadas. Deixei a porta aberta. E não tires o capuz nem o véu. Não fales com ninguém. Envio-te um criado assim que a companhia se for embora e pudermos partir sem sermos vistos. – Beijou-a uma última vez, como se não conseguisse separar-se dela. – Já falta pouco – sussurrou-lhe.

As palavras, naquela noite agreste, soaram como uma prece.

– Silêncio. – Ela levou um dedo aos lábios dele. – Não o digas.

Enquanto seguia às cegas para a entrada das traseiras da taberna, pensou na leitura da peça, que sem dúvida já teria terminado, e em Mall, que teria de inventar qualquer coisa para despistar o rei; desejava desesperadamente que ela tivesse encontrado uma justificação convincente.

Ia a meio das escadas quando uma rajada violenta de vento afastou as nuvens, fazendo com que, de repente, tudo se iluminasse como se fosse

dia. As palavras de Mall acerca de poder haver luz para perseguir os apaixonados atormentavam-na e ela estremeceu e esfregou os braços para se aquecer. Ao fazê-lo, encontrou o embrulho que a amiga lhe entregara e do qual se esquecera por completo.

Tirou-o da manga e examinou-o. Era um lenço de seda preso com um laço, dentro do qual havia dois objetos: uma bolsa com moedas e uma pequena faca, que não teria mais de doze centímetros, com um cabo de madrepérola ricamente trabalhado.

Uma voz atrás de si sobressaltou-a tanto que quase deixou cair a faca.

– Que lugar inusitado para a encontrar, Mistress Stuart. Numa taberna, à meia-noite, e sozinha. Qualquer pessoa julgaria que veio encontrar-se com um amante.

Frances deu por si a fitar os olhos triunfantes de Barbara Castlemaine.

– Vim ver o funâmbulo – justificou-se, com o coração a latejar –, mas senti-me indisposta e precisei de me deitar.

– E, por acaso, tinha um quarto reservado. Que conveniente. – Barbara barrava-lhe a passagem. – Também eu vim assistir ao funâmbulo. E também tenho um quarto, pois espero em breve uma visita, o próprio Mister Hall.

Frances tentou passar por ela, mas Barbara estendeu um braço, bloqueando-lhe o caminho.

Sem mais delongas, Frances tirou a faca da manga.

– Então irá já para o seu quarto, onde esperará por ele.

Encostou a faca às costelas de Barbara, esperando e rezando para que Barbara não pressentisse o seu medo.

Ao menos a vantagem física era sua. Para além de medir mais dez centímetros do que Barbara, era mais nova e encontrava-se em melhor forma. A vida de excessos voluptuosos de Lady Castlemaine começava finalmente a dar conta dela.

Barbara arquejou, mas começou a subir as escadas, com Frances a segui-la de perto. Ao chegarem ao quarto, Frances olhou para a cama, mas esta era demasiado larga para poder ser útil. Então, ainda a empunhar a faca, soltou os cordões que prendiam os enormes cortinados

e obrigou Barbara a sentar-se numa grande cadeira de carvalho trabalhado. Atou-lhe os pulsos e os tornozelos à cadeira.

Lady Castlemaine, entretanto, observava-a com uma expressão de divertimento triunfante e ocioso.

– Será cá uma história para contar ao rei... Na verdade, apostaria uma bolsa cheia de anjos em como ele gostaria de estar presente, se soubesse disto.

– Sim – concordou Frances, sorrindo enquanto apertava mais os nós.
– Lembro-me de que este é um género de jogo que a senhora aprecia. Porém, não irá contar-lhe já.

Agarrou no lenço de seda que envolvera a faca e as moedas e, muito depressa, antes que Barbara conseguisse adivinhar o que ela ia fazer, amordaçou-a.

Um assobio no patamar indicou-lhe que estava na altura de partir.

– Não se preocupe com o seu galã, Mister Hall. Dar-lhe-ei instruções para que a deixe aqui durante uma hora ou duas. – Fez tilintar as moedas na bolsa que Mall lhe dera. – Estes guinéus devem deixá-lo e aos seus admiradores satisfeitos durante algum tempo. Espero apenas que ele ainda esteja em forma para se servir das suas habilidades quando vier desamarrá-la. E não julgue que a ouvirão se bater com os pés no chão, pois lá em baixo os ânimos estão em alta e o ambiente é muito barulhento. Boa noite, minha senhora... e, espero, adeus.

Fechou a porta e desceu as escadas a correr, à procura do criado, parando apenas quando encontrou o elegante Jacob Hall, a quem entregou a bolsa de moedas.

– Deve deixar a senhora dormir durante algum tempo, para que ela se recomponha e recupere forças para mais tarde. – Em resposta, ergueu-se um coro de «Sim, senhora!» do grupo ali reunido. – Ela envia-lhe estes guinéus para que o senhor e os seus amigos possam brindar à saúde dela tão alto quanto quiserem, pois não a acordará.

Logo um dos galãs que rodeavam Jacob, com a peruca torta e o camiseiro aberto, começou a bater com os pés no chão:

– Um brinde! A Lady Castlemaine. A maior rameira de Londres!

Por um instante, Jacob Hall pareceu prestes a defender a honra da sua amante. Em vez disso, deu um grande trago na caneca de cerveja e fez uma vénia.

– Perdão, senhor. A maior rameira da Cristandade!

E, enquanto todos se riam e pediam mais uma rodada de vinho das Canárias, Frances finalmente escapou para a carruagem de seis cavalos e para os braços ansiosos e expectantes do duque de Richmond.

Quando a peça no palácio de Whitehall terminara, metade da assistência dormia a sono solto. Mall tinha feito Jane La Garde passar para o lugar de Frances para disfarçar a ausência desta e, até então, ninguém tinha reparado.

O aplauso que saudou a última cena foi genuíno, pois todos ansiavam que o espetáculo acabasse.

O rei foi quem bateu palmas com mais entusiasmo.

– Mas onde está Mistress Stuart? – perguntou a Mall ao passar por ela.

– Foi deitar-se há meia hora – respondeu Mall descaradamente.

– Ai sim? – Fitou-a com um olhar desconfiado. – Nesse caso, inveje-lhe a sorte. Não foi uma das melhores deste dramaturgo.

O rei abandonou a sala, seguido pelos *spaniels* sempre a latir e por uma comitiva de cortesãos, no preciso momento em que a carruagem de seis cavalos transportava o duque de Richmond e a mulher com quem este pretendia casar, levando-os em liberdade de Southwark para a barreira por onde passariam rumo a Cobham e a uma nova vida.

Capítulo 24



Foi o perfume que a acordou. Um aroma doce, estonteante e potente que se insinuava em todo o quarto.

Frances sentou-se, atordoada, por um momento sem saber onde se encontrava, e viu que todas as mesas, lintéis e até o parapeito continham jarros e vasos cheios de narcisos brancos.

E logo após – a recordação maravilhosa e extraordinária de que tinham conseguido: tinham escapado!

Envergonhada, deu-se conta de que envergava apenas o camiseiro e de que o seu vestido estava sobre o espaldar de uma cadeira de madeira trabalhada, com os sapatos e as meias ao lado, no chão. Com gestos hesitantes, saiu da cama para explorar o ambiente à sua volta. O quarto era grande e quadrado, ricamente mobilado, as paredes revestidas com lambris de madeira que faziam lembrar linho dobrado, e um grande candelabro pendurado no teto. Mas a maior atração era a enorme janela saliente, com um banco almofadado, com vista para o parque.

Frances sentou-se e observou as nuvens de narcisos que formavam grandes manchas amarelas sob as árvores, viu um esquilo vermelho e um veado a caminharem alegremente lado a lado, ignorando o arrogante faisão que se passeava ali perto, exibindo as cores exóticas.

A última coisa de que se lembrava era de ter adormecido na carruagem enquanto esta avançava por estradas sulcadas, quando a ansiedade e a exaustão finalmente a haviam vencido. Mas quem a teria

despido e disposto as suas roupas com tanto aprumo na cadeira? Teriam sido as mãos de Charles a desapertar-lhe os laços do vestido?

Uma batida na porta resgatou-a do que imaginava e Mary entrou.

– Acordou, finalmente!

– Foi a Mary quem encheu o quarto de flores?

Ela assentiu com a cabeça.

– Quando despertei, pensei que me encontrava nalgum paraíso celestial.

– Fui eu quem as escolhi, mas seguindo a sugestão do duque.

– Onde está ele? E como passei da carruagem para a cama, acordando de manhã apenas com o meu camiseiro?

– Ele trouxe-a para aqui e eu tratei do resto. Não se preocupe, o seu recato virginal não foi ofendido.

Frances soltou uma risada de felicidade pura.

– Que se dane o recato virginal! Então onde se escondeu o meu herói e salvador, quando desejo agradecer-lhe?

– Está lá em baixo com o vigário. É o dia do vosso casamento, Frances.

Frances saltou e abraçou a jovem.

– Estou tão contente por ir testemunhá-lo, Mary. Não terei comigo nem o meu pai nem a minha mãe, nem sequer a minha irmã Sophia ou o meu irmão Walter. A Mary será toda a minha família!

Lembrou-se de ter partido de mãos vazias, sem sequer uma muda de roupa que pudesse envergar para se casar.

– Bem, serei uma noiva simples e prática, pois nada trouxe comigo. Terei de casar usando o vestido com que fiz a travessia do rio e a viagem de carruagem.

– É um vestido lindíssimo e realça-lhe o brilho dos olhos e o dourado do cabelo – consolou-a Mary.

– E desvia as atenções do meu esplêndido nariz romano!

– Preparei-lhe alguns adornos – disse Mary num tom tímido. – Vista o vestido enquanto vou buscá-los.

Ela enfiou o vestido por cima do camiseiro e abotoou os pequenos

botões de pérola que o fechavam, enquanto ia pensando se já teriam dado pela sua falta. Barbara nunca admitiria a injúria que sofrera, mas não deixaria de soltar o seu veneno o melhor que sabia.

Mary regressou com uma almofada na qual dispusera uma tiara de flores primaveris e um buquê preso com uma fita cor-de-rosa.

– Serei como a rainha de maio!

– Eles já a esperam lá em baixo – disse Mary, colocando-lhe a tiara na cabeça.

Lágrimas acorreram aos olhos de Frances, ao pensar que os pais e o resto da família nem sequer sabiam que ela estava a dar aquele passo. Lembrou-se do adágio da ama, acerca de cada pessoa dever ser o arquiteto do seu próprio destino, limpou os olhos e segurou no *bouquet*.

– Está pronta? – perguntou-lhe Mary.

Frances assentiu com a cabeça e seguiu-a pela larga escadaria de madeira, com as coroas ducais gravadas nos pilares, em direção ao salão principal.

Ficou comovida ao ver que toda a criadagem fora reunida, os moços da cozinha e o negro Dick, bem como Roger Payne, o administrador do duque, Henry Flaxney, o subadministrador, os criados, a cozinheira e a camareira.

E, ao fundo do salão, diante da grande lareira, na qual crepitavam chamas vivas, estava o seu noivo, sorrindo com tanto orgulho que, de súbito, ela perdeu todas as dúvidas, independentemente do que o futuro pudesse reservar-lhes.

Ele estendeu-lhe uma mão num gesto carinhoso.

– As flores ficam-te melhor do que quaisquer joias.

O pastor perguntou quem levaria a noiva ao altar.

Quando Roger Payne deu um passo em frente, outra onda de tristeza assaltou Frances por não ser o seu pai a fazê-lo, mas a alegria nos olhos do noivo depressa a tranquilizou.

– Queridos amigos – começou o pastor. – Reunimo-nos aqui, sob o olhar de Deus e perante esta assembleia, para unir este homem e esta mulher pelos laços sagrados do matrimónio.

Quando chegou à fatídica questão que pretendia averiguar se algum dos presentes sabia de algum impedimento legal à celebração do casamento, Frances deu por si a olhar para a porta, como se uma fanfarra pudesse soar a qualquer momento, antecedendo a entrada do rei.

Porém, nenhum impedimento foi apresentado. Por fim, o pastor voltou-se para o duque.

– Charles, aceitarás esta mulher como tua esposa, para que vivam juntos com a bênção de Deus na condição sagrada do matrimónio? Irás amá-la, reconfortá-la, honrá-la e mantê-la, na saúde e na doença e, esquecendo todas as outras, serás apenas dela, até que a morte vos separe?

Vinte pessoas contiveram a respiração, à espera.

– Sim.

Era a vez dela.

– Frances, aceitarás este homem como teu esposo, para que vivam juntos com a bênção de Deus na condição sagrada do matrimónio? Irás amá-lo, confortá-lo, honrá-lo e mantê-lo, na saúde e na doença e, esquecendo todos os outros, serás apenas dele, até que a morte vos separe?

Antes que ela pudesse responder, um grasnido levou a que todos olhassem para trás. O papagaio-cinzento estava aos pulos, tufava as penas e declarava: «Sim! Sim!», enquanto todos choravam de tanto rir.

– Então, reverendo – perguntou o duque com uma expressão muito séria –, espero que isto não queira dizer que desposei o papagaio.

– Ou que o papagaio casou comigo – brincou Frances.

– O pássaro permanece solteiro – confirmou o pastor, entrando no espírito daquela invulgar cerimónia nupcial.

Os noivos trocaram alianças e os votos foram completados, para regozijo geral e não pouco alívio tanto de Frances como de Charles.

No fim, o duque encantou a assembleia reunida beijando a noiva à vista de todos, enquanto o papagaio inclinava a cabeça e proferia, bastante satisfeito:

– É o bom Charlie Stuart!

Depois passaram para a sala de jantar, onde um desjejum nupcial fora preparado sob a supervisão rigorosa de Mary, do qual todos desfrutaram, desde o duque e a sua nova duquesa até ao criado mais humilde.

Mary tinha descoberto que Simon, o rapaz incumbido de afugentar os pássaros, era muito dotado com a rabeca; depois de os pratos serem levantados, dançaram ao som das músicas que ele conhecia até todos ficarem exaustos. Foi então que o duque anunciou que poderiam tirar o resto do dia, enquanto ele e a esposa se recolham ao quarto, apesar de ser tão cedo.

E foi assim que, algo embaraçados, Frances e o noivo, acompanhados pelo ressoar de batidas de caçarolas, de pés no chão e assobios, foram escoltados ao longo da grande escadaria até ao quarto, onde um jarro de hidromel, conhecido como a bebida dos recém-casados, os esperava.

– Tomem – gritou Mary, tirando algo do bolso –, é preciso atirar a meia!

Entregou-a a Frances, que lançou a meia por cima da cabeça para a multidão risonha, onde acabou por ser apanhada pela própria Mary.

– Será a próxima, então, Mistress Mary! – provocou o administrador quando finalmente partiram, deixando os noivos a sós.

Charles foi até à janela e cerrou as cortinas.

Quando se voltou, Frances esperava-o, nua como Eva no Jardim do Éden, mas ainda com a coroa de flores na cabeça.

Ergueu a mão para a tirar, mas ele impediu-a.

– Julgava-te uma duquesa, mas agora vejo que és uma rainha.

As palavras irrefletidas levaram-nos a pensar no rei e no que ambos tinham arriscado por aquele momento tão esperado.

E então ele beijou-a e ela não pensou em nada mais enquanto ele lhe pegava ao colo e a levava para o leito de núpcias.

– Com o meu corpo te venero – sussurrou ele enquanto se deitava sobre dela.

Ela agarrou-se a ele, exultando com o seu toque, pequenos dardos de prazer a atravessarem-lhe o corpo, até que, por fim, explodiu como uma estrela, sentindo-se fascinada e satisfeita.

Do andar de baixo proveio um gralhar distante:

– Bom trabalho, Charlie Stuart!

Quando soube da fuga, a raiva do rei atingiu proporções bíblicas. Saiu da reunião em que se negociava com o odiado embaixador holandês e foi de imediato aos aposentos dela, com os cães a segui-lo.

Descobriu que Catherine Boynton, Cary Frazier e Jane La Garde haviam chegado lá primeiro. Ali se encontravam, ansiosas como galinhas num galinheiro depois da incursão de uma raposa, entre o caos dos pertences de Frances.

– Ouvimos dizer que fugiu para Cobham para casar com o duque – explicou Cary, hesitante, atenta à porta.

– Deixou tudo o que tem – acrescentou Catherine.

– Até os vestidos e os adereços.

– Incluindo todas as joias – afirmou Jane, num tom inseguro –, sugerindo que as devolvêssemos a quem lhas ofereceu.

O rei avançou até ao toucador e agarrou no colar de pérolas que oferecera a Frances. Com um grande esticão, partiu o fio, e as pérolas saltaram em todas as direções. As aias observavam, caladas e assustadas, enquanto ele atirava os brincos para o chão e os esmagava, como se imaginasse que eram o rosto do duque.

– Nenhuma de vocês sabia desta fuga?

Todas abanaram a cabeça em silêncio e até a ousada Cary Frazier, desta vez, conteve a língua.

Estava ele a partir, enfurecido, quando Lorde Cornbury, o filho do duque, teve a infelicidade de chegar, trazendo um recado do pai.

– O que veio aqui fazer? – rosnou-lhe o rei. – Se procura Mistress Stuart, vem tarde... ela fugiu com o duque de Richmond. – Teve uma ideia e aproximou-se mais do nobre espantado. – Ou talvez já estivesse a par disto? Talvez o conde seu pai tenha fornecido os cavalos e envergado roupa de cocheiro para ajudar os amantes.

– Vossa Majestade, eu nada sabia disto e o meu pai também não.

– Deveras? – indagou o rei com sarcasmo.

– Pensava que Vossa Majestade tinha dado o seu consentimento a este enlace, ainda que não a sua bênção.

Carlos fitou-o como se tivesse vontade de lhe atirar os cães, não apenas os amistosos *spaniels*, mas os ávidos mastins que tinha para acossar ursos, capazes de desmembrar um animal enorme.

– Diga ao seu pai que ele ainda não ouviu a história toda.

– Vossa Majestade, Deus é minha testemunha, garanto-lhe que ele ainda não ouviu o que quer que fosse.

Porém, o monarca não estava com disposição para dar ouvidos à razão.

Barbara, a quem ele arrancou à mesa onde ela estava a jogar para ouvir o seu violento discurso, não foi capaz de resistir à oportunidade de deitar mais achas para a fogueira. Se não podia sabotar o casamento de Frances, ao menos aproveitaria a ocasião para arruinar o chanceler.

– Bem lhe disse que Mistress Stuart não era o anjo que dizia ser. E claro que o Clarendon está metido nisto até ao pescoço. Toda a corte o diz.

O rei percorria a galeria atapetada de um lado para o outro enquanto Barbara o observava, mantendo-se atenta às damas de companhia da rainha, incluindo Mall, que se haviam reunido no jardim privado em pequenos grupos, a falar de Frances e do duque em tons invejosos.

Quanto a uma coisa, Frances estivera certa: Barbara não contara a vivalma o incidente em The Bear.

– Apostaria cem guinéus em como a Mall Villiers participou nisto – acusou Barbara. – É uma mulher arrojada, sobretudo desde que casou com o Tom Howard, e está com um ar culpado, como um gato depois de lamber natas. E é unha com carne com Mistress Stuart. Foi ela quem justificou a ausência dela na noite passada. Deveria averiguar o que ela sabe sobre esta questão.

– Assim farei – respondeu o rei, muito transtornado.

– E, Majestade – acrescentou Barbara, que nunca desperdiçava uma ocasião vantajosa –, está na altura de tirar o Selo àquele velho e tonto Clarendon. Já gozou o seu tempo e atrapalha o Conselho com os

esquemas que só lhe servem a ele, em vez de atentar às questões que dizem respeito a Vossa Majestade.

Carlos soltou um grande suspiro.

– Como de costume, tem razão, senhora. Até agora, permiti que a lealdade me impedisse de ser racional. Mas nunca lhe perdoarei isto. É um golpe demasiado grande para o meu coração. Terá de facto de se ir embora.

– Acredite em mim, dançarei uma jiga quando o vir pelas costas.

O rei observou a mulher cuja cama partilhava havia tanto tempo e a quem fizera tantos filhos. Não existia nela nem uma pinga da bondade que ele encontrara em Frances Stuart.

Porém, Frances traíra o seu amor e a sua confiança, e ele tinha de a esquecer.

No entanto, antes disso, alguém haveria de pagar.

Mall esperava ser chamada e, quando isso aconteceu, quase se sentiu aliviada. Tom não a deixara em paz, dizendo-lhe que ela passara toda a noite a murmurar que traíra o rei, seu amigo de infância.

Quase a persuadira a ser ela mesma a pedir uma audiência a Sua Majestade, quando o mensageiro chegou, requerendo a sua presença.

O rei encontrava-se na estufa, admirando as camélias brancas na companhia do jardineiro.

– Suponho que saiba quem me recorda a pureza perfeita destas flores.

– Mas a Frances não é nem perfeita nem perfeitamente pura! – Mall tinha pensado apresentar um pedido de desculpas calmo, mas não conseguiu conter-se. – É simplesmente humana.

– Na noite da peça, sabia que ela tencionava fugir com o duque?

– Sim.

– Então, dado que afirma adorar-me, porque não impediu que isso acontecesse?

– Fui da opinião de que a Frances tinha o direito a ser feliz e que nem um rei poderia anulá-lo.

– O direito! – Carlos esmagou o botão perfeito que tinha na mão e

atirou as pétalas para o chão. – Que direito é que qualquer um de nós tem à felicidade? Eu tenho de governar um reino e de estar ligado a uma mulher que não escolhi e cujo leito partilho pelo dever de produzir um herdeiro. Não tenho também o direito a ser feliz?

– Talvez. Mas a Frances optou por jurar o seu amor perante Deus e renunciar a todos os outros, como ordena a condição do matrimónio. Compete-nos a todos, até aos reis, respeitá-lo.

– Não costumava ser tão beata em relação ao casamento, Mall. Lembro-me do amor que dedicava ao meu primo Rupert, apesar de já ter marido.

– Era jovem e tola. Demorei uma vida inteira a encontrar um homem que me ensinou o verdadeiro significado do amor. Depressa encontrará outra que o seduza tanto como a Frances.

– Não! – A angústia da sua voz penetrou o ar quente da tarde. – Eu amava-a, Mall.

Sabendo o risco que corria, Mall decidiu continuar:

– Contudo, ela não o amava e forçá-la a deitar-se consigo teria sido desonroso.

– É cruel, Mall.

– Sou honesta. Deixe-a e reconheça que fez uma coisa boa.

– A corte não será a mesma sem ela.

– Não.

– Nunca a esquecerei.

– Nem deveria.

Porém, mesmo não voltando a encontrar o amor, meditava Mall, em breve encontraria consolo. Dizia-se que Nell Gwynn, a nova atriz, era tão bonita quanto perspicaz. Talvez devesse convidar Mistress Gwyn para uma ceia em que o rei estivesse presente.

O conde de Clarendon reconquistara várias vezes as boas graças do rei mas, desta feita, tal não aconteceu. O golpe havia sido demasiado profundo. Contudo, agarrou-se à sua posição e à grande mansão de Piccadilly até que, por fim, o filho e o genro, o duque de York, o

persuadiram a entregar o Grande Selo, necessário para timbrar todas as leis da nação – e a deixar o país, antes que fosse de facto impugnado e perdesse tudo.

Fê-lo com o coração pesado e a convicção de estar a ser profundamente injustiçado.

Barbara, tal como prometera, ficou à janela, envergando apenas a camisa de dormir, para ver o único homem que havia resistido ao seu poder enfrentar a derrota e a humilhação finais.

– Meu Lorde! – chamou ela o idoso a quem a gota fazia sofrer. – Se a decisão fosse minha, não o deixaria partir tão ligeiramente. Quem me dera que tivesse sido esquartejado e os seus membros pendurados nas muralhas da cidade.

– Madame – ripostou Clarendon, bem alto –, não lhe desejo um destino tão cruel. Espero apenas que envelheça.

Frances estava no seu parque, observando o novo edifício, com as pilastras clássicas e o arco de pedra da entrada, que emergia com uma rapidez extraordinária na velha mansão de Cobham.

Hohn Webb, sobrinho e pupilo do famoso Inigo Jones, dirigia a construção com grande eficiência, e Frances desfrutava do desafio de participar com as suas próprias ideias no modo como ela poderia ser realizada sem incorrer em grandes despesas. No dia anterior, com o orgulho de um arqueólogo que desenterrasse a Roma Antiga, ele mostrara-lhe uma pilha de ossos velhos e conchas de ostras que os trabalhadores tinham desenterrado.

Dado que o duque e a nova duquesa não eram bem-vindos na corte, o marido de Frances decidira transformar Cobham no centro da vida de Kent, fazendo da esposa a estrela brilhante em torno da qual tudo giraria.

Nunca tendo tido uma casa sua, Frances descobriu que nascera para ser castelã. O simples ato de passear pela sua própria casa proporcionava-lhe um prazer enorme, tal como parar para admirar a lareira por cima da qual havia uma escultura do busto feroz de um

sarraceno, testemunhando que outrora os proprietários haviam sido Cruzados; verificar se todos os castiçais e candelabros continham as velas necessárias; ou deter-se em frente à dolorosa inscrição em latim, que declarava que «Cada Homem Orquestra o Seu Próprio Naufrágio». O que teria acontecido aos ocupantes de Cobham para desejarem criar algo tão triste? E, todavia, quão próxima estivera a sua própria vida de um naufrágio...

Acima de tudo, simplesmente adorava morar ali. Gostava do odor das roupas de cama lavadas e guardadas no armário, de ver as fileiras de frascos no alambique caseiro. Tinha jeito, segundo descobriu – sem que antes lhe houvesse dado asas – para escolher tapeçarias e mobílias com bom gosto e estilo, criando assim um ambiente encantador.

Quando dissera a Mister Webb que desejava que o quarto fosse pintado de um tom semelhante ao peito de um pombo, ele fitara-a, horrorizado. Porém, agora admirava tanto a cor que a recomendava a todos os seus clientes nobres.

Também descobriu que tinha um dom para lidar com os criados, sendo amável e ao mesmo tempo firme, obtendo de todos bons resultados. Até então valorizada apenas como ornamento, era com surpresa que encontrava uma profunda satisfação em ser útil.

E quando se cansava da felicidade doméstica, havia novos prazeres no quarto de dormir.

Mary, entretanto, transformava-se numa jovem mulher. Em breve começaria também a pensar em arranjar marido.

Quanto a Charles, tratava a esposa com ternura e um instinto protetor. Ela ainda não lhe dissera mas, naquele mês, não tivera as suas regras. Esperaria até ao mês seguinte e, se chegasse à altura do fluxo e ela ficasse certa da novidade, contar-lhe-ia, pois sabia quanto ele desejava um herdeiro.

Não passava um só dia, fizesse sol ou chuva, sem que Frances agradecesse a Deus a sorte que tinha. Por vezes sentia a falta das amigas da corte e ansiava ver a peça mais recente ou saber qual a moda seguida em Paris, dizendo a si mesma que não desejava ser para sempre uma

dona de casa no campo, sem nunca visitar a corte ou a cidade; porém, um casamento verdadeiro e com amor era o que mais queria.

Por fim, a mãe perdoara-a, decerto por ver as vantagens de ter uma filha com uma grande casa e que ascendera a duquesa. No mês seguinte, Mall foi visitar a casa que em tempos fora sua.

Frances não tornara a ver o rei e tinham-lhe dito que a fúria que sentia por ela continuava viva. Não obstante, tomara uma atitude estranha. Quando a guerra com a Holanda finalmente terminara, Carlos emitira uma medalha para celebrar a paz. Mall enviara uma delas a Frances. Com a medalha na mão, atônita por ver que exibia a sua imagem, gravada meses antes por Jan Roettier, rira-se e comentara:

– Veja, Mary. Aqui estou eu, representada como Britânia, com o meu escudo e a minha lança, montada no rochedo de Inglaterra, a dominar as ondas!

Nada levava consigo quando deixara a corte e nada queria da sua antiga vida. Porém, aquela rodela de prata proporcionou-lhe uma grande alegria.

Frances, duquesa de Richmond e de Lennox, ainda não tinha vinte e um anos e tomara a maior decisão da sua vida, enfrentando uma oposição terrível. Fora amada por um rei e, doravante, viveria para sempre como Britânia.

Seria uma grande história para contar aos netos. Por ora, contudo, o lar, o marido e a criadagem precisavam dos seus serviços.

E ela estava realmente feliz por isso.

Atrás dela, à luz dourada da tarde, o duque abriu-lhe a porta da casa que tantas vezes ela desenhara na sua imaginação e jamais se atrevera a sonhar que um dia seria sua.

Frances sorriu e atravessou-a em direção ao seu futuro.

Posfácio



A corte da Restauração vivia fascinada pela questão: ter-se-ia Frances Stuart alguma vez entregado a Carlos II? Ninguém conseguia acreditar que ele a tivesse amado de forma tão obsessiva durante cinco anos e que, mesmo assim, La Belle Stuart houvesse resistido, independentemente de tudo o que ele lhe oferecia.

O mexeriqueiro Pepys, embora admirasse a sua beleza, não foi capaz de decidir se Frances era uma «rameira astuta» que esperava pela oportunidade de ser rainha ou uma mulher virtuosa. No final, quando soube que Frances devolvera as joias ao rei, concluiu que aquela era «a mais nobre história de amor» e Frances o maior «exemplo de uma dama corajosa de que alguma vez ouvi falar».

John Evelyn, um comentador de sentimentos mais elevados, também acreditava que ela era honrada. Outro assunto amplamente discutido na corte era se Carlos se divorciaria da rainha para casar com Frances.

Os seus contemporâneos tinham dificuldade em acreditar que ela tivesse escolhido o duque de Richmond, preterindo o rei, e suspeitavam que se casara com ele por interesse, mas as cartas que Frances escreveu ao marido revelam outra história.

«Oh, meu querido, se me amas, tem cuidado contigo», escreveu três meses depois de se casarem, terminando a carta da seguinte forma: «Concluo que sou a mulher mais feliz que alguma vez nasceu por ter o coração do meu Lorde, a única alegria da minha vida; preferiria morrer a

perdê-lo.» Mesmo tendo em conta a linguagem vívida do século XVII, o sentimento é claro. Frances amava o seu homem.

Viveram sempre com escassez de dinheiro e o marido participou em várias missões diplomáticas. Enquanto ele estava fora, Frances mantinha-se em constante contacto com ele, narrando-lhe o progresso das obras da casa, Cobham Hall. Uma das suas cartas tem um toque deliciosamente moderno: «Contratei o pintor que mencionaste para pintar o quarto. Está quase pronto [...] Se soubesses como é difícil arranjar trabalhadores nesta altura e como são preguiçosos os que temos aqui, tenho a certeza de que partilharias a minha opinião.» Há coisas que nunca mudam!

Mall Villiers (finalmente Howard) viveu feliz com o seu «Tom Norton» e, apesar das diferenças de idade e posição, foram descritos por um observador contemporâneo como «o casal mais afeiçoado que pode existir». Tragicamente, a filha de Mall morreu aos vinte anos, quando acabava de se tornar noiva.

Mary Lewis casou e teve uma filha a quem, significativamente, deu o nome de Frances.

Catherine Boynton conseguiu finalmente desposar o seu Dick, bem como obter um dote da rainha, no valor de 4.000 libras. Dado que a História o recorda como Dick Talbot, o *Mentiroso*, talvez não tenha sido uma boa negociata.

Lorde Rochester raptou a herdeira Elizabeth Mallet, com quem casou, prosseguiu a vida de deboche que sempre levava e morreu de sífilis aos trinta e três anos, apesar das atenções de madame Foucard e dos seus banhos de mercúrio. Ainda é recordado pelos seus versos líricos e ainda mais pelos incisivos comentários sobre o rei.

Barbara Castlemaine foi uma das grandes sobreviventes. Ao fim de dez anos do seu reinado, o rei concedeu-lhe o título de duquesa de Cleveland quando escolheu outra amante. Barbara manteve diversos amantes, de reputação cada vez mais dúbia – desde o ator Cardell Goodman, que exigia saber se «A minha duquesa veio?» antes de dar início a uma atuação, ao miserável «Beau» Fielding, com quem se casou

aos sessenta e três anos, descobrindo então que ele já era casado. Morreu na pobreza, depois de ter casado os seus cinco bastardos reais com jovens descendentes da pequena aristocracia.

Sophia Stuart desposou Henry Bulkely, mordomo-mor da casa real, que tinha uma tendência infeliz para participar em duelos – muitas vezes para proteger a bastante picante reputação de Sophia. Chegaram a correr boatos de que, alguns anos depois, ela se teria tornado amante do rei! Jacobita fervorosa, seguiu o rei Jaime II para França quando este foi destronado, e foi aí que passou o resto da vida. Revelou-se uma mãe prolífica, com dois filhos e cinco filhas, todos eles ainda vivos aquando do seu falecimento.

Quanto a Frances, não teve tanta sorte. É certo que se encontrava grávida quatro meses depois de ter casado; a British Library tem uma carta comovente enviada pelo administrador de uma das propriedades escocesas do marido, que congratula os duques. «A notícia de Vossa Senhoria estar de esperanças deixará enlouquecidos todos os vassalos de Vossa Senhoria; alguns viajaram mais de cem milhas para confirmarem a informação. Não nos parece pequeno milagre ouvir estes grandes brutos mostrarem-se tão zelosos pela felicidade de Vossas Senhorias.»

Porém, essa gravidez não chegaria a bom porto e não há notícia de outras. Infelizmente, os «grandes brutos» que tinham feito caminhadas de cem milhas pela confirmação da boa nova estavam fadados à frustração. Isso deverá ter sido fonte de enorme tristeza para Frances.

Porém, esperava-a uma tristeza ainda maior. Ao fim de apenas cinco anos de casamento, o seu adorado duque, numa missão como embaixador na Dinamarca, afogou-se tragicamente depois de ter bebido em demasia. Alguns meses depois, o corpo foi devolvido a Inglaterra e a Frances, num navio cujo casco fora pintado de preto e que ostentava umas dramáticas velas negras, após o que foi enterrado na abadia de Westminster. Os boatos da época especularam que o rei poderia ter enviado o duque para a Dinamarca para poder voltar a abordar Frances, mas esse cenário é altamente improvável. Nessa altura, os olhos do rei haviam recaído numa tal Nell Gwynn, entre outras.

O monarca acabou por perdoar a Frances, sobretudo porque, um ano depois de se ter casado, ela foi acometida por varíola e, como dizia Pepys, «todos concluem que ficará completamente desfigurada». Na verdade, a sua beleza emergiu praticamente intacta, mas o choque foi suficiente para que a zanga do rei abrandasse.

Depois da morte do marido, Frances continuou a viver na casa de Cobham, de que tanto gostava, mas ter-lhe-á parecido vazia sem o duque. Questões financeiras e legais acabaram por levá-la a vender a sua parte à cunhada e a regressar a Whitehall, embora desta feita como uma mulher independente.

Apesar de ser cortejada por vários pretendentes, não tornou a casar. Talvez, depois de ter conhecido um casamento feliz, tenha preferido não se arriscar a um infeliz. Ou talvez, depois de ser perseguida durante tanto tempo, já estivesse farta dos homens!

Gozou uma vida longa e ligeiramente excêntrica, tornando-se conhecida pela sua paixão, não por reis e cortesãos, mas por gatos e jogos de cartas. Voltou a ser dama de companhia e prestou depoimentos no caso do «Bebé no Bacio», já no reinado de James II, quando se suspeitou que a rainha tivesse roubado um bebé vivo para substituir o seu nado-morto.

Frances acumulou uma fortuna considerável, através de investimentos sensatos, a maioria da qual, quando morreu, deixou ao sobrinho, Lorde Blantyre, com instruções para que construísse uma casa na Escócia, onde nascera, e que deveria chamar-se, num gesto caracteristicamente seu, «From Lennox Love to Blantyre [De Lennox, Amor para Blantyre], sendo «Lennox» o nome ducal do seu amado marido.

Deixou dois enormes retratos seus com o duque, nos quais se revelavam os belos caracóis arruivados dele, e que ainda hoje se conservam na casa. Algum tempo depois, a família encurtou o nome extravagante para Lennoxlove. Uma extraordinária reviravolta do destino fez com que eu me casasse em Lennoxlove quase trezentos anos depois.

Foi durante o reinado de Carlos II que a imagem de Frances como

Britânia foi usada nas moedas de cobre de Inglaterra, onde permaneceu durante mais de trezentos anos, até 2008. Pepys considerou que se tratava de um gesto generoso do rei, mas talvez ele tivesse muito por que pedir desculpa.

Antes de morrer, Frances requisitou uma efígie sua, em tamanho real, «tão fiel quanto for possível em cera». Outra reviravolta do destino levou a que a efígie esteja hoje em exibição no museu da abadia de Westminster, tendo sido recentemente resgatada de um incêndio, e se encontre ao lado da de Carlos II, também em tamanho real.

Como um exemplo encantador da História a ganhar vida, entre as duas figuras, orgulhosamente empoleirado, está o seu papagaio-cinzento, que viveu com Frances durante mais de quarenta anos e morreu poucos meses depois dela. É, como nos informa o museu, o pássaro embalsamado mais antigo de Inglaterra e, possivelmente, do mundo.

Maeve Haran, Londres.

Uma lista de fontes

Os seguintes livros foram imprescindíveis na recriação deste período:

My Dearest Minette: Letters of Charles II to his Sister ed. Ruth Norrington, Peter Owen 1996; *The Memoirs of the Comte de Grammont*, Folio Society 1965; *Lord Rochester's Monkey*, Graham Greene, Bodley Head 1974; *Samuel Pepys: The Shorter Pepys*, ed. Robert Latham, Penguin Classics 1987; *King Charles II*, Arthur Bryant, Longmans 1931; *The England of Charles II*, Arthur Bryant, Longmans 1934; *Postman's Horn – An Anthology of the Letters of Later Seventeenth-Century England*, Arthur Bryant, Longmans 1946; *King Charles II*, Antonia Fraser, Weidenfeld & Nicholson 1979; *A Gambling Man: Charles II and the Restoration*, Jenny Uglow, Faber 2009; *Restoration London*, Liza Picard, Phoenix 1997; *A Journal of the Plague Year*, Daniel Defoe, Everyman 1953 (publicado originalmente em 1722); *Old London Street Cries*, Andrew W. Tuer, Scholar Press 1978; *Ladies in Waiting*, Anne Somerset, Weidenfeld & Nicholson 1984; *Royalty Restored*, J. Fitzgerald Molloy, Dodo Press; *Van Dyck and Britain*, ed. Karen Hearn, Tate Publications 2009; *Sixteenth – and Seventeenth-Century Miniatures in the Collection of HM The Queen*, ed. Graham Reynolds, *The Royal Collection* 1999; *The English Housewife*, Gervase Markham, ed. Michael R. Best, McGill Queen 1986; *Clarendon's History of the Great Rebellion*, OUP / Folio Society 1967; *The Honour of Richmond*, David Morris, Ebor Press 2000; *The Great Fire of London*, Stephen Parker, Sutton Press 1996; *Chivalry & Command: 500 Years of Horseguards*, Brian Harwood, Osprey 2006; *Whitehall Palace Official Illustrated History*, Simon Thurley Merrell / Historic Royal

Palaces 2008; *The Lily and the Lion*, Philip Mansel e Robin W. Winks, Cassell 1980; *Painted Ladies: Women at the Court of Charles II*, Catharine MacLeod e Julia Marciari Alexander, National Portrait Gallery / Yale 2001; *The Funeral Effigies of Westminster Abbey*, ed. Anthony Harvey e Richard Mortimer, Boydell 1994; *La Belle Stuart*, Cyril Hughes Hartmann, Routledge 1924; *The Illustrated Pepys*, Robert Latham, BCA 1979; *A History of Women's Bodies*, Edward Shorter, Basic Books 1982; *Love and Louis XIV*, Antonia Fraser, Phoenix 2007; *Henrietta Maria*, Alison Plowden, Sutton 2001; *The King's Ladies: Charles II and His Ladies of Pleasure*, Dorothy Ponsonby Senior, Robert Hale 1936; *Cavalier*, Lucy Worsley, Faber 2007; *The Diary of John Evelyn*, Everyman 1907; *Charles II and The Duke of Buckingham*, David C. Hanrahan, Sutton 2006; *Inns and Taverns of Old London*, Henry C. Shelley, Wildside Press 2004.

Agradecimentos



Agradeço a todo o pessoal da British Library por me facultarem o acesso à correspondência entre Frances e o duque de Richmond; à genealogista Jenny Thomas pelo seu aconselhamento precioso; a Terry Curran e a Sylvia Hammond; ao National Archive of Scotland, pelo acesso ao testamento de Frances, que descobri estar ao alcance de um download; ao doutor Richard Lockett, pela visita guiada à biblioteca do Magdalene College, Cambridge, e pela experiência inesquecível de poder ter o diário de Pepy nas mãos; ao pessoal do Keeper of the Muniments of Westminster Abbey Library, por terem salientado a figura do papagaio. Ao meu agente, Judith Murray, pelos conselhos e amizade; a Jenny Geras, uma excelente profissional que me ajudou a melhorar a história de Frances; e por último, agradeço à minha família, que teve de ouvir até à exaustão as histórias fascinantes do século XVII que eu ia descobrindo.